BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.1/591

DPF
DCPP
Fls. N.° 31
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.2

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 502
Rubrica

PARECER Nº 092 / 86

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito) anos

Autor: Plínio Marcos

J.I.: Violência e Prostituição

Procedendo ao confronto do texto da peça teatral acima mencionada, enviado pelo SCDP/MA, com o constante do processo, verificamos a identidade dos mesmos.

Assim sendo, opinamos pela aprovação do texto em exame, com o mesmo critério estabelecido no certificado de nº 0139, em válidade até 19/11/1990, ou seja: dezoito anos.

Brasília, 19 de novembro de 1986.

Mª das Graças Sampaio Pinhati
CnF. 2.415.808

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.6071,P.3

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 476
Rubrica

PARECER Nº 4079 / 85

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

Autoria: Plinio Marcos CONFRONTO

J.I.: VIOLÊNCIA E PROSTITUIÇÃO

Procedemos ao confronto do presente texto com o original e verificamos a identidade dos mesmos.

Desta feita, a referida peça poderá receber a mesma impropriedade do certificado em vigor (18 anos), condicionada ao exame do ensaio geral

Brasília, 13 de novembro de 1985.

Aldmeriza de Castro Ferreira
Matr. nº 2.417.013

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.4

DPF
DCDP
Fls. N. 051
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV.PÚBLICAS

Parecer nº: 69/85
Título:Navalha na carne
Autor:Plínio Marcos
Assunto:Ensaio Geral

Conteudo
Enredo:O espetáculo em exame tem início com um número de dança(Merengue ou Rumba) executado pela personagem Suely que é o centro da encenação onde dois personagens masculinos contracenam com ela,uma prostituta.São eles Vado,um cáften e "Veludo" um homossexual.Tudo se passa dentro de um quarto de hotel de baixa categoria.Vado está atras de dinheiro(e o autor deixa claro que ele sempre busca tirar isto de Suely,ou por bem ou por mal).Desta feita o dinheiro sumiu e o suspeito é Veludo ,o efeminado.O espetáculo vai se desenrolando entre um número de coreografia ou outro de dublagem,enquanto os personagens se degladiam num clima que retrata o acúmulo de frustrações e neuroses que são a tônica maior de suas vidas. Ha pancadarias,agressões verbais,ameaças etc.No final Suely deseja manter relações com o amante mas este recusa sendo então ameaçado.Ela, de posse de uma navalha e das chaves do quarto, exige o ato de amor.Ele, com muita astúcia, consegue se desvencilhar dela,apanhar as chaves e fugir.A peça termina com Suely comendo um sanduiche,como se tudo aquilo fosse parte de uma rotina cotidiana.
Mensagem:Negativa,o autor aborda aspectos da vida de pessoas cujo comportamento é ditado pelas neuroses e frustrações que são vítimas devido à sua condição social,qual seja a de marginais.Entretanto não oferece nenhuma solução ou possível saida deste caos em que vivem.
Linguagem:Livre,com expressões de baixo calão.
Público Alvo: Adulto
Grau de Persuasãp:Bom,pois o autor passa bem a mensagem,numa narrativa que não oferece obstáculos à sua compreensão.
Composição Cênica:O cenário compõe-se de moveis que representam um quarto de casal.Vestuario iluminação e som de acordo com as normas censórias em vigor.
continua.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.S

DPF
DCDP
Fls. N.º 052
Rubrica

continuação....

Perspectiva Censória:Os personagens em determinadas cenas fazem alusão a ao uso da maconha,demonstram ser viciados o que,muitas vezes,é peculiar ao tipo de personagem abordado.Sendo assim,como referência que completa a cons cmnstrução da personagem e do ambiente em que vivem,essas alusões podem permanecer levando em conta que o público alvo possui já (pressupõe-se) capacidade de não se deixar persuadir facilmente.

Parecer:Face ao exposto e estando tudo de acordo com as normas censórias em vigor somos pela liberação com a faixa etária abaixo.

Classificação:18anos,visto que contem temática envolvendo conflitos sociais não aconselhaveis a menores.

Justificação de Impropriedade: Referências a homosexualismo,à prostituição, cenas de tensão e violência alem de linguagem livre.

Salvador,05 de junho de 1985

David Cesar de Andrade Barouh
TC Mat.Nº0221190

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.6

DPF
Fls. N. 149
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV.PÚBLICAS

Parecer nº 68/85
Título:Navalha na carne.
Autor:Plínio Marcos
Assunto:Leitura de Texto

Conteudo
Enredo:A peça em exame se desenrola num quarto de um hotel tipo pardieiro onde contracenam tres personagens típicos do submundo.Uma prostituta(Suely),um cafetão(Vado) e,por fim,um homossexual(apelidado de Veludo).Vado está lendo quando chega Suely e logo passam a discutir.Vado está em busca de dinheiro que Suely alega ter deixado no criado-mudo.Contudo Vado não o encontra e a discussão aumenta ainda mais.Surge um suspeito.TRata-se de Veludo,o homossexual. Este entra em cena e nega ter cometido o furto,mas a custo de ameaças e pancadas termina confessando.Ocorre então momentos de tensão entre os três,onde ha profusão de pornografias,cenas de violência alem de alusões a tóxicos (maconha) pois Vado e Veludo brigam por causa disso.No final Suely promete dar o dinheiro ao amante com a condição de antes fazerem amor.Vado não quer mais é ameaçado por Suely de ser cortado por uma navalha.Através de muita astúcia ele consegue que a mulher largue a navalha e tira dela a chave do quarto, fugindo em seguida.
Mensagem:Negativa,o autor pinta com tintas drásticas a realidade,digo,o cotidiano daqueles tres típicos personagens do mundo da marginália ,utilizando-se para isso de uma narrativa onde não são poupadas referências a tóxicos com a finalidade de construir bem suas personagens.Entretanto o autor não demonstra estar preocupado com a recuperação social ou individual das mesmas.
Linguagem:eivada de girias e palavras de baixo calão.
Público Alvo:Adultos
Grau de Persuasão:No seu próposito de retratar os tipos aludidos com suas neuroses e frustrações o autor passa bem sua mensagem,havendo um bom grau de persuasão na narrativa.
Perspectiva Censória:As referências a tóxicos não chegam a indu-

continua.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,87

DPF
DCDP
Fls. N. 450
Rubrica

continuação.....

zir ao uso,diluindo-se no contexto geral como referências das personagens.Ademais a faixa etária escolhida impede a presença de um público mais suscetível a tais inflências.

Parecer:Face ao exposto e estando tudo de acordo com as normas censórias em vigor,somos pela liberação sugerindo a faixa etária abaixo.

Classificação:18 anos,por conter alusões a téxicos,referências a homossexualismo e prostituição alem de conter cenas de violência e expressões de baixo calão.

Justificação de Impropriedade:Referências a homossexualismo,linguagem livre,cenas de violência.

Salvador,30 de junho de 1985

David Cesar de Andrade Baroud

TC Mat N$ 0221190

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.8

DPF
Fls. N. 0448

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 067/85
ASSUNTO: Leitura de texto

1. IDENTIFICAÇÃO:
TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"
AUTOR: Plínio Marcos

2. CONTEÚDO:
2.1 enredo: Retrata o submundo da sociedade, através do drama que envolve uma prostituta e seu amante. Tem início com uma discussão entre ambos, uma vez que "Vado" não encontra no local de costume o dinheiro que "Neusa SUely" costumava lhe dar. Depois de vários insultos e agressões físicas, chegam à conclusão de que quem roubara o dinheiro havia sido "Veludo", um homossexual, vizinho de "Neusa Suely". Após reaverem uma parte do dinheiro, tem início nova discussão com referência ao relacionamento de ambos, sugerindo "Vado" o rompimento, sendo que "Neusa" o ameaça com uma navalha. Esse, consegue ludibriá-la e desarmá-la, fugindo em seguida.

2.2 mensagem: Negativa: Pela crueza como é encarado o relacionamento entre pessoas marginalizadas pela sociedade.

3. LINGUAGEM: Livre, de baixo calão.
4. PÚBLICO ALVO: Adulto.
5. GRAU DE PERSUASÃO: Bom, face a simplicidade da narrativa.
6. PARECER: Estando tudo de acordo com as normas censórias em vigor, opinamos pela liberação do referido texto.
7. CLASSIFICAÇÃO: 18 anos, face a linguagem utilizada e as cenas de violência e prostituição apresentadas não serem condizentes a menores da faixa etária acima sugerida.
8. JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: LINGUAGEM LIVRE, CENAS DE VIOLÊNCIA E PROSTITUIÇÃO.

Salvador, 03 de junho de 1985

Amélia Mª. R. de S. Mascarenhas Pereira Belº.
CHEFE DA S.C.C./SCDP/BR/DPF/BA
Mat. 2.416.681

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.9

DPF DCDP Fls. N.º 417 Rubrica

MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 049/85

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"
AUTOR: PLÍNIO MARCOS
CLASSIFICAÇÃO: 18 ANOS
JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: LINGUAJAR LIVRE/ VIOLÊNCIA

2-CONTEÚDO:

2-1- ENREDO: Neusa Sueli, prostituta, divide o quarto com Vado, gigolô, que a maltrata por causa de dinheiro. Veludo, homossexual, entra em cena acusado de ladroagem, pelo casal. Desenvolve-se entre os três personagens relações de sado-masoquismo e violência verbal.

2-2- MENSAGEM PRINCIPAL: Mostrar, com realismo, a condição humana, no submundo da prostituição e da violência.

3- PÚBLICO ALVO: Adulto.

4- LINGUAGEM: Vulgar, com palavrões, dialogal, densa, violenta.

5- GRAU DE PERSUASÃO: Forte.

6- PERSPECTIVA CENSÓRIA: Precursora do palavrão no teatro brasileiro, a peça já conhecida pelo grande público está liberada pela DCDP(Rd nº200/85), para maiores de 18 anos, sem cortes. Há, entretanto, referências ao uso de maconha, as quais deverão ser observadas durante o exame de ensaio geral.

PARECER: Pela liberação.

CLASSIFICAÇÃO: 18 ANOS.

Belo Horizonte, 08/março/85

Helena Isabel Augusto dos Santos
Técnica de Censura
Mat. 022.948

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.10

DPF DCDP Fls. N.º 096 Rubrica

MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 048 /85

1. TÍTULO: NAVALHA NA CARNE
AUTOR: PLÍNIO MARCOS
CLASSIFICAÇÃO: 18 ANOS
JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: VÍCIOS - LINGUAJAR LIVRE

2. CONTEÚDO:

2.1- ENREDO: A trama gira em torno de uma quantia em dinheiro que desaparece do quarto de Vado e Sueli. Ele é cafetão, ela prostituta. O suspeito do roubo é Veludo, homossexual, morador do quarto ao lado.

2.2- MENSAGEM PRINCIPAL: Mostrar o relacionamento entre personagens do submundo. É positiva considerando-se que representa um alerta ao público.

3. PÚBLICO ALVO: Adulto.

4. LINGUAGEM: Tratamento grosseiro, desrespeitoso e vulgar caracterizam a linguagem, com sequência de termos de baixo calão.

5. GRAU DE PERSUASÃO: Fraco.

6. PERSPECTIVA CENSÓRIA: O autor faz uma reunião de idéias, comportamentos e valores deturpados, representativos da escória humana. Há referência e uso de droga, sem incentivo à sua prática, até pelo contrário é mostrado de maneira degradante junto à série de vícios que cercam personagens do submundo. Essas cenas deverão ser observadas na montagem, durante o ensaio geral.

PARECER:

1. Pela liberação. RD nº 200/SA/DCDP
2. Classificação etária: 18 anos.
3. Justificativa de Impropriedade: Vícios -Linguajar livre.

Belo Horizonte, 08 de março de 1985

Bel Anunciação Gonçalves de Assis
Técnica de Censura
mat. 022.986

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.11

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 357
Rubrica

PARECER Nº 240 / 80

TÍTULO: " NAVALHA NA CARNE "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

AUTOR: PLÍNIO MARCOS

Após proceder ao confronto da referida peça teatral, constatamos que o texto atual mantém semelhança com o constante do processo, folhas 39 à 73, apresentando, apenas, supressão de termos chulos na pág. 02.

Conforme as características mencionadas, ratificamos o critério etário estabelecido no certificado em vigor, condicionando-o ao exame do ensaio geral.

Brasília, 23 de janeiro de 1 980.

Jussara F. Costa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.12

DPF
DCDP
Fls. N.º 352
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 449/79

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

LEITURA DE TEXTO

PEÇA TEATRAL ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS.

O TEXTO COLOCA O RELACIONAMENTO ENTRE / UM GIGOLÔ, UMA PROSTITUTA E UM HOMOSSEXUAL. / A AÇÃO SE DESENROLA EM FUNÇÃO DO DINHEIRO. O GAROTO PEDERASTA ROUBARA DO GIGOLÔ A QUANTIA A ELE DEIXADA PELA PROSTITUTA. AGRESSIVO, O / EXPLORADOR EXIGE DA MULHER O FRUTO DO SEU / TRABALHO. DESESPERADA, ELA LANÇA SUAS SUSPEITAS SOBRE O PIVETE. O GIGOLÔ CONSEGUE FAZÊ-LO CONFESSAR O ROUBO PRATICADO. LANÇA-LHE UMA SÉRIE DE AMEAÇAS, DEIXANDO ENTREVER, APESAR DISSO, UM CERTO INTERESSE HOMOSSEXUAL PELO MENINO, QUE ESCAPA PROFERINDO IMPROPÉRIOS. A MERETRIZ, OFENDIDA PELO / COMPORTAMENTO SUSPEITO DO SEU HOMEM, RECLAMA. ELE A FERE PROFUNDAMENTE EM SUA VAIDADE FEMININA. ELA AVANÇA SOBRE O VILÃO / COM UMA NAVALHA. FINGINDO-SE DE APAIXONADO E BONZINHO, O GIGOLÔ A DOMINA PARA LOGO EM SEGUIDA ABANDONÁ-LA.

TOMANDO COMO TEMA O MARGINALISMO SOCIAL, O AUTOR QUESTIONA: SÃO, ESSES MARGINAIS, GENTE? AS CONDIÇÕES SUB-HUMANAS / EM QUE SOBREVIVEM NÃO DEIXAM DÚVIDAS QUANTO À RESPOSTA...

OPINO PELA LIBERAÇÃO PARA MAIORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.

SÃO PAULO, 16 DE NOVEMBRO DE 1979

ELISABETH CSERNIK COSTA

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSO
RÉ[illegible] ENCAMINHE-SE
A[illegible] SCDP.
Em 23/11/79
[illegible]
José Augusto Costa
Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.13

DPF
DCDP
Fls. N.º 351
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº /

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE" continuação fls. 3.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

liberação do espetáculo em questão, para maiores de 18 anos, sendo este limite etário plenamente justificável pela própria temática da peça e sua transposição fiel para o palco .

São Paulo, 22/novembro/1979

JOÃO ERNESTO COELHO NETO
Técnico de Censura

MARIA GLÓRIA BRASIL DE SOUZA
Técnica de Censura

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSO RES E ENCAMINHE - SE A D.C.D.P.
Em 23/11/79
DPF / SR / SP
José Augusto Costa
Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.14

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. N.º 349 Rubrica

PARECER Nº 450/79

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE" PLÍNIO MARCOS

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

ENSAIO GERAL

Num estudo sobre a degradação a que pode chegar o ser humano, o autor reúne em cena três personagens, vedadeiros arquétipos, representativos de um segmento social situado nos limites entre o humano e o subumano.

Uma prostituta, um homossexual e um cafetão, numa série de massacres mútuos, parecem querer demonstrar na prática a tese sartreana de que o "inferno são os outros". Enclausurados, sem perspectivas ou mesmo possibilidades de saída, em um tipo de vida que escolheram ou ao qual foram jogados (este aspecto de causa não preocupa o autor, que antes retrata e não analisa a situação) desenvolvem um pequeno enredo que mostra uma parte de seu cotidiano. Motivos aparentemente banais desencadeiam ações brutais. O cafetão tortura a mulher por esta faltar-lhe com o dinheiro e por estar velha; ambos torturam o homossexual para obter dele a confissão de que roubara a féria do dia anterior; O homossexual procura semear a discórdia entre o casal, e assim por diante. As torturas são físicas e psicológicas. Embora não apareça como vício arraigado, o pederasta tem o hábito de fumar de fumar maconha e isto lhe é sadicamente negado pelo cafetão, que o provoca, fumando em sua frente fingindo grande prazer.

A prostituta num esforço para se auto afirmar como mulher exige ser possuída por seu homem e ante a indiferença deste ameaça castrá-lo com uma navalha. O cafetão, por sua vez, procura se afirmar exigindo o cumprimento de ordens banais para satisfazer seu combalido ego.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.15

DPF
DCDP
Fls. N.º 350
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº /

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE" continuação fls. 2

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

Esta ciranda de desajustes e de agressões não chega a outra conclusão, senão a de que no dia seguinte as coisas se repetirão. A peça termina com a prostituta sozinha "vivendo" sua degradação.

A encenação procurou revestir os arquétipos de um pouco de verdade psicológica. O elenco respondeu a esta proposta e os personagens ganharam laivos de seres humanos, de carne e ossos. Isto pôs a descoberto uma certa inverossimilhança de várias ações, que se justificavam quando realizadas por personagens símbolos apenas. A violência externa é mostrada, mas a interna, a psicológica, ocupa maior espaço na emoção transmitida. Disto resultou um espetáculo tenso e cru, mas que pelo bom conteúdo artístico, não chega a constituir problema sob o ponto de vista censório. É mostrada a degradação e suas consequências, mas não vai além, nem como apologia, nem como condenação. Talvez o aspecto mais delicado seja a colocação da questão da maconha, que é apresentada e tragada em cena, porém com um sentido bem diferente de uma divulgação do vício. A sequência é apenas uma parte da engrenagem construída pelo autor para pintar com pinceladas fortes o quadro que se propôs mostrar. Sua supressão sonegaria um detalhe importante na estrutura dramática e sua manutenção, a nosso ver, não terá efeitos perniciosos junto ao público adulto.

Diante do exposto acima, opinamos pela

-segue-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.16

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 312
Rubrica

PARECER Nº 5315 / 79

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18(DEZOITO) anos

Autor: Plínio Marcos

A peça em epígrafe possui uma extensa / tramitação, que poderia ser resumida nos seguintes eventos:

1) À época do exame inicial, foi proibida pela Direção-Geral do DPF, através da Portaria nº.. 355/67 de 14/6/67;

2) Por determinação do Sr. Ministro da Justiça, a peça foi liberada aos maiores de 21 anos, com cortes e a advertência de que se tratava de "texto pornográfico".

3) Com base no Decreto-Lei Nº1077/70, a obra foi novamente proibida, através da Portaria nº30/72 da DCDP, de 9/6/72.

Desta feita, procedemos ao exame do texto teatral supracitado, tendo em vista o pedido do interessado, datado de 5/11/79.

Retrata, como já foi exaustivamente relatado, a realidade sórdida de uma parcela marginalizada da sociedade. Um caften, a prostituta com quem vive e um homossexual são enfocados durante um breve espaço de tempo, mas o suficiente para definir a espécie de relacionamento existente entre eles e o posicionamento de / cada um frente às perspectivas da vida.

O linguajar grosseiro e repetitivo, o ' comportamento dos personagens e a própria ambientação recriam, à maneira naturalista, um fato social sobejamente conhecido. Sob essa ótica, não se pode afirmar que os termos e expressões de baixo calão são gratuitos. Ao contrário, subordinam-se ao contexto e à caracterização psicológica dos personagens.

Há uma passagem em que Vado apresenta-se fumando maconha (página 15 do texto) sem, contudo, mostrar os efeitos da droga que, de alguma forma, pudessem indu-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.17

zir ao uso. Entretanto, trata-se de cena que deverá ser cuidadosamente avaliada através do exame da encenação.

Considerando que a obra já foi representada em nossos palcos, em épocas anteriores, quando as normas de conduta de nossa sociedade eram, presumivelmente, mais rígidas, e, ainda, a existência de outras peças de conteúdo similar, já liberadas - à exemplo de "Cordélia Brasil" - somos pela liberação do texto em epígrafe, para o público adulto, condicionada ao exame do Ensaio Geral.

Brasília, 20 de novembro de 1979.

Yêda Lucia Pitta Peres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.18

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. Nº 328
Rubrica

TÍTULO Navalha na Carne. Autor: Plinio Marcos.

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Interdição.

Peça focalizando uma prostituta, que sustentava o amante viciado em drogas, repudiada por êle, quando nada mais podia oferecer-lhe. Mostra ainda a vida de um homossexual também viciado, que roubava para sustentar um garoto.

Conclusão

Trata-se de obra pornográfica enfocando prostituição, gigolôs, uso de maconha induzindo ao vício e homossexualismo, já liberada por êste serviço. Na época em que a peça foi examinada, ainda não estava em vigor o Decreto nº 69845, de 27/12/1971, artigos 19 e 20 da Lei Anti-Tóxicos e a nova orientação da chefia do Serviço de Censura e Diversões Públicas no combate ao homossexualismo, razão porque, depois de examiná-la, sugiro sua interdição.

Brasília, 12 de maio de 1972.

Vilma Duarte do Nascimento.
Carteira 258

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.19

Ao Sr. Chefe da SC,
faço aos pareceres sup-
rindo INTERDIÇÃO.
Em 23.5.72
Ilmar - TCTC

Solicito portaria proibindo a exibição da peça,
em 08.06.72

ROGÉRIO NUNES
Chefe do SCDP

Sr. Chefe do SCDP

A presente peça foi liberada a título provisório em São Paulo, a 5 de março de 1968, com validade até 6 de setembro de 1968 com restrições para menores de 21 (vinte e um) anos e com cortes conforme se verifica no certificado liberatório de fls. assinado por MARIA S. BARROS NOGUEIRA.

Ao nosso ver, trata-se de uma liberação totalmente irregular, tanto pelo prazo, impropriedade e formalidade.

O texto da peça em questão é pornográfico e atenta contra a moral e os costumes, estando assim defeso em lei, pelo que, de acordo com os pareceres dos T.C. Joel Ferraz e Vilma D. Nascimento, propomos a V. Sa. a sua interdição.

DF. 29/mai/72

S/C

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007, P.20

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 332
Rubrica

TÍTULO NAVALHA NA CARNE.

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: INTERDIÇÃO.

Argumento: Trata-se da famosa peça de Plínio Marcos, caracterizando o submundo com seus personagens característicos: prostitutas, caftens, gigolôs, viciados, etc.

Por outro lado, seus diálogos constituem como um verdadeiro festival de palavrões.

Análise: Não há condições de ser liberada esta peça pelo fato da mesma enquadrar-se dentro da legislação em vigor. Assim, opino por sua interdição baseado nos arts. 1º e 7º do Decreto-Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970.

Brasília, 15 de junho de 1972.

DAMO PAIXÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.21

Si. Ch. da S.C.

Peça Interditada por

esta Divisão, conforme portaria
nº 30/72, de 9/6/72.

em: 19/6/72

Ao Arquivo

Junte-se ao processo

Arquive-se

19/6/72.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.22

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 361
Rubrica

PARECER Nº 5314 / 79

TÍTULO: " NAVALHA NA CARNE "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito) anos

autor: Plínio Marcos

Conforme consta do respectivo processo, a peça teatral ora em reexame face a recurso do interessado, foi proibida em junho de 1967 por Portaria do Diretor Geral do D.P.F. , sendo em agosto do mesmo ano liberada por despacho do Ministro da Justiça. A partir de então, foi encenada em todo o território nacional, até que em junho de 1972 foi novamente proibida pelo Diretor da D.C.D.P., assim pernanecendo até o momento.

A ação se passa numa pensão do submundo , envolvendo três personagens do mais baixo segmento da sociedade: a prostituta, o gigolô e o homossexual. O relacionamento entre eles é conflitante e altamente agressivo e define um mundo de degradação e aviltamento em que seres humanos (que até duvidam dessa condição) comerciam o que há de mais íntimo e pessoal, numa busca desesperada de alguma coisa parecida com vida.

As situações vividas no palco são destituídas de qualquer envolvimento erótico ou pornográfico. O que se descortina ao espectador é uma realidade desumana e chocante, sem qualquer disfarce metafórico. A peça apresenta-se como documento incômodo de uma podridão real no contexto social.

A linguagem é confeccionada de jargões ' chulos e expressões obscenas numa absoluta fidelidade ao ambiente em que a trama se desenrola.

O uso de droga em cena exime-se de aspectos indutivos.

segue...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.23

O texto não traz mensagem negativa nem positiva, no sentido de oferecer alguma lição de moral. O que o caracteriza é principalmente o tom de denúncia.

Posto isso, e considerando que há dez anos a peça teve sua liberação concedida num contexto em que presumivelmente os padrões de moral eram mais rígidos, julgamos viável a liberação da peça, desde que sob a máxima restrição etária .

Brasília, 19 de novembro de 1979.

Domingos Sávio Ferreira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.24

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 327
Rubrica

TÍTULO NAVALHA NA CARNE

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Interdição

Argumento:- Relacionamento entre uma prostituta, seu gigolô e um pederasta, sendo que os dois últimos são viciados em drogas, ou melhor, em maconha. E o abandono da prostituta pelo gigolô, por ela estar muito velha.

Relato:- Coisa pôdre, nojenta, sem razão de ser como arte a ser encenada. Em que pese o fato de já ser peça liberada anteriormente, e ter o beneplácito do artigo 10 da lei 5536, estamos em outra conjuntura o que nos faculta a enquadrar a peça nos artigos 19 e 20 do decreto 69.845 de 27/12/71. Dec. 20493/46 art. 41 letra c. Lei 5536 art. 3º.

Conclusão:- Por tratar-se de verdadeiro monumento à depravação, maus costumes, pederastia, homossexualismo, vício em entorpecentes, prostituição, desumanidade, e indecência sugerimos sua Interdição.

Brasília, 12 de maio de 1.972

Jurandyr Ferraz - Tec. Cens. Cred.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.25

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 323
Rubrica

TÍTULO A navalha na carne . - . Peça teatral

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: INTERDIÇÃO

A presente peça, " A Navalha na Carne ", de autoria de Plinio Marcos, já foi objeto de varias/ análises por este Serviço.

Encontramos no momento, certificados em vigor, porém não poderiamos ratificar tal condição, por julgarmos um espetaculo de pessimo gosto, ferindo todos os escalões sociais.

Votamos pela **INTERDIÇÃO** da presente/ peça, visto tratar de uma colcha de retalhos pornograficos/ levando mensagens sobre toxico, maconha, e explorar situa - ções que envolvem o problema do homesexualismo.

Brasilia, 15 de maio de 1 972

Luiz Carlos Melo Aucelio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.26

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 324
Rubrica

TÍTULO A Navalha na Carne. Plínio Marcos

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Interdição.

Peça focalizando uma prostituta, que sustentava o amante viciado em drogas, repudiada por êle, quando nada mais podia oferecer-lhe. Mostra ainda a vida de um homossexual também viciado, que roubava para sustentar seu amante.

Conclusão

Trata-se de obra pornográfica, enfocando prostituição, gigolôs, uso de maconha induzindo ao vício e homossexualismo, já liberada por êste serviço. Na época em que a peça foi liberada ainda não estava em vigor o Decreto Nº 69845 (artigos 19 e 20) de 27/12/1971 da Lei Anti-tóxicos e a nova orientação da chefia do Serviço de Censura e Diversões Públicas no combate ao homossexualismo, razão por que depois de examiná-la sugiro sua interdição.

Brasília, 30 de maio de 1972.

Vilma Duarte do Nascimento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.27

Ao Sr. Chefe do SCDP,
face aos Pareceres
supra indo interdição.

Em 30.5.12
a/a -
R/SC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.28

Fls. N.º 312
Rubrica

TÍTULO _____

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: APOSENTOS DE

O ENREDO GIRA EM TORNO DA VIDA DE MARGINAIS. TEM COMO CENÁRIO 'OS ~~QUARTO~~ DE UMA PROSTITUTA. APRESENTA CENAS DESSE SUBMUNDO, VIVIDAS POR TRES PERSONAGENS COMUNS A ESSE MEIO: UM ~~CAFETEN~~ GIGOLÔ, UMA PROSTITUTA E UM HOMOSSEXUAL.

A PROSTITUTA ~~SUSTENTA O~~ É EXPLORADA PELO ~~AMANTE~~ AMANTE, QUE NO FIM A ABANDONA E É ABANDONADA PELO AMANTE, DEPOIS DE EXPLORADA E ~~HUMILHADA~~ AGREDIDA FÍSICA E MORALMENTE. POR ESTE,

O CAFETEN, AMANTE DA PROSTITUTA, VIVE DE EXPLORAR MULHERES. É VICIADO EM DROGAS. SOB O EFEITO DA MESMA DEIXA TRANSPARECER ~~O HOMOSSEXU~~ TENDÊNCIAS HOMOSSEXUAIS - TARAS OCULTAS.

O HOMOSSEXUAL QUE, PARA MANTER SEUS VICIOS, ROUBA. UTILIZOU O DINHEIRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.29

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Lei 313 Retirou

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: NAVALHA NA CARNE

b) Título original:

c) Autor: PLINIO MARCOS

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: "TEASSO" - TEATRO DA ASSOCIAÇÃO DO EMPREGADOS DO COMÉRCIO - TAUBATÉ - S.PAULO.

h) Classificação da Censura: INTERDITADA

II) Análise

a) Gênero: DRAMA

b) Argumento: A ESTÓRIA DESENROLA-SE EM UM QUARTO DE PENSÃO, ENTRE UMA MULHER DE VIDA FÁCIL E UM HOMEM A QUEM SUSTENTAVA. A TEMÁTICA DA MESMA, É TOTALMENTE DEGRADANTE E DESRESPEITOSA À PESSOA HUMANA. O HOMEM VICIADO EM MACONHA, CONDUZ O DIÁLOGO COM A PROSTITUTA E AUM CERTO MOMENTO COM UM HOMOSEXUAL, NA FORMA MAIS PORNOGRÁFICA E DE UM MAU GÔSTO INCRÍVEL. A MULHER PASSAR AS NOITES EM CABARÉS A PROCURA DE HOMENS, PARA NO OUTRO DIA ENTREGAR O DINHEIRO CONSEGUIDO, A SEU "CAFETÃO". ESTA LHE PEDIA EM TROCA, QUE FOSSE SATISFEITA SEXUALMENTE.

c) 1 - Mensagem:
NEGATIVA - REPLETA DE ABERRAÇÕES, PORNOGRAFIAS, VICIOS E DEGRADAÇÃO DA PESSOA HUMANA.

2 - Impressão final: NEGATIVA - DEIXA NO ESPECTADOR VERDADEIRO ASCO AO TEMA APRESENTADO.

d) Diálogos: FORTES E PORNOGRÁFICOS.

e) Cenas: À VISTA DO ENSAIO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.30

f) Personagens: NEUSA, VADO E VELUDO.

g) Valor educativo: NENHUM VALOR EDUCATIVO.

III) Conclusão PEÇA REPLETA DE ABERRAÇÕES, DIÁLOGOS INTEIRAMENTE ATENTATÓRIOS À MORAL E AOS BONS COSTUMES, PORNOGRAFIAS SEM NENHUMA RAZÃO DE SER E COM MARCAÇÃO MUITO MAIS FORTE, SEGUNDO CONSTA NÊSTE SERVIÇO. SUGIRO À CHEFIA DO SCDP, SEJA A MESMA INTERDITADA PARA ENCENAÇÃO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL.

INTERDITADA

Brasília, 18 de SETEMBRO de 19 70

Técnico de Censura - Cart. nº 409
CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUSA

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do técnico de censura CARLOS ALBERTO MILHOMEM, que a examinou.

Título: A NAVALHA NA CARNE
Autor : Plínio Marcos
Restr.: PELA INTERDIÇÃO

Em 18 de setembro de 1970

p/ MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

assigne-se - outro
Técnico de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.31

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

D.P.F. Fls. N.º 320

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: NAVALHA DA CARNE

b) Título original:

c) Autor: PLINIO MARCOS

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: GRUPO DE TEATRO HARGREAVES DE ILHÉUS
I N T E R D I T A D A

II) Análise

a) Gênero; DRAMA

b) Argumento:

Trata-se de uma peça degradante cujo tema é real. Drama vivido entre uma prostituta e um cafetão, um homossexual e um garoto. O maior enfoque é dado ao conflito do malandro extorquindo a prostituta.

c) 1 - Mensagem:

Depreciação da pessoa humana

2 - Impressão final:

Desgastes dos sêres humanos motivados pela ignorância.

d) Diálogos:

Grosseiros e pornográficos.

e) Cenas:

Sòmente à vista do ensaio geral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.32

f) Personagens: Ignorantes.

g) Valor educativo:

Irrelevante.

III) Conclusão

A peça desmerece muito a pessoa humana. Sugerimos sua interdição.

Brasília, 25 de janeiro de 19 71

Técnico de Censura - Cart. nº 029

Teresa Paternostro

Teresa Paternostro

Sr. Chefe da Seção de Censura,
Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com os pareceres dos Técnicos de Censura LUIZ CARLOS MELO AUCELIO, ROBERTO COUTINHO e TERESA PATERNOSTRO, que a examinaram.

Título: NAVALHA NA CARNE
Autor : Plínio Marcos
Restr.: I N T E R D I Ç Ã O.....PELOS TRÊS CENSORES

Em 26 de janeiro de 1971

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.33

DPF
DCDP
Fls. N.º 319
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: "NAVALHA NA CARNE"

b) Título original:

c) Autor: PLÍNIO MARCOS

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: INTERDIÇÃO.

II) Análise

a) Gênero: DRAMA.

b) Argumento: Um homem que mantinha relação sexual com uma prostituta, a fim de auferir desta vantagens e dinheiro. Depois de muitos anos de exploração, resolve deixá-la por estar ela já velha e sem condições de conseguir dinheiro suficiente para êle. Por outro lado, a peça mostra também um homosexual sustentando financeiramente um adolescente.

c) 1 - Mensagem: Negativa. Estimula o espectador para a prática de crimes.

2 - Impressão final: Uma péça que provàvelmente chocará o espectador por apresentar sòmente os lados negativos da vida.

d) Diálogos: Pornográficos . (Em tôdas às páginas).

e) Cenas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.34

f) Personagens: Criminosos, viciados e com vidas irregulares.

g) Valor educativo: Nenhum.

III) Conclusão: Trata-se de uma peça de conteúdo pornográfico e mensagem negativa, contra a moral e nossos costumes (homosexualismo, tóxicos e rufianismo) que ao meu ver seria desaconselhável a sua liberação, em vista de infringirem as normas censórias contidas no Decreto-Lei nº 1077, artigos 1º e 4º. - INTERDIÇÃO;

Brasília, 15 de janeiro de 1971.

Roberto Antônio Coutinho.
Técnico de Censura - Cart. nº 399

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.35

DPF
Fls. N.º 314

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: " NAVALHA NA CARNE "

b) Título original:

c) Autor: Plinio Marcos

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: "TEASSO" Taubaté - Est.São Paulo

h) Classificação da Censura: 18 ANOS C/CORTES

II) Análise

a) Gênero; DRAMA

b) Argumento: Um diálogo crú e, degradante entre uma prostituta e seu amásio. Figuras torpes do submundo do vício que se digladiam verbalmente e fisicamente. Surgindo no desenrolar do drama, a figura repugnante de um homossexual que se envolve na teia ignóbil dos dois personaggens abjetos.

c) 1 - Mensagem: O autor apresenta de maneira degradante as misérias da vida.

2 - Impressão final: Péssima. A baixeza do homem é a tônica da peça.

d) Diálogos: Chocantes e pornográficos.

e) Cenas: Condicionadas ao ensao geral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.36

f) Personagens: Desprezíveis

g) Valor educativo: Nenhum

III) Conclusão Peça sem nenhum conteúdo moral e contraria aos bons costumes. Sendo porém liberada, encenada anteriormente e até filmada, considero por êsses motivos uma redundância interdita-la. Sugiro a impropriedade máxima 18 (dezoito) anos, com cortes dos palavrões mais chocantes.

Brasília, 23 de setembro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 377

Augusto Antunes de Oliveira Pontes

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada,
com os pareceres dos Técnicos de Censura
CARLOS ALBERTO MILHOMEM, ~~[illegible]~~ e MYRTES NABUCO, que
a examinaram.
Título: A NAVALHA NA CARNE
Autor : Plínio Marcos
Restr.: INTERDIÇÃO.....Milhomem
18(dezoito) anos C/CORTES...Myrtes

Em 24 de setembro de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.33

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 307
Rubrica

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: A NAVALHA NA CARNE

b) Título original:

c) Autor: PLINIO MARCOS

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: TEATRO ALDEIA 2

h) Classificação da Censura: 18 Anos c/cortes

II) Análise

a) Gênero: Drama

b) Argumento: Resume-se a peça no modo de viver no baixo meretricio de seus principais personagens: a prostituta o pederastra e o cafetão. Este explora a mulher em troca lhe da amor.

c) 1 - Mensagem: Apresenta a vida real do sub-mundo

2 - Impressão final: A que se propõe a peça é boa a sua impressão final

d) Diálogos: Pornográficos, vulgares e cheios de girias.

e) Cenas: Vuloentas , contendo sadismo e taras

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.38

f) Personagens: Identificam-se bem com personagens reais dom do sub-mundo da prostituição.

g) Valor educativo: Vago

III) Conclusão O tema apresentado é chocante e própio para um público adulto, devendo ser observadas as restrições ja aplicadas e permanecendo os cortes ja aplicados.

Brasília, 10 de Setembro de 19 70

Wilson Camargo
Técnico de Censura - Cart. nº 407

A cortar: Fl. 1- Aquela puta, fl.2- Aquela filha da puta,puteiro,Porra fl.3-puta sem calça, puta nojenta,porra,fl.4- puto, fl.5-puto de merda viado, seu puto, viado de merda, filho da puta,viado ,fls.6-mineteiro fls.7- filho da puta,puto, fls.8 viado safado,filho da puta,viado, fls.10-porrada, viado de merda,puta que te pariu,fls.11-merda,puto viado nojento, fls.12 puteiro, vovó das putas, putas , porra, fls.13 puta,porra, viado, so abrir a perna e faturar,fls.14-Filho da puta dêsse Delegado, fls.15puta, bosta,putaria, fls. 16 puta, fls.17,puta porra,merda.

Wilson Camargo

Sr. Chefe da S.Censura:
Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do T.Censura Camargo, que a examinou.

Título: NAVALHA NA CARNE
Autor : Plínio Marcos
Clasf.: 18 ANOS C/ CORTES
OBS: já censurada ant. imp. 18 ANOS-antes do D.Lei 1077.

SCDP, 10-setembro-1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da TCTC

Fé-se ciência ao interessado das Recomendações da Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.34

DPF
D. DP
Fls. N.º 295
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

Documentação

a) Título em Português: "NAVALHA NA CARNE".

b) Título original:

c) Autor: PLINIO MARCOS.

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: "18 ANOS" (com cortes)

) Análise

a) Gênero: Drama.

b) Argumento: "Modus vivendi" das pessoas do mundo da prostituição, através de três personagens, que são: um cafetão, uma prostituta e um pederastra. O homem explora a mulher mundana e em troca lhe proporciona o amor.

c) 1 - Mensagem: Momento de reflexão, onde procura-se conscientizar numa avaliação honesta, as condições de vida do submundo da prostituição.

2 - Impressão final: Pelo desfêcho final, onde lança-se a a mensagem (que é positiva), pode-se classificá-la como sendo boa.

d) Diálogos: Próprios ao tipo do tema explorado. São pornográficos, vulgares e cheios de gírias.

e) Cenas: Violentas. Contendo certos sadismos e taras.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.40

f) Personagens: Identificam-se bem com os da vida real do submundo da prostituição e de intensa comunicabilidade com um público, que pertença por ventura,,a êste tipo de mundo.

g) Valor educativo: Não contem.

III) Conclusão Tema e conteudo próprios a um público adulto. Tem o seu contêxto "pesado ", onde apresnta choques, tensões e agruras de uma vida levada num sbmundo de prostituição. Sou pela manutenção da restrição já aplicada a peça ou seja, a de 18 anos. Permanecendo os cortes impingidos a mesma.

Obs.: Não vejo como deixar de aplicar classificação de "têxto pornográfico e vulgar", principalmente o de vulgar.

Brasília, 19 de fevereiro de 19 70.

Técnico de Censura - Cart. nº
tamar fragoso de oliveira.

SR. CHEFE DA SEÇAO DE CENSURA,

ANEXO, ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA CREDENCIADO TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA,

TITULO :- NAVALHA NA CARNE
AUTOR :- PLÍNIO MARCOS
REST. :- 18 ANOS E TEXTO PORNOGRAFICO E VULGAR.

EM, 19-02-70

TCTC-SC-SCDP.

DPF-SAv. 192

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.41

DPF
Fls. N.º 289
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: A NAVALHA NA CARNE

b) Título original:

c) Autor: PLÍNIO MARCOS

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: Interdição, de acôrdo com o que estabelece o Decreto-lei n. 1.077, de 26 de janeiro de 1970.

II) Análise

a) Gênero: Esta peça foi liberada, em grau de recurso, após interditada pela Censura, por um despacho do Exmo. Sr. Ministro da Justiça, Prof. Luis An-

b) Argumento: tônio da Gama e Silva, datado de 17 de agôsto de 1967, publicado no Diário Oficial da União, de 25 do mesmo mês e ano e no Boletim de Ser-viço n. 102, de 30.8.67, com proibição para menores de 21 anos.

Posteriormente, com o advento da Lei n. 5536, de 21 de novembro de 1968, que limitava a censura das peças de teatro ao critério apenas classificatório, NAVALHA NA CARNE teve sua impropriedade reduzida para 18 anos, sendo, porém, considerada de linguagem pornográfica.

Agora, porém, foi também o Exmo. Sr. Ministro da Justiça, já agora o Prof. Alfredo Buzaid, quem subscreveu o Decreto-lei nº 1.077,

c) 1 - Mensagem: de 26 de janeiro de 1970, pelo ~~x~~ qual são terminantemente proibidas nas diversões públicas (art. 7º) as exteriorizações que atentem contra a moral e os bons costumes.

"A NAVALHA NA CARNE", em que pese as opiniões em contrário,

2 - Impressão final: é um dêsses textos. Ela se enquadra nas razões com que o Sr. Ministro da Justiça justificou o Decreto-lei citado, a mais forte das quais é o seu caráter subversivo, pois é o próprio Ministro da Justiça quem afirma que o meio mais fácil de se chegar ao cáos e à anarquia, será sola-

d) Diálogos: pando as bases da sociedade, pela degradação dos costumes, pelo aviltamento da pessoa humana, pela quebra das mais legítimas tradições de moral de um povo.

Vê-se claramente que há uma nova orientação governamental

e) Cenas: no campo da Censura das Diversões Públicas. E dentro dessa nova concepção não há como liberar a peça ora em exame. Assim, opino pela sua interdição, tendo em vista a nova situação criada com a vigência do Decreto-lei n. 1.077, em cujos dispositivos acha-se " A NAVALHA NA CARNE 2 enquadrada por inteiro.

É o meu parecer

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.43

f) Personagens:

g) Valor educativo:

III) Conclusão

Brasília, 31 de março de 19 70.

Wilson de Queiroz Garcia.
Técnico de Censura - Cart. nº 13.

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO, ENCAMINHO A PEÇ A ABAIXO INDICADA COM O VOTO DO TÉCNICO DE CENSURA WILSON DE QUEIROZ GARCIA, QUE A EXAMINOU:

TITULO :- NAVALHA NA CARNE
AUTOR :- PLINIO MARCOS
REST. :- INTERDIÇÃO DE ACÔRDO C/O DEC.LEI 1.077/70

EM, 31-03-70

ICTC-SC-SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.43

74

DPF
DCDP
Fls. N.º 202
Rubrica

P A R E C E R

Apresenta-nos, para análise, o choque de posições e intenções convergentes à peça do autor nacional Plínio Marcos de Barros " A NAVALHA NA CARNE".

De um lado, temos uma Portaria do Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal, mantendo decisão do Serviço de Censura Federal pela interdição à mencionada produção teatral, por considerá-la pornográfica e subversiva.

No campo oposto, tôda uma pletora de protestos e recursos intentados pelo próprio autor, líderes da classe teatral e críticos especialisados, protestos e recursos que têm por tônica ressaltar a ilegalidade da medida, os moldes primitivos e envelhecidos de sua origem e o atentado ao que classificam como obra de inestimável valor artístico.

Após procedermos a uma cuidadosa e detalhada leitura do texto de "A NAVALHA NA CARNE" forçoso nos é, por amor à verdade, uma posição de certa equidistância às partes conflitantes.

De início, é evidente a temeridade da afirmativa de que a peça de Plínio Marcos possue o estígma da subversão; em que pese o nosso esfôrço imaginativo, nada pudemos encontrar, objetiva ou subjetivamente, com o que condenar o texto sob a tese da subversão.

Restariam as acusações de obscenidade, pornografia e anomalias " exploradas pela peça". Ainda pela eliminação feita na leitura do texto, podemos afirmar a não existência de obscenidades, totalmente ausentes. Discordamos, também, do condicionamento do têrmo exploradas, no tocante às nomalias e pornografias apresentadas ,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071/P.44

DPF
DCDP
Fls. N.º 58
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

Proc. 028
17 págs.

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: "A NAVALHA NA CARNE"

b) Título original: "A NAVALHA NA CARNE"

c) Autor: Plínio Marcos

d) Tradutor:

e) Diretor: Jesiel Maciel de Figueiredo

f) Produtor:

g) Companhia: Teatro Alberto Maranhão/Natal/Teatro Amadores Unidos

h) Classificação da Censura: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.

II) Análise

a) Gênero:

b) Argumento: A peça em aprêço já foi liberada por êsse SCDP várias vêzes, sendo seu limite etário de impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos. Após observar o "Script" que ora se me apresenta, pude constatar sua total autenticidade e identificação com o já censurado. Assim, sugiro, S.M.J., que o critério classificador do limite etário continue inalterado.

Brasília, Df., 16 de dezembro de 196

c) 1 - Mensagem:

Eliel José de Sousa
Téc.Cens.Cred. Cart.nº067

2 - Impressão final:

d) Diálogos:

e) Cenas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.45

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, ____ de _____ de 19____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura Credenciado ELIEL JOSÉ DE SOUZA, que a examinou:

TÍTULO :- NAVALHA NA CARNE

REST. :- 18 ANOS TEXTO PORNOGRÁFICO

AUTOR :- PLÍNIO MARCOS BARBOSA - CERT.VALIDO ATÉ 12-FEVEREIRO-74

EM, 22-12-69

TCTC-SC-SCDP

A consideração do Senhor Chefe do SCDP.

Em 22/12/69

À TCTC

Libere-se.

22.12.69

DPF-SAv.192

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.46

DPF
DCDP
Fls. N.º 46
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: "A NAVALHA NA CARNE"

b) Título original:

c) Autor: Plínio Marcos

d) Tradutor:

e) Diretor: Marcus Granato

f) Produtor:

g) Companhia: Grupo Teatral Amador - "WALT DISNEY" - Presidente Prudente

h) Classificação da Censura: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 21(VINTE E UM) ANOS COM CORTES

II) Análise

a) Gênero:

b) Argumento: Esta peça já foi liberada por êsse SCDP em Março de 1 968. Tal liberação deve-se ùnicamente ao Exmo. Sr. Ministro da Justiça, que autorizou sua encenação com impropriedade para menores de 21 anos. Encarando-se êste prisma, o limite etário pode continuar imutável, uma vez que o "Script" é idêntico ao já censurado.
No entanto, é mister que se observe os cortes efetuados no texto original.

xxxxxxxxxxxxx

Brasília, D.F., Em 05 de novembro de 19

Eliel José de Sousa
Cred. Cart. 067

2 - Impressão final:

d) Diálogos:

e) Cenas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.47

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, ___ de _____ de 19___

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Sr.Chefe da Seção de Censura.

Anexo, encaminho a peça teatral " NAVALHA NA CARNE" de Plinio Marcos, a ser encenada pelo Grupo Teatral Amador " WALT DISNEY".

Referida obra já foi liberada para vários produtores, com / Certificados validos até 12 /FEVEREIRO/74, classificando-a imprópria para menores até 18 ANOS - LINGUAGEM PORNOGRÁFICA. Como os escritos são idênticos, o presente e o já liberado, conforme informa o Técnico de Censura credenciado ELIEL JOSÉ DE SOUSA, sugerimos que se expeça os certificados requeridos naquelas mesmas condições. s.m.j.

Aconsideração superior.

Em, 7Nov69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC/SC/SCDP

11.11.69

À consideração do Senhor Chefe do SCDP.

Em 7/11/69

À vista do requerimento, expedir certificados. Veja despachos.

DPF-SAV. 192

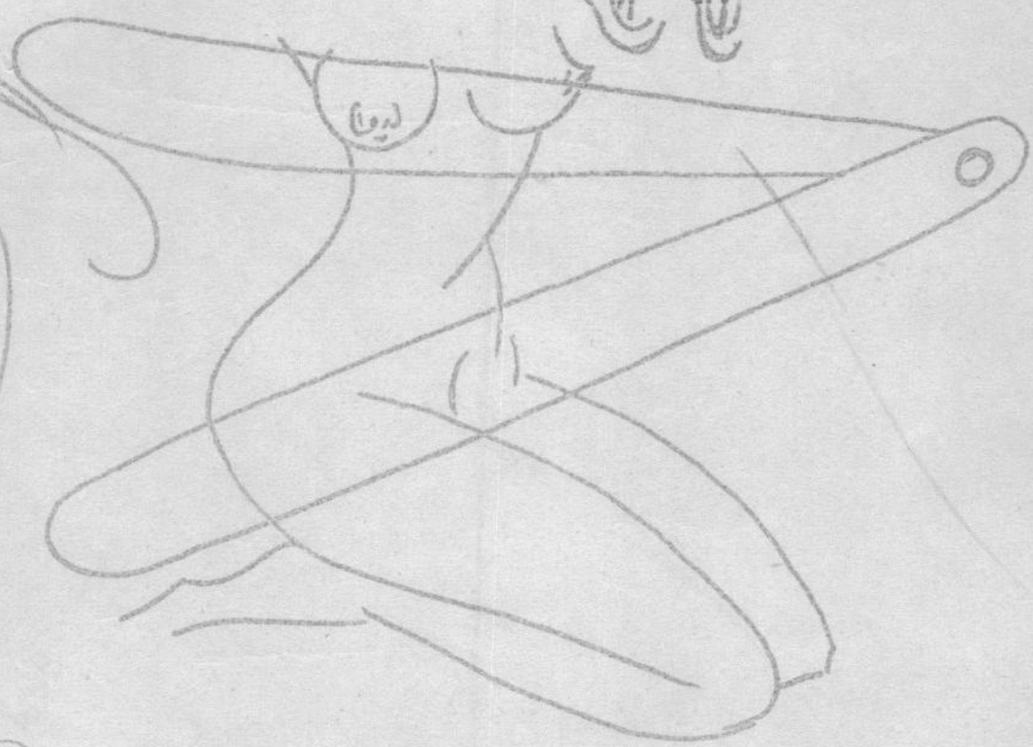
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 48

DPF
DCDP
Fls. N.º 04
Rubrica

A NAVALHA NA CARNE

PELO GRUPO DE TEATRO

Maravia



DE PLÍNIO MARCOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.49

DPF DCDP Fls. N.º 05 Rubrica

A NAVALHA NA CARNE

DE PLÍNIO MARCOS

ELENCO: NEUSA SUELI , VADO, VELUDO .

NEUSA: Prostituta

VADO: Gigolô

VELUDO: Bicha

CENARÁRIO : Um sórdito quarto de hotel de quinta classe um guarda roupa bem velho, com espelho de corpo inteiro, uma cama de// casal, um criado-mudo, uma cadeira velha, são os móveis do quarto.

ATO ÚNICO

NEUSA-: (Entrando no quarto) - Oi! Você está aí?

VADO : Que você acha?

NEUSA - É que você nunca chega tão cedo.

VADO - Não cheguei, sua vaca! Ainda nem saí (bem autoritário, estava deitado na cama lendo uma revista)

NEUSA - Tá doente?

VADO - Doente o cacete!

NEUSA - Não precisa se zangar! Eu perguntei por perguntar. Não estou secando ninguém.

VADO - Mas pode ficar sabendo que estou com o ôvo virado.

NEUSA - Não sou adivinhona .

VADO - Não sabe, né? (levantando da cama, parte em direção a Neusa, dando-lhe uns empurrões e alguns tapas) ///// Quer bancar a engraçada? Vou te encher a lata de alegria!

NEUSA - Pôxa, você está me machucando!

VADO - Você ainda não viu nada sua miserável.....

NEUSA - Ai! Não te fiz nada!

VADO - Não fêz? Sua filha de uma cadela?

NEUSA - Que eu te fiz?

VADO - Quer se fingir de boba?

NEUSA - Ai! Ai! Juro que não sei.

VADO - Sabe pór que eu não sai hoje?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.50

DPF DCDP Fls. N.º 06 Rubrica

NEUSA - Sua cabeça é seu guia...

VADO - Pois é, né?

NEUSA - Eu não prendo ninguém!... (derrubando-o ao chão com/ empurrões e pontapés) - Já lembrou o que me aprontou/ sua nojenta?

NEUSA - Vocês, digo, Você está é com onda!(Está derrubada/// no chão perto de Vado)

VADO - Quer criar caso? Pode ficar certa que outra presepada que você me arrumar não vai ser mole prá você. Sua/ porca! Quem você pensa que eu sou? Um trouxa qualquer? Assim você aprende a não querer banca a sabida comigo. (dá mais alguns pontapés e murros)

NEUSA - Pôxa você me machucou!...

VADO - Assim você se manca.

NEUSA - Abre o jôgo de uma vez. O que é que eu te fiz? Já/ foram fazer fofoca de mim prá você, é? Eu sei quem foi ! Você fica entrando no papo daquela vadia lá no 102! Aqe, digo, Aquela puta sem-vergonha é doida pra se atravessar na vida das outras. Só pode ser ela quem te encheu a cabeça. Pensa que eu não sei? Ela dá em cima d de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode vr ver ninguém bem. Mas ela vai ver. Comigo não vai ter/ bafo. Corto a cara dela com gilete.

VADO - Cala essa bôca, pombas! aquela mulher não tem nada a ver com isso. E você sabe bem.

NEUSA (Já levantada) - Ela não me manja não! Se ela se as-/ sanha pro teu lado, eu engrosso! Já vou te avisando!/ Se eu te ver bate do caixa com ela, faço um azar. Você sabe que eu faço mesmo! Nao estou aqui prá ser corneada por uma jogada fora daquelas!

VADO - Vê se cala essa matraca!

NEUSA - Já vi que você embarcou na dela.

VADO - Quer tomar outro cacete? Não, né? Então não me enche o saco! Já estou cabreiro com você! Se espernear, te/ meto a mão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.51

DPF DCDP Fls. N.º 07 Rubrica

NEUSA - Aquela filha da puta te enrolou. Eu sei! Ela fêz assim/ com o macho da Mariazinha. Caguetou pr'a êle que ela esta va se escamando na viração porque estava prenha. O cara// foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou de tan ta porra que levou. Depois, quando a desgraçada se danava/ no hospital, o sacana ia na leve com a grana da cadela do cento e dois. Também, a Maria é uma trouxa. Saiu do Hospi tal e aceitou o miserável do homem dela de volta.

VADO - Ela que tá certa.

NEUSA - Otária é que ela é.

VADO - Não manjo êsse cara da Maria. Mas, êle está por dentro.

NEUSA - Um paspalhão que êle é! Voltou todo empestiado daquela galinha.

VADO -Conversa! O sujeito sabe viver!

NEUSA - Mas , digo, Sabe viver pr'a xuxú! Se não fôsse a Maria/ cuidar do miserável, êle se acabava! Entrou no pôteiro// da cadeia a pé e saiu a cavalo.

VADO - Mas êle que pode! Está certo, sim! A mina é cansada, le va no macio. Fêz ela pegar o esquentamento da outra.

NEUSA - Maria é uma boba! Comigo não tem disso.

VADO - Quer ver eu te aprontar uma dessas? E você me aguenta!

NEUSA : Mas, poxa, o que eu te fiz hoje?

VADO : Porra, quer apanhar outra voz? Fica querendo so fazer/ de sabida! Depois se queixa! Estou deixando a coisa bara- to, se tentar me engrupir, te arrebento todos os dentes da boca com uma mucada.

VADO - Duvida? Te faço pior e tu me engole! Se duvida, diz! Te apronto uma que não vai ser mole pr'a ti. Se duvida te// mostro.

NEUSA - Você não tem coragem...

VADO : Não!?... Já existe a penicilina, boboca! Me limpo fácil! Agora, você se estrepa. Pega fama do perebenta, tá lasca da. Ninguém quer mais. Nem o cara mais jogado às traças.

NEUSA : Poxa, Vado, não vai fazer um papelão dêsses comgi, digo, comigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.52

DPF
DCDP
Fls. Nº 08
Rubrica

VADO Me apronta outra presepada como a de hoje! Me apronta,/ te estrepo.

NEUSA - Mas, pôxa, o que eu te fiz hoje?

VADO - Porra, quer apanhar outra vez? Fica querendo se fazer de sabida! Depois se queixa! Estou deixando a coisa barato, se tentar me engrupir, te arrebento todos os dentes da boca com uma mucada.

NEUSA - Não tem babado, alguém te encheu a cuca. Te botou contra mim.

VADO - Não me torra o saco! Tenho malandragem para dar e vender. Não vai ser você que vai gozar minha cara.

NEUSA - Não estou querendo gozar ninguém.

VADO - Ai de você se quisesse.

NEUSA - Só não estou por dentro de sua bronca.

VADO - Não está, né? Agora olha, sua puta sem vergonha, morou, agora? (mostra os bolsos para fora que estão completamente lisos)

NEUSA - Está na lona?

VADO - Eu estou duro? Estou a nenhum. Eu estou a zero, a zero sua vaca!

NEUSA - E a culpa é minha?

VADO - (com raiva) : Vagabunda, miserável! Sua puta sem calça! Quem tu pensa que é? Pensa que estou aqui porque? Anda// responde! Não escutou? Responde! Porque você acha que eu te aturo, porque?

NEUSA - Eu sei...

VADO - Sabe,né Então diz! Porque eu te aturo?

NEUSA - Poxa, Vadinho, eu sei...

VADO - Então, diz! Diz! Quero escutar! Diz de uma vez antes q que eu te arrebente. Porque fico com você, ?

NEUSA - Por causa da grana.

VADO - Repete, sua vaca! Repete! Repete! Anda!

NEUSA - Por causa da grana.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,PS3

DPF DCDP Fls. N.º 09 Rubrica

VADO - Mais alto, sua puta nojenta!

NEUSA - Por causa da grana.

VADO - Isso mesmo! Estou com você por causa do tutu! Só por/ causa do tutu! Você sabe! Estou aqui por causa da grana! Por causa da grana! Isso mesmo! E se você não me der mê leza te arrebento o focinho e me largo! E não pensa que vou ficar no "ora, veja". Eu sou o Vadinho Das Candonças, te tiro de letra, fácil, fácil! Estou estou assim de mu lher que me quer dar o bem-bom! Você sabe disso também, Não sabe? (faz uma pequena pausa) - Sabe ou não sabe? (faz-lhe uma agressão dando-lhe alguns tapas)

NEUSA - Sei... sei, sim...

VADO - Pára de chorar! Porra! Será que vou ter de aturar até essa onda de choro?

NEUSA - Pronto! Já não estou chorando...

VADO - Que mania de fazer drama à-toa!

NEUSA - À-tôa, não! Você me machucou!

VADO - * Bem feito, assim você @ aprende a não folgar com o / bom.

NEUSA - Não te fiz nada! Você está zoeira.

VADO - Estou mesmo! Minha zoeira é ser bom pr'a mulher. Te // trato legal! Nisso que dá! Quando digo que estou a nenhum, que estou durango, a piranha põe banca.

NEUSA - Não é culpa minha!

VADO - Pôxa, será que tenho cara de trouxa? Sou teu macho, se não tenho um puto de um tostão, quem está errado?

NEUSA - Não sei...

VADO - (dando-lhe tapas no rosto) - Ai, meu cacete! Não apren deu? As porradas que te dei não serviram de nada?

NEUSA - Te dou a grana. Se você torra, que posso fazer?

NEUSA - Que grana que você me deu hoje?

NEUSA - Não sabe, né? Ganha no mole, mete o pau fácil.

VADO - * Escuta, aqui, desgraçada! Tá querendo me azedar de nô vo? Que dinheiro você me deu hoje?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.54

DPF
DCDP
Fls. N.º 110
Rubrica

NEUSA - Ah, não deixei dinheiro aí no criado-mudo?

VADO - Ficou louca?

NEUSA - Claro que deixei o tutu aí.

VADO - Então êle vocu!

NEUSA - Então voou....

VADO - Mentirosa nojenta!

NEUSA - Não me força a paciência. Encheu a cuca de fumo e es-/ queceu de tudo.

VADO - Não peguei nem uma ponta de estaleiro, hoje, pantera. // Estou de presa seca, por tua causa. Pensa que maconha// anda por aí dando buzo?

NEUSA - Só sei que botei dinheiro aí no criado-mudo, como todo dia.

VADO * Se botasse eu não estava aqui esquentando a mufa. Esta va lá na sinuca me divertindo.

NEUSA - Queimando erva e dinheiro.

VADO - E daí? dinheiro meu gasto onde quero.

NEUSA - E eu que me dane na viração.

VADO - É a lei! Mulher que quer se bacanear com uma cara linha de frente como eu tem que se virar certinho.

NEUSA - Um dia a casa cai, pode crer.

VADO - Não conversa, não! Quero saber onde está a porra do dinheiro.

NEUSA - Botei aí! Cansei de falar.

VADO - Então alguém pegou.

NEUSA - Então pegou.

VADO - E não fui eu.

NEUSA - Será?.... Será que foi o desgraçado?

VADO - Que desgraçado?

NEUSA - O Veludo,. Será que foi êle?

VADO - Êle?.. ficou batusquela? êle não ia ter peito..

NEUSA - Êle entrou aqui hoje depois que sai?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071/P.55

DPF DCDP Fls. N.º 11 Rubrica

VADO - Como vou saber? Estava dormindo.

NEUSA - Acho que o sacana veio arrumar o quarto, viu você apagado, passou a mão na erva e se mandou.

VADO - Não inventa! Êle não ia ser tão cara de páu assim.

NEUSA - Não sei, não. Vi o garoto do bar saindo do quarto do/ Veludo.

VADO - E daí? êle dá o que é dêle.

NEUSA - Pois é! Mas há muito tempo que êle vem cozinhando o garoto e não arruma nada! O menino cobrava caro prá entrar na dele!

VADO - Pôxa, será que êle afanou meu tutu prá dar prá aquêle// trouxinha?

NEUSA - Se êle entrou aqui hoje, foi êle.

VADO - Mato êsse puto de merda, se foi êle.

NEUSA - Vou perguntar pra dona Teresa.

VADO - Perguntar o que?

NEUSA - Se a velha pagou o ordenado do Veludo.

VADO - Que nada! Deixa êle prá mim! Chama essa bicha miserável!

NEUSA - Veludo! Veludo, quarto três. (grita no corredor mas em cena, por uma janela por exemplo) Não escutou.

VADO - Chama mais alto! Todo viado é surdo!

NEUSA (alto) - VELUDO! VELUDO!

VELUDO (fora de cena) - Quem me chama?

NEUSA - Quarto três!

VELUDO - Já vai.

VADO - Vou acertar o passo dessa bichona.

NEUSA - Não vai machucar êle.

VADO - Não, nê! Você vai ver.

NEUSA - Êle é doido pra um enchame. Êle chama a cana.

VADO - Essa bicha não é doida, nem nada.

NEUSA - Toma cuidado, Vadinho. Vê lá o que vai fazer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.56

DPF
DCDP
Fls. n.º 12
Rubrica

VADO - Vai por mim.

VELUDO (na porta do apartamento, digo, do quarto) - Chamou, Neusa Sueli?

VADO - Entra, bichona.

VELUDO - Com licença...

VADO - Vai entrando, seu puto.

VELUDO - O senhor está aí, seu Vado?

VADO - Estou sim.

VELUDO - É o senhor que quer falar comigo, ou é a Neusa Sueli? Adora êsse nome, Neusa Sueli.

VADO - Fecha a porta e deixa de frescura.

VELUDO - Pronto, seu Vado.

VADO - Presta bem atenção no que vou te dizer, seu viado de// merda.

VELUDO - Se o senhor começar a me xingar, me mando. A Neusa Sueli sabe como eu sou. Não gosto de desafôro. Nem dos//// meus homens aguento maltrato.

VADO - Filho da puta! Viado nojento. (agressivo ameaçando agredir o viado)

VELUDO - Você está vendo, Neusa Sueli? Vou me arrancar! Depois// você reclama que eu não go to de vir fofocar no seu quarto. É por essas e outras. Ninguém gosta de estupidez.

VADO - Isso não é nem o começo!

VELUDO - Prá mim é o fim! Bruto! Cafajeste!

VADO (pegando veludo, pela gola da camisa e balançando-o) Cala essa boca, fresco de uma figa!

VELUDO - Meu deixa sair.

VADO - Senta aí, seu miserável! (obriga-o a sentar através de violência)

VELUDO - Ai! Ai! Que deu nesse homem?

VADO * Vamos conversar, seu sem-vergonha.

VELUDO - Se a Neusa Sueli gosta de apanhar, bate nela! Eu não//

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.57

DPF DCDP Fls. N.º 13 Rubrica

gosto de coisas brutas, não sou tarado! Êle está me batendo, Neusa Sueli!

NEUSA - Explica tudo direitinho! Vai ser melhor pra você.

VELUDO - Explicar o que?

VADO - Quem mandou você pegar o dinheiro?

VELUDO - Que dinheiro?

VADO - O que você pegou!

VELUDO - Deus me livre! Que dinehri, digo, dinheiro quepeguei? Ai, meu Deus! Nem sei de que estão falando.

VADO * Cadê a grana, Veludo?

VELUDO - Ai, ai, seu cafetão nojento! Tua mulher não te dá dinheiro, quer pegar o meu?

VADO * Eu abro logo!

VELUDO - Miserável! Vai bater na cara de tua mãe! Porco! Essa/// vaca da Sueli não te dá moleza, é? Pensa que vou te dar? Nojento! Cafetão! Mineteiro! (durante esta cena Vado dá-lhe umas porradas no rosto)

VADO - Cala obico!

VELUDO - Vai morrer morfético! Tu e essa perebenta! Essa suadeira!

NEUSA - Fala logo, Veludo! Você pegou o dinehri, digo, dinheiro que estava no criado-mudo? Fala logo, anda!

VELUDO - Ai! Ai! Estáquebrando meu braço.

VADO - Pegou ou não?

VELUDO - Não peguei!

NEUSA - Fala logo, anda!

VADO - Não mente, nojento! Não mente!

VELUDO - Juro que não peguei! (Você pensa que vai levar a gente/// no bico?) (anula-se tudo que estiver no parentese)

VADO - Você pensa que vai lever a gente no bico?

VELUDO - Eu juro que não sei de dinheiro nenhum..

VADO - Não sabe, cachorro?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.58

DPF DCDP Fls. 11 Rubrica

VELUDO -Ai, ai! Êsse homem me mata! SOCORRO!

VADO * O que você fêz com a minha grana, miserável? (bate-lhe0)

VELUDO - Não me bate! Não me bate!

VADO - Então se abre!

NEUSA - A gente sabe o que você fêz com a grana.

VADO - Confessa logo, bicha! Senão, vou botar pimenta no teu// rabo!...

VELUDO - Pelo amor de Deus, Sueli! Não deixa êsse tarado me judiar.

NEUSA - Então começa a contar.

VELUDO - Ai, meu São Jorge Guerreiro! Está todo mundo chapado de erva! Está todo mundo doido! Neusa Sueli, eu não sei de/ nada.

VADO - Filho da puta! mentiroso!

VELUDO - Socorro! Socorro ! Porque não faz isso com homem seu nojento? Ai, esse tardo está me matando. (Vado bate-lhe enforcando-o no chão).

VADO -(dando-lhe mais porradas ainda) - Seu puto, você apanhou a grana daqui p'ra andar com o garoto do bar!

VELUDO - Não entrei aqui hoje$

VADO - Você veio arrumar o quarto, pegou o dinch, digo, dinheiro!

NEUSA - E deu pro moleque do bar.

VELUDO - Eu ia fazer uma coisa dessa? Não sou ladrão e não sou quem você, digo, que nem você que tem que dar dinheiro// prá home.

NEUSA - Pensa que não vi o garto sair do seu quarto?

VELUDO - E daí? Êle gama em mim.

VADO - O desgraçado gama o meu dinheiro. Isso é que é! E você passou a mão e deu pra êle.

VELUDO - Eu não..

NEUSA - Mentiroso! Você mesmo falou que estava gamado no garôto e êle não queria nada com você, porque você estava duro. Falou ou não falou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.59

DPF DCDP Fls. N.º 16 Rubrica

VELUDO - E dai? Se dei dinheiro pro machonho, ninguém tem nada// com isso! Na minha vida mando eu. Sou livre.

VADO - Puto sem-vergonha! Você deu o meu dinheiro! O meu dinhe ro que estava ali em cima e você afanou!

VELUDO - Ai! ai! Êsse homem vai me deixar careca!

NEUSA - Sabe que por tua causa eu levei um couro do Vado, seu// Sacana?

VELUDO- Bem feito! (Neusa dá umas porradas também) Ai! Você me// paga, sua porca! Com você, eu posso! Eu te pego sozinha,/ sua vaca! Você vai ver!

VADO - Você não vai pegar ninguém!

VELUDO - Ela é mulher! Com ela eu posso!

VADO - Você não vai sair vivo daqui, sua bicha danada.

VELUDO - Pelo amor de Deus, deixa eu ir! deixa eu ir!

VADO - Que você fêz do dinheiro? Fala?

VELUDO - Não peguei!

NEUSA - É teimoso como uma mula! Vou te ajudar a lembrar. Vou/ (arranca de uma navalha e encosta-lhe no rosto) Vou te// arrancar os olhos!

VELUDO - Não pelo, amor de Deus! Não, Neusa Sueli! não!

VADO - Pode cortar êsse miserável!

NEUSA (ameaçando-lhe cortar mesmo) : Vai falar tudinho?

VADO - A bicha ficou apavorada

NEUSA - Então começa!

VAXO - Fala logo! Anda!

VELUDO - Ai... eu estou sem ar!

VADO - Não vem com fresucra, digo, frescura! Não vem com fres- cura!

NEUSA - Veludinho, é meslh, digo, melhor pra você contar tudo// direitinho! É pro seu bem, qu-rida!

VELUDO - Você me perdoa, Neusa Sueli? Eu devolvo tudinho! Eu não Aguentei. Eu vim arrumar o quarto, o seu Vado estava dor- mindo, eu eu, digo, peguei o dinheiro e dei pro rapaz do bar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.60

DPF DCDP Fls. N.º 16 Rubrica

Eu estava gamado por êle. Juro qeu, digo, que eu devolvo!

(VADO - Filho da puta!) Fica nulo o parentes .

VADO * Canalha! Miserável! Viado safado! Deu todo o metal pro trouxinha?

VELUDO - V, digo, NEUSA- Vinte mil giraus?

VADO - Filho da puta!

VELUDO - Só dei dez!

VADO - E o resto da grana? E o resto?

VELUDO - Comprei um baseado de erva!

VADO - Sacana! Eu de presa sêca e êle se tratando.

VELUDO - É o vício!

VADO - E pensa que vou sustentar vício de viado?

VELUDO - Eu vou devolver o dineh, digo, dinheiro todinho, seu/ Vado, pode crer.

VADO - Quando? No dia de São Nunca?

VELUDO -Não, no fim do mês, . No meu pagamento.

VADO - E você pensa que ej vou esperar até o fim do mês?

VELUDO - Desu, digo, Desculpe, seu Vado.

NEUSA (- Vou te caguetar pra dona Teresa! Ela te põe na rua, / te paga os teus dias de basquete e eu pego o meu.

VADO - Quero juros! Eu pago, mas não apronta pra mim.

VADO - Vai pagar o dôbro: quarenta giripocas, . Se não compa recer, já viu! TE AGARRO E TE DESGRAÇO.

VELUDO - aEu pago pode crer .

NEUSA - Êle paga sim, Vado! O Veludo é bonzinho!

VELUDO - Neusa Sueli me conhece,. Quando eu digo que eu faço uma coisa, eu faço mesmo, nem que me lasque tôda.

VADO * Quero ver. E o fumo, queimou êle todo?

VELUDO - Nem biquei ainda! Não trato disso quando estou traba* lhando. Eu ficou muito louca quanto estouchapada.

VADO * Dá prá cá a erva.

VELUDO - O senhor me deixa dar umas narigadas também?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.61

DPF DCDP Fls. N.º 17 Rubrica

VADO - Depois a gente vê. Dá prá cá, onda.

VELUDO - É fumo do norte mesmo. Dá uma zoeira legal.

NEUSA - Não vai queimar essa porcaria aqui.

VADO - Você cala a boca.

NEUSA - Dona Teresa nãogosta de bagunça aqui na pensão.

VADO * Quero que ela vá è merda.

VELUDO - Ai que homem, doidão!.....

NEUSA - Depois quem se estrepa sou eu. Quando você se arranca, ela vem aqui reclamar.

VADO - Manda ela à merda.

NEUSA - Ela me põe na rua.

VADO - Azar!

NEUSA - Azar meu, não é!?

Vado - Pombas, pára de me torrar o saco. Foi Você, que arrumou tôda a confusão e ainda resmunga. Não quero escutar um pio contra a maconha,. Gosto de curtir a minha onda/ de leve.

VELUDO - Êle sabe vivor.

VADO (acendendo um cigarro de maconha e dando uma tragada)--- IEGAL.....

VELUDO - Não fica triste, Neusa Sueli. Homem é assim mesmo.Todos uns brutos. Seu Vado, deixar, digo, deixa eu dar um cheiro?

VADO - Quer bicar?

VELUDO - O senhor deixa?

VADO - Não.

VELUDO - Por favor, ah, deixa... por favor... deixa...

VADO - Se manca, vagabundo.

VELUDO - Por favor...

VADO - Gosta fo fumo é?

VELUDO - Sou tarado!!

VADO - Porque é que fica gastando dinheiro com os pivetes?//

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P62

DPF Fls. N.º 18 Rubrica

Por que hem?

VELUDO - Ah, seu Vado!

VADO - Você gosta mais de naccnha ou de molque, digo, moleque?

VELUDO - Cada coisa tem sua hora..

VADO - Bichona malandra.

VELUDO - Deixa eu bicar, seu Vado?

VELUDO - Pega aqui. Na minha mão.

VELUDO - Que bom!

VADO - Não vale segusar...

VELUDO - Como o senhor é mau, seu Vado..

Obs.: A cena se repete várias vêzes; veludo fica cada vez mais agoniado, Vado ri cada vez mais. Sueli permanece indiferente. Veludo, agarra a mão de vado, êsse lhe dá um empurrão.

VELUDO - Neusa Sueli, manda êle deixar eu fumar anda.

NEUSA - Não estou gostando nada dessa zorra aqui dentro.

VELUDO - Vá, Neusinha Sueli, mande êle me dar uma tragada. Por/ favor, Sueli, manda. Eu não aguento mais.

NEUSA - Acho melhor você se arrancar daqui,

VELUDO - Seu Vado, deixa eu dar uma fumadinha sá.

VADO - Sem vergonha! Pensa que mulher manda em mim? Bicha/// louca! Pensa que se essa vaca mandasss eu lá te dar o/// fumo?

VELUDO - Que homem bruto, meu Deus. Vado, deixa eu fumar.

VADO - Ainda sou seu Vado pra você! Perden o respeito seu miserável?

VELUDO - Homem que me judia não chamo de senhor. É vado e olhe/ lá..

VADO = Te dou uma porrada que você vê.

VELUDO - Dá, então! (dá-lhe o rôsto para êste bater)

VADO - Gostou?

VELUDO - Bate mais.

VADO - Nojento!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P63

DPF DCDP Fls. N.º 19 Rubrica

VELUDO - Bate, seu bobo, bate!

VADO - Paspalho!

VELUDO - Você viu, Neusa Sueli, como a gente lida com homem?

VADO - Cala a bôca, bicha!

VELUDO - Vem me bater, seu trouxa.

VADO * Você vai ver, bicha louca!

VELUDO * Pode bater, a cara está aqui!

VADO - Viado, viado de merda! Porco nojento! Ladrão semvergonha!

VELUDO - Bate em mim, mahhão! Bate nesta face, te viro a outra. Como Jesus Cristo.

VADO - Bicha é uma desgraça!

VELUDO - Você viu como eu encabulei o homem, Neusa Sueli? Tadinho dêle! Ficou sem jeito. Coitadinho! Vê a carinha do / Vado, Neusa Sueli. Vai fazer carinho pra êle. Ele está// tristinho. Vai lá, bobona. Vai agradar teu homem. Vai,// Neusa Sueli!

NEUSA - Para com isso, Pombas!2Será que você não me, digo, se/ manca que não está agradando. Pôxa, você é mais chato que cri-cri. Porque não se manda daqui? Vai lá pro teu quarto! Vai a merda! Vai à puta que te pariu! Mas, me esquece! Não quero você aqui no meu puleiro! Anda te arranca! te Arranca! Te arranca que é melhor pra você. Já estou invocada! Muito invocada!

VELUDO - Desculpe! Não vou morrer por isso. Não quer eu aqui, me mando e pronto! Nunca fico onde não me querem! Aliás, só/ vim aqui porque me chamaram! Mas já vou indo! Tchau mexmo! Pensei que era o hoem dêsse galinheiro, que cantava de galo. Entrei bem! Quem manda é a galinha velha!

NEUSA - Galinha velha é a tua mãe!

VELUDO - Pôs a carapuça porque quis.

NEUSA - Vai saindo. (Neusa se queimou)

VADO - Fica! Só sai quando eu mandar!

VELUDO - Ela tá invocada comigo. Não quero encrenca, vou embora.

VADO - Ela que se dane! Fica!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.64

DPF DCDP Fls. N.º 20 Rubrica

NEUSA - Você vai me pagar, sua bicha! Está botando meu homem c contra mim!

VELUDO - Quero ir embora, êle não deixa! Ai.. Ai.. Não sei porque as mulheres me detestam tanto.

NEUSA - Nojento! É melhor deixar essa bicha sair. Já estou me/ esquentando! (fala o segundo para Vado)

VADO - Ela agora vai queimar fumo. Não vou deixar ela sair dAqui de prêsa sêca! Vem fumar, bichinha!

VELUDO - Agora não quero!

VADO * Não faz onda e pega logo!

VELUDO - Prá mim, michou!

VADO - Não queria? Tá aí! Mete o nariz!

VELUDO - Já falei que não quero!

VADO - Estou mandando fumar!

VELUDO - Você não é meu homem, não me manda nada!

VADO - Chupa essa fumaça!

VELUDO - Nem por bem, nem por mal!... Bate.... Bate... Bate...

VADO - Eu te mato! Eu te mato!

VELYDO - Mata!2Mata! Mata.& mesmo, homem! Mas eu não fumo tua// maconha! Não fumo!

VADO = Fuma essa merda! Fuma! Não escutou eu mandar?

VELUDO - Me mata, meu homem!

NEUSA - Pára com isso, Vado!

VADO - Pára com isso.... Quero que êsseputo fume maconha, eu quero!

VELYDO - Mas não vai conseguir nada de mim.

NEUSA -, digo, VADO - Por favor, Veludo, fuma essa droga senão/ eu faço ums desgraça! Por favor fuma!

VELUDO - Nem você me pedindo de joelho! (Vado enforca-o) Por Amor de Deus, Vado, pára comisso, Pára com isso! Eu não/ aguento mais! Eu não aguento mais! [illegible]

DPF
DCDP
Fls. N.º 21
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071/P.65

VADO -- Sueli, meu amor! Sueli, me ajuda! Sueli, minha santa, /// me ajuda! Sueli, segura êsse viado nojento! Segura êle, Sueli! eu quero fazer êle fumar maconha. Eu quero que êle fume! Eu quero! Por favor, Sueli, segura êle!

NEUSA - É só isso que você quer, seu porco?

VADO - É só o que eu quero. Me ajuda! Por favor!

NEUSA - Eu te ajudo! Eu te ajudo!

VELUDO - Ai, ai, tenho cósegas! Ai! Ai! Meu Deus, que loucura, // que loucura divina! Nao toca em mim, mulher. (Neusa agrede-o obrigando a fumar) Não gosto de mulher, digo, que mulher me toque! Não me toque, suja suja perebenta!

NEUSA - Viado miserável! miserável! (depois de uma certa pausa e depois de têlo obrigado a fumar) Agora vai caguetar a gente pra polícia, seu nojento. (Veludo sai)

VELUDO - Sua vaca, você vai me pagar! Não vou na polícia, não. Não gosto dessa gente. Mas vai ter forra. Você não perde por esperar.

VADO - Cai fora, daqui bicha sem-vergonha. Cai fora.

VADO - Está, digo, (Neusa encara-o por alguns instantes) - Está/ me achando bonito, ou me botando quebranto?

NEUSA - Nojento!...

VADO - Não começa a me encher o saco.

NEUSA - Você é um sacana.

VADO - E você uma cortadora de onda.

NEUSA - Nunca pensei que você pudesse ser tão miserável.

VADO - Eu nunca pensei que você fôsse tão chata.

NEUSA - Não sou é descarada.

VADO - Vai ser freira....

NEUSA - Eu tenho moral...

VADO - Depois de velho, até eu.

NEUSA - Velha, não! Só tenho trinta nos.

VADO - De puteiro?....

NEUSA - Canalha....

DPF
DCP
Fls. N.º 22
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.66

VADO Quando você fica bronqueada é que a gente vê como você está/ apagada.

NEUSA- Estou é cansada! Só isso!

VADO - Devia se aposentar. Trinta anos de basquete cansa qualquer uma.

NEUSA - Eu nasci igual a qualquer uma. Lipinha. Há trinta anos/ atrás eu era um nenê....

VADO- Não força a idéia, piranha velha. Você é a veterana das veteranas..

NEUSA - Só tenho trintaanos!

VADO - Coroa!

NEUSA - Porco nojento! Você pensa que eu não manjei a sua jogada com o veludo?

VADO * Deixa de história vocês antigas vêmm malícia emtudo.

NEUSA - Só sei que você me embroulhou o estômago.

VADO - A vovó das putas tôdas é metida a família é?

NEUSA = Vovó das putas é a mãe vaca que te pariu.... ...

VADO - Limpa essa boca quando for falar da minha mãe (dá-lhe/// uma porrada) se folgar comigo, te arrebento.

NEUSA - Então não me torra a paciência...

VADO - Só estou falando a verdade. Você está velha, outra, noite cheguei aqui, você estava dormindo, aí, de bôca aberta, roncava como velha. Puta trôço asqueroso . Mas, o pior §§ foi quando cheguei perto pra te fechar a bôca. Queria ver se você parava com aquêle ronco miserável, digo, miserável. Daí, te vi bem de perto. Quase vomitei; porra, nunca vi/// coisa mais nojenta em tôda a desgraçada da minha vida. Essa pintura, que você usa aí pra esconder a velhice, estava saindo e ficava entre as rugas, que apareciam bem. Juro! Juro por Deus que nunca tinha visto nada mais desgraçado. Eu até....

NEUSA (cortando) : Pára com isso! Chega de escutar mentira. Pára com isso!

VADO - Mentira? Eu é que sei! Senti uma puta vonta, digo, pena/ de mim! Um cara nôvo, boa pinta, que se veste legal, que/ tem papo certinho, que agrada, prêso a um bagulho antigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.67

DPF DCDP Fls. N. 23 Rubrica

Fiquei bem bronqueado. Porra, ainda tentei quebrar o galho; pensei comigo: mas, de corpo ainda é uma coisa que/ se pode aproveitar. E, sem te acordar, te tirei a coberta, tirei tua combinação, tirei tua calcinha e teu sutian. As pelancas caíram pra todo lado. Puta coisa porca! Acho que até um cara que saísse da cana, depois de um cacetão de/ tempo, passava nesse lance, pombas, que negócio! ruím era você ali, dormindo,. Juro por Deus, nunca vi pior. Se não fôsse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Pôxa, e não se perdia nada. Me larguei. Não augent, digo, aguentava.

NEUSA - E porque não se mandou de vez?

VADO * Fiquei esperando uma chance de te jogar isso no focinho. Não ia sair sem te contar como você está podre.

NEUSA - E enquanto isso, me tomava a grana.

VADO * Claro! Não sou nenhum bobo. Enquanto isso, tratava de / mim por fora. Mulherio novinho e bonito aí, digo, está/// aí mesmo.

NEUSA - Teu negócio é viado! Vi hoje.

VADO - Que é isso, coroa? Tá com ciúme do veludo?

NEUSA - Tenha vergonha nessa cara.

VADO * Quem tem que ter vergonha é você, velhota. Não aguenta§ o repuxo. Não tem como agarrar o homem, fica aí apavorada, até com mêdo de um viado de merda.

NEUSA - canalha!...

VADO * Estava sendo uma onda legal, você cortou com a sua rabujice. Você é corna!

NEUSA - Não sou é de Bacanal.

VADO * Puta que não gosta de bacanal é que está bem apagada.

NEUSA - Estou apagada de canseira. Isso é que é. Não de velhice ! de canseira. Sabe o que é uma noite de viração?

VADO * As meninas tiram de letra. Só abrir a perna e faturar. Acham moleza. Agora, velha cansa à toa. Tem raumatismo./ Te, que se esforçar pra agradar o freguês e outros babados. E ainda, pra não ficar jogada fora sòzinha, tem que aturar o cafetão. Mas isso é igual na vida e nas casas de família.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.68

DPF DCDP Fls. N.º 24 Rubrica

Os machos só aturam as coroas por interêsse. Pra se divertir a gente sempre tem uma garôta enxutinha.

NEUSA - Eu tenho homem a hora que quero.

VADO * Por que me atura? Por que? Eu sou chato pacas!

NEUSA -É mesmo. Ainda bem que reconhece.

VADO : Por que você me aguenta?

NEUSA - PORQUE.... PORQUE.....

VADO : Sou bom de cama?

NEUSA - Â!

NEUSA É s digo, é mesmo. As verdades a gente diz.

NEUSA - É? Issoé verdade. Só que, faz um mês, você não sabe de// mim. Mias de um mês.

NEUSA É... É... E mesmo assim te dou a grana.

VADO - Uma grana mixa. Muito mixa.

NEUSA - Não é culpa minha. Você sabe que não é. A situação está uma broca, para tôdas. Êsse novo delegado que entrou está querendo fazer média. Toda horapara o rapa. Até os tiras// andam apavorados, nãopegam caixinha, nem nada. Se os caras da lei estão com mêdo, os freguesas nem se fala. Mas, deixa êsse filho da puta dêsse delegado esquentar o lugar,// fica tudo igual antes. Daí você vai ver se eu faturo alto outra vez ou não.

VADO - Você é enganadora..

NEUSA - Você anda por aí, é s-ó perguntar pra qualquer uma. Elas te dize m como a barra anda pessa, digo, pesada.

VADO - Isso é desculpa de velha.

NEUSA - Velha não.

VADO - Velha sim.. Todo mundo te acha um bagaço. Não viu o/// que o vVeludo disse?

NEUSA - O que foi?

VADO - Te chamou de galinha velha.

NEURA£ Z Despeito de bicha.

VADO * Falou certo. Você está velha mesmo.

NEUSA - Só porque você quer...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.69

DPF Fls. N. 25 Rubrica

VADO - É né? Mostra os teus documentos.

NEUSA - Tenho trinta anos...

VADO - Deixa eu ver os papéis...

NEUSA - Poxa, que onda besta.

VADO -Rmx Deixa eu ver.

NEUSA£ - Não torra à paciência.

VADO - Está com medo?

NEUSA - Medo, não. Acho besteira.

VADO - Mentiu, agora não quer que eu prove tua idade...

NEUSA - Tenho trinta.

VADO - No mínimo cinquenta anos.

NEUSA - Fiz trinta no fim do ano passado.

VADO * Deixa eu ver os documentos. Tá com mêdo de mostrar os documentos? (vado péga a bolsa dela e tira os documentos// espalhando tudo pela casa) Tá bem, velha! pode sossegar,/ Não vou pegar seus documentos prá ver o que eu já sei... (não chega a ver os seus documentos)

NEUSA - Nãogosto que mexam a mi digo, na minha bolsa.

VADO + Você tem cim quenta anos e não adianta mentir.

NEUSE = Pára com isso, pára,por favor, pára... (Para êle)/// Puxa, será que você não se manca?Será que você nãoé capaz de lembrar que venho da zona cansada pra xuxu? Ainda mais/ hoje! Hoje foi um dia de lascar. Andeira, digo, andei pra baixo e pra cima no quarteirão, mais de mil vezes. Só peguei um trouxa.

VADO * Só um trouxa na noite inteira. Um miserável que parecia um porco. Pesava mais de mil quilos. Contou tôda a história da puta da vida dêle, da puta da mulher dêle, da puta da filha dêle, da puta que o pariu.. Tudo gente bem ins-/ talada na puta da vida. Só que o desgraçado ficou em cima/ de mim mais de duas hora, bufou, bufou, bufou, babou, ba-
8 bou, bufou mais pra pagar, reclamou pacas. Desgraçado, fi lho da puta. É isso que acaba a gente... Isso ue cansa a/ gente....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.70

DPF DCDP Fls. N.º 26 Rubrica

NEUSA (depois de alguma pausa) : A gente só quer chegar em/// casa, encontrar o homem da gente de cara legal, tirar/// aquêle sarro e se apagar, pra desforrar de tôda sacanagem do mundo de merda que está aí. (pausa) Resultado:// Você está sempre de sacocheio por qualquer coisinha, então apronta. Bate na gente, goza na digo, a minha cara é na hora dos dogi, do, digo, do bem-bom, sai fora. Pôxa, isso arreia qualquer uma. As vezes chegoua pensar: pôxa,/ será que sou gne,digo, gente? será que eu, você, o Velu do somos gente? Chegou até a duvidar! Duvido que a gente de vardade viva asim, um aporrinhando o outro, um se servin do outro. Isso não pode ser coisa direita, isso é uma bosta! Uma bosta! Um monte de bosta! (pausa) FEDIDA..... FEDIDA.......... FEDIDA .... FEDIDA ;.....

VADO - É É mesmo...

NEUSA - É mesmo o que?

VADO - Você está uma velha podre!

NEUSA - Nojento!

VADO - Nada mais nojento que uma puta velha. Porra, como incomoda.

NEUSA - Eu não sou velha! Eu não sou velha! Eu estou gasta! Eu estou gasta. Nessa putaria...

VADO - Depois de cinquenta anos, qualquer uma se apaga!

NEUSA - Eu tenho trinta nos, digo, anos! Apenas trinta anos! Apenas trinta anos!

VADO - Mentirosa!. Enganadora!Vadia velha! Mostra os teus/// documentos! Mostra! Não tem orgagem ,digo,coragem? Já/// sabia! Mentiu a idade, mas não engrupe ninguém! Tem um/ troço que não mente! Sabe o que é?

NEUSA - O que é?

VADO - (agressivo) - Teu focinho! Olha! Olha! Olha!

NEUSA - Por favor, Vado, pára com isso.

VADO - Olha! Olha! Olha bem! vê! Cinquenta anos!

NEUSA - Vado por favor, pára com isso pára com isso!

VADO - Cinquenta anos! Velha nojenta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.71

DPF DCDP Fls. N.º 27 Rubrica

Cinquenta anos! ~~xxxxxx~~ no mínimo!

NEUSA - Por piedade, Vado! Pelo amor da tua mãe!

VADO - Cinquenta anos! Fim da picada! Tôda ruím! Ainda com essa meleca na cara, maquillagem e tal, engrupe os trouxas! Mas sem essa droga, deve ter bem mais de cinquenta!

NEUSA - Vado, chega! Por favor, chega!

VADO - Olha bem! Olha bem! Velhota! Coroa! O veludo tinha/// razão, galinha velha! Vamos ver sem essa meleca, quantos anos tem.... (avança para ela)

NEUSA - Não, Vado, não! Por favor não!

VADO - Cem anso! Cem anso, digo, anos ou mais! Quanta ruga que cara amassada! Que bagaço!

NEUSA - Pára! Pára com isso!

VADO - Vê, Puta! Vê! Quanta ruga!

NEUSA - Chega! Chega! Chega! Não aguento mais! Chega!

VADO -Chega mesmo! Chega mesmo! Mesmo! Mesmo! Sou um cara/// boa pitan, não vou perder minha mocidade do lado de um bagaço! Cadê a grana, sua vaca? Onde está a grande de hoje?

NEUSA - Vou te dar a grana! Está aí todo o dinheiro que tenho. Pronto., é seu! Está contente?

VADO - Tá legal! (pega-lhe o dinheiro) : Assimque é! Agora, tchau mesmo!

NEUSA - Você não vai saindo asim, não! Não leva minha grana?Não é meu cafetão?

VADO - Vê se se me esquece, velhota!

NEUSA - Você não vai se arrancar!

NEUSA - E por que não?

NEUSA - Nós vamos trepar!

VADO - Tá caducando?

NEUSA - E vai ter que ser gostoso!

VADO - Por dinheiro nehum.

NEUSA - Vai, sim, Vadinho, meu cafetão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.72

DPF DCDP Fls. N.º 38 Rubrica

VADO - Sai dessa, velha!

NEUSA - Velha, feia, gasta, bagaço, lixo dos lixos, galinha, coroa, sou tudo isso. Mas voce vai trepar comigo!

VADO - Essa não!

NEUSA - Viu? Já se borrou?

VADO - Abre essa porta! Abre essa porta! É surda, desgraçada? Não escuta a gente mandar! Abre essa porta! É melhor pra/ você!

NEUSA - É meu califa. Leva minha grana. Tem que me fazer gozar. Custe o que custar.

VADO * Você está me baratinando!

NEUSA - Pra você ver!

VADO - Abre essa porta! Abre!

NEUSA - Não adianta espernear.

VADO - Você quer apanhar?

NEUSA - Quero, sim! Me bate! Bate legal!

VADO - Não vou mem me afobar. Vou tirar de letra! Puxo uma/ palha e te deixo aí na tara.

NEUSA - Experimenta.

VADO - Boa noite velha!

NEUSA (sacando de uma navalha do seios) : Vado! Vado! Se você dormir, eu te capo, seu miserável!

VADO (espantado) : Que é isso? Está louca?

NEUSA - Tou! Louca devontade de você! Se você não fôr comigo agora, não vai nunca mais com ninguém.

VADO * Mas que é isso, mulher?

NEUSA - Pode escolher, filho da puta!

VADO * Sai dessa dança, Suely! Pôxa, que negócio mais zoeira! Você embarca em tôdas. Pôxa, por isso que eu às vêzes me// invoco com você. Qualquer sarrinho e você perde a esportiva. Que onda! Não sabe brincar? Estava tirando um barato de leve; você já apela, já faz drama! Não pode ser asim não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.73

DPF DCDP Fls. N.º 29 Rubrica

NEUSA - Você nãoprecisa gastar saliva comigo. É só trepar e pronto. Sou velha, mais quero te ter. Entendeu?

VADO - E precisa de ferro pra que? Vai me obrigar?

NEUSA -Vou...

VADO - Você é uma trouxa mesmo! Entra sempre em canoa furada. Me divirto às tuas custas.Quer dizer que grudou essa onda de velha? Porra, está na zona um cacetãoão tempoe e nãoaprendeu nada? Que paspalha! Quer dizer que você me ah, digo, acha o rei dos otários? Devia te bolachar por essa. Mas, deixa prá lá. Você já está queimada. Dou barato. Não vou criar caso. Mas, voc, digo, vê se ti manca. Pôxa, você acha que se eu te achasse coroa jogada fora ia estar aqui esticando o papo? Me mandava sem dizer nada. Dava um pinote sem tu nunca saber por que. Assim que é.

NEUSA - Então... então... porque tôdas essas bobageiras?

VADO - Sou Vadinho, cafifa, escolado. Judio de mulhes para elas ganharem.

NEUSA - Nãoprecisa nada disso.

VADO * Minha embaixada! Sabe como é! Escuta êsse papo que é de verdade! Eu estava boroconô. Não queria fazer a obrigação Inventei a onda. Grudou, amor teu.

NEUSA - Mas, faz um tempoãoque você nãome procura.

VADO * Não faz tanto tempo assim. O que é bom deixa saudade. Isso é que é.

NEUSA - É... É...

VADO - Agora, tem um porém! Se eu nãoestivesse a fim, nãoia ter navalha que me obrigasse, pode botar fé no que te digo, Eu sou um cara que só embarco por gôsto.

NEUSA - Você sabe conversar.

VADO - Que nada! aSou é da firmeza. Mou defeito é brincar muito .

(DEPOIS DE CERTAMENTE O PANO TER FEIXADO OU OS DOIS SAIDO DE CENA)

NEUSA - Estou na merda! Estou na merda!

VADO -Que papo careca êêsse?

NEUSA - Você me arriou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.74

DPF DCDP Fls. N.º 30 Rubrica

VADO - Não complica! Larga o ferro e está tudo legal!

(Vado joga a digo, Neusa joga a navalha)

VADO * Assim, bonitinha! É gamada por mim pra que fazer guerra?

VADO (dá-lhe um abraço como se fôsse a despedida)

NEUSA - Vado! ... Vado.... Vado... Vado... Você vai voltar? vo cê vai voltar?.... (Vado sai)

(Sueli fica por algum tempo parada na porta, depois volta, pega um sna,digo, sanduiche de mortadela, senta-se na cama, fica olhando o vazio por algum tepom, digo, tempo, depois, prosaicamente começa a comer o sanduiche....

Fehho o pano

fim

=O=O=O=O=O=O=O=O=O

Taguatinga-DF., 04 de junho de 1969

DCDP
Fls. N.º 82
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.75

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.892, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação — Autorização Nº 139504

PARA SER CENSURADAS

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: UMA JANELA PARA O SOL, O PECADO E A FLOR, BLUE CONCEPTO, NAVALHA NA CARNE

Original de PEDRO BLOCH, EDUARDO CAMPOS e MARVIN L. SELIGA

Música de PLINIO MARCOS

Tradução de JULIO CALDEIRA DA VALTIMA FILHO

No Teatro ..... Cidade .....

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias .....

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de X% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Rio, 28 de Janeiro de 1969

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Confere com o original.
Em. 28 / 1º / 1969.

Escrivão de Polícia
Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 76.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.77

DCDP
Fls. N. 03
Rubrica

Fortaleza, 10 de Dezembro de 1968

Ao Sr. Chefe da Turma de Censura da Policia Federal

Prezado Senhor:

MARIA LUIZA MOREIRA CARNEIRO, abaixo assinada, vem mui respeitosamnete submeter a aprovçao de V. S. a peça de Plinio Marcos "A NAVALHA NA CARNE", da qual está remetteh do, anexo, 3 copias.

Cordiais Saudações

Maria Luiza Carneiro Moreira

Recebi
em 18/12/68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.78

D P F
D. DP
Fls. N.º 32
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Sr. Chefe da Seção de Censura.

MARIA LUIZA MOREIRA CARNEIRO, residente em Fortaleza-CE, enviou para exame dêste SCDP a peça teatral "NAVALHA NA CARNE" de Plínio Marcos.

Navalha na Carne é uma peça que apresenta ao público um problema social seríssimo, o da prostituta, narrado de um modo cru e, às vezes, até mesmo repugnante, pelos têrmos usados por cada ator. É uma peça altamente pornográfica, mas deixa uma mensagem positiva, que é justamente de transmitir o / drama que vivem as prostitutas e a miséria de nossa sociedade. A estória é contada por 3 atores, um Cafetão, uma prostituta e um homossexual.-

Esta peça já foi liberada por êste órgão, no ano p. passado, em cumprimento ao despacho do Exmº Sr. Ministro da Justiça, exarado no Processo nº MJ 5871/67, de 17 de agosto de 1967, que autorizou sua encenação com as seguintes restrições:

a)- PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 21(VINTE E UM) / ANOS;

b)- SUPRESSÃO OU SUBSTITUIÇÃO DAS SEGUINTES PALAVRAS E EXPRESSÕES DO TEXTO: Pag. 03 ..." Fêz ela pegar o es// quentamento da outra"; Pag. 04 Porra; Pag. 06 Porra; Pag. 07 Mineteiro; Pag. 10 Porra; pag. 23 - Só abrir as pernas e faturar; Pag. 24 - Ficou em cima de mim mais de duas horas e Pag. 27 Porra".

Em 22 p. passado, passou a vigir a Lei nº 5536 de 21 de novembro de 1968, que modificou completamente os critérios de censura, devendo a peça "Navalha da Carne", cremos nós, ser liberada agora, com a impropriedade para menores até 18(dezoito) anos com observação no Certificado liberatório de que / trata de uma peça PESADA E ALTAMENTE PORNOGRÁFICA.

Em conversa mantida conosco, um dos membros da Assessoria Jurídica dêste Departamento, nos informou que em sua / opinião, a Lei 5536/68 não poderá ser aplicada ainda, tendo em vista que sua regulamentação não foi editada, até a presente data pelo Executivo. Em nossa opinião particular, isso não quer dizer que estamos querendo questionar aquela informação abalisada, cremos que referida Lei está em plena vigência, tendo revogado tôdas as que com ela colidiram e, se até a presente data não foi feita sua regulamentação, não será por isso que devere-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.79

///...Além disso, gostaríamos de alertar a dígna Chefia, para o caso de se seguirmos a Legislação antiga, o interessado poderá entrar com novo Mandado de Segurança e ganhando, acarretará / ônus para a União.

Assim sendo, à vista do exposto, deixamos à apre-/ ciação de V. Sª. e decisão se expedimos, para êste produtor, com a impropriedade de 21 anos c/ cortes, com base no despacho do Exmº Sr. Ministro da Justiça ou com a de 18 anos sem cortes, baseado na nova Lei de censura.

À consideração superior.

Em, 31/janeiro/69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

Ao Senhor Chefe do SCDP para decisão. Visto o parecer do Chefe da Turma de Teatro.

Em 3/2/69

Em 11 fev 69.
Expeça-se certidão com a impropriedade de 18 anos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.80

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF 33

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 950/69

PEÇA /:::/ NAVALHA NA CARNE /:::-

ORIGINAL DE PLINIO MARCOS

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 12 de FEVEREIRO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Brasília, 12 de FEVEREIRO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P. 0071, P.81

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 30, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ NAVALHA NA CARNE /:::-

Original de PLINIO MARCOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO NOVO DE CULTURA

Tendo sido censurada em 11 de FEVEREIRO de 1969 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS.-

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE É VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.-

Brasília, 12 de FEVEREIRO de 1969

-MANOEL MIRANDA FERREIRA 2
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.82

D P F
D. DB
Fls. N.º 34
Rubrica

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

E. 4/8/69
① Registrar
② Juntar ao Proc.
to. Censura

RUITER JOSÉ DE LIMA, brasileiro solteiro, residente/ nesta cidade à QND 36 Lote 09, Taguatinga_Dº., vem mui respeitosamente requerer a V.Sª., que se digne mandar censurar o "script", da peça teatral "A NAVALHA NA CARNE" de Plínio Marcos, a fim de que a mesma possa ser executada do Público.

N.Têrmos
Pede Deferimento

Brasília_DF., 25 de julho de 1969

RUITER JOSÉ DE LIMA

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 9750
Em 01/08/1969
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.83

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

DPF DCDP Fls. N.º 35 Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação — Autorização Nº 139715

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: A NAVALHA NA CARNE

Original de PLÍNIO MARCOS

Música de —

Tradução de —

No Teatro — Cidade —

Emprêsa — Pela Cia. —

nos dias PARA SER CENSURADA

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

BRASILIA, 14 de Julho de 1969

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.84

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, droma ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P-85

DPF
Fls. N.º 36
Rubrica

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
INSTITUTO NACIONAL DE IDENTIFICAÇÃO

BRASÍLIA, D. F. 13/08/69
Memo. s/nº

DO: Técnico de Censura credenciado nº071
AO: Sr. Chefe da T C T C
ASS.: Comparação de peça (Informa)

Sr. Chefe:

Tendo em vista a devida comparação feita por mim na peça "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plínio Marcos, informo a V.Sa., que não encontrei nenhuma discrepância que venha a modificar o original no conteúdo de sua mensagem.

Esclareço outrossim que a mesma poderá ser encenada com o nôvo script apresentado.

Atenciosamente,

Luzamira Soares Lopes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.86

DPF
DCDP
Fls. N.º 57
Rubrica

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Sr.Chefe da Seção de Censura

RUITER JOSÉ DE LIMA, de Brasília-DF, enviou para exame dêste SCDP a peça teatral " NAVALHA NA CARNE" DE Plinio / Marcos.

A referida obra já foi liberada por êste SCDP, conforme consta em nossos arquivos, Processo 028-TCTC, cópia / do Certificado nº 950/69, válido até 12 de fevereiro de 1974, classificando-a IMPROPRIA PARA MENORES ATÉ 18 ANOS e com a obrigatoriedade de seafixar cartaz junto a bilheteria e em tôda publicidade, de que o texto é P R O NO G R Á F I C O .

A comparação dos escritos, coube a Técnico de Censura credenciada LUZAMIRA SOARES LOPES, que por momorando, anexo, informa-nos serem os escritos idênticos.

Assim sendo, à vista do exposto e de conformidade com o Art.10 da Lei 5536/68, sugerimos que se expeça os certificados requeridos nas mesmas condições, ou seja, IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 ANOS e Linguagem do Texto:- P O R N O - G R Á F I C A . s . m.j.

À consideração superior.

Em, 14/agosto/69.

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

Em 14 Ago 69.
Expedir certificados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.87

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF DCDP 38

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1606/69

PEÇA -/ NAVALHA NA CARNE /-

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P. TEXTO
LINGUAGEM DO TEXTO FOTOGRÁFICA

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 12 de FEVEREIRO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Brasília, 14 de AGOSTO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

ap/

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 51, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - NAVALHA NA CARNE-

LINGUAGEM DO TEXTO: P O R N O G R Á F I C A

Original de PLÍNIO MARCOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de RUITER JOSÉ DE LIMA - BRASÍLIA-DF

Tendo sido censurada em 14 de AGOSTO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÊ 18 (DEZOITO) ANOS :::

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTA Z, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 14 de AGOSTO de 19 69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.88

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.89

DPF
DCDP
Fls. N.º 39
Rubrica

São Paulo, 11 de outubro de 1.969

Exmo. Snr.
Aloysio Muhlethaler de Souza
Chefe do S.C.D.F.
Departamento de Policia Federal
Brasília

Edgard Gurgel Aranha, abaixo-assinado, representante da Sociedade Civil Cultural "Grupo União", vem mui respeitosamente requerer de V.S. a revisão da peça "NAVALHA NA CARNE", de Plínio Marcos, para ser apresentada no Teatro Itália, em São Paulo, a partir de Novembro de 1.969.

De acôrdo com solicitação desse Departamento, estamos anexando duas (2) vias da peça datilografada.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar de V.S. com a máxima urgencia a revisão da peça, e renovamos nossos protestos deadmiração e

P.Deferimento

Edgard Gurgel Aranha

Sociedade Civil Cult. Grupo União.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE S. PAULO
DEP. DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo, 13 de Outubro de 1969
VISTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.90

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — de Paris. —

DPF Fls. N. 40 Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação — Autorização Nº 168238

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "Navalha na Carne"

Original de Plinio Marcos

Música de —

Tradução de —

No Teatro Italia Cidade S. Paulo

Emprêsa Gr. União Pela Cia. —

nos dias Para Censura da Peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de —% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo, 13 de Outubro de 1969

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS — DEP. DE AUTORES TEATRAIS — SUCURSAL DE S. PAULO — VISTO

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007, p.91

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.92

DPF
DCDP
Fls. N.º 41
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º S/Nº
Data 23/10/69

Do: TÉCNICO DE CENSURA CRED. BRASIL
Para: SR. CHEFE DA TCTC
Assunto: REMESSA DE SCRIPST (FAZ)

SENHOR CHEFE,

ATENDENDO A SOLICITAÇÃO DE V.SA. EM ANEXO ESTOU REMETENDO OS SCRIPTS DA PEÇA "NAVALHA NA CARNE" DE AUTORIA DE PLÍNIO MARCOS, INFORMANDO NA OPRTUNIDADE, TRATAR-SE DA MESMA OBRA EMBORA APRESENTE ALGUMAS ALTERAÇÕES DE ÓRDEM GRAMATICAL, SEM CONTUDO ALTERAR O CONTEXTO GERAL DA PEÇA.

SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.93

DPF
DCDP
Fls. N.º 02
Rubrica

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Sr.Chefe da Seção de Censura

A Sociedade Civil Cultural Grupo UNIÃO- SP, enviou para exame dêste SCDP a peça teatral " NAVALHA NA CARNE " de Plinio Marcos.

A referida obra já foi examinada e liberada por êste Órgão, para vários produtores, com Certificados válidos até 12 de FEVEREIRO DE 1974, classificando-a IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 ANOS c/ LINGUAGEM PORNOGRÁFICA.

A comparação dos escritos coube ao Técnico de Censura credenciado SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO, que em memorando anexo, informa-nos que o contexto geral permanece o mesmo.

Assim sendo, à vista do exposto, sugerimos que se defira o presente pedido, emitindo-se os Certificados requeridos naquelas mesmas condições. s.m.j.

À consideração superior.

Em, 23Out69

JOSÉ [illegible] BRAGA
TDTC-SC/SCDP

À consideração do
Senhor Chefe do SCDP.
Em 23/10/69

Em 24/Out/69
Expeça-se

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.94

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. Nº 43
Rubrica

CENSURA FEDERAL
LINGUAGEM DE TEXTO
TEATRO
PORNOGRÁFICA

Certificado Nº 1920/69

D. P. F.

PEÇA * NAVALHA NA CARNE *

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCUS

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 12 de FEVEREIRO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 16 ANOS
ATÉ 18 ANOS
ECP

Brasília, 24 de OUTUBRO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. - ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 1 n fôlha nº 61, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada NAVALHA NA CARNE

LINGUAGEM DO TEXTO: PORNOGRÁFICA

Original de PLINIO MARCUS

Tradução de

Adaptação de

Produção de SOC. CIVIL CULTURAL GRUPO UNIÃO - SÃO PAULO - CAPITAL

Tendo sido censurada em 11 de FEVEREIRO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18(DEZOITO) ANOS .-.-.-. CONDICIONADA AO EXAME DE ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME O § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

ÊSTE CERTIFICADO SÒMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 24 de OUTUBRO de 19 69

JOSÉ SANTAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071 p.95

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 96

DPF
DCDP
Fls. N.º 44
Rubrica

255/TCTC/SCDP
24.10.69.

Chefe do SCDP.
Delegado Regional do DPF/SP
Providências (solicita)

Senhor Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR as seguintes terminações de caráter técnico deste SCDP:

1. assistir ensaio geral das peças:" O MÁQUINO", "A FLOR DA PELE", "O TEATRO BRASILEIRO ATRAVÉS DOS TEMPOS", "ROLETA PAULISTA" e "NAVALHA NA CARNE";

2. enviar a este SCDP minuciosos relatórios a respeito dos espetáculos e;

3. entregar certificados e scripts anexos aos interessados especificados no verso do certificado, somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do ítem dois.

Recebi
DPF
27-10-69

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.97

DPF
DCDP
Fls. N.º 45
Rubrica

ILMO; SENHOR PRESIDENTE
DEPARTAMENTO DE DIVERSÕES PÚBLICAS DA POLICIA FEDERAL
BRASÍLIA - DF

GRUPO TEATRAL AMADOR " WALT DISNEY", com séde em Presidente Prudente, estado de São Paulo, vem mui respeitosamente requerer de V. Excia., se digne conceder o certificado de Censura para a encenação da peça em 1 ato de autoria de Plínio Marcos, " A NAVALHA NA CARNE", para tanto anexa três cópias do texto, acima referido.

N. Têrmos.

P. Deferimentos.

Pres. Prudente, 23 de outubro de 1969

Marcus Granato
Diretor Artístico.

Rua Joaquim Nabuco, 501
Cx 1223 -
Pres. Prudente - Sp

LIBERE-SE, DE ACÔRDO COM PARECERES ANTERIÔRES.

11.11.69

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.98

DPF
DCDP
Fls. N.º 47
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1976/69

PEÇA -:::: NAVALHA NA CARNE ::::-

ORIGINAL DE PLINIO MARCOS

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 12 de FEVEREIRO de 1974

Brasília, 11 de NOVEMBRO de 1969

p/

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J. - D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 62, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ NAVALHA NA CARNE /:::-
- T E X T O C O M A L I N G U A G E M P O R N O G R A F I C A -

Original de PLINIO MARCOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO TEATRAL AMADOR WALT DISNEY PRESIDENTE PRUDENTE - SP.

Tendo sido censurada em 05 de NOVEMBRO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 ANOS.-
- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME § 2º ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.-

Brasília, 11 de NOVEMBRO de 19 69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.99

DPF. SAv. 7034-FFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.100

DPF
DCDP
Fls. N.º 18
Rubrica

288-TCTC
11-11-69

Chefe da SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/SP
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe da TCDP dessa/ DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste Serviço:

1. Assistir ensaio geral da peça " NAVALHA NA CARNE ", de Plinio Marcos;

2. Enviar a este SCDP, relatório minucioso a respeito do espetáculo e,

3. entregar a documentação (scripts e certificados) anexa ao interessado - com nome e endereço constante do verso dos certificados - / sòmente após autorização desta Chefia, via rádio a vista do constante do item dois.

Atenciosamente,

p/ ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.101

GRUPO RAUL PRHYSTON

— Fundado em 3 de outubro de 1966 —

ATIVIDADES

TEATRO — MÚSICA — PALESTRA

Escritório: Teatro Municipal — Sala, 8

CAMPINA GRANDE — PARAÍBA

DPF DCDP Fls. N.º 49 Rubrica

Ilmo. Sr.

Chefe do Departamento de Cençura de Diverções Públicas
Polícia Federal
Brasília _ DF.

O Grupo Raul Prhyston, de Campina Grande, vem mui respeitosamente por meio deste, requerer de V.S., a liberação do texto de Plínio Marcos " NAVALHA NA CARNE ", a fim de ser encenada em Campina Grande nos dias 29 e 30 do corente.

Outrossim: Imformamos que o referido testo, já está autorizado pela SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.). Tendo sido apresentado em nosso estado, na cidade de João Pessoa pelo grupo "BIGORNA" da referida cidade.

Certos de vossa equiescência, antecipadamente agradecemos, e aproveitamos a oportunidade para renovarmos protestos d de elevada estima e concideração.

Cordialmente

GRUPO RAUL PRHYSTON

Campina Grande II de Novembro de 1969

Florismar Gomes de Mello

Florismar Gomes de Mello
Diretor Executivo

Grupo Raul Prhyston
Teatro Municipal
Campina Grande PB.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.102

DPF
Fls. N.º 50
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada a Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Departamento de Censura de Diverções Públicas
Polícia Federal
Edf. do BNDE
BRASILIA - DF.

Presado Senhores-:

Levo ao conhecimento de V.S. que o Grupo Raul Prhyston, nada deve à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Sendo só para o momento, no aguarde de suas presadas Ordens, firmo-me atenciosamente

João Correia de Araujo - Representante da SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.103

DPF
DCDP
Fls. N.º 31
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Do: Téc.Cens.Cred. ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Para: Ch. da TCTC - SCDP

"NAVALHA NA CARNE"

Esta peça já foi liberada várias vêzes por êste órgão de Censura. Sendo seu limite de impropriedade para menores de 18 anos.

Após verificação e comparação, pude constatar inteira identificação do "Script" atual com o já censurado.

Assim, S.M.J., sugerimos que o limite etário continue inalterado.

Eliel José de Sousa
Cart. 067 - Cred.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.104

DPF
DCDP
Fls. N.º 32
Rubrica

Ministério da Justica
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Sr.Chefe da Seção de Censura

O Grupo Raul Prhyston, de Campina Grande-PB, enviou para exame dêste SCDP, a peça teatral " NAVALHA NA CARNE" de Plinio Marcos.

A referida obra já foi liberada por êste Órgão, várias vezes, com Certificados válidos até 12 DE FEVEREIRO DE 1974, CLASSIFICANDO-A IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 ANOS e LINGUAGEM DO TEXTO: PORNOGRÁFICA.

O cotejamento dos escritos coube ao Técnico de Censura credenciado ELIEL JOSÉ DE SOUSA, que por memorando anexo, informa-nos da identidade entre ambos.

Assim sendo, à vista do exposto e, para os efeitos do artigo 10, Lei 5536/68, sugerimos que se expeça os certificados requeridos naquelas mesmas condições. s.m.j.

À consideração superior.

Em, 24NOV69

JOSÉ RAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

A peça foi liberada em outra oportunidade por despacho do Exmo. Senhor Ministro da Justiça.

Em 25/11/69

À TCTC
LIBERE-SE
DE ACÔRDO
COM A LEI

25.11.69

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF DCDP Fls. N.º 33 Rubrica

LINGUAGEM DO TEXTO PORNOGRAFICA

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 2034/69

PEÇA -:::/ NAVALHA NA CARNE /:::-

ORIGINAL DE PLINIO MARCOS BARBOSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0031,P.105

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

VÁLIDO ATÉ 12 de FEVEREIRO de 19 74

Brasília, 25 de NOVEMBRO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. CONSTANCIO MONTEBELLO /SUBSTITUTO

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.106

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 64, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ NAVALHA NA CARNE /:::-

-L I N G U A G E M D O T E X T O P O R N O G R A F I C A-

Original de PLINIO MARCOS BARBOSA

Tradução de

Adaptação de

Produção de O GRUPO RUAL PRHUSTON = CAMPINA GRANDE = PARAIBA.-

Tendo sido censurada em 25 de NOVEMBRO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.-

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OB S. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO [illegible] SCDP.

Brasília, 25 de NOVEMBRO de 19 69

[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.107

318-TCTC
25 - 11 - 69

Chefe do SCDP
Sr.Subdelegado do DPF/PB
Providências (solicita)

Senhor Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa SDR, as seguintes determinações de caráter técnico deste // Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça " NAVALHA NA CARNE ", autoria de Plinio Marcos Barbosa;
2. enviar a êste SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar scripts e certificados anexos ao interessado - qualificado no verso do certificado - sòmente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do ítem dois.

Atenciosamente,

CONSTANCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP/SUBSTIT.

Recebi o original
20/11/69

Rubrica
DPF DCDP Fls. Nº 32

ARTISTAS UNIDOS
TEATRO DE AMADORES UNIDOS

Presidente — JESIEL MACIEL FIGUEIRÊDO
Rua Princesa Isabel, 743 — Cidade Alta
NATAL — RN

DPF
DCDP
Fls. N.º 55
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.108

Ao Ilmo Sr
Aloysio Muhlethler de Sousa
Chefe do SCDP / BRASILIA

Jesiel Maciel de Figueirêdo, presidente do Teatro de Amadores Unidos, sociedade sediada no Teatro Alberto Maranhão/Natal/Rn, vem mui respeitosamente solicitar de V.S. A Liberação Da Censura Federal, para a peça A NAVALHA NA CARNE, de Plínio Marcos. a ser encenada no prõximo ano de 1970, no Teatro acima citado, estando enviando para tal, a peça copiada em três vias datilografadas e correspondente Atestado DE QUITAÇÃO da SBAT.

Sem mais assunto para o momento, poms-nos ao inteiro dispôr, de V.S. e dêste Departamento de Censura Federal, para quaisquer esclarecimentos posteriores que se fizerem necessários.

Nestes têrmos,
P. deferimento.

Jesiel Maciel de Figueirêdo / Presidente

Natal 5/dezembro/69

ARTISTAS UNIDOS
TEATRO DE AMADORES UNIDOS
Presidente — JESIEL MACIEL FIGUEIRÊDO
Rua Princesa Isabel, 743 — Cidade Alta
NATAL — RN

DPF
DCDP
Fls. N. 56
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.109

Ao Ilmo Sr
Aloysio Muhlethler de Sousa
Chefe do SCDP / BRASILIA

Jesiel Maciel de Figueirêdo, presidente do Teatro de Amadores Unidos, sociedade sediada no Teatro Alberto Maranhão/Natal/Rn, vem mui respeitosamente solicitar de V.S. A Libração Da Censura Federal, para a peça A NAVALHA NA CARNE, de Plínio Marcos. a ser encenada no próximo ano de 1970, no Teatro acima citado, estando enviando para tal, a peça copiada em três vias datilografadas e correspondente Atestado DE QUITAÇÃO da SBAT.

Sem mais assunto para o momento, poemo-nos ao inteiro dispôr, de V.S. e dêste Departamento de Censura Federal, para quaisquer esclarecimentos posteriores que se fizerem necessários.

Nestes têrmos,
P. deferimento.

Jesiel Maciel de Figueirêdo / Presidente

Natal, 5/dezembro/1968

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.110

DPF
DCDP
37
8
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação — Autorização Nº 209599

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

NAVALHA NA CARNE

Original de PLINIO MARCOS

Música de

Tradução de

No Teatro ALBERTO MARANHÃO Cidade NATAL

nos dias do mês de março de 1978

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

% da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr$ 19,20 por espetáculo, obrigando-se

a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

Natal,

(pela SBAT)

A 1ª via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.111

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n. 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções ai realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de [illegible]

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realisarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 [illegible]ço de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

LINGUAGEM DO TEXTO
PORNOGRÁFICA

CENSURA FEDERAL

TEATRO

D. P. F. — Divisões e Costumes — Serv. de Censura

Certificado Nº 2136/69

PEÇA -!!!/ NAVALHA NA CARNE /!!!-

ORIGINAL DE PLINIO MARCOS BARBOSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.112

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 12 de FEVEREIRO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Brasília, 22 de DEZEMBRO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.113

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 67, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ NAVALHA NA CARNE /:::- - T E X T O P O R N O G R A F I C O -

Original de PLINIO MARCOS BARBOSA

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO DE AMADORES UNIDOS - RIO GRANDE NORTE - NATAL

Tendo sido censurada em 16 de DEZEMBRO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.- - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 22 de DEZEMBRO de 1969

RUBENS GARIGAN PINTO

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.114

DPF
DCDP
Fls. Nº 60
Rubrica

366-TCTC
22 - 12 - 69

Chefe do SCDP
Sr.Subdelegado Regional do DPF/RN
Providências (solicita)

Sr.Subdelegado,

Solicito vossas providências no sentido de que seja m cumpridas pela TCDP dessa SDR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça teatral " NAVALHA / NA CARNE " autoria de Plinio Marcos;
2. enviar a este SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar certificados e scripts anexo ao interessado com nome e endereço nos versos dos certificados somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do ítem dois.

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007.P.115

POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL
DSG – SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

DEP. FEDERAL SEG. PÚBLICA
SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO
SETOR – CENTRO DE MENSA
Carimbo da Estação e Data
Recebido 12/262 Hr. 9
Encaminhado / / Hr.

DE: RIO GB NR. 728 PLS. 108 DT. 11/7 HR. 19,35 AS-

RECEBIDO DE: P – 4 ÀS 08,00 POR LR/VR

Endereço

CORONEL NEWTON BRAGA – DIRETOR DOPS DPF
BRASILIA DF

ADOPS
Pr. 131 Jul/67

Texto e Assinatura

NR. 194 DE 11/7/67 PT SOLICITO INFORMAR GENERAL JUVENCIO / / / QUE GRUPO UNIÃO TRATA-SE VERDADEIRAMENTE GRUPO OPINIÃO VG COMPOEM- SE SEGUINTES ELEMENTOS PT DENOY DE OLIVEIRA VG JOÃO DAS NEVES VG FERREIRA GOULART VG TEREZA ARAGÃO ET PICHIM PLA VG CONHECIDOS TENDENCIA ESQUERDISTA PT QUANTO ENCENAÇÃO PEÇA ASPAS NAVALHA NA CARNE ASPAS VG POR INICIATIVA MUSEU IMAGEM ET SOM VG MESMOS AUTORES TENTARAM REPRESENTA-LA SÃO PAULO PRETENDEM FAZE-LO AGORA GUANABARA PT AQUELE GRUPO APENAS CEDEU SEU TEATRO SITO RUA SIQUEIRA CAMPOS NR. 143 VG CONSTANDO HAVERAH ENSAIO OU REPRESENTAÇÃO PROXIMO DIA 17 PT GEN. LUIZ CARLOS REIS DE FRETAS DELEGADO REGIONAL DR/GB

Departamento de Imprensa Nacional – 22.395

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071.P.116

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DSG – SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

DEP. FEDERAL SEG. PÚBLICA
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
SETOR – CENTRO DE MENSAGENS
Recebido 13/07/67 Hr. 17 Carimbo da Estação e Data
Encaminhado - / / Hr - 14,10
AS - 1930
Edvo

DE: RIO GB NR. 737 PLS. 105 DT. 12 HR.

RECEBIDO DE: P-4 AS 1240 POR JY/EZ

Endereço

CEL NEWTON BRAGA = DIR. DOPS BRASILIA DF

Gen Juvencio

Texto e Assinatura

NR 199/DE 12/7/67 SOLICITO INFORMAR GENERAL JUVENCIO VG DIRETOR PS/DPF VG COMPLEMENTO MEU RADIO 194 VG DE 11/7/67 VGFUNDACAO VIEIRA FAZENDA INTERMEDIO MEMBROS CONSELHO EXECUTIVO TEATRO PT YAN MICHASL KY VG FAUSTO WOLFF JOAO BETHANCOURT VG MARIA CLARA MACHADO VG MARTIO GONCALVES ET WALMIR AYALA ET RICARDO CRAVO ALBIN VG DIRETOR EXECUTIVO MUSEU IMAGEM ET SOM VG CONVIDAM APRESENTACAO UNICA ET ESPECIAL PEÇA A SPA$ NA VALBA NA CARNE ASPAS REALIZAR A SEGUNDA FEIRA (DIA 17) AS 21 HORAS VG TEATRO OPINIAO VG CUJO EXEMPLAR CONVITE REMETEREI MALOTE SEGUIRAH AMANHAN PT

GEN LUIZ CARLOS REIS DE FREITAS

CFM: ASPAS NAVALHA NA CARNE ASPAS)

DPF-SAv. 7023

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0031,P.117

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÙBLICA
DELEGACIA REGIONAL - GB

Em, 13 de julho de 1967 MEMORANDO Nº 54

Senhor Coronel:

Complementando o rádio nº 199 de 12/7/67, desta DR, segue em anexo, um exemplar do convite da Fundação Vieira Fa - zenda, para a apresentação da peça "A NAVALHA NA CARNE", citada no rádio acima referido.

Solicito a V.Excia. fazer chegar o mesmo às mãos do Diretor da Polícia de Segurança, Gal.Juvêncio Façanha Guedes.

Atenciosas saudações

DARCY DE ABREU FAVA SARAIVA
Chefe do Gabinete

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.118

FUNDAÇÃO VIEIRA FAZENDA

YAN MICHASLSKY
FAUSTO WOLFF
JOÃO BETHANCOURT
MARIA CLARA MACHADO
MARTIM GONÇALVES
WALMIR AYALA,

membros do Conselho Executivo de Teatro, e
RICARDO CRAVO ALBIN, diretor-executivo do Museu da Imagem e do Som,

C O N V I D A M

para a apresentação única e especial da peça de Plínio Marcos "A NAVALHA NA CARNE", a realizar-se na próxima segunda-feira, dia 17 às 21:00 horas no " Teatro Opinião" à Rua Siqueira Campos

PS. Acredite V. que o seu nome foi incluido numa relação fechadíssima de pessoas gratas. Por essa razão, se vôcê não puder mesmo vir assistir a essa única apresentação da peça proibida do autor do momento, por favor telefone para o nº e permita, dessa maneira, que outra pessoa possa vir.

VALE DUAS (2) ENTRADAS

É absolutamente necessária a apresentação dêste convite na portaria.

DPF DCDP Fls. N.º 85 Rubrica

P-28

S. P. – D.
PROTOCOLO N. 366
Entrada em 13 / 7 / 67
Funcionário
Saída em / /
Funcionário
DPF
DCDP
Fls. N.º 66
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

OFÍCIO Nº 350/67-SCDP. Em Brasília, 12 de julho de 1967.

Do : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao : Diretor da Polícia Federal de Segurança

Assunto : Comunicação (faz)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.119

Senhor Diretor,

Chegou ao conhecimento desta Chefia, através telefonema de São Paulo, que o Grupo União pretende levar, em recinto fechado, a peça "NAVALHA NA CARNE", interditada pelo Senhor Diretor Geral.

2. Para que as medidas cabíveis possam ser tomadas, s meto a matéria à elevada decisão de Vossa Excelência.

Renovo, na oportunidade, os protestos de elevada estima e distinto aprêço.

Cel. NEWTON BRAGA TEIXEIRA
Respondendo pelo S.C.D.P.

Exmo. Sr.
Gen. JUVÊNCIO FAÇANHA GUEDES DOS REIS
DD. Diretor da Polícia Federal de Segurança

N E S T A

SRA.ª DA. - D. F. S. P.

RECEBI em 14/06/1967 AS 11 HS.

ASS. Lívia

CHEFE DA SEÇÃO DE RECEBIMENTO E EXPEDIÇÃO

D.F.S.P. 016523 14 JUN 67

DPF DCPR Fls. N.º 67 Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO

Rua Piauí, 527

Ofº.nº. 314/67-GAB — Em 1º de junho de 1967.

Do Delegado Regional do DPF/SP

Ao Exmo.Sr. Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal.

Assunto: documentação para censura (encaminha).

À SCDP
para estudar
Br. 12/Jun/67

A/DPFS.
Em 9/6/67
Portaria

Senhor Diretor-Geral

Encaminho a Vossa Excelência a documentação anexa, com o seguinte parecer:

Plínio Marcos de Barros, autor teatral, teve sua peça "A NAVALHA NA CARNE", que estava programada para ser exibida no Auditório Itália, nesta Capital, a partir de 1º do corrente, proibida pelo parecer de três (3) dos censores da Turma de Censura de Diversões Públicas desta Regional, sob a alegação de que a obra é pornográfica e subversiva.

O autor, por seu advogado, recorreu - dessa decisão à Turma de Censura de Diversões Públicas e ao Delegado Regional, propondo-se a levar a peça à cena - pois esta havia sido censurada nos originais, para melhor exame dos senhores censores e do Delegado Regional e membros de seu Gabinete, "A NAVALHA - NA CARNE" foi encenada ôntem, 31 de maio, em sessão especial para a Censura, no Auditório Itália.

Com o devido respeito ao parecer dos nossos censores, achamos que a peça em questão não é pornográfica- e nem encerra mensagem subversiva.- É verdade que apresenta um aspecto sórdido da vida.- Seus personagens são: uma prostituta, um caften e um homossexual.- As cenas se passam numa pensão reles.- O

segue ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.120

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.121

DPF
DCDP
Fls. N.º 68
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO
Rua Piauí, 527

O linguajar é grosseiro e pesado, o do próprio meio.- No entanto, comtém mensagem de fundo social.- É um grito a favor dos que vivem nas grandes cidades, no sub-mundo do vício e do crime.- É o teatro cruel, dentro da corrente realista, que ensaia os primeiros passos entre nós.- A gíria, o jargão e os palavrões tantas vêzes repetidos, retratam a degradação humana de sêres cuja existência a sociedade procura ignorar, como se nessa atitude estivesse a solução para os dolorosos problemas que a peça focaliza.

Consideramos também, que o teatro atinge limitado e seleto público, constituido de jovens universitários ou de pessoas de mais idade, com personalidade já definida, lastreada em formação moral e cultural, desenvolvidas.

Pelo expôsto, somos pela liberação da peça teatral "A NAVALHA NA CARNE", submetendo, no entanto, o recurso apresentado pelo autor e o original da peça, à alta apreciação de Vossa Excelência, que julgará da conveniência ou não de sua liberação, para maiores de 18 (dezoito) anos.

Aproveito a oportunidade, para renovar a Vossa Excelência, os protestos de elevada estima e consideração.

Silvio Corrêa Andrade

General Ref. SILVIO CORRÊA DE ANDRADE
Delegado Regional.

Ao Excelentíssimo
Coronel FLORIMAR CAMPELLO
Digníssimo Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal

ANEXO AO of 314/67-GAB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.122

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

DPF
DCDP
Fls. N.º 69
Rubrica

EXº. SR. GENERAL SILVIO CORRÊA DE ANDRADE, DELEGADO REGIONAL DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO .

Junte-se ao processo.
Sr. C. Andrade
5-6-67

PLÍNIO MARCOS DE BARROS, brasileiro, casado, autor teatral, residente e domiciliado nesta Capital à R. General Jardim, nº266, apt.31, por seu patrono e bastante procurador, que esta subscreve, Dr. Álvaro Villaça Azevedo, vem, respeitosamente, expor e a final requerer o seguinte :

1.- Plínio Marcos, requerente, autor da peça teatral "A Navalha na Carne", que foi censurada sob ser pornográfica e subversiva, ingressou com o competente recurso de "Reconsideração de Censura" em 16 de maio de 1967, cujo inteiro teor, em cópia, anexa a êste requerimento.

2.- O Departamento Federal de Censura, diante do recurso apontado, por sua Chefe, D.a Judith de Castro Lima, nomeou 5 (cinco) Censores para rever referida peça, os quais chegaram a conclusão unânime idêntica à decisão recorrida, no sentido de que a peça é pornográfica e subversiva.

3.- Acontece que Plínio Marcos, consoante se demonstra pelo pedido de Reconsideração referido, é, no mundo, um dos representantes dessa Escola Teatral, sendo o único no Brasil, tendo, mesmo, recebido propostas para que suas peças sejam traduzidas e levadas no exterior, como na Alemanha, França, Itália, Argentina e outros países.

Tanto que Paulo Autran o considera como "um autor internacional, chocante, estimulante, concientizador e altamente moral, da categoria dos melhores autores recentemente surgidos no mundo".

4.- Plínio Marcos, juntamente com seu procurador abaixo assinado e um grupo de artistas, procurou

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.123

DPF DCDP Fls. N.º 170 Rubrica

a Censura e pediu lhe fosse dada a oportunidade de dialogar com os Censores após fosse a mesma a êles apresentada, ao que houve recusa.

5.- Diante dessa atitude premeditada - e sem fundamento, que só demonstra temor de enfrentar os fatos - da vida, não admissível em um órgão julgador, êsse grupo dirigiu-se a V.Ex.a e encontrou a boa vontade, a compreensão e a coragem necessárias à tomada de uma posição relativamente à peça mencionada.

Dignou-se, assim, V.Ex.a de assistir, pessoalmente, a peça no Auditório Itália, nesta Capital, em companhia de seus assessôres de gabinete e de dois dos Censores, - Srs. Geraldo Russomanô e Daniel Augusto Machado Neto, presente, ainda, D.a Judith de Catro Lima, Chefe do Departamento Federal - de Censura em São Paulo.

6.- Dêsse diálogo, sempre necessário nos regimes democráticos, V.Ex.a, e tenho certo os que assistiram ao espetáculo, pôde reconhecer o indiscutível trabalho de - arte dêsse nosso notável autor teatral, Plínio Marcos, conhecido no Brasil e internacionalmente, por seus méritos e valôres artísticos.

7.- Plínio Marcos, tomando conhecimento do Parecer de V.Ex.a, amplamente divulgado pela Imprensa e - Televisão, no sentido de reconhecer os méritos de seu trabalho - de arte, destituido das manchas apontadas: "pornográfica" e " - subversiva", por seu patrono, dirige-se a V.Ex.a para, antes, - cumprimentá-lo por essa honesta e corajosa tomada de posição, em prol da arte brasileira, dando o primeiro passo à liberação dêsse trabalho artístico tão aguardado por nossa elite cultural e - pela Imprensa, que vê nêle uma obra já premiada pelos requisitos que contém.

O requerente tem receio de que o seu pedido de "Reconsideração de Censura" não tenha sido exibido a - V.Ex.a, juntamente, com a prova a êle anexada, em face do que , "ex positis" requer seja êle encaminhado ao conhecimento de V. - V.Ex.a, através da cópia anexa do inteiro teor do original apresentado ao Departamento Federal de Censura.

Nestes têrmos, por ser de direito, antes do encaminhamento do Parecer de V.Ex.a ao Cel. Florimar Campello, com as demais comprovações, requer, ainda, seja êste pedido, com as razões anexas, a êle juntadas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071 P.124

Fls. N.º 71
Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

Do despacho de V.Ex.a
Espera Receber Mercê.

São Paulo, 2 de junho de 1967.-

p.p.

O.A.B.-S.P.-13 595.-

Prof. Dr. Álvaro Villaça Azevedo .-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.125

DPF
DCDP
Fls. N.º 72
Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

ILMO. SR. CHEFE DO DEPARTAMENTO FEDERAL DE CENSURA .

PLÍNIO MARCOS DE BARROS, brasileiro, casado, autor teatral, residente e domiciliado nesta Capital à R. General Jardim, nº266, apt.31, por seu patrono e bastante procurador, que esta subscreve, Doc.I, tendo sido censurada sua peça "A NAVALHA NA CARNE", não se conformando com a r. decisão, vem, respeitosamente, à presença de V.Sa. requerer

RECONSIDERAÇÃO DE CENSURA,

por esta e melhor forma de direito, na forma das razões anexas, sendo certo que a esta se anexam, ainda, todo o inteiro teor dos depoimentos referidos no contexto das razões, cujos originais são de próprio punho dos depoentes e com firmas reconhecidas.

Requer, ainda, a possibilidade de exibir todo êsse corpo probatório, quando assim fôr determinado por V.Sa.

Nestes têrmos, por ser de direito e justiça, do despacho de V.Sa.

Espera Receber Mercê.

São Paulo, 15 de maio de 1967

p.p.

O.A.B.-S.P.-13 595.-

Prof. Dr. Álvaro Villaça Azevedo.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.126

DPF DCDP Fls. N.º 73 Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

RAZÕES AO PEDIDO DE
RECONSIDERAÇÃO DE CENSURA

É de, inicialmente, repelir-se aidéia segundo a qual deva ser proibida a peça "A NAVALHA NA CARNE" sob taxação de pornográfica e subversiva.

Muito ao contrário é o que ocorre, pois ela, indiscutìvelmente, é uma obra de arte, umretrato vivo de dolerosos aspectos do sub mundo.

Seu cenário mostra "um sórdido quarto de - quinta classe...", simples,sem muitos sonhos e cheio de tristezas.

A peça "sub examine" nos aponta a intervivência de ontem, de uma prostituta e de um homossexual.

O drama se desenrola entre êles num clima - realista, desumano, onde impera o vício e o baixo palavreado, sendo certo que o Autor soube, com fidelidade, fixar cada problema em seu devido lugar, entrelaçando-os numa continuidade de perfeita compreensão e de acentuadas peculiaridades.

Uma coisa é reprovar-se a vida dos personagens no mundo real, outra coisa é o trabalho artístico, que não pode mentir, sob pena de não ser verdadeiro e sério.

Se êsses problemas sociais existem, devem de sanar-se, sendo a peça umaverdadeira mensagem construtiva nesse sentido.

2.- Censurada a peça dePlínio Marcos, por - convites especiais, reuniu-se,no local de ensaio de uma das Casas Teatrais de São Paulo, um grupo expressivodo mundo artístico nacional, na maior parte intelectuais e elementos ligados diretamente ao Teatro, que ouviram a leitura dapeça feita pelos seus - atores: Paulo Villaça, como Wado; Ruthinéa de Moraes, como Neusa Suely e Edgard Gurgel Aranha,como Veludo.

Essa leitura foi, pelos presentes, interrompida,várias vêzes, sob manifestação maciça de aplausos, terminan

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0091 P.127

DPF DCDP Fls. N.º 74 Rubrica

terminando em verdadeira consagração, tendo, sem exceção, os presentes tomado a iniciativa de formularem, por escrito, suas críticas à peça, tôdas favoráveis, aliás, amplamente, divulgadas pela imprensa, que, também, não vê com bons olhos a censura dêsse trabalho de arte.

Dentre os presentes encontravam-se - Décio de Almeida Prado, Alfredo Mesquita, Paulo Autran, Cacilda - Becker, Walmor Chagas, Sábato Magaldi, Anatol Rosenfeld, José Celso Martinez Corrêa, João Apolinário, Roberto Freire, João Marschner, Maria Tereza Vargas, Gianfrancesco Guarnieri, Lauro Cesar Muniz, Altair Lima, Hilton Viana, Carlos Murtinho, Gilson Barbosa, Dina Sfat, além de outras personalidades do mundo artístico.

Resumiremos alguns dosdepoimentos - prestados por êsse expressivo juri.

DÉCIO DE ALMEIDA PRADO, Crítico do "O Estado de São Paulo", Presidente da Comissão Estadual de Teatro, - Professor da Universidade se São Paulo e ex-Présidente da Associação Paulista de Críticos Teatrais, dentre outras coisas, lamenta - "que exista a realidade humana" pela peça tratada, mas acrescenta "não vejo como se possa negar à arte o direito de reproduzir os - fatos psicológicos ou sociais tais como êles são, inclusive quando desagradáveis ou abjetos. Quanto à linguagem, fortíssima sem dúvida, faz ela parte integrante dêste universo; se a abrandássemos, já estaríamos traindo aquêle intúito de inteira fidelidade - ao real, que norteou o escritor."

Por seu turno, ALFREDO MESQUITA, Fundador, Professor e Diretor da Escola de Arte Dramática de São Paulo, depõe: "Sou terminantemente contra a censura. Basta isso: - num país como o nosso, onde Dercy Gonçalves - paranão falar dos - chamados teatros de revistas, com seus "enxutos" e streep-tease" apresenta, impunemente, pseudo-espetáculos pornográficos e deprimentes, querem, agora, proibir a apresentação de "A Navalha na - Carne" de Plínio Marcos, sob pretexto de que a linguagem é "for-= te" demais, quando é essa mesma linguagem que o teatro do nôvo e prometedor autor tem, a meu ver, de mais forte, rico, original, - de mais autêntico, em suma".

PAULO AUTRAN, o consagrado ator brasileiro, premiado, muitas vêzes, internacionalmente, explica que "o extraordinário, muitas, digo, sucesso de Edward Albee, com a - sua violenta "Quem tem mêdo de Virgínia Woolf", mostra que a Platéia moderna é perfeitamente capaz de aguentar verdades. A consideração mundial por Jean Genet é outra prova de que o tempo em que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.128

Fls. N.º 75
Rubrica

na França se mudava o final de Otelo de Shakespeare, porque poderia "chocar" os espectadores, já vai muito longe. Querer proibir um texto da categoria de "A Navalha na Carne" é indício de retrocesso cultural, de incapacidade de entender o mundo de hoje." Finalizando, obtempera êsse grande ator: "Lendo a peça, tivemos a - nítida impressão de travar conhecimento com um autor internacio-= nal, chocante, estimulante, concientizador e altamente moral, da - categoria dos melhores autôres recentemente surgidos no mundo."

CACILDA BECKER e WALMOR CHAGAS, atô-= res consagrados e premiados internacionalmente, o segundo, também Diretor Premiado, prestam seu depoimento conjunto: "A Censura, ao proibir "A Navalha na Carne" de Plínio Marcos, proibe a existêm-= cia e o desenvolvimento do próprio Teatro Brasileiro. Não tere-= mos um Teatro enquanto não tivermos autôres; um autor só se desenvolve vendo seu teatro representado...E impedir um jovem autor, - de talento comprovado como é Plínio Marcos, é atrasar o nosso movimento teatral , é impedir, em última análise, o desenvolvimento da nossa própria cultura. A peça parece forte? Tem muitos pala-= vrões? Limite-se a sua assistência aos maiores de idade. Proibir a sua representação é tirar de nós atores, diretôres, gente de - teatro enfim, o nosso material de trabalho, os autôres. Repudiamos o gesto da censura e pedimos, em nome da liberdade de expressão de pensamento, a liberação de "A Navalha na Carne"."

SÁBATO MAGALDI, Crítico Teatral do - Jornal da Tarde, ensaista premiado, Professor da Escola de Arte - Dramática de São Paulo, Diretor e Organizador da Coleção Teatro - Universal da Editôra Brasiliense, pondera que "A Navalhana Carne" é uma obra de arte. As palavras de baixo calão, utilizadas nela, são necessárias, porque participam da caracterização dos personagens. São tão pronunciadas na peça que atingem uma verdadeira - inocência. O que ficaudo texto não é a pornografia, porque a pornografia só existe quando há gratuidade e desejo infantil de chocar, mas uma imensa tristeza, nascida do cotidiano dessas figuras marginalizadas pela existência, digo, pela sociedade. A personagem feminina chega a duvidar se são gente, e essa é a reflesão - moral, que serve como juízo definitivo da elevada ética de "A Navalha na Carne."

ANATOL ROSENFELD, ensaista, crítico - de arte, Professor Universitário e da Escola de Arte Dramática de São Paulo, jornalista, ex-membro da Comissão Julgadora do Concurso Nacional de Peças de Teatro, promovido pelo Serviço Nacional - de Teatro do Ministério da Educação, afirma: "Parece-me que a -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, p.129

DPF
DCDP
Fls. N.º 76
Rubrica

a peça "A Navalha na Carne" é um depoimento profundamente humano sôbre certa situação social reproduzida com extrema veracidade. Ilumina agudamente a degradação da pessoa nas condições apresentadas. A linguagem extremamente violenta e chocante condiz com precisão com a sua situação descrita. Não pode, por isso mesmo, ser abrandada. A função, além disso é precisamente a de chocar o público, apelando à sua consciência."

JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA, empresário, autor premiado, um dos Diretôres mais premiados do país, que foi convidado a integrar a Comissão Julgadora do Concurso Nacional de Peças do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação, consagrado nacional e internacionalmente, presta seu valioso depoimento, segundo o qual "A linguagem dita pornográfica é, pelo contrário, extremamente humana, poética, teatral e de grande qualidade literária e expressiva. Não pode chocar a espectador em hipótese alguma, exatamente pela sua repetição. Ela é a língua, o dialeto dos personagens e, na peça, elas têm um significado que transcende sua significação de dicionário. Pornográfica seria, neste contexto, uma palavra branda qualquer - seria o próprio cinismo. A peça é obra de arte e ficará quer se queira ou não como uma contribuição à literatura brasileira. A obra já existe e privar o público da mesma é uma atitude de querer esconder que êsse dialeto se fala em português e é transparente a uma realidade que existe, e que, por incrível que pareça, é uma realidade... humana."

JOÃO APOLINÁRIO, crítico teatral do Jornal Última Hora, conferencista, poeta e tradutor, dentre outras coisas, menciona que a peça de Plínio Marcos, "A Navalha na Carne" é, indiscutìvelmente, uma obra de arte." Acrescenta, ainda, êsse consagrado crítico que "É absurdo classificar uma obra de arte de pornográfica. Mais absurdo, ainda, classificá-la de subversiva, quando mela, apenas, existem valôres humanos em conflito com a sociedade que os gerou."

ROBERTO FREIRE, dramaturgo, psicólogo, médico, escritore jornalista, assim se manifesta: "Conheço a obra de Plínio Marcos. Trata-se de mais nôvo e mais importante escritor de Teatro atualmente no Brasil. Aliás a crítica especializada já opinou a êsse respeito, depois da estréia de "Dois perdidos numa niote suja". Quanto à "Navalha na Carne", considero-a criação ainda mais importante e vigorosa. Ambas refletem bem a posição cultural de sua geração: beleza, violência e verdade. O alto sentido humano de suas peças alia-se a umasensibili-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.130

DPF DCDP Fls. N.º 77 Rubrica

dade sensibilidade poética viril e a rigorosa análise sociológica. Os temas da prostituição e da homossexualidade abortados em "A Navalha na Carne" são problemas graves em nosso país; todos nós os conhecemos e com êles nos preocupamos, independentemente da vontade da censura. Porque estão nas ruas, nas casas, declarados ou potencialmente prontos pra explodirem. Precisamos cuidá-los, atenuá-los, impedi-los. Precisamos...., mas censurá-los é tão ridículo como confinar as prostitutas e prender os homossexuais. "A Navalha na Carne" deve ser liberada para adultos, ou não serão adultos os maiores de dezoito anos no Brasil, além dos censores. Pessoalmente não aceito o infantilismo porposto, como cidadão, autor, psicólogo e cristão."

JOÃO MARSCHNER, crítico teatral do Jornal Estado de São Paulo, faz depoimento que merece transcrição integral: "A Navalha na Carne" de Plínio Marcos não nos parece um texto teâtral do qual se faça um espetáculo para as almas pudicas ou as ditas "delicadas". Mas também o nosso mundo não nos parece um pouco seguro para essas almas. A peça poderia ser chamada de "pornografica" no sentido que dá o dicionário à palavra: "tratado acêrca da prostituição". Não chegando a ser tratado, seria um interessante capítulo de alguma obra que sôbre o assunto se escrevesse. É também obscena e mais uma vez recorremos ao dicionário para dar às palavras o seu sentido exato: "obsceno que fere o pudor". Nós homens somos assim mesmo; obscenos e pornográficos, assim como somos altruísticos e filantrópicos. Não tivéssemos sido expulsos do Éden, não carregaríamos conosco os males, mas também nã teríamos provado o fruto do conhecimento. Descrevendo um retalho obsceno e pornográfico de nossa história social contemporânea, Plínio Marcos o faz por meio de personagens gujo linguajar é obsceno e pornográfico; uma prostituta, um proxeneta e um pederasta. Poderia descrever o mesmo retalho usando de um eufemismo e colocando o tema da peça em discussão entre um religioso, um filósofo, um censor, e obtêr até mesmo um bom texto teatral. O que não poderia é dar ao religioso, ao filósofo, ao censor, o linguajar da prostituta, do proxeneta, do pederasta. Como as pederasta, ao proxeneta, à prostituta, não pode dar o linguajar do censor, do filósofo, do religioso. Por êsse sumaríssimo "organum"do teatro realista, cremos ter deixado bem clara a noção da "imoralidade" na obra de arte, que só pode ser medida em têrmos de autêntico e inautêntico. Qualquer afirmativa de que seja "A Navalha na Carne" de Plínio Marcos um texto atentatório à moral pública só pode ser atribuida à ingenuidade de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.131

DPF DCDP Fls. N.º 178 Rubrica

ingenuidade de quem a faz ou à sua superficialidade no exame da matéria intelectual, ou, ainda, à pura e simples hipocrisia. - Pois que, com sua peça, o jovem autor se revela um dos mais ferrenhos moralistas praticantes em linguagem teatral."

MARIA TEREZA VARGAS, Professôra e Secretária Geral da Escola de Arte Dramática, ex Delegada do Serviço Nacional de Teatro em São Paulo, opina que "A Navalha na Carne" não é uma seqüência gratúita de palavrões, mas o trabalho de um poeta autêntico, cuja qualidade consiste justamente em ter alinhavado essas palavras (ditas de sub mundo) e elevá-las a uma fórmula de expressão, única permitida ao diálogo do desamor. Que palavras senão essas restariam àquêles que se detestam...? E, - continua Maria Tereza Vargas, "Demais a mais, sendo o teatro atu atualmente (devido a razões que não nos cabe no momento julgar) uma arte pouco popular, não cremos que seja preciso "vigiar" para que espíritos pouco formados venham assistir tal peça. A platéia dêsse grupo é específica, formada por estudantes (em sua - maioria universitários) ou então por público suficientemente formado, adulto, com plena capacidade de julgamento."

GIANFRANCESCO GUARNIERI, empresário, autor e ator, diversas vêzes premiado, nacional e internacionalmente, é de parecer que "A Navalha na Carne" peça de Plínio Marcos é um documento. A Sociedade não pode têmer documentos sôbre sua época. Êles são necessários à coletividade. Além do aspecto documental, Plínio alcança um invejável nível de comunicação artística. Êsses são motivos que tornam aberrante a proibição da censura."

LAURO CESAR MUNIZ, dramaturgo, premiado, autor de roteiros de cinema e televisão, também, é pela - liberação da peça em tela, sendo suas estas expressões: "Peça - excelente com a amplitude artística e de levantamento sócio-cultural."

ALTAIR LIMA, empresário e ator, no mesmo sentido, reputa excelente o trabalho de Plínio Marcos, entendendo que êle "retrata, com muita clareza e autenticidade, todo o problema de um grupo condicionado à "engrenagem" social."

CARLOS MURTINHO, Diretor Teatral, - refere que "A peça "A Navalha na Carne", de Plínio Marcos, foi taxada de imoral pela Censura Federal. Independentemente de seus valôres, qualidades ou defeitos, realmente imoral parece-me a interdição ou a mutilação de uma obra de arte. O problema transcende ao texto em questão e exige, de uma vez por tôdas, uma aná

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.132

DPF DCDP Fls. N.º 79 Rubrica

séria e um movimento de recusa total contra a imoralidade da própria Censura."

HILTON VIANA, crítico, jornalista e cronista de Teatro, membro dos Jograis de São Paulo, reafirma os depoimentos anteriores, dizendo: "vida está aí, cheia de dôres, angústias e desespêros. As prostitutas, os pederastas e os rufiões (personagens de "A Navalha na Carne"), fazem parte dela. A peça de Plínio Marcos conta a estória dessa gente, com suas dôres e seu linguajar característicos. Outros grandes autôres também já contaram. Albee é a prova. Uma vez que Plínio conta estória de gente, sua peça deve ser liberada. É um direito de expressão artística."

GILSON BARBOSA, artista,plástico, entende, também, que a peça "é uma autêntica obra de arte e por isso deve ir a público", corroborando a atriz DINA SFAT, interpretando sentimento geral da classe e de quantos lidam com a Arte e Cultura, que se trata de "excelente peça...."

A se referirem mais depoimentos, teríamos de repisar a matéria já exposta, uma vez que, ante a evidente ilegalidade da proibição, é uníssona a opinião dos entendidos, de arte e teatro,no sentido de lamentar que se proíba o público de assistir peça de tantos méritos artísticos.

Todos êsses depoimentos atestam de forma insuspeita a categórica, a injustiça que se comete com a censura da peça "A Navalha na Carne".

3.- Por outro lado, o proibir-se sua exibição denota o pouco cuidado que se dispensam a esta obra de arte, sendo certo que tal fato impede que o limitado, mas seleto público de Teatro, com formação cultural e moral bem definida, de 40.000 a 50.000 espectadores, se veja privado de assisti-la, - além de comprometer, sèriamente, a própria sobrevivência do Grupo União.

Principalmente, tendo-se em conta que êsse Grupo tem a estréia da peça marcada para o próximo - dia 1º dejunho, no Auditório Itália, nesta Capital, na forma do - contratado.

Assim, além dos prejuízos da Arte Teatral, do autor da peça, ainda, o problema da proibição atinge, diretamente, a classe dos atôres,que, há longo tempo, vêm ensaiando a peça com pesados encargos à sua situação econômica e financeira.

4.- É de ver-se, mais, que a -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071 P.133

DPF DCP Fls. N.º 80 Rubrica

a Imprensa vem apoiando Plínio Marcos, pois, juntamente com a crítica especializada, entende verdadeiro absurdo que se proíba a exibição de uma obra de arte, completo cerceamento à livre manifestação do pensamento.

Aliás, vários têm sido os pronunciamentos nesse sentido.

5.- Concluindo, a peça de Plínio Marcos, de forma artística indiscutível, diz da verdade, sempre temida pelos que não a enfrentam e elogiada pelos homens de bem.

A verdade, eterno fantasma e primeira das virtudes, há de vingar sempre como semente bendita mesmo que no lôdo da vida, a exemplo do lírio que nasce puro no pântano sem o contágio dasimpurezas.

Ela há de ser cantada bem forte, para que sua fôrça se marque em compassos sonoros e inebriantes, em contínuas ondas, sem parar, sem esmorecer, como um hino de guerra...

Sempre a verdade, doa a quem doer...

Aliás, falando sôbre o amor que se deve guardar à verdade, Arsène DUMONT (La Morale Basée sur la Demographie) 1901, pág. 97) ensina que "De toutes les vertus, l'amour du vrai, qui se confond avec le goût du rationnel, est la plus capitale. Il n'en est point qui ait plus d'influence sur les destinées des collectivités humaines."

Terminando, com expressão significativa (o.c., pág. 122), explica que "Au juste par le vrai, telle doit être la première maxime de la moral d'une démocratie."

No mais importante dos diálogos de Platão, Fedro, obra de inigualável valor cultural, Sócrates combate os escritores sem cultura filosófica, citando o exemplo de Lísias, ensinando a Fedro que "não é possível fazer discursos artísticos naturais quer se trate de ensinar, ou de persuadir, se não se conhece a verdade sôbre os objetos a respeito dos quais se fala ou se escreve....

No epílogo, Sócrates, invocando o "Divino Pã", pede: "Dái-me a beleza da alma, a beleza interior e fazei com que o meu exterior se harmonize com essa beleza espiritual" (Platão, Diálogos, vol.I, Fedro, 4º ed., 1960, trad. Jorge Paleikat, págs. 260 e 262).

Nesta magistral idéia, mostra êle possuir a beleza interior de alma em contraste com sua fealdade física.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.134

DPF
DCDP
Fls. N.º 81
Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

Assim é a obra de Plínio Marcos: mostra a rudeza de alma de alguns dos aspectos da vida, mas guarda a beleza artística, que só pode premiar os grandes autores, - que retiram dêsses fatos sujos e mundanos as belezas puras, de - conteúdo sério, violento e humano.

"Ex positis", deve ser liberada a peça "A Navalha na Carne" pela Censura Federal, uma vez que - provado está ser ela uma obra de arte, que merece ser exibida ao público, não sendo pornográfica e muito menos subversiva, com o que seja feita a meridiana e esperada

J U S T I Ç A .

São Paulo, 15 de maio de 1967.

p.p.

O.A.B.-S.P.-13 595.-
Prof. Dr. Álvaro Villaça Azevedo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.135

DPF
DCDP
Fls. N.º 82
Rubrica

ILMO. SR. CHEFE DO DEPARTAMENTO FEDERAL DE CENSURA .

PLÍNIO MARCOS DE BARROS, brasileiro, casado, autor teatral, residente e domiciliado nesta Capital à R. General Jardim, nº266, apt.31, por seu patrono e bastante procurador, que esta subscreve, Doc.I, tendo sido censurada sua peça "A NAVALHA NA CARNE", não se conformando com a r. decisão, vem, respeitosamente, à presença de V.Sa. zequerer

RECONSIDERAÇÃO DE CENSURA,

por esta e melhor forma de direito, na forma das razões anexas, sendo certo que a esta se anexam, ainda, todo o inteiro teor - dos depoimentos referidos no contexto das razões, cujos originais são de próprio punho dos depoentes e com firmas reconhecidas.

Requer, ainda, a possibilidade de exibir todo êsse corpo probatório, quando assim fôr determinado por - V.S.a.

Nestes têrmos, por ser de direito e justiça, do despacho de V.S.a

Espera Receber Mercê.

São Paulo, 16 de maio de 1967.

p.p.
O.A.B.-S.P.-13 595.-
Prof. Dr. Álvaro Villaça Azevedo.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.136

DPF
DCDP
Fls. N.º 83
Rubrica

RAZÕES AO PEDIDO DE RECONSIDERAÇÃO DE CENSURA

É de, inicialmente, repelir-se a idéia segundo a qual deva ser proibida a peça "A NAVALHA NA CARNE" sob taxação de pornográfica e subversiva.

Muito ao contrário é o que ocorre, pois ela indiscutivelmente, é uma obra de arte, um retrato vivo de dolorosos aspectos do sub mundo.

Seu cenário mostra "um sórdido quarto de - quinta classe...", simples, sem muitos sonhos e cheio de tristezas.

A peça "sub examine" nos aponta a intervivência de um caftem, de uma prostituta e de um homossexual.

O drama se desenrola entre êles num clima realista, desumano, onde impera o vício e o baixo palavreado, - sendo certo que o Autor soube, cmm fidelidade, fixar cada problema em seu devido lugar, entrelaçando-os numa continuidade - de perfeita compreensão e de acentuadas peculiaridades.

Uma coisa é reprovar-se a vida dos personagens no mundo real, outra coisa é o trabalho artístico, que - não pode mentir, sob pena de não ser verdadeiro e sério.

Se êsses problemas sociais existem, devem de sanar-se, sendo a peça uma verdadeira mensagem construtiva nesse sentido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.137

DPF DCDP Fls. N.º 84 Rubrica

2.- Censurada a peça de Plínio Marcos, por convites especiais, reuniu-se no local de ensaio de uma das - Casas Teatrais de São Paulo um grupo expressivo do mundo artístico nacional, na maior parte intelectuais e elementos ligados diretamente ao Teatro, que ouviram a leitura da peça feita pelos seus atôres:-Paulo Villaça como Wado, Ruthinéa de Moraes como Neusa - Suely e Edgard Gurgel Aranha como Veludo.

Essa leitura foi, pelos presentes, interrompida, várias vêzes, sob manifestação maciça de aplausos, - terminando em verdadeira consagração, tendo, sem exceção, os presentes tomado a iniciativa de formularem por escrito suas críticas à peça, tôdas favoráveis, aliás, amplamente, divulgadas pela imprensa, que, também, não vê com bons olhos a censura dêsse trabalho de arte.

Dentre os presentes encontravam-se Décio de Almeida Prado, Alfredo Mesquita, Paulo Autran, Cacilda - Becker, Walmor Chagas, Sábato Magaldi, Anatol Rosenfeld, José Celso Martinez Corrêa, João Apolinário, Roberto Freire, João Marschner, Maria Tereza Vargas, Gianfrancesco Guarnieri, Lauro Cesar - Muniz, Altair Lima, Hilton Viana, Carlos Murtinho, Gilson Barbosa, Bina Sfat, além de outras personalidades do mundo artístico.

Resumiremos alguns dos depoimentos prestados por êsse expressivo juri.

Décio de Almeida Prado, Crítico do Estado de São Paulo, Presidente da Comissão Estadual de Teatro, Professor da Universidade de São Paulo e ex-Presidente da Associação Paulista de Críticos Teatrais, dentre outras coisas, lamenta "que exista a realidade humana" pela peça tratada, mas, acrescenta " - não vejo como se possa negar à arte o direito de reproduzir os fatos psicológicos ou sociais tais como êles são, inclusive quando desagradáveis ou abjetos., Quanto à linguagem, fortíssima sem dúvida, faz ela parte integrante dêste universo; se a abrandássemos, já estaríamos traindo aquêle intúito de inteira fidelidade ao real, que norteou o escritor."

Por seu turno, Alfredo Mesquita, Fundador, Professor e Diretor da Escola de Arte Dramática de São Paulo, depõe: "Sou terminantemente contra a censura. Basta isso+ - num país como o nosso, onde Dercy Gonçalves - para não falar dos chamados teatros de revistas, com seus "enxutos" e "streep-tease" apresenta, impunemente, pseudo-espetáculos pornográficos e deprimentes, querem, agora, proibir a apresentação de "A Navalha na -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0031, P.138

DPF DCDP Fls. N.º 85 Rubrica

na Carne" de Plínio Marcos, sob pretexto de que a linguagem é "forte" demais, quando é essa mesma linguagem que o teatro do nôvo e prometedor autor tem, a meu ver, de mais forte, rico, original; de mais autêntico, em suma."

Paulo Autran, o consagrado ator brasileiro, premiado, muitas vêzes, internacionalmente, explica que "o extraordinário sucesso de Edward Albee, com a sua violenta "- Quem tem mêdo de Virgínia Woolf", mostra que a Platéia moderna é perfeitamente capaz de aguentar verdades. A consideração mundial por Jean Genet é outra prova de que o tempo em que na França se mudava o final de Otelo de Shakespeare, porque poderia "chocar" os espectadores, já vai muito longe. Querer proibir um texto da categoria de "A Navalha na Carne" é indício de retrocesso cultural, de incapacidade de entender o mundo de hoje." Finalizando, obtempera êsse grande ator: "Lendo a peça, tivemos a nítida impressão de travar conhecimento com um autor internacional, chocante, estimulante, concientizador e altamente moral, da categoria dos melhores autôres recentemente surgidos no mundo."

Cacilda Becker e Walmor Chagas, atôres consagrados e premiados internacionalmente, o segundo, também Diretor Premiado, prestam seu depoimento conjunto: "A Censura, ao proibir "A Navalha na Carne" de Plínio Marcos, proibe a existência e o desenvolvimento do próprio Teatro Brasileiro. Não teremos um Teatro enquanto não tivermos autôres; um autor só se desenvolve vendo seu teatro representado....E impedir um jovem autor, de talento comprovado como é Plínio Marcos, é atrasar o nossomovimento teatral, é impedir, em última análise, o desenvolvimento da nossa própria cultura. A peça parece forte ? Tem muitos palavrões? Limite-se a sua assistência aos maiores de idade. Proibir a sua representação é tirar de nós atores, diretôres, gente de teatro enfim, o nosso material de trabalho, os autôres. Repudiamos o gesto da censura e pedimos, em nome da liberdade de expressão do pensamento, a liberação de "A Navalha na Carne"."

Sábato Magaldi, Crítico Teatral do Jornal da Tarde, ensaista premiado, Professor da Escola de Arte Dramática de São Paulo, Diretor e Organizador da Coleção Teatro Universal da Editôra Brasiliense, pondera que "A Navalha na Carne" é uma obra de arte. As palavras de baixo calão, utilizadas nela, são necessárias, porque participam da caracterização dos personagens. São tão pronunciadas na peça que atingem uma verdadeira inocência. O que fica do texto não é a pornografia, porque a pornografia só existe quando há gratuidade e desejo infan-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.139

DPF DCDP Fls. N.º 86 Rubrica

til infantil de chocar, mas uma imensa tristeza, nascida do cotidiano dessas figuras marginalizadas pela sociedade. A personagem feminina chega a duvidar se são gente, e essa é a reflexão moral, que serve como juízo definitivo da elevada ética de "A Navalha na Carne"."

Anatol Rosenfeld, ensaista, crítico de arte, Professor Universitário e da Escola de Arte Dramática de São Pablo, jornalista, ex-membro da Comissão Julgadora do Concurso Nacional de Peças de Teatro, promovido pelo Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação, afirma: "Parece-me que a peça "A Navalha na Carne" é um depoimento profundamente humano sôbre certa situação social reproduzida com extrema veracidade. Ilumina agudamente a degradação da pessoa nas condições apresentadas. A linguagem extremamente violenta e chocante condiz com precisão com a situação descrita. Não pode, por isso mesmo, ser abrandada. Sua função, além disso é precisamente a de chocar o público, apelando à sua consciência."

José Celso Martinez Corrêa , empresário, autor premiado, um ados Diretôres mais premiados do país, que foi convidado a integrar a Comissão Julgadora do Concurso Nacional de Peças do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação, consagrado nacional e internacionalmente, presta seu valioso depoimento, segundo o qual "A linguagem dita pornográfica é, pelo contrário, extremamente humana, poética, teatral e de grande qualidade literária e expressiva. Não pode chocar o espectador em hipótese alguma, exatamente pela sua repetição. Ela é a língua, o dialeto dos personagens e, na peça, elas têm um significado que transcende sua significação de dicionário. Pornográfica seria, neste contexto, uma palavra branda qualquer - seria o próprio cinismo. A peça é obra de arte e fivará quer se queira ou não como uma contribuição à literatura brasileira. A obra já existe e privar o público da mesma é uma atitude de querer esconder que êsse dialeto se fala em português e é transparente a uma realidade que existe, e que, por incrível que pareça, é uma realidade....humana."

João Apolinário, crítico teatral do Jornal Última Hora, conferencista, poeta e tradutor, dentre outras coisas, menciona que a peça de Plínio Marcos, "A Navalha na Carne" é, indiscutivelmente, uma obra de arte." Acrescenta, ainda, êsse consagrado crítico que "É absurdo classificar uma obra de arte de pornográfica. Mais absurdo, ainda, classificá-la de subversiva, quando nela, apenas, existem valôres humanos em conflito com a so-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.140

DPF DCDP Fls. N.º 87 Rubrica

ciedade sociedade que os gerou."

Roberto Freire, dramaturgo, psicólogo, médico, escritor e jornalista, assim se manifesta: "Conheço a obra de Plínio Marcos. Trata-se do mais nôvo e mais importante escritor de teatro atualmente no Brasil. Aliás a crítica especializada já opinou a êsse respeito, depois da estréia de "Dois perdidos numa noite suja". Quanto à "Navalha na Carne", considero-a - criação ainda mais importante e vigorosa. Ambas refletem bem a - posição cultural de sua geração: beleza, violência e verdade. O alto sentido humano de suaspeças.alia-se a uma sensibilidade poética viril e a rigorosa análise sociológica. Os temas da prostituição e da homossexualidade abortados em "A Navalha na Carne" - são problemas graves em nosso país; todos nós os conhecemos e com êles nos preocupamos, independentemente da vontade da censura. - Porque estão nas ruas, nas casas, declarados ou potencialmente prontos para explodirem. Precisamos cuidá-los, atenuá-los, impedi-los. Precisamos....,mas censurá-los é tão ridículo como confinar as prostitutas e prender os homossexuais. "A Navalha na Carne" deve ser liberada para adultos, ou não serão adultos os maiores de dezoito anos no Brasil, além dos censores. Pessoalmente - não aceito o infantilismo proposto, como cidadão, autor, psicólogo e cristão."

João Marschner, crítico teatral do - Jornal Estado de São Paulo, faz depoimento que merece transcrição integral: ""ANavalha na Carne" de Plínio Marcos não nos parece um texto teatral do qual se faça um espetáculo para as almas pudicas ou as ditas "delicadas". Mas também o nosso mundo não nos parece um pouco seguro para essas almas. A peça poderia ser chamada de - "pornografia" no sentido que dá o dicionário à palavra: "tratado - acêrca da prostituição". Não chegando a ser tratado, seria um interessante capítulo de alguma obra que sôbre o assunto se escreveg se. É também obscena e mais uma vez recorremos ao dicionário para dar às palavras o seu sentido exato: "obsceno que fere o pudor". Nós homens somos assim mesmo: obscenos e pornográficos, assim como somos altruísticos e filantrópicos. Não tivéssemos sido expulsos do Éden, não carregaríamos conosco os males, mas também não teríamos provado o fruto do conhecimento. Descrevendo um retalho obsceno e pornográfico de nossa história social contemporânea, Plínio - Marcos o faz por meio de personagens cujo linguajar é obsceno e - pornográfico: uma prostituta, um proxeneta e um pederasta. Poderia descrever o mesmo retalho usando de um eufemismo e colocando -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007/P.141

DPF DCDP Fls. N.º 88 Rubrica

o tema da peça em discussão entre um religioso, um filósofo, um censor, e obter até mesmo um bom texto teatral. O que não poderia é dar ao religioso, ao filósofo, ao censor, o linguajar da prostituta, do proxeneta, do pederasta. Como ao pederasta, ao proxeneta, à prostituta, não pode dar o linguajar do censor, do filósofo, do,religioso. Por êsse sumaríssimo "organum" do teatro realista, cremos ter deixado bem clara a noção da "imoralidade" na obra de arte, que só pode ser medida em têrmos de autêntico e inautêntico. Qualquer afirmativa de que seja "A NAVALHA NA CARNE" de Plínio Marcos um texto atentatório à moral pública só pode ser atribuida à ingenuidade de quem a faz ou à sua superficialidade no exame da matéria intelectual, ou, ainda, à pura e simples hipocrisia. Pois que, com sua peça, o jovem autor se revela um dos mais ferrenhos moralistas praticantes em linguagem teatral."

Maria Tereza Vargas, Professôra e Secretária Geral da Escola de Arte Dramática, ex Delegada do Serviço Nacional de Teatro em São Paulo, opina que "A Navalha na Carne" não é uma seqüência gratuita de palavrões, mas o trabalho de um poeta autêntico, cuja qualidade consiste justamente em ter alinhavado essas palavras (ditas de sub mundo) e elevá-las a uma fórmula de expressão, única permitida ao diálogo do desamor. Que palavras senão essas restariam àquêles que se detestam...? E, continua Maria Tereza Vargas, "Demais a mais, sendo o teatro atualmente (devido a razões que não nos cabe no momento julgar) uma arte pouco popular, não cremos que seja preciso "vigiar" para que espíritos pouco formados venham assistir tal peça. A platéia dêsse grupo é específica, formada por estudantes (em sua maioria universitários) ou então por público suficientemente formado, adulto, com plena capacidade de julgamento."

Gianfrancesco Guarnieri, empresário, autor e ator, diversas vêzes premiado, nacional e internacionalmente, é de parecer que "A Navalha na Carne" peça de Plínio Marcos é um documento. A Sociedade não pode temer documentos sôbre sua época. Êles são necessários à coletividade. Além do aspecto documental, Plínio alcança um invejável nível de comunicação artística. Êsses são motivos que tornam aberrante a proibição da censura."

Lauro Cesar Muniz, dramaturgo, premiado, autor de roteiros de cinema e televisão, também, é pela liberação da peça em tela, sendo suas estas expressões: "Peça excelente com a amplitude artística e de levantamento sócio-cultural."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.142

DPF DCDP Fls. N.º 89 Rubrica

Altair Lima, empresário e ator, no mesmo sentido, reputa excelente o trabalho de Plínio Marcos, entendendo que êle "retrata, com muita clareza e autenticidade, todo o problema de um grupo condicionado à "engrenagem" social."

Carlos Murtinho, Diretor Teatral, refere que "A peça "A Navalha na Carne", de Plínio Marcos, foi taxada de imoral pela Censura Federal. Independentemente de seus valôres, qualidades ou defeitos, realmente imoral parece-me a interdição ou a mutilação de uma obra de arte. O problema transcende ao texto em questão e exige, de uma vez por tôdas, uma análise séria e um movimento de recusa total contra a imoralidade da própria Censura".

Hilton Viana, crítico, jornalista e cronista de Teatro, membro dos Jograis de São Paulo, reafirma os depoimentos anteriores, dizendo: "a vida está aí, cheia de dôres, angústias e desesperos. As prostitutas, os pederastas e os rufiões (personagens de "A Navalha na Carne"), fazem parte dela. A peça de Plínio Marcos conta a estória dessa gente, com suas dôres e seu linguajar característicos. Outros grandes autôres também já contaram. Albee é a prova. Uma vez que Plínio conta estória de gente, sua peça deve ser liberada. É um direito de expressão artística."

Gilson Barbosa, artista plástico, entende, também, que a peça "é uma autêntica obra de arte e por isso deve ir a público", corroborando a atriz Dina Sfat, interpretando sentimento geral da classe e de quantos lidam com a Arte e Cultura, que se trata de "excelente peça...."

A se referirem mais depoimentos, teríamos de repisar a matéria já exposta, uma vez que, ante a evidente ilegalidade da proibição, é uníssona a opinião dos entendidos, de arte e teatro, no sentido de lamentar que se proiba o público de assistir peça de tantos méritos artísticos.

Todos êsses depoimentos atestam de forma insuspeita e categórica, a injustiça que se comete com a censura da peça "A Navalha na Carne".

3.- Por outro lado, o proibir-se sua exibição denota o pouco cuidado que se dispensam a esta obra de arte, sendo certo que tal fato impede que o limitado, mas seleto, público de Teatro, com formação cultural e moral bem definida, de 40.000 a 50.000 espectadores, se veja privado de assisti-la, além de comprometer, sèriamente, a própria sobrevivência do Grupo União.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.143

DPF DCDP Fls. N.º 90 Rubrica

Principalmente, tendo-se em conta que êsse Grupo tem a estréia da peça marcada para o próximo dia 1º de junho, no Auditório Itália, nesta Capital, na forma do contratado.

Assim, além dos prejuízos da Arte Teatral, do autor da peça, ainda, o problema da proibição atinge, diretamente, a classe dos atôres, que, há longo tempo, vêm ensaiando a peça com pesados encargos à sua situação econômica e financeira.

4.- É de ver-se, mais, que a Imprensa vem apoiando Plínio Marcos, pois, juntamente com a crítica especializada, entende verdadeiro absurdo que se proiba a exibição de uma obra de arte, como complemento, digo, completo cerceamento à livre manifestação do pensamento.

Aliás, vários têm sido os pronunciamentos nesse sentido.

5.- Concluindo, a peça de Plínio Marcos diz, de forma artística indiscutível, da verdade, sempre temida pelos que não a enfrentam a elogiada pelos homens de bem.

A verdade, eterno fantasma a primeira das virtudes, há de vingar sempre como semente bendita mesmo que no lôdo da vida, a exemplo do lírio que nasce puro no pântano sem o contágio das impurezas.

Ela há de ser cantada bem forte, para que sua fôrça se marque em compassos sonoros e inebriantes, em contínuas ondas, sem parar, sem esmorecer, como um hino de guerra...

Sempre a verdade, doa a quem doer....

Aliás, falando sôbre o amor que se deve guardar à verdade, Arsène DUMONT (La Morale Basée sur la Demographie) 1901, pág. 97) ensina que "De toutes les vertus, l'amour du vrai, qui se confond avec le goût du rationnel, est la plus capitale. Il n'en est point qui ait plus d'influence sur les destinées des collectivités humaines."

Terminando, com expressão significativa (o.c., pág. 122), explica que "Au juste par le vrai, telle doit être la première maxime de la moral d'une démocratie."

No mais importante dos diálogos de Platão, Fedro, obra de imaginável valor cultural, Sócrates combate os escritores sem cultura filosófica, citando o exemplo de Lísias, ensinando a Fedro que "não é possível fazer discursos artísticos naturais quer se trate de ensinar, ou de persuadir, se não se conhece a verdade sôbre os objetos a respeito dos quais se fala ou se escreve..."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.144

DPF
DCDP
Fls. N.º 91
Rubrica

No epílogo, Sócrates, invocando o - "Divino Pã", pede: "Dai-me a beleza da alma, a beleza interior e fazei com que a meu exterior se harmonize com essa beleza espiritual" .(Platão, Diálogos, vol.I, Fedro, 4ª ed., 1960, trad. Jorge Paleikat, págs. 260 e 262)

Nesta magistral idéia, mostra êle - possuir a beleza interior de alma em contraste com sua fealdade física.

Assim é a obra de Plínio Marcos: mostra a rudeza de alguns dos aspectos da vida, mas guarda a beleza artística, que só pode premiar os grandes autores, que retiram - dêsses fatos sujos e mundanos as belezas puras, de conteúdo sério, violento e humano.

"Ex positis", deve de ser liberada a Peça "A Navalha na Carne" pela Censura Federal, uma vez que provado está ser ela uma obra de arte, que merece ser exibida ao público, não sendo pornográfica e muito menos subversiva, com o que seja feita a meridiana e esperada

J U S T I Ç A .

São Paulo, 15 de maio de 1967.-

p.p.

O.A.B.- S.P. - 13 595 .-
Prof. Dr. Álvaro Villaça Azevedo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.145

DPF
DCDP
Fls. N.º 92
Rubrica

DEPOIMENTO DE DÉCIO DE ALMEIDA PRADO

LI "A NAVALHA NACCARNE" DE PLÍNIO MARCOS. NÃO A CONSIDERO DE MODO ALGUM OBRA PORNOGRÁFICA, ISTO É, ESCRITA COM PROPÓSITOS DE BAIXO SENSACIONALISMO OU DESTINADA A ESTIMULAR ARTIFICIALMENTE O DESEJO SEXUAL. LAMENTO QUE EXISTA A REALIDADE HUMANA POR ELA RETRATADA MAS NÃO VEJO COMO SE POSSA NEGAR À ARTEO DIREITO DE REPRODUZIR OS FATOS PSICOLÓGICOS OU SOCIAIS TAIS COMO ÊLES SÃO, INCLUSIVE QUANDO DESAGRADÁVEIS OU ABJETOS. QUANTO À LINGUAGEM, FORTÍSSIMA, SEMDDÚVIDA, FAZ ELA PARTE INTEGRANTE DÊSTE UNIVERSO; SE A ABRANDÁSSEMOS,JÁ ESTARÍAMOS TRAINDO AQUÊLE INTÚITO DE INTEIRA FIDELIDADE AO REAL QUE NORTEOU O ESCRITOR. NÃOCREIO, IGUALMENTE,QUE A PEÇA POSSA CORROMPER OU CAUSAR REVOLTA EM HOMENS E MULHERES ADULTOS, QUE, CERTAMENTE, NÃO IGNORAM A EXISTÊNCIA DE TAIS PROBLEMAS E QUE SÓ ASSISTIRÃO AO ESPETÁCULO SE ASSIM O DESEJAREM.

PLÍNIO MARCOS, NÃO OBSTANTE A SUA OUSADIA, FICA BEM - AQUÊM DE ESCRITÔRES FRANCESES, COMO JEAN GENET, E NORTE AMERICANOS, COMO LEROI JONES, QUE SÃO REPRESENTADOS LIVREMENTE EM TODOS OS CENTROS CIVILIZADOS SEM QUALQUER COMOÇÃO PARA A ORDEM PÚBLICA.

Ass. Décio deAlmeida Prado .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.116

DPF
DCDP
Fls. N.º 93
Rubrica

DEPOIMENTO DE ALFREDO MESQUITA

SOU, TERMINANTEMENTE, CONTRA A CENSURA.

BASTA ISTO: NUM PAÍS, COMO O NOSSO, ONDE UMA DERCY GONÇALVES - PARA NÃO FALAR DOS CHAMADOS TEATROS DE REVISTA, COM SEUS "ENXUTOS" E "STREEP-TEASE" - APRESENTA, IMPUNEMENTE, PSEUDO-ESPETÁCULOS PORNOGRÁFICOS E DEPRIMENTES, QUEREM, AGORA, PROIBIR A APRESENTAÇÃO DE "A NAVALHA NA CARNE", DEPLÍNIO MARCOS, SOB PRETEXTO DE QUE A SUA LINGUAGEM É "FORTE" DEMAIS, QUANDO É ESSA MESMA LINGUAGEM QUE O TEATRO DO NOVO E PROMETEDOR AUTOR TEM, A MEUVER, DE MAIS FORTE, RICO, ORIGINAL, DE MAIS AUTÊNTICO, EM SUMA.

SEM COMENTÁRIOS.

Ass. Alfredo Mesquita .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.147

DPF
DCDP
Fls. N.º 94
Rubrica

DEPOIMENTO DE PAULO AUTRAN

O PÚBLICO, NO MUNDO INTEIRO, ESTÁ FARTO DA HIPOCRISIA DE UMCERTO TIPO DE TEATRO CÔR DE ROSA,QUE FEZ A DELÍCIA DE VÁRIAS GERAÇÕES.

O EXTRAORDINÁRIO SUCESSO DE EDWARD ALBEE COM A SUA VIOLENTA "QUEM TEMMMÊDO DE VIRGINIA WOOLF" MOSTRA QUEA PLATÉIA MODERNA É PERFEITAMENTE CAPAZ DE AGUENTAR VERDADES. A CONSIDERAÇÃO MUNDIAL POR JEAN GENET É A PROVA DE QUE O TEMPO EM QUE NA FRANÇA SE MUDAVA O FINAL DE OTELO DE SHAKESPEARE PORQUE PODERIA "CHOCAR" OS ESPECTADORES JÁ VAI MUITO LONGE.

QUERER PROIBIR UM TEXTO DA CATEGORIA DE "A NAVALHA NACARNE" É INDÍCIO DE RETROCESSO CULTURAL, DE INCAPACIDADE DE ENTENDER O MUNDO DEHOJE.

LENDO A PEÇA, TIVEMOS A NÍTIDA IMPRESSÃO DE TRAVAR CONHECIMENTO COM UM AUTOR INTERNACIONAL, CHOCANTE, ESTIMULANTE, CONCIENTIZADOR, E ALTAMENTE MORAL, DA CATEGORIA DOS MELHORES AUTÔRES RECENTEMENTE SURGIDOS NO MUNDO.

Ass. Paulo Autran .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.148

DPF
DCDP
Fls. N.º 95
Rubrica

DEPOIMENTO DE CACILDA BECKER

E

WALMOR CHAGAS

A CENSURA, AO PROIBIR "A NAVALHA NA CARNE" DE PLÍNIO MARCOS, PROIBE A EXISTÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO DO PRÓ - PRIO TEATRO BRASILEIRO. NÃO TEREMOS UMTEATRO ENQUANTO NÃO TIVER- MOS AUTÔRES; UM AUTOR SÓ SE DESENVOLVE VENDO SEU TEATRO REPRESEN TADO... E IMPEDIR UM JOVEM AUTOR, DE TALENTO COMPROVADO COMO É PLÍNIO MARCOS, É ATRASAR O NOSSO MOVIMENTO TEATRAL, É IMPEDIR, EM ÚLTIMA ANÁLISE, O DESENVOLVIMENTO DA NOSSA PRÓPRIA CULTURA.

A PEÇA PARECE FORTE ? TEM MUITOS PALAVRÕES ? LIMITE-SE A SUA ASSISTÊNCIA AOS MAIORES DEIDADE. PROIBIR A SUA REPRESENTAÇÃO É TIRAR DE NÓS ATORES, DIRETÔRES, GENTE DE TEATRO ENFIM,O NOSSO MATERIALDE TRABALHO, OS AUTÔRES.

REPUDIAMOS O GESTO DA CENSURA E PEDIMOS,EM NOME DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO DO PENSAMENTO, A LIBERAÇÃO DE "A NAVA- LHA NA CARNE".

Ass. Cacilda Becker .

Ass. Walmor Chagas .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.149

DPF
DCDP
Fls. N.º 96
Rubrica

DEPOIMENTO DE SÁBATO MAGALDI

"A NAVALHA NACARNE" É UMA OBRA DE ARTE. AS PALAVRAS DE BAIXO CALÃO, UTILIZADAS NELA, SÃO NECESSÁRIAS, PORQUE PARTICIPAM DACARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS. SÃO TÃO PRONUNCIADAS NA PEÇA, QUE ATINGEM UMA VERDADEIRA INOCÊNCIA. O QUE FICADO TEXTO NÃO É A PORNOGRAFIA, PORQUE A PORNOGRAFIA SÓ EXISTE QUANDO HÁ GRATUIDADE E DESEJO INFANTIL DECHOCAR, MAS UMA IMENSA TRISTEZA, NASCIDA DO COTIDIANO DESSAS FIGURAS MARGINALIZADAS PELA SOCIEDADE. A PERSONAGEM FEMININA CHEGA A DUVIDAR SE SÃO GENTE, E ESSA É A REFLEXÃO MORAL QUE SERVE COMO JUÍZO DEFINITIVO DA ELEVADA ÉTICA DE "A NAVALHA NA CARNE" .

Ass. Sábato Magaldi .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 150

DPF
DCDP
Fls. N.º 97
Rubrica

DEPOIMENTO DE ANATOL ROSENFELD

PARECE-ME QUE A PEÇA "A NAVALHA NA CARNE" É UM DEPOIMENTO PROFUNDAMENTE HUMANO SÔBRE CERTA SITUAÇÃO SOCIAL REPRODUZIDA COM EXTREMA VERACIDADE.

ILUMINA, AGUDAMENTE, A DEGRADAÇÃO DA PESSOA NAS CONDIÇÕES APRESENTADAS. A LINGUAGEM, EXTREMAMENTE VIOLENTE E CHOCANTE, CONDIZ COMPRECISÃO COM A SITUAÇÃO DESCRITA. NÃO PODE, POR ISSO MESMO, SER ABRANDADA. A SUA FUNÇÃO, ALÉM DISSO, É PRECISAMENTE A DE CHOCAR O PÚBLICO, APELANDO À SUA CONSCIÊNCIA.

PARECE-ME QUE A OBRA TEM VALOR ARTÍSTICO E QUE OS ELEMENTOS OBSCENOS TÊM UMA FUNÇÃO PRECISA NA PEÇA. NÃO SE TRATA, PORTANTO, DE PORNOGRAFIA, TÊRMO QUE DEVE SER APLICADO SÒMENTE ÀSUBLITERATURA. ACREDITO QUE A PEÇA DEVERIA SER LIBERADA PARA UM PÚBLICO ADULTO.

Ass. Anatol Rosenfeld .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.151

DPF
DCDP
Fls. N.º 98
Rubrica

DEPOIMENTO DE JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA

A LINGUAGEM DITA PORNOGRÁFICA É, PELO CONTRÁRIO, EXTREMAMENTE HUMANA, POÉTICA, TEATRAL E DE GRANDE QUALIDADE LITERÁRIA E EXPRESSIVA. NÃO PODE CHOCAROO ESPECTADOR EM HIPÓTESE ALGUMA, EXATAMENTE PELA SUA REPETIÇÃO. ELA É A LÍNGUA, O DIALETO DAS PERSONAGENS E NA PEÇA ELAS TÊM UM SIGNIFICADO QUE TRANSCENDE SUA SIGNIFICAÇÃODDE DICIONÁRIO. PORNOGRÁFICO SERIA NESTE CONTEXTO UMA PALAVRA BRANDA QUALQUER - SERIA O PRÒPRIO CINISMO; A PEÇA É OBRA DE ARTE E FICARÁ QUERSSE QUEIRA OU NÃO, COMO UMA CONTRIBUIÇÃO À LITERATURA BRASILEIRA; A OBRA JÁ EXISTE E PRIVAR O PÚBLICO DA MESMA É UMA ATITUDEDDE QUERER ESCONDER QUE ESSEDDIALETO SE FALA EM PORTUGUÊS E É TRANSPARENTE A UMA REALIDADE QUEEEXISTE, E QUE POR INCRÍVEL QUE PAREÇA É UMA REALIDADE...HUMANA;

Ass. José Celso Martinez Correa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.152

DPF
DCDP
Fls. N.º 99
Rubrica

DEPOIMENTO DE JOÃO APOLINÁRIO

"A NAVALHA NA CARNE", A PEÇA DEPPLÍNIO MARCOS, É INDISCUTÍVELMENTE UMA OBRA DE ARTE. É ABSURDO CLASSIFICAR UMA OBRA DE ARTE DE PORNOGRÁFICA. MAIS ABSURDOAAINDA CLASSIFICÁ-LA DE SUBVERSIVA, QUANDO NELA APENAS EXISTEM VALORES HUMANOS EM CONFLITO COM A SOCIEDADE QUECOS GEROU. É O CÚMULO DO ABSURDO E DA IGNORÂNCIANÉ O JULGAMENTO DA ARTE - NESTE CASO PARTICULAR DE " A NAVALHA NA CARNE " - DEPENDER DE UM ÚNICC HOMEM, AINDA MAIS UM INDIVÍDUO DEFORMADO POR FUNÇÕES POLICIAIS PELA REFERIDA SOCIEDADE QUE TAMBÉM O GEROU. POR FIM, SE ESTAS RAZÕES FOSSEM VÁLIDAS, E NÃO HÁ DÚVIDA DE QUE O SÃO, É COM CERTEZA INALIENÁVEL A LIBERDADE DE EXPRESSÃO DO PENSAMENTO; ENQUANTO HOUVER UM BRASILEIRO LIVRE E UM ARTISTA DIGNO DA SUA MISSÃO HUMANISTA.

Ass. João Apolinário

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.153

DPF DCDP Fls. N.º 100 Rubrica

DEPOIMENTO DE ROBERTO FREIRE

NÃO SE FORMA UMA CULTURA COM PRECONCEITOS. NEM A MORAL ATINGE ASSUA FINALIDADE HUMANA E SOCIAL, QUANDO SE ESTRATIFICA EM MORALISMOS ANACRÔNICOS. A ARTE E A LITERATURA NÃO CUIDAM DE PROBLEMAS RESOLVIDOS OU DE CIRCUNSTÂNCIAS HUMANAS SUPERFICIAIS. "A LITERATURA É SEMPRE ALGO EXTREMAMENTE GRAVE" - AFIRMOU RECENTEMENTE ENTRE NÓS O ESCRITOR FRANCÊS MICHEL BUTOR. SÃO, POIS, OS PROBLEMAS GRAVES, QUE EXIGEM DO ARTISTA SUA ATENÇÃO E ESTUDO. MAS OS PROBLEMAS GRAVES SÃO GERALEMTE TIDOS COMO ESCANDALOSOS POR QUEM NÃO CUIDA DE SOLUCIONÁ-LOS OU, PELO MENOS, ENCARÁ-LOS DE FRENTE PARA ENCAMINHAR SOLUÇÕES. ALÉM DISSO, OS PROBLEMAS GRAVES PERTENCEM A TÔDA A SOCIEDADE ONDE OCORREM. NINGUÉM ESTÁ LIVRE DÊLES. NÃO PODEM, POIS, SER ESCAMOTEADOS E, MUITO MENOS, - PARTICIPAR DE SEU DEBATE APENAS INSTITUIÇÕES OFICIAIS CIENTÍFICAS OU RELIGIOSAS.

LIBERADA PARA ADULTOS PELA CENSURA, UMA OBRA DE ARTE NÃO COMPORTA MAIS NENHUMA OUTRA SANÇÃO, POIS NÃO SE PODE DISTINGUIR VALOR DE ANÁLIDE E COMPREENÇÃO ENTRE ADULTOS OFICIAIS E NÃO OFICIAIS. A OBRA DE ARTE É DE UTILIDADE PÚBLICA. POR OUTRO LADO, - PROIBIR MESMO PARA ADULTOS UMA OBRA CULTURAL OU ARTÍSTICA È - PRESSUPOR INCAPACIDADE GERAL, DE TÔDA A NAÇÃO, PARA ENFRENTAR UM PROBLEMA GRAVE. PARA QUEM JULGA ISSO, TRATA-SE DE ENORME PRETENÇÃO; PARA O PAÍS UM IMENSO DESCRÉDITO.

CONHEÇO A OBRA DE PLÍNIO MARCOS. TRATA-SE DO MAIS NOVO E MAIS IMPORTANTE ESCRITOR DE TEATRO ATUALMENTE NO BRASIL. - ALIÁS, A CRÍTICA ESPECIALIZADA JÁ OPINOU A ÊSSE RESPEITO DEPOIS DA ESTRÉIA DE "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA". QUANTO À "NAVALHA NA CARNE", CONSIDERO-A CRIAÇÃO AINDA MAIS IMPORTANTE E RIGOROSA. AMBAS REFLETEM BEM A POSIÇÃO CULTURAL DE SUA GERAÇÃO; BELEZA, VIOLÊNCIA E VERDADE. O ALTO SENTIDO HUMANO DE SUAS PEÇAS, ALIA-SE A UMA SENSIBILIDADE POÉTICA VIRIL E A RIGOROSA ANÁLISE SOCIOLÓGICA.

OS TEMAS DA PROSTITUIÇÃO E DA HOMOSSEXUALIDADE ABORDADOS EM "NAVALHA NA CARNE", SÃO PROBLEMAS GRAVES EM NOSSO PAÍS. TODOS NÓS OS CONHECEMOS E COM ÊLES NOS PREOCUPAMOS, INDEPENDENTEMENTE DA VONTADE DA CENSURA. PORQUE ESTÃO NAS RUAS, NAS CASAS, DECLARADOS OU POTENCIALMENTE PRONTOS PARA EXPLODIREM. PRECISAMOS CUIDÁ-LOS, ATENUÁ-LOS, IMPEDÍ-LOS. PRECISAMOS, MAS - CENSURÁ-LOS É TÃO RIDÍCULO COMO CONFINAR AS PROSTITUTAS E PRENDER OS HOMOSSEXUAIS;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.154

DPF
DCDP
Fls. N.º 101
Rubrica

Continuação do depoimento de Roberto Freire .....

"NAVALHA NA CARNE" DEVE SER LIBERADA PARA ADUL-= TOS. OU NÃO SERÃO ADULTOS OS MAIORES DE DEZOITO ANOS NO BRAZIL, ALÉM DOS CENSORES. PESSOALMENTE NÃO ACEITO O INFANTILISMO PROPOSTO, COMO CIDADÃO, AUTOR, PSICÓLOGOE CRISTÃO.

Ass. Roberto Freire .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0091, P.155

DPF
DCDP
Fls. N.º 102
Rubrica

DEPOIMENTO DE JOÃO MARSCHNER

"

"A NAVALHA NA CARNE", DE PLÍNIO MARCOS, NÃO NOS PARECE UM TEXTO TEATRAL DO QUAL SE FAÇA UM ESPETÁCULO PARA AS ALMAS PUDICAS OU AS DITAS "DELICADAS". MAS TAMBÉM O NOSSO MUNDO NÃO NOS PARECE UM POUSO SEGUROSSENTIDO PARA ESSAS ALMAS. A PEÇA PODERIA SER CHAMADA DE"PRONOGRAFIA", NO SENTIDO QUE DÁ O DICIONÁRIO À PALAVRA: "TRATADO ACERCA DA PROSTITUIÇÃO". NÃO CHEGANDO A SER TRATADO, SERIA UM INTERESSANTE CAPÍTULO DE ALGUMA OBRA QUE SÔBRE O ASSUNTO SE ESCREVESSE.

É TAMBÉM OBSCENA, E MAIS UM VEZ RECORREMOS AO DICIONÁRIO PARA DAR ÀS PALAVRAS O SEUSENTIDO EXATO:"OBSCENO QUE OFERE O PUDOR". NÓS HOMENS SOMOS ASSIM MESMO: OBSCENOS E PORNOGRÁFICOS, ASSIM COMO SOMOS ALTRUÍSTICOS E FILANTRÓPICOS. NÃO TIVESSEMOS SIDO EXPULSOS DO ÉDEN, NÃO CARREGARÍAMOS CONOSCO OS MALES, MAS TAMBÉM NÃO TERÍAMOS PROVADO O FRUTO DO CONHECIMENTO.

DESCREVENDO UM RETALHO OBSCENO E PORNOGRÁFICO DE NOSSA HISTÓRIA SOCIAL CONTEPORÂNEA, PLÍNIO MARCOS O FAZ POR MEIO DE PERSONAGENS CUJO LINGUAJAR E OBSCENO E PORNOGRÁFICO: UMA PROSTITUTA, UM PROXENETA, UM PEDERASTA. PODERIA DESCREVER O MESMO RETALHO, USANDO DE UM EUFEMISMO E COLOCANDO O TEMA DA PEÇA EM DISCUSSÃO ENTRE UM RELIGIOSO, UM FILÓSOFO, UM CENSOR, E OBTER ATÉ MESMO UM BOM TEXTO TEATRAL. O QUE NÃO PODERIA É DAR AO RELIGIOSO, AO FILÓSOFO, AO CENSOR O LINGUAJAR DA PROSTITUTA, DO PROXENETA, DO PEDERASTA. COMO AO PEDERASTA, AO PROXENETA, A PROSTITUTA NÃO PODE DAR O LINGUAJAR DO CENSOR, DO FILÓSOFO, DO RELIGIOSO. POR ÊSSE SUMARÍSSIMO "ORGANUM" DO TEATRO REALISTANCREMOS TER DEIXADO BEM CLARA A NOÇÃO DA "IMORALIDADE" NA OBRA DE ARTE, QUE SÓ PODE SER MEDIDA EM TÊRMOS E AUTÊNTICOSE INAUTÊNTICOS

QUALQUER AFIRMATIVA DE QUE SEJA "A NAVALHA NA CARNE", DE PLÍNIO MARCOS, UM TEXTO ATENTATÓRIO À MORAL PÚBLICA, SÓ PODE SER ATRIBUIDA À INGENUIDADE DE QUEM A FAZ; OU À SUA SUPERFICIALIDADE NO EXAME DE MATÉRIA INTELECTUAL; OU AINDA À PURA E SIMPLES HIPOCRESIA. POIS QUE, COM SUA PEÇA O JOVEM AUTOR SE REVELA UM DOS NOSSOS MAIS FERRENHOS MORALISTAS PRATICANTES, EM LINGUAGEM TEATRAL.

ass. João Marschner .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.156

DPF
DCDP
Fls. N.º 103
Rubrica

DEPOIMENTO DE MARIA TEREZA VARGAS

"A NAVALHA NA CARNE" NÃO É UMA SEQUÊNCIA - GRATUITA DE PALAVRÕES, MAS O TRABALHO DE UM POETA AUTÊNTICO, CUJA QUALIDADE CONSISTE JUSTAMENTE EM TERALINHAVADO ESSAS PALAVRAS (DITAS DE SUB-MUNDO) E ELEVÁ-LAS A UMA FORMA DE EXPRESSÃO, A ÚNICA PERMITIDA AO DIÁLOGO DO DESAMOR. QUE PALAVRAS SE NÃO ESSAS, RESTARIAM ÀQUELES QUE SE DETESTAM, SE AMAM, SE NECESSITAM, DISPONDO APENAS DO DERIR? É PRÓPRIO DAS SOCIEDADES CHAMADAS DEMOCRÁTICAS A - POSSIBILIDADE DEESCOLHA, E O DESTEMOR FRENTE A ÊSSE MOVIMENTO ESTREMAMENTE ESTIMULANTE, ENTRE O AGRADÁVEL DE - SE VER E O SUMAMENTE PENOSO.

DE MAIS A MAIS SENDOO TEATRO ATUALMENTE (DEVIDO A RAZÕES QUE NÃO NOS CABE NO MOMENTO JULGAR) UMA ARTE POUCO POPULAR, NÃO CREMOS QUE SEJA PRECISO" VIGIAR" - PARA QUE ESPÍRITOS POUCO FORMADOS VENHAM ASSISTIR TAL PEÇA. A PLATÉIA DÊSSE GRUPO É ESPECÍFICA, FORMADA POREESTUDANTES (EM SUA MAIORIA UNIVERSITÁRIOS) OU ENTÃO POR PÚBLICO SUFICIENTEMENTE FORMADO, ADULTO COM PLENA CAPACIDADE DE JULGAMENTO.

PODERIA SE SUGERIR A CENSURA, NOVO JULGAMENTO, APÓS TER ELA ASSISTIDO UM ENSAIO GERAL , OU ESPECIAL.

PARA TAL TIPO DE PEÇA, A PRESENÇA HUMANA DOS ATORES TORNA-SE NECESSÁRIA. CABERÁ À SUA SENSIBILIDADE, À EXPERIÊNCIA DE VIDA, À MANEIRA DE TRADUZIR DETERMINADOS SENTIMENTOS, ACRESCENTAREM AO DIÁLOGO APARENTEMENTE CHÃO. A DIMENSÃO TRÁGICA DE UMA TAL SITUAÇÃO.

ass. Maria Tereza Vargas .

DPF
DCDP
Fls. N.º 104
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.157

DEPOIMENTO DE GIANFRANCESCO GUARNIERE

A PEÇA DE PLÍNIO MARCOS, "A NAVALHA NA CARNE" É UM DOCUMENTO. A SOCIEDADE NÃO PODE TEMER DOCUMENTOS SÔBRE SUA ÉPOCA. ÊLES SÃO NECESSÁRIOS À COLETIVIDADE. ALÉM DO ASPECTO DOCUMENTAL, PLÍNIO ALCANÇA UM INVEJÁVEL NÍVEL DE - COMUNICAÇÃO ARTÍSTICA. ÊSSES SÃO OS MOTIVOS QUE TORNAM A ABERRANTE A PROIBIÇÃO DA CENSURA.

ass. Gianfrancesco Guarnieri .

DPF
DCDP
Fls. N.º 105
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.158

DEPOIMENTO DE LAURO CESAR MUNIZ

PEÇA EXCELENTE COM A AMPLITUDE ARTÍSTICA E DE LEVANTAMENTO SÓCIO-CULTURAL.

DEVE SER LIBERADA.

ass. Lauro Cesar Muniz .

DPF
DCDP
Fls. Nº 106
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.159

DEPOIMENTO DE ALTAIR LIMA

EXCELENTE TEXTO, RETRATA COM MUITA CLAREZA E - AUTENTICIDADE TODO O PROBLEMA DE UM GRUPO CONDICIONADO À "ENGRENAGEM" SOCIAL: DEVE SER LIBERADA.

ass. Altair Lima .

DPF
DCDP
107
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.160

DEPOIMENTO DE HILTON VIANA

A VIDAESTÁ AÍ, CHEIA DE DORES, ANGUSTIAS E - DESESPÊROS. AS PROSTITUTAS,OS PEDERASTAS E OS RUFIÕES (PERSONAGENS DE "A NAVALHA NA CARNE"), FAZEM PARTE DELA. A PEÇA DE PLÍNIO MARCOS CONTA A ESTÓRIA DESSA GENTE, COM SUAS - DORES E SEU LINGUAJAR CARACTERÍSTICOS. OUTROS GRANDES AUTÔRES TAMBÊM JÁ CONTARAM. ALBEE É A PROVA. UMA VEZ QUE - PLÍNIO CONTA ESTÓRIA DE GENTE, SUA PEÇA DEVE SER LIBERADA. É UM DIREITO DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA.

ass. Hilton Viana .

DPF
DCDP
Fls. N.º 108
Públicos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 161

DEPOIMENTO DE CARLOS MURTINHO

A PEÇA "A NAVALHA NA CARNE", DE PLÍNIO MARCOS, FOI TAXADA DE IMORAL PELA CENSURA FEDERAL. INDEPENDENTEMENTE DE SEUS VALÔRES, QUALIDADES OU DEFEITOS, REALMENTE IMORAL PARECE-ME A INTERDIÇÃO OU A MUTILAÇÃO DE UMA OBRA DE ARTE. O PROBLEMA TRANSCEDE O TEXTO EM QUESTÃO E EXIGE, DE UMA VEZ POR TÔDAS, UMA ANÁLISE SÉRIA E UMMOVIMENTO DE RECUSA TOTAL CONTRAA IMORALIDADE DA PRÓPRIA CENSURA.

ass. Carlos Murtinho.

DPF
DCDP
Fls. N.º 109
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.162

DEPOIMENTO DE GILSON BARBOSA

ACHO QUE ESSA PEÇA É UMA AUTENTICA OBRA DE ARTE E POR ISSO DEVE IR A PÚBLICO.

ass. Gilson Barbosa.

DPF
Fls. N.º 110
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.163

DEPOIMENTO DINA SFAT

EXCELENTE PEÇA, QUE DEVE SER LIBERADA.

ass. Dina Sfat .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.164

DCDP Fls. N.º 144 Rubrica

hilton viana

TEATRO



Estas moças do "Beriozka" estarão encantando a partir do proximo dia 19 no Municipal

TEMPORADA POPULAR DE "BOA TARDE EXCELENCIA", "BERIOZKA" E "BLACK-OUT" AS NOVIDADES DA SEMANA

Começa hoje, no Teatro Cacilda Becker, a temporada popular de "Boa Tarde Excelencia". Temporada essa que irá somente até o proximo domingo, pois o elenco já tem estréia marcada no Rio de Janeiro no Teatro Mesbla para o proximo dia 6. Ontem o espetaculo foi apresentado em Franca com grande sucesso. Vale a pena ver a peça de Sérgio Jockman, habilmente dirigida por Antonio Abujamrra. A outra estréia da semana dar-se-á com o famoso conjunto "Beriozka" no Teatro Municipal e, pela primeira vez, permanecerão mais de uma semana naquele teatro. Pois serão apresentados 9 espetaculos. A procura está sendo tanta que todas as sessões já estão quase lotadas. Com relação ao conjunto, publicamos um telegrama que acabamos de receber do Rio:

SUCURSAL

Queixando-se muito do calor carioca, durante "cocktail" oferecido pela Embaixada da URSS, a sra. Nadejda Nadejdina, diretora do ballet coreografico soviético "Beriozka", disse que assim como o clima do Brasil, os espectadores têm também muito calor; já os conhecia desde 62, quando o "Beriozka" aqui esteve pela primeira vez. Quanto à cidade Rio de Janeiro, Nadejda Nadejdina comparou-a a conto de fadas.

O "Beriozka", que está de partida para São Paulo, não poderá fazer nenhuma apresentação no Maracanãzinho, segundo a empresaria Tamara Taizline, porque durante a noite, nos dias de semana, o publico é muito pequeno.

"BLACK-OUT"

Começa amanhã em pré-estréia no Teatro da Aliança Francesa a peça "Black-Out" com Eva Wilma, Geraldo Del Rey, Ivan de Albuquerque, Stenio Garcia, Regina Duarte e Newton Prado. Sexta-feira o espetaculo será apresentado especialmente para uma organização israelita. A critica verá a peça somente na proxima quinta-feira.

EIS UM TRECHO

de uma longa entrevista com o Dr. Alvaro Villaça Azevedo, advogado de Plinio Marcos e do Grupo União, pois ciente de que Plinio Marcos está ingressando com pedido de reconsideração de censura, por intermedio de seu advogado fomos ouvi-lo. Eis o que disse aquele causidico: "A proibição da peça impede o limitado, mas seleto publico de teatro, com formação cultural e moral bem definidas de assisti-la, além de comprometer seriamente, a propria sobrevivencia do Grupo União, formado de gente jovem e de muito ideal". Consta que o censor Russomano está vendo com muita simpatia uma reconsideração. Tambem Paulo Autran se manifestou. Eis seu depoimento:

"O publico, no mundo inteiro, está farto da hipocrisia de um certo tipo de teatro côr de rosa que fez a delicia de varias gerações.

O extraordinario sucesso de Edward Albee com a sua violenta "Quem tem medo de Virginia Woolf?" mostra que a platéia moderna é perfeitamente capaz de aguentar verdades. A consideração mundial por Gean Genet é outra prova de que o tempo em que na França se mudava o final de Otelo, de Shakespeare, porque poderia "chocar" os espectadores já vai muito longe.

Querer proibir um texto da categoria de "Navalha na Carne" é indicio de retrocesso cultural, de incapacidade de entender o mundo de hoje.

Lendo a peça, tivemos a nitida impressão de travar conhecimento com um autor internacional, chocante, estimulante, concientizador e altamente moral, da categoria dos melhores autores recentemente surgidos no mundo.

SRA. TAIZLINE

Desembarcará hoje em São Paulo, às 11 horas, a sra. E. Taizline, responsavel pela empresa que mais uma vez trouxe até nós o fabuloso conjunto "Berizka". Aliás, amanhã, às 18 horas, as jovens estarão no Terrazza Martini, quando concederão entrevista à imprensa. Os espetaculos em São Paulo serão realizados nos seguintes dias: estréia dia 19 e depois dias 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28. Sendo que nesse ultimo dia e no dia 21 serão apresentadas somente duas vesperais, às 16 horas. Na segunda-feira, dia 22, haverá descanço da Cia.

"UM JANTAR INESQUECIVEL"

No proximo dia 24, no Teatro Paramount, será apresentada a engraçada comédia "Um Jantar Inesquecivel". O texto original é "Pollo con Tomada", de E. Jimenez e foi traduzido por Olindo Dias. Na segunda parte será apresentado Mario Vargas e Império Montenegro e mais ainda: Carlos Lombardi, o rei do tango e cantores e cantoras de varios estilos de musica.

CACILDA BECKER

e Walmor Chagas já estão providenciando a remessa dos papéis para receber os 5 milhões de cruzeiros velhos que Meira Pires, diretor do SNT, acaba de conceder para manutenção do teatro. O casal de artistas estreará com "Isso devia ser proibido" no proximo dia 6.

FUTURISMO

Haverá somente mais quatro apresentações do "Teatro Futurista Sintético" no Auditorio Italia.

"MARAT-SADE"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.165

DPF DCDP Fls. N.º 112 Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

..... São Paulo Em 17 de Maio de 1967.

Do

Ao

Assunto

Como integrante da comissão designada para opinar quanto à peça "A Navalha na Carne", de autoria do sr.Plínio Marcos, cumpre-me expender meu parecer, o que faço baseado na reconhecida liberdade de creação,liberdade de expressão e nos lídimos direitos de expressão conquistados pela criatura humana.

Sem dúvida,êsses direitos existem e devem ser respeitados; mas, sobretudo e sempre,respeitados quando não férem. com seu palavreado descontrolado, com sua fórma e texto de um linguajar de baixo calão, os princípios de educação, de compostura, de decência, de respeito ao próximo e,consequentemente da Família constituida.

Na peça em fóco, não há o "duplo-sentido", não há a fórma velada deixando ao espectador, à sua mente fantasiosa e ao seu critério, a formação do juizo,a conclusão...;nada disso:- aquí, a manisfestação é brutal e,o que é pior, o final não traduz qualquer mensagem elevada,qualquer consideração que leve o espectador a considerar as falhas sociais,os abusos dos cáftens, o mal da prostituição, etc.,etc..

Nada disso; parece, mesmo, existir o desejo de enaltecer tais aberrações, fazendo delas o escôpo máximo da vida como se nada mais nóbre existisse na Sociedade.

E, o que é mais, os Jornais,diàriamente, verberam contra a Polícia, incriminando-a de descúria, descaso para com os problemas sociais,demonstrando a inconveniência e os perigos que representam a prostituição, a malandragem,a vadiagem, a homosexualidade, a cafetinágem, campeando livremente!

Combátem-nos como NOCIVOS! Combatem-nos como CANCROS a serem extirpados de nosso meio social !

Daí, como admitirem-se levados à cena, lívremente(embora as restrições de idade), para serem assimilados como algo "salutar", como algo muito, muitíssimo natural?..

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.166

DCDP
Fls. N.º 113
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

..... Em

Do

Ao

Assunto continuação.

Será melhor u'a refórma em nosso Código Penal, eis que, em vista de opiniões várias, contidas na Representação dos interessados,aquele Diploma Legal está obsoleto,"quadrado" sem aplicação no presente, Assim.também, quanto à Lei das Contravenções Penais. Devem ser banidas de nosso Direito.(???).

As Leis brasileiras proibem o gênero livre.

É verdade, também, que esta peça não traz, em seu bojo, o gênero livre praticado; entretanto, e não há negar, o traz FALADO ! E, com as palavras,a prática e os atos estão patentes, irrefutáveis, sem duplo sentido ...

"Animus argumentandi", transcrevemos, aquí, o artigo 234 e seus parágrafos! (Código Penal)

> Art. 234 - Fazer, importar, exportar,adquirir ou ter sob sua guarda, para fim de comercio, de distribuição ou de exposição pública, escrito, desenho,pintura,estampa ou qualquer objeto obceno:
>
> Pena - detenção, de seis mêses a dois anos, ou multa de dois contos a cinco contos de réis.
>
> § 1º - Incorre na mesma pêna, quem :
>
> I - vende, distribuiu ou expõe à venda ou ao público qualquer dos objetos referidos neste artigo;
>
> II - realiza, em lugar público ou acessível ao público,REPRESENTAÇÃO TEATRAL ou exibição cinematográfica de caráter obsceno, ou qualquer outro espetáculo,que tenha o mesmo carater;
>
> III - realiza, em lugar público ou acessível ao público, ou pelo rádio, audição ou recitação de caráter obeceno.

Maiores argumentações são desnecessárias.

A peça em fóco descreve prazer mórbido pela obscenidade. É impraticável sua liberação,sob qualquer ângulo.

Descrevê-la como arteé,"data vênia", heresia!

continua

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.167

DCDP
Fls. N.º 114
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

..... Em

Do

Ao

Assunto continuação.

ARTE, é algo mais sublime! Arte, sempre traduz mensagem à elevação da alma, ao belo, ao êxtase !

Arte, enfim, não existe no charco...

.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.

Ante o exposto e pelo que mais nela se contém, sou pela manutenção integral de sua IMPUGNAÇÃO.

São Paulo, 17 de Maio de 1967

(Raul Fernandes Cruz) - CENSOR.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.168

DCDP
Fls. N.º 115
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

..... Em

Do

Ao

Assunto : Censura, em recurso, da peça "Navalha na Carne", de Plínio Marcos.

Não obstante o meu acatamento as opiniões de ilustres críticos e intelectuais, mantenho a decisão do Censor Geraldino Russomano, proibindo a representação da peça " Navalha na Carne", da autoria de Plínio Marcos.

Respeito muito a livre manifestação do pensamento,não só por obediência à Constituição Federal, como pela minha formação, mas desde que essa manifestação seja feita por expressões audíveis, sem ausência do decôro, o que não acontece com a peça em aprêço.

Espero que êsse meu parecer não influe no espírito do jovem e talentoso autor, de quem, para o futuro, conto apreciar obras de sua lavra de indiscutível valor dramático e literário, não lhe faltando para isso inteligência, cultura e técnica teatral.

A literatura dramática brasileira aguarda pena de Plínio Marcos produções que possam enriquecê-la, vestidas com uma linguagem digna do autor.

Aí, então, terei o prazer de assinar a permissão para a sua representação em nossos palcos.

São Paulo, 19 de maio de 1 967.

Nestório Lips
Censor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.169

Fls. N.º 116
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SECÇÃO DE CENSURA

Com o devido respeito que o Poder Censório atua sôbre as criações artísticas e literárias, também assim se manifesta quando ao Autor no seu exercício de liberdade de expressão, seja ela qual fôr.

O Autor, Sr. Plinio Marcos, no uso dessa liberdade de criação compos a peça "A NAVALHA NA CARNE" sòmente de elementos deletérios, abusando de palavras e frases obsceninas a tal ponto que por si só tornou a sua obra impraticável face a legislação atinente.

O convívio em Sociedade exige do indivíduo certo comportamento circunscrito por determinados limites que são ditados pelos bons costumes.

E mais, é de se rejeitar qualquer principio que conceda à arte liberdade ilimitada. Ela é o meio de expressão do homem. Concretiza uma lucubração, uma abstração individual, que, conseqüentemente, não pode ir além de certos limites. Ainda que não se considere a arte como expressão de belo, mesmo que se lhe negue a finalidade única de despertar e disciplinar o sentimento estético, não pode ela, em qualquer de sua modalidade, descer ao obsceno, sob pena de obscena também se tornar e de não ser arte (pelo menos diante do Direito Penal) para desespero dos apologistas da liberdade ilimitada. Os limites são fixados pelas exigências de um critério de moralidade média, indispensábel à saude ética de qualquer Sociedade, Essa restrição que os juristas e a censura proclamam, mem sempre é reconhecida pelos artistas ou autores, que muitas vêzes reclamam uma liberdade completa, reivindicando a faculdade de tudo expôr e de tudo retratar. O objetivo estético eliminaria, segundo apregoam, qualquer ilicitude, jamais podendo confundir-se a analise serena e objetiva das mazelas sociais com o escopo pornográfico, Os juristas, todavia, não se cruvam diante dêsse argumento, e através de Manzini revidam que, - para porém à mostra as injustiças e torpezas da Sociedade, não há necessidade de ultrapassar os limites da decência, comprazendo-se em rebuscar aquilo que se deveria deplorar.

É o que o Autor de "A NAVALHA NA CARNE" deveria saber.

A peça em tela, parece-nos, quer oferecer posição expressionista, dramática e revoltante (?), sendo sua tematica o rufi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.170

DPF
DCDP
Fls. N.º 117
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

ão, a prostituta, o pederasta, a maconha, o narcómano, sem entretanto concluir a idéia, oferecer qualquer mensagem, tornando-se um pêndulo sôbre a cabeça do expectador.

Ou ainda, exalta fundamentais pontos negativos de classes ou grupos sociais marginalizados pela Sociedade, como a prostituta explorada pelo homem, o rufião (caftem como diz o Autor) como herói nos diálogos, o pederasta como corrupto e corruptor (aliás, que contracena como afeminado durante um terço da peça!), a maconha como droga potencial ao tema, etc. sem que o Autor tenha se preocupado ou esboçado esfôrço sério de penetração psicológica de tal idéia junto ao público, adotando para tanto, contôrnos psíquicos aos personagens preocupando-se, isto sim, sòmente com detalhes obsedantes dos atos de depravação social e do delito.

Impugnada peça, como deve ser, não mais será representada no Teatro da Rua, considerado o teatro dos jovens, mas por culpa do Autor que quêr expôr realidade sem conceituá-la.

À superior consideração.

a) Geraldino Russomano
Censor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

817/67
20 +-

DPF
DCDP
Fls. N.º 118
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. DO71, P.171

ILUSTRISSIMO SENHOR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL EM SÃO PAULO.

1266

PLINIO MARCOS DE BARROS, autor devidamente registrado na SBAT, vem requerer se digne V.S. mandar - proceder a Censura na peça abaixo qualificada, para o que junta os documentos de Lei.

NOME - NAVALHA NO ROSTO.
AUTOR - PLINIO MARCOS.
DATA - Provavelmente a partir de 1º de Maio de 1967.
LOCAL - Teatro da Rua - Augusta 2.203 loja 24.
GÊNERO - Drama em um ato.

Nestes Termos.
P. Deferimento.

Plinio Marcos de Barros

São Paulo, 14 de Abril de 1967.





BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 172

Parecer do Censor.

Peça sórdido, num ambiente de bas-fond, de vícios e de vidas pregressas, com texto em linguajar do mais baixo calão, indecoroso e contínuo, enojando o expectador.

Pelos motivos acima e pela falta absoluta de um conteúdo moral, opino pela PROIBIÇÃO da peça, cuja única mensagem é a pouca vergonha, é o vício, constituindo-se numa afronta ao decôro público.

Salvo melhor juizo do Sr. Chefe da Censura.

São Paulo. 18. 4. 1967

Liliane

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.173

DPF
Fls. N.º 119
Rubrica

A NAVALHA NA CARNE

O
O
O
O
O

PEÇA DE

PLINIO MARCOS

. . . . . .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.174

DPF
D. PR
Fls. N.º 120
Rubrica

CENÁRIO:

UM SÓRDIDO QUARTO DE HOTEL DE QUINTA CLASSE. UM GUARDA-ROUPA BEM VELHO, COM ESPELHO DE CORPO INTEIRO, UMA CAMA DE CASAL, UM CRIADO MUDO, UMA CADEIRA VELHA, SÃO OS MÓVEIS DO QUARTO.

PERSONAGENS

WADO
NEUSA SUELY
VELUDO

oooooooooooooooo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.175

DPF
DCDP
Fls. N.º 121
Rubrica

(QUANDO O PANO ABRE, WADO ESTÁ DEITADO, LENDO UMA REVISTA EM QUADRINHOS; LOGO ENTRA SUELY)

SUELY - Oi ! Você está aí!?

WADO - Que você acha ?

SUELY - É que você nunca chega tão cedo.

WADO - Não cheguei, sua vaca ! Ainda nem saí !

SUELY - Tá doente ?

WADO - Doente o cassete !

SUELY - Não precisa se zangar ! Só perguntei por perguntar. Não estou secando ninguém.

WADO - Mas pode ficar sabendo que estou com o ovo virado.

SUELY - Por que meu bem ?

WADO - Não sabe, né ?

SUELY - Não sou adivinhona.

WADO - Quer bancar a engraçada ? Vou te encher a lata de alegria (Levanta-se, vai até Suely e lhe torce o braço) - Está gostando?

SUELY - Pôxa, você está me machucando.

WADO - Você ainda não viu nada, sua miserável.

SUELY - Ai ! Não te fiz nada !

WADO - Não fêz ? Não fêz, sua filha de uma cadela !

SUELY - Que eu te fiz ?

WADO - Quer se fingir de bola ? (Aperta mais o braço de Suely)

SUELY - Ai ! Ai ! Juro que não sei.

WADO - Sabe por que eu não saí hoje ?

SUELY - Sua cabeça é seu guia.

WADO - Pois é, né ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.176

DPF
DCDP
Fls. N.º 122
Rubrica

SUELY - Eu não prendo ninguém !

WADO - (Vira Suely e a joga no chão com um tapa) - Já lembrou o que me aprontou, sua nojenta ?

SUELY - Você está é com onda !

WADO - Quer criar caso ? (Dá um pontapé na mulher) - Pode ficar certa que outra presepada que você me arrumar não vai ser mole prá você. (Dá mais um pontapé na mulher) - Sua porca ! Quem você pensa que eu sou ? Um trouxa qualquer ? (Bate mais em Suely) Assim você aprende a não querer bancar a sabida comigo. (Wado volta para o lugar inicial e continua lendo)

SUELY - Poxa, você me machucou.

WADO - Assim você se manca.

SUELY - (Se levanta com muito custo) - Abre o jogo de uma vêz. O que é que eu te fiz ?

(P A U S A)

SUELY - Já foram fazer alguma fofoca de mim prá você, é ? (PAUSA) - Eu sei quem foi ! Você fica entrando no papo daquela vadia lá no cento e dois ! Aquela puta sem-vergonha é doida prá se atravessar na vida das outras. Só pode ser ela quem te encheu a caboça. Pensa que eu não sei ? Ela dá em cima de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode ver ninguém bem.Mas ela vai ver. Comigo não vai ter bafo. Corto a cara dela com gilete.

WADO - Cala essa boca, pombas ! Aquela mulher não tem nada a ver com isso. E você sabe bem.

(P A U S A)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.177

DPF 123 DP Fls. Nº Rubrica

grosso ! Já vou te avisando ! Se eu te ver batendo caixa com ela faço um azar. Você sabe que eu faço mesmo ! Não estou aqui prá ser corniada por uma jogada fora daquelas !

WADO -- Vê se cala essa matraca !

SUELY - Já vi que você embarcou na dela.

WADO - Quer tomar outro cassete ? Não, né ! Então não me enche o saco ! Já estou cabrero com você ! Se espernear te meto a mão.

(P A U S A)

SUELY - Aquela filha da puta te enrolou. Eu sei ! Ela fêz assim com o macho da Mariazinha. Caguetou prá êle que ela estava se escamando na viração porque estava prenha. O cara foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou de tanta porrada que levou. Depois, quando a desgraçada se danava no hospital, o sacada ia na leve com a grana da cadela do cento e dois.(PAUSA) - Também, a Maria é uma trouxa. Saiu do hospital e aceitou o miserável do homem dela de volta.

WADO - Ela que tá certa.

SUELY - Otária o que ela é.

WADO - Não manjo êsse cara da Maria. Mas, êle está por dentro.

SUELY - Um paspalhão que êle é ! Voltou todo empestiado daquela galinha.

WADO - Conversa ! O sujeito sabe viver !

SUELY - Sabe viver prá xuxu ! Se não fôsse a Maria cuidar do miserável, êle se acabava ! Entrou no puteiro da cadela a pé e saiu a cavalo.

WADO - Mas êle que pode ! Está certo, sim ! A mina é cansada, leva no macio. Fêz ela pegar o esquentamento da outra.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.178

DPF DCDP Fls. N.º 124 Rubrica

SUELY - Maria é uma boba ! Comigo não tem disso.

WADO - Quer ver eu te aprontar uma dessas ? E você me aguenta !

(P A U S A)

WADO - Duvida ? Te faço pior e tu me engole ! Se duvida, diz ! Te apronto uma que não vai ser mole prá ti. Se duvida, te mostro.

SUELY - Você não tem coragem.

WADO - Não !? ... Já existe a penicilina, boboca ! Me limpo fácil! Agora, você se estrepa. Pega fama de perebentá, tá lascada. Ninguém quer mais. Nem o cara mais jogado às traças.

SUELY - Pôxa, Wado, não vai fazer um papelão dêsses comigo.

WADO - Me apronta outra presepada como a de hoje ! Me apronta, te estrepo.

SUELY - Mas poxa, o que eu te fiz hoje ?

WADO - Porra quer apanhar outra vez ? Fica querendo se fazer de sabida ! Depois se queixa ! Estou deixando a coisa barato, se tentar me engrupir te arrebento todos os dentes da boca com uma mucada.

SUELY - Não tem babado, alguém te encheu a cuca. Te botou contra mim.

WADO - (Sacode Suely e a atira longe) - Não me torra o saco ! Tenho malandragem para dar e vender. Não vai ser você que vai gozar minha cara.

SUELY - Não estou querendo gozar ninguém.

WADO - Ai de você se quizesse.

SUELY - Só não estou por dentro de sua bronca.

WADO - Não está, né ? (Dá mais porrada em Suely) - Agora olha, sua puta sem-vergonha ! (Vira os bolsos, estão vazios)-Morou,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.179

DPF DCDP Fls. N.º 125 Rubrica

agora ?

SUELY - Está na lona ?

WADO - (No auge da bronca) - Eu estou duro ! Eu estou a nenhum ! Eu estou a zero, a zero, sua vaca !

SUELY - E a culpa é minha ?

WADO - Vagabunda, miseravel ! Sua puta sem calça ! Que tu pensa que é (Sacode Suely pelos cabelos) - Pensa que estou **aqui** por que? Anda, responde ! (PAUSA) - Não escutou ? Responde. Por que você acha que eu te aturo, por que ?

SUELY - (Envergonhada) - Eu sei ... eu sei ...

WADO - Sabe, né ! Então diz ! Por que te aturo ?

SUELY - (Humilde) - Poxa, Wadinho, eu sei ...

WADO - (Sacode Suely) - Então diz ! Diz ! Quero escutar ! Diz de uma vez, antes que eu te arrebente. Por que fico com você ?

SUELY - (Humilhada) - Por causa da grana.

WADO - Repete sua vaca ! Repete ! Repete ! Anda !

SUELY - (Quase chorando) - Por causa da grana.

WADO - Repete mais uma vez !

SUELY - Por causa da grana !

WADO - Mais alto, sua puta nogenta !

SUELY - Por causa da grana.

WADO - Isso mesmo ! Estou com você por causa do tutu. Só por Causa do tutu ! (Joga Suely longe) - Você sabe. Estou aqui por causa da grana ! Por causa da grana ! É isso mesmo. E se você não me der moleza, te arrebento o focinho e me largo. E não pensa que vou ficar no "hora veja". Eu sou o Wadinho da Candongas, te tiro de letra fácil, fácil. Eu estou assim de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.180

DPF DCDP Fls. N.º 126 Rubrica

mulher que me quer dar o bem bom. Você sabe disso também, não sabe ?

SUELY COMEÇA A CHORAR

WADO - Sabe ou não sabe ?

SUELY - Sei ... sei sim ... (Soluça)

WADO - (Levanta a cabeça da mulher) - Para de chorar ! Porra ?Será que vou ter de aturar até essa onda de chôro ?

SUELY - (Soluça) - Pronto ! Já não estou chorando ! (Soluça)

WADO - Que mania de fazer drama à toa !

SUELY - À toa, não ! Você me machucou !

WADO - Bem feito ! Assim você aprende a não folgar com o bem.

SUELY - Não te fiz nada ! Você está zoeira.

WADO - Estou mesmo ! Minha zoeira é ser bom prá mulher. Te trato legal ! Nisso que dá ! Quando digo que estou a nenhum, que estou durango, a piranha põe banca: (Imita a mulher) - Não é culpa minha !

SUELY - E não é mesmo !

WADO - Poxa, será que tenho cara de trouxa ? Sou teu macho, se não tenho um puto de um tostão, quem está errado ?

SUELY - Não sei ...

WADO - Ai, meu cassete ! Não aprendeu ? As porradas que te dei não serviram de nada ?!

SUELY - Te dou a grana. Se você torra, que posso fazer ?

WADO - Que grana que você me deu hoje ?

SUELY - Não sabe, né ? Ganha no mole, mete o pau fácil.

WADO - Escuta aqui, desgraçada ! Tá querendo me azedar de novo ?Que dinheiro você me deu hoje ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.181

DPF
DCDP
Fls. N.º 127
Rubrica

SUELY - Ah, não deixei dinheiro aí no criado mudo ?

WADO - Ficou louca ?

SUELY - Claro que deixei o tutu aí.

WADO - Então êle voou !

SUELY - Então voou.

WADO - Mentirosa, nojenta !

SUELY - Não me [illegible] a paciência. Encheu a cuca de fumo e esqueceu de tudo.

WADO - Não peguei nem uma ponta de estaleiro hoje, pantera. Estou de prêsa seca, por tua causa. Pensa que maconha anda por aí dando buzo ?

SUELY - Só sei que botei dinheiro aí no criado mudo, como todo dia.

WADO - Se botasse, eu não estava aqui esquentando a mufa. Estava lá na sinuca me divertindo.

SUELY - Queimando erva e dinheiro !

WADO - E daí ?! Dinheiro meu gasto onde quero.

SUELY - E eu que me dane na viração.

WADO - É a lei !!! Mulher que quer se bacanear com um cara linha de frente como eu, tem de se virar certinho.

SUELY - Um dia a casa cai, pode crer.

WADO - Não conversa, não ! Quero saber onde está a porra do dinheiro.

SUELY - Botei aí ! Cansei de falar.

WADO - Então alguém pegou.

SUELY - Então pegou.

WADO - E não fui eu.

SUELY - Será ?... Será que foi o desgraçado ?...

WADO - Que desgraçado ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.182

DPF
DCDP
Fls. N.º 128
Rubrica

SUELY - O Veludo. Será que foi êle ?

WADO - Êle ? ... Ficou batusquela ? Êle não ia ter peito.

SUELY - Êle entrou aqui hoje depois que saí ?

WADO - Como vou saber ? Estava dormindo.

SUELY - Acho que o sacana veio arrumar o quarto, viu você apagado, passou a mão na erva e se mandou.

WADO - Não inventa ! Êle não ia ser tão cara de pau assim.

SUELY - Não sei, não. Vi o garoto do bar saindo do quarto do veludo.

WADO - E daí ? Êle dá o que é dêle.

SUELY - Pois é ! Mas há muito tempo êle vem cozinhando o garoto e não arruma nada ! O menino cobrava caro pra entrar na dêle.

WADO - Poxa, será que êle afanou meu tutu prá dar prá aquêle trouxinha ?

SUELY - Se êle entrou aqui hoje, foi êle.

WADO - Mato êsse puto de merda, se foi êle.

SUELY - Vou perguntar prá dona Tereza.

WADO - Perguntar o que ?

SUELY - Se a velha pagou o ordenado do Veludo.

WADO - Que nada ! Deixa êle prá mim ! Chama essa bicha miserável !

(SUELY VAI ATÉ A PORTA)

SUELY - Veludo ! Veludo , quarto três (PAUSA) - Não escutou !

WADO - Chama mais alto ! Todo viado é surdo !

SUELY - Veludo ! Veludo !

VELUDO - (De fora, bem afeminado) - Quem me chama ?

SUELY - Quarto três !

VELUDO - Já vai.

DPF
DCDP
Fls. N.º 129
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.183

WADO - Vou acertar o passo dessa bichona.

SUELY - Não vai machucar êle.

WADO - Não, né ! Você vai ver.

SUELY - Êle é doido prá um enchame ! Êle chama a cana.

WADO - Essa bicha não é doida, nem nada.

SUELY - Toma cuidado, Wadinho. Vê lá o que vai fazer.

WADO - Vai por mim.

(BATIDINHAS NA PORTA)

VELUDO - (Fora de cena) - Chamou, Neusa Suely ?

WADO - Entra,bichona.

VELUDO - Com licença.

WADO - Vai entrando, seu puto.

VELUDO - O senhor está aí, seu Wado ?

WADO - Estou,sim.

VELUDO - É o senhor que quer falar comigo, ou é a Neuza Suely ? Adoro êsse nome Neuza Suely.

WADO - Fecha a porta e deixa de frescura.

VELUDO - (Fecha a porta) - Pronto, seu Wado.

WADO - Presta bem atenção no que vou te dizer, seu viado de merda.

VELUDO - Se o senhor começar a me xingar, me mando. A Neuza Suely sabe como eu sou. Não gosto de desaforo. Nem dos maus homens aguento maltrato.

WADO - Filho da puta ! Viado nogento.

VELUDO - Você está vendo, Neuza Suely ? Vou me arrancar ! Depois você reclama que eu não gosto de vir fofocar no seu quarto. É por essas e outras. Ninguém gosta de estupidez.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.184

DPF DCDP Fls. N.º 130 Rubrica

WADO - Isso não é nem o começo !

VELUDO - Prá mim é o fim - (Vai sair. Wado agarra Veludo, joga-o na cama e fecha a porta)

VELUDO - Bruto ! Cafajeste !

WADO - Cala essa boca, frosco de uma figa !

VELUDO - Me deixa sair. - (Vai sair. Wado dá um tapa nêle)

WADO - Senta aí, miserável !

VELUDO - Ai ! Ai ! que deu nêsse homem ?

WADO - Vamos conversar, seusem-vergonha.

VELUDO - Se a Neusa Suely gosta de apanhar, bate nela ! Eu não gosto de coisas brutas, não sou tarado !

(WADO DÁ UM PONTAPÉ NO VELUDO)

VELUDO - Êle está me batendo, Neuza Suely !

SUELY - Explica tudo direitinho ! Vai ser melhor prá você.

VELUDO - (Choroso) - Explicar o que ?

WADO - Quem mandou você pegar o dinheiro ?

VELUDO - Que dinheiro ?

WADO - (Wado dá um tapa em Veludo) - O que você pegou !

VELUDO - Deus me livre ! Que dinheiro que peguei ? Ai, meu Deus! Nem sei de que estão falando.

WADO - (Dá novo tapa em Veludo) - Cadê a grana, Veludo ?

VELUDO - Ai, ai, seu cafetão nojento ! Tua mulher não te dá dinheiro, quer pegar o meu ?

WADO - (Bate mais) - Se abre logo !

VELUDO - (Com raiva) - Miserável ! Vai bater na cara da tua mãe! Porco ! Essa vaca da Suely não te dá moleza, é ? Pensa que vou te dar ? Nojento ! Cafetão ! Mineteiro

DPF DCDP Fls. N.º 131 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.185

WADO - (Bate mais) - Cala o bico !

VELUDO - Vai morrer morfético ! Tú e essa perebenta ! Essa suadeira !

(WADO BATE VÁRIAS VÊZES SEGUIDAS)

SUELY - Fala logo, Veludo ! Você pegou o dinheiro que estava no criado mudo ?

(WADO TORCE O BRAÇO DE VELUDO)

SUELY - Fala logo, anda !

VELUDO - Ai, ai ! Está quebrando meu braço.

SUELY - Pegou ou não ?

VELUDO - Não peguei !

WADO - Não mente, nojento ! (Aperta mais o braço de Veludo - Não mente !

VELUDO - (Chora) - Eu não peguei ! Juro que não peguei !

SUELY - Você pensa que vai levar a gente no bico ?

VELUDO - Juro que não sei de dinheiro nenhum.

WADO - Não sabe, cachorro ? (Bate bastante no Veludo)

VELUDO - (Chora e gene) - Ai, ai ! Êsse homem me mata ! Socorro! Socorro !

WADO - O que você fêz com a minha grana, miserável ?

VELUDO - (Chorando) - Não me bate ! Não me bate !

WADO - Então se abre !

SUELY - A gente sabe o que você fêz com a grana.

WADO - Confessa logo, bicha ! Senão vou botar pimenta no teu rabo.

VELUDO - Pelo amor de Deus, Suely ! Não deixa êsse tarado me judiar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.186

D F
DCDP
Fls. N.º 132
Rubrica

SUELY - Então começa a contar.

VELUDO - Virgem Maria, me valha ! Está todo mundo chapado de erva. Está todo mundo doido ! Nousa Suely, eu não sei nada.

WADO - (Bate mais em Veludo) - Filho da puta ! Mentiroso !

VELUDO - Socorro ! Socorro ! Monstro ! Por que não faz isso com homem, seu nojento ? (Wado bate mais) - Ai, êsse tarado está me matando.

WADO - Seu puto, você apanhou a grana daqui prá andar com o garoto do bar !

VELUDO - Não entrei aqui hoje !

WADO - Você veio arrumar o quarto, pegou o dinheiro !

SUELY - E deu pro moleque do bar.

VELUDO - Eu ia fazer uma dessa ?! Não sou ladrão e não sou que nem você que tem que dar dinheiro prá homem.

SUELY - Pensa que não vi o garoto sair do seu quarto ?

VELUDO - E daí ? Êle gama em mim.

WADO - (Dá porrada em Veludo) - O desgraçado gasta o meu dinheiro. Isso é que é ! E você passou a mão e deu prá êle.

VELUDO - Eu não !

SUELY - Mentiroso ! Você mesmo falou que estava gamado no garoto e êle não queria nada com você, porque você estava duro. Falou ou não falou ?

VELUDO - E dai ?! Se dei dinheiro pro machinho, ninguém tem nada com isso ! Na minha vida mandou eu. Sou livre.

WADO - (Agarra Veludo pelos cabelos) - Puto sem-vergonha ! Você deu o meu dinheiro ! O meu dinheiro que estava ali em cima e você afanou !

VELUDO - Ai ! Ai ! Êsse homem vai me deixar careca !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.187

DPF DCDP Fls. 133 Rubrica

SUELY - Sabe que por tua causa eu levei um côro do Wado, seu sacana ?

VELUDO - Bem feito !

(SUELY ARRANHA A CARA DE VELUDO)

VELUDO - Ai ! Você me paga, sua porca ! Com você, eu posso ! Eu te pego sòzinha, sua vaca ! Você vai ver !

WADO - Você não vai pegar ninguém !

VELUDO - Ela é mulher ! com ela eu posso !

WADO - (Agarra mais forte os cabelos de Veludo) - Você não vai sair vivo daqui, sua bicha danada.

VELUDO - Pelo amor de Deus, deixa eu ir ! Deixa eu ir !

WADO - Que você fêz do dinheiro ? Fala !

VELUDO - Não peguei !

SUELY - É teimoso como uma mula ! Vou te ajudar a lembrar. Vou te arrancar os olhos ! (Apanha a navalha)

VELUDO - (Berra) - Não, pelo amor de Deus ! Não, Neusa Suely ! Não !

WADO - (Tapa a boca de Veludo) - Pode cortar êsse miserável !

(A CARA DE VELUDO É DE DESESPERO)

(SUELY COMEÇA A PASSAR LENTAMENTE A NAVALHA NO ROSTO DE VELUDO, QUE SE DEBATE AFLITO, PORÉM WADO O DOMINA)

SUELY - Vai falar tudinho ?

(VELUDO FAZ QUE SIM)

WADO - (Ri) - A bicha ficou apavorada - (Ri e solta Veludo)

SUELY - Então começa !

VELUDO - (Chora e soluça)

WADO - Fala logo ! Anda !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.188

DPF DCDP Fls. N.º 134 Rubrica

VELUDO - Estou sem ar !

WADO - Não vem com frescura ! Não vem com frescura !

SUELY - (Carinhosa) - Veludinho, é melhor prá você contar tudo direitinho ! É pro seu bem, querida !

VELUDO - (Soluçando) - Você me perdoa Suely ? Eu devolvo tudinho! Eu não aguentei. Eu vim arrumar o quarto, o seu Wado estava dormindo, eu peguei o dinheiro, e dei pro rapaz do bar. Eu estava ganado nêle. Juro que eu devolvo !

WADO - Canalha ! Miserável ! Viado safado ! (Bate mais no Veludo) (Êste chora) - Deu todo o metal pro trouxinha ?

SUELY - Vinte mil giraus ?

WADO - Filho da puta ! (Bate mais)

VELUDO - Só dei dez !

WADO - E o resto da grana ? E o resto ?

VELUDO - Comprei um baseado de erva !

WADO - Sacana ! Eu de prêsa sêca e êle se tratando.

VELUDO - É vício !

WADO - E pensa que eu vou sustentar vício de viciado ?

VELUDO - Eu vou devolver o dinheiro todinho, seu Wado, pode crer.

WADO - Quando ? No dia de São Nunca ?

VELUDO - Não, no fim do mês. No meu pagamento.

WADO - E você pensa que eu vou esperar até o fim do mês ?

VELUDO - Desculpe, seu Wado.

WADO - Vou te caguetar pra dona Tereza ! Ela te põe na rua, te paga os teus dias de basquete e eu pego o meu.

VELUDO - Por favor, seu Wado. Eu juro que devolvo tudo.

WADO - Quero juros !

VELUDO - Eu pago, mas não apronta prá mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.189

DPF DCDB Fls. N.º 135 Rubrica

WADO - Vai pagar o dôbro, quarenta giripocas. Se não comparecer, já viu ! Te agarro e te desgraço.

VELUDO - Eu pago, pode crer.

SUELY - Êle paga sim, Wado ! O Veludo é bonzinho !

VELUDO - Neuza Suely me conhece. Quando eu digo que eu faça uma coisa, eu faço mesmo, nem que me lasque todo.

WADO - Quero ver. E o fumo, queimou êle todo ?

VELUDO - Nem biquei ainda ! Não trato disso quando estou trabalhando. Eu fico muito louca quando estou chapada.

WADO - Dá prá cá a erva.

VELUDO - O senhor me deixa dar umas narigadas também ?

WADO - Depois a gente vê. Dá prá cá, anda.

VELUDO-(Tira deuma caixa de fósforos um cigarro de maconha e dá pro Wado) - É fumo do norte mesmo. Dá uma zoeira legal.

SUELY - Não vai queimar essa porcaria aqui.

WADO - Você cala a bôca.

SUELY - Dona Tereza não gosta de bagunça aqui na pensão.

WADO - Quero que ela vá a merda.

VELUDO - (Ri) - Ai, que homem doidão !

SUELY - Depois quem se estrepa sou eu. Quando você se arranca, ela vem aqui reclamar.

WADO - Manda ela à merda.

SUELY - E ela me põe na rua.

WADO - Azar !

SUELY - Azar meu, não é !?

WADO - Pombas, pára de me torrar o saco. Foi você que arrumou tôda a confusão e ainda resmunga. Não quero escutar um pio contra a maconha. Gosto de curtir a minha onda de leve.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.190

DPF DCDP Fls. N.º 136 Rubrica

VELUDO - (Ri) - Êle sabe viver.

WADO - (Acende o cigarro e vai tragando e fechando o nariz com a mão) - Legal !

(SUELY ESTÁ TRISTE)

VELUDO - (Chega perto de Suely) - Não fica triste, Neusa Suely. Homem é assim mesmo. Todos uns brutos (para Wado) - Seu Wado, deixa eu dar um cheiro ?

WADO - (Começa a rir) - Quer bicar ?

VELUDO - O senhor deixa ?

WADO - (Rindo demais) - Não !

VELUDO - (Está bem excitado) - Ah, deixa ... por favor ... deixa...

WADO - (Rindo) - Se manca, vagabundo.

VELUDO - Por favor.

WADO - Gosta do fumo, é ?

VELUDO - Sou tarado !

WADO - E por que fica gastando dinheiro com os pivetes ? (Ri)-Por que, hem ?

VELUDO - Ah, seu Wado !

WADO - (Rindo) - Você gosta mais de maconha ou de moleque ?

VELUDO - Cada coisa tem sua hora.

WADO - (Ri as gargalhadas) - Bichona malandra.

VELUDO - Deixa eu bicar, seu Wado ?

WADO - Pega aqui ! (Vira o cigarro pro Veludo) - Na minha mão.

VELUDO - Que bom ! (Faz o bico prá fumar, Wado tira o cigarro e ri de gargalhar)

A CENA SE REPETE VÁRIAS VÊZES. VELUDO FICA CADA VÊZ MAIS AGONIADO. WADO RÍ CADA VEZ MAIS. SUELY PERMANECE INDIFERENTE. VELUDO AGARRA A MÃO DE WADO, ESSE LHE DÁ UM EMPURRÃO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.191

DPF DCDP Fls. N.º 137 Rubrica

WADO - Não vale segurar.

VELUDO - Como o senhor é mau, seu Wado.

VELUDO TENTA ALCANÇAR O CIGARRO SÓ COM A BOCA. ESTÁ CADA VEZ MAIS AFLITO, WADO RI MAIS. VELUDO DÁ BOTES COMO SE FÔSSE UM ANIMAL, QUANDO ERRA CAI DE CARA NO CHÃO. WADO GARGALHA)

VELUDO - Neuza Suely, manda êle deixar eu fumar, manda.

SUELY - Não estou gostando nada dessa zorra aqui dentro.

VELUDO - Vá, Neuzinha Suely, manda êle me dar uma traga. Por favor, Suely, manda. Eu não aguento mais.

SUELY - Acho melhor você se arrancar daqui.

VELUDO - Wado, deixa eu dar uma fumadinha só.

WADO - (Dá uma porrada em Veludo) - Sem-vergonha ! Pensa que mulher manda em mim ? Bicha louca ! Pensa que se essa vaca mandasse eu ia te dar o fumo ? (Dá outro tapa em Veludo)

VELUDO - (Rindo e afetando mêdo) - Que homem bruto, meu Deus. Wado, deixa eu fumar.

WADO - Ainda sou seu Wado prá você ! Perdeu o respeito, seu miserável ?

VELUDO- O homem que me judia não chamo de senhor. É Wado e olhe lá.

WADO - Te dou uma porrada que você vê.

VELUDO - Dá então !

WADO - (Dá o tapa) - Gostou ?

VELUDO - Bate mais.

WADO - Nojento !

VELUDO - Bate, seu bobo, bate !

WADO - Paspalho ! (Wado se afasta e vai fumar em um canto)

VELUDO - (Bem fresco) - Você viu, Neuza Suely como a gente lida com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.192

DPF DCDP Fls. N.º 138 Rubrica

homem ?

WADO - Cala a boca, bicha !

VELUDO - Vem me bater, seu trouxa.

WADO - (Vem correndo)(Vai bater) - Você vai ver, bicha louca !

VELUDO - (Oferece a cara) - Pode bater, a cara está aqui !

WADO - (Se contém) - Viado ! Viado de merda ! Porco nojento Ladrão sem vergonha.

VELUDO - Bate em mim, machão ! Bate nesta face, te viro a outra !Como Jesus Cristo.

WADO - (Se afasta outra vêz) - Bicha é uma desgraça !

VELUDO - Você viu como eu encabulei o homem, Neuza Suely ? (Veludo ri a mais não poder) - Tadinho dêle ! Ficou sem jeito. Coitadinho ! Vê a carinha do Wado, Neuza Suely, Vai fazer carinho prá êle. Êle está tristinho. (Aproxima-se de Suely)- Vai lá, bobona. Vai agradar teu homem. (Veludo empurra Suely de leve) - Vai, Neuza Suely !

SUELY - Pára com isso, pombas ! Será que você não se manca que não está agradando. Poxa, você é mais chato que cricri. Por que não se manda daqui ? Vai lá pro teu quarto ! Vai a merda ! Vai à puta que te pariu ! Mas me esquece ! Não quero você aqui no meu puleiro ! Anda, te arranca ! Te arranca que é melhor prá você ! Já estou invocada ! Muito invocada!

VELUDO - Desculpe ! Não vou morrer por isso. Não quer eu aqui, me mando e pronto ! Nunca fico onde não me querem ! Aliás, só vim aqui porque me chamaram ! Mas já vou indo ! (Vai saindo) Tchau mesmo ! (Quase na porta) - Pensei que era o homem dêsse galinheiro, que cantava de galo. Entrei bem ! Quem manda é a galinha velha !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.193

DPF DCDP Fls. N.º 139 Rubrica

SUELY - Galinha velha é a tua mãe !

WADO - (Ri) - Ela se queimou !

VELUDO - Pois a carapuça porque quis.

SUELY - Vai saindo !

WADO - Fica ! Só sai quando eu mandar !

VELUDO - Ela tá invocada comigo. Não quero encrenca, vou embora !

WADO - Ela que se dane ! Fica ! (Agarra Veludo e o joga no meio do quarto)

SUELY - Você vai me pagar, sua bicha ! Está botando meu homem contra mim !

VELUDO - Quero ir embora, êle não deixa !

SUELY - Nojento

VELUDO - Não sei porque as mulheres me detestam tanto.

WADO - (Ri) - Ai ! Ai ! (Imita viado)

SUELY - É melhor deixar essa bicha sair ! Já estou me esquentando!

WADO - Ela agora vai queimar fumo. Não vou deixar ela sair daqui de presa sêca ! Vem fumar, bichinha !

VELUDO - Agora não quero !

WADO - Não faz onda e pega logo !

VELUDO - Prá mim, nichou !

WADO - Não queria ? Tá ái ! Mete o nariz !

VELUDO - Já falei que não quero !

WADO - Estou mandando fumar !

VELUDO - Você não é meu homem, não me manda nada !

WADO - (Dá uns cascudos no Veludo) - Chupa essa fumaça !

VELUDO - Nem por bom, nem por mal !

(WADO VIOLENTAMENTE BATE EM VELUDO QUE GARGALHA HISTÉRICO)

VELUDO - Bate ! Bate ! Bate ! (Ri louco)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.194

DPF
DCDP
Fls. N.º 140
Rubrica

WADO - Eu te mato ! Eu te mato !

VELUDO - (em gôzo) - Mata ! Mata ! Mata ! Mata mesmo, homem ! Mas eu não fumo tua maconha ! Não fumo !

WADO - Fuma essa merda ! Fuma ! Não escutou eu mandar !

VELUDO - (Rí histérico) - Me mata, meu homem !

SUELY - (Chorando) - Pára com isso, Wado ! Pára com isso !

WADO - Quero que êsse puto fume maconha, eu quero !

VELUDO - Mas não vai conseguir nada de nim !

WADO - Por favor, Veludo, fuma essa droga, senão eu faço uma desgraça ! Por favor, fuma !

VELUDO - Nem você me pedindo de joelho !

(WADO, COMO LOUCO, SE ATIRA EM CIMA DE VELUDO, E TENTA ENFIAR O CIGARRO EM SUA BOCA, MAS NÃO CONSEGUE, VELUDO RI DE GÔZO)

VELUDO - Ai, ai, tenho cócega ! Ai ! ai ! ai ! Meu Deus, que loucura ! Que loucura divina !

SUELY - (Em desespêro) - Poramor de Deus, Wado, pára com isso!Para com isso ! Eu não aguento mais ! Eu não aguento mais!

(Cai em choro convulso)

WADO - Suely, meu amor ! Suely me ajuda ! Suely, minha Santa, me ajuda ! Suely, segura êsse [illegible] ! Segura êle Suely ! Euq euro fazer êle fumar maconha. Eu quero que êle fume ! (Em desespêro) - Eu quero ! Por favor, Suely, segura êle !

SUELY - (Chorando) - É só isso que você quer, seu porco?

WADO - é só o que eu quero. Me ajuda ! Por favor !

SUELY - Eu te ajudo ! Eu te ajudo ! (Agarra Veludo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, p. 195

DPF DCDP Fls. N.º 161 Rubrica

VELUDO - (Bem bravo) - Não toca em mim, mulher ! Não toca em mim! Não gosto que mulher me toque ! (Desesperado) - Não me toque ! Não me toque, sua suja perebenta !

SUELY - Viado miserável ! Miserável !

(SUELY E VELUDO SE ATIRAM UM CONTRA O OUTRO E LUTAM VIOLENTAMENTE, ROLANDO PELO CHÃO. WADO PRESENCIA A BRIGA SEM FAZER NADA PARA APARTAR. SUELY LEVA VANTAGEM E ARRASTA VELUDO ATÉ A PORTA).

SUELY - Agora vai caguetar a gente prá polícia, seu nojento.

VELUDO - Sua vaca, você vai me pagar ! Não vou na policia, não. Não gosto dessa gente. Mas vai ter forra. Você não perde por esperar.

SUELY - Cai fora daqui, bicha sem vergonha. Cai fora !

(SUELY JOGA VELUDO PRÁ FORA DO QUARTO. DEPOIS OFEGANTE FICA PARADA OLHANDO PARA WADO, ÊSTE PERMANECE DEPRIMIDO. AQUI É NECESSÁRIO LONGA PAUSA. SUELY FICA ENCARANDO WADO, QUE ESTÁ CABISBAIXO).

WADO - Está me achando bonito, ou me botando quebrante ?

SUELY - Nojento.

WADO - Não começa a me encher o saco.

SUELY - Você é um ~~sacana~~.

WADO - E você uma cortadora de onda.

SUELY - Nunca pensei que você pudesse ser tão miserável.

WADO - E eu nunca pensei que você fôsse tão chata.

SUELY - Não sou é discarada.

WADO - Vai ser freira.

SUELY - Eu tenho moral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.146
DPF DCDP Fls. N.º 142 Rubrica

WADO - Depois de velho, até eu.

SUELY - (Ofendida) - Velha, não ! Tenho só trinta anos.

WADO - De puteiro ?

SUELY - Canalha !

WADO - Quando você fica bronqueada é que a gente vê como você está apagada.

SUELY - Estou é cansada ! Só isso !

WADO - Devia se aposentar, Trinta anos de basquete cansa qualquer uma.

SUELY - Eu nasci igual a qualquer uma. Limpinha. Há trinta anos atrás eu era um nenê.

WADO - Não força a idéia, piranha velha. Você é veterana das veteranas.

SUELY - Tenho só trinta anos !

WADO - Corna !

SUELY - Porco ! Nojento ! Você pensa que não manjei a tua jogada com o Veludo ?

WADO - Deixa de história ! Vocês antigas vêem malícia em tudo.

SUELY - Só sei que você me embrulhou o estômago.

WADO - A vovó das putas tôdas é metida a família, é ?

SUELY - Vovó das putas é a vaca que te pariu !

WADO - Limpa êssa bôca quando fôr falar da minha mãe. Se folgar comigo, te arrebento.

SUELY - Então não me torra a paciência.

WADO - Só estou falando a verdade. Você está velha. Outra noite, cheguei aqui, você estava dormindo aí, de bôca aberta, roncava como velha. Puta troço asqueiroso. Mas, o pior foi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.197

DPF DCDP Fls. N.º 113 Rubrica

quando cheguei perto prá te fechar a bôca, queria ver se você parava com aquêle r nco miserável. Dai, te vi bem de perto. Quase vomitei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta em tôda a desgraçada da minha vida. Essa pintura, que você usa aí pra esconder a velhice, estava saindo e ficava entre as rugas, que apareciam bem. Juro ! Juro por Deus que nunca tinha visto nada mais desgraçado. Eu até ...

SUELY - (Bem incomodada) - Para com isso ! Para com isso ! Chega de escutar mentira.

WADO - Mentira !? Eu é que sei ! Senti uma puta pena de mim ! UM cara nôvo, boa pinta, que se veste legal, que tem um papo certinho, que agrada, preso a um bagulho antigo. Fiquei bem bronqueado. Porra, ainda tentei quabrar o galho. Pensei comigo: mas, de corpo ainda é uma coisa que se pode aproveitar. E, sem te acordar, te tirei a coberta, tirei tua combinação, tirei tua calcinha e teu sutian. As pelancas cairam prá todo lado. Puta coisa porca. Acho que até uma cara que saísse da cana, depois de um cassetão de tempo, passava nesse lance. Pombas, que negócio ruim era você ali, dormindo. Juro por Deus, nunca vi pior. Se não fôsse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Poxa, e não se perdia nada. (Ri) - Me larguei. Não aguentava. (Pausa longa).

SUELY - E por que não se mandou de vez ?

WADO - Fiquei esperando uma chance de te jogar isso no focinho. Não ia sair sem te contar como você está pôdre.

SUELY - E enquanto isso, me tomava uma grana.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.198
DPF DOPS Fls. N. 1144 Rubrica

WADO - Claro ! Não sou nenhum bobo. Enquanto isso, tratava de mim por fora. Mulherio novinho e bonito está aí mesmo.

SUELY - Teu negócio é viado ! Vi hoje.

WADO - Que é isso, coroa ? Tá com ciúme do Veludo ?

SUELY - Tenha vergonha nessa cara.

WADO - Quem tem que ter vergonha é você, velhota. Não aguento o repuxo. Não tem como agarrar o homem, fica aí apavorada, até com mêdo de um viado de merda.

SUELY - Canalha !

WADO - Estava sendo uma onda legal, você cortou com a sua rabugisse. Você é coroa !

SUELY - Não sou é de bacanal.

WADO - Puta que não gosta de bacanal é que está bem apagada.

SUELY - Estou apagada de canseira. Isso é que é. Não de velhice! De canseira. Sabe o que é uma noite de viração ?

WADO - As meninas tiram de letra. Só abrir a perna e faturar. Acham moleza. Agora velha cansa à tôa. Tem reumatismo. Tem que se esforçar pra agradar o freguês e outros babados. E ainda, prá não ficar jogada fora sòzinha, tem que aturar o cafetão. Mas isso é igual, na vida e nas casas de família. Os machos só aturam as coroas por interêsse. Prá se divertir, a gente sempre tem uma garota enxutinha.

SUELY - Eu tenho homem a hora que quero.

WADO - Por que me atura ? Por que ? Eu sou chato pacas !

SUELY - É mesmo. Ainda bem que reconhece.

WADO - Por que você me aguenta ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.199

DPF DCDP Fls. N.º 145 Rubrica

SUELY - Porque ... Porque ...

WADO - Sou bom de cama ?

SUELY - É !

WADO - É !?

SUELY - É mesmo ! As verdades a gente diz !

WADO - Isso é verdade ! Só que faz um mês, você não sabe de mim ! Mais de um mês.

SUELY - É ... é ... E mesmo assim te dou a grana.

WADO - Uma grana mixa. Muito mixa !

SUELY - Não é culpa minha. Você sabe que não é. A situação está uma broca, prá tôdas. Êsse nôvo delegado que entrou está querendo fazer média. Tôda hora passa a rapa. Até os tiras andam apavorados, não pegam caixinha, nem nada. Se os caras da lei estão com mêdo, os fregueses nem se fala. Mas, deixa êsse filho da puta dêsse delegado esquentar o lugar, fica tudo igual antes. Daí você vai ver se eu faturo alto outra vêz ou não.

WADO - Você é enganadora.

SUELY - Você anda por aí, é só perguntar pra qualquer uma. Elas te dizem como a barra anda pesada.

WADO - Isso é desculpa de velha.

SUELY - Velha,não !

WADO - Velha, sim ! Todo mundo te acha o bagaço. Não viu o que o Veludo disse ?

SUELY - O que foi ?

WADO - Te chamou de galinha velha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.200

DPF Fls. N.º 1116 Rubrica

SUELY - Despeito de bicha.

WADO - Falou certo. Você está velha, mesmo.

SUELY - Só porque você quer.

WADO - É, né !? Mostra os teus documentos.

SUELY - Tenho trinta anos.

WADO - Deixa eu ver os papéis.

SUELY - Poxa, que onda besta.

WADO - Deixa eu ver.

SUELY - Não torra a paciência.

WADO - Está com mêdo ?

SUELY - Mêdo, não ! Acho besteira !

WADO - Mentiu, agora não quer que eu aprove tua idade.

SUELY - Tenho trinta !

WADO - No mínimo cinquenta anos.

SUELY - Fiz trinta no fim do ano passado.

WADO - Deixa eu ver os documentos. (Começa a rir)

(WADO TENTA PEGAR A BOLSA DE SUELY, QUE NÃO DEIXA. WADO INSISTE, MAS SUELY LEVA A MELHOR).

WADO - Té com mêdo de mostrar os documentos ?

SUELY - Não gosto que mexam na minha bôlsa !

WADO - (Rindo) - Tá bem, velha ! Pode sossegar, não vou pegar seus documentos prá ver o que eu já sei. Você tem cinquenta anos e não adianta mentir.

SUELY - Pára com isso ! Pára -! Por favor,pára ! Poxa, será que você não se manca ? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada prá xuxu ? Ainda mais hoje ! Hoje foi um dia de lascar. Andei prá baixo e prá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.201

DPF DCDP Fls. N.º 117 Rubrica

cima no quarteirão do amor, mais de mil vêzes. Só peguei um trouxa. Só um trouxa na noite inteira. Um miserável que parecia um porco. Pesava mais de mil quilos. Contou tôda a história da puta da vida dêle, da puta da mulher dêle, da puta da filha dêle, da puta que o pariu. Tudo gente bem instalada na puta da vida. Só que o desgraçado ficou em cima de mim mais de duas horas, bufou, bufou, bufou, babou, babou, bufou mais prá pagar, reclamou pacas. Desgraçado, filho da puta. É isso que acaba a gente. Isso que cansa a gente. (Suspira) - A gente só quer chegar em casa, encontrar o homem da gente de cara legal, tirar aquêle sarro, e se apagar, prá desforrar de tôda sacanagem do mundo de merda que está aí.

(PAUSA)

SUELY - Resultado: você está de saco cheio por qualquer coisinha, então apronta. Bate na gente, goza a minha cara e na hora do bem-bom, sai fora. Poxa, isso arreia qualquer uma. Às vêzes chego a pensar: pôxa, será que eu sou gente ? Será que eu, você, o Veludo somos gente ? (Triste)-Chego até a duvidar ! Duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita, isso é uma bosta ! Uma bosta ! Um monte de bosta ! Fedida ! Fedida ! Fedida !

(PAUSA BEM LONGA)

WADO - É ... É mesmo ...

SUELY - (Esperançosa) - É mesmo o que ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.202

DPF DCDP Fls. N.º 948 Rubrica

WADO - Você está uma velha podre !

SUELY - Nojento !

WADO - (Rindo) - Nada mais nojento que uma puta velha. Porra, como incomoda.

SUELY - Eu não sou velha ! Eu não sou velha ! Eu estou gasta ! Eu estou gasta ! Nessa putaria !

WADO - Depois de cinquenta anos qualquer uma se apaga !

SUELY - Eu tenho trinta anos ! Apenas trinta anos ! Apenas trinta anos !

WADO - (Ri) - Mentirosa ! Enganadora ! Vadia velha ! Mostra os teus documentos ! Mostra ! Não tem coragem ! Já sabia ! Mentiu a idade, mas não engrupe ninguém ! Tem um troço que não mente ! Sabe o que é ?

SUELY - O que é ?

WADO - Teu focinho ! (Vai até um espelho que está pendurado na parede, arranca-o, e o coloca em frente do rosto de Suely)

WADO - Olha ! Olha ! Olha !

SUELY - Por favor, Wado, pára com isso !

WADO - Olha ! Olha bem ! Vê ! Cinquenta anos !

SUELY - Wado, por favor ! Pára com isso ! Pára com isso !

WADO - Velha nojenta ! Cinquenta anos ! Cinquenta anos !

SUELY - Chega ! Chega, pelo amor de Deus ! (Suely abaixa o rosto e o esconde entre as mãos. Wado a agarra pelos cabelos e a faz olhar [illegible])

WADO - Olha ! Olha !bem! Velha ! Bem velha ! Cinquenta anos no mínimo !

SUELY - Por piedade, Wado ! Pelo amor da tua mãe !

WADO - Cinquenta anos ! Fim da picada ! Tôda ruim ! Ainda com essa meleca na cara, maquiagem e tal, engrupe os trouxas ! Mas sem essa droga, deve ter bem mais de cinquenta !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.203

DPF DCDP Fls. N.º 149 Rubrica

SUELY - Wado, chega ! Por favor, chega !

WADO - Olha bem ! Olha bem ! Velhota ! Corca ! O Veludo tinha razão, galinha velha ! Vamos ver sem essa meleca quantos anos tem !

SUELY - Não, Wado ! Não ! Por favor, não !

(WADO AGARRA O LENÇO E ESFREGA NA CARA DE SUELY ATÉ TIRAR A MAQUIAGEM, RI MUITO. SUELY CHORA.)

WADO - Cem anos ! Cem anos ou mais ! Quanta ruga ! Que cara amassada ! Que bagaço !

SUELY - Pára ! Pára com isso !

(WADO COLOCA OUTRA VÊZ O ESPELHO NO ROSTO DE SUELY)

WADO - Vê, puta ! Vê ! Quanta ruga ! Quanta ruga !

SUELY - (Em desespêro) - Chega ! Chega ! Chega ! Não aguento mais ! Chega !

WADO - Chega mesmo ! Chega mesmo ! Mesmo ! Mesmo ! Sou um cara boa pinta, não vou perder minha mocidade do lado de um bagaço ! Cadê a grana, sua vaca ? Onde está a grana de hoje?

SUELY - Vou te dar a grana ! (Abre a bôlsa, pega o dinheiro e dá para o Wado) - Está aí todo o dinheiro que tenho. Pronto, é seu ! Está contente ?

WADO - Tá legal ! Assim que é ! Agora, tchau mesmo !

SUELY - Não, você não vai saindo assim, não ! Não leva minha grana !? Não é meu cafetão ?

WADO - Vê se me esquece, velhota !

SUELY - Você não vai se arrancar !

WADO - E por que não ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.204

DPF DCDP Fls. N.º 180 Rubrica

SUELY - Nós vamos trepar !

WADO - Tá caducando ?

SUELY - E vai ter que ser gostoso !

WADO - Por dinheiro nenhum.

SUELY - Vai, sim, Wadinho meu cafetão !

WADO - Sai dessa onda, velha !

SUELY - Velha, feia, gasta, bagaço, lixo dos lixos, galinha, coroa, sou tudo isso. Mas você vai trepar comigo !

WADO - Essa não !

(SUELY TIRA A CHAVE DA PORTA)

SUELY - Viu ? Já se tocou ?

WADO - Abre essa porta !

(PAUSA)

WADO - Abre essa porta ! Anda ! É surda, desgraçada !? Não escuta a gente mandar !

(PAUSA)

WADO - (Sem muita convicção) - Abre essa porta ! É melhor prá você !

SUELY - É meu cafifa. Leva minha grana. Tem que me fazer gozar. Custe o que custar.

WADO - Você está me baratinando !

SUELY - Prá você ver !

WADO - (Grita) - Abre essa porta ! Abre !

SUELY - Não adianta espernear.

WADO - Você quer apanhar ?

SUELY - Quero, sim ! Me bate ! Bate legal !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.205

DPF DCDP Fls. N.º 151 Rubrica

WADO - Não vou nem me afobar. Vou tirar de letra ! Puxo uma palha e te deixo aí na tara.

SUELY - Experimenta ?

WADO (Deita) - Boa noite, velha !

SUELY - (Pega uma navalha) - Wado ! Wado ! Se você puxar o ronco, eu te capo, seu miserável !

WADO - Que é isso ? Está louca ?

SUELY - Estou ! Louca de vontade de você ! Se você não for comigo agora, não vai nunca mais com ninguém !!

WADO - Mas que é isso, mulher ?

SUELY - Pode escolher, filho da puta !

WADO - Sai dessa dança, Suely ! Poxa, que negócio mais goeira ! Você embarca em tôdas. Poxa, por isso que eu às vêzes me invoco com você. Qualquer sarrinho você perde a esportiva. Que onda ! Não sabe brincar ? Estava tirando um barato de leve, você já apela, já faz drama. Não pode ser assim,não.

SUELY - Você não precisa gastar saliva comigo. É só trepar e pronto. Sou velha, mais quero te ter. Entendeu ?

WADO - E precisa do ferro prá que ? Vai me obrigar ?

SUELY - Vou !

WADO - Você é uma trouxa mesmo ! Entra sempre em canoa furada.Me divirto às tuas custas. Quer dizer que grudou essa onda de velha ! Porra, está na zona um cassetão de tempo e não aprendeu nada. Que paspalha. Quer dizer que você me acha o rei dos otários ? Devia te bolachar por essa. Mas, deixa prá lá. Você já está queimada. Deixo barato. Não vou criar caso. Mas, vê se te manca. Poxa, você acha que se eu te achasse coroa jogada fora ia estar aqui esticando o papo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.206

DPF DCDP Fls. N.º 152 Rubrica

Me mandava sem dizer nada. Dava um pinote sem tu nunca saber porque. Assim que é.

SUELY - Então ... então ... por que tôda essa bobageira.

WADO - Sou Wadinho, cafifa escolado. Judio de mulher prá elas gamarem.

SUELY - Não precisa nada disso.

WADO - Minha embaixada ! Sabe como é ! Escuta êsse papo que é de verdade ! Eu estava boroco xô. Não queria fazer a obrigação. Inventei a onda. Grudou, azar teu.

SUELY - Mas, um tempão que você não me procura.

WADO - Não faz tanto tempo assim. O que é bom deixa saudade. Isso é que é

SUELY - É ... É ... !

WADO - Agora tem um porém ! Se eu não tivesse afim, não ia ter navalha que me obrigasse, pode botar fé no que te digo.Eu sou um cara que só embarco por gôsto.

SUELY - Você sabe conversar.

WADO - Que nada ! Sou é da firmeza. Meu defeito é brincar muito.

SUELY - (Senta na cama, está apática) - Eu estou na merda ! Estou na merda !

WADO - Que papo careca é êsse ?

SUELY - Você me arriou.

WADO - Não complica ! Larga o ferro e está tudo legal !

(SUELY LARGA A NAVALHA NO CHÃO)

WADO - Assim, bonitinha ! É gamada por mim, pra que fazer guerra ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.209

DPF
DCDP
Fls. N.º 153
Rubrica

APROXIMA-SE DE SUELY, LHE DÁ UM BEIJO NA TESTA, APANHA A NAVALHA NO CHÃO. SUELY COMEÇA A CHORAR BAIXO. WADO RASGA O VESTIDO DE SUELY. PEGA A CHAVE, VAI NO ESPELHO, ARRUMA A GRAVATA, VESTE O PALETÓ E SAI TRANQUILAMENTE. SUELY CORRE ATÉ A PORTA.

SUELY - Wado ! Wado, você vai voltar ? Você vai voltar ?

SUELY FICA POR ALGUM TEMPO PARADA NA PORTA, DEPOIS VOLTA, SENTA-SE NA CAMA, FICA OLHANDO O VAZIO POR ALGUM TEMPO.O PANO FECHA LENTAMENTE.)

F I M =

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 202

DPF
DCDP
Fls. N.º 156
Rubrica

CRITICOS, DIRETORES E ATORES CONDENAM PROIBIÇÃO DA PEÇA

Mandado de segurança para liberar "Navalha na Carne"

Fotos de JOSE' MOURA



"Navalha na Carne" agora proibida pela censura, mostra um mundo sordido e triste, mas real.



Edgard Gurgel Aranha, Ruthinea de Moraes e Paulo Vilaça, durante a leitura pública de "Navalha na Carne".

hilton viana

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.209

TRO

e Procopio ajuda Jesus Padilha



rminha Whitaker Alcorta, chefe de Gabinete de Dona Maria Sodré, Dona Isabel Padilha, e A foto mostra o momento em que a mãe do ator recebia o cheque das mãos da sra. Whitaker

l amplamente divulgado, reali- a festa comemorativa dos 50 e Procopio Ferreira. Como fe- vida, a renda do espetáculo se- ição de caridade, mantida por A renda atingiu 10 mil cruzeiros espetáculo de Procopio, o ator anto representava "Manhãs de mpo para se recuperar, o ator festa, falou com dona Maria de Jesus, e contou de suas dificul- meira dama paulista compreen- metade da importancia ao ator n de semana, em nome de dona minho Whitaker Alcorta, chefe s atores Rosa Maria Murtinho e Francisco Cuoco, foram até a casa do ator e entregaram NCr$ 3.200,00, ficando o restante, isto é, NCr$ 1.800,00, para ser entregue nos proximos dias. O ator vem-se recuperando dia a dia, mas seu tratamento é lento e requer muita paciencia. Mas todos acreditam que em breve poderá começar a trabalhar. Entretanto, alguém terá que tomar a iniciativa de explicar ao ator, que tal como aconteceu com Patricia Leal, ele terá que aprender a falar novamente.

"EDIPO REY"

Hoje, às 21 horas, volta ao cartaz, no Teatro Maria Della Costa, a peça "Edipo Rey". A semana passada a peça teve excelente publico e tudo faz crer que continuará nesta curta temporada. Também hoje, às 24 horas, será apresentada em espetáculo especial para a classe artistica. Como o espetáculo é em beneficio do contra-regra Paraná, serão cobrados dois mil cruzeiros pelo ingresso.

tran não a a clas- tava pro- gravar o No ulti-

apresentadas 3 sessões: às 15, 18 e 21 horas. No dia 18, estreará em Ribeirão Preto. E' pena que o espetáculo não permaneça mais em São Paulo, já que esgota lotações.

"BERIOZKA"

Grande procura de ingressos [illegible]

da na residencia do dr. Luiz Muller Paiva.

MARIA E SANDRO

fazem sucesso em Curitiba, com "A Proxima Vitima". Tal como aconteceu com "Edipo Rei", o governador Pimen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,A210

DPF DCDP Fls. N.º 158 Rubrica

funcionários públicos federais que, ...uindo nível médio de ensino, de... atualizar ou adquirir conheci... tos úteis ao melhor desempenho ... respectivos cargos.

Das Matrículas:

As matrículas estarão abertas ... 6 de setembro de 1967 e o Curso ...iciará de 12 de setembro a 30 ... novembro de 1967, sendo as aulas ...istradas das 9 às 10 horas e das ... às 18 horas, às terças, quartas, ...tas e sextas-feiras, nas dependên... da Escola de Serviço Público, do ...SP, em Brasília.

.1 Além de dois retratos, formato ... 4 de frente, sem chapéu, o can... ato deverá apresentar ofício diri... o do Representante da Escola de ...viço Público, em Brasília, e firma... pelo dirigente do órgão a que per... ce, em que conste expressamente ... do interêsse da repartição a ma... ula do funcionário no Curso de ... se trata.

.2 O Curso será ministrado em 45 ...arenta e cinco) aulas, fixado em ...oitenta) o número de matrículas.

.3 Qualquer outros esclarecimen... poderão ser pedidos à Secretaria ...Escola de Serviço Público, em Bra..., localizada no 5º andar do Bloco ...da Esplanada dos Ministérios, ou ... telefone 5.7722 ramal 64, das 14 ...18 horas, diàriamente.

Do Programa:

O Curso de Inglês, a ser minis...do com o objetivo de proporcionar ...omínio da expressão oral e escrita ...para fins precipuamente de comu...icação — nortear-se-á pelas seguin... diretrizes gerais:

I — The ...ds of the Language

II — Rhythm, stress and intona... tion

III — Vocabulary — Semantic va... rieties

IV — Verb tenses

V — Structures

VI — The ostensive procedure — The contextual procedure

VII — Definition and translation

VIII — Question and answer work

IX — ...textbook atage

X — Written work

.1 O ensino gradual e concomi... te de Gramática abordará eletiva... nte os seguintes tópicos:

) What a language is made of

) Names of the things we can talk ...ut

) Words that tell us Which, Whose ... How Much

) Words like He, Him or You

) Doing things, being or becoming ...ngs, things happen happen

) words that tell us what things ... like

) Words like On, Over, From

) What we answer to How? When ...ere?

) Words that join words or sen... ces together

) Different parts of the sentence

) Different sorts of complements

.2 A pronúncia da Língua Inglêsa ...á ensinada com o auxílio de trans... ção fonética (símbolos da Interna... nal Phonetic Association) e a *Oral ...ctice, Reading* e *Conversation* far... ão mediante o emprêgo de um li... de texto, de autoria de consagra... especialista no ensino do Inglês ...a pessoas que não tenham êste ...oma como língua mater.

Da Freqüência:

. As aulas serão consideradas co... de efetivo exercício, de acôrdo ...m o que estabelece o Decreto nú... mero 50.830, de 22 de junho de 1961, excluindo-se do Curso o aluno que tiver faltado a mais de 1/3 do total das aulas efetivamente realizadas.

4.1 Consignar-se-á fálta ao Aluno que chegar à aula transcorridos 15 (quinze) minutos de seu início.

Do Pedido de Cancelamento:

5. O pedido de cancelamento de matrícula somente será aceito quando instruído pela Repartição a que pertencer o Aluno.

Dos Professôres:

6. Os professôres serão designados na forma regimental.

Das Condições de Habilitação:

7. Considerar-se-á habilitado o Aluno que satisfizer tôdas as exigências contidas nestas Instruções e acompanhar o Curso regularmente, assistindo a 2/3 do total de aulas, no mínimo.

Disposições Gerais:

8. Ao Aluno aprovado a Secretaria da Escola de Serviço Público, em Brasília, expedirá o competente certificado para valorização da vida funcional do interessado.

8.1 Ao Curso aplicar-se-ão, no que couber, as disposições legais em vigor.

8.2 Os casos omissos serão resolvidos pelo Representante da Escola de Serviço Público, em Brasília.

Brasília, 22 de agôsto de 1967. — *Flavio Serra*, Representante.

AGÊNCIA NACIONAL

PORTARIA DE 24 DE MAIO DE 1967

O Diretor-Geral da Agência Nacional, usando das atribuições que lhe conferem os itens V e XII do artigo 33, do Regimento da Agência Nacional, aprovado pelo Decreto 39.447, de 26 de junho de 1956, e tendo em vista o Decreto n.º 60.349, de 9 de março de 1967, publicado no *Diário Oficial* da União de 10 de março de 1967, resolve:

N.º 30 — Dispensar a Redatora nível 21.B, Leonie Góes Teixeira Dias da função gratificada de Diretora da Secretaria, símbolo 5.F, da Agência Nacional, a partir de 10 de março de 1967. — *Mario Neiva.*

SECRETARIAS DE ESTADO

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

GABINETE DO MINISTRO

Em 21 de agôsto de 1967

Delegação de Competência

MJ-55.152-67 — Delega competência ao Procurador da República no Estado do Rio Grande do Sul. — Despacho: "De acôrdo com o disposto nos arts. 264 e 266 do Regulamento Geral de Contabilidade Pública, resolvo delegar competência ao Procurador da República no Estado do Rio Grande do Sul, Dr. Romero de Almeida Ramos, para expedir ordem de pagamento e de adiantamento, junto à Delegação Fiscal do Tesouro Nacional naquele Estado, podendo movimentar os créditos redistribuídos a sua repartição até os limites máximos consignados."

MJ-55.630-67 — Delega competência a Procuradores da República nos Estados. Despacho: "De acôrdo com o disposto nos arts. 264 e 266 do Regulamento Geral de Contabilidade Pública, resolvo delegar competência aos Procuradores da República nos Estados abaixo-mencionados, para expedirem ordens de pagamento e de adiantamento, junto às Delegacias Fiscais do Tesouro Nacional nos respectivos Estados, podendo movimentar os créditos redistribuídos às suas repartições, até os limites máximos consignados:

— Osmar Pedrosa — Estado do Amazonas.

— João Boabaid Oliveira Itapary — Estado do Maranhão.

— Waldemar Ramos Leal — Estado do Piauí.

— Fávila Ribeiro — Estado do Ceará.

— Manoel Varela de Albuquerque — Estado do Rio Grande do Norte.

— João Guimarães Jurema — Estado da Paraíba.

— José Maria Jatobá — Estado de Pernambuco.

— Carlos Guido Ferrário Lobo — Estado de Alagoas.

— Osman Hora Fontes — Estado de Sergipe.

— Roberto Cosati — Estado da Bahia.

MJ-55.630-67 — Tasso da Silveira Pessoa — Estado do Espírito Santo.

— Nuno Santos Neves — Estado da Guanabara.

— Fábio Bonifácio Olinda de... drada — Estado de São Paulo.

— Octacílio Vieira Arcoverd... Estado do Paraná.

— Wolney Colaço de Oliveira... Estado de Santa Catarina.

— Aládio Teixeira Alvarez ... tado de Goiás.

— João Braz da Costa Val ... — Estado de Minas Gerais.

— Mário Figueiredo Ferreira ... des — Estado de Mato Grosso.

Expulsão

MJ-62.331-64 — José Lopes ... gantinos — Arquive-se na forma ... posta pelo Departamento do In... e da Justiça, fls. 34-34v.".

Retificação de Enquadramen...

MJ-08.013-67 — Manoel Cond... nior e outros funcionários do I... transferidos para o Estado da ... nabara. — Despacro: "Indefi... acôrdo com o parecer da Consu... Jurídica.

Publique-se e arquive-se".

Readmissão

MJ-56.035-67 — Pedido de ... missão de Messias Portugal, ex-... da Civil do antigo D.F.S.P. — ... pacho: "Indefiro, de acôrdo co... pareceres".

Utilidade Pública

MJ-3.685-67 — Federação de ... balhadores Cristãos do Rio G... do Norte, com sede em Natal. — ... pacho: "Indefiro o pedido, à vis... pareceres constantes do process...

MJ-18.540-67 — Confederação ... Professôres Primários do Brasil ... sede no Estado de Goiás. — ... pacho: "Indefiro o pedido, à vis... pareceres constantes do process...

Retificação

(*Diário Oficial* de 21 de ... 1967 — pág. 8.673.)

Onde se lê: Processo M... — Despacho: Autorizo ... tação do irédito — M... Colégio N. S. do Sagr... Olinda — Leia-se: Pr... — Despacho: Autori... ção do crédito. — ... Colégio N. S. do Sa... Olinda.

DESPACHO DO MINISTRO

(*) Proc. nº 53.871-67— Req. 24-7 de 1967. São Paulo — Plínio Marcos de Barros, por seu advogado, apresenta recurso da decisão que proibiu a exibição da peça teatral "A Navalha na Carne". — "Dou provimento, em parte, ao recurso para o efeito de reformar a Portaria nº 355-66, do Senhor Diretor-Geral do D.P.F. e, em conseqüência, autorizar a exibição da peça teatral "Navalha na Carne", de autoria de Plínio Marcos de Barros, em todo o território nacional desde que sejam observadas as seguintes restrições:

a) sua assistência será proibida para menores até 21 anos;

b) serão suprimidas do texto, ou substituídas pelo autor, as palavras e expressões constantes da relação de fls. 77.

Remeta-se, afinal, o processo ao D.P.F., para ciência desta decisão e estrita fiscalização das providências ordenadas.

Em 17 de agôsto de 1967. — *Luís Antônio da Gama e Silva*, Ministro da Justiça.

Em 22 de agôsto de 1967

Processo Administrativo

MJ-60.994-66 — Júlio Cezar Lobo Machado e Djalma Pereira, funcionários do Departamento de Polícia Federal em São Paulo. Despacho: "De acôrdo com o parecer retro".

Autorização

MJ-70.325-66 — Alienação de Material Inservível. Despacho: "Autorizo, na forma proposta pelo Ofício n.º 598-67-DA-SM, de 13 de julho de 1967, do Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal".

MJ-58.563-67 — Alienação de Material do Departamento de Polícia Federal. Despacho: "Aprovo o parecer da Consultoria Jurídica. Restitua-se o processo ao Departamento de Polícia Federal."

(*) Republicado por ter saído com incorreções no *D.O.* de 24-8-67.

ARQUIVO N...

PORTARIAS DE 14 ... DE 1967

O Diretor do Arquivo Na... usando da atribuição que lhe c... re o Art. 42, nos seus parágrafos ... e XXII, do Decreto nº 44.862, de ... de novembro de 1958, resolve:

N.º 20 — Criar o Curso Avul... Língua Portuguêsa, com durac... quatro meses, destinado aos se... res desta Repartição.

O Diretor do Arquivo Na... usando da atribuição que lhe c... o Art. 42, parágrafo XLI, do D... nº 44.862, de 21 de novembr... 1958, resolve:

N.º 21 — Designar Luiz Simõ... sus, professor do Curso Avu... Língua Portuguêsa, criado pela ... taria n.º 20 e Yolanda Vieira de ... valho, como Auxiliar do re... Curso.

O Diretor do Arquivo Na... usando da atribuição que lhe ... re o art. 42, parágrafo LII, do ... creto n.º 44.862, de 21 de nove... de 1958, resolve:

N.º 22 — Arbitrar em NCr$ ... (doze cruzeiros novos), por ho... aula, ao professor de Língua P... guêsa, do Curso Avulso, criado ... Portaria n.º 20 e de NCr$ 1,50 ... cruzeiro e cinqüenta centavos ... hora, ao Auxiliar do referido cu... *Pedro Moniz de Aragão.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.211

49.782-63. — Nº 275, de 24 de agôsto de 1967.

PORTARIA Nº 275, DE 24 DE AGÔSTO DE 1967

O Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, no uso das atribuições que lhe conferem as alíneas "II" e "X", do artigo 7º, do Regimento aprovado pelo Decreto nº 56.596, de 21 de julho de 1965, alterado pelo Decreto nº 60.349, de 9 de março de 1967, e, de acôrdo com o que dispõe o Decreto nº 59.835, de 21 de dezembro de 1966, alterado pelo Decreto nº 61.049, de 1 de julho de 1967, resolve dispensar, a pedido, da função de Auxiliar de que trata a Tabela Analítica publicada no *Diário Oficial* de 2 de agôsto de 1967, com a retribuição mensal de NCr$ 200,00 (duzentos cruzeiros novos), a título de Gratificação de Representação de Gabinete, MARY HELUR BARCELOS DE OLIVEIRA, Assistente de Administração, nível 14, do Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência, ficando, a mesma, excluída da lotação do Gabinete Civil da Presidência da República — Subchefia para Assuntos Financeiros e de Desenvolvimento — Auxiliar, a contar do fim do expediente do dia 21 de agôsto de 1967. — *Rondon Pacheco*, Ministro Extraordinário para os Assuntos do Gabinete Civil.

ATOS DO CHEFE DO GABINETE MILITAR E DO MINISTRO EXTRAORDINÁRIO PARA OS ASSUNTOS DO CABINETE CIVIL.

Portarias

29.298-64 — Nº 19/GM-GC, de 24 de agôsto de 1967.

PORTARIA Nº 19/GM-GC, DE 24 DE AGOSTO DE 1967

Os Chefes dos Gabinetes Militar e Civil da Presidência da República, usando das atribuições que lhes conferem o artigo 21, letras "c" e "j", e os arts. 5º, item III e 7º, item II, dos Regimentos daqueles órgãos da Presidência da República, aprovados pelos Decretos números 56.783, de 25 de agôsto de 1965, e 56.596, de 21 de julho de 1965, êste alterado pelo Decreto nº 60.349 de 9 de março de 1967, resolvem:

1 — Alterar a Portaria nº 2/GM-GC, de 28 de dezembro de 1966, para criar mais 2 (duas) funções de Especialistas (Eletricistas) no código 5.4.2.5 — Luz e Fôrça — Setor Brasília do Serviço de Comunicações da Subchefia Executiva do Gabinete Militar da Presidência da República, ficando, a referida função, com um efetivo de 12 Especialistas (Eletricistas).

2 — A presente Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. — Gen Bda *Jayme Portella de Mello*, Chefe do Gabinete Militar — *Rondon Pacheco*, Ministro Extraordinário para os Assuntos do Gabinete Civil.

298-64 — Nº 20/GM-GC, de 24 de agôsto de 1967.

PORTARIA Nº 20/GM-GC, DE 24 DE AGOSTO DE 1967

Os Chefes dos Gabinetes Militar e Civil da Presidência da República usando das atribuições que lhes conferem o art. 21, letras "c" e "j", e os arts. 5º, item III e 7º, item II dos Regimentos daqueles órgãos da Presidência da República, aprovados pelos Decretos ns. 56.783, de 25 de agôsto de 1965 e 56.596, de 21 de julho de 1965, êste alterado pelo Decreto nº 60.349, de 9 de março de 1967, resolve alterar a Portaria nº 2/GM-GC, de 28 de dezembro de 1966, para ampliar de 120 para 150 o número de vagas de Especialistas (Motoristas) no Setor Brasília, bem como reduzir de 60 para 35 o número de vagas da mesma Especialidade no Setor Rio, na Locomoção do Serviço de Transporte, que integra a SC/Executiva do Gabinete Militar da Presidência da República. Gen Bda *Jayme Portella de Mello*, Chefe do Gabinete Militar. — *Rondon Pacheco*, Ministro Extraordinário para os Assuntos do Gabinete Civil.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO PESSOAL CIVIL

RTARIAS DE 11 DE AGÔSTO DE 1967

Diretor-Geral do Departamento inistrativo do Pessoal Civil, ndo da atribuição que lhe confere em XVIII do art. 85, do Regito aprovado pelo Decreto nú- 50.679, de 31 de maio de 1961, ndo em vista a proposta da Di- da Divisão de Seleção e Aper- amento, resolve:

367 — Designar Oscar Ferreira Silva Júnior para integrar a Banca minadora do concurso para pro- nto em cargos da classe "A" da de classes de Médico da Univer- de Federal da Bahia (C. 762).

368 — Designar Hélio de Castro para integrar a Banca Exami- ra do concurso para provimento cargos da classe "A" da série de es de Médico da Universidade ral da Bahia (C. 762).

Nº 369 — Designar Waldemar Deccache para integrar a Banca Examinadora do concurso para provimento em cargos da classe "A" da série de classes de Médico da Universidade Federal da Bahia (C. 762).

Nº 370 — Designar Henrique Manoel Rupp para integrar a Banca Examinadora do concurso para provimento em cargos da classe "A" da série de classes de Médico da Universidade Federal da Bahia (C. 762).

Nº 371 — Designar Ruy Goyana para integrar a Banca Examinadora do concurso para provimento em cargos da classe "A" da série de classes de Médico da Universidade Federal da Bahia (C. 762).

Nº 372 — Designar Alberto Gentile para integrar a Banca Examinadora do concurso para provimento em cargos da classe "A" da série de classes de Médico da Universidade Federal da Bahia (C. 762).

Nº 373 — Designar Humberto Barreto para integrar a Banca Examinadora do concurso para provimento em cargos da classe "A" da série de classes de Médico da Universidade Federal da Bahia (C. 762).

Nº 374 — Designar Salomão Kaiser para integrar a Banca Examinadora do concurso para provimento em cargos da classe "A" da série de classes de Médico da Universidade Federal da Bahia (C. 762).

Nº 375 — Designar João Cardoso de Castro para integrar a Banca Examinadora do concurso para provimento em cargos da classe "A" da série de classes de Médico da Universidade Federal da Bahia (C. 762). — *Belmiro Siqueira*, Diretor-Geral.

PORTARIAS DE 24 DE AGÔSTO DE 1967

O Diretor-Geral do Departamento Administrativo do Pessoal Civil (DASP), usando da atribuição que lhe confere o artigo 85, inciso XVIII, do Regimento aprovado pelo Decreto número 50.679, de 31 de maio de 1961, resolve:

Nº 413 — Designar Oswaldino Ribeiro Marques e Roberto Braz Iannini para ministrarem aulas no Curso Avulso de Treinamento em Serviço de "Língua Inglêsa", no período de setembro a novembro de 1967.

Nº 414 — Designar José D'Andrade Nóbrega para ministrar aulas no Curso Avulso de Treinamento em Serviço de "Português e Redação Oficial", no período de setembro a novembro de 1967.

O Diretor-Geral do Departamento Administrativo do Pessoal Civil (DASP), usando da atribuição que lhe confere o art. 85, inciso XVI, do Regimento aprovado pelo Decreto nº 50.679, de 31 de maio de 1961, resolve:

Nº 415 — Instituir na Escola de Serviço Público, em Brasília, os seguintes cursos de treinamento em serviço:

1) Português e Redação Oficial
2) Língua Inglêsa

O Representante da Escola de Serviço Público, em Brasília, baixará instruções que regularão o funcionamento dos mencionados cursos. — *Belmiro Siqueira*.

Instruções Reguladoras do Curso Avulso de Treinamento em Serviço de "Português e Redação Oficial", a que se refere a Portaria 415, de 24 de agôsto de 1967, do Senhor Diretor-Geral do Departamento Administrativo do Pessoal Civil (DASP).

Do Objetivo:

O presente Curso tem por objetivo proporcionar treinamento em serviço a funcionários públicos federais que, possuindo nível médio de ensino, desejem atualizar e aperfeiçoar os conhecimentos da língua portuguêsa e de normas usuais da Redação Oficial, úteis ao melhor desempenho dos respectivos cargos.

Das Matrículas:

2. As matrículas estarão abertas até 6 de setembro de 1967 e o Curso funcionará de 12 de setembro a 30 de novembro de 1967, sendo as aulas ministradas das 9 às 10 horas e das 16 às 17 horas às segundas, quartas e sextas-feiras, nas dependências da Escola de Serviço Público, do DASP, em Brasília.

2.1 Além de dois retratos, formato 3 x 4, de frente, sem chapéu, o candidato deverá apresentar ofício dirigido ao Representante da Escola de Serviço Público, em Brasília, e firmado pelo dirigente do órgão a que pertence, em que conste expressamente ser do interêsse da repartição a matrícula do funcionário no Curso de que se trata.

2.2 O Curso será ministrado em 33 (trinta e três) aulas, fixado em 80 (oitenta) o número de matrículas.

2.3 Quaisquer outros esclarecimentos poderão ser pedidos à Secretaria da Escola de Serviço Público, em Brasília, localizada no 5º andar do Bloco 7 d ou pelo t 14 às 18

Do P

3. É Curso:

1 — A linguagen
2 — A predicado
Concord
3 — An predicativ
Concor cíficos.
4 — A integrante
Concord
5 — A acessórios
Vícios cacofonia,
6 — A objeto di
Vozes d
7 — Ap que e do
Figuras se, pleona
8 — A ção das
Estudo
9 — Ap duzidas.
Relação pontuação
10 — pronomes
Estilo. a invenção
Defeitos estilo ou também sinédoque 2º) de p frase, iro prosopopé

Da Fr

4. As au de efetivo que estab 50.830, de cluindo-se faltado a aulas efet 4.1 Consig chegar à ze) minut

Do Pe

5. O pe matrícula do instru pertence o

Dos P

6. Os p na forma

Das C

7. Cons no que sa contidas n nhar o Cu do a 2/3 nimo.

Disposi

8. Ao Al da Escola Brasília, ex tificado, p funcional d
8.1 Ao C couber, as gor.
8.2 Os ca dos pelo Re Serviço Púb Brasília, 2 *Flávio Serra*

Instruções treinament Inglêsa", d nº 415, de Senhor Di mento Ad Civil (DAS

Do Obje

O presente proporcionar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.212

DPF DCP Fls. Nº 157 Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA, D.F., QUARTA-FEIRA, 30 DE AGÔSTO DE 1967
BOLETIM DE SERVIÇO Nº 102

CONFERE:

Para conhecimento do Departamento, e devida execução, publico o seguinte:

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO PESSOAL CIVIL

Instruções reguladoras do Curso Avulso de Treinamento em Serviço de "Português e Redação Oficial", a que se refere a Portaria 415, de 24 de agôsto de 1967, do Senhor Diretor-Geral do Departamento Administrativo do Pessoal Civil - (DASP).

(D.O. nº 161, de 25.8.67)

Instruções reguladoras do Curso de Treinamento em Serviço de "Língua Inglêsa", a que se refere a Portaria nº 415, de 24 de agôsto de 1967, do Senhor Diretor-Geral do Departamento Administrativo do Pessoal Civil (DASP).

(D.O. nº 161, de 25.8.67)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
GABINETE DO MINISTRO

DESPACHO DO MINISTRO

Proc. nº 58.871-67-Req- 24-7 de 1967, São Paulo - Plínio Marcos de Barros, por seu advogado, apresenta recurso da decisão que proibiu a exibição da peça teatral "A Navalha na Carne". - Dou provimento, em parte, ao recurso para o efeito de reformar a Portaria nº 355-66, do Senhor Diretor-Geral do D.P.F. e, em consequência, autorizar a exibição da peça teatral "Navalha na Carne", de autoria de Plínio Marcos de Barros, em todo o Território Nacional desde que sejam observadas as seguintes restrições:

a) sua assistência será proibida para menores até 21 anos;

b) serão suprimidas do texto, ou substituídas pelo autor, as palavras e expressões constantes da relação de fls. 77.

Remeta-se afinal, o processo ao D.P.F., para ciência, certa decisão e estrita fiscalização das providências ordenadas.

Em 17 de agôsto de 1967 - Luiz Antônio da Gama e Silva, Ministro da Justiça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P-28
P.213

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

COPIA PARA CONTRÔLE DO D, C, T.

SDPB

318/DCTC 7 10 69

SOL INFO SR FERNANDO TEIXEIRA - SEN JOÃO LIRA DUZENTOS ET VINTE JAGUARIBE - DEVERAH ENCAM NOVOS ESCRITOS ET AUTZA AUTOR A FIM PODER SER CONCEDIDA RENOVAÇÃO CERTIFICADOS PEÇA "NAVALHA NA CARNE" PT CHEF SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 214

ILMO. SR.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS

BRASILIA - DF

Eu, FERNANDO ANTONIO TEIXEIRA, brasileiro, casado, residente á rua Senador João Lira, nº 220, Jaguaribe nessa cidade de João Pessoa, venho através desse, requerer a V.S. a prorrogação da liberação da peça de PLINIO MARCOS, " A NAVALHA NA CARNE" ja liberada anteriormente para esse grupo de teatro, por esse orgão de censura no dia 6 de Agosto de 1968, tendo como término de liberação 6 de Agosto do corrente ano.

O motivo dessa solicitação, tem como finalidade/ a apresentação da referida montagem no PRIMEIRO FESTIVAL DE TEATRO em ALAGOAS, que realizar-seá em Maceio, tendo início no proximo dia 19 de outubro, e para o qual fomos convidados para representarmos a Paraiba, através do GRUPO DE TEATRO BIGORNA, responsavel pela montagem do referido têxto, sob minha direção

N. Têrmos
P. Deferimento

FERNANDO ANTONIO TEIXEIRA

JOÃO PESSOA, 30 de Setembro de 1969

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071/P.215

7/10/69

Rd. informando ao interessado, que para renovação é necessário enviar novos exemplares c/ a devida autorização do autor.

DPF DCDP Fls. N.º 138 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P.26

DPF
DCDP
Fls. N.º 159
Rubrica

grupo união

2662
15-08-68-

Ilmo. Sr.
Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas

A Sociedade Civil Cultural Grupo União , representada pelo abaixo assinado , vem pelo presente requerer a êsse digno Serviço prorrogação do certificado de censura da peça "Navalha na Carne" de Plinio Marcos de Barros , já aprovado pelo S.C.D.P. para maiores de 21 anos conforme número de registro nº 1669/67 -SP - Livro nº 2 Página nº 78 , tendo em vista que a validade do certificado de censura em nosso poder é até 6 de setembro de 1968.

Certos de contar com a atenção sempre dispensada por êsse Serviço , solicitamos deferimento o mais breve possível e firmamo -nos ,

Mui atenciosamente ,
S. Paulo , 15 de agosto de 1968

Edgard Gurgel Aranha

sociedade civil cultural grupo união

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.217

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D.P.F.
DCDP
Fls. N.º 160
Rubrica

CERTIFICADO DE CENSURA (2ª VIA)

Nº de Registro 1669/67-SP - LIVRO Nº 2 - PÁGINA Nº 78

Título do PROGRAMA: "NAVALHA NA CARNE" -(prorrogado por mais 6 (seis) meses, por ordem do Sr. Diretor Geral do DPF.)

RESPONSÁVEL: PLÍNIO MARCOS DE BARROS

Aprovado pelo S. C. D. P. PARA MAIORES DE 21 ANOS (VIDE-VERSO)

Validade ATÉ 6 DE SETEMBRO DE 1968 (PROVISÓRIO)

PROIBIDO PARA MENORES DE 21 ANOS

São Paulo, 05 de MARÇO de 1968

Certificado de Censura

p/ Maria Lúcia Bonfiglioli
CHEFE DO S. C. D. P.

DPF-SAv-7007-PFS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.218

PEÇA APROVADA DE ACÔRDO COM OS TÊRMOS DO DESPACHO DE 17/08/967, EXARADO PELO SENHOR MINISTRO DA JUSTIÇA, NO PROCESSO Nº MJ-58871/67, COM AS SEGUINTES RESTRIÇÕES:

a) PROIBIÇÃO PARA MENORES DE 21 ANOS;

b) SUPRESSÃO OU SUBSTITUIÇÃO DO TEXTO DAS SEGUINTES PALAVRAS E EXPRESSÕES:

"...fêz ela pegar o esquentamento da outra" - página 3
"porra" - página 4
"porra" - página 6
"porra" - página 7
"miniteiro - página 10
"porra - página 23
"só abrir a perna e faturar" - página 24
"...ficou em cim a de mim mais de duas horas..." - página 27
"porra" - página 31

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

São Paulo, 05 de março de 1968

JUDITH DE CASTRO LIMA
CHEFE DA SCF/SP

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

DPF DCDP Fls. N.º 161 Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P.219

Direitos de Representação Autorização Nº 170239

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Marabá ou Para Sempre

Original de Mário Marcos

Música de —

Tradução de —

No Teatro Ant. Ipiranga Cidade S. Paulo

Emprêsa Grupo União Pela Cia. —

nos dias Para Revisão da Censura

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de —% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ —por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo, 19 de Agosto de 1961

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0091, P. 220

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo os que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.221

DPF
DCDP
162

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 502/68

PEÇA -/ A NAVALHA NA CARNE /-

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 06 de AGOSTO de 19 69

Brasília, 06 de AGOSTO de 19 68

IMPRÓPRIO
ATÊ 21 ANOS
COM CORTES

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 222

M.J. - D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -15-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ " A NAVALHA NA CARNE" /-

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO ~~/~~ SCRIPT DA PEÇA CARIMBADO PELO SCDP.

Original de PLÍNIO MARCOS

~~Tradução de~~ MOVIMENTO CULTURAL ARTÍSTICO (M.O.C.A)

Adaptação de

Produção de SOCIEDADE CIVIL CULTURAL GRUPO UNIÃO

Tendo sido censurada em 14 de MARÇO de 1968 e recebido a seguinte classificação: APROVADO DE ACÔRDO COM OS TÊRMOS DO DESPACHO DE 17 DE AGÔSTO DE 1967, EXARADO PELO EXMO.SR.MINISTRO DA JUSTIÇA, NO PROCESSO Nº MJ-5871/67, COM AS SEGUINTES RESTRIÇÕES:1.PROIBIÇÃO PARA MENORES DE 21 ANOS;2.SUPRESSÃO OU SUBSTITUIÇÃO DAS SEGUINTES PALAVRAS E EXPRESSÕES DO TEXTO:FLS.3:-FÊZ ELA PEGAR O ESQUENTAMENTO DA OUTRA;FLS.4:-PORRA;FLS.6:-PORRA;FLS;7:-PORRA;FLS;10:-MINETEIRO;FLS.23:-PORRA;FLS.24:-SÓ ABRIR A PERNA E FATURAR;FLS.27:-FICOU EM CIMA DE MIM MAIS DE DUAS HORAS;FLS.31:-PORRA.-

Brasília, 06 de AGOSTO de 1968

-JOSÉ SAMPAIO BRAGA-
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF.SAv.7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.223

D.F.S.P.
043026 30 JUL 68

DPF
DCDP
Fls. N.º 163
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

OF. Nº 133/SPS/TCDP/SDR/PB Em 24/JULHO/1968

Do Subdelegado Regional do D.P.F., na Paraíba

Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Remessa (Faz)

Senhor Chefe:

Com o presente, remeto a V.Sa, a peça teatral "A NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plínio Marcos, em um ato// com 19 páginas. A declaração anéxa do representante da Sociedade/// Brasileira dos Autores Teatrais neste Estado, bem como deixamos de encaminhar o comprovante do pagamento dos Direitos Autorais,porque a S.B.A.T, só faz a cobrança após a representação da peça e num percentual calculado sôbre o bruto da renda da bilheteria; para que // êsse Serviço de Censura de Diversões Públicas se pronuncie a respeito.

Aproveito a oportunidade para reiterar a / V.Sa., os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

DR. ANTONIO EMILIO ROMANO
SUBDELEGADO REGIONAL DO D.P.F/SDR/PB.

SRA. DA. - D. F. S. P.
RECEBI em 31/7/1968 às 17 hs
ASS. [illegible]
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSRB)

JLS/AG AUX.

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA T.C.I.C.
EM 31-7-68
Rádio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.224

DPF
DCDP
Fls. N.º 164
Rubrica

ILMO. SR. SUBDELEGADO DO DPF / SDR / PB

A Secção de Polícia de de Segurança
Em 23 / 7 / 1968
SUB DELEGADO REGIONAL

Á T.C.D.P. para providenciar de acordo com as normas vigentes Leg. Em 23-07-968.
Cl. Fraules. Oficial Adm.
Resp. pela S.P.S.

FERNANDO ANTONIO TEIXEIRA, diretor do grupo teatral "Moca" (Movimento de Cultura Artistica), vem mui respeitosamente solicitar a V.Sª., a liberação do texto de Plinio Marcos "A Navalha na Carne", encenada no Rio de Janeiro e São Paulo e como tambem publicada pela editora "SENZALA" de São Paulo, para ser apresentada no Estado da Paraiba e no Recife.

Nêstes têrmos

Pede deferimento

João Pessoa, 22 de Julho de 1968.

Fernando Antonio Teixeira

FERNANDO ANTONIO TEIXEIRA

ILZENI FRANÇA
TABELIÃ PÚBLICA
5. OFÍCIO
Damásio França Jr.
SUBSTITUTO
Rafaela Maciel
ESCREVENTE
João Pessoa - PB

Reconheço a firma Fernando Antonio Teixeira
Em testemunho da verdade
João Pessoa 23 de 07 de 1968
O TABELIÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.225

DPF
DCDP
Fls. N.º 165
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

DECLARAÇÃO

Declaramos, para todos os fins, que a peça Teatral - A NAVALHA NA CARNE, de autoria de PLÍNIO MARCOS, não há nenhuma , comunicação, nesta Representação, que a impeça de ser repre - sentada nêste Estado, reservando á Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) a cobrança dos Direitos Autorais, quando de sua apresentação.

João Pessoa, 17 de julho de 1.968

EUCLIDES DIAS DE SÁ

- REPRESENTANTE -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 226

DPF
DCDP
Fls. N.º 166
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Sr. Chefe da Seção de Censura.

O Sr. FERNANDO ANTONIO TEIXEIRA, diretor do / Grupo Teatral "MOCA" (Movimento de Cultura Artística), por intermédio da DR-PB, enviou para exame dêste SCDP a peça teatral " A NAVALHA NA CARNE " de Plínio Marcos.

A referida obra já foi liberada por êste órgão, pelo Certificado nº139/68 de 14 de março, em cumprimento ao despanho do Exmº Sr. Ministro da Justiça exarado no Processo nº MJ-5871/67, de 17 de agosto de 1967, que autorizou sua encenação com as seguintes restrições:

"1)- PROIBIÇÃO PARA MENORES ATE 21(VINTE E UM) / ANOS.

2)- SUPRESSÃO OU SUBSTITUIÇÃO DAS SEGUINTES PALAVRAS E EXPRESSÕES DO TEXTO: Pag. 03 ... Fêz ela pegar o esquentamento da outra; - pag. 04 - Porra; Pag. 06 - Porra; // Pag. 07 Mineteiro; - Pag.10 - Porra; pág. 23 - Só abrir a perna e faturar; pag. 24 Ficou em cima de mim mais de duas horas e pag. 27- Porra".

Assim sendo, à vista do exposto, sugiro que seja marcado nêste escrito em confronto com aquêle, as palavras e expressões acima maneionadas, para serem substituidas ou suprimidas e, que emita-se os Certificados requeridos.

A consideração superior.

Em, 03/agosto/68

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SCDP/DF

De acôrdo.
Em 5/8/68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,
P.227

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 502/68

PEÇA -/ A NAVALHA NA CARNE /-

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 21 ANOS

COM CORTES

VÁLIDO ATÉ 06 de AGOSTO de 19 69

Brasília, 06 de AGOSTO de 19 68

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

DPF DCDP Fls. Nº 17 Polícia

M.J. - D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.228

Certifico constar do livro nº -01- folha nº -15-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ "A NAVALHA NA CARNE" /-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA CARIMBADO PELO SCDP.

Original de PLÍNIO MARCOS

Tradução de

Adaptação de XXXXXXXXXX MOVIMENTO CULTURAL ARTÍSTICO (M.OCA)

Produção de CENSURA REQUERIDA POR FERNANDO ANTONIO TEIXEIRA -(J.PESSOA-PB)

Tendo sido censurada em 14 de MARÇO de 1968 e recebido a seguinte classificação: APROVADA DE ACÔRDO COM OS TÊRMOS DO DESPACHO DE 17 DE AGOSTO DE 1967, EXARADO PELO EXMO. SR. MINISTRO DA JUSTIÇA, NO PROCESSO Nº MJ-5871/67, COM AS SEGUINTES RESTRIÇÕES: 1. PROIBIÇÃO PARA MENORES DE 21 ANOS; 2. SUPRESSÃO OU SUBSTITUIÇÃO DAS SEGUINTES PALAVRAS E EXPRESSÕES DO TEXTO: FLS. 2:-"FEZ ELA PEGAR O ESQUENTAMENTO DA OUTRA; FLS. 3:-"PORRA"; FLS. 4:-"PORRA"; FLS. 5:-"PORRA"; FLS. 7:-"MINETEIRO"; FLS. 13:-"PORRA"; FLS. 14:-"SÓ ABRIR A PERNA E FATURAR"; FLS. 16: "FICOU EM CIMA DE MIM MAIS DE DUAS HORAS" E, FLS. [illegible]: "PORRA".

Brasília, 06 de AGOSTO de 1968

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

-JOSÉ SAMPAIO BRAGA-
Chefe da Turma de Censor
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

021505 28 JUL 67

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.229

DPF DCDP Fls. N.º 168 Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

SRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI em 28/7/1967 às 17 HS.

ASS. [illegible]
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
D. A.
27 JUL 1967 58871
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

EXº. SR. DR. MINISTRO DA JUSTIÇA

A. P. Encaminhe-se ao Sr. Diretor do D.P.F. para informar, com urgência.
D.F., 27-VII-67.

PLÍNIO MARCOS DE BARROS, brasileiro, casado, autor teatral, residente e domiciliado nesta Capital à R. General Jardim, nº266, apt.31, por seu patrono e bastante procurador, que esta subscreve, Dr. Álvaro Villaça Azevedo, vem, respeitosamente, à presença de V.Ex.a apresentar

RECURSO,

na forma das razões anexas, da decisão que proibiu a exibição da Peça Teatral "A NAVALHA NA CARNE" de Recorrente, aguardando seu acolhimento por ser de direito e justiça.

Nestes têrmos,
Espera Receber Mercê.

São Paulo, 24 de julho de 1967.

p.p.
O.A.B.-S.P.-13 595.-

D. F. S. P.
Gabinete Diretor Geral
na Guanabara
Protocolo n.º 1845
Em 31/8/67

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071 P.230

DPF
DCDP
Fls. N.º 169
Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

RAZÕES DE RECURSO

1.- Inicialmente, cumpre notar que, - após a absurda proibição da Peça Teatral de Plínio Marcos, "A - NAVALHA NA CARNE", ingressou êle com o competente pedido de Reconsideração de Censura, junto ao Departamento Federal de Censura, nesta Capital, pedido êsse que mostrou a ilegalidade da proibição, escudando-se em depoimentos da mais alta significação no mundo artístico e teatral de nosso país, como o de Décio de Almeida Prado, Alfredo Mesquita, Paulo Autran, Cacilda Becker, - Walmor Chagas, Sábato Magaldi, Anatol Rosenfeld, José Celso Martinez Corrêa, João Apolinário, Roberto Freire, João Marschner,- Maria Tereza Vargas, Gianfrancesco Guarnieri, Lauro Cesar Muniz, Altair Lima, Carlos Murtinho, Hilton Viana, Gilson Barbosa e - Dina Sfat.

2.- Esperava o Recorrente obter do Departamento Federal de Censura, com relação ao pedido de reconsideração mencionado, cuja cópia a êste se anexa, doc.I, o tratamento e a consideração condignos e à altura das razões por êle apresentadas.

Contudo, após a costumeira desconsideração e proposital protelação de seu julgamento respondeu a Censura verbalmente a êsse pedido reafirmando os têrmos de sua proibição, negando-se a fornecer certidões dessa decisão, sem qual-= quer fundamentação, o que fere preceito constitucional,pois o - parágrafo 34 do artigo 150 de nossa Carta Magna assim se enuncia:

> "A lei assegurará a expedição de certidões requeridas às Repartições administrativas, para defesa de direitos e esclarecimento de situações."

3.- Após essas arbitrariedades cometidas pela Censura, principalmente por negar-se ao diálogo com o - Recorrente, procurou êste entrevistar-se com o General Sílvio - Corrêa de Andrade, Delegado Regional do DPF/SP, no mesmo dia ,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091 P.23

DPF DCDP Fls. N.º 170 Rubrica

tendo sido prontamente atendido por êsse General, homem esclarecido e de grande senso julgador, que lamentou o ocorrido e se prontificou a assistir, pessoalmente, à Peça Proibida, atendendo a convite do Recorrente e de todo o grupo teatral componente da "Sociedade Civil Cultural Grupo União", que esteve presente a essa entrevista.

Assim, logo no dia seguinte, foi representada "A NAVALHA NA CARNE" no Auditório Itália, nesta Capital, na presença do ilustre General Sílvio Corrêa de Andrade, de seu chefe de gabinete Coronel Paulo Monte Serrat Filho, de seu assessor Dr. Newton Aidar e demais membros de seu gabinete, Srs. Roque Hermínio D'Ávila, José Francisco Silva, Joel Carlos Nunes da Silva e Luiz Gomes Carneiro, além da chefe do Serviço da Censura, D.a Judith de Castro Lima e dos Censores Geraldino Russomano e Daniel Augusto Machado Neto.

4.- Após a exibição da Peça proferiu o esclarecido General sua imediata decisão, que foi confirmada na manhã seguinte, no sentido de que fosse liberada a Peça por não ser ela pornográfica e muito menos subversiva, e, pelo contrário, dizendo que ela, embora mostre tristes problemas sociais, que fazem parte da própria vida, traz uma mensagem construtiva de alta significação, terminando por considerar de real e inegável valor artístico a Peça, conforme foi objeto de ampla divulgação pelo Rádio, Televisão e Jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, indo em anexo alguns recortes de jornais, docs. II, III e IV.

O Parecer do General foi elogiado por todo o seu gabinete, principalmente por seu chefe de gabinete Coronel Paulo Monte Serrat Filho, homem, também, de grandes recursos intelectuais.

5.- Mas, como o Departamento de Censura em São Paulo, talhado em moldes primitivos e por demais envelhecido de espírito, insistisse nessa absurda proibição, foi encaminhado ao General Sílvio pedido para que submetesse o caso à consideração em Brasília, cuja cópia se anexa como doc. V, sendo certo que a êsse requerimento foi anexado longo Parecer do General Sílvio, que, exaltando a Peça Proibida, concluiu pela forma já apontada, pela total liberação da mesma.

Segundo declarou êsse culto General, "infelizmente, ainda, existem falsos moralistas" e é de deplorar se, segundo nosso entendimento, que essa pequena minoria esteja em órgão de tamanha importância, a privar nosso público de assistir grandes espetáculos de repercussão mundial, como já é o caso

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 232

DPF
DCDP
Fls. N.º 171
Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

dessa Peça do Recorrente.

6.- Como era de se esperar, em Brasília o pronunciamento foi o de manter a referida proibição, dados os precários conhecimentos dos problemas sociais, teatrais e artísticos por parte dêsse Órgão, que julga a esmo, sem qualquer - critério, apegando-se a formalismos do passado e desconsiderando, inclusive, tendências teatrais renovadoras, já admitidas no mundo todo, como é o caso do "realismo de crueldade" que norteia as peças de Plínio Marcos, e de outras já de renome mundial como a de Edward Albee "Quem tem mêdo de Virgínia Woolf?".

7.- É de esclarcer-se, ainda, que a Peça Proibida está sendo traduzida em vários idiomas, devendo ser, em bêve, encenada em Londres, Berlim e Buenos Aires.

8.- Essa proibição chocou tôda a crítica especializada, principalmente a de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo certo que vários pronunciamentos veementes se fizeram indo os mais importantes, ou sejam os de Décio de Almeida Prado, Sábato Magaldi, Anatol Rosenfeld, João Apolinário e Yan Michalski, - em anexo, como documentos VI "usque" IX.

Não é necessário frizar o valor cultural dêsses depoimentos, bastando reafirmar que são figuras exponenciais de nosso meio artístico e teatral: Décio de Almeida Prado, como crítico teatral do"Estado de São Paulo", Presidente da Comissão Estadual de Teatro, Professor da Universidade de São - Paulo e ex-Presidente da Associação Paulista de Críticos Teatrais; Sábato Magaldi, como Crítico Teatral do Jornal da Tarde, ensaista premiado, Professor da Escola de Arte Dramatica de São Paulo, Diretor e Organizador da Coleção Teatro Universal da Editôra Brasiliense; Anatol Rosenfeld, como ensaista, Crítico de Arte, Pro-= fessor Universitário e da Escola de Arte Dramatica de São Paulo, jornalista, ex-membro da Comissão Julgadora do Concurso Nacional de Peças de Teatro promovido pelo Serviço Nacional de Teatro do - Ministério da Educação; João Apolinário, Crítico Teatral do Jor-= nal Última Hora, Conferencista, Poeta e Tradutor; Yan Michalski, Crítico Teatral consagrado do Jornal do Brasil; sendo de mencio-= nar-se que outros inestimáveis depoimentos foram prestados além - dos já apontados e que constam do documento I, anexado a êste recurso, como o do Fundador, Professor e Diretor da Escola de Arte Dramatica de São Paulo, Alfredo Mesquita.

9.- Após a proibição da Peça "A Navalha na Carne" muitas críticas se fizeram à Censura, sendo de se -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071/P.233

DPF
DCDP
Fls. N.º 172
Rubrica

se ressaltar as de Sábato Magaldi e Anatol Rosenfeld, documento - X, e a de Hilton Viana, que, referindo-se a entrevista dada ao - patrono que esta subscreve, ressalta o importante e sempre esperado depoimento de Paulo Autran, documento XI.

Está, assim, revoltada tôda[a] classe - teatral que tem feito depoimentos, todos a lamentar a proibição - da Peça de Plínio Marcos, principalmente depois da representação dessa Peça na residência de Cacilda Becker, que colocou a crítica especializada a sentir, vivamente, o valor dêsse trabalho artístico, doc.XII, esperando-se, no meio artístico e cultural brasileiro seja essa Obra liberada pela providência de V.Ex.a, último degrau onde repousa tôda a esperança do ambiente artístico e cultural brasileiro, doc.XIII, sendo certo que o Crítico João Apolinário fêz publicar no Jornal Última Hora o "prefácio à Obra de Plínio Marcos", digno de nota por situar de forma nítida e insofismável a Escola Literária de Plínio Marcos e seus fundamentos artísticos, doc.XIV.

10.- A seguir, analisaremos os expressos têrmos da Portaria de 14 de junho de 1967, que foi publicada no D.O.U. de 19 de junho de 1967, Seção I - Parte I, página 6.527, doc. XV.

Não tem qualquer procedência o julgamento constante dessa Portaria, pois, como ela refere, competindo à "censura federal a seleção de espetáculos públicos, visando a preservar a sociedade de influências lesivas ao consenso comum, tendentes a aviltar os padrões de valôres morais e culturais, coletivamente, aceitos", jamais poderia ter proibido a Peça "A - Navalha na Carne" que, consoante a maçiça prova produzida e unânime opinião retratada por todos os meios culturais e artísticos nacionais, sérios, denotam que só não seria possível a reprovação da atitude da Censura se ela estivesse mesmo a falar em nome dos "padrões de valôres morais e culturais, coletivamente, aceitos". Deveria, então, a Censura procurar obter junto aos "entendidos - no assunto", pelo menos, um depoimento, que viesse a acolher sua absurda proibição.

Com que autoridade pode a Censura - proibir sem razões comprovadas e aceitas?

Como pode ela contrariar tôda a opinião da crítica especializada, escudando-se no fato de preservar "a Sociedade de influências lesivas", quando é a própria Sociedade que repudia sua atitude desavisada e discricionária?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.234

DPF
Fls. N.º 173
Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

Por outro lado, tão sòmente a palavra da Censura não pode ter fôrça a contrariar tôda a opinião abalizada, na forma como até aqui exposto e comprovado.

Tal situação se constitui em verdadeiro regime de fôrça, que foge aos moldes democráticos em que estão fundamentadas nossas instituições.

Quanto ao fato de considerar, mais,- a Censura, por essa Portaria, que a Peça Proibida apresenta "aspectos ofensivos ao decôro público inseridos em função de entretenimento popular", tornando "a representação anti-estética e, consequentemente", comprometendo-lhe "o mérito artístico", mostra a falta de senso julgador de seus responsáveis que julgam sem conhecimento algum dos aspectos culturais, sociais e artísticos de nossa época. A Censura deveria abrigar em seu meio, existindo, elementos de reconhecida cultura no campo em que atuam, pois essa - proibição está a negar a existência de uma escola teatral já famosa em todo o mundo, desmerecendo um trabalho de inegável valor artístico, que jamais poderia ofender ao decôro público, pois retrata a realidade social, em seus aspectos de "sub mundo", com - inegável mensagem a gritar contra êsse real e triste retrato da vida, mostrando através do personagem feminino tôda a angústia - de uma mulher que procura se desvencilhar daquela crua realidade e encontrar uma vida social condigna e humana.

A Censura com essa consideração parece procurar impedir que a arte demonstre aspectos da vida real, - inde de encontro a essa realidade social, num verdadeiro atestado de pouca maturidade e conhecimento artístico.

Seria o caso, então, de se impedirem os "Strip Teases"? Os teatros de Revista? Os espetáculos feitos com palavreados de baixo calão objetivando o riso?

Não nos parece correta nem estas últimas proibições, que, aliás, na realidade, não ocorrem, tendo - um público muito maior.

Justa não é, entretanto, a proibição ora feita, também, sob essa alegação.

Considerou, ainda, a Censura que, na proibição da Peça de Plínio Marcos, levou em conta a "profusão - de seqüências obscenas, têrmos torpes, anomalias e morbidez explorados na peça "..."a qual é desprovida de mensagem construtiva, positiva, e de sanções a impulsos ilegítimos", sendo, por - essa razão "inadequada a platéia," seja de que nível fôr.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071 P.235

DPF
DCDP
Fls. N.º 174
6
Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

Pelo contrário, êsse julgamento denota que não tem a Censura possibilidade nem meios de entender o conteúdo artístico da peça, pois a mensagem construtiva nela existente grita aos olhos. Quanto a "seqüências obscenas, têrmos torpes, anomalias e morbidez", inexistem êstes aspectos, pois a linguagem dos personagens se identifica, perfeitamente, com os tipos sociais que representam, não existindo a não ser em função dessa realidade social e não com intúito gratúito ou obsceno. Não existe nos têrmos propósito de provocar sensações anômalas, mas tão só o de retratar a realidade, que não pode ser negada à arte, sob pena de perecimento desta, ou pelo menos da escola realista.

A Peça de Plínio Marcos foi feita para pessoas inteligentes, que possam ver nos mais rudes problemas da realidade humana a mensagem construtiva no desespêro de quem quer sair dêsse mundo sórdido e de repudiar quem nêle tem tendências de ingresso.

Assim, nenhum sentido tem a resolução nº 355, constante da Portaria em exame, pois essa denegação, como amplamente provado, contraria e desmerece todo o meio artístico e cultural de nosso país e da própria Arte Teatral.

"Ex positis", deve ser liberada a Peça "A Navalha na Carne" de Plínio Marcos, como medida de direito e de justiça, esperando o Recorrente a sábia decisão de V.Ex.a - em cujas mãos repousam, ainda, a esperança de tôda a classe Teatral brasileira e a confiança de todos os responsáveis pelo engrandecimento de Nosso Teatro.

São Paulo, 24 de julho de 1967.

p.p.

O.A.B.-S.P.-13 595.

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135 — 6.º ANDAR — CONJUNTO 61 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.236 Doc. I 7/54

DPF
DCDP
Fls. N.º 175
Rubrica

ILMO. SR. CHEFE DO DEPARTAMENTO FEDERAL DE CENSURA .

PLÍNIO MARCOS DE BARROS, brasileiro, casado, autor teatral, residente e domiciliado nesta Capital à R. General Jardim, nº266, apt.31, por seu patrono e bastante procurador, que esta subscreve, Doc.I, tendo sido censurada sua peça "A NAVALHA NA CARNE", não se conformando com a r. decisão, vem, respeitosamente, à presença de V.Sa. requerer

RECONSIDERAÇÃO DE CENSURA,

por esta e melhor forma de direito, na forma das razões anexas, sendo certo que a esta se anexam, ainda, todo o inteiro teor dos depoimentos referidos no contexto das razões, cujos originais são de próprio punho dos depoentes e com firmas reconhecidas.

Requer, ainda, a possibilidade de exibir todo êsse corpo probatório, quando assim fôr determinado por V.Sa.

Nestes têrmos, por ser de direito e justiça, do despacho de V.Sa.

Espera Receber Mercê.

São Paulo, 15 de maio de 1967

p.p.

O.A.B.-S.P.-13 595.-

Prof. Dr. Álvaro Villaça Azevedo.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.237

DPF
DCDP
Fls. N.º 176
Rubrica

RAZÕES AO PEDIDO DE RECONSIDERAÇÃO DE CENSURA

É de, inicialmente, repelir-se aidéia segundo a qual deva ser proibida a peça "A NAVALHA NA CARNE" sob taxação de pornográfica e subversiva.

Muito ao contrário é o que ocorre, pois ela, indiscutivelmente, é uma obra de arte, umretrato vivo de dolorosos aspectos do sub mundo.

Seu cenário mostra "um sórdido quarto de - quinta classe...", simples,sem muitos sonhos e cheio de tristezas.

A peça "sub examine" nos aponta a intervivência de enftem, de uma prostituta e de um homossexual.

O drama se desenrola entre êles num clima - realista, desumano, onde impera o vício e o baixo palavreado, sendo certo que o Autor soube, com fidelidade, fixar cada problema em seu devido lugar, entrelaçando-os numa continuidade de perfeita compreensão e de acentuadas peculiaridades.

Uma coisa é reprovar-se a vida dos personagens no mundo real, outra coisa é o trabalho artístico, que não pode mentir, sob pena de não ser verdadeiro e sério.

Se êsses problemas sociais existem, devem de sanar-se, sendo a peça umaverdadeira mensagem construtiva nesse sentido.

2.- Censurada a peça dePlínio Marcos, por - convites especiais, reuniu-se,no local de ensaio de uma das Casas Teatrais de São Paulo, um grupo expressivodo mundo artístico nacional, na maior parte intelectuais e elementos ligados diretamente ao Teatro, que ouvêram a leitura dapeça feita pelos seus - atores: Paulo Villaça, como Wado; Ruthinéa de Moraes, como Neusa Suely e Edgard Gurgel Aranha,como Veludo.

Essa leitura foi, pelos presentes, interrompida,várias vêzes, sob manifestação maciça de aplausos, terminan

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.238

DPF
Fls. N.º 177
Rubrica

terminando em verdadeira consagração, tendo, sem exceção, os presentes tomado a iniciativa de formularem, por escrito, suas críticas à peça, tôdas favoráveis, aliás, amplamente, divulgadas pela imprensa, que, também, não vê com bons olhos a censura dêsse trabalho de arte.

Dentre os presentes encontravam-se - Décio de Almeida Prado, Alfredo Mesquita, Paulo Autran, Cacilda - Becker, Walmor Chagas, Sábato Magaldi, Anatol Rosenfeld, José Celso Martinez Corrêa, João Apolinário, Roberto Freire, João Marschner, Maria Teresa Vargas, Gianfrancesco Guarnieri, Lauro Cesar Munis, Altair Lima, Hilton Viana, Carlos Murtinho, Gilson Barbosa, Dina Sfat, além de outras personalidades do mundo artístico.

Resumiremos alguns dosdepoimentos - prestados por êsse expressivo juri.

DÉCIO DE ALMEIDA PRADO, Crítico do - Estado de São Paulo, Presidente da Comissão Estadual de Teatro, - Professor da Universidade se São Paulo e ex-Presidente da Associação Paulista de Críticos Teatrais,dentre outras coisas, lamenta - "que exista a realidade humana" pela peça tratada, mas acrescenta "não vejo como se possa negar à arte o direito de reproduzir os - fatos psicológicos ou sociais tais como êles são, inclusive quando desagradáveis ou abjetos. Quanto à linguagem, fortíssima sem dúvida, faz ela parte integrante dêste universo; se a abrandássemos, já estaríamos traindo aquêle intúito de inteira fidelidade - ao real, que norteou o escritor."

Por seu turno, ALFREDO MESQUITA, Fundador, Professor e Diretor da Escola de Arte Dramática de São Paulo, depõe: "Sou terminantemente contra a censura. Basta isso: - num país como o nosso, onde Deroy Gonçalves - paranão falar dos - chamados teatros de revistas, com seus "enxutos" e streep-tease" apresenta, impunemente, pseudo-espetáculos pornográficos e deprimentes, querem, agora, proibir apapresentação de "A Navalha na - Carne" de Plínio Marcos, sob pretexto de que a linguagem é "forte" demais, quando é essa mesma linguagem que o teatro do nôvo e prometedor autor tem, a meu ver, de mais forte, rico, original, - de mais autêntico, em suma".

PAULO AUTRAN, o consagrado ator brasileiro, premiado, muitas vêzes, internacionalmente, explica que "o extraordinário, muitas, digo, sucesso de Edward Albee, com a - sua violenta "Quem tem mêdo de Virgínia Woolf", mostra que a Platéia moderna é perfeitamente capaz de aguentar verdades. A consideração mundial por Jean Genet é outra prova de que o tempo em que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.239

DPF DCDP Fls. N.º 198 Rubrica

na França se mudava o final de Otelo de Shakespeare, porque poderia "chocar" os espectadores, já vai muito longe. Querer proibir um texto da categoria de "A Navalha na Carne" é indício de retrocesso cultural, de incapacidade de entender o mundo de hoje." Finalizando, obtempera êsse grande ator: "Lendo a peça, tivemos a - nítida impressão de travar conhecimento com um autor internacional, chocante, estimulante, concientizador e altamente moral, da - categoria dos melhores autôres recentemente surgidos no mundo."

CACILDA BECKER e WALMOR CHAGAS, atôres consagrados e premiados internacionalmente, o segundo, também Diretor Premiado, prestam seu depoimento conjunto: "A Censura, ao proibir "A Navalha na Carne" de Plínio Marcos, proibe a existência e o desenvolvimento do próprio Teatro Brasileiro. Não teremos um Teatro enquanto não tivermos autôres; um autor só se desenvolve vendo seu teatro representado...E impedir um jovem autor, - de talento comprovado como é Plínio Marcos, é atrasar o nosso movimento teatral , é impedir, em última análise, o desenvolvimento da nossa própria cultura. A peça parece forte? Tem muitos palavrões? Limite-se a sua assistência aos maiores de idade. Proibir a sua representação é tirar de nós atores, diretôres, gente de - teatro enfim, o nosso material de trabalho, os autôres. Repudiamos o gesto da censura e pedimos, em nome da liberdade de expressão de pensamento, a liberação de "A Navalha na Carne"."

SÁBATO MAGALDI, Crítico Teatral do - Jornal da Tarde, ensaista premiado, Professor da Escola de Arte - Dramática de São Paulo, Diretor e Organizador da Coleção Teatro - Univereal da Editôra Brasiliense, pondera que "A Navalhana Carne" é uma obra de arte. As palavras de baixo calão, utilizadas nela, são necessárias, porque participam da caracterização dos personagens. São tão pronunciadas na peça que atingem uma verdadeira - inocência. O que ficaudo texto não é a pornografia, porque a pornografia só existe quando há gratuidade e desejo infantil de chocar, mas uma imensa tristeza, nascida do cotidiano dessas figuras marginalizadas pela existência, digo, pela sociedade. A personagem feminina chega a duvidar se são gente, e essa é a reflesão - moral, que serve como juízo definitivo da elevada ética de "A Navalha na Carne."

ANATOL ROSENFELD, ensaista, crítico - de arte, Professor Universitário e da Escola de Arte Dramática de São Paulo, jornalista, ex-membro da Comissão Julgadora do Concurso Nacional de Peças de Teatro, promovido pelo Serviço Nacional - de Teatro do Ministério da Educação, afirma: "Parece-me que a -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.240

DPF DCDP Fls. N.º 179 Rubrica

a peça "A Navalha na Carne" é um depoimento profundamente humano sôbre certa situação social reproduzida com extrema veracidade. Ilumina agudamente a degradação da pessoa nas condições apresentadas. A linguagem extremamente violenta e chocante condiz com precisão com a sua situação descrita. Não pode, por isso mesmo, ser abrandada. A função, além disso é precisamente a de chocar o público, apelando à sua consciência."

JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA, empresário, autor premiado, um dos Diretôres mais premiados do país, que foi convidado a integrar a Comissão Julgadora do Concurso Nacional de Peças do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação, consagrado nacional e internacionalmente, presta seu valioso depoimento, segndo o qual "A linguagem dita pornográfica é, pelo contrário, extremamente humana, poética, teatral e deggrande qualidade literária e expressiva. Não pode chocar a espectador em hipótese alguma, exatamente pela sua repetição. Ela é a língua, o dialeto dos personagens e, na peça, elas têm um significado que transcende sua significação de dicionário. Pornográfica seria, neste contexto, uma palavra branda qualquer - seria o próprio cinismo. A peça é obra de arte e ficará quer se queira ou não como uma contribuição à literatura brasileira. A obra já existe e privar o público da mesma é uma atitude de querer esconder que êsse dialeto se fala em português e é transparente a uma realidade que existe, e que, por incrível queppareça, é uma realidade... humana."

JOÃO APOLINÁRIO, crítico teatral do Jornal Última Hora, conferencista, poeta e tradutor, dentre outras coisas, menciona que a peça de Plínio Marcos, "A Navalha na Carne" é, indiscutìvelmente, uma obra dearte." Acrescenta, ainda, êsse consagrado crítico que "É absurdo classificar uma obra de arte de pornográfica. Mais absurdo, ainda, classificá-la de subversiva, quando nela, apenas, existem valôres humanos em conflito com a sociedade que os gerou."

ROBERTO FREIRE, dramaturgo, psicólogo, médico, escritore jornalista, assim se manifesta: "Conheço a obra de Plínio Marcos. Trata-se de mais nôvo e mais importante escritor de Teatro atualmente no Brasil. Aliás a crítica especializada já opinou a êsse respeito, depois da estréia de "Dois perdidos numa niote suja". Quanto à "Navalha na Carne", considero-a criação ainda mais importante e vigorosa. Ambas refletem bem a posição cultural de sua geração: beleza, violência e verdade. O alto sentido humano de suas peças alia-se a umasensibili-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.241

DPF DCDP Fls. N.º 180 Rubrica

dade sensibilidade poética viril e a rigorosa análise sociológica. Os temas da prostituição e da homossexualidade abortados em "A Navalha na Carne" são problemas graves em nosso país; todos nós os conhecemos e com êles nos preocupamos, independentemente da vontade da censura. Porque estão nas ruas, nas casas, declarados ou potencialmente prontos pra explodirem. Precisamos cuidá-los, atenuá-los, impedi-los. Precisamos...., mas censurá-los é tão ridículo como confinar as prostitutas e prender os homossexuais. "A Navalha na Carne" deve ser liberada para adultos, ou não serão adultos os maiores de dezoito anos no Brasil, além dos censores. Pessoalmente não aceito o infantilismo porposto, como cidadão, autor, psicólogo e cristão."

JOÃO MARSCHNER, crítico teatral do Jornal Estado de São Paulo, faz depoimento que merece transcrição integral: "A Navalha na Carne" de Plínio Marcos não nos parece um texto teatral do qual se faça um espetáculo para as almas pudicas ou as ditas "delicadas". Mas também o nosso mundo não nos parece um pouco seguro para essas almas. A peça poderia ser chamada de "pornográfica" no sentido que dá o dicionário à palavra: "tratado acêrca da prostituição". Não chegando a ser tratado, seria um interessante capítulo de alguma obra que sôbre o assunto se escrevesse. É também obscena e mais uma vez recorremos ao dicionário para dar às palavras o seu sentido exato: "obsceno que fere o pudor". Nós homens somos assim mesmo; obscenos e pornográficos, assim como somos altruísticos e filantrópicos. Não tivéssemos sido expulsos do Éden, não carregaríamos conosco os males, mas também nã teríamos provado o fruto do conhecimento. Descrevendo um retalho obsceno e pornográfico de nossa história social contemporânea, Plínio Marcos o faz por meio de personagens cujo linguajar é obsceno e pornográfico; uma prostituta, um proxeneta e um pederasta. Poderia descrever o mesmo retalho usando de um eufemismo e colocando o tema da peça em discussão entre um religioso, um filósofo, um censor, e obtêr até mesmo um bom texto teatral. O que não poderia é dar ao religioso, ao filósofo, ao censor, o linguajar da prostituta, do proxeneta, do pederasta. Como ao pederasta, ao proxeneta, à prostituta, não pode dar o linguajar do censor, do filósofo, do religioso. Por êsse sumaríssimo "organum"dso teatro realista, cremos ter deixado bem clara a noção da "imoralidade" na obra de arte, que só pode ser medida em têrmos de autêntico e inautêntico. Qualquer afirmativa de que seja "A Navalha na Carne" de Plínio Marcos um texto atentatório à moral pública só pode ser atribuida à ingenuidade de -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.242

DPF DCDP Fls. N.º 181 Rubrica

ingenuidade de quem a faz ou à sua superficialidade no exame da matéria intelectual, ou, ainda, à pura e simples hipocrisia. - Pois que, com sua peça, o jovem autor se revela um dos mais ferrenhos moralistas praticantes em linguagem teatral."

MARIA TEREZA VARGAS, Professôra e Secretária Geral da Escola de Arte Dramática, ex Delegada do Serviço Nacional de Teatro em São Paulo, opina que "A Navalha na - Carne" não é uma seqüência gratuita de palavrões, mas o trabalho de um poeta autêntico, cuja qualidade consiste justamente em ter alinhavado essas palavras (ditas de sub mundo) e elevá-las a uma fórmula de expressão, única permitida ao diálogo do desamor. Que palavras senão essas restariam àquêles que se detestam...? E, - continua Maria Tereza Vargas, "Demais a mais, sendo o teatro atu atualmente (devido a razões que não nos cabe no momento julgar) uma arte pouco popular, não cremos que seja preciso "vigiar" para que espíritos pouco formados venham assistir tal peça. A platéia dêsse grupo é específica, formada por estudantes (em sua - maioria universitários) ou então por público suficientemente formado, adulto, com plena capacidade de julgamento."

GIANFRANCESCO GUARNIERI, empresário, autor e ator, diversas vêzes premiado, nacional e internacionalmente, é de parecer que "A Navalha na Carne" peça de Plínio Marcos é um documento. A Sociedade não pode temer documentos sôbre sua época. Êles são necessários à coletividade. Além do aspecto documental, Plínio alcança um invejável nível de comunicação artística. Êsses são motivos que tornam aberrante a proibição da censura."

LAURO CESAR MUNIZ, dramaturgo, premiado, autor de roteiros de cinema e televisão, também, é pela - liberação da peça em tela, sendo suas estas expressões: "Peça - excelente com a amplitude artística e de levantamento sócio-cultural."

ALTAIR LIMA, empresário e ator, no mesmo sentido, reputa excelente o trabalho de Plínio Marcos, entendendo que êle "retrata, com muita clareza e autenticidade, todo o problema de um grupo condicionado à "engrenagem" social."

CARLOS MURTINHO, Diretor Teatral, - refere que "A peça "A Navalha na Carne", de Plínio Marcos, foi taxada de imoral pela Censura Federal. Independentemente de seus valôres, qualidades ou defeitos, realmente imoral parece-me a interdição ou a mutilação de uma obra de arte. O problema transcende ao texto em questão e exige, de uma vez por tôdas, uma análise

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.243

DPF DCDP Fls. Nº 182 Rubrica

séria e um movimento de recusa total contra a imoralidade da própria Censura."

HILTON VIANA, crítico, jornalista e cronista de Teatro, membro dos Jornais de São Paulo, reafirma os depoimentos anteriores, dizendo: "vida está aí, cheia de dôres, angústias e desespêros. As prostitutas, os pederastas e os rufiões (personagens de "A Navalha na Carne"), fazem parte dela. A peça de Plínio Marcos conta a estória dessa gente, com suas dôres e seu linguajar característicos. Outros grandes autôres também já contaram. Albee é a prova. Uma vez que Plínio conta estória de gente, sua peça deve ser liberada. É um direito de expressão artística."

GILSON BARBOSA, artista plástico, entende, também, que a peça "é uma autêntica obra de arte e por isso deve ir a público", corroborando a atriz DINA SFAT, interpretando sentimento geral da classe e de quantos lidam com a Arte e Cultura, que se trata de "excelente peça...."

A se referirem mais depoimentos, teríamos de repisar a matéria já exposta, uma vez que, ante a evidente ilegalidade da proibição, é uníssona a opinião dos entendidos, de arte e teatro, no sentido de lamentar que se proíba o público de assistir peça de tantos méritos artísticos.

Todos êsses depoimentos atestam de forma insuspeita e categórica, a injustiça que se comete com a censura da peça "A Navalha na Carne".

3.- Por outro lado, o proibir-se sua exibição denota o pouco cuidado que se dispensam a esta obra de arte, sendo certo que tal fato impede que o limitado, mas seleto público de Teatro, com formação cultural e moral bem definida, de 40.000 a 50.000 espectadores, se veja privado de assisti-la, - além de comprometer, sèriamente, a própria sobrevivência do Grupo União.

Principalmente, tendo-se em conta que êsse Grupo tem a estréia da peça marcada para o próximo - dia 1º dejunho, no Auditório Itália, nesta Capital, na forma do - contratado.

Assim, além dos prejuízos da Arte Teatral, do autor da peça, ainda, o problema da proibição atinge, diretamente, a classe dos atôres, que, há longo tempo, vêm ensaiando a peça com pesados encargos à sua situação econômica e financeira.

4.- É de ver-se, mais, que a -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007/P.244

DPF
Fls. N.º 183
Rubrica

a Imprensa vem apoiando Plínio Marcos, pois, juntamente com a crítica especializada, entende verdadeiro absurdo que se proíba a exibição de uma obra de arte, completo cerceamento à livre manifestação do pensamento.

Aliás, vários têm sido os pronunciamentos nesse sentido.

5.- Concluindo, a peça de Plínio Marcos, de forma artística indiscutível, diz da verdade, sempre temida pelos que não a enfrentam e elogiada pelos homens de bem.

A verdade, eterno fantasma e primeira das virtudes, há de vingar sempre como semente bendita mesmo que no lôdo da vida, a exemplo do lírio que nasce puro no pântano com o contágio dasimpurezas.

Ela há de ser cantada bemfforte, para que sua fôrça se marque em compassos sonoros e inebriantes, em contínuas ondas, sem parar, sem esmorecer, como um hino de guerra...

Sempre a verdade, doa a quem doer...

Aliás, falando sôbre o amor que se deve guardar à verdade, Arsène DUMONT (La Morale Basée sur la Demographie) 1901, pág. 97) ensina que "De toutes les vertus, l'amour du vrai, qui se confond avec le goût du rationnel, est la plus capitale. Il n'en est point qui ait plus d'influence sur les destinées des collectivités humaines."

Terminando, com expressão significativa (o.c., pág. 122), explica que "Au juste par le vrai, telle doit être la première maxime de la moral d'une démocratie."

No mais importante dos diálogos de Platão, Fedro, obra de inigualável valor cultural, Sócrates combate os escritores sem cultura filosófica, citando o exemplo de Lísias, ensinando a Fedro que "não é possível fazer discursos artísticos naturais quer se trate de ensinar, ou de persuadir, se não se conhece a verdade sôbre os objetos a respeito dos quais se fala ou se escreve....

No epílogo, Sócrates, invocando o "Divino Pã", pede: "Dai-me a beleza da alma, a beleza interior e fazei com que o meu exterior se harmonize com essa beleza espiritual" (Platão, Diálogos, vol.I, Fedro, 4ª ed., 1960, trad. Jorge Paleikat, págs. 260 e 262).

Nesta magistral idéia, mostra êle possuir a beleza interior de alma em contraste com sua fealdade física.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 245

DPF
DCDP
Fls. N.º 184
Rubrica

Assim é a obra de Plínio Marcos: mostra a rudeza de alma de alguns dos aspectos da vida, mas guarda a beleza artística, que só pode premiar os grandes autores, - que retiram dêsses fatos sujos e mundanos as belezas puras, de - conteúdo sério, violento e humano.

"Ex positis", deve ser liberada a peça "A Navalha na Carne" pela Censura Federal, uma vez que - provado está ser ela uma obra de arte, que merece ser exibida ao público, não sendo pornográfica e muito menos subversiva, com o que seja feita a meridiana e esperada

J U S T I Ç A .

São Paulo, 15 de maio de 1967.

P.P.

O.A.B.-S.P.-13 595.-
Prof.Dr. Álvaro Villaça Azevedo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.276

Doc. II

DPF
DCDP
Fls. N.º 185
Rubrica

General a favor de "Navalha na Carne"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O general Silvio Corrêa de Andrade, delegado-regional do Departamento de Policia Federal de São Paulo, assistiu, em sessão especial, gostou e vai recomendar a liberação total da peça "A Navalha na Carne", de Plinio Marcos, interditada pela censura federal, que a considerou pornografica e subversiva.

O Grupo União montou o espetaculo anteontem, no Auditorio Italia (onde a peça deveria iniciar ontem a sua carreira normal), exclusivamente para que o general Silvio se inteirasse do texto e colaborasse, com sua manifestação, para liberar a encenação. Alem dele estavam o cel. Paulo Monteserrat Filho, o dr. Newton Aidar, assessor-juridico do DPFSP, outros elementos do gabinete daquele Departamento e tambem alguns censores.

Para o general Silvio — e isso ele dirá em parecer que vai enviar ao Departamento Federal em Brasilia, do qual é diretor o cel. Floremar Campello — a peça não é pornografica nem subversiva, "sendo mesmo um retrato real da vida, com inegavel valor artistico, uma mensagem social de grande valor".

Promete tambem o delegado-regional do DPFSP divulgar oportunamente a integra de seu parecer, cujo original irá para Brasilia juntamente com o pedido, formulado pelo advogado do Grupo União, Alvaro Villaça Azevedo, de reconsideração da medida adotada pela censura de São Paulo.

FOLHA DE S. PAULO — Sexta-feira, 2 de junho de 1967

Doc. III

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.247

DPF

DCDP
Fls. N.º 186

TEATRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

HILTON VIANA

"O versatil sr. Sloane" uma das proximas estreias em São Paulo

Continuam os ensaios da peça "O Versatil Sr. Sloane" de Joe Orton sob a direção de Antonio Ghigonetto e na interpretação de Ruth Escobar (Ruth estará logo mais às 19 horas no Canal 2, quando concederá entrevista), Fulvio Stefanini, Edney Giovenzzi e Carlos Duval. A peça será apresentada no proximo dia 16 em beneficio da Campanha Pró-Criança Defeituosa da A.A.C.D. Na ocasião será tambem reinaugurado o novo Teatro Galpão, agora com nova acustica. "O Versatil Sr. Sloane" foi para os criticos londrinos, a melhor peça encenada em 1964. Para Terence Rattigan, autor de "The Depp Blue Sea", e outras grandes obras do teatro inglês, o trabalho do desconhecido Joe Orton é o que de melhor se fez na dramaturgia britanica desde 1940. A primeira vista ,a peça é uma comédia nitidamente de humor negro: faz-nos rir de assuntos e temas malditos, retomando a tradição de "Arsenico e Alfazema". Não procura, entretanto, ser chocante. Diz a respeito John Russel Taylor: "Longe de tentar sacudir-nos de nossa letargia, de nossas reações normais e rotineiras à vida, ela trabalha insidiosamente em redor de nossos preconceitos, construindo a comicidade com materiais geralmente considerados desagradaveis e improprios para um tratamento humoristico; no momento em que escapamos da influencia do ator, e começamos a examinar mais friamente o que acabamos de assistir, é quase certo que nos surpreendamos com o que aceitamos com tanta facilidade. Por outro lado, em larga medida a peça é tambem uma obra séria. Revela uma nova visão do mundo, não tanto pela atitude do autor em relação a eles sintomatica da revisão dos conceitos de moral que se processa nos dias de hoje".

Graças a isso, a peça obteve grande exito comercial, independente da boa recepção da critica inglesa. Além do sucesso da Broadway, a peça já fez duas temporadas em Londres, no "New Arts Theatre" e no "Wyndhams Theatre" bem como em Munique, Frankfurt e Hamburgo, na Alemanha.

"BLACK-OUT"

Foi impressionante a receptividade por parte do publico presente na ultima quinta-feira no Teatro da Aliança Francesa, quando a peça "Black-Out" de Friederick Knott foi encenada para a critica de São Paulo. O publico começou aplaudir o espetaculo bem antes de seu termino e, no final, foi uma ovação só vista nos ultimos anos por ocasião da estreia de "Marat-Sade". Embora doente, Eva Wilma conseguiu superar a enfermidade e estava num de seus melhores dias. Com exceção de um critico, um grisalho que não gosta de teatro, todos estão gostando da montagem do Antunes. Como a sessão de quinta-feira, foi dedicada à critica, a classe teatral deverá também assisti-la na proxima terça ou quarta-feira.

AINDA "NAVALHA NA CARNE"

"Como é do conhecimento de todos, o Grupo União, estrearia seu espetaculo do "Ciclo da Crueldale", composto de "O Incrivel Caso do Senhor George", de John Anthony West e "A Navalha na Carne" de Plinio Marcos, no inicio de junho no Auditorio Italia, não fosse a proibição pela censura da ultima peça.

Após a primeira instancia, recorreu o Grupo União v revisão da censura, que novamente expediu parecer contrario, mantendo a proibição. Não contentes com essa resolução e principalmente não conformados pela falta de diálogo com o Grupo que a censura fêz questão de exigir, os atores recorreram ao ilmo. sr. general Silvio Correa de Andrade — delegado Regional do D.P.F., em São Paulo, que acolheu o caso com a maior simpatia e se comprometeu a assistir um ensaio.

No dia seguinte compareceram ao Auditorio Italia para assistir ao ensaio, o general Silvio Correa de Andrade — delegado Regional do Departamento de Policia Federal em São Paulo, o coronel Paulo Monte Serrat Filho — chefe do Gabinete, dr. Newton Aidar — assessor, e os membros do Gabinete, Roque Herminio D'Avila, José Francisco Silva, Joel Carlos Nunes da Silva e Luiz Gomes Carneiro, além de d. Judith de Castro Lima, chefe do Serviço de Censura, e os censores Geraldino Russomano e Daniel Augusto Machado Neto.

O general Andrade e seu Gabinete, foram unanimes pela exaltação do valor artistico da peça e pela sua total liberação. Para tanto, enviou "seu parecer favoravel à total liberação da peça "A Navalha na Carne", ao coronel Florimar Campello, diretor geral do Departamento de Policia Federal, pedindo a liberação baseado no fato de não ser a peça nem pornografica nem subversiva, sendo ao contrario, uma obra de arte, que retrata uma realidade social, contendo mensagem de grande valor".

Essa opinião do general, foi endossada pelo cel. Paulo de Monte Serrat Filho e todo o seu Gabinete."

"MARAT-SADE"

A receptividade por parte do publico com relação à peça "Marat-Sade", está surpreendendo os proprios responsaveis pelo Teatro da Esquina. O publico tem comparecido em massa de terça a domingo. A peça como já afirmamos, deverá ser apresentada em outras Capitais. Hoje haverá sessões às 20 e 22,30.

"INFIDELIDADE"

Altair Lima afirma que embora a peça "A Infidelidade ao Alcance de Todos" continue levando grande publico ao TBC (justamente aquele que nunca foi ao teatro), a peça deverá permanecer em cartaz somente até o mês de setembro. Em seguida continuará sua carreira no Rio.

STEBILE DI GENOVA

Chegará a São Paulo em fins do corrente mês no Teatro Stabile de Genova que aqui esteve há oito anos, em temporada que alcançou pleno êxito e deixou muitas saudades. Desta vez porém não se trata propriamente de temporada, o Teatro de Genova vai ficar em nossa Capital apenas três dias, no quadro de tournée relampago, com um unico espetaculo. A tornée começará em Montreal onde o Teatro de Genova vai representar a Italia "Expo-67", prosseguindo por Toronto, Ottawa, Caracas, Rio de Janeiro, São Paulo, Montevidéu, Buenos Aires, Lima, Cidade do México e Havana. O espetaculo a ser apresentado é "Os Dois gemeos venezianos" de Carlo Goldoni. O "Diario de S. Paulo" de amanhã dará outros detalhes a respeito.

DULCINA

A atriz Dulcina Moreira, que é presidente da Fundação Brasileira de Teatro, foi recebida hoje em audiencia pelo presidente Costa e Silva, ocasião em que comunicou ao chefe do governo o lançamento, na proxima terça-feira, da pedra fundamental da Faculdade de Teatro de Brasilia.

Ao deixar o Gabinete presidencial, Dulcina declarou aos jornalistas que o presidente prometeu todo apoio à Fundação Brasileira do Teatro. Dulcina elogiou Brasilia, afirmando que "tem todas as condições para afirmar-se como o centro irradiador de arte e de cultura para todo o país".

As obras da Faculdade de Teatro de Brasilia deverão estar concluidas dentro de dois anos.



Fulvio Stefanini e Ruth Escobar numa cena de ensaio de "O Versatil Sr. Sloane " (Ruth concederá entrevista hoje às 19 horas no Canal 2)

São Paulo, sábado, 3 de junho de 1967 — DIARIO DA NOITE —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.248

TEATRO

HILTON VIANA

DPF
DCDP
Fls. N.º 187
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.



Fredi Kleeman e Tarcisio Meira numa cena de "Você conhece a Via Lactea?"

"Você conhece a Via Lactea?" em estréia de gala no proximo dia 16 em São Carlos

Dar-se-á no próximo dia 16 na cidade de São Carlos, estréia nacional de "Você Conhece a Via Lactea?" de Carl Wittlinger na interpretação de Tarcisio Meira e Fredi Kleemann. Como sabemos Kar é um dos mais importantes autores alemão do após-guerra. Ganhou o premio "Gerhardt Hauptmann" uma especie de premio "Pullitzer" do Teatro Europeu; é representado nos mais importantes centros Teatrais do mundo inteiro, tais como a Broadway, Londres, Paris, Berlim, onde em 1964. já fora representada mais de 3.000 vezes. Buenos Aires tambem já teve oportunidade de conhecer o famoso texto. Em 1964 o "Deustsches Schauspielhaus" levou a "Via Lactea" para o Festival das Nações em Paris, e conquistou o primeiro lugar. A peça foi encenada simultaneamente só contando a Alemanha, em 33 teatros. A peça foi dirigida por Fredi Kleeman que tambem interpreta um dos dois papeis. Depois da apresentação de gala em São Carlos a famosa obra será encenada em várias cidades do interior, para depois fazer carreira no Auditorio Italia.

NOTICIA BOA

A classe teatral está de parabens. Ganhou um grande amigo no setor de censura, ou seja o dinamico e compreensivo general Silvio Correia de Andrade. chefe da Censura Federal em São Paulo. Basta dizer que o general Silvio recebeu há poucos dias os atores que interpretam "Navalha na Carne" e colocado a par da proibição resolveu assistir pessoalmente uma apresentação do texto. Isso aconteceu quarta-feira à noite no Auditório Italia e não será necessario dizer que o general gostou muito da obra e já remeteu um memorial a Brasilia e tudo faz crer que daqui 3 dias teremos uma resposta e a peça poderá estrear no auditorio.

CENSORES

Na ultima quarta-feira estiveram presentes no auditorio Italia, além do general Silvio Correia de Andrade, o coronel Paulo Monte Serrat Filho, Dr. Hilton Aidá, Walter Hermino D'Avila, José Francisco Silva, Joel Cabral da Silva, Judith de Castro Lima, e outros censores. Depois de assistir a obra de Plinio Marcos, o general Andrade enviou seu parecer a Brasilia encaminhando-a ao diretor de Policia Federal de Brasilia, sr. Florimar Campello.

"O VERSATIL MR. SLONE"

A atriz Ruth Escobar oferecerá o espetaculo do dia 16 de junho inaugurando sua nova sala "O Galpão" em sua nova forma. Será em beneficio Pró-Campanha da Criança Defeituosa da A. A. C. D. A. peça como sabemos tem direção de Antonio Ghigoneto, cenario de Wladimir Pereira Cardoso e interpretações de Ruth Escobar, Fulvio Stefanini, Edney Giovenazzi e Carlos Duval.

"BALLET"

De 12 a 16 do corrente, o Teatro Municipal vai apresentar o Ballet Australiano, em recitais diarios, às 20,45 horas. Criado em 1962 o Ballet tem como diretores artisticos Robert Helpmann e Peggy Van Praagh. São primeiros bailarinos Marilya Jones e Cart Delch.

Robert Helpmann e Peggy Van Praagh conseguiram projeção internacional com o filme inglês "Os Sapatinhos Vermelhos", em que são apresentadas algumas de suas mais importantes criações. Com o Ballet Australiano, o Municipal estará apresentando o terceiro espetaculo de bailados desta temporada.

OPERA NO AUDITORIO ITALIA

Será na proxima segunda-feira no Auditorio Italia a estreia do espetaculo de Diogo Pacheco, quando mais uma vez o famoso maestro apresentará uma de suas já famosas inovações. Desta vez será a apresentação de "Arias" de operas em trajes modernos. Ou seja, os interpretes desta semana que serão Stela Maris e Benito Maresca, a cantora apresentar-se-á de Mini-Saia e Benito com trajes dos jovens. Paulo Herculano será o responsavel pelos acompanhamentos e Luis Sergio Person pelas ideias de cena. Os ingressos para o espetaculo encontram-se à venda na Casa do Espectador e no proprio Auditorio.

EAD

Continua a luta dos alunos da Escola de Arte Dramatica, com relação à incorporação à Universidade, conforme decreto 46.419 de 16 de junho de 1966, cujo artigo é o seguinte, entre varios:

1 — Incorporação na Universidade de São Paulo, conforme o decreto 46.419 de 16 de junho de 1966, cujo art. 4.o é o seguinte:

— "Fica a Universidade de São Paulo autorizada a incorporar a Escola de Arte Dramatica de São Paulo, na forma e condições que venham a ser estabelecidas pelo Conselho Universitario. comentario: Parece que o decreto não obriga a Escola de Comunicações Culturais a encampar a EAD mas sim a Universidade, em decorrencia deste raciocinio, o alunos desejam:

2 — Que a incorporação seja feita com garantia de autonomia administrativa e didatica, a fim de que a escola preserve sua liberdade de ação e adaptação aos metodos e caracteristicas de trabalho da atividade teatral.

São Paulo sexta-feira, 2 de junho de 1967 — DIARIO DA NOITE —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.249

Doc. I — 20 SET

DPF
DOPS
Fls. N.º 188
Rubrica

EXº. SR. GENERAL SILVIO CORRÊA DE ANDRADE, DELEGADO REGIONAL DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO .

PLÍNIO MARCOS DE BARROS, brasileiro, casado, autor teatral, residente e domiciliado nesta Capital à R. General Jardim, nº266, apt.31, por seu patrono e bastante procurador, que esta subscreve, Dr. Álvaro Villaça Azevedo, vem, respeitosamente, expor e a final requerer o seguinte :

1.- Plínio Marcos, requerente, autor da peça teatral "A Navalha na Carne", que foi censurada Sob ser pornográfica e subversiva, ingressou com o competente recurso de "Reconsideração de Censura" em 16 de maio de 1967, cujo inteiro teor, em cópia, anexa a êste requerimento.

2.- O Departamento Federal de Censura, diante do recurso apontado, por sua Chefe, D.a Judith de Castro Lima, nomeou 5 (cinco) Censores para rever referida peça, os quais chegaram a conclusão unânime idêntica à decisão recorrida, no sentido de que a peça é pornográfica e subversiva.

3.- Acontece que Plínio Marcos, consoante se demonstra pelo pedido de Reconsideração referido, é, no mundo, um dos representantes dessa Escola Teatral, sendo o único no Brasil, tendo, mesmo, recebido propostas para que suas peças sejam traduzidas e levadas no exterior, como na Alemanha, França, Itália, Argentina e outros países.

Tanto que Paulo Autran o considera como "um autor internacional, chocante, estimulante, conscientizador e altamente moral, da categoria dos melhores autores recentemente surgidos no mundo".

4.- Plínio Marcos, juntamente com seu procurador abaixo assinado e um grupo de artistas, procurou

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.250

DPF DCDP Fls. N.º 189 Rubrica

a Censura e pediu lhe fosse dada a oportunidade de dialogar com os Censores após fosse a mesma a êles apresentada, ao que houve recusa.

5.- Diante dessa atitude premeditada - e sem fundamento, que só demonstra temor de enfrentar os fatos - da vida, não admissível em um órgão julgador, êsse grupo dirigiu -se a V.Ex.a e encontrou a boa vontade, a compreensão e a coragem necessárias à tomada de uma posição relativamente à peça mencionada.

Dignou-se, assim, V.Ex.a de assistir, pessoalmente, a peça no Auditório Itália, nesta Capital, em companhia de seus assessôres de gabinete e de dois dos Censores, - Srs. Geraldo Russomano e Daniel Augusto Machado Neto, presente, ainda, D.a Judith de Catro Lima, Chefe do Departamento Federal - de Censura em São Paulo.

6.- Dêsse diálogo, sempre necessário nos regimes democráticos, V.Ex.a, e tenho certo os que assistiram ao espetáculo, pôde reconhecer o indiscutível trabalho de - arte dêsse nosso notável autor teatral, Plínio Marcos, conhecido no Brasil e internacionalmente, por seus méritos e valôres artísticos.

7.- Plínio Marcos, tomando conhecimento do Parecer de V.Ex.a, amplamente divulgado pela Imprensa e - Televisão, no sentido de reconhecer os méritos de seu trabalho - de arte, destituido das manchas apontadas: "pornográfica" e " - subversiva", por seu patrono, dirige-se a V.Ex.a para, antes, - cumprimentá-lo por essa honesta e corajosa tomada de posição, em prol da arte brasileira, dando o primeiro passo à liberação dêsse trabalho artístico tão aguardado por nossa elite cultural e - pela Imprensa, que vê nêle uma obra já premiada pelos requisitos que contém.

O requerente tem receio de que o seu pedido de "Reconsideração"de Censura" não tenha sido exibido a - V.Ex.a, juntamente, com a prova a êle anexada, em face do que , "ex positis" requer seja êle encaminhado ao conhecimento de V. - V.Ex.a, através da cópia anexa do inteiro teor do original apresentado do Departamento Federal de Censura.

Nestes têrmos, por ser de direito, antes do encaminhamento do Parecer de V.Ex.a ao Cel. Florimar Campello, com as demais comprovações, requer, ainda, seja êste pedido, com as razões anexas, a êle juntadas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.251

DPF
DCDP
Fls. N.º 190
Rubrica

Do despacho de V.Ex.a
Espera Receber Mercê.

São Paulo, 2 de junho de 1967.-

p.p.
O.A.E.-S.P.-13 595.-
Prof. Dr. Álvaro Villaça Azevedo .-

"A navalha na carne" e a censura federal

DECIO DE ALMEIDA PRADO

"Navalha na carne", de Plinio Marcos, acaba de ser proibida pela Censura Federal. Não iremos abordar as suas possiveis qualidades ou defeitos porque não perdemos a esperança de vê-la em breve no palco e poder criticá-la como a qualquer outro texto. Diremos apenas que, em nossa opinião, de quem exerce profissionalmente a critica de teatro há mais de vinte anos e deve ter uma experiência estetica não menor que a dos vários generais a que o assunto está afeto no Brasil, trata-se de uma obra literaria e não de uma peça pornografica. Sabemos que a distinção pode ser ás vezes dificil, variando de acordo com os criterios sociais do momento, como admitiu recentemente a Suprema Côrte norte-americana. Mas a qualidade literaria, e sobretudo a intenção literaria, raramente enganam o especialista. Como a Censura não se acha obrigada a precisar os termos que emprega poderíamos talvez definir a obra pornografica como aquela que se contenta em explorar os aspectos sensacionais do sexo, com intuitos comerciais ou por mero exibicionismo. A Censura, de resto, é benigna com espetaculos que se incluiriam sem dificuldade nesta categoria. Veja-se a benevolência com que encara o "strip-tease", forma de não-teatro que faz render em termos de bilheteria a excitação direta do instinto sexual. E' para a obra de arte, tradicionalmente, que a Censura reserva a sua severidade porque somente ela diz alguma coisa sobre o homem ou sobre a sociedade. Não é a licenciosidade, que esta campeia impune nos teatros de revista, mas a seriedade de propositos que assusta e amedronta o Censor. Não estamos, aliás, desejando que a Censura intervenha no téatro de revista, retirando-lhe o indispensavel sal da malicia, ou que proiba o "strip-tease", que continua vicejando por aí, como uma valvula de segurança da sociedade, sem fazer mal a ninguém. Queremos, ao contrario, que as obras literarias gozem da mesma liberdade atribuida ás que poderiamos legitimamente classificar de pornograficas.

A obra de arte, é verdade, revela não poucas vezes uma certa conivência com a perversão, uma atração secreta ou confessada pelo mal, por ser precisamente aquilo que é, ou seja, por opôr-se ao bem. Baudelaire, no passado, Jean Genêt, no presente, são exemplos dessa singular afinidade (e nesse sentido já foram considerados artistas metafisicos, se não mesmo cristãos ou catolicos, na medida em que baseiam o seu universo na distinção religiosa entre o Bem e o Mal). A respeito de "Navalha na carne", entretanto, este tipo de raciocinio não se aplica. Plinio Marcos não intervém na ação, não prega sermões, mas percebemos sem possibilidade de erro que a sua posição perante as suas lamentaveis personagens só não é de nojo e repudio porque é de profunda compreensão e piedade. As suas peças são duras e crueis porque retratam realidades duras e crueis, porque a realidade, em si mesma, é frequentemente dura e cruel.

A história da Censura através dos tempos — eis uma leitura que recomendamos calorosa e respeitosamente aos senhores censores. Nada nos ensina tanto como a perspectiva historica. Por motivos politicos — custa reprimir o riso — foram proibidas ou cortadas ou modificadas operas tão inocentes como o "Rigoletto" e "Un ballo in maschera" (naquele tempo a segurança nacional já existia mas tinha outro nome: chamava-se razão de estado e era alegada sempre que não havia outras razões, morais ou juridicas). Por motivos politicos ou morais, sofreram sanções autores tão respeitaveis como Victor Hugo, Scribe, Balzac, Musset, Sardou, Dumas Filho, Augier, Zola, E. de Goncourt, Octave Mirbeau, Eugene Brieux — para ficarmos apenas na França e no seculo dezenove. Não seria exagero dizer que toda a história do teatro é uma luta incessante entre o principio da liberdade de expressão, reivindicando para o artista o direito de definir a natureza e os limites da obra de arte, e a Censura, avocando para o Estado o exercicio de tais funções. Nessa luta, a Censura perdeu sempre, á medida que as idéias liberais foram triunfando: nada mais ridiculo do que as proibições de cem, cinquenta ou mesmo vinte anos atrás. Em contraposição, todas as utopias totalitarias excluem ou tendem a excluir a obra de arte — a de Platão, a de Rousseau, e as varias imitações de segunda mão que andam por aí.

Quais as razões da Censura? Não nos referimos ás aparentes, sempre alegadas, como, por exemplo, o perigo de desordem ou comoção publica. Nos Estados Unidos, onde não há censura, nunca se viu, ao que nos conste, representações teatrais provocarem tumulto. É que cada peça, como cada livro, seleciona de antemão os seus espectadores. Ninguém paga cinco mil cruzeiros sem ter uma idéia aproximada do que irá ver. São rarissimos os casos de pessoas que abandonam em meio uma peça, chocadas por cruezas de expressão: a vida, fora dos teatros, já nos acostumou a toda e qualquer possivel crueza — e não só de expressão. A Censura baseia-se provavelmente em impulsos repressivos mais fundos, menos conscientes. Dois deles vamos indicar aqui, de passagem, como simples sugestão psicologica. O primeiro, comum a todos nós, é o desejo muito compreensivel de negar o mal (chamemo-lo assim, para simplificar o problema). Sabemos que ele existe. Cruzamos diariamente, nas ruas da cidade, com a prostituição, o proxenetismo, o homossexualismo (para exemplificar com os termos propostos por "Navalha na Carne"). Mas fazemos tudo para não ver, para ignorar a realidade desagradavel. E como não podemos suprimi-la, suprimimos a obra de arte que a retrata. A magia usa processos semelhantes. Fabrica um boneco e fura-lhe os olhos: a pessoa visada ficará cega. O primitivo desenhava na parede da caverna o animal que desejava matar e crivava-o de flexadas. Não se podendo atingir a propria realidade, atinge-se a sua representação. Fechamos os olhos e imaginamos que o mal desapareceu. E' as-

Visite
International
CHIFORA
Ltd.
...s elétricos, e para o lar das ...
...o volts. Maquinas fotograficas. ...
...nericanas e européia para se- ...
...ASCUTUM — MC GREGOR — ...
...de astrakan sintetico francezes ...
...Despachos aereos e marítimos.
...YORK CITY • LA 4-2374
...ENTANDO ESTE ANUNCIO
CHIFORA Ltd.

Dr. Pedro
Ayres Netto
CIRURGIA — CANCER
GINECOLOGIA — PARTOS
Consultas: das 15 ás 18 hs.
Pça. Mal. Deodoro n. 324, 1.º
Telefone: 51-7879 - Res.: 8-2968.

quentes ainda as viagens de "intercambio"... etc.

Ao lado do manifesto, há o programa de ação da chapa "azul": são 25 pontos, nenhum deles ferindo problemas politicos.

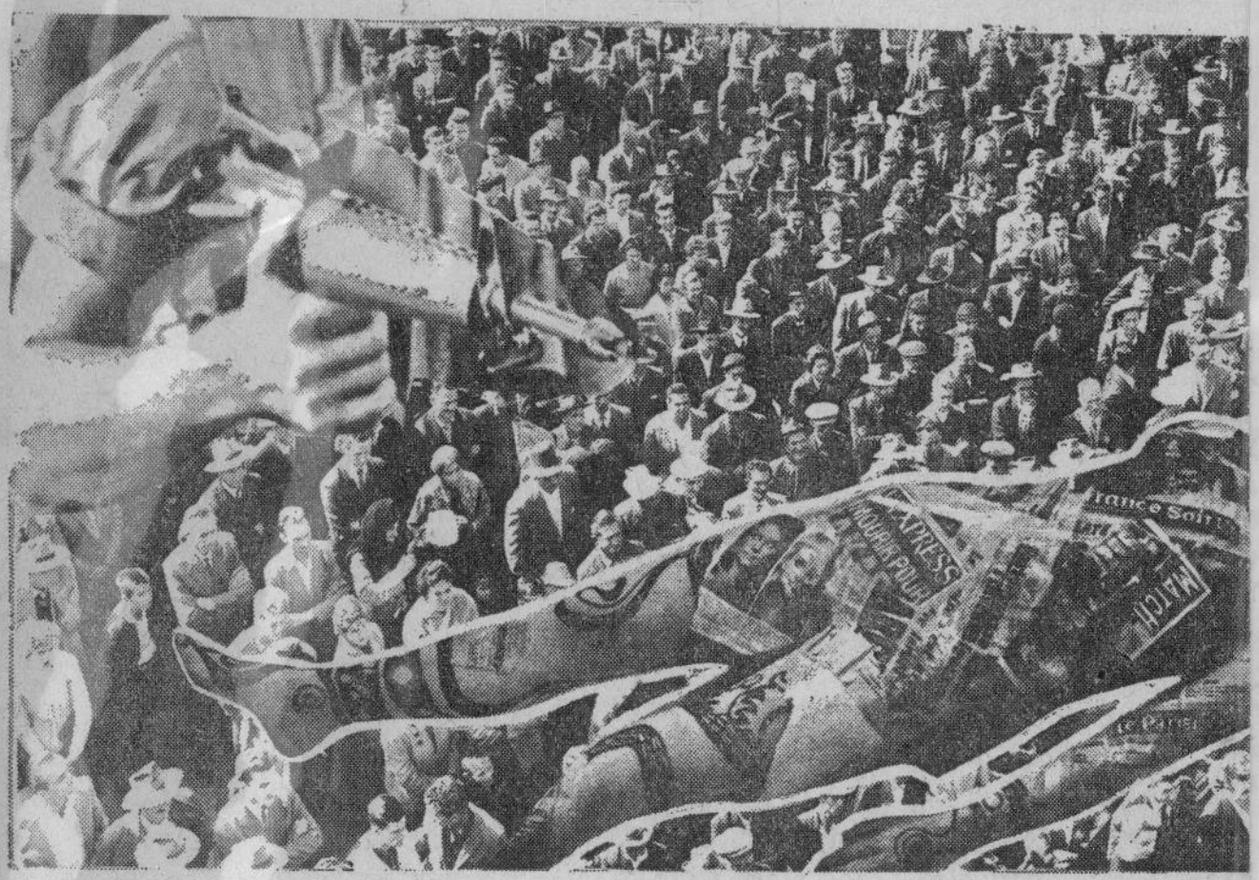
Outras chapas

Há outra chapa, já registrada; quem a encabeça é o banqueiro José Nascimento, que também faz parte da atual diretoria. Por

DPF
DCDP
Fls. N.º 191
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.252

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.253



Gláucia Rodrigues A.: MONTAGEM

Retrato de um grupo

AUGUSTO MEYER

João Sant'Ana entrou no Café Colombo, foi direito à mesa da frente. Puxou a carteira de Petits Londrinos, um lápis, um papel misterioso e pautado. Alguém o acompanha: a Musa da Solidão. À sombra do chapéu honesto, a cara angelical não deixa transparecer nada de nada. Sant'Ana olha, fuma, bebe o seu cafézinho com aquêle jeito sorvido que é só dêle. De vez em quando, solfeja, a completar as anotações de motivos da "Marcha Fúnebre para o Poeta que morreu de Só". Ao fim de algum tempo, a mesa ficou povoada de xicrinhas vazias. Seu Santos, magro, moreno, discreto, vai derramando mais café sem esperar o aviso daqueles olhos azuis que nunca pousam nas cousas dêste mundo sem graça, porque estão sempre ouvindo o anjo interior das revelações musicais.

É uma noite qualquer, entre as mil e uma noites porto-alegrenses. Em tôrno, o zunzum das vozes baralhadas, o falatório das rodas conversadeiras, cavaqueios sôbre política, futebol ou cavações, tudo vago, misturado com os intermédios melodiosos da orquestra do Gnattali. Uma que outra palavra sobe nítida acima do murmurinho.

Patriarcal na sua mansuetude, a barba de cheik emoldurando a face corada, o velho Schmidt passeia o olhar investigador pelo Colombo e acaricia distraidamente o gato prêto. A atenção salomônica distribui-se para todos os lados, sem qualquer esfôrço, e de vez em quando êle transmite uma ordem confidencial ao Romba.

Um círculo intransponível de exorcismo resguarda o homem que está sentado ali, à primeira mesa, coberta de xicrinhas vazias, separando-o dos outros homens. Ninguém há de violar a sua solidão sonora, criadora de sombras suaves e amadas. Schumaniano, ati-

Amolado pelo silêncio do companheiro, Sotero pergunta:

— Não viste o Théo?

Com uma voz pueril de ponta de beiço, responde Sant'Ana:

— Não, o poeta não compareceu hoje.

Desesperado, Sotero assobia, trepida com os joelhos, desenha calungas sôbre o mármore da mesa. Piscando o ôlho, cumprimenta o velho Gnattali, lá no balcão da orquestra. Súbito, exclama:

— Olha o Jota!

João Manuel de Azevedo Cavalcanti aparece. Olhos pestanudos, unhas compridas, alongando os dedos finos, a manta de seda a camuflar o gogó, abanca-se e pede um cafézinho. A julgar pelo aspeto sorumbático, não está para gracinhas hoje, amanhã e sempre. João Manuel sempre descobre um parafuso frouxo na engrenagem, denuncia falhas e aponta perebas, revira as cousas do avesso para ver como é que ficaram. Sua sina é planear, idear, inventar, construir complicados projetos. Enquanto alinha algarismos, traçando o projeto da grande revista que pretende lançar agora mesmo, entra no delírio das cifras e cifrões intermináveis, que acabam na desconsolação do zero. É um pessimista empreendedor e portanto um otimista. No dia em que pudesse realizar o sonho ideado, morreria de inanição. Só lhe falta a alavanca para suspender êste mundo e os outros. Mas, falando entre parênteses, o certo ê que a êle, João Manuel de Azevedo Cavalcanti, que um dia foi convocado pelos anjos para introduzir urgentes reformas gerais no Céu, ficamos devendo a revista "Madrugada".

A orquestra desengonça um fox. Sotero pediu mais um chope, e tenta desatolar João Manuel do seu mutismo. Sant'Ana declarou-se ausente. Pelas portas do Café Colombo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.254
Doc. VIII
25
DPF
DCDP
Fls. N.º 193
Rubrica

TEATRO

Plinio, a Navalha na Carne Dos Burgueses

A critica foi chamada ao apartamento de Cacilda Becker e Walmor Chagas, onde funciona o **Centro de Estudos Teatrais**, para ver a peça de Plinio Marcos **A Navalha** na Carne, que a censura proibiu de ser representada em todo o territorio nacional.

A tentativa, malograda, de levar ali o ministro Gama e Silva para ver o espetaculo e liberar o texto justificava-se, dada a importancia que tem para o teatro brasileiro, não apenas **A Navalha na Carne,** mas toda a obra de arte que seja estupidamente amordaçada, num atentado à consciencia e ao pensamento responsavel, à livre expressão dos quais se opõe uma censura formada por individuos sem qualidade para julgar e interpretar os autenticos valores morais e sociais.

E não só no Brasil, mas em todos os lugares onde existe a censura. Sempre acontece que, entre a proibição justa, fundada em premissas certas, para a salvaguarda da coletividade, a ignorancia do fenomeno estetico por prte de censores — recrutados mais como policiais do que como criticos adultos — provoca disparates como este que é a proibição de **A Navalha na Carne,** com fundamento na sua presumivel linguagem pornografica.

É que a verdade assusta aqueles que temem ver derrubados os preconceitos em que assentam as estruturas da sociedade que defendem. E, como sentinelas vigilantes desses valores burgueses, sufocam, esmagam, destroem, usando a violencia da legalidade sem recursos, ou o dogma da sua ignorancia, à minima tentativa de **mostrar à virtude os seus proprios traços, ao vicio a sua propria imagem, a cada epoca do tempo que passa a sua forma e fisionomia particulares"**, como queria Hamlet no seu discurso aos comediantes.

E nunca uma peça brasileira foi, como esta, ou **Dois Perdidos Numa Noite Suja,** aquele **espelho publico** onde o homem se revê em suas miserias e contradições sociais, como queria Molière.

Raro será, tambem, que uma literatura dramatica tão jovem como a brasileira ofereça um autor como Plinio Marcos, que em suas primeiras obras revela um talento tão extraordinario, uma força dramatica tão espontanea e uma maturidade formal tão acabada, simples na expressão das idéias que desenvolve e propõe.

É injusto, quase criminoso, assistir a este atentado contra o teatro deste país sem denunciar o que isso representa de absurdo e mesquinho.

Por isso o espetaculo que na segunda-feira foi apresentado para a critica e convidados, teve o mais alto significado, como, por exemplo, a falta — já esperada — do ministro Gama e Silva (nunca os senhores deixam de apoiar aqueles que os servem bem) e o aplauso unanime da assistencia, rigorosamente escolhida, que apoiou o texto proibido, mesmo que entre os espectadores houvesse (e quem sabe se havia?) quem saisse chocado com o realismo cruel e desmistificante de **A Navalha na Carne.**

Antes da apresentação desta peça viu-se um ato de Joe Anthony West, **O Incrivel Caso do Sr. Georg,** interpretado por Teresinha de Almeida e Odavlas Petti, com direção de Jairo Arco e Flexa. Interessante aperitivo ou simples pretexto para o espetaculo de fundo. Tudo bem e muito certinho, inclusive os atores e o diretor, mas o que interessava mesmo era **A Navalha na Carne,** de Plinio Marcos, a peça maldita para a censura.

E esse interesse não foi iludido: **A Navalha na Carne** veio confirmar tudo quanto dissemos sobre **Dois Perdidos Numa Noite Suja.** É uma — mais uma — pequena obra-prima que Plinio oferece ao teatro brasileiro. A mesma força dramatica, onde as tensões da realidade historica, na qual gravitam os personagens autenticos de uma certa classe social, se desnudam até à crueldade, empirica e relativa, que vai buscar ao submundo do vicio e do crime, da prostituição e da miseria, a substancia teatral que põe perante nossos olhos e nossa consciencia. O que assusta os burgueses, vendo este espetaculo ou lendo o texto, é a denuncia que faz, como arte que é, traduzindo as tendencias e os estados de alma da nossa sociedade ou da classe social que reflete.

Repito: reflete como um **espelho publico,** onde os censores e todos nós nos revemos. Só que aqueles, pobres ignorantes e submissos lacaios da engrenagem que ajudam a acionar, fogem horrorizados com a verdade.

E bastaria que soubessem traduzir a idéia desta obra, vertendo-a da linguagem da arte para a linguagem sociologica, para saberem como **A Navalha na Carne** é uma peça eminentemente moral.

A interpretação de Rutinéia de Moraes, Paulo Villaça, e Edgar Gurgel Aranha é surpreendente. Não louvaremos mais um do que outro, pois todos são admiraveis na composição dos personagens que "mostram", criticamente, aos espectadores, utilizando recursos de contenção emocional sobrios, mas sangrando verdade impiedosa, de um rigor implacavel, de uma violencia moralizadora inegavel.

A direção de Jairo Arco e Flexa é tambem uma surpresa: simplicidade, coerencia entre o ritmo do espaço fisico e do tempo verbal, composição psicologica do gesto e do lugar onde as situações se entrechocam até a violencia de sentimentos extremos. A perfeição cenica contida toda em um unico ato de teatro absoluto, total, perfeito.

E é esta gente, meus amigos, que é proibida de fazer arte. Ela que é, com o **Teatro Oficina** e o **Teatro de Esquina,** a grande certeza do teatro brasileiro atual, onde os valores estão sendo naturalmente extremados: de um lado **os monstros sagrados** caindo nos abismos do cabotinismo e da exploração comercial; do outro a audacia da experimentação, a coragem da verdade, a fidelidade à ação desmistificante e critica do teatro como arte.

A unica esperança para eles — e para o nosso teatro — é que haja na censura gente inteligente e responsavel (e tem de haver) que saiba censurar o espetaculo sem o destruir. — JOÃO APOLINARIO.

Doc. IX
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.255

DCDP Fls. N.º 194 Rubrica

NAVALHA NA PEÇA

TEATRO | YAN MICHALSKI

"Neste assunto a cultura não será assunto de polícia" proclamavam, em março, alguns dos mais altos escalões do Govêrno federal. Em evidente conformidade com esta declaração, a polícia — ou melhor, o General Luís Carlos Reis de Freitas, Delegado do DFSP no Rio — proibiu segunda-feira, em cima da hora, uma exibição privada da peça *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos, promovida por um órgão cultural oficial do Estado da Guanabara, o Museu da Imagem e do Som. Como se sabe, a carreira normal da peça havia sido anteriormente proibida em São Paulo e para todo o território nacional, sob a incrível alegação de que o texto *não continha qualquer mensagem positiva*; mas esta proibição, já por si absurda, não justifica a proibição, mais ridícula ainda, da sessão fechada: será que o General Reis de Freitas acha, realmente, que a *integridade moral* de quatrocentos artistas, escritores, jornalistas, intelectuais e até censores (pois também êstes haviam sido convidados) corria perigo ao contato com a linguagem *forte* de Plínio Marcos? No mundo inteiro, sessões como esta costumam ser organizadas em casos semelhantes, para que abalizados representantes da opinião pública possam fiscalizar, com o pêso do seu prestígio intelectual, a ação da censura. Mas a nossa censura, além dos seus outros defeitos, não admite ser fiscalizada pela opinião pública. Em resumo, mais uma demonstração de arbítrio, de vontade de chatear e de falta de respeito à cultura, além de uma grosseira desconsideração para com uma entidade cultural da Guanabara.

Apesar de tudo, um pequeno grupo de amigos e convidados especiais pôde assistir à peça na mesma noite, no inviolável exílio de uma residência particular. Ali, pude avaliar mais claramente o enorme absurdo das duas proibições: a da carreira normal do espetáculo e a da sua exibição especial no Teatro Opinião.

Navalha na Carne não é um passo à frente na carreira de Plínio Marcos, depois de *Dois Perdidos numa Noite Suja*; mas constitui a confirmação de um talento raro e extremamente pessoal. Reencontramos aqui os personagens do *bas-fond* brasileiro e o seu universo específico, um universo que fica à margem dos conceitos morais, éticos e sociais que regem a existência das camadas mais bem situadas e mais organizadas da sociedade. Êste universo Plínio Marcos o conhece a fundo e sabe — como ninguém até hoje, no teatro brasileiro — extrair dêle uma desesperada e deprimente matéria-prima humana de explosivo potencial dramático. Assim como Paco e Tonho de *Dois Perdidos*, também os três personagens de *Navalha na Carne* — uma prostituta, um cáften e um homossexual — não são meros clichês determinados pela imagem convencionalmente aceita das *categorias* de prostitutas, de cáftens, de homossexuais: são pessoas humanas em carne e osso, que precisam não sòmente lutar por um pedaço de pão e um cigarro de maconha, mas também receber e dar afeto, afirmar-se perante os outros, sentir-se em segurança, ser admiradas. Estas necessidades fornecem uma motivação extremamente convincente para o surgimento de tôda uma série de conflitos dramáticos que opõem os personagens uns aos outros desde o primeiro até o último minuto, ora crescendo até atingir uma violência quase insuportável, ora se relaxando por alguns instantes, mas mantendo o espectador sempre fascinado e atento aos menores detalhes do riquíssimo diálogo, que Plínio Marcos maneja com excepcional brilho e vigor.

É verdade que, contràriamente ao que acontece em *Dois Perdidos*, Plínio Marcos não conseguiu aqui ultrapassar os limites de uma mera — ainda que muito bem-feita e freqüentemente comovente — descrição naturalística de um incidente e de um meio ambiente. Falta aos personagens a dimensão de insólito dentro do real, que Paco e Tonho possuem no mais alto grau, e que faz com que a sua luta por um par de sapatos se transforme, de certo modo, numa questão vital para tôda a humanidade. Menos original, menos perturbadora, menos intransigente e densa do que *Dois Perdidos*, mais desigual também por causa de algumas repetições desnecessárias, *Navalha na Carne* não deixa no entanto de ser uma obra cuja tremenda autenticidade produz um forte impacto.

O espetáculo não pôde, nas precárias condições em que foi apresentado, ser outra coisa do que a simples soma de três desempenhos. Mas isto já foi suficiente, pois os três atôres penetraram fundo na sombria atmosfera do texto e apresentaram trabalhos de grande fôrça e de profunda verdade. Mereceu especial destaque o intérprete do papel do homossexual, Edgar Aranha Gurgel, numa composição patética, de estranha e impressionante dignidade. Também o trabalho de Rutinéia de Morais foi de muito alta qualidade: seus momentos mudos, durante os quais ela acompanha a ação com um olhar apavorado de cachorra batida, revelaram nela uma atriz de grandes possibilidades. Paulo Vilaça, mais exteriorizado, me impressionou menos, mas a sua atuação, principalmente na segunda metade do ato único de *Navalha na Carne*, nunca deixou de ser correta e inteligente.

A proibição não se justifica sob nenhum aspecto. Das três uma: ou os censores acham que não existem no Brasil tipos humanos e situações tais como Plínio Marcos os mostra — e então êstes censores vivem por demais divorciados da nossa realidade para ter nas mãos a autoridade que lhes foi outorgada; ou os censores acham que êstes tipos e estas situações existem, mas não podem ser mostrados no palco — e então êstes censores negam ao teatro a possibilidade de cumprir a sua grande e nobre missão: a de refletir o universo, através do prisma da sensibilidade criadora de um artista; ou, finalmente, os censores acham que os tipos e as situações existem e podem ser mostrados, mas que a linguagem não pode ser tão crua assim — e então estamos nos encaminhando para uma arte totalitàriamente dirigida, na qual personagens do *bast-fond* têm de adotar um linguajar de salão, aprovado pelos cânones da Academia Brasileira de Letras.

A longo prazo, a extinção da censura é uma óbvia fatalidade histórica, conforme prova o recente exemplo da *conservadora* Inglaterra, onde uma Comissão Parlamentar de Inquérito acaba de declarar que os podêres da censura são "inadequados para uma democracia moderna". O autor Plínio Marcos, o diretor Jairo Arco e Flecha e os intérpretes de *Navalha na Carne* são jovens — muito mais jovens, com certeza, do que todos os censores que proibiram a peça e todos os seus superiores que endossaram a proibição — e podem esperar: é evidente que a longo prazo êles ganharão esta parada, e com êles o teatro, a arte e a cultura do Brasil. Mas quanto tempo perdido numa noite suja, povoada de navalhas e tesouras!

Doc. X

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.256

O ESTADO DE S. PAULO — Quar

Rubrica

nor de uma guer



Às vêzes chego a pensar: Poxa, será que sou gente? Será que eu, você, o Veludo, somos gente? Chego até a duvidar. Duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita.

Estas, são palavras de Neusa Sueli, companheira do rufião Vado e amiga do homossexual Veludo, na peça "A Navalha na Carne". São talvez as unicas palavras da peça, em linguagem normal, sem palavrões.

A censura de São Paulo proibiu a encenação da "Navalha" em todo o território nacional por considerá-la pornográfica e subversiva. Sua estréia estava marcada para o dia 1.o de junho no Auditório Itália, onde o Grupo União levaria também "O Incrível Caso do Sr. George", de Anthoni West. Por causa da proibição, o Grupo União — formado por Jairo Arco e Flexa, Teresa de Almeida, Walderez de Barros, Plínio Marcos, Clovis Bueno, Ruthinéa de Morais, Paulo Vilaça, Odavlas Petti e Edgar Gurgel Aranha — promoveu a leitura da obra no Teatro de Arena. O início dessa leitura estava marcado para as 11 da noite de segunda-feira. Mas Plínio Marcos, autor da "Navalha", se atrasou e Ruthinéa de Morais, no papel de **Neusa Sueli**, Paulo Vilaça, no papel de **Vado** e Edgar Gurgel Aranha, no papel de **Veludo**, começaram a leitura cinco minutos depois da meia-noite.

O CENSURADO PLÍNIO

Plínio Marcos de Barros es-

ço **Frajola**, que fazia sucesso contando piadinhas picantes no Circo Teatro Rubi, Circo Toledo, Pavilhão Zenite, Pavilhão Teatro Siwa. Em 54 entrou para a Aeronáutica, como soldado. Deu baixa dez meses mais tarde e passou a circular de circo em circo, outra vez palhaço.

Em 1956, começou a fazer teatro amador no grupo "Clube de Arte", em Santos, como ator. Foi nessa época que escreveu sua primeira peça. Chamava-se **A Barrela** e só foi liberada pela censura após muita luta e interferência de Pascoal Carlos Magno, então ministro da Educação. **A Barrela** ganhou diversos prêmios no Festival de Teatro Amador.

Então, Plínio desenvolveu seu trabalho, dirigiu algumas peças e em 60 veio para São Paulo. Trabalhou como camelô até que conheceu Walderez de Barros, sua amada. Em seu tempo de camelô, escreveu

BR DFANBSB NS.CPR.TE PTE. 0071, P.257 Doc XI 28 5/7

DPF DCDP 196 Rubrica

hilton viana

TEATRO



Estas moças do "Beriozka" estarão encantando a partir do proximo dia 19 no Municipal

TEMPORADA POPULAR DE "BOA TARDE EXCELENCIA", "BERIOZKA" E "BLACK-OUT" AS NOVIDADES DA SEMANA

Começa hoje, no Teatro Cacilda Becker, a temporada popular de "Boa Tarde Excelencia". Temporada essa que irá somente até o proximo domingo, pois o elenco já tem estréia marcada no Rio de Janeiro no Teatro Mesbla para o proximo dia 6. Ontem o espetaculo foi apresentado em Franca com grande sucesso. Vale a pena ver a peça de Sérgio Jockman, habilmente dirigida por Antonio Abujamrre. A outra estréia da semana dar-se-á com o famoso conjunto "Beriozka" no Teatro Municipal e, pela primeira vez, permanecerão mais de uma semana naquele teatro. Pois serão apresentados 9 espetaculos. A procura está sendo tanta que todas as sessões já estão quase lotadas. Com relação ao conjunto, publicamos um telegrama que acabamos de receber do Rio:

SUCURSAL

Queixando-se muito do calor carioca, durante "cocktail" oferecido pela Embaixada da URSS, a sra. Nadejda Nadejdina, diretora do ballet coreografico soviético "Beriozka", disse que assim como o clima do Brasil, os espectadores têm também muito calor; já os conhecia desde 62, quando o "Beriozka" aqui esteve pela primeira vez. Quanto à cidade Rio de Janeiro, Nadejda Nadejdina comparou-a a conto de fadas.

O "Beriozka", que está de partida para São Paulo, não poderá fazer nenhuma apresentação no Maracanãzinho, segundo a empresaria Tamara Taizline, porque durante a noite, nos dias de semana, o publico é muito pequeno.

"BLACK-OUT"

Começa amanhã em pré-estréia no Teatro da Aliança Francesa a peça "Black-Out" com Eva Wilma, Geraldo Del Rey, Ivan de Albuquerque, Stenio Garcia, Regina Duarte e Newton Prado. Sexta-feira o espetaculo será apresentado especialmente para uma organização israelita. A critica verá a peça somente na proxima quinta-feira.

EIS UM TRECHO

de uma longa entrevista com o Dr. Alvaro Villaça Azevedo, advogado de Plinio Marcos e do Grupo União, pois ciente de que Plinio Marcos está ingressando com pedido de reconsideração de censura, por intermedio de seu advogado fomos ouvi-lo. Eis o que disse aquele causidico: "A proibição da peça impede o limitado, mas seleto publico de teatro, com formação cultural e moral bem definidas de assisti-la, além de comprometer seriamente, a propria sobrevivencia do Grupo União, formado de gente jovem e de muito ideal". Consta que o censor Russomano está vendo com muita simpatia uma reconsideração. Tambem Paulo Autran se manifestou. Eis seu depoimento:

"O publico, no mundo inteiro, está farto da hipocrisia de um certo tipo de teatro côr de rosa que fez a delicia de varias gerações.

O extraordinario sucesso de Edward Albee com a sua violenta "Quem tem medo de Virginia Woolf?" mostra que a platéia moderna é perfeitamente capaz de aguentar verdades. A consideração mundial por Gean Genet é outra prova de que o tempo em que na França se mudava o final de Otelo, de Shakespeare, porque poderia "chocar" os espectadores já vai muito longe.

Querer proibir um texto da categoria de "Navalha na Carne" é indicio de retrocesso cultural, de incapacidade de entender o mundo de hoje.

Lendo a peça, tivemos a nitida impressão de travar conhecimento com um autor internacional, chocante, estimulante, concientizador e altamente moral, da categoria dos melhores autores recentemente surgidos no mundo.

SRA. TAIZLINE

Desembarcará hoje em São Paulo, às 11 horas, a sra. E. Taizline, responsavel pela empresa que mais uma vez trouxe até nós o fabuloso conjunto "Berizka". Aliás, amanhã, às 18 horas, as jovens estarão no Terrazza Martini, quando concederão entrevista à imprensa. Os espetaculos em São Paulo serão realizados nos seguintes dias: estréia dia 19 e depois dias 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28. Sendo que nesse ultimo dia e no dia 21 serão apresentadas somente duas vesperais, às 16 horas. Na segunda-feira, dia 22, haverá descanço da Cia.

"UM JANTAR INESQUECIVEL"

No proximo dia 24, no Teatro Paramount, será apresentada a engraçada comédia "Um Jantar Inesquecivel". O texto original é "Pollo con Tomada", de E. Jimenez e foi traduzido por Olindo Dias. Na segunda parte será apresentado Mario Vargas e Império Montenegro e mais ainda: Carlos Lombardi, o rei do tango e cantores e cantoras de varios estilos de musica.

CACILDA BECKER

e Walmor Chagas já estão providenciando a remessa dos papéis para receber os 5 milhões de cruzeiros velhos que Meira Pires, diretor do SNT, acaba de conceder para manutenção do teatro. O casal de artistas estreará com "Isso devia ser proibido" no proximo dia 6.

FUTURISMO

Haverá somente mais quatro apresentações do "Teatro Futurista Sintético" no Auditorio Italia.

"MARAT-SADE"

Continua empolgando os estudantes no Teatro Bela Vista. O curioso é que muitos artistas como: Nicete Bruno, Paulo Goulart, Cleyde Yaconis, Stenio Garcia, Ruthinea de Moraes e outros não aguentaram esperar a terça-feira próxima, e no sabado foram assistir a peça. Sairam impressionadissimos.

Celinha não

Doc. XIII

DPF DCDP N.º 198

O descobrimento de Carme

Campinas acha que ela é bonita desde seus quinze anos, vistos aqui nestas duas fotos. Aos 21, ela pode ser, em Miami, o que Campinas já acha há anos.







Ela pode não ganhar o título de Miss Universo, mas a sua beleza já é a maior do mundo, com ou sem o reconhecimento oficial dos juízes de Miami — seu descobridor, o colunista social de Campinas Jamil Abrahão, acha que Carmem Sílvia só perde se entrar política no concurso. Êle descobriu essa beleza quando ela tinha apenas quinze anos e tentou ser a Miss Elegante Bangu da cidade. E seguiu, "deslumbrado", os passos nas passarelas dessa môça, através de muitos concursos, derrotas e vitórias. Como se fôsse hoje, êle se lembra de tudo.

Êle se lembra daquela menina de quinze anos já muito alta, dos seus olhos verdes olhando as pessoas nas mesas do Tênis Club de Campinas, em 1961, enquanto desfilava pelo título de Miss Elegante Bangu. Era a estréia de Carmem Sílvia Ramasco na sociedade de Campinas. Ela desfila bem, sabe como andar e se portar numa passarela, mas o seu corpo é ainda "o de uma adolescente um pouco gordinha". Não consegue vencer, mas a sua beleza já está apresentada à cidade.

Em 1962, Carmem Sílvia é uma das quatro môças mais bonitas de Campinas, escreve Jamil Abrahão na sua coluna do Diário do Povo. E no mesmo Tênis Club, ela desfila agora durante uma Noite Havaiana, atrás do título de Rainha do Algodão. É o seu primeiro grande sucesso, daí em diante Carmem vive intensamente da vida social e esportiva, há sempre

O mais q
no RI
é Brah

Vão liberar?

O ministro da Justiça, Gama e Silva, está disposto a reconsiderar a proibição da peça Navalha na Carne, *de Plínio Marcos, vetada pela Censura Federal. Isso depende de três providências que estão sendo tomadas pelo Grupo União, que pretende montar a peça: 1) anexar ao recurso um parecer do professor Alfredo Mesquita, diretor da Escola de Arte Dramática; 2) um pronunciamento da Associação Paulista de Críticos Teatrais; 3) um manifesto dos artistas, pedindo a liberação do texto. Êsses setores estão se movimentando.*

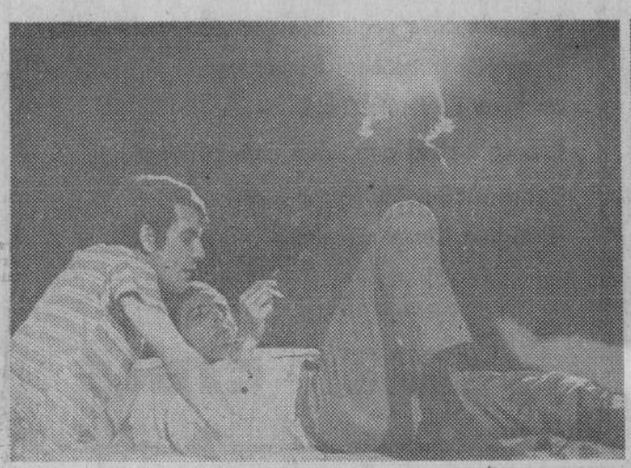
Apoio do Rio

A classe teatral carioca já participa do movimento iniciado em São Paulo. Tônia Carrero e Fernanda Montenegro estão convidando a imprensa e artistas do Rio para assistirem à uma representação privada de Navalha na Carne, *marcada para o dia 17, segunda-feira, no Shopping Center de Copacabana. Uma caravana de artistas de São Paulo irá para o Rio nesse dia, incluindo Cacilda Becker e Walmor Chagas, que promoveram uma representação fechada desta peça em sua casa, convidando críticos, Censura e estudiosos para debaterem o problema. A peça foi absolvida.*

Curta história

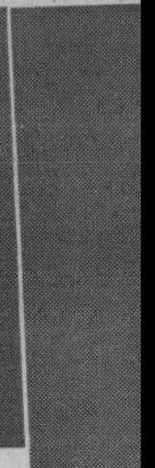
Paulo Villaça, Ruthinéa de Morais e Edga Gurgel Aranha, os atores, estavam pronto dia 1.o de junho, no Auditório Itália, qua proibição da Censura, considerando: "aspe decôro público inseridos em função de en popular tornam a representação antiestéti consequentemente, comprometem-lhe o me "profusão de sequências obscenas, têrmos e morbidez explorados na peça, a qual é mensagem construtiva, positiva, e de sanç ilegítimos, o que a torna inadequada à pl nível etário". Artistas, críticos e profess

Navalha na carne, peça pro









Paulo, Ruthinéa e Edgard estão no palco. Êstes são os atôres. O drama está aqui.

— Oi, você está aí?

— Que você acha?

Deitado na cama, vestido e calçado, Wado olha com raiva a mulher que chegou. Êle estava esperando há horas aquêle momento. Discute, insulta, humilha a mulher, sem dizer logo o motivo do seu ódio. Ela pensa que alguma mulher fêz intriga, e apanha muito antes que êle mostre os bolsos vazios: "Eu estou duro! Estou a nenhum! Eu estou a zero, a zero!"

Obriga a mulher a dizer que sabia por que a aturava:

— Por causa da grana.

— Repete! Repete! Anda!

Três vêzes ela repete, humilhada. E êle, por cima:

— E se você não me der moleza te arrebento o focinho e me largo.

Ela garante que deixou o dinheiro — 20 mil cruzeiros — em cima do criado-mudo, e se não está lá foi o empregado do hotel quem tirou. Chamam. Veludo entra de camisa de malha com as mangas muito curtas, justinha no corpo, e calças de veludo bem curtas, apertadas, já desgastadas.

— Chamou, Norma Suely? Adoro êsse nome, Norma Suely.

Wado o segura, Suely ameaça arrancar os olhos de Veludo com uma navalha que passa diante de seu rosto. Êle confessa, afinal: apanhou o dinheiro, deu metade para o rapazinho do bar da esquina e comprou maconha com a outra metade. Promete pagar, jura que devolve, no dia do pagamento. Wado não deixa por menos: "com juros".

Toma de Veludo o cigarro de maconha. Suely protesta:

— Não vai queimar essa porcaria aqui.

— Cala a bôca! — grita Wado.

— Que homem doidão — apoia Veludo.

Suely não gosta do tom da voz de Veludo, do seu entendimento com Wado, e expulsa o empregado do quarto. Êle joga indiretas, provocando: quem mandava ali era o homem ou a mulher?

Wado, provocado, manda Veludo ficar, e tenta obrigá-lo a fumar da maconha que antes lhe tinha recusado. Veludo se nega, Wado tenta forçá-lo — e a violência é um prazer para Veludo. Suely, revoltada, chocada, expulsa o empregado.

— Você está velha — diz Wado. Ela protesta, êle insiste, e é uma nova humilhação, êle dizendo que ela devia ter no homem quando voltasse para casa de madrugada, lhe é negado. Ela medita, triste:

— Às vêzes chego a pensar: pôxa, será que sou gente? Será que eu, você, o Veludo, somos gente? Chego até a duvidar. Duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita.

Wado pede a féria do dia. Recebe, vai sair, ela não deixa: "Voc[illegible] não vai se arrancar!" e tira a navalha. Ela faz o seu papel, exige que êle faça o dêle.

Wado amacia, muda de voz: "Pôxa, você acha que se eu te arrasse coroa jogada fora ia estar aqui esticando o papo?" Ela p[illegible]de a firmeza, êle continua: "Judio de mulher para elas gam[illegible]". E logo a tem conquistada: "Não complica, larga o [illegible]á tudo legal".

[illegible]ga a navalha no chão. Wado pega o paletó, arru[illegible]spêlho, abre a porta do quarto e desaparece. Suely [illegible]sa:

[illegible]lo! Wado, você vai voltar? Você vai voltar?

[illegible]na resposta. Ela senta-se na cama, desembrulha [illegible]he de mortadela, lenta, cansada, e começa a retirar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.260
Doc. XIV
31/507

Prefacio à obra de Plin

O primeiro problema que o critico enfrenta ao estudar as peças de Plinio Marcos — **Dois Perdidos Numa Noite Suja** e **Navalha na Carne** — é que para situá-las no teatro brasileiro contemporaneo há necessidade de desencadear toda uma formulação de idéias de extensas e complexas consequencias judicativas. Isso não é facil, pelo rigor historico e exegetico que pressupõe, embora a obra seja ainda tão breve e o teatro brasileiro tão carecido, que seria praticamente inutil o resultado a que se chegasse.

Outro problema maior, mais profundo e viavel, interessa enfocar: qualquer das duas peças levanta no pensamento responsavel e ideologicamente definido todas as proposições do ensaio critico que não se compadeça em situá-las segundo uma realidade regional fixavel no Brasil — onde o autor e as peças nasceram — para ir mais longe e mais fundo, em busca das raizes que expliquem, não apenas a obra dentro de um certo complexo humano — um espaço e um tempo — mas, sobretudo, este naquele. Isto é: para se encontrar as coordenadas do teatro de Plinio Marcos, mais do que pesquisar as fontes de inspiração ou as experiencias do autor, há que definir, isso sim, as evidencias de um humanismo realista que tanto pode justificar as suas "estorias" de um angulo especificamente brasileiro, como fundamentá-las através de uma problematica universal.

Dissemos humanismo realista. E afirmamos que existem evidencias na obra de Plinio de que esse humanismo justifica e fundamenta essa obra. Procuremos saber por quê. Comecemos por fazer nossas algumas interrogações de Henri Lefebvre: "Que devo pensar se, encontrando-me em face de um mundo dissolvido, quiser uma imagem da totalidade?" Ou ainda esta: "Se guardar apetite do ser, do conhecimento e do real, será ainda possivel colocar em termos que não estejam depreciados o problema do ser humano?"

Estranho

Para o humanismo realista, o fato do homem nascer dotado dá
fica que
posse da
Acontece
sociedade
te, o hom
nizado, alie
vra está
para signif
quer dizer
mesmo".

O homem
quando alu
e degrada-
pra o trab
homens. Iss
não é essen
no, que o h
humano, p
historica o
der sua de
Alem dos
de que é vi
humanizaçã
pende de
renovação
ção) de toc
anacronicas
viver ainda
fundador
moderno c
historia do

Nasce aqu
so, a raiz da
em que Pli
seu instint
suas person
cilmente id
uma realid
tanto quan
Genova, M
Nova York,
São, em sin
um produto
homens, ge
ciedades bu

Exp

Será atrav
citação qu
mais larga
plicação qu
admito desd
Marcos é un
mantico, cor
mundo insti
lista, cruel
critica. Ele
otica das en
homens por
um telescopi
horizonte —
saber — é
nismo. E p
mais uma —
cam as su
como libelo
façamos a
"Quando esse
mo triunfar
obstaculos q
sua concepç
homem, qua
humano for
perderá todo

da Jovem

Mascote



versos espetaculos comandado por Roberto.

O dinheiro que ganhava enviava para os pais em Santo André, ficando apenas com o necessario para a comida e roupas.

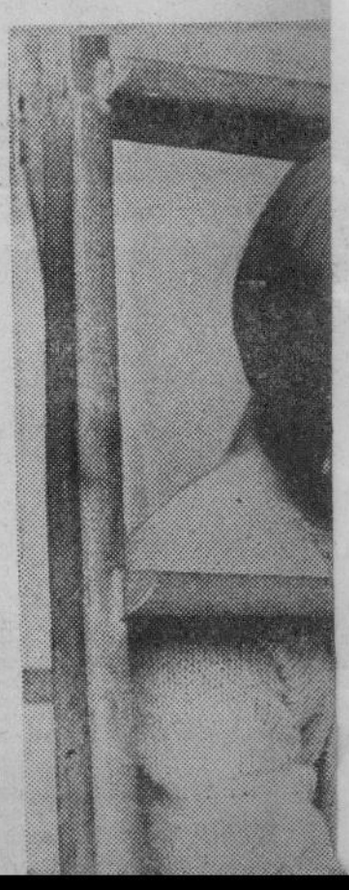
O Nome

Numa viagem à Guanabara Oscar conheceu um jovem que havia abandonado o mundo artistico, no qual adotara o nome de Ed Carlos. O garoto solicitou permissão, o rapaz aquiesceu e daquele dia em diante o ex-vendedor de limão passou a ser apresentado como Ed Carlos, o **mascote** da Jovem Guarda. Sua primeira apresentação na televisão aconteceu em outubro de 66, no **Jovem Guarda**, pela Record, quando cantou **Pega Ladrão.**

O publico gostou do jeito do menino, aplaudiu bastante. E a mãe do cantor, em Santo André, assistiu emocionada ao seu filho na televisão.

Gravação

Faltava ainda um degrau para Ed Carlos: o disco. E só agora o garoto conseguiu ver seu desejo realizado: um compacto simples será lançado em breve, com **Estou Feliz**, versão de Lilian, e **Namoro de Bonecas**, de Nilton, o contrabaixo dos Vandecos.



União

estudan-
diferentes

o Chico
lho, novo?
que ele

naquelas
interesse
a nossa
endo, po-
a divulga-

Gil quem
conhecido

to **A Banda** e outros sucessos. Ninguem por lá faz uma idéia pessoal do Chico."

Musica Jovem

O autor de **Louvação** acha que a nossa musica nunca esteve tão na "fossa" como agora. Enquanto a turma da musica jovem prova que a união faz a força, os companheiros de musica popular ou se omitem ou vivem atacando o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.261

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do D.A.S.P. na execução das ta- | tagiários observados e julgados pelo *trabalho*, observados os

nº F
DCDP
Fls. N.º 2000
Rubrica

Doc. XV

veira, já falecido, ficando assegurada | O I

ificações
compor-

ação de
realiza-
iscussão
im Ins-
da se-

ação de
atribui-
s para
efia da

reende-
dias na
amento.
agiários
e apro-
ncia de
etos de

ará de
na *Se-*
es, du-
e rea-
rientà-
inentes

rá núm
dias na
elos di-
ério da
istrutor
s esta-
pode a
entre-
m que
xplica-
tarera
como
a sob

canção nota igual ou superior a cinqüenta (50) pontos.

3.3. A nota final do estágio de cada candidato será a média aritmética ponderada das notas *de conceito* e *do*

nº 109, de 30 de março de 1967, publicada no *Diário Oficial* de 5 de abril de 1967. — *Belmiro Siqueira*, Diretor-Geral.

SECRETARIAS DE ESTADO

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

PORTARIA DE 14 DE JUNHO DE 1967

O Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal, no uso de atribuições que lhe confere o item VII, Artigo 4º do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965 e,

Considerando competir à censura federal a seleção de espetáculos públicos, visando a preservar a sociedade de influências lesivas ao consenso comum, tendentes a avaliar os padrões de valores morais e culturais coletivamente aceitos;

Considerando que aspectos ofensivos ao decôro público inseridos em função de entretenimento popular torna a representação anti-estética e, conseqüentemente, comprometer-lhe o mérito artístico;

Considerando a profusão de seqüências obscenas, têrmos torpes, anomalias e morbidez explorados na peça "A Navalha na Carne", do escritor Plínio Marcos, a qual é desprovida de mensagem construtiva, positiva, e de sanções a impulsos ilegítimos, o que a torna inadequada a platéia de qualquer nível etário;

Considerando os pareceres dos censores encarregados do exame da peça em aprêço, cuja encenação seria levada a cabo na Capital do Estado de São Paulo, resolve:

Nº 355 — 1. Denegar provimento ao pedido de reconsideração de censura impetrado por Plínio Marcos de Barros, pela liberação da peça "A Navalha na Carne".

2. Proibir a encenação total ou parcial da mesma, em todo o Território Nacional. — Coronel *Florimar Campello*.

MINISTÉRIO DA MARINHA

GABINETE DO MINISTRO

novembro de 1966, observado o que dispõe o Artigo 54, da citada Lei número 4.902/65, ficando, em conseqüên-

a, 59 e
dezembr
artigo 2
de 1948
2, do D.
julho de
Pereira
vertos d
na form
parágraf
128, § 1º
Lei nº 4
alterada
21 de d
mais de
serviço.

Nº 1.2
serva R
duação,
alínea *a*,
16 de de
com o ar
junho de
item 2, d
julho de
Augusto
os prove
Tenente,
alínea *a*
neas *a* e
c, 156 da
de 1964.
mero 81
contando
anos de

Nº 1.2
serva R
duação,
alínea *a*
16 de d
com o a
de julh

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P. 262

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DPF
DCDP
Fls. N.º 201
Rubrica

Ref. prot. 21 505/67

À P.F.S., para informar, com urgência.

Em 31.7.67

Cel. Edyr Portocarrero Peixoto

Chefe do Gabinete

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.263

DPF
DCDP
Fls. N.º 202
Rubrica

Exmo. Snr. MINISTRO DA JUSTIÇA -

Rio- 2/8/67 -

J. D. 10-VIII-67.

TONIA CARRERO vem à presença de V.Excia pedindo permissão para expor o seguinte:.

I) Como é do conhecimento de V.Excia. a peça teatral " A NAVALHA NA CARNE ", do autor brasileiro Plinio Marcos, foi interditada pela Censura Federal em São Paulo, sendo essa decisão mantida pelo Diretor-Geral do Departamento de Policia Federal, através da Portaria nº 355, de 14/6/67, cópia anexa;

2) Dispõe o item 16 da Portaria nº OII/67- SCDP- de 1/2/67, que da interdição cabe recurso ao Ministro da Justiça, razão por que solicita a signatária que V.Excia. libere a referida peça depois de examina-la, atentando, principalmente, nos seguintes pontos:

a)- o Teatro sofre, de plano, varias restrições-

I)- a etária - ou seja, a limitação de idade para ingresso nos espetaculos;

2)- a cultural - ou seja, o publico de teatro é, podemos afirmar, um publico altamente especializado, seléto, capacitado a entender, discutir e criticar com sólidos conhecimentos todos os espetaculos a que assiste;

3)- a economica - ou seja, mesmo êsse publico selecionado nem sempre possui, infelizmente, condições economicas que lhe permita ir ao teatro com a frequencia que todos devemos desejar;

(segue)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.264

DPF DCDP Fls. N.º 203 Rubrica

b) Sem intenção de fazer qualquer critica à decisão , seja da Censura, seja do Diretor Geral do Departamento de Policia Federal, lembramos, data venia, que uma obra de arte, especialmente teatral, poderá , às vezes, exercer influencia nociva sobre certas categorias de espectadores, induzindo em erronea concepção da vida os espiritos não formados ou mal formados da adolescencia, imaturos ainda para a reação adequada ante o que pode apresentar a livre criação artistica. Nesse caso, mais que um direito, é um dever da autoridade competente defendê-los contra a influencia possivelmente perniciosa dessas obras num momento em que sua personalidade ainda não se estruturou em definitivo. Mas, como se faria essa defesa? Destruindo a obra de arte? Lógicamente, não, mas, proibindo aos não preparados e aos despreparados o ingresso na casa de espetaculos.

Quando uma peça é classificada como impropria para menores, o que se declara, em verdade, é que os menores são espectadores improprios, eles sim, para esse espetaculo, incapazes de entende -lo e julga-lo na medida exata.

Quanto aos maiores, cessa, evidentemente, a tutela educativa, preventiva. O natural desenvolvimento psicologico lhes assegura o privilegio de não se deixarem influenciar senão pelo que lhes convém , psicológicamente. Nenhuma força exterior dêles poderá extrair o que já não tragam em si. São o que são, e nada há que fazer: não há policiamento cultural que os detenha, nem sugestão que os modifique.

3)- Em face do que se expôs, requeremos à V.Excia, com base no disposto no item 16 da Portaria nº OII/67-SCDP , citada, em gráu de recurso, que reexamine a peça " A NAVALHA NA CARNE", cujo texto juntamos, efetuando córtes, se necessário, e liberando-a para apresentação ao público maior de 18 ou 21 anos, a juizo de V.Excia.

Nestes termos
pede deferimento

Tonia Carrero

TONIA CARRERO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.265

DPF
DCDP
Fls. N.º 264
Rubrica

OFÍCIO Nº 49/67 - A J

Brasília, 4 de agôsto de 1967

J. anexando-se cópia da peça.
D.F. 10-VIII-67.

Senhor Ministro:

Tenho a honra de dirigir-me a Vossa Excelência para, dando atendimento ao respeitável despacho de fls. 1, informar que:

"A NAVALHA NA CARNE", de autoria do Sr. Plínio Marcos de Barros, teve sua exibição proibida, em São Paulo, face ao parecer de censores do S.C.D.P. da Delegacia Regional dêste Departamento naquele Estado, que a considerou pornográfica e subversiva.

Dessa decisão foi interposto recurso ao titular da referida D.R., que se manifestou pela liberação da peça, por não considerá-la pornográfica ou subversiva, eis que retrata "um aspecto sórdido da vida", sendo o linguajar dos seus personagens: uma prostituta, um rufião e um pederasta", o que por êles é realmente usado.

Excelentíssimo Senhor
Professor Luis Antônio da Gama e Silva
DD Ministro da Justiça
N e s t a/

DPF
DCDP
Fls. N.º 205
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.266

Apesar dêsse entendimento, contudo, não deu provimento ao recurso, encaminhando-o, para decisão, ao Diretor-Geral dêste Departamento que, pela Portaria nº 14, de junho do ano em curso, o indeferiu, para proibir a sua encenação total ou parcial em todo o território nacional.

A decisão em aprêço tem por fundamento a preservação da moralidade e da ordem pública, que não se pode descurar sob o falacioso pretexto de resguardar uma obra, cujo conteúdo artístico não se discute, por considerar-se o aspecto negativo que ela apresenta, e os graves problemas que sua exibição podem acarretar.

Não se nega, porque seria absurdo fazê-lo, a existência de uma sociedade marginalizada, em que rufiões, meretrizes e invertidos sexuais se expressem como na peça cuja interdição foi mantida por esta Direção-Geral, mas o trazimento à público, para exibição em teatros ainda que platéias restritas, dessas perversões e mazelas, com o emprêgo de linguagem deliberadamente suja, não é de ser entendida como mensagem de natureza construtiva, capaz de conduzir à meditação sôbre o fato, em plano elevado, de sorte a proporcionar remédio ao desaparecimento do mal.

Êle existe e é por demais conhecido, referem-no diàriamente as crônicas policiais de tôda a nossa imprensa, mas nem por isso encontra solução e fim, porque ocorrente e a ocorrer no fluir dos séculos, qualquer que seja o estágio de civilização alcançado pela humanidade.

A peça interditada, ao focalizar rude e cruamente essas perversões sociais, não se reveste, pois, de cunho

DPF
DCOP
Fls. N.º 206
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.267

construtivo, visando antes e tão sòmente, traumatizar o público, escandalizá-lo, gratuitamente, pelo emprêgo de têrmos agressivamente obscenos e pela exibição de cenas desnecessàriamente sórdidas e deprimentes, ainda que reais.

Essas as razões que, entre outras, compeliram esta Direção-Geral a, em nome do decôrdo público, indeferir o recurso interposto pelo autor da peça que anexamos, por "thermo-fax", à presente informação, objetivando submetê-la ao elevado julgamento de Vossa Excelência.

No ensejo, reitero protestos de consideração e aprêço.

Cel. Florimar Campello
Diretor-Geral do D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.263

39

DPF
DCDP
Fls. N.º 207
Rubrica

A NAVALHA NA CARNE

o
o
o
o
o

PEÇA DE

PLINIO MARCOS

.....

DPF
DCDP
Fls. N.º 208
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 269

CENÁRIO:

UM SÓRDIDO QUARTO DE HOTEL DE QUINTA CLASSE. UM GUARDA-ROUPA BEM VELHO, COM ESPELHO DE CORPO INTEIRO, UMA CAMA DE CASAL, UM CRIADO MUDO, UMA CADEIRA VELHA, SÃO OS MÓVEIS DO QUARTO.

PERSONAGENS

WADO
NEUSA SUELY
VELUDO

oooooooooooooooo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.270

DPF DCDP 209 Rubrica

(QUANDO O PANO ABRE, WADO ESTÁ DEITADO, LENDO UMA REVISTA EM QUADRI NHOS; LOGO ENTRA SUELY)

SUELY - Oi ! Você está aí!?

WADO - Que você acha ?

SUELY - É que você nunca chega tão cedo.

WADO - Não cheguei, sua vaca ! Ainda nem saí !

SUELY - Tá doente ?

WADO - Doente o cassete !

SUELY - Não precisa se zangar ! Só perguntei por perguntar. Não estou secando ninguém.

WADO - Mas pode ficar sabendo que estou com o ovo virado.

SUELY - Por que meu bem ?

WADO - Não sabe, né ?

SUELY - Não sou adivinhona.

WADO - Quer bancar a engraçada ? Vou te encher a lata de alegria (Levanta-se, vai até Suely e lhe torce o braço) - Está gostando?

SUELY - Pôxa, você está me machucando.

WADO - Você ainda não viu nada, sua miserável.

SUELY - Ai ! Não te fiz nada !

WADO - Não fêz ? Não fêz, sua filha de uma cadela !

SUELY - Que eu te fiz ?

WADO - Quer se fingir de bola ? (Aperta mais o braço de Suely)

SUELY - Ai ! Ai ! Juro que não sei.

WADO - Sabe por que eu não saí hoje ?

SUELY - Sua cabeça é seu guia.

WADO - Pois é, né ?

42
DPF
DCDP
Fls. N.º 210
Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.271

SUELY - Eu não prendo ninguém !

WADO - (Vira Suely e a joga no chão com um tapa) - Já lembrou o que me aprontou, sua nojenta ?

SUELY - Você está é com onda !

WADO - Quer criar caso ? (Dá um pontapé na mulher) - Pode ficar certa que outra presepada que você me arrumar não vai ser mole prá você. (Dá mais um pontapé na mulher) - Sua porca ! Quem você pensa que eu sou ? Um trouxa qualquer ? (Bate mais em Suely) Assim você aprende a não querer bancar a sabida comigo. (Wado volta para o lugar inicial e continua lendo)

SUELY - Poxa, você me machucou.

WADO - Assim você se manca.

SUELY - (Se levanta com muito custo) - Abre o jogo de uma vêz. O que é que eu te fiz ?

(P A U S A)

SUELY - Já foram fazer alguma fofoca de mim prá você, é ? (PAUSA) - Eu sei quem foi ! Você fica entrando no papo daquela vadia lá no cento e dois ! Aquela puta sem-vergonha é doida prá se atravessar na vida das outras. Só pode ser ela quem te encheu a cabeça. Pensa que eu não sei ? Ela dá em cima de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode ver ninguém bem. Mas ela vai ver. Comigo não vai ter bafo. Corto a cara dela com gilete.

WADO - Cala essa boca, pombas ! Aquela mulher não tem nada a ver com isso. E você sabe bem.

(P A U S A)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.272

43
DPF
DCDP
Fls. Nº 211
Rubrica

grosso ! Já vou te avisando ! Se eu te ver batendo caixa com ela faço um azar. Você sabe que eu faço mesmo ! Não estou aqui prá ser corneado por uma jogada fora daquelas !

WADO - Vê se cala essa matraca !

SUELY - Já vi que você embarcou na dela.

WADO - Quer tomar outro cassete ? Não, né ! Então não me encha o saco ! Já estou cabreiro com você ! Se espernear te meto a mão.

(P A U S A)

SUELY - Aquela filha da puta te enrolou. Eu sei ! Ela fêz assim com o macho da Mariazinha. Caguetou prá êle que ela estava se escamando na viração porque estava prenha. O cara foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou de tanta porrada que levou. Depois, quando a desgraçada se danava no hospital, o sacana ia ne leve com a grana da cadela do conto e dois.(PAUSA) - Também, a Maria é uma trouxa. Saiu do hospital e aceitou o miserável do homem dela de volta.

WADO - Ela que tá certa.

SUELY - Otária o que ela é.

WADO - Não manja êsse cara da Maria. Mas, êle está por dentro.

SUELY - Um pospalhão que êle é ! Voltou todo empestiado daquela galinha.

WADO - Conversa ! O sujeito sabe viver !

SUELY - Sabe viver prá xuxu ! Se não fôsse a Maria cuidar do miserável, êle se acabava ! Entrou no puteiro da cadela a pé e saiu a cavalo.

WADO - Mas êle que pode ! Está certo, sim ! A mina é cansada, leva no macio. (Fêz ela pegar o esquentamento da outra.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.273

DPF
DESP.
Fls. N.º 312
Rubrica

SUELY - Maria é uma boba ! Comigo não tem disso.

WADO - Quer ver eu te aprontar uma dessas ? E você me aguenta !

(P A U S A)

WADO - Duvida ? Te faço pior e tu me engole ! Se duvida, diz ! Te apronto uma que não vai ser mole prá ti. Se duvida, te mostro.

SUELY - Você não tem coragem.

WADO - Não !? ... Já existe a penicilina, babaca ! Me limpo fácil! Agora, você se estrepa. Pega fama de perebenta, tá lascada. Ninguém quer mais. Nem o cara mais jogado às traças.

SUELY - Pôxa, Wado, não vai fazer um papelão dêsses comigo.

WADO - Me apronta outra prosopada como a de hoje ! Me apronta, te estrepo.

SUELY - Mas poxa, o que eu te fiz hoje ?

WADO - (Porra) quer apanhar outra vez ? Fica querendo se fazer de sabido ! Depois se queixa ! Estou deixando a coisa barato, se tentar me engrupir te arrebento todos os dentes da boca com uma mucada.

SUELY - Não tem babado, alguém te encheu a cuca. Te botou contra mim.

WADO - (Sacode Suely e a atira longe) - Não me torra o saco ! Tenho malandragem para dar e vender. Não vai ser você que vai gozar minha cara.

SUELY - Não estou querendo gozar ninguém.

WADO - Ai de você se quizesse.

SUELY - Só não estou por dentro de sua bronca.

WADO - Não está, né ? (Dá mais porrada em Suely) - Agora olha, sua puta sem-vergonha ! (Vira os bolsos, estão vazios)-Morou,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.274

DPF DCDP Fls. Nº 213 Rubrica

agora ?

SUELY - Está na lona ?

? WADO - (No auge da branca) - Eu estou duro ! Eu estou a nenhum ! Eu estou a zero, a zero, sua vaca !

SUELY - E a culpa é minha ?

WADO - Vagabunda, miseravel ! Sua puta sem calça ! Que tu pensa que é (Sacode Suely pelos cabelos) - Pensa que estou aqui por que? Anda, responde ! (PAUSA) - Não escutou ? Responde. Por que você acha que eu te aturo, por que ?

SUELY - (Envergonhada) - Eu sei ... eu sei ...

WADO - Sabe, né ! Então diz ! Por que te aturo ?

SUELY - (Humilde) - Para Wadinho, eu sei ...

WADO - (Sacode Suely) - Então diz ! Diz ! Quero escutar ! Diz de uma vez, antes que eu te arrebente. Por que fico com você ?

SUELY - (Humilhada) - Por causa da grana.

WADO - Repete sua vaca ! Repete ! Repete ! Anda !

SUELY - (Quase chorando) - Por causa da grana.

WADO - Repete mais uma vez !

SUELY - Por causa da grana !

WADO - Mais alto, sua puta nogenta !

SUELY - Por causa da grana.

WADO - Isso mesmo ! Estou com você por causa do tutu. Só por Causa do tutu ! (Joga Suely longe) - Você sabe. Estou aqui por causa da grana ! Por causa da grana ! É isso mesmo. E se você não me der moleza, te arrebento o focinho e no largo. E não pensa que vou ficar no "hora veja". Eu sou o Wadinho da Candongas, te falo de letra fácil, fácil. Eu estou assim de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.275

DPF
DCDP
Fls. N.º 214
Rubrica

mulher que não quer dar o bom bom. Você sabe disso também, não sabe ?

SUELY COMEÇA A CHORAR

WALDO - Sabe ou não sabe ?

SUELY - Sei ... sei sim ... (Soluça)

WALDO - (Levanta a cabeça da mulher) - Para de chorar ! Porra ?Será que vou ter de aturar até essa onda de chôro ?

SUELY - (Soluça) - Pronto ! Já não estou chorando ! (Soluça)

WALDO - Que mania de fazer drama à toa !

SUELY - À toa, não ! Você me machucou !

WALDO - Bem feito ! Assim você aprende a não folgar com o bom.

SUELY - Não te fiz nada ! Você está zoeira.

WALDO - Estou mesmo ! Minha zoeira é ser bom pra mulher. Te trato legal ! Nisso que dá ! Quando digo que estou a nenhum, que estou durango, a piranha põe banca: (Imita a mulher) - Não é culpa minha !

SUELY - E não é mesmo !

WALDO - Puxa, será que tenho cara de trouxa ? Sou tou macho, se não tenho um puto do um tostão, quem está errado ?

SUELY - Não sei ...

WALDO - (Ai, meu cassete) ! Não aprendeu ? As porradas que te dei não serviram de nada ?!

SUELY - Te dou a grana. Se você torra, que posso fazer ?

WALDO - Que grana que você me deu hoje ?

SUELY - Não sabe, né ? Ganha no mole, mete o pau fácil.

WALDO - Escuta aqui, desgraçada ! Tá querendo me azedar de novo ?Que dinheiro você me deu hoje ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.276

DPF DCSP Fls. N.º 215 Rubrica

SUELY - Ah, não deixei dinheiro aí no criado mudo ?

WADO - Ficou louca ?

SUELY - Claro que deixei o tutu aí.

WADO - Então êle voou !

SUELY - Então voou.

WADO - Mentirosa, nojenta !

SUELY - Não me f[illegible] a paciência. Encheu a cuca de fumo e esqueceu de tudo.

WADO - Não peguei nem uma ponta de estaleiro hoje, pantera. Estou de prêsa seca, por tua causa. Pensa que maconha anda por aí dando buzo ?

SUELY - Só sei que botei dinheiro aí no criado mudo, como todo dia.

WADO - Se botasse, eu não estava aqui esquentando a mufa. Estava lá na sinuca me divertindo.

SUELY - Queimando erva e dinheiro !

WADO - E daí ?! Dinheiro meu gasto onde quero.

SUELY - E eu que me dano na viração.

WADO - É a lei !!! Mulher que quer se bacanear com um cara linha de frente como eu, tem de se virar certinho.

SUELY - Um dia a casa cai, pode crer.

WADO - Não conversa, não ! Quero saber onde está a porra do dinheiro.

SUELY - Botei aí ! Cansei de falar.

WADO - Então alguém pegou.

SUELY - Então pegou.

WADO - E não fui eu

SUELY - Será ?... Será que foi o desgraçado ?...

WADO - Que desgraçado ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071 (P.277)

DP DCDP Fls. N.º 216 Rubrica

SUELY - O Veludo. Será que foi êle ?

WADO - Êle ?... Pêsu batusquela ? Êle não ia ter peito.

SUELY - Êle entrou aqui hoje depois que saí ?

WADO - Como vou saber ? Estava dormindo.

SUELY - Acho que o sacana veio arrumar o quarto, viu você apagado, passou a mão na erva e se mandou.

WADO - Não inventa ! Êle não ia ser tão corajoso assim.

SUELY - Não sei, não. Vi o garoto do bar saindo do quarto do veludo.

WADO - E daí ? Êle dá o que é dêle.

SUELY - Pois é ! Mas há muito tempo êle vem cozinhando o garoto e não arrumando ! O menino cobrava caro pra entrar na dêle.

WADO - Puxa, será que êle afanou meu tutu prá dar prá aquêle trouxinha ?

SUELY - Se êle entrou aqui hoje, foi êle.

WADO - Mato êsse puto de merda, se foi êle.

SUELY - Vou perguntar prá dona Tereza.

WADO - Perguntar o que ?

SUELY - Se a velha pegou o ordenado do Veludo.

WADO - Que nada ! Deixa êle prá mim ! Chama essa bicha miserável !

(SUELY VAI ATÉ A PORTA)

SUELY - Veludo ! Veludo , quarto três (PAUSA) - Não escutou !

WADO - Chama mais alto ! Todo viado é surdo !

SUELY - Veludo ! Veludo !

VELUDO - (De fora, bem afeminado) - Quem me chama ?

SUELY - Quarto três !

VELUDO - Já vai.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.278

DPF
Fls. N 217
Rubrica

WADO - Vou acertar o passo dessa bichona.

SUELY - Não vai machucar êle.

WADO - Não, né ! Você vai ver.

SUELY - Êle é doido pré um enchame ! Êle chama a cana.

WADO - Essa bicha não é doida, nem nada.

SUELY - Toma cuidado, Wadinho. Vê lá o que vai fazer.

WADO - Vai por mim.

(BATIDINHAS NA PORTA)

VELUDO - (Fora de cena) - Chamou, Neusa Suely ?

WADO - Entra, bichona.

VELUDO - Com licença.

WADO - Vai entrando, seu puto.

VELUDO - O senhor está aí, seu Wado ?

WADO - Estou, sim.

VELUDO - É o senhor que quer falar comigo, ou é a Neuza Suely ? Adoro êsse nome Neuza Suely.

WADO - Fecha a porta e deixa de frescura.

VELUDO - (Fecha a porta) - Pronto, seu Wado.

WADO - Preste bem atenção no que vou te dizer, seu viado de merda.

VELUDO - Se o senhor começar a me xingar, me mando. A Neuza Suely sabe como eu sou. Não gosto de desafôro. Nem dos meus homens aguento maltrato.

WADO - Filho da puta ! Viado nogento.

VELUDO - Você está vendo, Neuza Suely ? Vou me arrancar ! Depois você reclame que eu não gosto de vir fofocar no seu quarto. É por essas e outras. Ninguém gosta de estupidez.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.279

DPF DCDP Fls. N.º 218 Rubrica

WADO - Isso não é nem o começo !

VELUDO - Prá mim é o fim - (Vai sair. Wado agarra Veludo, joga-o na cama e fecha a porta)

VELUDO - Bruto ! Cafajesto !

WADO - Cala essa boca, frosco de uma figa !

VELUDO - Me deixa sair. - (Vai sair. Wado dá um tapa nêle)

WADO - Senta aí, misorável !

VELUDO - Ai ! Ai ! que deu nêsse homem ?

WADO - Vamos conversar, sousen-vergonha.

VELUDO - Se a Neusa Suely gosta de apanhar, bate nela ! Eu não gosto de coisas brutas, não sou tarado !

(WADO DÁ UM PONTAPÉ NO VELUDO)

VELUDO - Êle está me batendo, Neuza Suely !

SUELY - Explica tudo direitinho ! Vai ser melhor prá você.

VELUDO - (Choroso) - Explicar o que ?

WADO - Quem mandou você pegar o dinheiro ?

VELUDO - Que dinheiro ?

WADO - (Wado dá um tapa em Veludo) - O que você pegou !

VELUDO - Deus me livre ! Que dinheiro que peguei ? Ai, meu Deus! Nem sei de que estão falando.

WADO - (Dá novo tapa em Veludo) - Cadê a grana, Veludo ?

VELUDO - Ai, ai, seu cafetão nojento ! Tua mulher não te dá dinheiro, quer pegar o meu ?

WADO - (Bate mais) - Se abre logo !

VELUDO - (Com raiva) - Misorável ! Vai bater na cara da tua mãe! Porco ! Essa vaca da Suely não te dá moleza, é ? Pensa que vou te dar ? Nojento ! Cafetão ! Mineteiro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P.280

DFF DCDP Fls. N.º 219 Rubrica

WADO - (Bate mais) - Cala o bico !

VELUDO - Vai morrer morfético ! Tú e essa perebenta ! Essa sucadeira !

(WADO BATE VÁRIAS VÊZES SEGUIDAS)

SUELY - Fala logo, Veludo ! Você pegou o dinheiro que estava no criado mudo ?

(WADO TORCE O BRAÇO DE VELUDO)

SUELY - Fala logo, anda !

VELUDO - Ai, ai ! Está quebrando meu braço.

SUELY - Pegou ou não ?

VELUDO - Não peguei !

WADO - Não mente, nojento ! (Aperta mais o braço de Veludo - Não mente !

VELUDO - (Chora) - Eu não peguei ! Juro que não peguei !

SUELY - Você pensa que vai levar a gente no bico ?

VELUDO - Juro que não sei do dinheiro nenhum.

WADO - Não sabe, cachorro ? (Bate bastante no Veludo)

VELUDO - (Chora e geme) - Ai, ai ! Êsse homem me mata ! Socorro! Socorro !

WADO - O que você fêz com a minha grana, miserável ?

VELUDO - (Chorando) - Não me bate ! Não me bate !

WADO - Então se abre !

SUELY - A gente sabe o que você fêz com a grana.

WADO - Confessa logo, bicha ! Senão vou botar pimenta no teu rabo.

VELUDO - Pelo amor de Deus, Suely ! Não deixa êsse tarado me judiar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.281

DCDP Fls. N.º 220 Rubrica

SUELY - Então começa a contar.

VELUDO - Virgem Maria, me valha ! Está todo mundo chapado de erva. Está todo mundo doido ! Nousa Suely, eu não sei nada.

WADO - (Bate mais em Veludo) - Filho da puta ! Mentiroso !

VELUDO - Socorro ! Socorro ! Monstro ! Por que não faz isso com homem, seu nojento ? (Wado bate mais) - Ai, êsse tarado está me matando.

WADO - Seu puto, você apanhou a grana daqui prá andar com o garoto do bar !

VELUDO - Não entrei aqui hoje !

WADO - Você veio arrumar o quarto, pegou o dinheiro !

SUELY - E deu pro moleque do bar.

VELUDO - Eu ia fazer uma dessa ?! Não sou ladrão e não sou que nem você que tem que dar dinheiro prá homem.

SUELY - Pensa que não vi o garoto sair do seu quarto ?

VELUDO - E daí ? Êle gama em mim.

WADO - (Dá porrada em Veludo) - O desgraçado gasta o meu dinheiro. Isso é que é ! E você passou a mão e deu prá êle.

VELUDO - Eu não !

SUELY - Mentiroso ! Você mesmo falou que estava gamado no garoto e êle não queria nada com você, porque você estava duro. Falou ou não falou ?

VELUDO - E daí ?! So dei dinheiro pro machinho, ninguém tem nada com isso ! Na minha vida mandou eu. Sou livre.

WADO - (Agarra Veludo pelos cabelos) - Puto sem-vergonha ! Você deu o meu dinheiro ! O meu dinheiro que estava ali em cima e você afanou !

VELUDO - Ai ! Ai ! Êsse homem vai me deixar careca !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.282

DPF DCDP Fls. N.º 221 Rubrica

SUELY - Sabe que por tua causa eu levei um côro do Wado, seu cana ?

VELUDO - Bem feito !

(SUELY ARRANHA A CARA DE VELUDO)

VELUDO - Ai ! Você me paga, sua porca ! Com você, eu posso ! Eu te pego sòzinha, sua vaca ! Você vai ver !

WADO - Você não vai pegar ninguém !

VELUDO - Ela é mulher ! com ela eu posso !

WADO - (Agarra mais forte os cabelos de Veludo) - Você não vai sair vivo daqui, sua bicha danada.

VELUDO - Pelo amor de Deus, deixa eu ir ! Deixa eu ir !

WADO - Que você fêz do dinheiro ? Fala !

VELUDO - Não peguei !

SUELY - É teimoso como uma mula ! Vou te ajudar a lembrar. Vou te arrancar os olhos ! (Apanha a navalha)

VELUDO - (Berra) - Não, pelo amor de Deus ! Não, Nousa Suely ! Não !

WADO - (Tapa a boca de Veludo) - Pode cortar êsse miserável !

(A CARA DE VELUDO É DE DESESPERO)

(SUELY COMEÇA A PASSAR LENTAMENTE A NAVALHA NO ROSTO DE VELUDO, QUE SE DEBATE AFLITO, PORÉM WADO O DOMINA.)

SUELY - Vai falar tudinho ?

(VELUDO FAZ QUE SIM)

WADO - (Ri) - A bicha ficou apavorada - (Ri e solta Veludo)

SUELY - Então começa !

VELUDO - (Chora e soluça)

WADO - Fala logo ! Anda !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.283

DPF DSDP Fls. N. 222 Rubrica

VELUDO - Estou sem cr !

WADO - Não vem com frescura ! Não vem com frescura !

SUELY - (Carinhosa) - Veludinho, é melhor prá você contar tudo direitinho ! É pro seu bem, querida !

VELUDO - (Soluçando) - Você me perdoa Suely ? Eu devolvo tudinho! Eu não aguentei. Eu vim arrumar o quarto, o seu Wado estava dormindo, eu peguei o dinheiro, e dei pro rapaz do bar. Eu estava ganado nêle. Juro que eu devolvo !

WADO - Canalha ! Miserável ! Viado safado ! (Bate mais no Veludo) (Este chora) - Dou todo o metal pro trouxinha ?

SUELY - Vinte mil gireus ?

WADO - Filho da puta ! (Bate mais)

VELUDO - Só dei dez !

WADO - E o resto da grana ? E o resto ?

VELUDO - Comprei um baseado de erva !

WADO - Sacana ! Eu de prêsa sôco e êle se tratando.

VELUDO - É vício !

WADO - E pensa que eu vou sustentar vício de viciado ?

VELUDO - Eu vou devolver o dinheiro todinho, seu Wado, pode crer.

WADO - Quando ? No dia de São Nunca ?

VELUDO - Não, no fim do mês. No meu pagamento.

WADO - E você pensa que eu vou esperar até o fim do mês ?

VELUDO - Desculpe, seu Wado.

WADO - Vou te caguetar pra dona Tereza ! Ela te põe na rua, te paga os teus dias de basquete e eu pego o meu.

VELUDO - Por favor, seu Wado. Eu juro que devolvo tudo.

WADO - Quero juros !

VELUDO - Eu pago, mas não apronte prá mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.284

DPF DSDP Fls. N.º 223 Rubrica

WADO - Vai pagar o dôbro, quarenta giriponcas. Se não comparecer, já viu ! Te agarro e te desgraço.

VELUDO - Eu pago, pode crer.

SUELY - Êle paga sim, Wado ! O Veludo é bonzinho !

VELUDO - Neuza Suely me conhece. Quando eu digo que eu faço uma coisa, eu faço mesmo, nem que me lasque todo.

WADO - Quero ver. E o fumo, queimou êle todo ?

VELUDO - Nem biquei ainda ! Não trato disso quando estou trabalhando. Eu fico muito louco quando estou chapado.

WADO - Dá prá cá a erva.

VELUDO - O senhor me deixa dar uns narigados também ?

WADO - Depois a gente vê. Dá prá cá logo.

VELUDO-(Tira dum caixa de fósforos um cigarro de maconha e dá pro Wado) - É fumo do norte mesmo. Dá uma zoeira legal.

SUELY - Não vai queimar essa porcaria aqui.

WADO - Você cala a bôca.

SUELY - Dona Tereza não gosta de bagunça aqui na pensão.

WADO - Quero que ela vá a merda.

VELUDO - (Ri) - Ai, que homem doidão !

SUELY - Depois quem se estrepa sou eu. Quando você se arranca, ela vem aqui reclamar.

WADO - Manda ela à merda.

SUELY - E ela me põe na rua.

WADO - Azar !

SUELY - Azar meu, não é !?

WADO - Pombas, pára de me torrar o saco. Foi você que arrumou tôda a confusão e ainda resmunga. Não quero escutar um pio contra a maconha. Gosto de curtir a minha onda de leve.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.285

DPF DCDP Fls. 224 Rubrica

VELUDO - (Ri) - Êle sabe viver.

WADO - (Acende o cigarro e vai tragando e fechando o nariz com a mão) - Legal !

(SUELY ESTÁ TRISTE)

VELUDO - (Chega perto do Suely) - Não fica triste, Meusa Suely. Homem é assim mesmo. Todos uns brutos (para Wado) - Seu Wado, deixa eu dar um cheiro ?

WADO - (Começa a rir) - Quer bicar ?

VELUDO - O senhor deixa ?

WADO - (Rindo demais) - Não !

VELUDO - (Está bem excitado) - Ah, deixa ... por favor ... deixa...

WADO - (Rindo) - Se manca, vagabundo.

VELUDO - Por favor.

WADO - Gosta do fumo, é ?

VELUDO - Seu tarado !

WADO - E por que fica gastando dinheiro com os pivetes ? (Ri)-Por que, hem ?

VELUDO - Ah, seu Wado !

WADO - (Rindo) - Você gosta mais de maconha ou de moleque ?

VELUDO - Cada coisa tem sua hora.

WADO - (Ri as gargalhadas) - Bichona malandra.

VELUDO - Deixa eu bicar, seu Wado ?

WADO - Pega aqui ! (Vira o cigarro pro Veludo) - Na minha mão.

VELUDO - Que bom ! (Faz o bico prá fumar, Wado tira o cigarro e ri de gargalhar)

A CENA SE REPETE VÁRIAS VÊZES. VELUDO FICA CADA VÊZ MAIS AGONIADO. WADO RÍ CADA VEZ MAIS. SUELY PERMANECE INDIFERENTE. VELUDO AGARRA A MÃO DE WADO, ESSE LHE DÁ UM EMPURRÃO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.286

DPF DSOP Fls. Nº 225 Rubrica

WADO - Não vale segurar.

VELUDO - Como o senhor é mau, seu Wado.

VELUDO TENTA ALCANÇAR O CIGARRO SÓ COM A BOCA. ESTÁ CADA VEZ MAIS AFLITO, WADO RI MAIS. VELUDO DÁ BOTES COMO SE FÔSSE UM ANIMAL, QUANDO ERRA CAI DE CARA NO CHÃO. WADO GARGALHA)

VELUDO - Neuza Suely, manda êle deixar eu fumar, manda.

SUELY - Não estou gostando nada dessa zorra aqui dentro.

VELUDO - Vá, Neuzinha Suely, manda êle me dar uma traga. Por favor, Suely, manda. Eu não aguento mais.

SUELY - Acho melhor você se arrancar daqui.

VELUDO - Wado, deixa eu dar uma fumadinha só.

WADO - (Dá uma porrada em Veludo) - Sem-vergonha ! Pensa que mulher manda em mim ? Bicha louca ! Pensa que se essa vaca mandasse eu ia te dar o fumo ? (Dá outro tapa em Veludo)

VELUDO - (Rindo e afetando môdo) - Que homem bruto, meu Deus. Wado, deixa eu fumar.

WADO - Ainda sou seu Wado prá você ! Perdeu o respeito, seu miserável ?

VELUDO- O homem que me judia não chamo de senhor. É Wado e olho lá.

WADO - Te dou uma porrada que você vê.

VELUDO - Dá então !

WADO - (Dá o tapa) - Gostou ?

VELUDO - Bate mais.

WADO - Nojento !

VELUDO - Bate, seu bobo, bate !

WADO - Paspalho ! (Wado se afasta e vai fumar em um canto)

VELUDO - (Bom fresco) - Você viu, Neuza Suely como a gente lida com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.287

D.P.F
Fls. 226
Rubrica

homem ?

WADO - Cale a boca, bicha !

VELUDO - Vem me bater, seu trouxa.

WADO - (Vem correndo)(Vai bater) - Você vai ver, bicha louca !

VELUDO - (Oferece a cara) - Pode bater, a cara está aqui !

WADO - (Se contem) - Viado ! Viado de merda ! Porco nojento. Ladrão sem vergonha.

VELUDO - Bate em mim, machão ! Bate nesta face, te viro a outra (Como Jesus Cristo).

WADO - (Se afasta outra vez) - Bicha é uma desgraça !

VELUDO - Você viu como eu encabulei o homem, Neuza Suely ? (Veludo ri a mais não poder) - Tadinho dêle ! Ficou sem jeito. Coitadinho ! Vê a carinha do Wado, Neuza Suely, Vai fazer carinho prá êle. Êle está tristinho. (Aproxima-se de Suely)- Vai lá, bobona. Vai agradar teu homem. (Veludo empurra Suely de leve) - Vai, Neuza Suely !

SUELY - Pára com isso, pombas ! Será que você não se manca que não está agradando. Puxa, você é mais chato que cricri. Por que não some daqui ? Vai lá pro teu quarto ! Vai a merda ! Vai à puta que te pariu ! Mas me esquece ! Não quero você aqui no meu puleiro ! Anda, te arranca ! Te arranca [illegible] prá você ! Já estou invocada ! Muito invocada!

VELUDO - Desculpe ! Não vou morrer por isso. Não quer eu aqui, me mando prá frente ! Nunca fico onde não me querem ! Aliás, só vim aqui porque me chamaram ! Mas já vou indo ! (Vai saindo) Tchau mesmo ! (Quase na porta) - Pensei que era o homem dêsse galinheiro, que cantava de galo. Entrei bem ! Quem manda é galinha velha !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.288

DPF BCDP Fls. N.º 227 Ruberlan

SUELY - Galinha velha é a tua mãe !

WADO - (Ri) - Ela se queimou !

VELUDO - Pois a carapuça porque quis.

SUELY - Vai saindo !

WADO - Fica ! Só sai quando eu mandar !

VELUDO - Ela tá invocada comigo. Não quero encrenca, vou embora !

WADO - Ela que se dane ! Fica ! (Agarra Veludo e o joga no meio do quarto)

SUELY - Você vai me pagar, sua bicha ! Está botando meu homem contra mim !

VELUDO - Quero ir embora, êle não deixa !

SUELY - Nojento

VELUDO - Não sei porque as mulheres me detestam tanto.

WADO - (Ri) - Ai ! Ai ! (Imita viado)

SUELY - É melhor deixar essa bicha sair ! Já estou me esquentando!

WADO - Ela agora vai queimar fumo. Não vou deixar ela sair daqui de prosa sêca ! Vem fumar, bichinha !

VELUDO - Agora não quero !

WADO - Não faz onda e pega logo !

VELUDO - Prá mim, nichou !

WADO - Não queria ? Tá ái ! Mete o nariz !

VELUDO - Já falei que não quero !

WADO - Estou mandando fumar !

VELUDO - Você não é meu homem, não me manda nada !

WADO - (Dá uns cascudos no Veludo) - Chupa essa fumaça !

VELUDO - Nem por bom, nem por mal !

(WADO VIOLENTAMENTE BATE EM VELUDO QUE GARGALHA HISTÉRICO)

VELUDO - Bate ! Bate ! Bate ! (Ri louco)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.289

60
DCDP
Fls. N.º 228
Rubrica

WADO - Eu te mato ! Eu te mato !

VELUDO - (em gôzo) - Mata ! Mata ! Mata ! Mata mesmo, homem ! Mas eu não fumo tua maconha ! Não fumo !

WADO - Fuma essa,merda ! Fuma ! Não escutou eu mandar !

VELUDO - (Rí histérico) - Me mata, meu homem !

SUELY - (Chorando) - Pára com isso, Wado ! Pára com isso !

WADO - Quero que êsse puto fume maconha, eu quero !

VELUDO - Mas não vai conseguir nada de mim !

WADO - Por favor, Veludo, fuma essa droga, senão eu faço uma desgraça ! Por favor, fuma !

VELUDO - Nem você me pedindo de joelho !

(WADO, COMO LOUCO, SE ATIRA EM CIMA DE VELUDO, E TENTA ENFIAR O CIGARRO EM SUA BOCA, MAS NÃO CONSEGUE, VELUDO RI DE GÔZO)

VELUDO - Ai, ai, tenho cócega ! Ai ! ai ! ai ! Meu Deus, que loucura ! Que loucura divina !

SUELY - (Em desespêro) - Pornor de Deus, Wado, pára com isso!Para com isso ! Eu não aguento mais ! Eu não aguento mais! (Cai em choro convulso)

WADO - Suely, meu amor ! Suely me ajuda ! Suely, minha Santa, me ajuda ! Suely, segura êsse [illegible] objeto ! Segura êle Suely ! Euq euro fazer êle fumar maconha. Eu quero que êle fume ! (Em desespêro) - Eu quero ! Por favor, Suely, segura êle !

SUELY - (Chorando) - É só isso que você quer, seu porco?

WADO - é só o que eu quero. Me ajuda ! Por favor !

SUELY - Eu te ajudo ! Eu te ajudo ! (Agarra Veludo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.290

DPF DCDP Fls. N.º 229 Rubrica

VELUDO - (Bem bravo) - Não toca em mim, mulher ! Não toca em mim ! Não gosto que mulher me toque ! (Desesperado) - Não me toque ! Não me toque, sua suja perebenta !

SUELY - Viado miserável ! Miserável !

(SUELY E VELUDO SE ATIRAM UM CONTRA O OUTRO E LUTAM VIOLENTAMENTE, ROLANDO PELO CHÃO. WADO PRESENCIA A BRIGA SEM FAZER NADA PARA APARTAR. SUELY LEVA VANTAGEM E ARRASTA VELUDO ATÉ A PORTA).

SUELY - Agora vai caguetar a gente prá polícia, seu nojento.

VELUDO - Sua vaca, você vai me pagar ! Não vou na policia, não. Não gosto dessa gente. Mas vai ter forra. Você não perde por esperar.

SUELY - Cai fora daqui, bicha sem vergonha. Cai fora !

(SUELY JOGA VELUDO PRÁ FORA DO QUARTO. DEPOIS OFEGANTE FICA PARADA OLHANDO PARA WADO, ÊSTE PERMANECE DEPRIMIDO. AQUI É NECESSÁRIO LONGA PAUSA. SUELY FICA ENCARANDO WADO, QUE ESTÁ CABISBAIXO).

WADO - Está me achando bonito, ou me botando quebrante ?

SUELY - Nojento.

WADO - Não começa a me encher o saco.

SUELY - Você é um sacana.

WADO - E você uma cortadora de onda.

SUELY - Nunca pensei que você pudesse ser tão miserável.

WADO - E eu nunca pensei que você fôsse tão chata.

SUELY - Não sou é discarada.

WADO - Vai ser freira.

SUELY - Eu tenho moral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P291

DPF DCDP Fls. N. 230 Rubrica

WADO - Depois de velho, até eu.

SUELY - (Ofendida) - Velho, não ! Tenho só trinta anos.

WADO - De puteiro ?

SUELY - Canalha !

WADO - Quando você fica bronqueada é que a gente vê como você está apagada.

SUELY - Estou é cansada ! Só isso !

WADO - Devia se aposentar, Trinta anos de basquete cansa qualquer uma.

SUELY - Eu nasci igual a qualquer uma. Limpinha. Há trinta anos atrás eu era um nenê.

WADO - Não força a idéia, piranha velha. Você é veterana das veteranas.

SUELY - Tenho só trinta anos !

WADO - Corna !

SUELY - Porco ! Nojento ! Você pensa que não manjei a tua jogada com o Veludo ?

WADO - Deixa de história ! Vocês entigas vêem malícia em tudo.

SUELY - Só sei que você me embrulhou o estômago.

WADO - A vovó das putas tôdas é metida a família, é ?

SUELY - Vovó das putas é a vaca que te pariu !

WADO - Limpa êssa bôca quando fôr falar da minha mãe. Se folgar comigo, te arrebento.

SUELY - Então não me torre a paciência.

WADO - Só estou falando a verdade. Você está velha. Outra noite, cheguei aqui, você estava dormindo aí, de bôca aberta, roncando como velha. Puta troço asqueiroso. Mas, o pior foi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.242

DPF DCDP Fls. N.º 231 Rubrica

quando cheguei perto prá te fechar a bôca, queria ver se você parava com aquêle ronco miserável. Daí, te vi bem de perto. Quase vomitei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta em tôda a desgraçada de minha vida. Essa pintura, que você dez aí pra esconder a velhice, estava saindo e ficava entre as rugas, que apareciam bem. Juro ! Juro por Deus que nunca tinha visto nada mais desgraçado. Eu até ...

SUELY - (Bem incomodada) - Para com isso ! Para com isso ! Chega de escutar mentira.

WADO - Mentira !? Eu é que sei ! Senti uma puta pena de mim ! UM cara nôvo, boa pinta, que se veste legal, que tem um papo certinho, que agrada, preso a um bagulho antigo. Fiquei bem arrasado. (Porra,) ainda tentei quebrar o galho. Pensei comigo: Mas, do corpo ainda é uma coisa que se pode aproveitar. E, sem te acordar, te tirei a coberta, tirei tua combinação, tirei tua calcinha e teu sutian. As pelancas caíram prá todo lado. Puta coisa porca. Acho que até uma cena que estásse de cama, depois de um cassetão de tem po, pasava nesse lance. Ponbas, que negócio ruim era você ali, dormindo. Juro por Deus, nunca vi pior. Se não fôsse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Puxa, e não se perdia nada. (Ri) - Me arrependi. Não aguentava. (Pausa longa).

SUELY - E por que não se mandou de vez ?

WADO - Fiquei esperando uma chance de te jogar isso no focinho. Não ia sair sem te contar como você está pôdre.

SUELY - E enquanto isso, se tocava uma grana.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 293

DPF DCDP Fls. N.º 332 Rubrica

WADO - Claro ! Não sou nenhum bobo. Enquanto isso, tratava de mim por fora. Mulherio novinho e bonito está aí mesmo.

SUELY - Teu negócio é viado ! Vá hoje.

WADO - Que é isso, coroa ? Tá com ciúme do Veludo ?

SUELY - Tenha vergonha nessa cara.

WADO - Quem tem que ter vergonha é você, velhota. Não aguento o ropuxo. Não tem como agarrar o homem, fica aí apavorada, até com medo de um viado de merda.

SUELY - Canalha !

WADO - Estava sendo uma onda legal, você cortou com a sua rabugisse. Você é coroa !

SUELY - Não sou é de bacanal.

WADO - Puta que não gosta de bacanal é que está bem apagada.

SUELY - Estou apagada de canseira. Isso é que é. Não de velhice! De canseira. Sabe o que é uma noite de viração ?

WADO - As meninas tiram de letra. (Só abrir a perna e faturar.) Acham moleza. Agora velha cansa à tôa. Tem reumatismo. Tem que se esforçar pra agradar o freguês e outros babados. E ainda, pró não ficar jogada fora sòzinha, tem que aturar o cafetão. Mas isso é igual, na vida e nas casas de família. Os machos só aturam as coroas por interêsse. Prá se divertir, a gente sempre tem uma garota enxutinha.

SUELY - Eu tenho homem a hora que quero.

WADO - Por que me atura ? Por que ? Eu sou chato pacas !

SUELY - É mesmo. Ainda bem que reconhece.

WADO - Por que você me aguenta ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 294

DPF DCDP Fls. Nº 233 Rubrica

SUELY - Porque ... Porque ...

WADO - Sou bom de cama ?

SUELY - É !

WADO - É !?

SUELY - É mesmo ! As verdades a gente diz !

WADO - Isso é verdade ! Só que faz um mês, você não sabe de nim ! Mais de um mês.

SUELY - É ... é ... E mesmo assim te dou a grana.

WADO - Uma grana mixa. Muito mixa !

SUELY - Não é culpa minha. Você sabe que não é. A situação está uma broca, prá tôdas. Êsse nôvo delegado que entrou está querendo fazer média. Tôda hora passa a rapa. Até os tiras andam apavorados, não pegam caixinha, nem nada. Se os caras da lei estão com mêdo, os fregueses nem se fala. Mas, deixa êsse filho da puta dêsse delegado esquentar o lugar, fica tudo igual antes. Daí você vai ver se eu faturo alto outra vêz ou não.

WADO - Você é enganadora.

SUELY - Você anda por aí, é só perguntar pra qualquer uma. Elas te dizem como a barra anda pesada.

WADO - Isso é desculpa de velha.

SUELY - Velha, não !

WADO - Velha, sim ! Todo mundo te acha o bagaço. Não viu o que o Veludo disse ?

SUELY - O que foi ?

WADO - Te chamou de galinha velha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.295

DPF
Fls. 234
Rubrica

SUELY - Despeito de bicha.

WADO - Falou certo. Você está velha, mesmo.

SUELY - Só porque você quer.

WADO - É, né !? Mostra os teus documentos.

SUELY - Tenho trinta anos.

WADO - Deixa eu ver os papéis.

SUELY - Poxa, que onda besta.

WADO - Deixa eu ver.

SUELY - Não torra a paciência.

WADO - Está com mêdo ?

SUELY - Mêdo, não ! Acho besteira !

WADO - Mentiu, agora não quer que eu aprove tua idade.

SUELY - Tenho trinta !

WADO - No mínimo cinquenta anos.

SUELY - Fiz trinta no fim do ano passado.

WADO - Deixa eu ver os documentos. (Começa a rir)

(WADO TENTA PEGAR A BOLSA DE SUELY, QUE NÃO DEIXA. WADO INSISTE, MAS SUELY LEVA A MELHOR).

WADO - Tá com mêdo de mostrar os documentos ?

SUELY - Não gosto que mexam na minha bôlsa !

WADO - (Rindo) - Tá bem, velha ! Pode sossegar, não vou pegar seus documentos prá ver o que eu já sei. Você tem cinquenta anos e não adianta mentir.

SUELY - Pára com isso ! Pára -! Por favor,pára ! Poxa, será que você não se manca ? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada prá xuxu ? Ainda mais hoje ! Hoje foi um dia de lascar. Andei prá baixo e prá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.296

DPF DIDB Fls. 135 Rubrica

[redacted] da puta da vida dêle, da puta da mulher dêle, da puta da filha dêle, da puta que o pariu. Tudo [redacted] da puta da vida. Só que o desgraçado [redacted] (Suspira) - A gente só [redacted] encontrar o homem da gente de cara [redacted] aquêle serro, e se apegar, prá desforrar [redacted] da merda que está aí.

(PAUSA)

SUELY - Acredito. Você está de saco cheio por qualquer coisinha, [redacted] Bota na gente, goza a minha cara e na hora do bem-bom, sai fora. Poxa, isso arreia qualquer uma. Às vezes chego a pensar: pôxa, será que eu sou gente ? Será, você, o Valdo somos gente ? (Triste)-Che- [redacted] Duvido que gente de verdade viva assim, um espezinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita, isso é uma bosta ! Uma [redacted] ! Fedida ! Fedida !

(PAUSA LONGA)

WALDO - [redacted]

SUELY - (Desconfiada) - É mesmo o que ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.297

68
DPF DCDP Fls. N.º 236 Rubrica

WADO - Você está uma velha podre !

SUELY - Nojento !

WADO - (Rindo) - Nada mais nojento que uma puta velha. Porra, como incomoda.

SUELY - Eu não sou velha ! Eu não sou velha ! Eu estou gasta ! Eu estou gasta !. Nessa putaria !

WADO - Depois de cinquenta anos qualquer uma se apaga !

SUELY - Eu tenho trinta anos ! Apenas trinta anos ! Apenas trinta anos !

WADO - (Ri) - Mentirosa ! Enganadora ! Vadia velha ! Mostra os teus documentos ! Mostra ! Não tem coragem ! Já sabia ! Mentiu a idade, mas não engrupe ninguém ! Tem um troço que não mente ! Sabe o que é ?

SUELY - O que é ?

WADO - Teu focinho ! (Vai até um espelho que está pendurado na parede, arranca-o, e o coloca em frente do rosto de Suely)

WADO - Olha ! Olha ! Olha !

SUELY - Por favor, Wado, pára com isso !

WADO - Olha ! Olha bem ! Vê ! Cinquenta anos !

SUELY - Wado, por favor ! Pára com isso ! Pára com isso !

WADO - Velha nojenta ! Cinquenta anos ! Cinquenta anos !

SUELY - Chega ! Chega, pelo amor de Deus ! (Suely abaixa o rosto e o esconde entre as mãos. Wado a agarra pelos cabelos e a faz olhar [illegible])

WADO - Olha ! Olha !bem! Velha ! Bem velha ! Cinquenta anos no mínimo !

SUELY - Por piedade, Wado ! Pelo amor da tua mãe !

WADO - Cinquenta anos ! Fim da picada ! Tôda ruim ! Ainda com essa meleca na cara, maquiagem é tal, engrupe os trouxas ! Mas sem essa droga, deve ter bem mais de cinquenta !

Br DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.298

69
DPF
DCDP
Fls. N.º 237
Rubrica

SUELY - Wado, chega ! Por favor, chega !

WADO - Olha bem ! Olha bem ! Velhota ! Coroa ! O Veludo tinha razão, galinha velha ! Vamos ver sem essa meleca quantos anos tem !

SUELY - Não, Wado ! Não ! Por favor, não !

(WADO AGARRA O LENÇO E ESFREGA NA CARA DE SUELY ATÉ TIRAR A MAQUIAGEM, RI MUITO. SUELY CHORA.)

WADO - Cem anos ! Cem anos ou mais ! Quanta ruga ! Que cara amassada ! Que bagaço !

SUELY - Pára ! Pára com isso !

(WADO COLOCA OUTRA VÊZ O ESPELHO NO ROSTO DE SUELY)

WADO - Vê, puta ! Vê ! Quanta ruga ! Quanta ruga !

SUELY - (Em desespêro) - Chega ! Chega ! Chega ! Não aguento mais ! Chega !

WADO - Chega mesmo ! Chega mesmo ! Mesmo ! Mesmo ! Sou um cara boa pinta, não vou perder minha mocidade do lado de um bagaço ! Cadê a grana, sua vaca ? Onde está a grana de hoje?

SUELY - Vou te dar a grana ! (Abre a bôlsa, pega o dinheiro e dá para o Wado) - Está aí todo o dinheiro que tenho. Pronto, é seu ! Está contente ?

WADO - Tá legal ! Assim que é ! Agora, tchau mesmo !

SUELY - Não, você não vai saindo assim, não ! Não leva minha grana !? Não é meu cafetão ?

WADO - Vê se me esquece, velhota !

SUELY - Você não vai se arrancar !

WADO - E por que não ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.204

DPF
DSP
Fls. N. 38
Rubrica

SUELY - (Nós vamos trepar)

WADO - Tá caduendo ?

SUELY - E vai ter que ser gostoso !

WADO - Por dinheiro nenhum.

SUELY - Vai, sim, Wadinho meu cafetão !

WADO - Sai dessa onda, velha !

SUELY - Velha, feia, gasta, bagaço, lixo dos lixos, galinha, corna, sou tudo isso. (Mas você vai trepar comigo)

WADO - Essa não !

(SUELY TIRA A CHAVE DA PORTA)

SUELY - Viu ? Já se tocou ?

WADO - Abre essa porta !

(PAUSA)

WADO - Abre essa porta ! Anda ! É surda, desgraçada !? Não escuta a gente mandar !

(PAUSA)

WADO - (Sem muita convicção) - Abre essa porta ! É melhor prá você !

SUELY - É meu cafifa. Leva minha grana. Tem que me fazer gozar. Custe o que custar.

WADO - Você está me baratinando !

SUELY - Prá você ver !

WADO - (Grita) - Abre essa porta ! Abre !

SUELY - Não adianta esperhear.

WADO - Você quer apanhar ?

SUELY - Quero, sim ! Me bate ! Bate legal !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.300

DPF DCDP Fls. N. 239 Rubrica

WADO - Não vou nem te afobar. Vou tirar de letra ! Puxo uma palha e te deixo aí na tara.

SUELY - Experimenta ?

WADO (Deita) - Boa noite, velha !

SUELY - (Pega uma navalha) - Wado ! Wado ! Se você puxar o ronco, eu te capo, seu miserável !

WADO - Que é isso ? Está louca ?

SUELY - Estou ! Louca de vontade de você ! Se você não for comigo agora, não vai nunca mais com ninguém !!

WADO - Mas que é isso, mulher ?

SUELY - Pode escolher, filho da puta !

WADO - Sai dessa dança, Suely ! Poxa, que negócio mais goeira ! Você embarca em tôdas. Poxa, por isso que eu às vêzes me invoco com você. Qualquer sarrinho você perde a esportiva. Que onda ! Não sabe brincar ? Estava tirando um barato de leve, você já apela, já faz drama. Não pode ser assim,não.

SUELY - Você não precisa gastar saliva comigo. É só tropar e pronto. Sou velha, mais quero te ter. Entendeu ?

WADO - E precisa do ferro pra que ? Vai me obrigar ?

SUELY - Vou !

WADO - Você é uma trouxa mesmo ! Entra sempre em canoa furada.Me divirto às tuas custas. Quer dizer que grudou essa onda de velha ! (Porra,) está na zona um cassetão de tempo e não aprendeu nada. Que paspalha. Quer dizer que você me acha o rei dos otários ? Devia te bolachar por essa. Mas, deixa prá lá. Você já está queimada. Deixo barato. Não vou criar caso. Mas, vê se te manca. Poxa, você acha que se eu te achasse corno jogado fora ia estar aqui esticando o papo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.301

DPF DCDP Fls N.º 2610 Rubrica

Me mandava sem dizer nada. Dava um pinote sem tu nunca saber porque. Assim que é.

SUELY - Então ... então ... por que tôda essa bobageira.

WADO - Sou Wadinho, cafifa escolado. Judio de mulher prá elas ganharem.

SUELY - Não precisa nada disso.

WADO - Minha embaixada ! Sabe como é ! Escuta êsse papo que é de verdade ! Eu estava borocoxô. Não queria fazer a obrigação. Inventei a onda. Grudou, azar teu.

SUELY - Mas, um tempão que você não me procura.

WADO - Não faz tanto tempo assim. O que é bom deixa saudade. Isso é que é

SUELY - É ... É ... !

WADO - Agora tem um porém ! Se eu não tivesse afim, não ia ter navalha que me obrigasse, pode botar fé no que te digo.Eu sou um cara que só embarco por gôsto.

SUELY - Você sabe conversar.

WADO - Que nada ! Sou é da firmeza. Meu defeito é brincar muito.

SUELY - (Senta na cama, está apática) - Eu estou na merda ! Estou na merda !

WADO - Que papo careca é êsse ?

SUELY - Você me arriou.

WADO - Não complica ! Larga o ferro e está tudo legal !

(SUELY LARGA A NAVALHA NO CHÃO)

WADO - Assim, bonitinha ! É gamada por mim, pra que fazer guerra ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.302

DPF DCDP Fls. N.º 241 Rubrica

APROXIMA-SE DE SUELY, LHE DÁ UM BEIJO NA TESTA, APANHA A NAVALHA NO CHÃO. SUELY COMEÇA A CHORAR BAIXO. WADO RASGA O VESTIDO DE SUELY. PEGA A CHAVE, VAI NO ESPELHO, ARRUMA A GRAVATA, VESTE O PALETÓ E SAI TRANQUILAMENTE. SUELY CORRE ATÉ A PORTA.

SUELY - Wado ! Wado, você vai voltar ? Você vai voltar ?

SUELY FICA POR ALGUM TEMPO PARADA NA PORTA, DEPOIS VOLTA, SENTA-SE NA CAMA, FICA OLHANDO O VAZIO POR ALGUM TEMPO.O PANO FECHA LENTAMENTE.)

F I M =

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.303

(2 DPF DCDP Fls. N.º 263 Rubrica

uma vez que as mesmas são — e não poderiam mesmo ser de outra forma — tratadas sendo, assim, uma a complementação da outra. Os personagens da peça são uma prostituta, um caften e um pederasta. Seus conflitos aparentes giram em tôrno da posse de objetos do mundo dos sentidos embora, na realidade, busquem, como todos os sêres humanos, o reencontro da sua origem divina. Da crueza e rudeza de suas palavras e ações, é o reflexo da impureza e da materialidade de seus objetivos. Desta forma seria ridículo, acima de tudo falso, se os diálogos mantidos por habitantes do submundo fôssem calcados no purismo e na elegância do vernáculo e os animassem atitudes místicas e elevadas.

Mesmo pela letra fria e impessoal da legislação em vigor sôbre a censura de espetáculos públicos, nada encontramos para impedir a encenação do texto de "A NAVALHA NA CARNE". Realmente, seu tratamento é forte e não deve ser assistido por menores, fato que a própria legislação citada remedeia com a chamada "impropriedade etária", preventiva e acauteladora.

Por outro lado, não concordamos com o côro dos profissionais de teatro e, ainda, os críticos, todos evidentemente unidos em defesa da liberdade de criação. Plínio Marcos foi muito superior em "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", texto também habitado por personagens do submundo. Nele, Paco e Tonho, alternadamente abjétos e sublimes, passeiam tranquilamente todos os estados de alma assaltantes àquêles que buscam o caminho da libertação às algemas da animalidade. Mas essa consideração - de ordem pessoal - tampouco pode ser válida no caso em tela, uma vez que não cabe à Censura exigir que tôdas as manifestações artísticas sejam verdadeiras obras primas de feitura e apresentação. Interessa-lhe o que chamam a mensagem final e essa nos é fornecida - e muito bem - por Suely que, num fugidio momento de libertação, duvida da sua condição humana:

" - ... Duvido que gente de verdade viva assim ,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE0071,P-304

13.76
DPF
DCDP
Fls. N.º 244
Rubrica

um aporrinhando o outro, um se servindo do outro; isso não pode ser coisa direita... Às vêzes chego a pensar: pôxa, será que eu sou gente? "

É nossa opinião, pois, que a peça " A NAVALHA NA CARNE" deva ser liberada, com exclusividade para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, com a impropriedade etária de 21 anos e escoimada de certas palavras e expressões, constantes de relação anéxa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.305

DPF
DCDP
Fls. N.º 245
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

Proc. 58. 871/67

Dou provimento, em parte, ao recurso para o efeito de reformar a Portaria nº 355/66, do Sr, Diretor-Geral do D.P.F. e, em consequência, autorizar a exibição da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plínio Marcos de Barros, em todo o território nacional desde que sejam observadas as seguintes restrições:

a) sua assistência será proibida para menores até 21 anos;

b) serão suprimidas do texto, ou substituídas pelo autor, as palavras e expressões constantes da relação de fls. 77.

Remeta-se, afinal, o processo ao D.P.F., para ciência desta decisão e estrita fiscalização das providências ordenadas.

Em 17 de agôsto de 1967

a) LUIS ANTONIO DA GAMA E SILVA
Ministro da Justiça

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.306

77

DPF
DCDP
Fls. N.º 246
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

A N É X O

CORTES QUE DEVEM SER INSERIDOS AO TEXTO DA PEÇA "A NAVALHA NA CARNE"

PÁGINA	CORTE
3	"....Fêz ela pegar o esquentamento da outra"
4	" Porra "
6	" Porra"
7	" Porra "
10	" Mineteiro "
23	" Porra "
24	" Só abrir a perna e faturar "
27	" ...Ficou em cima de mim mais de duas horas... "
31	" Porra "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.307

DPF
DCDP
Fls. N. 247
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

PROCESSO Nº 58 871/67

Encaminho o processo ao Senhor Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal, em cumprimento ao respeitável despacho de fl. 78.

Em 30 de agosto de 1967,

Helio A. Scarabotolo

HELIO A. SCARABÔTOLO
Chefe do Gabinete

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.308

DPF
DCDP
Fls. N.º 248
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

G/ 1199

GB, em 30 de 8 de 1967.

Senhor Delegado Regional

Tenho a honra de transmitir a Vossa Excelência, na cópia anexa, o texto do despacho exarado pelo Senhor Ministro da Justiça, no Processo nº MJ-58871, de 1967, pelo qual sua Excelência deu provimento, em parte, ao recurso apresentado por PLINIO MARCOS DE BARROS contra a Portaria nº 355/66, do Senhor Diretor-Geral dêsse Departamento, relativa à exibição da peça teatral "Navalha na Carne", da lavra do supracitado autor.

2. Com a presente comunicação, transmito, ainda, a Vossa Excelência, as recomendações do Senhor Ministro de Estado, no sentido de que seja observada pela censura federal, na exibição da mencionada peça, a supressão das expressões do texto, a que se refere o aludido despacho.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência protestos de alta estima e distinta consideração.

HELIO A. SCARABÔTOLO
Chefe do Gabinete

A Sua Excelência o Senhor
General de Divisão LUIZ CARLOS REIS DE FREITAS,
Delegado Regional do Departamento de Policia
Federal no Estado da Guanabara.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.309

DPF
DCDP
Fls. N.º 269
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

CÓPIA AUTÊNTICA

Proc. 58. 871/67

Dou provimento, em parte, ao recurso para o efeito de reformar a Portaria nº 355/66, do Sr. Diretor-Geral do D.P.F. e, em consequência, autorizar a exibição da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plínio Marcos de Barros, em todo o território nacional desde que sejam observadas as seguintew restrições:

a) sua assistência será proibida para menores até 21 anos;

b) serão suprimidas do texto, ou substituídas pelo autor, as palavras e expressões constantes da relação de fls. 77.

Remeta-se, afinal, o processo ao D.P.F., para ciência desta decisão e estrita fiscalização das providências ordenadas.

Em 17 de agôsto de 1967

Ass) LUIS ANTONIO DA CAMA E SILVA
Ministro da Justiça

CONFERE:

Aux. de Gabinete

CONFORME:

Assessor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.310

DPF
DCDP
Fls. N.º 256
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

CÓPIA AUTÊNTICA

A N E X O

CORTES QUE DEVEM SER INSERIDOS AO TEXTO DA PEÇA "A NAVALHA NA CARNE"

PÁGINA	CORTE
3	"...Fêz ela pegar o esquentamento da outra"
4	" Porra "
6	" Porra "
7	" Porra "
10	" Mineteiro "
23	" Porra "
24	" Só abrir a perna e faturar "
27	" ...Ficou em cima de mim mais de duas horas.."
31	" Porra "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.311

D.P.F. Fls. N. 251 Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

G/ 1200

GB, em 30 de agôsto de 1967

Senhor Delegado Regional

Tenho a honra de transmitir a Vossa Excelência, na cópia anexa, o texto do despacho exarado pelo Senhor Ministro da Justiça, no Processo nº MJ-58871, de 1967, pelo qual sua Excelência deu provimento, em parte, ao recurso apresentado por PLI - NIO MARCOS DE BARROS contra a Portaria nº 355/66, do Senhor Diretor-Geral dêsse Departamento, relativa à exibição da peça teatral "Navalha na Carne", da lavra do supracitado autor.

2. Com a presente comunicação, transmito, ainda, a Vossa Excelência, as recomendações do Senhor Ministro de Estado, no sentido de que seja observada pela censura federal, na exibição da mencionada peça, a supressão das expressões do texto, a que se refere o aludido despacho.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência protestos de alta estima e distinta consideração.

HELIO A. SCARABÔTOLO
Chefe do Gabinete

A Sua Excelência o Senhor
General SILVIO CORREA DE ANDRADE,
Delegado Regional do Departamento de Policia
Federal no Estado de São Paulo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.312

DPF
DCDP
Fls. N.º 252
Rubrica

CÓPIA AUTÊNTICA

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Proc. 58. 871/67

"Dou provimento, em parte, ao recurso para o efeito de reformar a Portaria nº 355/66, do Sr. Diretor-Geral do D.P.F. e, em consequência, autorizar a exibição da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", de sutoria de Plínio Marcos de Barros, em todo o território nacional desde que sejam observadas as seguintes restrições:

a) sua assistência será proibida para menores até 21 anos;

b) serão suprimidas do texto, ou substituídas pelo autor, as palavras e expressões constante s da relação de fls. 77.

Remeta-se, afinal, o processo ao D.P.F., para ciência desta decisão e estrita fiscalização das providências ordenadas."

Em 17 de agôsto de 1967.

Ass) LUIS ANTONIO DA GAMA E SILVA
Ministro da Justiça

CONFERE:

Aux. de Gabinete

CONFORME:

Assessor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.313

DPF
DCDP
Fls. N. 253
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

CÓPIA AUTÊNTICA

A N É X O

CORTES QUE DEVEM SER INSERIDOS AO TEXTO DA PEÇA "A NAVALHA NA CARNE"

PÁGINA	CORTE
3	"...Fêz ela pegar o esquentamento da outra"
4	" Porra "
6	" Porra "
7	"Porra "
10	" Mineteiro "
23	" Porra "
24	" Só abrir a perna e faturar "
27	"...Ficou em cima de mim mais de duas horas..."
31	" Porra "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.314

DPF
DCDP
Fls. N.º 255
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

A N E X O

CORTES QUE DEVEM SER INSERIDOS AO TEXTO DA PEÇA "A NAVALHA NA CARNE"

PÁGINA	CORTE
3	"....Fêz ela pegar o esquentamento da outra"
4	" Porra "
6	" Porra"
7	" Porra "
10	" Mineteira "
23	" Porra "
24	" Só abrir a perna e faturar "
27	" ...Ficou em cima de mim mais de duas horas... "
31	" Porra "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P-315

DPF
DCDP
Fls. N. 256
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

À P.F.S.
Em- 11/9/67

Cel. Portocarrero
Chefe do Gabinete

À SCDP
Em 25/set/67

SRA.- DA.- D. F. S. P.
RECEBI em 27/09/1967 AS 15 HS.
ASS. [illegible]
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

A Secretaria para fazer comunicação a todos os Srs. referente a determinação do Exmo. Sr. Ministro da Justiça.

em 16/10/67

Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P-316

DPF
DCDP
Fls. N.: 257
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

CÓPIA AUTÊNTICA

A N E X O

CORTES QUE DEVEM SER INSERIDOS AO TEXTO DA PEÇA "A NAVALHA NA CARNE"

PÁGINA	CORTE
3	"... Fâz ela pegar o esquentamento da outra"
4	" Porra "
6	" Porra "
7	" Porra "
10	" Minâteiro "
23	" Porra "
24	" Só abrir a perna e faturar "
27	"... Ficou em cima de mim mais de duas horas..."
31	" Porra "

GABINETE MINISTRO DA JUSTIÇA

CONFERE:

Chefe da Secretaria

VISTO:

Chefe do Gabinete

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 317

TABELA VIII
N.º 2 - Item 4

TABELIÃO
J. CARLOS MACIEL DA SILVA
SUBSTITUTO
ITALO HUGO ROMANO
1.º ESC. AUTORIZADO
RENOLD R. CHAVES
2.º ESC. AUTORIZADO
JOSÉ SALGADO
18.º OFICIO
Av. Rio Branco, 156 - Subsolo 120
Edificio Avenida Central
ESTADO DA GUANABARA

Certifico que a presente cópia fotostática é a reprodução fiel do original que me foi exibido e que com esta é devolvido.

Rio de Janeiro, 20MAR.68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.318

DPF
DCDP
Fls. N.º 254
Rubrica

A N E X O

CORTES QUE DEVEM SER INSERIDOS AO TEXTO DA PEÇA "A NAVALHA NA CARNE"

PÁGINA	CORTE
3	"....Fêz ela pegar o esquentamento da outra"
4	" Porra "
6	" Porra"
7	" Porra "
10	" Mineteire "
23	" Porra "
24	" Só abrir a perna e faturar "
27	" ...Ficam em cima de mim mais de duas horas... "
31	" Porra "

Faltam

~~Anexo~~

- 2ª via ofício
- Permanente
- Ensaio - geral

DPF
DPF
Fls. Nº 258
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0071,P.319

24/07/68

Hotel Nacional

609

Carlos Kleber

DPF
DVDP
Fls. N.º 259
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.320

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.32

DPF Fls. N.º 260 Rubrica

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

Brasília, - DF., 29 de março de 1968

Of. N.º 149 /68-DE-FCDF

Senhor Chefe:

De acôrdo com o despacho exarado pelo Senhor Ministro da Justiça, no processo nº 58871/67, comunico a V. Sª., / que a Cia., Tônia Carrero Diversões Ltda., apresentará de 1 a 7 de abril do corrente ano o texto teatral de Plinio Marcos "A NAVALHA NA CARNE", na Sala Martins Penna, nos seguintes horários:

Segunda-feira	21 horas	dia 1
Terça-feira	21 horas	dia 2
Quarta-feira	21 horas	dia 3
Quinta-feira	21 horas	dia 4
Sexta-feira	20 e 22 horas	dia 5
Sábado	20 e 22 horas	dia 6
Domingo	17 e 21 horas	dia 7

Com a seguinte distribuição:

WARO	NELSON XAVIER
NEUSA SUELY	TÔNIA CARRERO
VELUDO	EMILIANO QUEIROZ
DIREÇÃO	FAUZI ARAP
CENÁRIO	SARAH FERES
DIRETOR DE PRODUÇÃO	CARLOS KROEBER

Aproveito a oportunidade para agradecer a V. Sª. a colaboração prestada.

CARLOS AUGUSTO OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE
- Diretor Executivo -

IMPRÓPRIO ATÉ 21 ANOS — 3006

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
M. J.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVO
28 de abril de 1968
28 de abril de 1968

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 2892
Em 29/03/1968
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 1 de abril de 1968

Ao
Ilmo. Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS
E/M
MOD. 1

A/jolb

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.322

DPF
D. DP
Fls. N.º 261
Rubrica

CÓPIA

G/ 1.199

GB, em 30 de agôsto de 1967

Senhor Delegado Regional

Tenho a honra de transmitir a Vossa Excelência, na cópia anexa, o texto do despacho exarado pelo Senhor Ministro da Justiça, no Processo nº MJ-58871, de 1967, pelo qual sua Excelência deu provimento, em parte, no recurso apresentado por PLINIO MARCOS DE BARROS contra a Portaria nº 355/66, do Senhor Diretor-Geral dêsse Departamento, relativa à exibição da peça teatral "Navalha na Carne", da lavra do supracitado autor.

2. Com a presente comunicação, transmito, ainda, a Vossa Excelência, as recomendações do Senhor Ministro de Estado, no sentido de que seja observada pela censura federal, na exibição da mencionada peça, a supressão das expressões do texto, a que se refere o aludido despacho.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência protestos de alta estima e distinta consideração.

MINISTRO DA JUSTIÇA

HELIO A. SCARABÔTOLO
Chefe do Gabinete

A Sua Excelência o Senhor
General de Divisão LUIZ CARLOS REIS DE FREITAS,
Delegado Regional do Departamento de Polícia
Federal no Estado da Guanabara

CONFERE

Chefe da Secretaria - Rio

VISTO

Chefe do Gabinete do Ministro da Justiça.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.323

TABELA VIII
N.º 2 - Item 4

TABELIÃO
J. CARLOS MACIEL DA SILVA
SUBSTITUTO
ITALO HUGO ROMANO
1.º ESC. AUTORIZADO
RENOLD R. CHAVES
2.º ESC. AUTORIZADO
JOSÉ SALGADO
18.º OFICIO
Av. Rio Branco, 156 - Subsolo 120
Edificio Avenida Central
ESTADO DA GUANABARA

Certifico que a presente cópia fotostática é a reprodução fiel do original que me foi exibido e que com esta é devolvido.

Rio de Janeiro, 20MAR.68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007, p. 324

DPF
Fls. N.º 262
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

CÓPIA AUTÊNTICA

Proc. 58 871/67

"Dou provimento, em parte, ao recurso para o efeito de reformar a Portaria nº 355/66, do Dr. Diretor-Geral do D.P.F. e, em consequência, autorizar a exibição da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plínio Marcos de Barros, em todo o território nacional desde que sejam observadas as seguintes restrições:

a) sua assistência será proibida para menores até 21 anos;

b) serão suprimidas do texto, ou substituídas pelo autor, as palavras e expressões constantes da relação de fls. 77.

Remeta-se, afinal, o processo ao D.P.F., para ciência desta decisão e estrita fiscalização das providências ordenadas".

Em 17 de agôsto de 1967.

Ass) LUIS ANTONIO DA GAMA E SILVA
Ministro da Justiça

GABINETE MINISTRO DA JUSTIÇA

CONFERE:

Chefe da Secretaria

VISTO:

Chefe do Gabinete

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.325

TABELA VIII
N.º 2 - Item 4

TABELIÃO
J. CARLOS MACIEL DA SILVA
SUBSTITUTO
ITALO HUGO ROMANO
1.º ESC. AUTORIZADO
RENOLD R. CHAVES
2.º ESC. AUTORIZADO
JOSÉ SALGADO.
18.º OFICIO
Av. Rio Branco, 156 - Subsolo 120
Edificio Avenida Central
ESTADO DA GUANABARA

Certifico que a presente cópia fotostática é a reprodução fiel do original que me foi exibido e que com este confere.

Rio de Janeiro, 26 MAR. 76

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.326

DPF DCDP Fls. N.º 263 Rubrica

TEATRO MAISON DE FRANCE

Avenida Presidente Antonio Carlos, 58

TONIA CARRERO apresenta:

"NAVALHA NA CARNE" de Plinio Marcos

PROGRAMA PARA O PERIODO DE: 28 de NOVEMBRO a 5 de DEZEMBRO 1967

D i s t r i b u i ç ã o

W A D O ..... Nelson Xavier

NEUSA SUELY ..... Tonia Carrero

VELUDO ..... Emiliano Queiroz

Direção Artistica de:

FAUZI ARAP

Administração de:

CARLOS KROEBER

- - - - - - - - - - -

Diariamente ..... as 21,30.horas

Sabados ..... as 20,30 e 22,30 horas

Quintas-feiras(vesperais) as 17 horas

Domingos (vesperais) ..... as 18 horas

DPF - DELEGACIA REGIONAL - GB
SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL

Rio de Janeiro, 24 de Novembro 1967

APROVADO — 21 anos

EM, 24 / 11 / 67

CHEFE DA SCF

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SBAT 24 NOV 67 RIO

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

DPF DCDP Fls. Nº 264 Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, p.329

Direitos de Representação — Autorização Nº 139785

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: NAVALHA NA CARNE

Original de PLÍNIO MARCOS

Música de —

Tradução de —

No Teatro MARTINS PENA Cidade PLANO PILOTO

Emprêsa TONIA CARRERO LTDA. Pela Cia. —

nos dias 1 a 9 de Abril 1968

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ 50.000 por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 29 de março de 1968

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.328

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.324

253

PFS

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO
Rua Piauí, 527

DPF 265
D.F.S.P.
011892 -5 MAR 68

Ofº.nº. 101/68-GAB Em 23 de fevereiro de 1 968.

Do Delegado Regional do DPF/SP.

Ao Exmo.Sr. Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal.

Assunto: petição (encaminha).

D. F. S. P. - D.O.P.S.
PROTOCOLO N. 062
Entrada em 06 / 03 / 68
Funcionário
Saída em ___/___/___
Funcionário

Senhor Diretor-Geral

Tenho a honra de dirigir-me a Vossa Excelência, a fim de encaminhar a petição protocolada nesta - Delegacia Regional sob o nº. 1.871, subscrita pelo bel. Álvaro - Villaça Azevedo.

Aproveito a oportunidade, para renovar a Vossa Excelência os protestos de elevada estima e consideração.

Gen.Ref. SILVIO CORRÊA DE ANDRADE
Delegado Regional.

SRA. - DA. - D. F. S. P.
RECEBI Em 5 / 3 / 1962 AS 18 HS
ASS
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSR)

Ao Exmo. Sr.
Coronel FLORIMAR CAMPELLO
Digníssimo Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal.
BRASÍLIA - DF
SCA/mb

D. P. F. - ASS. DD/RR
Entrada
Em 29 / 2 / 1968

D.P.F. - ASS. DD/RR
Saída
Em 5 / 3 / 1968

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.330

P.F.S.
Em 29.02.68

Cel Portocarrero
Chefe do Gabinete

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 331

DPF
DCDP
Fls. N.º 266
Rubrica

ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO
ADVOGADO

EXº S.R D.R MINISTRO DA JUSTIÇA .

PLÍNIO MARCOS DE BARROS, brasileiro, casado, autor teatral, residente e domiciliado nesta Capital à rua General Jardim, nº 266, apt. 31, por seu patrono e bastante procurador, que esta subscreve, Dr. Álvaro Villaça Azevedo, doc. I, vem, respeitosamente, à presença de V. Ex.a requerer a

RENOVAÇÃO DO PRAZO DE LIBERAÇÃO

da Peça "A NAVALHA NA CARNE", pelas razões adiante articuladas:

1.- O Suplicante, tendo sido proibida a exibição de sua Peça Teatral "A NAVALHA NA CARNE", pelo Departamento de Polícia Federal, Serviço de Censura e Diversões Públicas, interpôs recurso de RECONSIDERAÇÃO DE CENSURA ao Chefe do Departamento Federal de Censura, em São Paulo, General Sílvio Corrêa de Andrade, que, após emitir seu parecer favorável à liberação dessa Peça, remeteu o caso à consideração do Coronel Florismar Campello, em Brasília, o qual, mesmo assim, manteve a proibição.

2.- Diante dessa injusta situação, vendo o Suplicante postergado o seu mais caro direito de produção artística, interpôs Recurso a V. Ex.a, anexando farta documentação e Pareceres dos elementos mais credenciados no meio artístico teatral de nosso país, ante o que houve por bem V. Ex.a, usando de alto critério de Justiça, liberar a apresentação de referida Peça, por despacho de 17 de agôsto de 1967, no processo MJ - 58 871/67, o qual se fêz publicar no Órgão Oficial da União em 25 dêsse mesmo mês e ano.

Nesse despacho V. Ex.a estabeleceu algumas pequenas restrições, ou seja, a proibição da Peça a menores

D. F. S. P.
DELEGACIA REGIONAL
DE SÃO PAULO
EM 23/2/68
S.A.
PROTOCOLO Nº 1871

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.333

DPF
DCDP
Fls. N. 1688
6
Rubrica

PROCURAÇÃO "AD-JUDICIA"

PLÍNIO MARCOS DE BARROS, brasileiro, casado, autor teatral, residente e domiciliado nesta Capital à rua General Jardim, nº 266, apt. 31,

pelo presente instrumento de procuração, nomea e constitue seu bastante procurador o advogado DR. ÁLVARO VILLAÇA AZEVEDO, inscrito na O.A.B.-S.P.- sob Nº 13 595, com escritóriomnesta Capital à rua José Bonifácio, 135, 6º andar, conj. 61,

a quem conf amplos poderes para o fôro em geral, com a cláusula ad-judicia, em qualquer Juizo, Instância ou Tribunal, podendo propor contra quem de direito as ações competentes e defende- nas contrárias, seguindo umas e outras, até final decisão, usando dos recursos legais e acompanhando-os, conferindo-lh, ainda, poderes especiais para confessar, desistir. transigir, firmar compromissos ou acôrdos, receber e dar quitação, agindo em conjunto ou separadamente, podendo ainda substabelecer esta em outrem, com ou sem reservas de iguais poderes, dando tudo por bom, firme e valiosq. especialmente para requerer junto ao Departamento Federal de Censura, a renovação do prazo de liberação da Peça "A NAVALHA NA CARNE", na forma da lei, podendo praticar, ainda, atos extra-judiciais para o cumprimento dêste mandato.

São Paulo, 8 de fevereiro de 1968.-

PLÍNIO MARCOS DE BARROS .-

TABELIÃO ANDRADE FIGUEIRA
JOÃO PAULO DE ANDRADE FIGUEIRA
TABELIÃO
NICODEMO PAULA
OFICIAL MAIOR
Reconheço por semelhança, a firma
São Paulo, 10 de *de 1968*
Em test.º da verdade
R. QUINTINO BOCAIUVA, 103 LUIZ FELICIO PASCHOAL
ESC. AUTORIZADO

SELO ESTADUAL RECOLHIMENTO VERBA
DO EST. DE SÃO PAULO
APOSENTADORIA DE SERVIDORES DA JUSTIÇA
2 CENTAVOS
DE 196

10 FEV 68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.334

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO DE CENSURA

Nº de Registro 1669/67-SP - LIVRO Nº 2 - PÁGINA Nº 78

Título do PROGRAMA: " NAVALHA NA CARNE "

RESPONSÁVEL: PLÍNIO MARCOS DE BARROS

Aprovado pelo S. C. D. P. PARA MAIORES DE 21 ANOS. (VIDE-VERSO)

Validade ATÉ 5 DE MARÇO DE 1968

PROIBIDO PARA MENORES DE 21 ANOS

Brasília, 6 de SETEMBRO de 19 67

Certificado de Censura

CHEFE DO S. C. D. P.

DPF-SAv-7067-PFR.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071/P.335

PEÇA APROVADA DE ACÔRDO COM OS TÊRMOS DO DESPACHO DE 17/08/967, EXARADO PELO SENHOR MINISTRO DA JUSTIÇA, NO PROCESSO Nº MJ-58871/67, COM AS SEGUINTES RESTRIÇÕES:

a) PROIBIÇÃO PARA MENORES DE 21 ANOS;

b) SUPRESSÃO OU SUBSTITUIÇÃO DO TEXTO DAS SEGUINTES PALAVRAS E EXPRESSÕES:

"...Fêz ela pegar o esquentamento da outra" - página 3
" Porra " - página 4
" Porra " - página 6
" Porra " - página 7
" Mineteiro" - página 10
" Porra " - página 23
" Só abrir a perna e faturar" - página 24
"...Ficou em cima de mim mais de duas horas..." - página 27
" Porra " - página 31

São Paulo, 5 de Setembro de 1967

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.F.S.P.

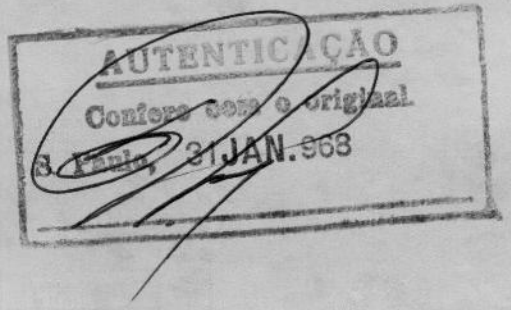
Judith de Castro

CHEFE DA SCE/SP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.336







BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.337

DPF
Fls. Nº 270

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

D E S P A C H O.

Ao Serviço de Censura e Diverções Públicas.

Em, 07-03-68.

JUVENCIO FAÇANHA GUEDES DOS REIS.
pelo DIRETOR DA P . F . S .

Certificado expedido
com data de 14 de março
e validade até 5
de setembro de 1968,
conforme despacho do
Senhor Diretor-Geral do
DPF.

Em 14/3/68

Chefe SCDP

Nada opondo a Inspetoria
sobre o assunto, proponho ARQUIVAMENTO
S.C.D.P.
DF. 05 04 68

De acôrdo.
Em 5/4/68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P-338

Fls. N.º 6
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 139/68

PEÇA -/ NAVALHA NA CARNE /-

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS DE BARROS

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 14 de MARÇO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ
21 ANOS

apca/

COM CORTES

Brasília, 14 de MARÇO de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, p.339

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -05-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ NAVALHA NA CARNE /-

Original de PLÍNIO MARCOS DE BARROS

Tradução de X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X

Adaptação de X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X

Produção de PLÍNIO MARCOS DE BARROS

Tendo sido censurada em 14 de MARÇO de 1968 e recebido a seguinte classificação: APROVADO DE ACÔRDO COM OS TÊRMOS DO DESPACHO DE 17 DE AGOSTO DE 1967, EXARADO PELO SENHOR MINISTRO DA JUSTIÇA, NO PROCESSO Nº MJ-5871/67, COM AS SEGUINTES RESTRIÇÕES:

1. PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 21 (VINTE E UM) ANOS;
2. SUPRESSÃO OU SUBSTITUIÇÃO DAS SEGUINTES PALAVRAS E EXPRESSÕES DO TEXTO: Pág.03 - "...Fêz ela pegar o esquentamento da outra" - pág. 04 -"Porra" / pág.06 - "Porra" - pág.07 - "Mineteiro" - pág.10-"Porra" - pág.23-"Só abrir a perna e faturar" - pág.24-"...Ficou em cima de mim mais de duas horas"- pág.27-"Porra".

Brasília, 14 de MARÇO de 1968

CARLOS L. MENEZES

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

Censura de Diversões Públicas D.P.F.

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.340

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P F 242 Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 139/68

PEÇA -/ NAVALHA NA CARNE /-

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS DE BARROS

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 14 de MARÇO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 21 ANOS

Brasília, 14 de MARÇO de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

apca/

COM CORTES

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, p.341

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -05-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ NAVALHA NA CARNE /-

Original de PLÍNIO MARCOS DE BARROS

Tradução de X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X

Adaptação de X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X;X

Produção de PLÍNIO MARCOS DE BARROS

Tendo sido censurada em 14 de M A R Ç O de 19 68 e recebido a seguinte classificação: APROVADO DE ACÔRDO COM OS TÊRMOS DO DESPACHO DE 17 DE AGOSTO DE 1967, EXARADO PELO SENHOR MINISTRO DA JUSTIÇA, NO PROCESSO Nº MJ-5871/67, COM AS SEGUINTES RESTRIÇÕES:

1. PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 21 (VINTE E UM) ANOS;
2. SUPRESSÃO OU SUBSTITUIÇÃO DAS SEGUINTES PALAVRAS E EXPRESSÕES DO TEXTO: Pág.03 - "...Fêz ela pegar o esquentamento da outra" - pág. 04 -"Porra" / pág.06 - "Porra" - pág.07 - "Mineteiro" - pág.10-"Porra" - pág.23-"Só abrir a perna e faturar" - pág.24-"...Ficou em cima de mim mais de duas horas"- pág.27-"Porra".

Brasília, 14 de M A R Ç O de 19 68

CARLOS L. MENEZES

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

COM CORTES

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007, P. 342

P. 28

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

RADIOGRAMA

DEP. FEDERAL SEG. PÚBLICA
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
SETOR - CENTRO DE MENSAGENS
CARIMBO DA ESTAÇÃO
DATA
Recebido 5/368 Hr. 1750
Encaminhado - / / Hr -

DE: SPAULO SP NR. 176 Pls. 40 Dt. 5/3 Hr. 17,10 AS-

DPF DCDP Fls. N.º 273 Rubrica

RECEBIDO DE: P 3 5/3 Às 17,20 Por RTH RS

Endereço

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEAO NETTO
CHEFE DO SCDP

46 GAB 5/3/68 ATENÇÃO INTERESSADO SOLICITO INFORMAR SOBRE PEDIDO PROGRAMAÇÃO VALIDADE CERTIFICADO CENSURA PEÇA " NAVALHA NA CARNE " VG TERMINADA HOJE VG DIA 5 PT ATS SDS

GEN PAULO MONTESSERAT FILHO CH.
DE GAB DR SP.

Texto e Assinatura

D. F. S. P. - D.O.P.S.
PROTOCOLO N. 103
Entrada em 11/03/68
Funcionário
Saída em / /
Funcionário

Arquivo II
0106 61

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.343

DPF
DCDP
Fls. N.º 274
Rubrica

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

Brasília, - DF., 16 de abril de 1968

Of. N.º 212 /68-DE-FCDF

Senhor Chefe,

Pelo presente informamos a Vossa Senhoria que durante a apresentação da Cia. Tônia Carrero no Teatro Martins Penna com a peça NAVALHA NA CARNE, que teve liberação para maiores de 21 anos, vários menores tiveram ingresso àquela casa de espetáculo, devido à ausência de uma autoridade que os impedisse.

Outrossim, solicito de Vossa Senhoria que nos informe qual a autoridade responsável por êste caso e também se a Fundação Cultural do DF, pode tomar qualquer providência afim de impedir que o limite de idade seja desrespeitado.

No aguardo de vosso pronunciamento, reiteramos nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE
Diretor Executivo

Anexar a NAVALHA NA CARNE
Arquivar 260469

Ilmo. Sr.
Manoel Felipe de Souza Leão
MD. Chefe do Serviço de Censura e
Diversões Públicas do DPF
Nesta

MOD. 1
/GSR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.344

OFÍCIO Nº 546/68-SCDP. 22 de novembro de 1968.

: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

: Senhor Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal

: Expediente (encaminha)

Senhor Diretor-Geral,

Encaminhamos a Vossa Excelência para os devidos fins, o expediente incluso que trata da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", que foi interditada por ato do Diretor-Geral do DPF, em junho de 1967.

Desejamos acrescentar a Vossa Excelência que a peça em aprêço, foi liberada pela S. Excia., o Ministro da Justiça, em despacho de 17 de agôsto de 1967.

Em face disso, cumpre-nos sugerir que o expediente seja encaminhado a S. Excia., o Ministro da Justiça, para sua competente apreciação.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

Exmo. Senhor
Gen. JOSÉ BRÊTAS CUPERTINO
DD. Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal
N E S T A

DPF Fls. Nº 16 Rubrica

DPF DCPR Fls. N.º 278 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.345

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

OFÍCIO Nº 546/68-SCDP. 22 de novembro de 1968.

: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

: Senhor Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal

: Expediente (encaminha)

Senhor Diretor-Geral,

Encaminhamos a Vossa Excelência para os devidos fins, o expediente incluso que trata da peça teatral "MARIA MA GARNIER", que foi interditada por ato do Diretor-Geral do DPF, em junho de 1967.

Desejamos corresponder a Vossa Excelência que a peça em aprêço, reformulada pela S. Exata., o Ministro da Justiça, em despacho de 17 de agôsto de 1967.

Em face disso, cumpre-nos augerir que o expediente seja encaminhado a S. Exata., o Ministro da Justiça, para sua competente apreciação.

ALOYSIO WUNDERLICH DE SOUZA
Chefe do SCDP.

Exmo. Senhor
Gen. JOSÉ BRÍGIDO GUERRINO
DD. Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal
N E S T A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.376

DPF
5 DEZ 1968
63562
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

SCI/RIO
FICHADO

OFÍCIO Nº 564/68-SCDP. Em 02 de dezembro de 1968.

Do: Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal

Ao: Exmo. Senhor Ministro da Justiça

Assunto: Expediente (encaminha)

Senhor Ministro da Justiça,

Encaminhamos à douta apreciação de Vossa Excelência o expediente incluso, que trata da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", liberada em grau de recurso por V. Excia. com despacho de 17 de agôsto de 1967.

O referido expediente consta de vários apêlos de entidades católicas e civis, dirigidos ao Exmo. Senhor Gen. Comandante da 5ª Região Militar.

Aproveitamos a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos de estima e distinta consideração.

Gen. JOSÉ BRÊTAS CUPERTINO
Diretor-Geral do DPF

Exmo. Senhor
Dr. LUIZ ANTÔNIO DA GAMA E SILVA
MD. Ministro da Justiça
N e s t a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071 P.349

D.F.S.P.
059586 25 NOV 68
DPF DCDP
Fls. Nº 278
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

OFÍCIO Nº 546/68-SCDP. Em 22 de novembro de 1968.

Do : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao : Senhor Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal

Assunto : Expediente (encaminha)

Ao Sr. Diretor.
Tenho a honra de encaminhar o expediente
que acompanha o ofício nº 546/68-SCDP
do Min. Justiça 25/11

Senhor Diretor-Geral,

Encaminhamos a Vossa Excelência para os devidos fins, o expediente incluso que trata da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", que foi interditada por ato do Diretor-Geral do DPF, em junho de 1967.

Desejamos acrescentar a Vossa Excelência que a peça em aprêço, foi liberada pela S. Excia., o Ministro da Justiça, em despacho de 17 de agôsto de 1967.

Em face disso, cumpre-nos sugerir que o expediente seja encaminhado a S. Excia., o Ministro da Justiça, para sua competente apreciação.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

SEÇÃO DA D.F.S.P.
Em 25/11/1968
(CHEFE DA SEÇÃO RECEBIMENTO (ESSE))

Exmo. Senhor
Gen. JOSÉ BRÊTAS CUPERTINO
DD. Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal
N E S T A

Registrada
em 22-11-68
Arquivo

3
3

D.F.S.P.
055371 29 OUT 68

DPF
DCDP
Fls. N.º 279
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL NO PARANÁ E SANTA CATARINA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.348

Of.nº 1988/CO/68. Em 22 de outubro de 1968.

Do Delegado Regional do D.P.F.no Paraná e Santa Catarina.

Ao Diretor da Divisão de Ordem Política e Social do D.P.F..

Assunto Apelo de entidades cívicas do Paraná (encaminha)
Ref.a exp.encam.ao Comando da 5ª RM.

Ao Sr Chefe do SCDP
Em 18/11/968

Em 19/NOV/68
A Sr Arquivo
Juntar ao processo

Senhor Diretor

Em anexo encontrará V.Sa.,cópia do apelo endereçado ao Exmº.Sr.Gal. Comandante da 5ª Região Militar e, por essa autoridade, encaminhado a esta Delegacia Regional para a competente divulgação, firmado por várias entidades cívicas femininas católicas, em nome da Mulher Paranaense, pelo amparo à moral,pudor, dignidade e altivez, no sentido de reprimir as peças teatrais e filmes cinematográficos que têm a finalidade única de desmoralizar e destruir a Família, como no caso da encenação da peça Teatral "A Navalha na Carne", ocorrida recentemente nesta Capital.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Sa. os protestos do meu respeitoso aprêço.

D. F. S. P. – D.O.P.S.
PROTOCOLO N. 2059
Entrada em 30/10/68
Funcionário
Saida em ___/___/___
Funcionário

W. Bianco
Cel. Waldemar Oswaldo Bianco
Delegado Regional
Del. R

[redacted]
Em 19/10/68

ACV/ogc.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.349

DPF
Fls. N.º 280
Rubrica

4
3

C Ó P I A

Curitiba, 8 de outubro de 1968.

Senhor Comandante:

A MULHER PARANAENSE, apela à Vossa Excelência, o amparo à moral, pudor, dignidade e altivez, reprimindo e controlando as peças teatrais e os filmes que têm a finalidade única de desmoralizar e destruir a Família.

Atenciosamente.

UNIÃO CÍVICA FEMININA PARANAENSE.
FEDERAÇÃO DAS BANDEIRANTES DO BRASIL, REGIÃO DO PARANÁ.
LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS.
CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA.
ARQUICONFRARIA DAS MÃES CRISTÃS.
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO PSICOPATA DO PARANÁ.
ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES.
ASSOCIAÇÃO DAS SENHORAS DE CARIDADE.

Exmo. Sr.
General José Campos de Aragão.
M.D. Comandante da 5ª Região Militar.
N/CAPITAL.

5
5

DPF
DCDP
Fls. Nº 281
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0021,P.350

C Ò P I A

PONDERAÇÕES

"O egoismo não admite virtudes patrióticas"

OSÓRIO.

Estamos vivendo época em que o desenvolvimento ou sub-desenvolvimento apaixona corrente de opiniões, as mais/ diversas.

Cobiçamos para nosso País todo progresso e confôrto de que gozam as nações mais evoluidas e que conquistaram essas posições à custa de coragem e muito trabalho.

Não é, pois, como comodismo e grandes empréstimos que conseguiremos a meta do desenvolvimento almejado para/ o nosso Brasil, imenso e rico. Êle precisa do trabalho persistente de todos os seus filhos; porisso não deviamos cogitar, - como está acontecendo, de diminuir os dias de trabalho da semana. Pelo contrário, ainda é necessário um sacrifício maior, -/ com esfôrço e poupança, para alcançarmos a estabilidade almejada.

Admiremos os países europeus que, devastados - pela guerra, souberam aproveitar o valioso auxílio do plano -/ Marshall, para se reerguerem numa posição invejável.

Apreciemos os Estados Unidos da América do Norte, país irmão, que sofreu no passado as nossas dificuldades - atuais, mas que se tornou nação poderosa pelo esfôrço de seu - povo.

Israel, pequeno e perseguido, graças ao patriotismo de seus filhos, soube tirar de sólo árido, progresso e - prosperidade, a ponto de oferecer empréstimos ao nosso "gigante adormecido"...

Se cada brasileiro procurasse com trabalho e - dedicação executar suas obrigações, por modestas que fossem, - esquecendo egoismos e comodidades, poderíamos conseguir o êxito que nações menores e com menos possibilidades obtiveram.

Não cremos nesse nacionalismo que clama por - reforma de estruturas, sem ensinar primeiramente, ao jovem e a criança, o DEVER que tem para com a Pátria e a sociedade.

-continua-

-continuação-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.351

DPF
Fls. Nº 282
Rubrica

-continuação-

Cremos, sim, no patriotismo que confia na vitória do esfôrço comum, que conhece o valor de sua gente não aceita favores sem retribuição e sabe que depende de - nosso esfôrço deixarmos de ser "País de futuro", para nos/ tornarmos uma grande realidade.

="="="="="="="="="="="="="="="=

="="="="="="=

="="=

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.352

SCDP

DPF 283 Confidencial

CARTA dirigida pelo sr. JOÃO MOTTER, Presidente da "Sociedade de São Vicente de Paulo" de Curitiba, ao Sr. Coronel Waldemiro Osvaldo Bianco - Delegado Regional da Polícia Federal.

MINISTÉRIO DE POLÍCIA FEDERAL DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA Serviço de Infor. Divisão de Ordem Política e Social

Curitiba, 25 de outubro de 1.968.

Exmo. Sr. Delegado:

O Conselho Arquidiocesano da Sociedade de São Vicente de Paulo, entidade de fundo religioso e filantrópico, não podia furtar-se ao dever, sobremodo honroso, na pessôa de seu presidente, vir também à presença de V. Excia. Sr. Delegado, para hipotecar sua irrestrita solidariedade às corajosas e patrióticas palavras de veemente condenação, proferidas em entrevista ao "Estado do Paraná", no dia 9 próximo pretérito, no tocante aos espetáculos, flagrantemente imorais e obcenos exibidos, sobretudo no Teatro Oficial do Estado, para o que sabemos que a Cia. Tônia Carrero contou, lamentavelmente, com polpuda e régia subvenção do poder público.

É de estarrecer que os cofres públicos do Estado, manipulados pelos nossos governantes se prestem a tão abjetos fins, colaborando na prática da degradação dos costumes, incidindo em crime previsto pelo nosso Código Penal Brasileiro, cujos dispositivos desnecessário será citá-los, eis que são de perfeito conhecimento de V. Excia.

Não podia ter sido mais oportuno e valioso, portanto, o procedimento de V. Excia., Sr. Delegado, tutelando e patrocinando, corajosamente, a mais sagrada causa da sociedade paranaense, que contrai com V. Excia., nessa conjuntura, uma dívida irresgatável.

Interpretando, assim, o pensamento da população católica, em particular, e de tôdas as famílias honradas curitibanas, em geral, integrantes desta briosa sociedade de elevados sentimentos de religiosidade, louvamos e aplaudimos, respeitosa e ordenadamente, a desassombrada e corajosa atitude assumida por V. Excia. na defêsa da moralidade pública e do decôro social.

Atenciosamente,

(a). JOÃO MOTTER - Presidente.

30|10|68.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.353

8

DPF
DPDP
284
C

Service de Inform. de Ordem Política e Social

CÓPIA

FEDERAÇÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DE CURITIBA

Of. nº 4/68 Curitiba, 5 de março de 1968

Sr. Delegado.

Nós, membros da Federação das Congregações Marianas de Curitiba - entidade que representa a cúpula do laicato católico, nomeados pelo Exmo. e Rvmo. Sr. Arcebispo, nos sentimos no dever - de dar nosso integral e decidido apôio à censura que vem sendo feita contra a pornografia e a licenciosidade, nos teatros e cinemas.

Essa atitude definida e de solidariedade é uma decorrência lógica dos princípios que adotamos, na defesa da Moral - da Família brasileira, cujo santuário não pode e não deve ser profanado pela desfaçatez, pelo descaramento da apresentação de figuras indecentes e, como verberou o Eminentíssimo Senhor Cardeal Dom Jaime Câmara, pela exibição de "histórias excitantes da pornografia e do vício".

Assim, estamos em perfeita sintonia com o veemente protesto e apêlo enviado à Exma. Sra. D. Yolanda Costa e Silva, - que foi assinado pela fina flor da sociedade paranaense, encabeçada pela distinta Senhora D. Dalila Lacerda, inclusive denunciando a "belchevisação da arte".

Em consequência, com nossos calorosos aplausos a V. Excia., hipotecamos nossa solidariedade, pedindo que seja enviada cópia do presente ao Exmo. Sr. Cel. Florimar Campêlo, D.D. Chefe - do Departamento Federal de Segurança Pública.

Ao ensêjo, apresentamos a V.Excia, e ao D.F.S.P. os nossos protestos do mais alto aprêço e distinta consideração.

Dr. Odenir Muller
PRESIDENTE

Exmo. Sr.
Cel. WALDEMAR OSWALDO BIANCO
D.D. Delegado Federal de Segurança Pública no Paraná.
N/CAPITAL.-
EFR/FFF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, p.354

DPF 285 Rubrica

FEDERAÇÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DE CURITIBA

Curitiba, 15 de outubro de 1968.

Senhor Delegado.

1 - Ao tomarmos conhecimento da entrevista inserida no "Estado do Paraná" do dia 9 do corrente, onde V. S. verbera o abuso do palavrão e condena o "teatro que nenhuma contribuição traz à nossa cultura, mas só se preocupa em/ divulgar a cultuar a imoralidade", como ocorre com "Navalha na carne" e "Dois perdidos numa noite suja", produções de - Plínio Marcos, - manifestamos-lhe irrestrita solidariedade.

2 - Em verdade, o teatro brasileiro está, - presentemente, em franca decadência. Para conseguirem fatu-/ rar, tanto produtores como intérpretes se prestam a tristes/ papéis que solapam as mentes pouco esclarecidas, divulgando/ a maldade e a corrupção, pouco se importando com as funestas consequências que se refletirão no indivíduo e nas famílias, de vez que as peças, em sua esmagadora maioria, não trazem - mensagem alguma.

3 - E se elas retratam a degradação, contribuindo para a corrupção dos costumes, posto que atentatórias à moral, e, não raro, irreverentes às consagradas tradições/ cristãs do povo brasileiro, não vemos outra meta de deturpadores produtores e artistas que não a da preconcebida marcha para a subversão da ordem.

4 - Lamentamos profundamente o estímulo -/ proporcionado pelo Govêrno do Paraná, através do polpudo verba para que a Cia. Tônia Carrero pudesse levar a efeito, no/ recinto do "Teatro Oficial do Estado", a imoralíssima peça - "navalha na carne", - a despeito de numerosos protestos de - pessoas e entidades de bem, desta Capital.

5 - Portanto, além de nossa irrestrita solidariedade, aplaudimos a enérgica e patriótica manifestação - de V.S. em tôrno do degradante episódio que se desenrola dos palcos para as platéias do teatro brasileiro, - onde, cada - vez mais, se procura denegrir o civismo e as virtudes cristãs de nossa gente.

Atenciosas saudações.

a.- Odenir Muller -Presidente - Pe. Frei Fidélis Vering -Assist.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.355

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DPF
DCDR
Fls. N.º 286
Rubrica

10

O processo anterior, de nº 58871/67.
foi remetido à Dep. Pol. Federal
em 28 de 7 de 1967
Haydcelu

Dado o tempo decorrido, solicito ao S.C.-B informar o que consta a respeito do processo anterior.

SECRETARIA GERAL
Divisão de Coordenação Processual
Em 5 de 10 de 1970
Lenea Gastão de Faria
DIRETOR

Em busca realizada em nossos fichários constatamos que o processo nº 58.871/67. está com carga para o DEP/Pol/Federal, em 28-7-67.
SC-B-8-10-70

Restitua-se à Secretaria Geral - DCP.
SCB. 9.10.70
Haydcelu Machado
Assistente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 356

Processo MJ-63 568-68

Face à informação retro,
encaminhe-se êste ao Departamento
de Polícia Federal.

SECRETARIA GERAL
Em 11 de maio de 19 71.
PAUL ARMANDO MENDES
Secretário Geral

jap.

DPF DA SRA
Recebido 20 / 5 / 71

Informação-SRA=DPF

O proc. 58871-67-MJ, foi protocolado neste Departamento, sob nº 21505-67-SRA, encaminhado ao S C D P em, 27.9.67, guia 7158.

Em, 21.5.71
Daniel Norberto

Arquive-se.

Gonçalves
Ch. SCPB
11.8.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.357

DPF DCP Fls. N.º 287 Rubrica

RELATÓRIO Nº 05/SIS/SDR/PB/TCDP JOÃO PESSÔA, 16 /12/1969.

: FISCAL ELÁDIO FERREIRA DO NASCIMENTO

: SR. DR. DELEGADO

: RELATÓRIO (FAZ)

SR. DELEGADO:

Dando cumprimento ao constante do Mem. nº 31[illegible] TCTC, de 25/11/69, do Chefe do SCDP, comunico que em 16/12/69, às 10,00 ho[illegible]ras, no Teatro Municipal em Campina Grande - Paraiba, assisti ao ensaio ge[illegible]ral da peça teatral " NAVALHA NA CARNE ", de autoria de Plinio Marcos Barbo[illegible]sa, levado a cabo pelo "GRUPO RAUL PRUDTON".

Estiveram em cena os seguintes atôres (todos amadores) : ALZIRA LUCENA DE PANIA (NEUSA), FLORISMAR GOMES DE MELO (VAD[illegible] e WASGNITON MATIAS DE AQUINO (VELUDO).

Cumpridas as prescrições regulamentares, soli[illegible]cito seja o presente relatório, encaminhado ao SCDP, em Brasília, a fim de que possamos entregar a documentação, que dar-se-a após radiograma do SCDP salvo melhor juizo.

Para diligência em causa, foi utilizada a vi[illegible]tura JEEP nº 9832 -PB., conduzida pelo Motorista Policial, Hilzeu Gomes Pe[illegible]reira, o que foi realizada, sem qualquer anormalidades .

ELÁDIO FERREIRA DO NASCIMENTO
AG. AUX. DE POL. FEDERAL
ENCARREGADO DA T.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.358

DPF
DCDP
Fls: N.º 288
Rubrica

Sr. Chefe do SCDP:

Através do memorando nº 318-TCTC, de 25-11-69, êste Serviço de Censura encaminhou à SDR/PARAÍBA, scripts e certificados da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", solicitando fôsse assistido o ensaio geral e, posteriormente, enviado o respectivo relatório.

Em atendimento ao referido memorando, equivocadamente, ao Serviço de Operações dêste Departamento, o relatório nº 005/SPS/SDR/PB (anexo) do Fiscal Eládio Ferreira do Nascimento, datado de 16/12/1969, data ainda hábil.

Sòmente a 30/6/1970, ou seja seis meses após, é que foi, o aludido relatório enviado à Divisão de Operações, através do memorando nº 291, do SO, chegando ao conhecimento desta Chefia a 02/07/1970.

Tal fato motivou a não expedição do radiograma autorizando a entrega da documentação à parte interessada, até esta data, resultando daí, prejúizos para esta e, consequentemente, má repercussão para o bom nome dêste órgão em áreas externas.

Nestas condições, sugerimos a V.Sª., seja remetido o expediente anexo ao Serviço de Operações, através dos canais competentes, para que se esclareça os motivos de tal morosidade.

SC-SCDP, 06 de julho de 1 970

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
Chefe da Seção de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.359

grupo união

São Paulo, 24 de junho de 1969

Exmo. Sr.
Aloysio Muhlethaler de Souza
Chefe do S.C.D.P. do Departamento de Polícia Federal
Brasília

E. 4/7/69
Rd informando
o necessário p/ recebimento
pessoal

Edgard Gurgel Aranha, abaixo-assinado, representando nêste ato a Sociedade Civil Cultural - Grupo União, vem mui respeitosamente requerer a V.S. se digne solicitar emissão de novo Certificado de Censura para a peça "Navalha na Carne" de Plinio Marcos, representada por êste Grupo desde 1968.

Tal solicitação é feita, tendo em vista expirar-se o prazo do Certificado de Censura nº 502/68, em 6/8/69, expedido por V.S. para a referida peça.

Nêstes termos,

P. Deferimento

Edgard Gurgel Aranha

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 2432
Em 01/07/1969
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

sociedade civil cultural grupo união

DPF
Fls. N.º 290
Rubrica

DPF
DCDB
Fls. N.º 292
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 360

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.361

GEN. SILVIO CORRÊA DE ANDRADE
DELEGADO REGIONAL DO DPF/SP

339 4 7 68 SOLICITO INFORMAR SENHOR EDGARD GURGEL ARANHA VG SOCIEDADE CIVIL CULTURAL GRUPO UNIÃO VG TERÁ QUE REMETER ÊSTE SCDP REQUERIMENTO VG TRÊS SCRIPTS ET AUTORIZAÇÃO AUTOR PEÇA " NAVALHA NA CARNER" VG PARA RECENSURA PT SDS WILSON DE QUEIROZ GARCIA CHEFE DO SCDP SUBSTITUTO

DPF Rubrica Fls. N.º 191

SUBST.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.362

DPF
DCDP
Fls. N.º 293
Rubrica

edgard gurgel aranha

São Paulo, 17 de fevereiro de 1970

Exmo. Sr.
Dr. Wilson ªAguiar
Chefe do S.C.D.P.
Departamento de Policia Federal
Brasilia

Edgard Gurgel Aranha, abaixo-assinado, representante da Sociedade Civil Cultural Grupo União, - vem mui respeitosamente requerer de V.Sa. a Re-Censura da peça "Navalha na Carne " de Plinio Marcos, conforme solicitação dêsse Departamento em recente portaria baixada, - peça esta em cartaz no Teatro Itália, em S. Paulo.

De acôrdo com solicitação dêsse Departamento, estamos anexando 3 (três) vias da peça datilografada.

Nêstes têrmos
P. Deferimento

Edgard ªGurgel Aranha
Sociedade Civil Cultural Grupo União

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.363

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.F.

CERTIFICADO DE CENSURA (2ª VIA)

Nº de Registro 1669/67-SP - LIVRO Nº 2 - PÁGINA Nº 78

Título do PROGRAMA: "NAVALHA NA CARNE" -(prorrogado por mais 6 (seis) meses, por ordem do Sr. Diretor Geral do DPF.)

RESPONSÁVEL: PLÍNIO MARCOS DE BARROS

Aprovado pelo S. C. D. P. PARA MAIORES DE 21 ANOS (VIDE-VERSO)

Validade ATÉ 6 DE SETEMBRO DE 1968 (PROVISÓRIO)...

PROIBIDO PARA MENORES DE 21 ANOS

Certificado de Censura

São Paulo, 05 de MARÇO de 1968

p/ Maria Lygia Bauer Fagundes

CHEFE DO S. C. D. P.

DPF-SAv-7007-PFS.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.364

PEÇA APROVADA DE ACÔRDO COM OS TÊRMOS DO DESPACHO DE 17/08/967, EXARADO PELO SENHOR MINISTRO DA JUSTIÇA, NO PROCESSO Nº MJ-58871/67, COM AS SEGUINTES RESTRIÇÕES:

a) PROIBIÇÃO PARA MENORES DE 21 ANOS;

b) SUPRESSÃO OU SUBSTITUIÇÃO DO TEXTO DAS SEGUINTES PALAVRAS E EXPRESSÕES:

"...fêz ela pegar o esquentamento da outra" - página 3
"porra" - página 4
"porra" - página 6
"porra" - página 7
"miniteiro - página 10
"porra - página 23
"só abrir a perna e faturar" - página 24
"...ficou em cim a de mim mais de duas horas..." - página 27
"porra" - página 31

DCDP Fls. N.º 294 Rubrica

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

São Paulo, 05 de março de 1968

JUDITH DE CASTRO LIMA
CHEFE DA SCF/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.365

DPF
DCDP
Fls. N.º 296
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

..... Em 19 de fevereiro de 1970.

Do: Técnico de Censura Credenciado Tamar Fragoso de Oliveira.

Ao: Sr. Chefe do S.C.D.P.

Assunto Relatório referente a peça teatral (apresenta).

Senhor Chefe:

Cumprindo determinações do Chefe da T.C.T.C., que visa ao procedimento de revisão e comparação da peça tea - tral, intitulada "Navalha Na Carne", original de Plinio Marcos, anteriormente liberada por êste Serviço em acatamento a decisão do Excelentíssimo Senhor Ministro da Justiça e com restrição im posta à menores de 18 anos, contendo ainda a legenda de "têxto pornográfico e vulgar", relato a Vossa Senhoria que a citada pe ça em nada foi modificada no novo "script" remetido a esta Censu ra. Em anexo encaminho parecer sôbre a mesma.

Nada mais tendo a relatar e pondo-me ao intei- ro dispor de Vossa Senhoria, atenciosamente

tamar fragoso de oliveira.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P.366

Sr.Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a pearecer do Censor Credenciado TAMAR FRAGOSO DE OLIVEIRA.

EM, 19-02-70

TCTC-SC-DCDP

ATZTZ
SOLICITAR AO CENSOR QUE SUGIRA OS CORTES NECESSÁRIOS PARA LIBERAÇÃO SEM TEXTO PORNOGRÁFICO.

24.2.70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.369

D.P.F
D.C.D.P.
Fls. N.º 397
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

..... Em: 25/02/70.

Do: Técnico de Cens. Cred. Tamar Fragoso de Oliveira.

Ao: Sr. Chefe da T.C.T.C.

Assunto: Cortes (apresenta).

Ao Sr. Dr. Chefe
Com o parecer.
Solicito que a
presente peça
seja devolvida
pela ordem.
077. 04/3/70

Senhor Chefe:

Para que se possa suprimir a legenda de "têxto pornográfico", referente a peça intitulada "NAVALHA NA CARNE" de autória de Plínio Marcos, a meu ver são necessários os seguintes cortes ou substituições:

Pág. 02 - Puta.
" 03 - Filha da puta e puteiro.
" 04 - Porra, puta senvergonha, sua puta sem calça e puta nojenta.
" 05 - Porra e puto.
" 06 - Porra.
" 07 - Puto (duas vezes).
" 08 - Viado (duas vezes).
" 09 - Filha da puta e puto.
" 10 - Puto.
" 11 - Filho da puta.
" 14 - Viado e puta que te pariu.
" 15 - Puto.
" 16 - Viado.
" 17 - Puteiro e puta,s (três vezes).
" 18,- Puta (três vezes), porra e viado.
" 19 - Só abrir as pernas e faturar, e filho da puta.
" 20 - Puta (qutro vezes), ficou em cima de mim mais de duas horas e filho da puta.
" 21 - Puta, porra e putaria.
" 22 - Puta.
" 23 - Filho da puta.
" 24 - Porra.

Exclareço ainda que, apesar de se suprimir a legenda "têxto pornográfico", a peça não deixará de ser vulgar.

Nada mais tendo o que acrescentar e pondo ao dispor desta Chefia, cordialmente

tamar fragoso de oliveira.

R. 55-TCTC

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

DEP. [illegible] G. PUBLICA
SERVIÇO [illegible] COMUNICAÇÕES
SETOR [illegible] CENTRO DE MENSAGENS
Recebido 4/3/70 Hr 0925
Encaminhado -/-/- Hr -
AS-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.368

DRSP

55-TCTC 03 03 70

SOL COM SR EDGAR GURGEL ARANHA VG REPRESENTANTE DA SOC CIVIL CULTURAL GRUPO UNIÃO VG MESMO TERAH REM SCRIPTS PEÇA ASPAS NAVALHA NA CARNE ASPAS DE ACORDO COM O DECRETO LEI 1.077/70 PT SDS CH SCDP

DPF DSI Fls. Nº 298 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.369

DPF DCDP Fls. N.º 299 Rubrica

D.F.S.P. 010993 31 MAR 70

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL 278/70 S.C.D.P 1/4/70

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Of. nº 38/70-TCDP/SP — Em, 24 de março de 1970.

Do: Delegado Regional do DPF/DR/SP
Ao: Exmo. Sr. Gen. Diretor-Geral do D.P.F.
Assunto: Textos de peça teatral (Encaminha)

SCDP 31/3/70

Sr. Diretor-Geral:

Consoante radiograma nº 63-TCTC, de 10/03/70, a esta DR, com êste, encaminho a V.Exª. para as devidas providências, 3 (três) textos da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plinio Marcos, a fim de ser recensurada pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas.

Na oportunidade, renovo a V.Exª. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

GEN. DENIZART SOARES DE OLIVEIRA
DELEGADO REGIONAL
Del Reg.

ORA. DA. D.F.S.P. RECEBIDO EM 31/3/70

Exmo. Sr.
Gen. WALTER PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE
DD. Diretor Geral do D.P.F.
Brasília /D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.370

DPF
DCDP
Fls. N.º 300
Rubrica

São Paulo, 23 de Março de 1970

De Alvaro Adamo, Técnico de Censura 130-SP

Ao Chefe da T.C.D.P. de São Paulo.

Enviar para Brasília.
S.P. 24/3/70

Cumprindo determinações de V.S., dirigi-me ao Teatro Italia, onde procurei cumprir as determinações de Brasília, conforme telex de nº 1422.

Fui informado pela parte interessada já ter enviado novos têxtos para Brasília, com os cortes - conforme entendimentos com o Prof. Wilson e Sr. Monte Bello.

Mas, para não haver mais duvidas, solicitei dos mesmos, novos têxtos as quais junto a êste para serem enviadas ao S.C.D.P.

E o que me cumpre informar.

Alvaro Adamo - T.Censura 130-SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.371

DPF
DCDP
Fls. N.º 304
Rubrica

grupo união

São Paulo, 20 de março de 1.970.

Exmo. Snr.
Dr. Wilson Aguiar.
Chefe do S.C.D.P.
BRASILIA

Prezado Senhor:

Atendendo a solicitação de V.Sa. estamos encaminhando os tres textos da peça NAVALHA NA CARNE de Plinio Marcos, para ser reecensurada.

No aguardo de breve resposta de V.Sa., subscrevemo-nos,

Cordialmente.

SOCIEDADE CIVIL CULTURAL GRUPO UNIÃO

EDGARD GURGEL ARANHA-repres.
Soc. Civil Cult.Grupo União.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.372

DPF
DCDP
Fls. Nº 302
Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PORTARIA Nº 030/72-DCDP Brasília, 09 de junho de 1972

O DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 176 do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965,

R E S O L V E:

Proibir a apresentação, em todo o território nacional, da peça "A NAVALHA NA CARNE", de Plínio Marcos, de acordo com os artigos 1º e 7º do Decreto-lei nº 1.077, de 1970, e artigo 20 do Decreto nº 69.845, de 27 de dezembro de 1971.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P-373

DPF DSDP Fls. N.º 303 Rubrica

Pôrto Alegre, 13 de agosto de 197 0.

DEPARTAMENTO POLÍCIA FEDERAL 1382/70 S.C.O.P. 21/8/70

AO CHEFE DA TURMA DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL
ED- BNDE - BRASÍLIA

O TEATRO ALDEIA 2, sito a rua sto Antonio 610, PA-RS- , vem por meio deste solicitar a liberação da peça de PLINIO MARCOS- "NAVALHA NA CARNE", peça esta já liberada o ano passado para todo o Brasil, para o filme de produção de Jece Valadão.

Contando com a compreensão deste departamento, e - com a atenção respeitosa que sempre foi mantida por ambas as partes, acreditamos poder contar com a liberação no prazo previsto.

atenciosamente.

Simone Fontoura

P/TEATRO ALDEIA 2 - SIMONE FONTOURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.374

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 304
Rubrica

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

Departamento de Polícia Federal
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES
S. R. - CMG
Recebido em 2 / 9 / 70 às 14:45
Encaminhado a:
Em / / às
Rubrica:

TCDP-DR/RS

175-TCTC 02 09 70

SOLICITO ENTRAR CONTACTO SIMONE FONTOURA VG TEATRO ALDEIA VG RUA SANTO ANTONIO VG 610 VG ESCLARECENDO DEVERAH PROVIDENCIAR REMESSA ÊSTE SERVIÇO VG COMPROVANTES DIREITOS AUTORAIS PEÇA TEATRAL ASPAS NAVALHA NA CARNE ASPAS VG AUTORIA PLINIO MARCOS VG SEM QUE A MESMA NÃO PODERAH SER CENSURADA PT SDS CH SCDP.

Respondido
Chefia SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.375

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DSDP
Fls. N.º 305
Rubrica

Departamento de Polícia Federal
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES
S. Q - CMG
Recebido em 2 9 / 70 às 14h15
Encaminhado a:
/ / às
Rubrica:

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

TCDP-DR/RS

175-TCTC 02 09 70

SOLICITO ENTRAR CONTACTO SIMONE FONTOURA VG TEATRO ALDEIA VG RUA SANTO ANTONIO VG 610 VG ESCLARECENDO DEVERAH PROVIDENCIAR REMESSA ÊSTE SERVIÇO VG COMPROVANTES DIREITOS AUTORAIS PEÇA TEATRAL ASPAS NAVALHA NA CARNE ASPAS VG AUTORIA PLINIO MARCOS VG SEM QUE A MESM NÃO PODERAH SER CENSURADA PT SDS CH SCDP.

Fernando
Responsável
Chefia SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.376

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
D.C.P.
Fls. N.º 306
Rubrica

COPIA PARA CONTRÔLE DO D. C. T.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.337

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DSDP
Fls. N.º 308
Rubrica

MEM.º N.º 641/70
Data 16/9/70

Do CHEFE DO SCDP.

Para SR. CHEFE DA TCDP-DR/RS

Assunto: PROVIDÊNCIAS /SOLICITA/

SR. CHEFE,

SOLICITO AS SUAS PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE QUE ENTRE EM CONTACTO COM A SRA. SIMONE FONTOURA, R. SANTO ANTONIO, 610, ESCLARECENDO-LHE QUE PODERÁ, QUERENDO, FAZER SUBSTITUIÇÕES OU SUPRESSÕES NOS TRECHOS ASSINALADOS NOS SCRIPTA ANEXOS DA PEÇA TETRAL /A NAVALHA NA CARNE/, JULGADOS INCONVENIENTES POR ÊSTE SERVIÇO.

APÓS ESSAS PROVIDÊNCIAS, OS TEXTOS PODERÃO / SER REENVIADOS PARA UMA NOVA APRECIAÇÃO.

ATENCIOSAMENTE,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,1378

DPF
DCDP
Fls. N.º 309
Rubrica

EXMO. SNR.
DIRETOR DA S.C.D.P.
BRASILIA - D.F.

O grupo "TEASSO", pretendendo encenar no Teatro da Associação dos Empregados do Comércio, sito à rua Visconde do Rio Branco nº 196, em Taubaté, Estado de São Paulo, vem mui respeitosamente requerer a V.Excia. / que se digne mandar proceder a censura da peça "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plinio Marcos, com a urgência / que fôr possivel, visto estar programada a sua apresentação para concorrer ao VIII Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo.

NESTES TÊRMOS,

P. DEFERIMENTO.

Taubaté, 11 de Setembro de 1970

POR "TEASSO" - DÉCIO SILVA AZEVEDO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.379

DPF
Fls. N.º 310
Rubrica

EXMO. SNR.
DIRETOR DA S.C.D.P.
BRASILIA - D.F.

O grupo "TEASSO", pretendendo encenar no Teatro da Associação dos Empregados do Comércio, sito à rua Visconde do Rio Branco nº 196, em Taubaté, Estado de São Paulo, vem mui respeitosamente requerer a V.Excia. / que se digne mandar proceder a censura da peça "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plinio Marcos, com a urgência / que fôr possivel, visto estar programada a sua apresentação para concorrer ao VIII Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo.

NESTES TÊRMOS,

P. DEFERIMENTO.

Taubaté, 11 de Setembro de 1970

POR "TEASSO" - DÉCIO SILVA AZEVEDO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.380

DPF Fls. N.º 31 Rubrica

EXMO. SNR.
DIRETOR DA S.C.D.P.
BRASILIA - D.F.

O grupo "TEASSO", pretendendo encenar no Teatro da Associação dos Empregados do Comércio, sito à rua Visconde do Rio Branco nº 196, em Taubaté, Estado de São Paulo, vem mui respeitosamente requerer a V.Excia. / que se digne mandar proceder a censura da peça "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plinio Marcos, com a urgência / que fôr possivel, visto estar programada a sua apresentação para concorrer ao VIII Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo.

NESTES TÊRMOS,

P. DEFERIMENTO.

Taubaté, 11 de Setembro de 1970

POR "TEASSO" - DÉCIO SILVA AZEVEDO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.381

DPF
SCDP
Fls. N.º 315
Rubrica

Ilhéus, 15 de Dezembro de 1970

AO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DE BRASÍLIA.

EXMOS. Sr. Chefe do SCDP/DPF

Prezado Senhor:

O Grupo de Teatro Hargreaves de Ilhéus, vem mui respeitosamente, solicitar de V.Exa,, a Censura da peça de Plínio Marcos "Navalha na Carne, espectáculo em apenas um ato.

Certos, de contarmas mais uma vêz, com a presteza dêste Departamento, enviamos a referida peça, em três vias de igual teôr, e agradecemos dêsde já, atenciosamente.

DAGOBERTO HARGREAVES

Diretor do Grupo de Teatro Hargreaves

Anexo: 3 vias de igual teôr da peça de Plínio Marcos "Navalha na Carne".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.382

Fls. N.º 316
Rubrica

Ilhéus, 15 de Dezembro de 1970

AO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DE BRASÍLIA.

EXMOS. Sr. Chefe do SCDP/DPF

Prezado Senhor:

O Grupo de Teatro Hargreaves de Ilhéus, vem mui respeitosamente, solicitar de V.Exa,, a Censura da peça de Plínio Marcos "Navalha na Carne, espectáculo em apenas um ato.

Certos, de contarmos mais uma vêz, com a presteza dêste Departamento, enviamos a referida peça, em três vias de igual teôr, e agradecemos dêsde já, atenciosamente.

DAGOBERTO HARGREAVES

Diretor do Grupo de Teatro Hargreaves

Anexo: 3 vias de igual teôr da peça de Plínio Marcos "Navalha na Carne".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,1,P.383

DPF
DSOP
Fls. N.º 317
Rubrica

Ilhéus, 15 de Dezembro de 1970

AO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DE BRASÍLIA.

EXMOS. Sr. Chefe do SCDP/DPF

Prezado Senhor:

O Grupo de Teatro Hargreaves de Ilhéus, vem mui respeitosamente, solicitar de V.Exa., a Censura da peça de Plínio Marcos "Navalha na Carne, espectáculo em apenas um ato.

Certos, de contarmos mais uma vêz, com a presteza dêste Departamento, enviamos a referida peça, em três vias de igual teôr, e agradecemos dêsde já, atenciosamente.

DAGOBERTO HARGREAVES

Diretor do Grupo de Teatro Hargreaves

Anexo: 3 vias de igual teôr da peça de Plínio Marcos "Navalha na Carne".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.384

M.J.- DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SCDP

DPF
DCDP
Fls. N.º 348
Rubrica

DO- TECNICO DE CENSURA LUIZ CARLOS MELO AUCELIO
PARA- CHEFE DE SERVIÇO E DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF
ASSUNTO- PARECER * FAZ *

BRASILIA, 09 DE JANEIRO DE 1 971

TRATA A PEÇA * NAVALHA NA CARNE * DE UM TEMA JÁ POR SÍ DEGRADANTE, A PROSTITUIÇÃO.

O AUTOR, SE DETEM NAS PARTES NEGATIVAS DO PROBLEMA, DEIXANDO O LADO SOCIAL DE LADO. O TEMA, JÁ POR DEMAIS EXPLORADO PORÉM, NOTA-SE A PREOCUPAÇÃO EM CHOCAR O PÚBLICO, COM A NEGATIVIDADE / TOTAL DO TEMA, NÃO APRESENTANDO SOLUÇÃO NEM MESMO UMA POSSÍVEL MENSAGEM DE PROVEITO.

TRATA A PEÇA DE UM ASSUNTO COMPLETAMENTE CONTRARIA AOS PRINCÍPIOS E LUTAS ENCETADAS PELAS AUTORIDADES CONSTITUIDAS, OU SEJA A PROSTITUIÇÃO, O TÓXICO E O HOMOSEXUALISMO.

BASEADO NAS DIRETRIZES E DESEJOS DAS AUTORIDADES QUE EM BOA HORA, RESOLVERAM COMBATER INTELIGENTEMENTE OS PROBLEMAS JÁ DITOS ANTERIORMENTE, ATRAVÉS DE UMA CAMPANHA PUBLICITÁRIA E EDUCATIVA / JULGAMOS ENTRAR EM CHOQUES COM ESTA LIBERANDO A PRESENTE PEÇA.

SUGERIMOS A ESSA CHEFIA A INTERDIÇÃO DA PEÇA EM FOCO, POR TRAZER UMA MENSAGEM ALTAMENTE NEGATIVA E POR TRATAR DE UM TEMA SOCIAL DE UMA FORMA A NÃO TRAZER NADA QUE POSSA BEM ORIENTAR OU MESMO / AJUDAR A CONCLUIR A SOCIEDADE.

LUIZ CARLOS MELO AUCELIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.385

DPF
DP
Fls. N.º 321
Rubrica

Ilmº Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do DPF.
Brasília - Df.

Reynaldo Faray Coêlho, brasileiro, solteiro, natu-/ ral do Maranhão, residente a rua Tasso Fragoso, Conj. ELCA, casa 4, ba irro de Fátima, Funcionario público, cárteira de Identidade Nº 53445, vem mui respeitosamente solicitar de V. Sia. a Censura prévia da peça teatral denominada "A NAVALHA NA CARNE" de autoria de Plínio Marços,/ em anexo, 3(tres) scripts, e a autorização do SBAT.

Nestes Termos

Espera Deferimento.

São Luiz Maranhão, 19 de Março de 1971.

Reynaldo Faray Coelho.
RESPONSÁVEL

End: Rua Tasso Fragoso, Conjunto ELCA, Casa Nº 4.
Bairro de Fátima - São Luiz - Maranhão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.386

DPF
DCDP
Fls. N.º
Rubrica

Ilmº Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do DPF.
Brasília - Df.

Reynaldo Faray Coêlho, brasileiro, solteiro, natural do Maranhão, residente a rua Tasso Fragoso, Conj. ELCA, casa 4, bairro de Fátima, Funcionario publico, cárteira de Identidade Nº 53445, vem mui respeitosamente solicitar de V. Sia. a Censura previa da peça teatral denominada "A NAVALHA NA CARNE" de autoria de Plínio Marços, em anexo, 3(tres) scripts, e a autorização do SBAT.

Nestes Termos

Espera Deferimento.

São Luiz Maranhão, 19 de Março de 1971.

Reynaldo Faray Coelho.
RESPONSÁVEL

End: Rua Tasso Fragoso, Conjunto ELCA, Casa Nº 4.
Bairro de Fatima - São Luiz - Maranhão.

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto
— de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores.
— de Paris. —

DPF
DFANBSB
Fls. N.º 322
Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007, P.387

Direitos de Representação Autorização Nº 199903

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "A Navalha na Cara"

Original de Plínio Marcos

Música de

Tradução de

No Teatro Artur Azevedo Cidade São Paulo

Emprêsa Seminário Permanente de Teatro Pela Cia.

nos dias Espetáculo de Libertação em Brasília

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ .....por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados em moeda corrente.

São Paulo, 29 de Janeiro de 1971

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.388

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P-389

DOLORES COSTA BASTOS

RUA TONELEROS, 180, AP. 103, RIO DE JANEIRO, GB
Inscrição no Cadastro Geral de Contribuintes (M.F.) n.º 33.654.617
Inscrição no Cadastro Fiscal - GB n.º 400.263.00

15 MAI 1058 22148

DPF DCDP Fls. N.º 325 Rubrica

Excelentíssimo Senhor Chefe da Censura Federal

A Emprêsa DOLORES COSTA BASTOS, vem por intermédio de seu presidente no final Assinado, solicitar nova CERTIFICADO, de Censura para a Peça "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plinio Marcos juntando para isso (3) três Cópias em anéxo, conforme determina a lei vigente. O presente espetáculo tem estréia marcada para o dia 20 de Maio de 1972, no Teatro das Nações.

NÈSTES TÈRMOS

P/ Deferimento

São Paulo, 28 de Abril de 1972

Dolores Costa Bastos
(Dercy Gonçalves)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 390

DPF
DCDP
Fls. N.º 326
Rubrica

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 — Nº 34795

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Wallhalla na Carne

Original de Plinio Marcos

Música de

Tradução de

No Teatro Das Nações Cidade S. Paulo

Emprêsa Dulcina Cotta Barbosa Pela Cia. Cenários de Peças

nos dias 25 a 29

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % ..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo, 25 de Abril de 1970

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Autorização

EMANUELE PULVIRENTI

(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.39

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.392

DPF
Fls. Nº 327
Rubrica

EM BRANCO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.303

Campo Grande Mt, 29 de maio de 1972.

-6 JUN 1132 25711
BSB
RECEBIDO POR

DPF
Fls. 329
Rubrica

Prezado Senhor,

Venho por meio deste levar-lhe o requerimento sobre o meu pedido de censura a peça de Plinio Marcos, "Navalha na Carne", junto com esta segue o comprovante da "Sbat", sendo que paguei o direito autoral da mesma peça citada acima.

Navalha na Carne, peça conhecida em quase todo o Brasil, contem apenas um ato, sendo sua duração de quase duas horas. O Script anexo é autentico a sua copia original, ou seja publicada em livro.

A peça contém três personagens sendo a história passada em um bordel tendo os atôres vivendo respctivamente os papés de pederasta, uma prostituta e um gigolô. Sem mais aguardando sua amavel atenção subscrevo-me mui atenciosamente.

João Carlos Vila

João Carlos Vila

NOME: JOÃO CARLOS VILA
PSEUDONIMO: VILA ALVES
ENDEREÇO: RUA XV DE NOVEMBRO: 1.112.
FONE: 4-36-53
CAMPO GRANDE- MT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007, P.394

DPF
Fls. 330
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação — Autorização Nº 209034

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de -1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

A Navalha na Carne

Original de Plínio Marcos

Música de —

Tradução de o mesmo

No Teatro Clube Libanês Cidade Campo Grande

nos dias "sine - die"

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.395

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n. 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções ai realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realisarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.346 "A NAVALHA NA CARNE".

DPF 331 Rubrica

ORIGINAL: DE PLINIO MARCOS.

CENARIO: UM sordido quarto de hotel de quinta classe. Um guarda roupa bem velho, com espelho de corpo inteiro, uma cama de casal, um criado-mudo, uma cadeira velha, são os moveis do quarto.

Elenco. Neusa Sueli, Vado, e Veludo.

Nusa. Oi, você esta ai?

Vado. Que você acha?

Neusa. É que você nunca chega tão cedo.

Vado. Não cheguei, sua vaca, ainda nem sai.

Neusa. Tá doente?

[redacted]do. Doente o cacete.

[redacted]eusa. Não precisa se zangar, só perguntei, por perguntar. Não estou secando nin[redacted] guem.

Vado. Mas pode ficar sabendo que estou com o ôvo virado.

Neusa. Por que, meu bem?

Vado. Não sabe, né?

Neusa. Não sou adivinhona.

Vado. Quer bancar a engraçada? Vou te encher a lata de alegria, esta gostando?

Neusa. Pôxa, você esta me machucando.

Vado. Você ainda não viu nada, sua miseravel.

[redacted]eusa. Ai, não te fiz nada.

[redacted]ado. Não fez? Sua filha de uma cadela?

Neusa. Que eu te fiz?

Vado. Quer se fingir de boba?

Neusa. Ai, ai, juro que não sei.

Vado. Sabe por que eu não sai hoje?

Neusa. Sua cabeça é seu guia.

Vado. Pois é, né?

Neusa. Eu não prendo ninguem.

Vado. Já lembrou o que me aprontou, sua nojenta?

Neusa. Você esta é com onda.

Vado. Quer criar caso? Pode ficar certa que outra presepada, que você me arrumar não vai ser mole pra você. Sua porca, quem pensa que sou? Um trouxa qualquer? Assim você aprende a não querer bancar a babida comigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.397

LUX
JORNAL

98

DIÁRIO OFICIAL
BRASÍLIA — D. FEDERAL

20 JUN. 1972

BOEING DA VASP: O jato que melhor conhece o Brasil.
Serve tôdas as principais capitais do país.

DPF
DSDP
Fls. N.º 333
Rubrica

Junte-se aos processos
em 29/06/72

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
280
Serviço de Censura de Diversões Públicas

PORTARIAS DE 9 DE JUNHO DE 1972

O Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 176 do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965, resolve:

N.º 30 — Proibir a apresentação, em todo o território nacional, da peça "A Navalha na Carne", de Plínio Marcos, de acordo com os artigos 1º e 7.º do Decreto-lei numero 1.077, de 1970, e artigo 20 do Decreto número 69.845, de 27 de dezembro de 1971.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

N.º 31 — Proibir a exibição, em todo o território nacional, do filme intitulado "Panorama Brasileiro", produzido por Francis G. Thalyer, de acordo com o artigo 41, alínea "g", do Decreto número 40.493, de 24 de janeiro de 1946.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

N.º 32 — Revogar a Portaria número 040-71-SCDP, de 19 de agosto de 1971, publicada no *Diário Oficial* do dia 30-8-1971.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação. — *Rogério Nunes*.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071(P.398

LUX
JORNAL

DIÁRIO OFICIAL
BRASÍLIA — D. FEDERAL

20 JUN. 1972

BOEING DA VASP: O jato que melhor conhece o Brasil.
Serve tôdas as principais capitais do país.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Serviço de Relações Públicas

Junte-se aos Srs.

DPF
DCDP
Fls. N. 334
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
280
Serviço de Censura de Diversões Públicas

PORTARIAS DE 9 DE JUNHO DE 1972

O Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Policia Federal no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 176 do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965, resolve:

N.º 30 — Proibir a apresentação, em todo o território nacional, da peça "A Navalha na Carne", de Plínio Marcos, de acordo com os artigos 1º e 7.º do Decreto-lei numero 1.077, de 1970, e artigo 20 do Decreto número 69.845, de 27 de dezembro de 1971.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

N.º 31 — Proibir a exibição, em todo o território nacional, do filme intitulado "Panorama Brasileiro", produzido por Francis G. Thalyer, de acordo com o artigo 41, alínea "g", do Decreto número 40.493, de 24 de janeiro de 1946.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

N.º 32 — Revogar a Portaria número 040-71-SCDP, de 19 de agosto de 1971, publicada no *Diário Oficial* do dia 30-8-1971.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação. — *Rogério Nunes.*

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA ___/___/___
AS _____ HRS.

Assinatura Legível

CONTRÔLE Nº 335

Nº 1509

DPF
Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL — CONTRÔLE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.349

D.P.F.
33227

DE CAMPO GRANDE, MATO GROSOEEEE

DE CAMPO GRANDE, MATO GROSSO, 2º DE JULHO DE 1972
SERVICO DE CENSURA E DIVRSOES PUBLICAS.
DPF-BRASILIA-DF

SOAO CARLOS VILA PEDE A DEVOLUCAO AUTORIZACA O (SBAT), PECA ''NAVALHA NA CARNE''. O MESMO QUER APENAS ''SABAEEE ''SBAT'', OU FICARA' EMPREJUIZO, SE NAO POSSIVEL O ORIGINAL, UMA FOTOCOPIA. B PEDINDEEE PEDINTE ENCENARA' OUTRA PECA NO LUGAR DE ''NAVALHA''.

Ao Arquivo
Forneça-se
fotocópia do
documento
e proceda
se for
preciso

Departamento de Polícia Federal
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES
S.O. - CMG
Recebido em 20 JUL 1972 às 1700
Encaminhado a: DC-DPF
Em ___/___/___ às ___
Rubrica:

VOCES PODEM NOS DAR UMA RESPOSTA ?+?+
DPF A BSB

DPF-SAv. 18.

TELEX

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0891.P00

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF DCDP Fls. N.º 336

MEM.º N.º 41

Data 21.07.72

Do : Chefe da Seção de Arquivo da DCDP

Para : Sr. Chefe da TCTC-DCDP/SR-Campo Grande-MT

Assunto: Encaminhamento (faz)

Senhor Chefe:

Atendendo solicitações com referência aos Telex dos dias 20 e 21 de julho do corrente, estamos encaminhando fotocópia da SBAT, Autorização Nº 209034, com relação à peça teatral "NAVALHA NA CARNE" de autoria de Plínio Marcos, e que deverá ser entregue ao Sr. João Carlos Vila, pseudonimo "Vila Alves", com endereço à Rua XV de Novembro nº 1.112 em Campo Grande-MT.

Atenciosamente

Chefe da Seção de Arquivo da DCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.101

DPF
DCDP
Fls. Nº 337
Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

, 19 de agosto de 1977

420/77-DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

: Informação - presta -

Senhor Superintendente:

Em referência à peça teatral "NAVALHA NA CARNE", do autor Plínio Marcos, este órgão informa:

a) Pela Portaria nº 355/67, de 14/6/67, da Direção-Geral do DPF, publicada no D.O. de 25/6/67, teve proíbida sua encenação, em todo território nacional;

b) Por despacho do Senhor Ministro da Justiça, publicado no D.O. de 25/8/67, a peça foi liberada, com advertência constando do certificado de que se tratava de texto pornográfico.

c) Com o advento do Decreto-lei nº 1077, de 1970, proíbindo as exterionizações contrárias à moral e aos bons costumes, o trabalho foi reexaminado e, por meio da Portaria nº 30/72-DCDP, de 09/6/72, publicado no D.O. de 20/6/72, novamente proíbido, de acordo com o referido diploma legal c/c o Decreto nº 69845/71, que regula a companha antitóxico.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Senhoria meus protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.102

SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
-7 NOV 1432 031159

DPF - SRA
Fl. nº 338
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO nº 7472/79-SCDP/SR/SP Em 06 de novembro de 1979.

DO: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/SR/SP

ENDEREÇO: -------

AO: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas/DPF

ASSUNTO: Expediente (Encaminha)

Senhor Diretor:

Para os devidos fins, incluso ao presente, encaminho a V.Sª. o expediente protocolado neste SCDP sob nº 17.326, em 05/11/79, da CIRCUS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS S/C LTDA., localizada à rua Peixoto Gomide, nº 1967/71, nesta Capital, solicitando, em grau de recurso, a liberação da peça teatral "NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plínio Marcos.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

p/ JOSÉ AUGUSTO COSTA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.103

DPF
DCDP
Fls. N.º 339
Rubrica

CIRCUS

DPF DPF

-5 NOV 1459 17326

RECEBIDO POR:

PRODUÇÕES ARTÍSTICAS S/C LTDA.
Rua Peixoto Gomide nº 1967/71
Tel.: 280-1384 - Cep 01409 - S.P.

Exmo Sr.Dr.
José Vieira Madeira
D.D. Diretor da Divisão de Censura e Diversoes Públicas do DPF/BRASÍLIA.

Prezado Sr:

Odilon Wagner, representante legal da CIRCUS PROD;ART. S/C LTDA,vem pela presente ,em grau de recurso, requerer de V.S. , a liberação da peça teatral "NAVALHA NA CARNE" de autoria de Plínio Marcos.

Considerando que a peça acima citada está proibida há sete anos, que seu autor é considerado um dos mais expressivos de nossa dramarturgia e finalmente que o nosso momento socio-político-cultural, proposto pelo atual govêrno, é de abertura,(fato este comprovado com as recentes liberaçoes de filmes e peças até então proibidas), achamos por bem que este seria o momento propício para uma nova avaliação deste texto, motivo pelo qual contamos com sua valiosa colaboração.

Nestes Termos
P. Deferimento.

São Paulo 05 de novembro de 1979

Odilon Wagner

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007, P.304

DPF
DCDP
Fls. N.º 340
6
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo , 05 de Novembro de 19 79

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça
"NAVALHA NA CARNE "

Original de PLINIO MARCOS
Tradução de
Próxima apresentação de CIRCUS PRODUÇÕES ARTISTICAS S/C LTDA
Teatro ALIANÇA FRANCESA Cidade SÃO PAULO
Estado São Paulo
A estréia está prevista para DEZEMBRO DE 1979

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - S.B.A.T.

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

40 blocos 50x2

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE-0091, P.405

DPF DCDP N.º 343 Rubrica

TEATRO

TÍTULO navalha na Carne

Plínio Marcos

1) ARQUIVO

Clas. Anterior interditada

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 9 / 11 / 79 /

Galina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. Chefe do S.C.

Conforme pareceres de nº 5314 e 5315/79, os srs. téc. de censura que examinaram a presente obra em grau de recurso, opinaram pela liberação: 18 anos.
- a sua consideração

Brasília – DF 20 de Novembro de 1.979

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor da DCDP

Encaminho a matéria em questão para a definição final dessa dúvida

em 04.01.80

Eliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Acompanho os Pareceres dos Srs. T C, pela liberação para maiores de 18 anos, de acordo com as instruções do Sr. Ministro da Justiça

Em 04.1.80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.095.858

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.406

DPF
DCDP
Fls. N.º 344
Rubrica

139/80

"NAVALHA NA CARNE"

PLÍNIO MARCOS

07 JANEIRO 85

07 JANEIRO 80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.107

DPF
DCDP
Cls. N.º 345
Rubrica

07 de janeiro de 1980

Of. nº 019/80-DCDP

SP

7486-7472/79-SCDP/SR/SP

1 - "CADEIRA DE TRIBUNAL", de Gatus Demere.
2 - "NAVALHA NA CARNE", de Plínio Marcos.

Na oportunidade, reitero a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.408

DPF
Fls. Nº 346
Rubrica

26 NOV 1979 033014

FICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 7497/79- SCDP/SR/SP Em 27 de Novembro de 19 79

De ordem
ao Agente.
p/ os procedimentos
Em 29.11.79

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is): "COM MULHER É DE COLHER", de Cintia Grays; "NAVALHA NA CARNE", de Plinio Marcos; "BOLIVAR QUETZALCOATL", de Miroel Silveira; / "MEDO, NÃO!", de Frei Antonio; "TEM CUSCUZ NO MENÚ", de Cintia Grays e "NÓ CEGO", de Carlos Vereza.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

DRAUZIO SEIMAN DORNELLAS COELHO
CHEFE DO SCDP/SR/SP
Em Exercício

Ao Ilmo. Sr.
DR. José Vieira Madeira
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.09

DPF
DCDP
Fls. N.º 367
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

São Paulo , 05 de Novembro de 19 79

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça
"NAVALHA NA CARNE "

Original de PLINIO MARCOS
Tradução de
Próxima apresentação de CIRCUS PRODUÇÕES ARTISTICAS S/C LTDA
Teatro ALIANÇA FRANCESA Cidade SÃO PAULO
Estado São Paulo
A estréia está prevista para DEZEMBRO DE 1979

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - S.B.A.T. - Rio

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.410

DPF DSP Fls. N.º 348 Rubrica

CIRCUS DPF DPF

-5 NOV 1459 17326

RECEBIDO POR:

PRODUÇÕES ARTÍSTICAS S/C LTDA.
Rua Peixoto Gomide nº 1967/71
Tel.: 280-1384 - Cep 01409 - S.P.

Exmo Sr.Dr.
José Vieira Madeira
D.D. Diretor da Divisão de Censura e Diversoes Públicas do DPF/BRASÍLIA.

Prezado Sr:

Odilon Wagner, representante legal da CIRCUS PROD;ART. S/C LTDA,vem pela presente ,em grau de recurso, requerer de V.S. , a liberação da peça teatral "NAVALHA NA CARNE" de autoria de Plínio Marcos.

Considerando que a peça acima citada está proibida há sete anos, que seu autor é considerado um dos mais expressivos de nossa dramarturgia e finalmente que o nosso momento socio-político-cultural, proposto pelo atual govêrno, é de abertura,(fato este comprovado com as recentes liberaçoes de filmes e peças até então proibidas), achamos por bem que este seria o momento propício para uma nova avaliação deste texto, motivo pelo qual contamos com sua valiosa colaboração.

Nestes Termos
P. Deferimento.

São Paulo 05 de novembro de 1979

Odilon Wagner

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.41

DPF
DCDP
Fls. N.º 353
Rubrica

TEATRO

TÍTULO Navalha na Carne

Plínio Marcos

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 09 / 01 / 80 /

Sabina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio para menores de 18 anos, em cortes. ao exame do ensaio geral.

Obs.: consta Ensaio Geral

Brasília - 09 de janeiro de 1980

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE
na forma do paracer
Em, 01 / 01 / 1980

Gliel José [illegible]
Matr. 2 095 6[illegible]

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.412

FICHADO S.A. DCDP

SRA/FICHADO

MJ - DPF - SRA/BSB

-7 JAN 1201 80 000507

DPF - SRA Fl. nº 1 Rub.

DPF DP Fls. Nº 354 Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR:

OF. Nº 003/80-SCDP/SR/DPF/AM - Manaus, Em 04 de janeiro de 1.980.

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Amazonas

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Peça teatral (encaminha)

À SCTC em 08.1.80

Senhor Diretor:

Estamos encaminhando a V. Sa., em anexo, para o devido exame por essa DCDP, três vias do texto teatral ("NAVALHA NA CARNE"), de autoria de Plínio Marcos, que deverá ser encenada pelo grupo de teatro amador "TEATRO DE CULTURA POPULAR", desta Capital.

Na oportunidade, renovamos protestos de consideração e elevado apreço.

Bel. AVELINO GAMBIM
Chefe do SCDP/SR/DPF/AM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.413

DPF
DCDP
Fls. N.º 355
Rubrica

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Amazonas.

Álvaro Cordeiro Braga, brasileiro, Carteira de Identidade nº 149.616., residente à Rua Joaquim Sarmento nº 390,' diretor do Teatro de Cultura Popular, vem requerer a V. Sa., liberação do texto teatral "Navalha na Carne", de autoria de Plínio Marcos, para exibição neste mês de janeiro.

Atenciosamente,

Manaus, 02 de janeiro de 1979

Álvaro Cordeiro Braga
Diretor do Teatro C. Popular

MJ - D.P.F. - SR/ - C.D.P.
PR COLO Nº 00180
DATA 03/01/80 HORA 15:15
Prometido p. Hora h

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.719

DPF
DCDP
Fls. N.º 356
Rubrica

TEATRO

TÍTULO navalha na carne

Plínio Marcos

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça Manaus - AM

Obs.:

DF. 16 / 01 / 80 /

Fabiana N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio para menores de 18 anos, sem cortes, condicionado ao exame do ensaio

Obs.: confronto

Brasília-DF, 22 de janeiro de 1980

Nelle Prudente Carvalhedo
Mat. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do paracer
Em, 24 / 01 / 1980

Eliel José de Sousa
Mat. 2 095 668

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.415

DPF
DCDP
Fls. N.º 359
Rubrica

089/80-DCDP 24/01 80

Superintendente Regional do DPF no Amazonas

"NAVALHA NA CARNE"

Plínio Marcos

Superintendente:

MANAUS-AM

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.416

NAVALHA NA CARNE

PLÍNIO MARCOS

ÁLVARO CORDEIRO BRAGA (MANAUS-AM)

24 JANEIRO 80

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

24 JANEIRO 80

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.417

DPF
DCDP
Fls. N.º 558
Rubrica

139

NAVALHA NA CARNE

PLÍNIO MARCOS

24 JANEIRO 85

24 JANEIRO 80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.418

DPF
DCDP
Fls. N.º 560
Rubrica

MJ - DPF - DCDP - SCDP
25 AGO 1983 006953

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR _____

OFÍCIO nº 5762/83-SCDP Curitiba, EM, 24 de Agôsto de 1.983

DO Chefe do SCDP/SR/PR

ENDEREÇO SR/DPF/PR

AO Ilma Sra Diretora da DCDP/DPF

ASSUNTO ENCAMINHAMENTO (faz)

Senhora Diretora,

Para expedição do competente Certificado definitivo, estamos encaminhando os Processos referentes/às peças teatrais intituladas " UNS FÊ DE MAIS, OUTROS FÊ DE MENOS " , de Benedito Cândido da Silva, e " NAVALHA NA CARNE ", de Plínio Marcos, ambas liberadas por êste Serviço com impro-/priedade para menores de 18 (dezoito) anos,

Realizado o Ensaio Geral, para a primeira delas o Técnico de Censura sugere impropriedade para menores de 14 (catorze) anos.

De outra parte, e nos termos do Of.nº 0.881/83-SCCon/DCDP de 030683, encaminhamos duas letras musicais liberadas para o Festival ARIZONA a se realizar nesta Capital.

Na oportunidade, renovamos nossos protestos de consideração e estima.

Atenciosamente,

TC Benedito Tomas Filho
Chefe do SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071 P.419



GRUPO ARTÍSTICO ALEGRIA - ALEGRIA

COLASE

TEATRO E DANÇA

Rua Serafina Correa, 2167 - Fones: (0452) 52-1529 e 52-3766
85.900 TOLEDO - PR

DPF
DCDP
Fls. N.º 361
Rubrica

IIMO.SR.CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
FOZ DO IGUAÇÚ = PR.

PREZADO SENHOR

ODECIO JORGE NOGARA, portador da Carteira de Identidade nº 626.434, expedida pela Secretaria Estadual de Segurança Pública do Estado do Paraná, e residente à Rua Serafina Correa, 2167, centro, em Toledo,Pr., na qualidade de coordenador responsável pelo GRUPO ARTISTICO COLASE, sito à Rua Serafina Correa, 2167 em Toledo,Pr., vem mui respeitosamente, REQUERER se digne V.Sa., a conceder liberação de censura para a peça teatral "NAVALHA NA CARNE" do consagrado autor PLINIO MARCOS, que pretendemos levar em cena no municipio de Toledo e região, no decorrer do presente ano.

No aguardo de pronunciamento deste tão nobre departamento de censura, e reiterando nossos protestos de estima e consideração

Atenciosamente

Toledo,Pr. aos 27 de maio de 1 983

Odecio Nogara

Prof.ODECIO JORGE NOGARA

Ilmo.Sr.
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
FOZ DO IGUAÇÚ - Pr.

1- Consulta à DCDP Rol nº 2215
im 150613.
2- Rem WR 773/DCDP 160613

18

MUNDO DA ALEGRIA LTDA.
Moda Infantil e Brinquedos Educativos
Rua Almirante Barroso s/n.º - Fone 52-2644 TOLEDO - PR

FARMÁCIA SANTA LÚCIA LTDA.
a Farmácia da família toledana
Avenida Tiradentes, 220 - Fone 52-1559 TOLEDO - PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.420

DPF
362
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3.º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Foz do Iguaçu, 08 de Junho de 1983.-

ILMO SRA CHEFE DA CENSURA FEDERAL EM FOZ DO IGUAÇU

Pela presente encaminho a Vv Ss para a liberação junto a Censura Federal a Peça // Teatral de PLINIO MARCOS, que tem o titulo de Navalha na Carne .-

Sem mais para o momento

Atenciosamente

6.000 - 6/75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.721

DPF
DCDP
Fls. N.º 363
Rubrica



N A V A L H A N A C A R N E

PLINIO MARCOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.422

DPF
Fls. N.º 364
Rubrica

NAVALHA NA CARNE

PLINIO MARCOS

DEP. DE POL. FEDERAL

PERSONAGENS

VADO - João Albano
NEUSA SUELI - Rosani Nogara
VELUDO - Norberto Fabrício

CENARIO: um sórdido quarto de hotel de quinta classe. Um guarda-roupa bem velho, com espelho de corpo inteiro, uma cama de casal, um criado mudo, uma cadeira velha, são os móveis do quarto.

(ao abrir o pano, Vado está deitado na cama, lendo uma revista em quadrinhos. Entra Neusa Sueli).

Neusa Sueli - Oi, você está aí ?
Vado - Que você acha ?
Neusa Sueli - É que você nunca chega tão cedo.
Vado - Não cheguei, sua vaca ! Ainda nem saí!
Neusa Sueli - Tá doente ?
Vado - Doente, o cacete !
Neusa Sueli - Não precisa se zangar. Só perguntei por perguntar.
Vado - Mas pode ficar sabendo que estou com o ovo virado.
Neusa Sueli - Por que, meu bem ?
Vado - Não sabe, né ?
Neusa Sueli - Não sou adivinhona.
Vado - Quer bancar a engraçada ? Vou te encher a lata de alegria.
(Vado começa a torcer o braço de Neusa Sueli). Gostou ?
Neusa Sueli - Poxa, você está me machucando .
Vado - Você ainda não viu nada, sua miserável !
Neusa Sueli - Ai, não te fiz nada!
Vado - Não fez ? Não fez, sua filha-de-uma-cadela ?
Neusa Sueli - Que foi que eu te fiz ?
Vado - Quer se fingir de boba ?
Neusa Sueli - Ai, ai ! Juro que não sei.
Vado - Sabe por que eu não saí hoje ?
Neusa Sueli - Sua cabeça é meu guia.
Vado - Pois é, né ?
Neusa Sueli - Eu não prendo ninguém .
(Vado empurra Neusa Sueli que cai no chão)
Vado - Já lembrou o que me aprontou, sua nojenta ?
Neusa Sueli - Você está é com onda.
Vado - Quer criar caso ? Pode ficar certa que outra presepada que você me arrumar, não vai ser mole prá você. Sua porca! Quem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.423

DPF DCDP Fls. N.º 365



Quem você pensa que eu sou ? Um trouxa qualquer ? Assim você aprende a não querer bancar a sabida comigo.

Neusa Sueli - Poxa, você me machocou. (levanta-se).

Vado - Assim você se manca.

Neusa Sueli - Abre o jogo de uma vez. O que é que eu te fiz ? Lá foram fazer alguma fofoca de mim prá você, é ? Eu sei quem foi. Você fica entrando no papo daquela vadia lá do 102. Só pode ser ela quem te encheu a cabeça. Pensa que eu não sei ? Ela dá em cima de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode ver ninguém bem. Mas ela vai ver. Comigo não vai ter bafo. Corto a cara dela com gilete.

Vado - Cala essa boca, pombas ! Aquela mulher não tem nada a ver com isso. E você sabe bem.

Neusa Sueli - Ela não me manja, não ! Se ela se assanha pro teu lado, eu engrosso. Olha aqui, Vado, já vou te avisando. Se eu te ver batendo caixa com ela, faço um azar. Você sabe que eu faço mesmo Não estou aqui para ser corneada por uma jogada-fora daquelas.

Vado - Vê se cala essa matraca.

Neusa Sueli - Já vi que você embarcou na dela.

Vado - Quer tomar outro cacete ? Não, né ? Então não me encha o saco. Já estou cabreiro com você. Se espernear, te meto a mão.

Neusa Sueli - Aquela filha-da-puta te enrolou, eu sei. Ela fez assim com o macho da Mariazinha. Caguetou prá ela que ela estava se escamando na viração porque estava prenha. O cara foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou, de tanta porrada que levou. Depois, enquanto a desgraçada se danava no hospital, o sacana ia na leve com a grana da cadela do 102. Também, a Mariazinha é uma trouxa. Saiu do hospital e aceitou o miserável do homem dela de volta

Vado - Ela que tá certa.

Neusa Sueli - Otária é o que ela é.

Vado - Não manjo esse cara da Mariazinha. Mas ele está por dentro

Neusa Sueli - Um paspalhão que ele é. Voltou todo empesteado daquela galinha.

Vado - Conversa.! O sujeito sabe viver.

Neusa Sueli - Sabe viver prá chuchu. Se não fosse a Maria cuidar do miserável, ele se acabava. Entrou no puteiro da cadela a pé e saiu à cavalo.

Vado - Mas ele que pode. Está certo, sim. A mina é gamada, leva no macio. Fez ela pagar o esquentamento da outra.

Neusa Sueli - Maria é uma boba. Comigo não tem disso.

Vado - Quer ver eu te aprontar uma dessas e você me aguentar ? Duvida ? Te faço uma pior e tu me engole. Se duvida, diz. Te apronto uma que não vai ser mole prá ti. Se duvida, te mostro.

Neusa Sueli - Você não tem coragem.

Vado - Não ? Já existe penicilina, boboca! Me limpo fácil. Agora,agora você se estrepa. Pega fama de perebenta, tá lascada. Ninguém mais vai querer. Nem o cara mais jogado às traças.

Neusa Sueli - Poxa, Vado, não vai fazer um papelão desses comigo.

Vado - Me apronta outra presepada como a de hoje. Me apronta, que eu te estrepo.

Neusa Sueli - Mas, poxa, o que eu te fiz hoje ?

Vado - Porra, quer apanhar outra vez ? Fica querendo se fazer de sabida, depois se queixa. Estou deixando a coisa no barato. Se tentar me engrupir, te arrebento todos os dentes com uma mucada.

Neusa Sueli - Não tem babado. Alguém te encheu a cuca. Te botou contra mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007, P.429

DPF DCDP Fls. N.º 366

Vado - Não me torra o saco ! Tenho malandragem prá dar e vender. Não vai ser você que vai gozar minha cara.
Neusa Sueli - Não estou querendo gozar ninguém.
Vado - Ai de você se quisesse.
Neusa Sueli - Só não estou por dentro da tua bronca.
Vado - Não está, né ? Agora,olha, sua puta sem-vergonha ! (Vado mostra os bolsos vazios) . Morou,agora ?
Neusa Sueli - Está na lona ?
Vado - Eu estou duro ! Estou anenhum ! Eu estou a zero ! A zero, sua vaca !
Neusa Sueli - E a culpa é minha ?
Vado - Vagabunda, miserável ! Sua puta sem-calça ! Quem tu pensa que é ? Pensa que eu estou aqui por que ? Anda, responde ! (pausa). Não escutou ? Responde ! Por que ? Você acha que eu te aturo por que ?
Neusa Sueli - Eu sei ... Eu sei ...
Vado - Sabe, né ? Então diz. Por que eu te aturo ?
Neusa sueli - Poxa, Vadinho, eu sei ...
Vado - Então diz ! Diz ! Quero escutar. Diz de uma vez, antes que eu te arrebento. Por que eu fico com você ?
Neusa Sueli - Por causa da grana.
Vado - Repete, sua vaca! Repete! Repete! Anda !
Neusa Sueli - Por causa da grana.
Vado - Repete mais uma vez.
Neusa Sueli - Por causa da grana.
Vado - Mais alto, sua puta nojenta !
Neusa Sueli - Por causa da grana !
Vado - Isso mesmo. Estou com você por causa do tutu. Só por causa do tutu. Você sabe. Estou aqui por causa da grana. Por causa da grana ! É isso mesmo. E se você não me der moleza, te arrebento o focinho. Eu sou o Vadinho das ~~xxxxxxx~~ Candongas, te tiro de letra fácil, fácil. Eu estou assim (faz gesto com os dedos indicando muitas) de mulher querendo me dar o bem-bom.Você sabe disso também, não sabe ? (pausa). Sabe ou não sabe ?
Neusa Sueli - Sei ... Sei, sim... (chora).
Vado - Pára de chorar ! Porra, será que vou ter de aturar até essa onda de choro ?
Neusa Sueli - Pronto. Já não estou mais chorando.
Vado - Que mania de fazer drama à toa .
Neusa Sueli - À toa ? Você me machucou !
Vado - Bem feito ! Assim você aprende a não folgar com o bom.
Neusa Sueli - Não te fiz nada ! Você está é com zoeira.
Vado - Estou mesmo. Minha zoeira é ser bom prá mulher. Te trato legal, nisso que dá. Quando digo que estou a nenhum, que estou durango, a piranha põe banca:(imitando a voz de Neusa Sueli) "Não é culpa minha, não é culpa minha!" Poxa, será que tenho cara de trouxa ? Sou teu macho, se não tenho um puto de um tostão, quem está errado ?
Neusa Sueli - Não sei ...
Vado - Ai, meu cacete ! Não aprendeu ? As porradas que te dei não serviram de nada ?
Neusa Sueli - Te dou a grana. Se você torra, que posso fazer ?
Vado - Que grana que você me deu hoje ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.425

DPF DCDB Fls. N.º 367 Rubrica

Neusa Sueli - Não sabe, é ? Ganha no mole, mete o pau fácil.
Vado - Escuta aqui, desgraçada ! Tá querendo me azedar de novo ? Que dinheiro você me deu hoje ?
Neusa Sueli - Não deixei dinheiro aí no criado-mudo ?
Vado - Ficou louca ?
Neusa Sueli - Claro que deixei o tutu aí.
Vado - Então ele voou !
Vado - Mentirosa ! Nojenta !
Neusa Sueli - Não me força a paciência . Encheu a cuca de fumo e esqueceu de tudo .
Vado - Não peguei uma ponta de estaleiro hoje, pantera! Estou de presa seca por tua causa. Pensa que maconha anda por aí dando buzo ?
Neusa Sueli - Só sei que botei o dinheiro aí no criado-mudo, como todo dia .
Vado - Queimando erva e dinheiro.
VadoVado - E daí ? Dinheiro meu gasto onde quero.
Neusa Sueli - E eu que me dane na viração.
Vado - É a lei. Mulher que quer se bananear com cara linha de frente como eu tem de se virar certinho.
Neusa Sueli - Um dia a casa cai, pode crer.
Vado - Não conversa, não. Quero saber onde está a porra do dinheiro.
Neusa Sueli - Botei aí. Cansei de falar.
Vado - Então alguém pegou
Neusa Sueli - Então pegou.
Vado - E não fui eu.
Neusa Sueli - Será ? ... Será que foi o desgraçado ?....
Vado - Que desgraçado ?
Neusa Sueli - O Veludo. Será que foi ele ?
Vado - Ele ? ...Ficou batusquela ? Ele não ia ter peito .
Neusa Sueli - Ele entrou aqui hoje depois que saí ?
Vado - Como vou saber ? Estava dormindo.
Neusa Sueli - Acho que o sacana veio arrumar o quarto, viu você apagado passou a mão na erva e se mandou.
Vado - Não inventa ! Ele não ia ser tão cara-de-pau assim.
Neusa Sueli - Não sei, não. Ví o garoto do bar saindo do quarto do Veludo.
Vado - E daí ? Ele dá o que é dele.
Neusa Sueli - Pois é. Mas há muito tempo ele vem cozinhando o garoto e não arrumava nada porque estava duro. O garoto cobrava cara prá entrar na dele.
Vado - Mato esse puto de merda, se foi ele.
Neusa Sueli - Vou perguntar prá dona Tereza.
Vado - Perguntar o que ?
Neusa Sueli - Se a velha pagou o ordenado do Veludo.
Vado - Que nada ! Deixe ele prá mim ! Chama essa bicha miserável !
Neusa Sueli - (vai até a porta do quarto e chama) - Veludo ! Veludo ! Quarto três ! (pausa). Não escutou .
Vado - Chama mais alto. Todo veado é surdo.
Neusa Sueli - Veludo ! Veludo !
Veludo - (fora de cena) - Quem me chama ?
NEUSA SUELI - Quarto três .
Veludo - Já vai.
Vado - Vou acertar o passo dessa bichona.
Neusa Sueli - Não vai machucar ele.
Vado - Não, né ? Você vai ver.
Neusa Sueli - Ele é doido por um vexame.Ele chama a cana.
Vado - Essa bicha não é doida, nem danada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071 IP.426

DPF DCDP Fls. N.º 368 Rubrica

Neusa Sueli - Toma cuidado Vadinho. Vê lá o que tu vai fazer.
Vad
Vado - Vai por mim.
Veludo -(na porta do quarto) - Chamou, Neusa Sueli ?
Vado - Entra, bichona.
Veludo - Com licença.
(Veludo entra)
Vado - Vai entrando, seu puto.
Veludo - Estou sim.
Veludo - É o senhor que quer falar comigo, ou é a Neusa Sueli ? Adoro esse nome:Neusa Sueli.
Vado - Feche a porta e deixe de frescura.
Veludo - (fecha a porta) - Pronto, seu Vado.
Vado - Preste bem atenção no que vou te dizer, seu veado de merda.
Veludo - Se o senhor começar a me xingar, me mando. A Neusa Sueli sabe como eu sou. Não gosto de desaforo. Nem dos meus homens aguento maltrato.
Vado - Filho-da-puta. Veado nojento !
Veludo - Você está vendo, Neusa Sueli ? Vou me arrancar. Depois você reclama que eu não gosto de vir fofocar no seu quarto. É por essas e outras. Ninguém gosta de estupidez.
Vado - Isso não é nem o começo.
Veludo - Pra mim é o fim.(Veludo tenta sair.Vado o agarra com violência)
Veludo - Bruto! Cafajeste!
Vado - Cala essa boca, fresco de uma figa!
Veludo - Me deixa sair.
Vado - Senta aí.
(Vado bate em Veludo e faz com que ele se sente numa cadeira).
Veludo - Ai, ai ! Que é que deu nesse homem ?
Vado - Vamos conversar, seu sem-vergonha.
Veludo - Se a Neusa Sueli gosta de apanhar, bate nela. Eu não gosto de coisas brutas.Não sou tarado.
(Vado bate em Veludo). Ele está me batendo,Neusa Sueli !
Neusa Sueli - Explica tudo direitinho. Vai ser melhor pra você.
Veludo - Explica o que ?
Vado - Quem mandou você pegar o dinheiro ?
Veludo - Que dinheiro ?
Vado - O que você pegou .
Veludo - Deus me livre ! Que dinheiro que peguei ? Ai, meu Deus! Nem sei do que vocês estão falando .
Vado - Cadê a grana, Veludo ? (bate em Veludo).
Veludo - Ai, ai, seu cafetão nojento ! Tua mulher não te dá dinheiro ? Quer pegar o meu ?
Vado - Se abre logo !
Veludo - Miserável ! Vai bater na cara de tua mãe. Porco ! Essa vaca da Sueli não te dá moleza, é ? Pensa que eu vou dar ? Nojento ! Cafetão !
Vado - Cala o bico !
Veludo - Vai morrer morfético ! Tu e essa perebenta ! Essa suadeira !
Neusa Sueli - Fala logo, Veludo . Você pegou o dineheiro que estava no criado-mudo ? Fala logo, anda !
Veludo - Ai, ai! Ele está quebrando o meu braço.
Neusa Sueli - Pegou ou não pegou ?
Veludo - Não peguei.
Vado - Não mente, nojento. Não mente !
Veludo - Eu não peguei ! Juro que não peguei !
Neusa Sueli - Você pensa que vai levar a gente no bico ?
Veludo - Juro que não sei de dinheiro nenhum.
Vado - Não sabe, cachorro ?
(Vado continua sempre batendo em Veludo).
Veludo - Ai, ai ! Esse homem me mata ! Socorro! Socorro! Socorro!
Vado - O que você fez com minha grana, miserável ?
Veludo - Não me bate. Não me bate.
Vado - Então se abre.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007, P.427



Neusa Sueli - A gente sabe o que você fez com a grana.

Vado - Confessa logo, bicha, senão vou botar pimenta no seu rabo.

Veludo - Pelo amor de Deus, Neusa Sueli, não deixa esse tarado me judiar.

Neusa Sueli - Então começa a contar.

Veludo - Ai, meu São Jorge guerreiro ! Está todo mundo doido. Está todo mundo chupado de erva. Neusa Sueli, pelo amor de Deus, eu não sei de nada.

Vado - Filho-da-puta. Mentiroso !

Veludo - Socorro ! Socorro ! Monstro ! Por que você não faz isso com homem, seu nojento .? Ai, esse tarado está me matando.

Vado - Seu puto, você apanhou a grana daqui pra andar com o garoto do bar ?

Veludo - Não entrei aqui hoje.

Vado - Você veio arrumar o quarto , pegou o dinheiro.

Neusa Sueli - E deu pro moleque do bar.

Veludo - Eu ía fazer uma coisa dessas ? Não sou ladrão e não sou que nem você, que tem que dar dinheiro pra homem.

Neusa Sueli - Pensa que não vi o garoto sair do seu quarto ?

Veludo - E daí ? Ele gama em mim .

Vado - O desgraçado gama o meu dinheiro. Isso é que é !
E você passou a mão na grana e deu pra ele.

Veludo - Eu, não.

Neusa Sueli - Mentiroso ! Você mesmo falou que estava gamado no garoto e que ele não queria nada com você, porque você estava duro. Falou, ou não falou ?

Veludo - Se dei dinheiro pro meu machinho, ninguém tem nada com isso. Na minha vida, mando eu. Sou livre.

Vado - Puto sem-vergonha. ! Você deu o meu dinheiro. O meu dinheiro, que estava ali em cima e você afanou .

(Vado agarra Veludo pelos cabelos).

Veludo - Ai, ai ! Esse homem vai me deixar careca.

Neusa Sueli - Sabe que por sua causa eu levei um couro do Vado, seu sacana ?

Veludo - Bem feito !

(Neusa Sueli arranha o rosto de Veludo).

Veludo - Ai, você me pagam sua porca ! Com você eu posso .Eu te pego sozinha, sua vaca ! Você vai ver!

Vado - Você não vai pegar ninguém.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.428

DPF DCDR Fls. N.º 370 Rubrica

Veludo - Ela é mulher. Com ela eu posso.
Vado - Que é que você fez do dinheiro ? Fala.
Veludo - Não peguei.
Neusa Sueli - É teimoso como uma mula. Vou te ajudar a lembrar.
(apanha uma navalha na bolsa). Vou te arrancar os olhos !
(aproxima a navalha do rosto de Veludo).
Veludo - Não ! Pelo amor de Deus.' Não ! Neusa Sueli ! Não !
Vado - Pode cortar esse miserável!
Neusa Sueli - Vai falar tudinho ?
(Veludo faz que sim com a cabeça).
Vado - Bicha ficou apavorada.
Neusa Sueli - Então começa.
Vado - Fala logo -, anda .
Veludo - Estou sem ar.
Vado - Não vem com frescura.
Neusa Sueli - Veludinho, é melhor pra você contar tudo direitinho.
É pro seu bem, querida.
Veludo - Você me perdoa, Neusa Sueli ? Eu devolvo tudinho. Eu não aguentei. Eu vim arrumar o quarto. O seu Vado estava dormindo. Eu peguei o dinheiro e dei pro rapaz do bar. Eu estava gamado nele. Juro que devolvo.
Vado - Canalha. Miserável ! Veado safado ! Deu todo o metal pro trouxinha ?
Veludo - Só dei a metade.
Vado - E o resto da grana ? e o resto ?
Veludo - Comprei um baseado de erva.
Vado - Sacana ! Eu de presa seca e ele se tratando.
Veludo - É vício.
~~Vado - Eu vou devolver o dinheiro todinho, seu Vado. Pode crer.~~
~~Veludo~~

Vado - E pensa que vou sustentar vício de veado ?
Veludo - Eu vou devolver o dinheiro todinho, seu Vado. Pode crer.
Vado - Quando ? No dia de são nunca ?
Veludo - Não, no fim do mes. No meu pagamento.
Vado - E você pensa que eu vou esperar até o fim do mes ?
Veludo - Desculpe, seu Vado.
Vado - Vou te caguetar pra dona Tereza. Ela te põe na rua, te paga os teus dias de basquete, e eu pego o meu.
Veludo - Por favor, seu Vado. Eu juro que devolvo tudo.
Vado - Quero juros.
Veludo - Eu pago, mas não apronta pra mim.
Vado - Vai pagar o dobro, se não comparecer, já viu ?
Te agarro e te desgraço.
Veludo - Eu pago, pode crer.
Neusa Sueli - Ele paga, sim, Vado. O Veludo é bonzinho.
Veludo - A Neusa Sueli me conhece. Quando eu digo que faço uma coisa, eu faço mesmo, nem que me lasque toda.
Vado - Quero ver. E o fumo ? Queimou ele todo ?
Veludo - Nem biquei ainda. Não trato disso quando estou trabalhando.
Eu fico muito louca quando estou chupada.
Vado - Dá prá cá a erva.
Veludo - O senhor me deixa dar umas narigadas também ?
(Veludo dando o cigarro). É fumo do norte mesmo. Dá uma zoeira legal
Neusa Sueli - Não vai queimar essa porcaria aqui.
Vado - Vê se cala a boca.
Neusa Sueli - Dona Tereza não gosta de bagunça aqui na pensão.
Vado - Quero que ela vá à merda.
Veludo - Ai, que homem doidão!
Neusa Sueli - Depois, quem se estrepa sou eu.
Quando você se arranca, ela vem aqui reclamar.
Vado - Manda ela à merda.
Neusa Sueli - Ela me põe na rua.
Vado - Azar.
Neusa Sueli - Azar meu, né ?.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.459

DPF DCDP Fls. N.º 371 Rubrica

VADO-Ora Porra, pára de me torrar o saco. Foi você que arrumou toda a confusão e ainda resmunga. Não quero escutar um pio contra a maconha. Gosto de curtir minha onda de leve.
VELUDO-Ele sabe viver.
VADO-(ascende o cigarro de maconha e dá uma tragada) - Legal!
VELUDO-Não fica triste, Neusa Sueli. Homem é assim mesmo. Todos uns brutos. (Pausa) Seu Vado, deixa eu dar um cheirinho?
VADO-Quer bicar?
VELUDO-O senhor deixa?
VADO-Não!
VELUDO-Ah, deixa...por favor...deixa...
VADO-Se manca, vagabundo.
VELUDO-Por favor...
VADO-Gosta de fumo é?
VELUDO-Sou tarado.
VADO-E por que fica gastando dinheiro com os pivetes? Por que, eim?
VELUDO-Ah, seu Vado...
VADO-Você gosta mais de maconha ou de moleque?
VELUDO-Cada coisa tem sua hora.
VADO-Bichona malandra!
VELUDO-Deixa eu bicar, seu vado.
VADO-Pega aqui. Na minha mão.
VELUDO-Que bom! (Tenta agarrar o cigarro).
VADO-Não vale segurar.
VELUDO-Como o senhor é mau, seu Vado!
(A cena repete-se várias vezes, sempre Veludo tentando alcançar, com a boca, o cigarro que está na mão de Vado. Veludo fica dada vez mais ansioso. Neusa Sueli permanece indiferente. Veludo agarra a mão de Vado, que lhe dá um violento empurrão).
VELUDO-Neusa Sueli, manda ele deixar eu fumar, manda.
NEUSA SUELI-Não estou gostando nada dessa zorra aqui dentro.
VELUDO-Vai Neuzinha Sueli, manda ele me dar uma tragada. Por favor, Sueli, manda. Eu não aguento mais.
NEUSA SUELI-Acho melhor você se arrancar daqui.
VELUDO-Seu Vado, deixa eu dar uma fumadinha só.
VADO-Sem-vergonha! Pensa que mulher manda em mim, bicha louca? Pensa que se essa vaca mandasse, eu ia te dar o fumo?
VELUDO-Que homem, bruto, meu Deus! Vado, deixa eu fumar?
VADO-Ainda sou seu Vado pra você. Perdeu o respeito, seu miserável?
VELUDO-Homem que me judia eu não chamo de senhor. É Vado, e olhe lá.
VADO-Te dou uma porra que você vê.
VELUDO-Dá então!
VADO-(Bate em Veludo) Gostou?
VELUDO-Bate mais.
VADO-Nojento!
VELUDO-Bate, seu bobo, bate!
(Vado fica vencido, impotente)
VELUDO-Você viu, Neusa Sueli, como é que a gente lida com homem?
VADO-Cala a boca, bicha.
VELUDO-Vem me bater seu trouxa!
VADO-Você vai ver, bicha louca!
VELUDO-Pode bater. A cara está aqui.
VADO-Veado! Veado de merda! Porco nojento! Ladrão sem-vergonha!
VELUDO-Bate em mim, machão! Bate nesta, face, te viro a outra. Como Jesus Cristo.
VADO-Bicha é uma desgraça.
VELUDO-Você viu como eu encabulei o homem, Neusa Sueli? Tadinho dele! Ficou sem jeito. Coitadinho! Vê a carinha do Vado, Neusa Sueli! Vai fazer um carinho pra ele. Ele está tristinho. Vai lá, bobona. Vai agradar teu homem. Vai, Neusa Sueli.
NEUSA SUELI-Pára com isso, pombas! Será que você não se manca que não está agradando? Poxa, você é mais chato que cri-cri. Por que você não se manda daqui? Vai lá pro teu quarto, vai á merda, vai a puta-que-te-pariu. Mas me esquece. Não quero você aqui no meu puleiro. Anda, te arranca! Te arranca, que é melhor pra você. Já estou invocada, muito invocada.
VELUDO-Desculpe, não vou morrer por causa disso. Não me querem aqui, me mando e pronto. Nunca fico onde não me querem. Aliás, só vim porque

me chamaram. Mas já vou indo. Tchau mesmo! Pensei que era homem deste galinheiro quem cantava de galo. Entrei bem. Quem manda aqui é a galinha velha.
NEUSA SUELI-Galinha velha é a tua mãe!
VADO-Ela se queimou!
VELUDO-Pôs a carapuça por que quiz.
NEUSA SUELI-Vai Saindo!
(Veludo vai se dirigindo para a porta)
VADO-Fica! Só sai quando eu mandar.
VELUDO-Ela está invocada comigo. Não quero encrencas. Vou embora.
VADO-Ela que se dane, Fica.
NEUSA SUELI-Você vai me pagar, sua bicha! Está botando meu homem contra mim.
VELUDO-Eu quero ir embora. Ele não deixa.
NEUSA SUELI-Nojento!
VELUDO-Não sei porque as mulheres me detestam tanto.
VADO-Ai,ai!
NEUSA SUELI-É melhor deixar esta bicha sair. Já estou me esquentando.
VADO-Ela agora vai queimar o fumo. Não vou deixar ela sair daqui de presa seca. Vem fumar, bichinha.
VELUDO-Agora não quero!
VADO-Não faz onda e pega logo.
VELUDO-Pra mim michou.
VADO-Não queria? Tá aí. Mete o nariz.
VELUDO-Já falei que não quero.
VADO-Estou mandando fumar.
VELUDO-Você não é meu homem, não me manda nada.
VADO-Chupa essa fumaça!
VELUDO-Nem por bem, nem por mal!
(Vado desespera-se e começa a bater em Veludo).
VELUDO-Bate, bate, bate!
VADO-Eu te mato! Eu te mato!
VELUDO-Mata! Mata! Mata, mesmo, homem! Mas eu não fumo sua maconha, não fumo.
VADO-Fuma essa merda! Fuma! Não escutou eu mandar?
(Vado vai desesperadamente tentanto colocar o cigarro na boca de Veludo, para que ele fume. Veludo não deixa).
VELUDO-Me mata, meu homem!
NEUSA SUELI-Pára com isso, Vado! Pára com isso!
VADO-Quero que esse puto fume maconha! Eu quero!
VELUDO-Mas não vai conseguir nada de mim.
VADO-Por favor Veludo, fuma essa droga, se não eu faço uma desgraça.Por favor, fuma!
VELUDO-Nem você me pedindo de joelhos.
NEUSA SUELI-Pelo amor de Deus, Vado! Pára com isso! Eu não aguento mais! Eu não aguento mais!
VADO-Sueli, meu amor, me ajuda. Sueli, minha santa, me ajuda! Sueli, segura esse veado nojento. Segura ele, Sueli! Eu quero fazer ele fumar maconha. Eu quero! Por favor, Sueli, segura ele!
NEUSA SUELI-É só isso que você quer, seu porco?
VADO-É só o que eu quero! Me ajuda! Por favor!
NEUSA SUELI-Eu te ajudo! Eu te ajudo!
VELUDO-Ai, ai, eu tenho cócegas.Ai, ai, ai! Meu Deus, que loucura, que loucura divina!
(Neusa Sueli, tenta segurar Veludo. Quando o toca, ele grita)
VELUDO-Não toca em mim, mulher. Não toca em mim! Não gosto que mulher me toque! Não me toque! Não me toque!
NEUSA SUELI-Veado miserável! Miserável! (Agarra-o e o empurra para a porta) Agora vai caguetar a gente pra polícia, seu nojento!
VELUDO-Sua vaca! Você vai me pagar! Não vou na polícia, não. Não gosto dessa gente. Mas vai ter forra. Você não perde por esperrar.
NEUSA SUELI-Cai fora daqui, bicha sem-vergonha! Cai Fora!
(Veludo sai xingando, Neusa Sueli fecha a porta e depois parada, olha Vado por longo tempo).
VADO-Está me achando bonito, ou me botando quebrante?
NEUSA SUELI-Nojento!
VADO-Não começa a me encher o saco!
NEUSA SUELI-Você é um sacana!
VADO-Você é uma cortadora de onda!
NEUSA SUELI-Nunca pensei que pudesse ser tão miserável.
VADO-E eu nunca pensei que você fosse tão chata.
NEUSA SUELI-Não sou é descarrada.

DPF DCDR Fls. Nº 372 Rubrica
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.430

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P.731



Neusa Sueli:-Não sou é descarrada.
Vado - Vai ser freira, então .
Neusa Sueli - Eu tenho moral.
Vado - Depois de velha, até eu.
Neusa Sueli - Velha, não. Só tenho trinta anos.
Vado - De puteiro ?
Neusa Sueli - Canalha.
Vado - Quando você fica bronqueada é que a gente vê como você está apagada.
Neusa Sueli - Estou é cansada.Só isso.
Vado - Devia se aposentar. Trinta anos de basquete, cansa qualquer uma.
Neusa Sueli - Eu nasci igual a qualquer uma. Limpinha. Há trinta anos atrás, eu era um nenê.
Vado - Não força a idéia, piranha velha. Você é a veterana das veteranas.
Neusa Sueli - Tenho só trinta anos.
Vado - Coroa.
Neusa Sueli - Porco ! Nojento ! Você pensa que não manjei a tua jogada com o Veludo ?
Vado - Deixa de história . Vocês antigas veêm malícia em tudo.
Neusa Sueli - Só sei dizer que você embrulha o estômago.
Vado - A vocó das putas todas é metida a família, é ?
Neusa Sueli - Vocó das putas é a vaca que te pariu.
Vado - Limpa essa boca quando falar em minha mãe.Se folgar comigo, te arrebento.
Neusa Sueli - Então não me torra a paciência.
Vado - Só estou falando a verdade. Você está velha. Outra noite,cheguei aqui, você estava dormindo aí, de boca aberta. Roncava como uma velha. Puta, troço asqueiroso ! Mas o pior foi quando cheguei perto prá te fechar a boca. Queria ver se você parava com aquele ronco miserável. Daí, te ví bem de perto. Quase vomitei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta. Essa pintura que você usa para esconder a velhice estava saindo e ficava entre as rugas, que apareciam bem. Juro,juro por Deus, que nunca tinha visto nada mais desgraçado. Eu até...
Neusa Sueli - Pára com isso ! Chega de escutar mentira ! Pára com isso !
Vado - Mentira ? Eu é que sei ! Senti uma puta pena de mim. Um cara novo, boa pinta, que se veste legal, que tem papo certinho, que agrada, preso a um bagulho antigo. Fiquei bronqueado. Porra, ainda tentei quebrar o galho. Pensei comigo:mas de corpo ainda é uma coisa que se pode aproveitar. E sem te acordar, tirei a coberta, tirei tua camisola , tirei tua calcinha e teu sutian.As pelancas caíram pra todo lado. Puta coisa porca. Acho que até um cara que saíse de cena(cana), depois de um cacetão de tempo, passava de lance. Pombas, que negócio ruim era você ali dormindo. Juro por Deus, nunca vi nada pior. Se não fosse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Porra, e não se perdia nada. Me larguei.Não aguentava.
Neusa Sueli - E por que não se mandou de vez ?
Vado - Fiquei esperando uma chance de te jogar isso no fucinho. Não ía sair sem te contar como você está podre.
Neusa Sueli - E enquanto isso me tomava a grana.
Vado - Claro ! Não sou nehum bobo. Enquanto isso, tratava de mim por fora. Mulherio novinho e bonito está aí mesmo.
Neusa Sueli - Teu negócio é veado. Vi hoje.
Vado - Que é isso coroa ? Tá com ciúme do Veludo ?
Neusa Sueli - Tenha vergonha nessa cara
Vado - Quem tem que ter vergonha é você, velhota. Não aguenta o repuxo, não tem como agarrar o homem, fica aí apavorada, até com medo de um veado de merda.
Neusa Sueli - Canalha.
Vado- Estava sendo uma onda legal, você cortou a tua rabujice. Você é coroa.
Neusa Sueli - Não sou é de bacanal.
Vado - Puta que não gosta de bacanal é que está bem apagada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P.432

DPF DCDP Fls. N.º 3574 Rubrica

Neusa Sueli - Estou apagada é de canceira. Isso é que é. Não de velha. De canceira. Sabe o que é uma noite de viração ?

Vado - As meninas tiram de letra. É só abrir a perna e faturar. Acham moleza. Agora, velha cansa à toa. Tem reumatismo. Tem que se esforçar pra agradar o fregues e outros babados. E ainda, pra não ficar jogada fora sòzinha, tem de aturar o cafetão. Mas isso é igual na vida e nas casas de família. Os machos só aturam as coroas por interesse. Pra se divertir, a gente sempre tem uma garota enchutinha.

Neusa Sueli - Eu tenho o homem a hora que quero.

Vado - Por que me atura ? Por que ? Eu sou chato, pacas!

Neusa Sueli - É mesmo. Ainda bem que reconhece.

Vado - Por que você me aguenta ?

Neusa Sueli - Porque ... Porque...

Vado - Sou bom de cama ?

Neusa Sueli - É. É mesmo. As verdades a gente diz.

Vado - É. Isso é verdade. Só que faz um mes que você não sabe de mim. Mais de um mês.

Neusa Sueli - É.... é.... É mesmo. Assim te dou a grana.

Vado - Uma grana micha. Muito micha.

Neusa Sueli - Não é culpa minha. Você sabe que não é. A situação está uma bronca pra todas. Esse novo delegado que entrou aí está querendo fazer média. Toda hora passa o rapa. Até os tiras andam apavorados, não pegam caixinha, nem nada. Se os homens da lei estão com medo, os fregueses nem se fala. Mas deixa esse filho de puta desse delegado esquentar o lugar, fica tudo igual a antes. Daí, você vai ver se eu faturo alto ou não.

Vado - Você é enganadora.

Neusa Sueli - Você anda por aí. É só perguntar pra qualquer uma. Elas te dizem como a barra anda pesada.

Vado - Isso é desculpa de velha.

Neusa Sueli - Velha não.

Vado - Velha, sim. Todo mundo te acha um bagaço. Não viu o que o Veludo disse ?

Neusa Sueli - O que foi ?

Vado - Te chamou de galinha velha.

Neusa Sueli - Despeito de bicha.

Vado - Falou certo. Você está velha mesmo.

Neusa Sueli - Só porque você quer.

Vado - É, né ? Mostra os teus documentos. (Vado vai pegar a bolsa de Neusa Sueli e ela o impede).

Neusa Sueli - Tenho trinta anos.

Vado - Deixa eu ver os papéis .

Neusa Sueli - Que onda besta8

Vado - Deixa eu ver.

Neusa Sueli - Não torra a paciencia !

Vado - Está com medo ?

Neusa Sueli - Medo não. Acho besteira.

Vado - Mentiu, agora não quer que eu prove a tua idade.

Neusa Sueli - Tenho trinta.

Vado - No mínimo cinquenta anos.

Neusa Sueli - Fiz trinta no fim do ano passado.

Vado - Deixa ver os documentos. (Vado tenta tirar a bolsa das mãos de Neusa Sueli). Tá com medo de mostrar os documentos ?

Neusa Sueli - Não gosta que mecham na minha bolsa.

(Vado insiste em tirar a bolsa de Neusa Sueli, até que a bolsa se abre, deixando espalhar pelo chão, todo o seu conteúdo).

Vado - Tá bom, velha. Pode sossegar, não vou pegar seus documentos, prá ver

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.433

DPF SDDP 375

documentos, pra ver o que eu já sei. Você tem cinquenta anos e não vai mentir.

Neusa Sueli - (no chão, apanhando os objetos espalhados). Pára com isso ! Pára com isso ! Pára ! Por favor, pára ! Porra, será que você não se manca ? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada pra chuchu ? Ainda mais hoje. Hoje foi um dia de lascar. Andei pra baixo e pra cima, mais de mil vezes. Só peguei um trouxa na noite inteirinha. Um miserável que parecia um porco. Pesava mais de mil quilos. Contou toda a história da puta da vida dele, da puta da mulher dele, da puta da filha dele, da puta que o pariu. Tudo gente bem instalada na puta vida. O desgraçado ficou em cima de mim mais de duas horas. Bufou, bufou, babou, bufou mais pra pagar, reclamou pacas. Desgraçado, filho-da-puta. É isso que acaba a gente. A gente só quer chegar em casa, encontrar o homem da gente de cara legal, tirar aquele sarro e se apagar, pra desforrar de toda a sacanagem do mundo de merda que está aí. Resultado: você está de saco cheio por qualquer coisinha, então apronta. Bate na gente, goza a minha cara e na hora do bem-bom, sai fora. Poxa, isso arreia qualquer uma. Às vezes chego a pensar: poxa: será que eu sou gente ? Será que eu, voce, o Veludo, somos gente ? Chego até a duvidar. Duvido que gente de verdade vive assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita. Isso é uma bosta. Uma bosta ! Um monte de bosta! Fedida ! Fedida ! Fedida !

Vado - É.... é mesmo ...

Neusa Sueli - É mesmo o que ?

Vado - Você está uma velha podre...

Neusa Sueli - Nojento !

Vado - Nada mais nojento que puta velha. Porra, como incomoda !

Neusa Sueli - Eu não sou velha! Eu não sou velha!. Eu estou gasta! Eu estou gasta nessa putaria!

Vado - Depois que cinquenta anos, qualquer uma se apaga.

Neusa Sueli - Eu tenho trinta anos! Apenas trinta anos! Apenas trinta anos.

Vado - Mentirosa. Enganadora! Vadia velha! Mostra os teus documentos. Mostra ! Não tem coragem ? Já sabia. Mentiu a idade, mas não engrupe ninguém. Tem um troço que não mente. Sabe o que é ? Teu focinho. (Pega um espelho e obriga Neusa Sueli a olhar-se nele). Olha ! Olha ! Olha !

Neusa Sueli - Por favor ,Vado para com isso !

Vado - Olha! Olha! Olha bem! Vê ! Cinquenta anos!

Neusa Sueli - Vado, por favor, pára com isso! Pára com isso !

Vado - Cinquenta anos! Velha nojenta ! Cinquenta anos !

Neusa Sueli - Chega ! Chega ! Chega, pelo amor de Deus.

Vado - Olha, olha bem, velha ! Bem velha! Cinquenta anos no mínimo !

Neusa Sueli - Por piedade, Vado. Pelo amor de tua mãe !

Vado - Cinquenta anos ! Fim de picada. Toda ruim. Ainda com essa meleca na cara, maquilagem e tal, engrupe os trouxas. Mas sem essa droga, deve tem bem mais de cinquenta.

Neusa Sueli - Vado, chega. Por favor, chega !

Vado - Olha bem ! Olha bem ! Velhota ! Coroa ! O Veludo tinha razão. Galinha velha ! Vamos ver sem essa meleca quantos anos tem. (Vado tira o lençol da cama e o esfrega no rosto de Neusa Sueli).

Neusa Sueli - Não, Vado ! Por favor, não !

Vado - Cem anos ! Cem anos ou mais ! Quanta ruga! Que cara amassada! Que bagaço!

Neusa Sueli - Pára! Pára com isso ! (Vado pega o espelho e faz Neusa Sueli olhar-se nele).

Vado - Vê, puta, quanta ruga!

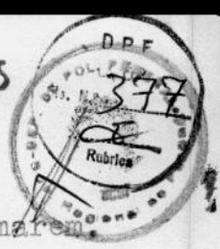
N

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.434

DPF DP 376

Neusa Sueli - Chega ! Chega ! Chega ! Não aguento mais. Chega!
Vado - Chega mesmo ! Chega mesmo ! Mesmo ! Sou um cara boa pinta, não vou perder minha mocidade ao lado de um bagaço. Cadê a grana, sua vaca ? Onde está a grana de hoje ?
Neusa Sueli - Vou te dar a grana.(Pega o dinheiro na bolsa). Está aqui todo o dinheiro que tenho. Pronto. É seu. Está contente ?
Vado - Tá legal . Assim é que é. Agora, tchau mesmo !
Neusa Sueli - Não, você não vai saindo assim, não. Não leva a minha grana ? Não é meu cafetão ?
Vado - Vê se me esquece velhota !
Neusa Sueli - Você não vai se arrancar !
Vado - E por que não ?
Neusa Sueli - Nós vamos trepar.
Vado - Tá caducando ?
Neusa Sueli - E vai ter que ser gostoso .
Vado - Por dinheiro nehum.
Neusa Sueli - Vai, sim, Vadinho, meu cafetão.
Vado - Sai dessa, velha !
Neusa Sueli - Velha, feia, gasta, bagaço, lixo dos lixos, galinha, coroa, sou tudo isso. Mas você vai trepar comigo.
Vado - Essa, não !
(Neusa Sueli fecha a porta do quarto e guarda a chave no seio).
Neusa Sueli - Viu ? Já se tocou ?
Vado - Abre essa porta. Abre essa porta. Anda ! É surda , desgraçada ? Não escuta a gente mandar ? Abre essa porta ! É melhor pra você.
Neusa Sueli - É meu cafifa . Leva minha grana. Tem que me fazer gozar. Custe o que custar.
Vado - Você está me baratinando.
Neusa Sueli - Pra você ver.
Vado - Abre essa porta. Abre !
Neusa Sueli - Não adianta espernear .
Vado - Você quer apanhar ?
Neusa Sueli - Quero, sim. Me bate. Bate legal.
Vado - Não vou me afobar. Vou tirar de letra. Puxo uma palha e te deixo aí na tara.
Neusa Sueli - experimenta !
Vado - (deitando-se na cama) - Boa noite, velha.'
Neusa Sueli -(pega a navalha) - Vado, se você dormir eu te capo, seu miserável !
Vado - Que é isso, tá louca ?
Neusa Sueli - Estou. Estou louca de vontade de você. Se você não for comigo agora, não vai nunca mais com ninguém.
Vado - Mas que é isso, mulher ?
Neusa Sueli - Pode escolher, seu filho-da-puta.
Vado - sai dessa dança, Sueli. Poxa, que negócio mais zoeira. Você embarca em todas. Poxa, por isso que eu às vezes me invoco com você. Qualquer sarrinho e você perde a esportiva. Que onda ! Não sabe brincar ? Estava tirando um barato de leve, voce já apela, já faz drama. Não pode ser assim, não.
Neusa Sueli - Você não precisa gastar saliva comigo. É só trepar e pronto. Sou velha, mas quero te ter. Entendeu ?
Vado - E precisa de ferro pra que ? Vai me obrigar ?
Neusa Sueli - Vou.
Vado - Você é uma trouxa mesmo. Entra sempre em canoa furada. Me divirto sempre às suas custas. Quer dizer que grudou essa onda de velha ? Porra, está na zona há um cacetão de tempo e não aprendeu nada ? Que paspalha ? ! Quer dizer que você me acha o rei dos otários ? Devia te bolachar por essa. Mas deixa pra lá.Você já está queimada. Deixo barato. Não vou criar caso. Mas vê se te manca. Poxa, você acha que se eu te achasse coroa jogada-fora ia estar aqui esticando papo ? Me mandava sem dizer nada. Dava um pinote sem tu nunca

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.435



Dava um pinote sem tu nunca saber por que. Assim que é.
Neusa Sueli - Então ... então ... por que toda essa bobageira ?
Vado - Sou Vadinho, cafifa escolado. Judio de mulher pra elas gamarem.
Neusa Sueli - Não precisa nada disso.
Vado - Minha embaixada. Sabe como é. Escuta esse papo que é de verdade. Eu estava borocoxô. Não queria fazer a obrigação. Inventei a onda. Grudou. Azar teu.
Neusa Sueli - Mas faz um tempão que você não me procura.
Vado - Não faz tanto tempo assim. O que é bom deixa saudade. Isso é que é.
Neusa Sueli - É... é....
Vado - Agora, tem um porém ! Se eu não estivesse a fim, não ia ter navalha que me obrigasse. Pode botar fé no que te digo. Eu sou um cara que só embarco por gosto.
Neusa Sueli - Você sabe conversar.
Vado - Que nada ! Sou é de firmeza. Meu defeito é brincar muito.
Neusa Sueli - Eu estou na merda .... Eu estou na merda...
Vado - que papo careca é esse ?
Neusa Sueli - Você me arreou.
Vado - Não complica. Larga o ferro e está tudo legal.
(Neusa Sueli deixa cair no chão a navalha que segurava).
Vado - Assim. Bonitinho. É gamada por mim, por que fazer guerra ?
(Vado aproxima-se de Neusa Sueli, que está sentada na cama. Vado começa acariciá-la, enquanto, disfarçadamente, retira a chave da porta que estava no seio de Neusa Sueli. Em poder da chave, ele se encaminha pra porta, abre-a e sai. Neusa Sueli, quando percebe que Vado saiu, corre até a porta e grita)
Neusa Sueli - Vado ! ... Vado ! ... Você vai voltar ? ... Você vai voltar ? ...

(Neusa Sueli fica por algum tempo parada na porta, depois volta, pega um sanduíche de mortadela, senta-se na cama, fica olhando o vazio por algum tempo. Depois, prosaicamente, começa a comer o sanduíche).

F I M .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.436

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 382
Rubrica

Parecer nº 188/83-SCDP/SR/PR
xxxxx

24 de junho de 1983

TC Francisco Surek

SR/DPF/PR

Ilmº. Sr. Chefe do SCDP/SR/PR

Parecer de análise de texto teatral (apresenta)

Título da peça: NAVALHA NA CARNE.
Autor: Plínio Marcos.
Produtor: Grupo Artístico Alegria - Alegria.
Requerente: Odécio Jorge Nogara.

A referida peça é iniciada com a intriga entre o sádico cafetão Vado e sua companheira Sueli, por ciumes, boatos e por causa do desaparecimento das finanças obtidas na prostituição. Recai sobre o homossexual Veludo a suspeita do furto e a ira do casal que o ameaça torturar com navalha. Relutantemente, Veludo confessa a autoria do furto e, além de ser despojado do seu cigarro de maconha, fumado incontinenti, promete devolver importância superior à afanada. Após expulso o pederasta, o cafetão reitera críticas à Sueli por ela ser velha e desprezível até em prostíbulos. Depois de entregar-lhe o salário de mais uma noite de prostituição, Sueli reage, de navalha em pulho, exigindo satisfação sexual. Fingindo assentimento, Vado arrebata a chave da porta e foge, deixando a flente / companheira comendo sanduíche.

A exploração de pessoas fracas seguida de seu abandono depois de improdutivas impõe-se como mensagem principal e negativa porque aprova a covardia do mau elemento viril que lorda impunemente.

As mensagens secundárias não são menos negativas:

Praticar aborto através da surra;

Arranhar a face, arrancar cabelos e ameaçar vasar os olhos;

Incentivar o consumo de baseado, elogiando

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.437

DPF DCDP Fls. Nº 383 Rubrica

seu sabor e impedindo que outro viciado usufrua dele;

Ridicularizar a senectude feminina;

E comparar chefes de família com cáftens por que só toleram esposas idosas por interesse econômico e copulam com a juventude.

Como se isso não bastasse, a linguagem é ainda eivada de palavrões e gírias de malandro.

O grau de persuasão é grande porque o malfeitor principal não sofre sanções e leva o espectador a identificar-se com ele. Opúblico alvo presumível é o rufião.

Opinamos pela liberação de NAVALHA NA CARNE para maiores de 18 (dezoito) anos por conter cenas de violência e de consumo de tóxico e consideramos inapelável o envio do texto para apreciação do Conselho Federal de Entorpecentes, uma / vez que a peça já foi liberada para a referida faixa etária, segundo consta no radiograma 773/DCDP de 16/6/83.

TC Francisco Surek.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.438

DPF DCDP Fls. N.º 378 Rubrica

XXXXXX PARECER Nº 182/83-SCDP 21 de junho de 1983

T.C. Regina Maria Abil Russ

Chefe do SCDP

Exame de Texto Teatral (encaminha)
Título:- "NAVALHA NA CARNE"
Autor:- Plínio Marcos
Requerente:- Odecio Jorge Nogara
Produção:- Grupo Artístico COLASE - Toledo/PR
CLASSIFICAÇÃO:- P/MAIORES DE 18 ANOS (RATIFICAÇÃO); ABORDAGEM DE VICIOS; CENAS DE TENSÃO E LINGUAGEM ' VULGAR;

O texto desenvolve um tema sórdido ambientado na vida de pessoas do mundo do vício - uma prostituta e seu gigolô, que habitam um quarto de pensão barata e que têm um relacionamento violento criado pela própria situação em que vivem. Os diálogos são de gírias e palavrões ofensivos, as atitudes são brutais, denotando a miséria total desses seres perdidos que atingiram o limite da decadência moral.

Neusa Sueli é uma prostituta que sustenta o gigolô Vado, homem sempre insatisfeito com o dinheiro que recebe e que, para aumentar a renda e fazer jus à "função", aplica castigos físicos na amásia e mantém contato com outras ' mulheres. A moça, tolera os maus tratos porque é dependente ' daquela ligação estranha, e procura ganhar sempre mais para atender os desmandos do amado.

No decorrer do enredo, aparece uma personagem homossexual, funcionário da pensão, que não hesita em roubar o dinheiro do quarto de Neusa Sueli para manter relações sexuais com um garoto e comprar um cigarro de maconha. Acaba con

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.439

DPF DCDP Fls. N.º 379 Rubrica

confessando o roubo após receber toda espécie de torturas do gigolô.

Ao final, o homem abandona a prostituta, por julgá-la envelhecida demais para satisfazer seus gostos; ' sai do quarto, e ela não tem outra alternativa a não ser resignar-se, comendo platônico sanduiche de mortadela.

A mensagem principal do texto é mostrar a vida miserável dos marginalizados e a luta que empreendem, à sua maneira, para garantir a sobrevivência no submundo. Apelam para a violência, para as drogas e outros vícios.

O objetivo da obra parece ser simplesmente mostrar um quadro de miséria com realismo chocante. Mas, em decorrência disso, pode levar à reflexão sobre as circunstâncias ' sociais que criaram tais degenerados, antes seres normais que enverederam pelos caminhos da perdição; podem ser o espelho da falta de oportunidades, das carências afetivas, da falta de apoio.

Isso posto, o texto ainda:-

- é escrito em linguagem vulgar, eivada de palavrões e gírias;
- faz menção à prática de todas as baixezas humanas:- tratamento desrespeitoso à pessoa do próximo, violência física contra seres indefesos, intimidação com uso de arma branca (navalha), prática de relações sexuais por interesse financeiro, humilhações brutais e ausência de qualquer resquício de sentimento de fraternidade, piedade ou afim;
- cita a presença da droga - a maconha, como de uso corrente no submundo, talvez servindo como fuga à falta de soluções reais;
- faz referência à extorção de dinheiro das prostitutas, tanto ' pelo gigolô como pelos policiais (no texto chamados "tiras);
- menciona o homossexualismo;
- é o quadro verdadeiro da mulher considerada como objeto de prazer e lucro por homens inescrupulosos.

Considerando o realismo da peça, é forte o seu grau de persuasão. Destina-se a público esclarecido, pois o conhecimento de prostituição e vícios dela decorrentes é desaconselhável à formação do menor. Opinamos, então, pela ratificação da classificação P/MAIORES DE 18 ANOS, expedida pela DCDP/DPF.

É o Parecer.

TC-Regina M.A.Russ

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.440

DPF DSDP Fls. N.º 380 Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Curitiba, 24 de junho de 1 983

Do TC Lilian Filus
Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Parecer nº 190/83 (encaminha)

Análise de texto teatral

TÍTULO: "Navalha na Carne"
AUTOR: Plínio Marcos
REQUERENTE: Odecio Jorge Nogara - Grupo Artístico "Alegria - Alegria"- COLASE - Toledo
PARECER: pela liberação PARA MAIORES DE 18 ANOS, por ser tema para adultos

O texto retrata episódio envolvendo Neusa Sueli, uma prostituta já idosa e Vado, seu gigolô, homem mais jovem, de boa aparência e bom papo. Ela, ao regressar do "trabalho", é agredida por não ter deixado dinheiro. No entanto, Veludo, um homossexual, responsável pela arrumação do quarto, o furtara, com o objetivo de conquistar um garoto e comprar maconha, confissão que é feita após agressões e até ameaça de uma navalha. Vado reavê e fuma a maconha, passando a brincar com Veludo. Inicialmente, nega-lhe, depois quer obrigá-lo a fumar, até que Neusa Sueli o enxota, já enciumada. O alvo, então, passa a ser a amante, que é acusada de velha, sem nenhum atrativo, a não ser o dinheiro que oferece. Ela se defende, afirmando que tem apenas trinta anos de idade e que sua aparência resulta do cansaço, enquanto ele ameaça provar-lhe, com documentos, que ela tem cerca de cinqüenta, além de retirar-lhe a maquiagem, forçando-a a mirar-se no espelho. Amargurada, e la repudia aquela vida. Quando ele recebe dinheiro, ameaça deixá-la. Ela tranca a porta, impedindo-o de sair e ameaça-o com a navalha, caso ele não a sirva sexualmente. Acovardado, ele passa a acariciá-la, apoderando-se da chave e foge, enquanto ela demonstra preocupação pelo retorno dele.

A peça é válida por retratar o submundo dos vícios e condená-lo como tipo de vida anormal, pois o relacionamento humano

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071 P.441

DPF DCDP Fls. Nº 381

é patológico, já que todos pensam em se agredir, em se servir do outro, numa relação fria, sem espaço para o menor sentimento.

O público alvo, pela temática desenvolvida, é o de adultos.

A linguagem é eivada de expressões agressivas e chulas , mas perfeitamente coerentes com a problemática abordada.

O grau de persuasão é forte, pois a peça, numa abordagem realista, apresenta toda a miséria das pessoas socialmente marginalizadas.

Considerando que a peça:

- transcorre em péssimo ambiente - um sórdido quarto de hotel de 5ª classe;
- apresenta uma prostituta em seu mais baixo grau de decadência: velha, cansada, explorada por um gigolô que a agride física e psicologicamente, mas também capaz de obter, pela força, o que deseja;
- apresenta gigolô em seu mais frio cinismo;
- apresenta homossexual, fazendo alusão à corrupção de menores;
- faz alusão à maconha e apresenta cenas de seu uso e de suas conseqüências no comportamento humano (pgs. 04, 06, 07, 08 e 09), ratificamos a impropriedade para menores de 18 anos, já estabelecida pela DCDP, por ser tema para adultos.

É o nosso parecer.

Lilian Filus
Técnico de Censura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P443

DPF Fls. N.º 384 Rubrica

Serviço Público Federal

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO EM FOZ DO IGUAÇU
SEÇÃO DE CENSURA

PEÇA: NAVALHA NA CARNE

AUTOR: PLÍNIO MARCOS

RESPONSÁVEL PELO GRUPO: ODÉCIO JORGE NOGARA

Em atenção ao Of. Nº3818-SCDP/SR/PR de 29 de junho de 1983 e após exame do Ensaio Geral da referida peça, passamos a informar:

O tema focalizado é a vida de uma mulher que opta pela prostituição e todos os problemas enfrentados por ela,quando não possui mais os atrativos da mocidade. Há uma abordagem de seu relacionamento com o companheiro que vive explorando o seu "trabalho" e, desde o momento em que não há mais lucro, ele a maltrata e, finalmente, a abandona e, como terceiro enfoque, um homossexual que trabalha na pensão e vive em um quarto próximo a ambos.

O grupo organizador, que é formado por professores da Região, peocupa-se em abordar o tema para demonstrar a infelicidade de quem escolhe uma vida irregular, é feita uma preparação do público, anterior à apresentação, para que a influência seja positiva. Há uma certa ênfase, durante a apresentação, quando a própria Neusa Sueli analisa sua vida, com demonstração de muito sofrimento,

Outro enfoque, que surge de modo secundário,é o problema da maconha, a necessidade constante de dinheiro para manter o vício, levando o indivíduo ao furto e à degradação, o tema foi apresentado de forma natural, sem muita ênfase.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007, P.443

DPF
DCDP
Fls. Nº 385
Rubrica

Serviço Público Federal

Analisando a peça, do ponto de vista da composição cênica, observamos que o guarda- roupa é pobre, sem inconvenientes, Neusa Sueli apresenta-se com uma saia acima dos joelhos, um colant e meias coloridas; Vado de calção de banho e camiseta, de início, com terno completo mais para o final da peça; Veludo, o homossexual, com uma blusa bem colorida, calça comprida e peruca. A iluminação utilizada constitui-se em dois focos de luz estáticos (amarelo e vermelho), não há gestos pornográficos, nem projeção de slides ou letreiros, não foi observada nenhuma acentuação em falas ou passagens inconvenientes.

Concordo com a classificação sugerida para a liberação aos maiores de 18 anos devido ao tema ser apropriado ao adulto, à linguagem pornográfica e ao uso de entorpecentes.

Foz do Iguaçu, 23 de agosto de 1983

Marília Perazo Viana

Marilia Perazo Viana
TÉCNICA DE CENSURA
MAT 022-351

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.444

DPF
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
Fls. N.º 386
Rubrica
SCDP
SR. Regional no Paraná

0.051/83-SCDP/SR/PR + PROVISÓRIO +

" NAVALHA NA CARNE "

Plínio Marcos

" ABORDAGEM DE VÍCIOS COM CENAS DE TENSÃO E LINGUAGEM VULGAR "

18 ANOS

Curitiba, xxxxxx 27 Agôsto 83

27 Junho 83

TC Benedito Zumas Fº
Chefe do SCDP/SR/PR
xxxxxxxxxxxxxxxxxxx

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.445

" NAVALHA NA CARNE "

Plínio Marcos

xxxxxx.....

.....xxxxxxx

Grupo Artístico COLASE - Toledo / PR

Odécio Jorge Nagara

24 Junho 83

Impróprio p/menores de 18)dezoito(anos. Condicionado ae exame de Ensaio Geral. Este Certificado somente terá validade quando acompanhado do texto devidamente carimbado e rubricado pelo SCDP/SR/PR .

Curitiba,
xxxxx 27 Junho 83

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
Chefe da SCCon /SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.46

DPF DCDP Fls. N.º 587 Rubrica

TEATRO

TÍTULO NAVALHA NA CARNE

AUTOR: PLINIO MARCOS

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos

Praça SCDP/SR/PR

Obs.:

DF. 26 / Agosto / de / 1983

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o ... mento de censura e com a cla... ação: impró-pria para menores de 18 (dezoito) anos, Sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: cert. provisório - SR/PR

Brasília-DF, 29 de 08 de 1983

Hellé Prudente Carvalhedo
Mat. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

II - Abordagem de vícios com cenas de tensão e linguagem julgar

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 18 (dezoito) anos.

Brasília, DF 29 de 08 de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 29 / 08 / 1983

Belange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.447

DPF
DCDP
Fls. N.º 388
Rubrica

30 agosto de 1983

1.534/83-SE/DCDP

PR.

" UNS FÉ DE MAIS, OUTROS FÉ DE MENOS ", de Benedito Candido da Silva, " NAVALHA NA CARNE ", de Plínio Marcos.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 148

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Fls. N.º 10
Rubrica

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
139	29 DE AGOSTO DE 1983	29 DE AGOSTO DE 1988

TÍTULO: NAVALHA NA CARNE

AUTOR (ES): PLÍNIO MARCOS

CLASSIFICAÇÃO: 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: ABORDAGEM DE VÍCIOS COM CENAS DE TENSÃO E LINGUAGEM VULGAR

Dofange M. F. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: NAVALHA NA CARNE

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 139

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: ODÉCIO JORGE NAGARA TOLEDO/PR

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SCDP/SC
ASSINATURA

BSB, 29 DE AGOSTO DE 1983.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P.449

DPF
DCDP
Fls. N.º 390
Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
JUN 0410 IB 004560
DCDP/MSR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 069/85-SCDP/SR/MG — BELO HORIZONTE, 04 DE JUNHO DE 1985.

ASSUNTO: PEÇA TEATRAL (ENCAMINHA)

SENHOR DIRETOR:

PELO PRESENTE, ENCAMINHAMOS À V. SA., O PROCESSO DE Nº 443/85-SCDP/SR/MG, REFERENTE À PEÇA TEATRAL "NAVALHA NA CARNE", DE AUTORIA DE PLÍNIO MARCOS, TUDO DE CONFORMIDADE COM A PORTARIA Nº 017/78-DCDP.

ATENCIOSAMENTE,

ANTÔNIO JOSÉ DE FREITAS DUARTE
CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILMO. SR.
DR. CORIOLANO DE LOIOLA CABRAL FAGUNDES
MD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.450

DPF
DCDP
Fls. N.º 391
Rubrica

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - Departamento de Policia Federal
Superintendencia Regional de Minas Gerais
Serviço de Censura de Diversões Publicas
PROTOCOLO Nº 443/85
DATA 06/03/1985
Funcionário

GILBERTO PELUCHI - GRUPO STEFANY DE TEATRO
Requerente

BRASILEIRA, ATOR
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade TE - 36.051 - 109ª - Itabira
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Itabirito, 17 - Itabira

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sª., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) Peça de teatro abaixo relacionada(s), de autoria
Espécie

de: Plinio Marcos

Navalha na carne
Título(s)

N. Termos
Pede deferimento

Belo Horizonte, 05 de março de 1985
Local e Data

Gilberto Peluchi
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.451

1 - EMPRESA OU GRUPO. (Se houver)

Nome: GRUPO STEFANY DE TEATRO C.G.C.:

Sede: Rua Cônego José Lopes Magalhães, 72

ITABIRA CEP: 35900

Diretor ou Responsável: GILBERTO PELUCHI

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Plínio Marcos

Pseudômino: Plínio Marcos Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

3 - PARCERIA

Nome: não tem

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aquí prestadas.

DATA: Belo Horizonte, 05 de março de 1981

Ass.: Gilberto Peluchi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.452

DPF
DCDP
Fls. N.º 502
Rubrica

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-DPF-SR-MG

Maria Geralda Salvadores
(REQUERENTE)

Brasileira, Atriz, CARTEIRA DE IDENTIDADE CPF
(NACIONALIDADE) (PROFISSAO)
58 39 43 466 34, RESIDENTE E DOMICILIADO À R. Conego Jose Dafes Magalhães
(Nº/ORGAO EXPEDIDOR)
Nº 72 Bela Vista Itabira MG FONE: 831487

VEM REQUERER A V.SA. O EXAME DO ENSAIO GERAL DO ESPETÁCULO Navalha na Carne
de Plinio Marcos A REALIZAR-SE Dia 31 de
(PEÇA TEATRAL, BAILADOS, ETC.)
maio 1985 20:Hs Av. Augusto de Lima 1920 2º andar B.H.
(LOCAL DO ENSAIO-ENDEREÇO)

DATA E HORÁRIO ACIMA, DECLARADOS PELO CENSOR RESPONSÁVEL, CONSOANTE OS ARTIGOS 49 E 50, § 5º DO DEC. Nº 20.493/46, CABENDO AO REQUERENTE A RESPONSABILIDADE QUANTO ÀS DETERMINAÇÕES LEGAIS MENCIONADAS NO VERSO.

TERMOS EM QUE
PEDE DEFERIMENTO

Belo Horizonte 23/05/85
(LOCAL E DATA)

Salvadores
(REQUERENTE)

OBS. VIDE VERSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.453

D E C R E T O Nº 20.493
D E 24 D E J A N E I R O D E 1946

ART. 50. DURANTE OS ENSAIOS GERAIS OS ARTISTAS SÃO OBRIGADOS A CUMPRIR RIGOROSAMENTE AS DETERMINAÇÕES DO CENSOR E DO CHEFE DO SCDP, TANTO EM RELA = ÇÃO AO TEXTO DA PEÇA OU NÚMERO EM ENSAIO, COMO EM RELAÇÃO À INDUMENTÁRIA, AOS GESTOS, MARCAÇÕES, ATITUDES E PROCEDIMENTO NO PALCO.

§ 1º. É DA RESPONSABILIDADE DOS EMPRESÁRIOS OU DIRETORES DAS CASAS DE DIVERSÕES PÚBLICAS NÃO SE APRESENTAREM OS ARTISTAS COM A INDUMENTÁRIA PRÓPRIA DURANTE OS ENSAIOS GERAIS E NÃO SE ACHAREM PRONTOS E EM FUNCIONAMENTO OS CENÁ RIOS RESPECTIVOS.

. . . . . .

§ 3º. DURANTE O ENSAIO GERAL QUE É PRIVATIVO DA CENSURA, CUMPRE AO EM- PRESÁRIO, OU QUEM SUAS VÊZES FIZER, NÃO PERMITIR A PRESENÇA DE PESSOAS ESTRA- NHAS, SEM CONSENTIMENTO EXPRESSO DO CENSOR.

. . . . . .

§ 5º. O ENSAIO GERAL SOMENTE SERÁ REALIZADO QUANDO REQUERIDO AO CHEFE DO SCDP, COM A NECESSÁRIA ANTECEDÊNCIA, PELO EMPRESÁRIO OU DIRETOR DA COMPA - NHIA TEATRAL, OU PELO RESPONSÁVEL PELO ESPETÁCULO, OUVINDO-SE O CENSOR RES - PECTIVO, QUE DECLARARÁ, POR ESCRITO, NESSE REQUERIMENTO O DIA E HORA PARA A REALIZAÇÃO DO MESMO ENSAIO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.454

DPF
DCDP
Fls. N.º 393
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 1985.

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Diversões Públicas
Departamento de Censura Federal
BRASILIA - 70.000

Prezado Diretor,

pela presente, temos a grata satisfação de encaminhar à V. Sa., para fins de censura três cópias da peça: "Navalha na Carne".

Original de: Plínio Marcos.
Tradução de:
Próxima apresentação pelo grupo de teatro: "Grupo Stefany".

Estando prevista a estréia para: 2ª quinzena de abril.
Cidade: Itabira. Estado: Minas Gerais:

Sendo só para o momento, subscrevemo-nos, com elevada estima e consideração.

Atenciosamente,

18.000 - 2/80

DPF DCDP Fls. Nº 394 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007, P. 455

DE BRASILIA NR 1852 30 070942P/CS

SCDP/SR/MG = BHE

NR 200-SA/DCP DE 07MAR85 PT RERA 018/85/SCDP/SR/MG DE 060385 VG INFO CONSTA ARQ DCDP REF PEÇA TEATRAL ASPAS NAVALHA NA CARNE ASPAS REG 139 139 VG CLASSF 18 ANOS VG VAL 290888 PT

DCDP

NNNNN
TR/ ((YL) = 070385 AAS
REC POR ?R?R?R

P/ S. Coordenação p/ providencias.
B. Hte. 07.03.85.
Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

Ciente.
Arquivar.
B. Hte, 07/03/85

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCOP
Fls. N.º 595
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.456

`As Sras. TCs, Dra Anun-
ciação e Dra. Helena, para
leitura e pareceres.

B. Hte, 06/03/85

Bra. Ana Maria Coelho Montes - Téc. Censura
Matr. 2.416.906 - SCOP/DPF/SR/MG
Chefe da Seção de Coord. e Controle

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 459

NAVALHA NA CARNE

autor: **PLÍNIO MARCOS**

(AO ABRIR O PANO, VADO ESTÁ DEITADO NA CAMA, LENDO UMA REVISTA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS. ENTRA NEUSA SUELI.)

NEUSA SUELI — Oi, você está aí?

VADO — Que você acha?

NEUSA SUELI — É que você nunca chega tão cedo.

VADO — Não cheguei, sua vaca! Ainda nem saí!

NEUSA SUELI — Tá doente?

VADO — Doente, o cacete!

NEUSA SUELI — Não precisa se zangar. Só perguntei por perguntar.

VADO — Mas pode ficar sabendo que estou com o ovo virado.

NEUSA SUELI — Por que, meu bem?

VADO — Não sabe, né?

NEUSA SUELI — Não sou adivinhona.

VADO — Quer bancar a engraçada? Vou te encher a lata de alegria. (VADO COMEÇA A TORCER O BRAÇO DE NEUSA SUELI.) Gostou?

NEUSA SUELI — Poxa, você está me machucando.

VADO — Você ainda não viu nada, sua miserável!

NEUSA SUELI — Ai, não te fiz nada!

VADO — Não fez? Não fez, sua filha-de-uma-cadela?

NEUSA SUELI — Que foi que eu te fiz?

VADO — Quer se fingir de boba?

NEUSA SUELI — Ai, ai! Juro que não sei.

VADO — Sabe por que eu não saí hoje?

NEUSA SUELI — Sua cabeça é seu guia.

VADO — Pois é, né?

NEUSA SUELI — Eu não prendo ninguém.

(VADO EMPURRA NEUSA SUELI, QUE CAI NO CHÃO.)

VADO — Já lembrou o que me aprontou, sua nojenta?

NEUSA SUELI — Você está é com onda.

VADO — Quer criar caso? Pode ficar certa que outra presepada que você me arrumar, não vai ser mole pra você. Sua porca! Quem você pensa que eu sou? Um trouxa qualquer? Assim você aprende a não querer bancar a sabida comigo.

NEUSA SUELI — Poxa, você me machucou. (LEVANTA-SE.)

VADO — Assim você se manca.

NEUSA SUELI — Abre o jogo de uma vez. O q[illegible]

Serviço de Censura de Diversões Públicas
D.P.F.
SR/MG
DPF DCDP 396

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.458

que eu te fiz? Já foram fazer alguma fofoca de mim pra você, é? Eu sei quem foi! Você fica entrando no papo daquela vadia lá do 102. Só pode ser ela quem te encheu a cabeça. Pensa que eu não sei? Ela dá em cima de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode ver ninguém bem. Mas ela vai ver. Comigo não vai ter bafo. Corto a cara dela com gilete.

VADO — Cala essa boca, pombas! Aquela mulher não tem nada a ver com isso. E você sabe bem.

NEUSA SUELI — Ela não me manja, não! Se ela se assanha pro teu lado, eu engrosso. Olha aqui, Vado, já vou te avisando. Se eu te ver batendo caixa com ela, faço um azar. Você sabe que eu faço mesmo. Não estou aqui pra ser corneada por uma jogada-fora daquelas.

VADO — Vê se cala essa matraca.

NEUSA SUELI — Já vi que você embarcou na dela.

VADO — Quer tomar outro cacete? Não, né? Então não me enche o saco! Já estou cabreiro com você. Se espernear, te meto a mão.

NEUSA SUELI — Aquela filha-da-puta te enrolou, eu sei. Ela fez assim com o macho da Mariazinha. Caguetou pra ele que ela estava se escamando na viração porque estava prenha. O cara foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou de tanta porrada que levou. Depois, enquanto a desgraçada se danava

no hospital, o sacana ía na leve com a grana da cadela do 102. Também, a Mariazinha é uma trouxa. Saiu do hospital e aceitou o miserável do homem dela de volta.

VADO — Ela que tá certa.

NEUSA SUELI — Otária é o que ela é.

VADO — Não manjo esse cara da Mariazinha. Mas ele está por dentro.

NEUSA SUELI — Um paspalhão que ele é. Voltou todo empesteado daquela galinha.

VADO — Conversa! O sujeito sabe viver.

NEUSA SUELI — Sabe viver pra chuchu. Se não fosse a Maria cuidar do miserável, ele se acabava. Entrou no puteiro da cadela à pé e saiu à cavalo.

VADO — Mas ele que pode. Está certo, sim. A mina é gamada, leva no macio. Fez ela pagar o esquentamento da outra.

NEUSA SUELI — Maria é uma boba. Comigo não tem disso.

VADO — Quer ver eu te aprontar uma dessas e você me aguentar? Duvida? Te faço uma pior e tu me engole. Se duvida, diz. Te apronto uma que não vai ser mole pra ti. Se duvida, te mostro.

NEUSA SUELI — Você não tem coragem.

VADO — Não? Já existe penicilina, boboca! Me limpo fácil. Agora, você se estrepa. Pega fama de perebenta,

DPF DCDP 397

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.459

tá lascada. Ninguém mais vai querer. Nem o cara mais jogado às traças.

NEUSA SUELI — Poxa, Vado, não vai fazer um papelão desses comigo.

VADO — Me apronta outra presepada como a de hoje. Me apronta, que eu te estrepo.

NEUSA SUELI — Mas, poxa, o que eu te fiz hoje?

VADO — Porra, quer apanhar outra vez? Fica querendo se fazer de sabida, depois se queixa. Estou deixando a coisa no barato. Se tentar me engrupir, te arrebento todos os dentes com uma mucada.

NEUSA SUELI — Não tem babado. Alguém te encheu a cuca. Te botou contra mim.

VADO — Não me torra o saco! Tenho malandragem pra dar e vender. Não vai ser você que vai gozar minha cara.

NEUSA SUELI — Não estou querendo gozar ninguém.

VADO — Ai de você se quisesse!

NEUSA SUELI — Só não estou por dentro da sua bronca.

VADO — Não está, né? Agora, olha, sua puta sem-vergonha! (VADO MOSTRA OS BOLSOS VAZIOS.) Morou, agora?

NEUSA SUELI — Está na lona?

VADO — Eu estou duro! Estou a nenhum! Eu estou a zero! A zero, sua vaca!

NEUSA SUELI — E a culpa é minha?

VADO — Vagabunda, miserável! Sua puta sem-calça! Quem tu pensa que é? Pensa que estou aqui por que? Anda, responde! (PAUSA) Não escutou? Responde! Por que? Você acha que eu te aturo por que?

NEUSA SUELI — Eu sei... Eu sei...

VADO — Sabe, né? Então diz. Por que eu te aturo?

NEUSA SUELI — Poxa, Vadinho, eu sei...

VADO — Então diz! Diz! Quero escutar. Diz de uma vez, antes que eu te arrebente. Por que eu fico com você?

NEUSA SUELI — Por causa da grana.

VADO — Repete, sua vaca! Repete! Repete! Anda!

NEUSA SUELI — Por causa da grana.

VADO — Repete mais uma vez!

NEUSA SUELI — Por causa da grana.

VADO — Mais alto, sua puta nojenta!

NEUSA SUELI — Por causa da grana!

VADO — Isso mesmo. Estou com você por causa do tutu. Só por causa do tutu. Você sabe. Estou aqui por causa da grana. Por causa da grana! É isso mesmo. E se você não me der moleza, te arrebento o focinho. Eu sou o Vadinho das Candongas, te tiro de letra fácil, fácil. Eu estou assim (FAZ GESTO COM OS DEDOS INDICANDO MUITAS.) de mulher que

Serviço de Censura de Diversões Públicas DPF DCDP Fls. 398

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071 ,P.460

me dar o bem-bom. Você sabe disso também, não sabe? (PAUSA) Sabe ou não sabe?

NEUSA SUELI – Sei . . . Sei, sim . . . (CHORA.)

VADO – Pára de chorar! Porra, será que vou ter de aturar até essa onda de choro?

NEUSA SUELI – Pronto. Já não estou mais chorando.

VADO – Que mania de fazer drama à-toa!

NEUSA SUELI – À-toa? Você me machucou!

VADO – Bem feito! Assim você aprende a não folgar com o bom.

NEUSA SUELI – Não te fiz nada. Você está zoeira!

VADO – Estou mesmo. Minha zoeira é ser bom pra mulher. Te trato legal, nisso que dá. Quando digo que estou a nenhum, que estou durango, a piranha põe banca: (IMITANDO A VOZ DE NEUSA SUELI) "Não é culpa minha, não é culpa minha!" Poxa, será que tenho cara de trouxa? Sou teu macho, se não tenho um puto de um tostão, quem está errado?

NEUSA SUELI – Não sei . . .

VADO – Ai, meu cacete! Não aprendeu? As porradas que te dei não serviram de nada?

NEUSA SUELI – Te dou a grana. Se você torra, que posso fazer?

VADO – Que grana que você me deu hoje?

NEUSA SUELI – Não sabe, né? Ganha no mole, mete o pau fácil.

VADO – Escuta aqui, desgraçada! Tá querendo me azedar de novo? Que dinheiro você me deu hoje?

NEUSA SUELI – Não deixei dinheiro aí no criado-mudo?

VADO – Ficou louca?

NEUSA SUELI – Claro que deixei o tutu aí.

VADO – Então ele voou.

NEUSA SUELI – Então voou!

VADO – Mentirosa! Nojenta!

NEUSA SUELI – Não me força a paciência. Encheu a cuca de fumo e esqueceu de tudo.

VADO – Não peguei uma ponta de estaleiro hoje, pantera! Estou de presa seca por tua causa. Pensa que maconha anda por aí dando buzo?

NEUSA SUELI – Só sei que botei o dinheiro aí no criado-mudo, como todo dia.

VADO – Se botasse, eu não estava aqui esquentando a mufa. Estava lá na sinuca me divertindo.

NEUSA SUELI – Queimando erva e dinheiro.

VADO – E daí? Dinheiro meu gasto onde quero.

NEUSA SUELI – E eu que me dane na viração.

VADO – É a lei. Mulher que quer se bacanear com cara linha de frente como eu tem de se virar certinho.

NEUSA SUELI – Um dia a casa cai, pode crer.

Serviço de Censura de Diversões Públicas
DPF
DCDP
379

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.461

VADO – Não conversa, não. Quero saber onde está a porra do dinheiro.

NEUSA SUELI – Botei aí. Cansei de falar.

VADO – Então alguém pegou.

NEUSA SUELI – Então pegou.

VADO – E não fui eu.

NEUSA SUELI – Será? . . . Será que foi o desgraçado? . . .

VADO – Que desgraçado?

NEUSA SUELI – O Veludo. Será que foi ele?

VADO – Ele? . . . Ficou batusquela? Ele não ía ter peito.

NEUSA SUELI – Ele entrou aqui hoje depois que saí?

VADO – Como vou saber? Estava dormindo.

NEUSA SUELI – Acho que o sacana veio arrumar o quarto, viu você apagado, passou a mão na erva e se mandou.

VADO – Não inventa! Ele não ía ser tão cara-de-pau assim.

NEUSA SUELI – Não sei, não. Vi o garoto do bar saindo do quarto do Veludo.

VADO – E daí? Ele dá o que é dele.

NEUSA SUELI – Pois é. Mas há muito tempo ele vem cozinhando o garoto e não arrumava nada porque estava duro. O garoto cobrava caro pra entrar na dele.

VADO – Poxa, será que elé afanou meu tutu pra dar praquele trouxinha?

NEUSA SUELI – Se ele entrou aqui hoje, foi ele.

VADO – Mato esse puto de merda, se foi ele.

NEUSA SUELI – Vou perguntar pra Dona Tereza.

VADO – Perguntar o quê?

NEUSA SUELI – Se a velha pagou o ordenado do Veludo.

VADO – Que nada! Deixa ele pra mim! Chama essa bicha miserável!

NEUSA SUELI (VAI ATÉ A PORTA DO QUARTO E CHAMA:) – Veludo! Veludo! Quarto três! (PAUSA) Não escutou.

VADO – Chama mais alto. Todo veado é surdo.

NEUSA SUELI – Veludo! Veludo!

VELUDO (FORA DE CENA) – Quem me chama?

NEUSA SUELI – Quarto três.

VELUDO – Já vai.

VADO – Vou acertar o passo dessa bichona.

NEUSA SUELI – Não vai machucar ele.

VADO – Não, né? Você vai ver.

NEUSA SUELI – Ele é doido por um enxame. Ele chama a cana.

VADO – Essa bicha não é doida, nem nada.

NEUSA SUELI – Toma cuidado, Vadinho. Vê lá o que tu vai fazer.

Censura de Diversões Públicas DCDP DPF SR/MG Fls. Nº 100 Rubrica

VADO – Vai por mim.

VELUDO (NA PORTA DO QUARTO) – Chamou, Neusa Sueli?

VADO – Entra, bichona.

VELUDO – Com licença.

(VELUDO ENTRA.)

VADO – Vai entrando, seu puto.

VELUDO – O senhor está aí, Seu Vado?

VADO – Estou, sim.

VELUDO – É o senhor que quer falar comigo, ou é a Neusa Sueli? Adoro esse nome: Neusa Sueli.

VADO – Fecha a porta e deixa de frescura.

VELUDO (FECHA A PORTA.) – Pronto, Seu Vado.

VADO – Presta bem atenção no que vou te dizer, seu veado de merda!

VELUDO – Se o senhor começar a me xingar, me mando. A Neusa Sueli sabe como eu sou. Não gosto de desaforo. Nem dos meus homens aguento maltrato.

VADO – Filho-da-puta! Veado nojento!

VELUDO – Você está vendo, Neusa Sueli? Vou me arrancar. Depois você reclama que eu não gosto de vir fofocar no seu quarto. É por essas e outras. Ninguém gosta de estupidez.

VADO – Isso não é nem o começo.

VELUDO – Pra mim é o fim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071/P.462

(VELUDO TENTA SAIR, VADO O AGARRA COM VIOLÊNCIA.)

VELUDO – Bruto! Cafajeste!

VADO – Cala essa boca, fresco de uma figa!

VELUDO – Me deixa sair.

VADO – Senta aí!

(VADO BATE EM VELUDO E FAZ COM QUE ELE SE SENTE NUMA CADEIRA.)

VELUDO – Ai, ai! Que é que deu nesse homem?

VADO – Vamos conversar, seu sem-vergonha

VELUDO – Se a Neusa Sueli gosta de apanhar, bate nela. Eu não gosto de coisas brutas, não sou tarado. (VADO BATE EM VELUDO.) Ele está me batendo, Neusa Sueli!

NEUSA SUELI – Explica tudo direitinho. Vai ser melhor pra você.

VELUDO – Explica o quê?

VADO – Quem mandou você pegar o dinheiro?

VELUDO – Que dinheiro?

VADO – O que você pegou.

VELUDO – Deus me livre! Que dinheiro que eu peguei? Ai, meu Deus! Nem sei do que vocês estão falando.

VADO – Cadê a grana, Veludo? (BATE EM VELUDO.)

Serviço de Censura de Diversões Públicas DPF DCDP SR/DF

VELUDO — Ai, ai, seu cafetão nojento! Tua mulher não te dá dinheiro? Quer pegar o meu?

VADO — Se abre logo!

VELUDO — Miserável! Vai bater na cara da tua mãe. Porco! Essa vaca da Sueli não te dá moleza, é? Pensa que eu vou dar? Nojento! Cafetão!

VADO — Cala o bico!

VELUDO — Vai morrer morfético! Tu e essa perebenta! Essa suadeira!

NEUSA SUELI — Fala logo, Veludo. Você pegou o dinheiro que estava no criado-mudo? Fala logo, anda!

VELUDO — Ai, ai! Ele está quebrando o meu braço!

NEUSA SUELI — Pegou ou não pegou?

VELUDO — Não peguei.

VADO — Não mente, nojento! Não mente!

VELUDO — Eu não peguei! Juro que não peguei!

NEUSA SUELI — Você pensa que vai levar a gente no bico?

VELUDO — Juro que não sei de dinheiro nenhum.

VADO — Não sabe, cachorro?

(VADO CONTINUA SEMPRE BATENDO EM VELUDO.)

VELUDO — Ai, ai! Esse homem me mata! Socorro! Socorro!

VADO — O que você fez com minha grana, miserável?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.463

VELUDO — Não me bate! Não me bate!

VADO — Então se abre.

NEUSA SUELI — A gente sabe o que você fez com a grana.

VADO — Confessa logo, bicha, senão vou botar pimenta no teu rabo.

VELUDO — Pelo amor de Deus, Neusa Sueli, não deixa esse tarado me judiar!

NEUSA SUELI — Então começa a contar.

VELUDO — Ai, meu São Jorge guerreiro! Está todo mundo doido. Está todo mundo chapado de erva. Neusa Sueli, pelo amor de Deus, eu não sei de nada!

VADO — Filho-da-puta! Mentiroso!

VELUDO — Socorro! Socorro! Monstro! Por que você não faz isso com homem, seu nojento? Ai, esse tarado está me matando!

VADO — Seu puto, você apanhou a grana daqui pra andar com o garoto do bar?

VELUDO — Não entrei aqui hoje.

VADO — Você veio arrumar o quarto, pegou o dinheiro.

NEUSA SUELI — E deu pro moleque do bar.

VELUDO — Eu ia fazer uma coisa dessa? Não sou ladrão e não sou que nem você, que tem que dar dinheiro pra homem.

Serviço de Censura de Diversões Públicas
DPF SR/MG
Fiscal
DPF DCDP 1102

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.464

NEUSA SUELI – Pensa que não vi o garoto sair do seu quarto?

VELUDO – E daí? Ele gama em mim.

VADO – O desgraçado gama o meu dinheiro. Isso é que é! E você passou a mão na grana e deu pra ele.

VELUDO – Eu, não!

NEUSA SUELI – Mentiroso! Você mesmo falou que estava gamado no garoto e que ele não queria nada com você, porque você estava duro. Falou ou não falou?

VELUDO – Se dei dinheiro pro meu machinho, ninguém tem nada com isso. Na minha vida, mando eu. Sou livre.

VADO – Puto sem-vergonha! Você deu o meu dinheiro. O meu dinheiro, que estava ali em cima, e você afanou.

(VADO AGARRA VELUDO PELOS CABELOS.)

VELUDO – Ai, ai! Esse homem vai me deixar careca!

NEUSA SUELI – Sabe que por sua causa eu levei um couro do Vado, seu sacana?

VELUDO – Bem feito!

(NEUSA SUELI ARRANHA O ROSTO DO VELUDO.)

VELUDO – Ai, você me paga, sua porca! Com você eu posso. Eu te pego sozinha, sua vaca! Você vai ver!

VADO – Você não vai pegar ninguém.

VELUDO – Ela é mulher. Com ela eu posso.

VADO – Que é que você fez do dinheiro? Fala!

VELUDO – Não peguei.

NEUSA SUELI – É teimoso como uma mula. Vou te ajudar a lembrar. (APANHA UMA NAVALHA NA BOLSA.) Vou te arrancar os olhos! (APROXIMA A NAVALHA DO ROSTO DO VELUDO.)

VELUDO – Não! Pelo amor de Deus! Não! Neusa Sueli! Não!

VADO – Pode cortar esse miserável!

NEUSA SUELI – Vai falar tudinho?

(VELUDO FAZ QUE SIM COM A CABEÇA.)

VADO – A bicha ficou apavorada.

NEUSA SUELI – Então começa.

VADO – Fala logo, anda!

VELUDO – Estou sem ar.

VADO – Não vem com frescura! Não vem com frescura!

NEUSA SUELI – Veludinho, é melhor pra você contar tudo direitinho. É pro seu bem, querida.

VELUDO – Você me perdoa, Neusa Sueli? Eu devolvo tudinho. Eu não aguentei. Eu vim arrumar o quarto, o Seu Vado estava dormindo, eu peguei o dinheiro e dei pro rapaz do bar. Eu estava gamado nele. Juro que devolvo.

Censura de Diversões Públicas – Serviço de Censura DPF DCDP Fls. N.º 403

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.465

VADO – Canalha! Miserável! Veado safado! Deu todo o metal pro trouxinha?

VELUDO – Só dei a metade.

VADO – E o resto da grana? E o resto?

VELUDO – Comprei um baseado de erva.

VADO – Sacana! Eu de presa seca e ele se tratando.

VELUDO – É vício.

VADO – E pensa que vou sustentar vício de veado?

VELUDO – Eu vou devolver o dinheiro todinho, Seu Vado. Pode crer.

VADO – Quando? No dia de São Nunca?

VELUDO – Não, no fim do mês. No meu pagamento.

VADO – E você pensa que eu vou esperar até o fim do mês?

VELUDO – Desculpe, Seu Vado.

VADO – Vou te caguetar pra Dona Teresa. Ela te põe na rua, te paga os teus dias de basquete e eu pego o meu.

VELUDO – Por favor, Seu Vado. Eu juro que devolvo tudo.

VADO – Quero juros.

VELUDO – Eu pago, mas não apronta pra mim.

VADO – Vai pagar o dobro. Se não comparecer, já viu. Te agarro e te desgraço.

VELUDO – Eu pago, pode crer.

NEUSA SUELI – Ele paga, sim, Vado. O Veludo é bonzinho.

VELUDO – A Neusa Sueli me conhece. Quando eu digo que faço uma coisa, eu faço mesmo, nem que me lasque toda.

VADO – Quero ver. E o fumo? Queimou ele todo?

VELUDO – Nem biquei ainda. Não trato disso quando estou trabalhando. Eu fico muito louca quando estou chapada.

CORTE

VADO – Dá pra cá a erva.

VELUDO – O senhor me deixa dar umas narigadas também?

VELUDO – Depois a gente vê. Dá pra cá, anda!

VELUDO (DANDO O CIGARRO) – É fumo do norte mesmo. Dá uma zoeira legal!

NEUSA SUELI – Não vai queimar essa porcaria aqui.

VADO – Você cala a boca.

NEUSA SUELI – Dona Tereza não gosta de bagunça aqui na pensão.

VADO – Quero que ela vá à merda!

VELUDO – Ai, que homem doidão!

NEUSA SUELI – Depois, quem se estrepa sou eu. Quando você se arranca, ela vem aqui reclamar.

VADO – Manda ela à merda!

NEUSA SUELI – Ela me põe na rua.

VADO – Azar!

Serviço de Censura de Diversões Públicas DPF SR/MG Rubrica DPF DDP 004

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.466

NEUSA SUELI — Azar meu, né?

VADO — Porra, pára de me torrar o saco. Foi você que arrumou toda a confusão e ainda resmunga. Não quero escutar um pio contra a maconha. Gosto de curtir minha onda de leve.

VELUDO — Ele sabe viver.

(VADO ACENDE O CIGARRO DE MACONHA E DÁ UMA TRAGADA.)

VADO — Legal!

CORTE

VELUDO — Não fica triste, Neusa Sueli. Homem é assim mesmo. Todos uns brutos. (PAUSA) Seu Vado, deixa eu dar um cheiro?

VADO — Quer bicar?

VELUDO — O senhor deixa?

VADO — Não!

VELUDO — Ah, deixa . . . por favor . . . deixa . . .

VADO — Se manca, vagabundo!

VELUDO — Por favor . . .

VADO — Gosta de fumo, é?

VELUDO — Sou tarado.

VADO — E por que fica gastando dinheiro com os pivetes? Por que, hein?

VELUDO — Ah, Seu Vado . . .

VADO — Você gosta mais de maconha ou de moleque?

VELUDO — Cada coisa tem sua hora.

VADO — Bichona malandra!

VELUDO — Deixa eu bicar, Seu Vado.

VADO — Pega aqui. Na minha mão.

VELUDO — Que bom! (TENTA AGARRAR O CIGARRO.)

VADO — Não vale segurar.

VELUDO — Como o senhor é mau, Seu Vado.

(A CENA REPETE-SE VÁRIAS VEZES, SEMPRE VELUDO TENTANDO ALCANÇAR, COM A BOCA, O CIGARRO QUE ESTÁ NA MÃO DE VADO. VELUDO FICA CADA VEZ MAIS AGONIADO. VADO RI CADA VEZ MAIS. NEUSA SUELI PERMANECE INDIFERENTE. VELUDO AGARRA A MÃO DE VADO, QUE LHE DÁ UM VIOLENTO EMPURRÃO.)

VELUDO — Neusa Sueli, manda ele deixar eu fumar, manda.

NEUSA SUELI — Não estou gostando nada dessa zorra aqui dentro.

VELUDO — Vai, Neusinha Sueli, manda ele me dar uma tragada. Por favor, Sueli, manda. Eu não aguento mais.

NEUSA SUELI — Acho melhor você se arrancar daqui.

VELUDO — Seu Vado, deixa eu dar uma fumadinha só.

VADO — Sem-vergonha! Pensa que mulher manda em

DPF DCDP 605

mim, bicha louca? Pensa que se essa vaca mandasse eu ía te dar o fumo?

VELUDO — Que homem bruto, meu Deus! Vado, deixa eu fumar!

VADO — Ainda sou Seu Vado pra você. Perdeu o respeito, seu miserável?

VELUDO — Homem que me judia eu não chamo de senhor. É Vado, e olhe lá.

VADO — Te dou uma porrada que você vê.

VELUDO — Dá, então.

(VADO BATE EM VELUDO.)

VADO — Gostou?

VELUDO — Bate mais.

VADO — Nojento!

VELUDO — Bate, seu bobo, bate.

(VADO FICA VENCIDO, IMPOTENTE.)

VELUDO — Você viu, Neusa Sueli, como a gente lida com homem?

VADO — Cala a boca, bicha!

VELUDO — Vem me bater, seu trouxa!

VADO — Você vai ver, bicha louca!

VELUDO — Pode bater. A cara está aqui.

VADO — Veado! Veado de merda! Porco nojento! Ladrão sem-vergonha!

VELUDO — Bate em mim, machão. Bate nesta face, te viro a outra. Como Jesus Cristo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.467

VADO — Bicha é uma desgraça.

VELUDO — Você viu como eu encabulei o homem, Neusa Sueli? Tadinho dele! Ficou sem jeito: Coitadinho! Vê a carinha do Vado, Neusa Sueli. Vai fazer um carinho pra ele. Ele está tristinho. Vai lá, bobona. Vai agradar teu homem. Vai, Neusa Sueli.

NEUSA SUELI — Pára com isso, pombas! Será que você não se manca que não está agradando? Poxa, você é mais chato que cri-cri. Por que você não se manda daqui? Vai lá pro teu quarto! Vai à merda! Vai à puta-que-te-partiu! Mas me esquece. Não quero você aqui no meu puleiro. Anda, te arranca! Te arranca, que é melhor pra você. Já estou invocada. Muito invocada.

VELUDO — Desculpe. Não vou morrer por causa disso. Não quer eu aqui, me mando e pronto. Nunca fico onde não me querem. Aliás, só vim aqui porque me chamaram. Mas já vou indo. Tchau mesmo! Pensei que era o homem deste galinheiro que cantava de galo. Entrei bem. Quem manda aqui é a galinha velha.

NEUSA SUELI — Galinha velha é tua mãe!

VADO — Ela se queimou.

VELUDO — Pôs a carapuça porque quis.

NEUSA SUELI — Vai saindo!

(VELUDO VAI SE DIRIGINDO PARA A PORTA.)

VADO — Fica! Só sai quando eu mandar.

Censura de Diversões Públicas
DPF
DCDP
Rubrica
406

VELUDO – Ela está invocada comigo. Não quero encrenca. Vou embora.

VADO – Ela que se dane! Fica!

NEUSA SUELI – Você vai me pagar, sua bicha. Está botando o meu homem contra mim.

VELUDO – Eu quero ir embora, ele não deixa.

NEUSA SUELI – Nojento!

VELUDO – Não sei por que as mulheres me detestam tanto.

VADO – Ai, ai!

NEUSA SUELI – É melhor deixar essa bicha sair. Já estou me esquentando.

VADO – Ela agora vai queimar o fumo. Não vou deixar ela sair daqui de presa seca. Vem fumar, bichinha!

VELUDO – Agora não quero.

VADO – Não faz onda e pega logo.

VELUDO – Pra mim michou.

VADO – Não queria? Tá aí. Mete o nariz.

VELUDO – Já falei que não quero.

VADO – Estou mandando fumar.

VELUDO – Você não é meu homem, não me manda nada.

VADO – Chupa essa fumaça!

VELUDO – Nem por bem, nem por mal.

(VADO DESESPERA-SE E COMEÇA A BATER EM VELUDO.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.468

VELUDO – Bate! Bate! Bate!

VADO – Eu te mato! Eu te mato!

VELUDO – Mata! Mata! Mata mesmo, homem! Mas eu não fumo tua maconha! Não fumo!

VADO – Fuma essa merda! Fuma! Não escutou eu mandar?

(VADO VAI TENTANDO, DESESPERADAMENTE, COLOCAR O CIGARRO NA BOCA DE VELUDO, PARA QUE ELE FUME. VELUDO NÃO DEIXA.)

VELUDO – Me mata, meu homem!

NEUSA SUELI – Pára com isso, Vado! Pára com isso!

VADO – Quero que esse puto fume maconha, eu quero!

VELUDO – Mas não vai conseguir nada de mim.

VADO – Por favor, Veludo, fuma essa droga, se não eu faço uma desgraça! Por favor, fuma!

VELUDO – Nem você me pedindo de joelhos.

NEUSA SUELI – Pelo amor de Deus, Vado, pára com isso! Pára com isso! Eu não aguento mais! Eu não aguento mais!

VADO – Sueli, meu amor, me ajuda! Sueli, minha santa, me ajuda! Sueli, segura esse veado nojento. Segura ele, Sueli! Eu quero fazer ele fumar maconha. Eu quero que ele fume! Eu quero! Por favor, Sueli, segura ele!

NEUSA SUELI – É só isso que você quer, seu porco?

DPF DCDP Rubrica

VADO – É só o que eu quero. Me ajuda! Por favor!

NEUSA SUELI – Eu te ajudo! Eu te ajudo!

VELUDO – Ai, ai, tenho cócegas! Ai, ai, ai! Meu Deus, que loucura! Que loucura divina!

(NEUSA SUELI VAI TENTAR SEGURAR VELUDO. QUANDO VAI TOCÁ-LO, ELE GRITA:)

VELUDO – Não toca em mim, mulher! Não toca em mim! Eu não gosto que mulher me toque! Não me toque! Não me toque!

NEUSA SUELI – Veado miserável! Miserável! (AGARRA-O E O EMPURRA PRA PORTA.) Agora vai caguetar a gente pra polícia, seu nojento!

VELUDO – Sua vaca! Você vai me pagar! Não vou na polícia, não. Não gosto dessa gente. Mas vai ter forra. Você não perde por esperar.

NEUSA SUELI – Cai fora daqui, bicha sem-vergonha! Cai fora!

(VELUDO SAI, XINGANDO. NEUSA SUELI FECHA A PORTA E DEPOIS FICA PARADA, OLHANDO VADO POR LONGO TEMPO.)

VADO – Está me achando bonito, ou me botando quebrante?

NEUSA SUELI – Nojento!

VADO – Não começa a me encher o saco.

NEUSA SUELI – Você é um sacana.

VADO – Você é uma cortadora de onda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.469

NEUSA SUELI – Nunca pensei que você pudesse ser tão miserável.

VADO – E eu nunca pensei que você fosse tão chata.

NEUSA SUELI – Não sou é descarada.

VADO – Vai ser freira, então.

NEUSA SUELI – Eu tenho moral.

VADO – Depois de velha, até eu.

NEUSA SUELI – Velha, não! Só tenho trinta anos.

VADO – De puteiro?

NEUSA SUELI – Canalha!

VADO – Quando você fica bronqueada é que a gente vê como você está apagada.

NEUSA SUELI – Estou é cansada. Só isso.

VADO – Devia se aposentar. Trinta anos de basquete cansa qualquer uma.

NEUSA SUELI – Eu nasci igual a qualquer uma. Limpinha. Há trinta anos atrás, eu era um nenê.

VADO – Não força a idéia, piranha velha. Você é a veterana das veteranas.

NEUSA SUELI – Tenho só trinta anos.

VADO – Coroa!

NEUSA SUELI – Porco! Nojento! Você pensa que não manjei a tua jogada com o Veludo?

VADO – Deixa de história. Vocês antigas vêem malícia em tudo.

Serviço de Censura da Diversões Públicas
DPF
DOPS
Fls. 408
Rubrica

NEUSA SUELI — Só sei que você me embrulhou o estômago.

VADO — A vovó das putas todas é metida a família, é?

NEUSA SUELI — Vovó das putas é a vaca que te pariu.

VADO — Limpa essa boca quando falar da minha mãe. Se folgar comigo, te arrebento.

NEUSA SUELI — Então não me torra a paciência.

VADO — Só estou falando a verdade. Você está velha. Outra noite, cheguei aqui, você estava dormindo aí, de boca aberta. Roncava como uma velha. Puta troço asqueiroso! Mas o pior foi quando cheguei perto pra te fechar a boca. Queria ver se você parava com aquele ronco miserável. Daí, te vi bem de perto. Quase vomitei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta. Essa pintura que você usa aí pra esconder a velhice estava saindo e ficava entre as rugas, que apareciam bem. Juro, juro por Deus, que nunca tinha visto nada mais desgraçado. Eu até . . .

NEUSA SUELI — Pára com isso! Chega de escutar mentira! Pára com isso!

VADO — Mentira? Eu é que sei! Senti uma puta pena de mim. Um cara novo, boa pinta, que se veste legal, que tem papo certinho, que agrada, preso a um bagulho antigo. Fiquei bronqueado. Porra, ainda tentei quebrar o galho. Pensei comigo: mas de corpo ainda é uma coisa que se pode aproveitar. E sem te acordar,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071 ,P. 470

tirei a coberta, tirei tua camisola, tirei tua calcinha e teu sutian. As pelancas caíram pra todo lado. Puta coisa porca! Acho que até um cara que saísse de cana, depois de um cacetão de tempo, passava nesse lance. Pombas, que negócio ruim era você ali dormindo. Juro por Deus, nunca vi nada pior. Se não fosse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Porra, e não se perdia nada. Me larguei. Não aguentava.

NEUSA SUELI — E por que não se mandou de vez?

VADO — Fiquei esperando uma chance de te jogar isso no focinho. Não ía sair sem te contar como você está podre.

NEUSA SUELI — E enquanto isso me tomava a grana.

VADO — Claro! Não sou nenhum bobo. Enquanto isso, tratava de mim por fora. Mulherio novinho e bonito está aí mesmo.

NEUSA SUELI — Teu negócio é veado. Vi hoje.

VADO — Que é isso, coroa? Tá com ciúme do Veludo?

NEUSA SUELI — Tenha vergonha nessa cara.

VADO — Quem tem que ter vergonha é você, velhota. Não aguenta o repuxo, não tem como agarrar o homem, fica aí apavorada, até com medo de um veado de merda.

NEUSA SUELI — Canalha!

Serviço de Censura de Diversões Públicas DPF DCDP 409

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.471

VADO — Estava sendo uma onda legal, você cortou com a tua rabujice. Você é coroa!

NEUSA SUELI — Não sou é de bacanal.

VADO — Puta que não gosta de bacanal é que está bem apagada.

NEUSA SUELI — Estou apagada é de canseira. Isso é que é. Não de velhice. De canseira. Sabe o que é uma noite de viração?

VADO — As meninas tiram de letra. É só abrir a perna e faturar. Acham moleza. Agora, velha cansa à-toa. Tem reumatismo. Tem que se esforçar pra agradar o freguês e outros babados. E ainda, pra não ficar jogada fora sozinha, tem que aturar o cafetão. Mas isso é igual na vida e nas casas de família. Os machos só aturam as coroas por interesse. Pra se divertir, a gente sempre tem uma garota enxutinha.

NEUSA SUELI — Eu tenho homem a hora que quero.

VADO — Por que me atura? Por que? Eu sou chato pacas!

NEUSA SUELI — É mesmo. Ainda bem que reconhece.

VADO — Por que você me aguenta?

NEUSA SUELI — Porque . . . porque . . .

VADO — Sou bom de cama?

NEUSA SUELI — É. É mesmo. As verdades a gente diz.

VADO — É. Isso é verdade. Só que faz um mês que você não sabe de mim. Mais de um mês.

NEUSA SUELI — É . . . é . . . E mesmo assim te dou a grana.

VADO — Uma grana micha. Muito micha.

NEUSA SUELI — Não é culpa minha. Você sabe que não é. A situação está uma broca pra todas. Esse novo delegado que entrou aí está querendo fazer média. Toda hora passa o rapa. Até os tiras andam apavorados, não pegam caixinha, nem nada. Se os homens da lei estão com medo, os fregueses nem se fala. Mas deixa esse filho-da-puta desse delegado esquentar o lugar, fica tudo igual a antes. Daí, você vai ver se eu faturo alto outra vez ou não.

VADO — Você é enganadora.

NEUSA SUELI — Você anda por aí. É só perguntar pra qualquer uma. Elas te dizem como a barra anda pesada.

VADO — Isso é desculpa de velha.

NEUSA SUELI — Velha, não.

VADO — Velha, sim. Todo mundo te acha um bagaço. Não viu o que o Veludo disse?

NEUSA SUELI — O que foi?

VADO — Te chamou de galinha velha.

NEUSA SUELI — Despeito de bicha.

VADO — Falou certo. Você está velha mesmo.

Serviço de Censura de Diversões Públicas
DPF/MJ
Fls. N.
Rubrica
DPF
DCDP
210

NEUSA SUELI — Só porque você quer.

VADO — É, né? Mostra os teus documentos.

(VADO VAI PEGAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ELA O IMPEDE.)

NEUSA SUELI — Tenho trinta anos.

VADO — Deixa eu ver os papéis.

NEUSA SUELI — Que onda besta!

VADO — Deixa eu ver.

NEUSA SUELI — Não torra a paciência!

VADO — Está com medo?

NEUSA SUELI — Medo, não. Acho besteira.

VADO — Mentiu, agora não quer que eu prove a tua idade.

NEUSA SUELI — Tenho trinta.

VADO — No mínimo cinqüenta anos.

NEUSA SUELI — Fiz trinta no fim do ano passado.

VADO — Deixa eu ver os documentos. (VADO TENTA TIRAR A BOLSA DAS MÃOS DE NEUSA SUELI.) Tá com medo de mostrar os documentos?

NEUSA SUELI — Não gosto que mexam na minha bolsa.

(VADO INSISTE EM TIRAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ATÉ QUE A BOLSA SE ABRE, DEIXANDO ESPALHAR PELO CHÃO TODO O SEU CONTEÚDO.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.472

VADO — Tá bom, velha! Pode sossegar, não vou pegar seus documentos pra ver o que eu já sei. Você tem cinquenta anos e não adianta mentir.

NEUSA SUELI (NO CHÃO, APANHANDO OS OBJETOS ESPALHADOS) — Pára com isso! Pára! Por favor, pára! Poxa, será que você não se manca? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada pra chuchu? Ainda mais hoje. Hoje foi um dia de lascar. Andei pra baixo e pra cima, mais de mil vezes. Só peguei um trouxa na noite inteira. Um miserável que parecia um porco. Pesava mais de mil quilos. Contou toda a história da puta da vida dele, da puta da mulher dele, da puta da filha dele, da puta que o pariu. Tudo gente muito bem instalada na puta da vida. O desgraçado ficou em cima de mim mais de duas horas. Bufou, bufou, babou, babou, bufou mais pra pagar, reclamou pacas. Desgraçado, filho da puta. É isso que acaba a gente . . . Isso que cansa a gente. A gente só quer chegar em casa, encontrar o homem da gente de cara legal, tirar aquele sarro e se apagar, pra desforrar de toda a sacanagem do mundo de merda que está aí. Resultado: você está de saco cheio por qualquer coisinha, então apronta. Bate na gente, goza a minha cara e na hora do bem-bom, sai fora. Poxa, isso arreia qualquer uma. Às vezes chego a pensar: Poxa, será que eu sou gente? Será que eu, você, o Velu-

DPF SR/MG

do, somos gente? Chego até a duvidar. Duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita. Isso é uma bosta. Uma bosta! Um monte de bosta! Fedida! Fedida! Fedida!

VADO – É . . . é mesmo . . .

NEUSA SUELI – É mesmo o quê?

VADO – Você está uma velha podre.

NEUSA SUELI – Nojento!

VADO – Nada mais nojento que puta velha. Porra, como incomoda!

NEUSA SUELI – Eu não sou velha! Eu não sou velha! Eu estou gasta! Eu estou gasta nessa putaria!

VADO – Depois de cinqüenta anos, qualquer uma se apaga.

NEUSA SUELI – Eu tenho trinta anos! Apenas trinta anos! Apenas trinta anos!

VADO – Mentirosa! Enganadora! Vadia velha! Mostra os teus documentos. Mostra! Não tem coragem? Já sabia. Mentiu a idade, mas não engrupe ninguém. Tem um troço que não mente. Sabe o que é? Teu focinho! (PEGA UM ESPELHO E OBRIGA NEUSA SUELI A OLHAR-SE NELE.) Olha! Olha! Olha!

NEUSA SUELI – Por favor, Vado, pára com isso!

VADO – Olha! Olha bem! Vê! Cinqüenta anos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.473

NEUSA SUELI – Vado, por favor, pára com isso! Pára com isso!

VADO – Cinqüenta anos! Velha nojenta! Cinqüenta anos!

NEUSA SUELI – Chega! Chega, pelo amor de Deus!

VADO – Olha, olha bem, velha! Bem velha! Cinqüenta anos no mínimo!

NEUSA SUELI – Por piedade, Vado. Pelo amor de tua mãe!

VADO – Cinqüenta anos! Fim da picada! Toda ruim. Ainda com essa meleca na cara, maquilagem e tal, engrupe os trouxas. Mas sem essa droga, deve ter bem mais de cinqüenta.

NEUSA SUELI – Vado, chega! Por favor, chega!

VADO – Olha bem! Olha bem! Velhota! Coroa! O Veludo tinha razão. Galinha velha! Vamos ver sem essa meleca quantos anos tem.

(VADO TIRA O LENÇOL DA CAMA E O ESFREGA NO ROSTO DE NEUSA SUELI.)

NEUSA SUELI – Não, Vado! Não! Por favor, não!

VADO – Cem anos! Cem anos ou mais! Quanta ruga! Que cara amassada! Que bagaço!

NEUSA SUELI – Pára! Pára com isso!

(VADO PEGA O ESPELHO E FAZ NEUSA SUELI OLHAR-SE NELE.)

VADO – Vê, puta, quanta ruga!

Serviço de Censura de Diversões Públicas DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.474

NEUSA SUELI — Chega! Chega! Chega! Não aguento mais. Chega!

VADO — Chega mesmo! Chega mesmo! Mesmo! Sou um cara boa pinta, não vou perder minha mocidade ao lado de um bagaço. Cadê a grana, sua vaca? Onde está a grana de hoje?

NEUSA SUELI — Vou te dar a grana. (PEGA O DINHEIRO NA BOLSA.) Está aí todo o dinheiro que tenho. Pronto. É seu. Está contente?

VADO — Tá legal. Assim é que é. Agora, tchau mesmo!

NEUSA SUELI — Não, você não vai saindo assim, não. Não leva minha grana? Não é meu cafetão?

VADO — Vê se me esquece velhota!

NEUSA SUELI — Você não vai se arrancar!

VADO — E por que não?

NEUSA SUELI — Nós vamos trepar.

VADO — Tá caducando?

NEUSA SUELI — E vai ter que ser gostoso.

VADO — Por dinheiro nenhum.

NEUSA SUELI — Vai, sim, Vadinho, meu cafetão.

VADO — Sai dessa, velha!

NEUSA SUELI — Velha, feia, gasta, bagaço, lixo dos lixos, galinha, coroa, sou tudo isso. Mas você vai trepar comigo.

VADO — Essa, não!

(NEUSA SUELI FECHA A PORTA DO QUARTO E QUARDA A CHAVE NO SEIO.)

NEUSA SUELI — Viu? Já se tocou?

VADO — Abre essa porta. Abre essa porta. Anda! É surda, desgraçada? Não escuta a gente mandar? Abre essa porta! É melhor pra você.

NEUSA SUELI — É meu cafifa. Leva minha grana. Tem que me fazer gozar. Custe o que custar.

VADO — Você está me baratinando.

NEUSA SUELI — Pra você ver.

VADO — Abre essa porta! Abre!

NEUSA SUELI — Não adianta espernear.

VADO — Você quer apanhar?

NEUSA SUELI — Quero, sim. Me bate. Bate legal.

VADO — Não vou me afobar. Vou tirar de letra. Pego uma palha e te deixo aí na tara.

NEUSA SUELI — Experimenta.

VADO (DEITANDO-SE NA CAMA) — Boa noite, velha!

NEUSA SUELI (PEGA A NAVALHA) — Vado, se você dormir, eu te capo, seu miserável!

VADO — Que é isso? Tá louca?

NEUSA SUELI — Estou. Estou louca de vontade de você. Se você não for comigo agora, não vai nunca mais com ninguém.

VADO — Mas que é isso, mulher?

Serviço de Censura de Diversões Públicas
DPF
DCDP 213

NEUSA SUELI — Pode escolher, seu filho-da-puta!

VADO — Sai dessa dança, Sueli. Poxa, que negócio mais zoeira. Você embarca em todas. Poxa, por isso que eu às vezes me invoco com você. Qualquer sarrinho e você perde a esportiva. Que onda! Não sabe brincar? Estava tirando um barato de leve, você já apela, já faz drama. Não pode ser assim, não.

NEUSA SUELI —Você não precisa gastar saliva comigo. É só trepar e pronto. Sou velha, mas quero te ter. Entendeu?

VADO — E precisa de ferro pra que? Vai me obrigar?

NEUSA SUELI — Vou!

VADO — Você é uma trouxa mesmo. Entra sempre em canoa furada. Me divirto sempre às suas custas. Quer dizer que grudou essa onda de velha? Porra, está na zona há um cacetão de tempo e não aprendeu nada? Que paspalha! Quer dizer que você me acha o rei dos otários? Devia te bolachar por essa. Mas deixa pra lá. Você já está queimada. Deixo barato. Não vou criar caso. Mas vê se te manca. Poxa, você acha que se eu te achasse coroa jogada-fora ía estar aqui esticando papo? Me mandava sem dizer nada. Dava um pinote sem tu nunca saber por que. Assim que é.

NEUSA SUELI — Então . . . então . . . por que toda essa bobageira?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.475

VADO — Sou Vadinho, cafifa escolado. Judio de mulher pra elas gamarem.

NEUSA SUELI — Não precisa nada disso.

VADO — Minha embaixada! Sabe como é. Escuta esse papo que é de verdade. Eu estava borocoxô. Não queria fazer a obrigação. Inventei a onda. Grudou. Azar teu.

NEUSA SUELI — Mas faz um tempão que você não me procura.

VADO — Não faz tanto tempo assim. O que é bom deixa saudade. Isso que é.

NEUSA SUELI — É . . . é . . .

VADO — Agora, tem um porém! Se eu não estivesse a fim, não ía ter navalha que me obrigasse. Pode botar fé no que te digo. Eu sou um cara que só embarco por gosto.

NEUSA SUELI — Você sabe conversar.

VADO — Que nada! Sou é da firmeza. Meu defeito é brincar muito.

NEUSA SUELI — Eu estou na merda . . . Eu estou na merda . . .

VADO — Que papo careca é esse?

NEUSA SUELI — Você me arreou.

VADO — Não complica. Larga o ferro e está tudo legal.

Serviço de Censura de Diversões Públicas
D P F
S P F
R J
DPF
DCDP

(NEUSA SUELI DEIXA CAIR NO CHÃO A NAVALHA QUE SEGURAVA.)

VADO — Assim. Bonitinha. É gamada por mim, pra que fazer guerra?

(VADO APROXIMA-SE DE NEUSA SUELI, QUE ESTÁ SENTADA NA CAMA. VADO COMEÇA A ACARICIÁ-LA, ENQUANTO, DISFARÇADAMENTE, RETIRA A CHAVE DA PORTA QUE ESTAVA NO SEIO DE NEUSA SUELI. EM PODER DA CHAVE, ELE SE ENCAMINHA PRA PORTA, ABRE-A E SAI. NEUSA SUELI, QUANDO PERCEBE QUE VADO SAIU, CORRE ATÉ A PORTA E GRITA:)

NEUSA SUELI — Vado! . . . Vado! . . . Você vai voltar? . . . Você vai voltar? . . .

(NEUSA SUELI FICA POR ALGUM TEMPO PARADA NA PORTA, DEPOIS VOLTA, PEGA UM SANDUÍCHE DE MORTADELA, SENTA-SE NA CAMA, FICA OLHANDO O VAZIO POR ALGUM TEMPO. DEPOIS, PROSAICAMENTE, COMEÇA A COMER O SANDUÍCHE.)

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P476

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - M.J. - MG
DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.477

DPF
DCDP
Fls. N.º 218

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DPF/SCDP/MG

RELATÓRIO Nº 042/85

Da: CNF Mirtes Spitale de Queiroz

Ao: Chefe do SCDP/SR/MG

Ass: Ensaio geral

IDENTIFICAÇÃO:
Título: NAVALHA NA CARNE
Autor : Plínio Marcos
Classificação: 18 anos
Justificativa de Impropriedade: VÍCIOS E PROSTITUIÇÃO

Em cumprimento à OM nº 052/85, compareci, às 20:00h do dia 31.05.85, ao nº 1920 da Av. Augusto de Lima, nesta capital, a fim de proceder o exame do ensaio geral da referida peça.

O cenário consistiu da representação de um ambiente típico de um quarto de prostíbulo, cabendo ressaltar que o local destinado ao ensaio não tinha nada a ver com um palco de teatro, tratando-se de uma sala em um prédio comercial, portanto, sem os mínimos recursos necessários à encenação de uma peça.

O figurino adequado ao local e situações da estória, restringia-se ao uso de peças sumárias.

A iluminação e sonoplastia, óbviamente não foram mostradas.

As marcações caracterizaram-se pelo realismo das cenas de violência, acontecendo verdadeira pancadaria entre os atores e naquelas em que o tema "drogas" é suscitado, o linguajar e o uso do baseado (fls 25, 26, 27, 28, 30 e 31), a despeito da forma degradante em que são mostrados e do ambiente físico e humano, próprios da escória e do sub-mundo, em que acontecem, apresentam tambem, o lado atraente, agradável e liberador da maconha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P438

DPF
DADP
Fls. N.º 419
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

continuação...

Considerando o ambiente, as situações degradantes, o uso apelativo da violência tanto verbal quanto física, sugiro a faixa etária máxima; porém considerando tambem o nível amador do grupo e sua apresentação somente em cidades do interior, onde inexiste fiscalização censória, e o uso da maconha que contraria o art. 9º do Dec. nº 78.992/76 e a Resolução nº 01/84 do CSC, opino pelos cortes nas marcações desta montagem (fls. 25,26,27,28,30 e 31), verificadas durante o ensaio geral, nas quais os personagens: Vado e Veludo, portam e fumam um cigarro de maconha.

Belo-Horizonte, 03 de junho de 1985

Ten. Mirtes Spitale de Queiroz
Inc. de Censura - SCDP/SR/
Mat. 2.416.893

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

D.P.F
D.C.D.P.
Fls. Nº 120
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007/P.979

I - De acordo com o relatório do ensaio geral - Classificação: para maiores de 18 (dezoito) anos -Com Cortes nas marcações verificadas quando da realização do ensaio geral e relativas às fls. 25, 26, 27 28, 30 e 31 do texto, todas alusivas ao porte e uso de maconha - Justificativa dos cortes: art. 9º do Decreto nº 78.992/76 e Resolução nº 01/84 do CSC - Justificativa de Impropriedade: PROSTITUIÇÃO E VIOLÊNCIA;

II - Emitir Certificado Provisório, tendo em vista a Portaria nº 017/78 - DCDP e,

III - Encaminhar o processo à DCDP, para apreciação do Sr. Diretor.

B. Hte., 03 de junho de 1985

Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071
P.480

DPF
DCDP
Fls. N.º 421
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

COM CORTES

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA " NAVALHA NA CARNE "

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
J.I.: PROSTITUIÇÃO/VIOLÊNCIA

PROIBIDO
ATÉ
— 18 ANOS —

VÁLIDO ATÉ 03 de AGOSTO de 19 85

B.HTE.

Brasília, 03 de JUNHO de 19 85

Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG
p/ Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, p. 481

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " NAVALHA NA CARNE "

Original de PLÍNIO MARCOS

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO STEFANY DE TEATRO

Requerida por GILBERTO PELUCHI

Tendo sido censurada em 03 de JUNHO de 19 85 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.

COM CORTES: NAS MARCAÇÕES REFERENTES ÀS PÁGINAS 25, 26, 27, 28, 30 e 31.

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO.

B.HTE.
Brasília, 03 de JUNHO de 19 85

p/ Chefe do Serviço de Censura

DPF--160

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007, P.482

DPF
DCDP
Fls. N. 422
Rubrica

TEATRO

TÍTULO "NAVALHA NA CARNE"

AUTOR DA PEÇA: PLINIO MARCOS

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça SCDP/SR/MG

Obs.:

DF. 10 / junho /de 1985

Resp. pela elaboração do Processo
Adilson

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Senhor Chefe do SC.
Em exames anteriores esta peça recebeu 18 anos sem cortes. Desta vez, porém, os colegas de MG entenderam de cortar as marcações referentes a drogas em razão desta peça ser apresentada no interior, em locais de difícil acompanhamento e fiscalização.
Li a passagem do texto onde estariam os cortes sugeridos. Entendo que apenas nas pgs. 25 e 26, conforme assinalado, são situações mais graves, a merecer corte.
Assim sendo sugiro liberação para 18 anos com corte as pgs. 25 e 26 do texto.
À consideração superior
BSB, 12/06/85

Elísio Marcelo Cunato
CF - Mat. 1227
Chefe do SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

H: Prostituição e Violência

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de peça para o qual os censores propõem liberação com corte para maiores de 18 anos.

Brasília-DF, 17 de 6 de 85

Raymundo Gustáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Libere-se de acordo com o parecer do Ensaio Geral, conforme consta no certificado provisório do SCDP/SR/MG.

C 26/06/85

Pellé Pinto de Carvalhedo
CF - Mat. 2.415.791
Dir. Subst. da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 463

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Fls. N. 23
Rubrica

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
139	26 JUNHO 1985	26 JUNHO 1990

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"

AUTOR (ES): PLÍNIO MARCOS

CLASSIFICAÇÃO: 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: VIOLÊNCIA E PROSTITUIÇÃO

Coriolano de L C Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 139

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: MARIA GERALDA VALADARES *BELO HORIZONTE/MG*

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. COM CORTES: ÀS FOLHAS 25 E 26 DO TEXTO. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

COM CORTES

RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília, 26 DE JUNHO DE 1985.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF
GRC
DPF — 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.484

DPF
DCDP
Fls. N.º 424
Rubrica

26 de junho de 1985

1.184/85-SE/DCDP

MG

"NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plínio Marcos e "A CANTORA CARE CA", de autoria de Eugene Ionesco.

Atenciosamente,

Coriolano de L C Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P.485

DPF
DCDP
Fls. N.º 425
Rubrica

01 c.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CODISE - 0202
7 JUN 85 11 13 004744

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 01469/85-SCDP/SR/BA Em 13.06.85
Assunto: Encaminhamento - faz

Senhor Diretor,

Pelo presente, encaminho a V. Sa as peças teatrais abaixo relacionadas, liberadas por este Serviço:

1. "AINDA BEM QUE NADA DISSO É VERDADE", autoria de Paulo Roberto Ferreira da Silva;
2. "NAVALHA NA CARNE", autoria de Plínio Marcos.

Na oportunidade, renovo a V. Sa. protestos de estima e elevada consideração.

MARIA HELENA GUIMARÃES PEIXOTO
Técnica de Censura - DPF
Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

ILMO. SR.
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA-DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.003,P.486

DPF
DCDP
Fls. N 026
Rubrica

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Antônio Freitas de Cerqueira
Requerente

Brasileira, ator
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 1.603.547 P.M.
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua D. Sebastião Sem 03

Massaranduba, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) a peça teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Plínio Marcos

Título (s) "Navalha na Carne"

Nestes termos,

Pede deferimento.

Salvador, 08 de Maio 85
Local e Data

Antônio Freitas de Cerqueira
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071 | P.487

1 – EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: C A C. Produções Teatrais CGC: 15718638000130

Sede: 2a TRAV. Lucacy Magalhães 025

CEP: 40000

Diretor ou Responsável: Antônio Cerqueira

2 – DADOS DO AUTOR

Nome: PLINIO MARCOS

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 – PARCERIA

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada **nunca foi submetida** à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Salvador 08 maio 85

Ass.: Antônio Fagundes de Cerqueira

DPF-1085

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.488

NAVALHA NA CARNE

autor: PLÍNIO MARCOS

(AO ABRIR O PANO, VADO ESTÁ DEITADO NA CAMA, LENDO UMA REVISTA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS. ENTRA NEUSA SUELI.)

NEUSA SUELI — Oi, você está aí?

VADO — Que você acha?

NEUSA SUELI — É que você nunca chega tão cedo.

VADO — Não cheguei, sua vaca! Ainda nem saí!

NEUSA SUELI — Tá doente?

VADO — Doente, o cacete!

NEUSA SUELI — Não precisa se zangar. Só perguntei por perguntar.

VADO — Mas pode ficar sabendo que estou com o ovo virado.

NEUSA SUELI — Por que, meu bem?

VADO — Não sabe, né?

NEUSA SUELI — Não sou adivinhona.

VADO — Quer bancar a engraçada? Vou te encher a

lata de alegria. (VADO COMEÇA A TORCER O BRAÇO DE NEUSA SUELI.) Gostou?

NEUSA SUELI — Poxa, você está me machucando.

VADO — Você ainda não viu nada, sua miserável!

NEUSA SUELI — Ai, não te fiz nada!

VADO — Não fez? Não fez, sua filha-de-uma-cadela?

NEUSA SUELI — Que foi que eu te fiz?

VADO — Quer se fingir de boba?

NEUSA SUELI — Ai, ai! Juro que não sei.

VADO — Sabe por que eu não saí hoje?

NEUSA SUELI — Sua cabeça é seu guia.

VADO — Pois é, né?

NEUSA SUELI — Eu não prendo ninguém.

(VADO EMPURRA NEUSA SUELI, QUE CAI NO CHÃO.)

VADO — Já lembrou o que me aprontou, sua nojenta?

NEUSA SUELI — Você está é com onda.

VADO — Quer criar caso? Pode ficar certa que outra presepada que você me arrumar, não vai ser mole pra você. Sua porca! Quem você pensa que eu sou? Um trouxa qualquer? Assim você aprende a não querer bancar a sabida comigo.

NEUSA SUELI — Poxa, você me machucou. (LEVANTA-SE.)

VADO — Assim você se manca.

NEUSA SUELI — Abre o jogo de uma vez. O que é

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P. 489

que eu te fiz? Já foram fazer alguma fofoca de mim pra você, é? Eu sei quem foi! Você fica entrando no papo daquela vadia lá do 102. Só pode ser ela quem te encheu a cabeça. Pensa que eu não sei? Ela dá em cima de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode ver ninguém bem. Mas ela vai ver. Comigo não vai ter bafo. Corto a cara dela com gilete.

VADO — Cala essa boca, pombas! Aquela mulher não tem nada a ver com isso. E você sabe bem.

NEUSA SUELI — Ela não me manja, não! Se ela se assanha pro teu lado, eu engrosso. Olha aqui, Vado, já vou te avisando. Se eu te ver batendo caixa com ela, faço um azar. Você sabe que eu faço mesmo. Não estou aqui pra ser corneada por uma jogada-fora daquelas.

VADO — Vê se cala essa matraca.

NEUSA SUELI — Já vi que você embarcou na dela.

VADO — Quer tomar outro cacete? Não, né? Então não me enche o saco! Já estou cabreiro com você. Se espernear, te meto a mão.

NEUSA SUELI — Aquela filha-da-puta te enrolou, eu sei. Ela fez assim com o macho da Mariazinha. Caguetou pra ele que ela estava se escamando na viração porque estava prenha. O cara foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou de tanta porrada que levou. Depois, enquanto a desgraçada se danava

no hospital, o sacana ia na leve com a grana da cadela do 102. Também, a Mariazinha é uma trouxa. Saiu do hospital e aceitou o miserável do homem dela de volta.

VADO — Ela que tá certa.

NEUSA SUELI — Otária é o que ela é.

VADO — Não manjo esse cara da Mariazinha. Mas ele está por dentro.

NEUSA SUELI — Um paspalhão que ele é. Voltou todo empesteado daquela galinha.

VADO — Conversa! O sujeito sabe viver.

NEUSA SUELI — Sabe viver pra chuchu. Se não fosse a Maria cuidar do miserável, ele se acabava. Entrou no puteiro da cadela à pé e saiu à cavalo.

VADO — Mas ele que pode. Está certo, sim. A mina é gamada, leva no macio. Fez ela pagar o esquentamento da outra.

NEUSA SUELI — Maria é uma boba. Comigo não tem disso.

VADO — Quer ver eu te aprontar uma dessas e você me aguentar? Duvida? Te faço uma pior e tu me engole. Se duvida, diz. Te apronto uma que não vai ser mole pra ti. Se duvida, te mostro.

NEUSA SUELI — Você não tem coragem.

VADO — Não? Já existe penicilina, bobocal Me limpo fácil. Agora, você se estrepa. Pega fama de perebenta,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.490

tá lascada. Ninguém mais vai querer. Nem o cara mais jogado às traças.

NEUSA SUELI — Poxa, Vado, não vai fazer um papelão desses comigo.

VADO — Me apronta outra presepada como a de hoje. Me apronta, que eu te estrepo.

NEUSA SUELI — Mas, poxa, o que eu te fiz hoje?

VADO — Porra, quer apanhar outra vez? Fica querendo se fazer de sabida, depois se queixa. Estou deixando a coisa no barato. Se tentar me engrupir, te arrebento todos os dentes com uma mucada.

NEUSA SUELI — Não tem babado. Alguém te encheu a cuca. Te botou contra mim.

VADO — Não me torra o saco! Tenho malandragem pra dar e vender. Não vai ser você que vai gozar minha cara.

NEUSA SUELI — Não estou querendo gozar ninguém.

VADO — Ai de você se quisesse!

NEUSA SUELI — Só não estou por dentro da sua bronca.

VADO — Não está, né? Agora, olha, sua puta sem-vergonha! (VADO MOSTRA OS BOLSOS VAZIOS.) Morou, agora?

NEUSA SUELI — Está na lona?

VADO — Eu estou duro! Estou a nenhum! Eu estou a zero! A zero, sua vaca!

NEUSA SUELI — E a culpa é minha?

VADO — Vagabunda, miserável! Sua puta sem-calça! Quem tu pensa que é? Pensa que estou aqui por que? Anda, responde! (PAUSA) Não escutou? Responde! Por que? Você acha que eu te aturo por que?

NEUSA SUELI — Eu sei... Eu sei...

VADO — Sabe, né? Então diz. Por que eu te aturo?

NEUSA SUELI — Poxa, Vadinho, eu sei...

VADO — Então diz! Diz! Quero escutar. Diz de uma vez, antes que eu te arrebente. Por que eu fico com você?

NEUSA SUELI — Por causa da grana.

VADO — Repete, sua vaca! Repete! Repete! Anda!

NEUSA SUELI — Por causa da grana.

VADO — Repete mais uma vez!

NEUSA SUELI — Por causa da grana.

VADO — Mais alto, sua puta nojenta!

NEUSA SUELI — Por causa da grana!

VADO — Isso mesmo. Estou com você por causa do tutu. Só por causa do tutu. Você sabe. Estou aqui por causa da grana. Por causa da grana! É isso mesmo. E se você não me der moleza, te arrebento o focinho. Eu sou o Vadinho das Candongas, te tiro de letra fácil, fácil. Eu estou assim (FAZ GESTO COM OS DEDOS INDICANDO MUITAS.) de mulher querendo

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO BAHIA - DPF - SR
DPF Fls. 129 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.491

me dar o bem-bom. Você sabe disso também, não sabe? (PAUSA) Sabe ou não sabe?

NEUSA SUELI — Sei . . . Sei, sim . . . (CHORA.)

VADO — Pára de chorar! Porra, será que vou ter de aturar até essa onda de choro?

NEUSA SUELI — Pronto. Já não estou mais chorando.

VADO — Que mania de fazer drama à-toa!

NEUSA SUELI — À-toa? Você me machucou!

VADO — Bem feito! Assim você aprende a não folgar com o bom.

NEUSA SUELI — Não te fiz nada. Você está zoeira!

VADO — Estou mesmo. Minha zoeira é ser bom pra mulher. Te trato legal, nisso que dá. Quando digo que estou a nenhum, que estou durango, a piranha põe banca: (IMITANDO A VOZ DE NEUSA SUELI) "Não é culpa minha, não é culpa minha!" Poxa, será que tenho cara de trouxa? Sou teu macho, se não tenho um puto de um tostão, quem está errado?

NEUSA SUELI — Não sei . . .

VADO — Ai, meu cacete! Não aprendeu? As porradas que te dei não serviram de nada?

NEUSA SUELI — Te dou a grana. Se você torra, que posso fazer?

VADO — Que grana que você me deu hoje?

NEUSA SUELI — Não sabe, né? Ganha no mole, mete o pau fácil.

VADO — Escuta aqui, desgraçada! Tá querendo me azedar de novo? Que dinheiro você me deu hoje?

NEUSA SUELI — Não deixei dinheiro aí no criado-mudo?

VADO — Ficou louca?

NEUSA SUELI — Claro que deixei o tutu aí.

VADO — Então ele voou.

NEUSA SUELI — Então voou!

VADO — Mentirosa! Nojenta!

NEUSA SUELI — Não me força a paciência. Encheu a cuca de fumo e esqueceu de tudo.

VADO — Não peguei uma ponta de estaleiro hoje, pantera! Estou de presa seca por tua causa. Pensa que maconha anda por aí dando buzo?

NEUSA SUELI — Só sei que botei o dinheiro aí no criado-mudo, como todo dia.

VADO — Se botasse, eu não estava aqui esquentando a mufa. Estava lá na sinuca me divertindo.

NEUSA SUELI — Queimando erva e dinheiro.

VADO — E daí? Dinheiro meu gasto onde quero.

NEUSA SUELI — E eu que me dane na viração.

VADO — É a lei. Mulher que quer se bacanear com cara linha de frente como eu tem de se virar certinho.

NEUSA SUELI — Um dia a casa cai, pode crer.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO BAIXO DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO BAIXO DPF
DPF Fls. Nº 130

DR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071;P.492

VADO — Não conversa, não. Quero saber onde está a porra do dinheiro.

NEUSA SUELI — Botei aí. Cansei de falar.

VADO — Então alguém pegou.

NEUSA SUELI — Então pegou.

VADO — E não fui eu.

NEUSA SUELI — Será? . . . Será que foi o desgraçado? . . .

VADO — Que desgraçado?

NEUSA SUELI — O Veludo. Será que foi ele?

VADO — Ele? . . . Ficou batusquela? Ele não ia ter peito.

NEUSA SUELI — Ele entrou aqui hoje depois que saí?

VADO — Como vou saber? Estava dormindo.

NEUSA SUELI — Acho que o sacana veio arrumar o quarto, viu você apagado, passou a mão na erva e se mandou.

VADO — Não invente! Ele não ia ser tão cara-de-pau assim.

NEUSA SUELI — Não sei, não. Vi o garoto do bar saindo do quarto do Veludo.

VADO — E daí? Ele dá o que é dele.

NEUSA SUELI — Pois é. Mas há muito tempo ele vem cozinhando o garoto e não arrumava nada porque estava duro. O garoto cobrava caro pra entrar na dele.

VADO — Poxa, será que ele afanou meu tutu pra dar praquele trouxinha?

NEUSA SUELI — Se ele entrou aqui hoje, foi ele.

VADO — Mato esse puto de merda, se foi ele.

NEUSA SUELI — Vou perguntar pra Dona Tereza.

VADO — Perguntar o quê?

NEUSA SUELI — Se a velha pagou o ordenado do Veludo.

VADO — Que nada! Deixa ele pra mim! Chama essa bicha miserável!

NEUSA SUELI (VAI ATÉ A PORTA DO QUARTO E CHAMA:) — Veludo! Veludo! Quarto três! (PAUSA) Não escutou.

VADO — Chama mais alto. Todo veado é surdo.

NEUSA SUELI — Veludo! Veludo!

VELUDO (FORA DE CENA) — Quem me chama?

NEUSA SUELI — Quarto três.

VELUDO — Já vai.

VADO — Vou acertar o passo dessa bichona.

NEUSA SUELI — Não vai machucar ele.

VADO — Não, né? Você vai ver.

NEUSA SUELI — Ele é doido por um enxame. Ele chama a cana.

VADO — Essa bicha não é doida, nem nada.

NEUSA SUELI — Toma cuidado, Vadinho. Vê lá o que tu vai fazer.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF - SEÇÃO DE SEGURANÇA FEDERAL

D.P.F. DOPS Fls. N.º 124 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007, P. 493

VADO – Vai por mim.

VELUDO (NA PORTA DO QUARTO) – Chamou, Neusa Sueli?

VADO – Entra, bichona.

VELUDO – Com licença.

(VELUDO ENTRA.)

VADO – Vai entrando, seu puto.

VELUDO – O senhor está aí, Seu Vado?

VADO – Estou, sim.

VELUDO – É o senhor que quer falar comigo, ou é a Neusa Sueli? Adoro esse nome: Neusa Sueli.

VADO – Fecha a porta e deixa de frescura.

VELUDO (FECHA A PORTA.) – Pronto, Seu Vado.

VADO – Presta bem atenção no que vou te dizer, seu veado de merda!

VELUDO – Se o senhor começar a me xingar, me mando. A Neusa Sueli sabe como eu sou. Não gosto de desaforo. Nem dos meus homens aguento maltrato.

VADO – Filho-da-puta! Veado nojento!

VELUDO – Você está vendo, Neusa Sueli? Vou me arrancar. Depois você reclama que eu não gosto de vir fofocar no seu quarto. É por essas e outras. Ninguém gosta de estupidez.

VADO – Isso não é nem o começo.

VELUDO – Pra mim é o fim.

(VELUDO TENTA SAIR, VADO O AGARRA COM VIOLÊNCIA.)

VELUDO – Bruto! Cafajeste!

VADO – Cala essa boca, fresco de uma figa!

VELUDO – Me deixa sair.

VADO – Senta aí!

(VADO BATE EM VELUDO E FAZ COM QUE ELE SE SENTE NUMA CADEIRA.)

VELUDO – Ai, ai! Que é que deu nesse homem?

VADO – Vamos conversar, seu sem-vergonha

VELUDO – Se a Neusa Sueli gosta de apanhar, bate nela. Eu não gosto de coisas brutas, não sou tarado. (VADO BATE EM VELUDO.) Ele está me batendo, Neusa Sueli!

NEUSA SUELI – Explica tudo direitinho. Vai ser melhor pra você.

VELUDO – Explica o quê?

VADO – Quem mandou você pegar o dinheiro?

VELUDO – Que dinheiro?

VADO – O que você pegou.

VELUDO – Deus me livre! Que dinheiro que eu peguei? Ai, meu Deus! Nem sei do que vocês estão falando.

VADO – Cadê a grana, Veludo? (BATE EM VELUDO.)

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF NA BAHIA
DPF DCDB Fls. N.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.495

VELUDO – Ai, ai, seu cafetão nojento! Tua mulher não te dá dinheiro? Quer pegar o meu?

VADO – Se abre logo!

VELUDO – Miserável! Vai bater na cara da tua mãe. Porco! Essa vaca da Sueli não te dá moleza, é? Pensa que eu vou dar? Nojento! Cafetão!

VADO – Cala o bico!

VELUDO – Vai morrer morfético! Tu e essa perebenta! Essa suadeira!

NEUSA SUELI – Fala logo, Veludo. Você pegou o dinheiro que estava no criado-mudo? Fala logo, anda!

VELUDO – Ai, ai! Ele está quebrando o meu braço!

NEUSA SUELI – Pegou ou não pegou?

VELUDO – Não peguei.

VADO – Não mente, nojento! Não mente!

VELUDO – Eu não peguei! Juro que não peguei!

NEUSA SUELI – Você pensa que vai levar a gente no bico?

VELUDO – Juro que não sei de dinheiro nenhum.

VADO – Não sabe, cachorro?

(VADO CONTINUA SEMPRE BATENDO EM VELUDO.)

VELUDO – Ai, ai! Esse homem me mata! Socorro! Socorro!

VADO – O que você fez com minha grana, miserável?

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA POLÍCIA FEDERAL CENSURA FEDERAL

VELUDO – Não me bate! Não me bate!

VADO – Então se abre.

NEUSA SUELI – A gente sabe o que você fez com a grana.

VADO – Confessa logo, bicha, senão vou botar pimenta no teu rabo.

VELUDO – Pelo amor de Deus, Neusa Sueli, não deixa esse tarado me judiar!

NEUSA SUELI – Então começa a contar.

VELUDO – Ai, meu São Jorge guerreiro! Está todo mundo doido. Está todo mundo chapado de erva. Neusa Sueli, pelo amor de Deus, eu não sei de nada!

VADO – Filho-da-puta! Mentiroso!

VELUDO – Socorro! Socorro! Monstro! Por que você não faz isso com homem, seu nojento? Ai, esse tarado está me matando!

VADO – Seu puto, você apanhou a grana daqui pra andar com o garoto do bar?

VELUDO – Não entrei aqui hoje.

VADO – Você veio arrumar o quarto, pegou o dinheiro.

NEUSA SUELI – E deu pro moleque do bar.

VELUDO – Eu ia fazer uma coisa dessa? Não sou ladrão e não sou que nem você, que tem que dar dinheiro pra homem.

DPF DCDP Fls. N.º 133 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.495

NEUSA SUELI — Pensa que não vi o garoto sair do seu quarto?

VELUDO — E daí? Ele gama em mim.

VADO — O desgraçado gama o meu dinheiro. Isso é que é! E você passou a mão na grana e deu pra ele.

VELUDO — Eu, não!

NEUSA SUELI — Mentiroso! Você mesmo falou que estava gamado no garoto e que ele não queria nada com você, porque você estava duro. Falou ou não falou?

VELUDO — Se dei dinheiro pro meu machinho, ninguém tem nada com isso. Na minha vida, mando eu. Sou livre.

VADO — Puto sem-vergonha! Você deu o meu dinheiro. O meu dinheiro, que estava ali em cima, e você afanou.

(VADO AGARRA VELUDO PELOS CABELOS.)

VELUDO — Ai, ai! Esse homem vai me deixar careca!

NEUSA SUELI — Sabe que por sua causa eu levei um couro do Vado, seu sacana?

VELUDO — Bem feito!

(NEUSA SUELI ARRANHA O ROSTO DO VELUDO.)

VELUDO — Ai, você me paga, sua porca! Com você eu posso. Eu te pego sozinha, sua vaca! Você vai ver!

VADO — Você não vai pegar ninguém.

VELUDO — Ela é mulher. Com ela eu posso.

VADO — Que é que você fez do dinheiro? Fala!

VELUDO — Não peguei.

NEUSA SUELI — É teimoso como uma mula. Vou te ajudar a lembrar. (APANHA UMA NAVALHA NA BOLSA.) Vou te arrancar os olhos! (APROXIMA A NAVALHA DO ROSTO DO VELUDO.)

VELUDO — Não! Pelo amor de Deus! Não! Neusa Sueli! Não!

VADO — Pode cortar esse miserável!

NEUSA SUELI — Vai falar tudinho?

(VELUDO FAZ QUE SIM COM A CABEÇA.)

VADO — A bicha ficou apavorada.

NEUSA SUELI — Então começa.

VADO — Fala logo, anda!

VELUDO — Estou sem ar.

VADO — Não vem com frescura! Não vem com frescura!

NEUSA SUELI — Veludinho, é melhor pra você contar tudo direitinho. É pro seu bem, querida.

VELUDO — Você me perdoa, Neusa Sueli? Eu devolvo tudinho. Eu não aguentei. Eu vim arrumar o quarto, o Seu Vado estava dormindo, eu peguei o dinheiro e dei pro rapaz do bar. Eu estava gamado nele. Juro que devolvo.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DPF-SR/DPF/RJ

DPF DCDP Fls. N.º 0134 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007 | P.496

VADO — Canalha! Miserável! Veado safado! Deu todo o metal pro trouxinha?

VELUDO — Só dei a metade.

VADO — E o resto da grana? E o resto?

VELUDO — Comprei um baseado de erva.

VADO — Sacana! Eu de presa seca e ele se tratando.

VELUDO — É vício.

VADO — E pensa que vou sustentar vício de veado?

VELUDO — Eu vou devolver o dinheiro todinho, Seu Vado. Pode crer.

VADO — Quando? No dia de São Nunca?

VELUDO — Não, no fim do mês. No meu pagamento.

VADO — E você pensa que eu vou esperar até o fim do mês?

VELUDO — Desculpe, Seu Vado.

VADO — Vou te caguetar pra Dona Teresa. Ela te põe na rua, te paga os teus dias de basquete e eu pego o meu.

VELUDO — Por favor, Seu Vado. Eu juro que devolvo tudo.

VADO — Quero juros.

VELUDO — Eu pago, mas não apronta pra mim.

VADO — Vai pagar o dobro. Se não comparecer, já viu. Te agarro e te desgraço.

VELUDO — Eu pago, pode crer.

NEUSA SUELI — Ele paga, sim, Vado. O Veludo é bonzinho.

VELUDO — A Neusa Sueli me conhece. Quando eu digo que faço uma coisa, eu faço mesmo, nem que me lasque toda.

VADO — Quero ver. E o fumo? Queimou ele todo?

VELUDO — Nem biquei ainda. Não trato disso quando estou trabalhando. Eu fico muito louca quando estou chapada.

VADO — Dá pra cá a erva.

VELUDO — O senhor me deixa dar umas narigadas também?

VELUDO — Depois a gente vê. Dá pra cá, anda!

VELUDO (DANDO O CIGARRO) — É fumo do norte mesmo. Dá uma zoeira legal!

NEUSA SUELI — Não vai queimar essa porcaria aqui.

VADO — Você cala a boca.

NEUSA SUELI — Dona Tereza não gosta de bagunça aqui na pensão.

VADO — Quero que ela vá à merda!

VELUDO — Ai, que homem doidão!

NEUSA SUELI — Depois, quem se estrepa sou eu. Quando você se arranca, ela vem aqui reclamar.

VADO — Manda ela à merda!

NEUSA SUELI — Ela me põe na rua.

VADO — Azar!

SUPERINTENDENCIA REGIONAL NO RIO DE JANEIRO DPF SR/DPF/RJ CENSURA FEDERAL

DPF DCDP Fls. Nº 435 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,D.497

NEUSA SUELI — Azar meu, né?

VADO — Porra, pára de me torrar o saco. Foi você que arrumou toda a confusão e ainda resmunga. Não quero escutar um pio contra a maconha. Gosto de curtir minha onda de leve.

VELUDO — Ele sabe viver.

(VADO ACENDE O CIGARRO DE MACONHA E DÁ UMA TRAGADA.)

VADO — Legal!

VELUDO — Não fica triste, Neusa Sueli. Homem é assim mesmo. Todos uns brutos. (PAUSA) Seu Vado, deixa eu dar um cheiro?

VADO — Quer bicar?

VELUDO — O senhor deixa?

VADO — Não!

VELUDO — Ah, deixa . . . por favor . . . deixa . . .

VADO — Se manca, vagabundo!

VELUDO — Por favor . . .

VADO — Gosta de fumo, é?

VELUDO — Sou tarado.

VADO — E por que fica gastando dinheiro com os pivetes? Por que, hein?

VELUDO — Ah, Seu Vado . . .

VADO — Você gosta mais de maconha ou de moleque?

VELUDO — Cada coisa tem sua hora.

VADO — Bichona malandra!

VELUDO — Deixa eu bicar, Seu Vado.

VADO — Pega aqui. Na minha mão.

VELUDO — Que bom! (TENTA AGARRAR O CIGARRO.)

VADO — Não vale segurar.

VELUDO — Como o senhor é mau, Seu Vado.

(A CENA REPETE-SE VÁRIAS VEZES, SEMPRE VELUDO TENTANDO ALCANÇAR, COM A BOCA, O CIGARRO QUE ESTÁ NA MÃO DE VADO. VELUDO FICA CADA VEZ MAIS AGONIADO. VADO RI CADA VEZ MAIS. NEUSA SUELI PERMANECE INDIFERENTE. VELUDO AGARRA A MÃO DE VADO, QUE LHE DÁ UM VIOLENTO EMPURRÃO.)

VELUDO — Neusa Sueli, manda ele deixar eu fumar, manda.

NEUSA SUELI — Não estou gostando nada dessa zorra aqui dentro.

VELUDO — Vai, Neusinha Sueli, manda ele me dar uma tragada. Por favor, Sueli, manda. Eu não aguento mais.

NEUSA SUELI — Acho melhor você se arrancar daqui.

VELUDO — Seu Vado, deixa eu dar uma fumadinha só.

VADO — Sem-vergonha! Pensa que mulher manda em

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF - CENTRAL FEDERAL
DPF Fls. N.º 0436 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.498

mim, bicha louca? Pensa que se essa vaca mandasse eu fa te dar o fumo?

VELUDO — Que homem bruto, meu Deus! Vado, deixa eu fumar!.

VADO — Ainda sou Seu Vado pra você. Perdeu o respeito, seu miserável?

VELUDO — Homem que me judia eu não chamo de senhor. É Vado, e olhe lá.

VADO — Te dou uma porrada que você vê.

VELUDO — Dá, então.

(VADO BATE EM VELUDO.)

VADO — Gostou?

VELUDO — Bate mais.

VADO — Nojento!

VELUDO — Bate, seu bobo, bate.

(VADO FICA VENCIDO, IMPOTENTE.)

VELUDO — Você viu, Neusa Sueli, como a gente lida com homem?

VADO — Cala a boca, bicha!

VELUDO — Vem me bater, seu trouxa!

VADO — Você vai ver, bicha louca!

VELUDO — Pode bater. A cara está aqui.

VADO — Veado! Veado de merda! Porco nojento! Ladrão sem-vergonha!

VELUDO — Bate em mim, machão. Bate nesta face, te viro a outra. Como Jesus Cristo.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA POLÍCIA FEDERAL - CENSURA (TEATRO)

Veludo com muita vida, Sueli.

VADO — Bicha é uma desgraça.

VELUDO — Você viu como eu encabulei o homem, Neusa Sueli? Tadinho dele! Ficou sem jeito. Coitadinho! Vê a carinha do Vado, Neusa Sueli. Vai fazer um carinho pra ele. Ele está tristinho. Vai lá, bobona. Vai agradar teu homem. Vai, Neusa Sueli.

NEUSA SUELI — Pára com isso, pombas! Será que você não se manca que não está agradando? Poxa, você é mais chato que cri-cri. Por que você não se manda daqui? Vai lá pro teu quarto! Vai à merda! Vai à puta-que-te-partiu! Mas me esquece. Não quero você aqui no meu puleiro. Anda, te arranca! Te arranca, que é melhor pra você. Já estou invocada. Muito invocada.

Revoltada com a pulseira do Veludo

VELUDO — Desculpe. Não vou morrer por causa disso. Não quer eu aqui, me mando e pronto. Nunca fico onde não me querem. Aliás, só vim aqui porque me chamaram. Mas já vou indo. Tchau mesmo! Pensei que era o homem deste galinheiro que cantava de galo. Entrei bem. Quem manda aqui é a galinha velha.

NEUSA SUELI — Galinha velha é tua mãe!

VADO — Ela se queimou.

VELUDO — Pôs a carapuça porque quis.

NEUSA SUELI — Vai saindo!

(VELUDO VAI SE DIRIGINDO PARA A PORTA.)

VADO — Fica! Só sai quando eu mandar.

DPF Fls. N.º 237 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0031, P.499

VELUDO – Ela está invocada comigo. Não quero encrenca. Vou embora.

VADO – Ela que se dane! Fica!

NEUSA SUELI – Você vai me pagar, sua bicha. Está botando o meu homem contra mim.

VELUDO – Eu quero ir embora, ele não deixa.

NEUSA SUELI – Nojento!

VELUDO – Não sei por que as mulheres me detestam tanto.

VADO – Ai, ai!

NEUSA SUELI – É melhor deixar essa bicha sair. Já estou me esquentando.

VADO – Ela agora vai queimar o fumo. Não vou deixar ela sair daqui de presa seca. Vem fumar, bichinha!

VELUDO – Agora não quero.

VADO – Não faz onda e pega logo.

VELUDO – Pra mim michou.

VADO – Não queria? Tá aí. Mete o nariz.

VELUDO – Já falei que não quero.

VADO – Estou mandando fumar.

VELUDO – Você não é meu homem, não me manda nada.

VADO – Chupa essa fumaça!

VELUDO – Nem por bem, nem por mal.

(VADO DESESPERA-SE E COMEÇA A BATER EM VELUDO.)

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA POLÍCIA FEDERAL - DPF

VELUDO – Bate! Bate! Bate!

VADO – Eu te mato! Eu te mato!

VELUDO – Mata! Mata! Mata mesmo, homem! Mas eu não fumo tua maconha! Não fumo!

VADO – Fuma essa merda! Fuma! Não escutou eu mandar?

(VADO VAI TENTANDO, DESESPERADAMENTE, COLOCAR O CIGARRO NA BOCA DE VELUDO, PARA QUE ELE FUME. VELUDO NÃO DEIXA.)

VELUDO – Me mata, meu homem!

NEUSA SUELI – Pára com isso, Vado! Pára com isso!

VADO – Quero que esse puto fume maconha, eu quero!

VELUDO – Mas não vai conseguir nada de mim.

VADO – Por favor, Veludo, fuma essa droga, se não eu faço uma desgraça! Por favor, fuma!

VELUDO – Nem você me pedindo de joelhos.

NEUSA SUELI – Pelo amor de Deus, Vado, pára com isso! Pára com isso! Eu não aguento mais! Eu não aguento mais!

VADO – Sueli, meu amor, me ajuda! Sueli, minha santa, me ajuda! Sueli, segura esse veado nojento. Segura ele, Sueli! Eu quero fazer ele fumar maconha. Eu quero que ele fume! Eu quero! Por favor, Sueli, segura ele!

NEUSA SUELI – É só isso que você quer, seu porco?

DPF Fls. Nº 238 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071 P.500

VADO – É só o que eu quero. Me ajuda! Por favor!

NEUSA SUELI – Eu te ajudo! Eu te ajudo!

VELUDO – Ai, ai, tenho cócegas! Ai, ai, ai! Meu Deus, que loucura! Que loucura divina!

(NEUSA SUELI VAI TENTAR SEGURAR VELUDO. QUANDO VAI TOCÁ-LO, ELE GRITA:)

VELUDO – Não toca em mim, mulher! Não toca em mim! Eu não gosto que mulher me toque! Não me toque! Não me toque!

NEUSA SUELI – Veado miserável! Miserável! (AGARRA-O E O EMPURRA PRA PORTA.) Agora vai caguetar a gente pra polícia, seu nojento!

VELUDO – Sua vaca! Você vai me pagar! Não vou na polícia, não. Não gosto dessa gente. Mas vai ter forra. Você não perde por esperar.

NEUSA SUELI – Cai fora daqui, bicha sem-vergonha! Cai fora!

(VELUDO SAI, XINGANDO. NEUSA SUELI FECHA A PORTA E DEPOIS FICA PARADA, OLHANDO VADO POR LONGO TEMPO.)

VADO – Está me achando bonito, ou me botando quebrante?

NEUSA SUELI – Nojento!

VADO – Não começa a me encher o saco.

NEUSA SUELI – Você é um sacana.

VADO – Você é uma cortadora de onda.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO BAHIA - DPF - SOF POLÍCIA FEDERAL

NEUSA SUELI – Nunca pensei que você pudesse ser tão miserável.

VADO – E eu nunca pensei que você fosse tão chata.

NEUSA SUELI – Não sou é descarada.

VADO – Vai ser freira, então.

NEUSA SUELI – Eu tenho moral.

VADO – Depois de velha, até eu.

NEUSA SUELI – Velha, não! Só tenho trinta anos.

VADO – De puteiro?

NEUSA SUELI – Canalha!

VADO – Quando você fica bronqueada é que a gente vê como você está apagada.

NEUSA SUELI – Estou é cansada. Só isso.

VADO – Devia se aposentar. Trinta anos de basquete cansa qualquer uma.

NEUSA SUELI – Eu nasci igual a qualquer uma. Limpinha. Há trinta anos atrás, eu era um nenê.

VADO – Não força a idéia, piranha velha. Você é a veterana das veteranas.

NEUSA SUELI – Tenho só trinta anos.

VADO – Coroa!

NEUSA SUELI – Porco! Nojento! Você pensa que não manjei a tua jogada com o Veludo?

VADO – Deixa de história. Vocês antigas vêem malícia em tudo.

DPF Fls. Nº 439

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0071, P.501

NEUSA SUELI — Só sei que você me embrulhou o estômago.

VADO — A vovó das putas todas é metida a família, é?

NEUSA SUELI — Vovó das putas é a vaca que te pariu.

VADO — Limpa essa boca quando falar da minha mãe. Se folgar comigo, te arrebento.

NEUSA SUELI — Então não me torra a paciência.

VADO — Só estou falando a verdade. Você está velha. Outra noite, cheguei aqui, você estava dormindo aí, de boca aberta. Roncava como uma velha. Puta troço asqueiroso! Mas o pior foi quando cheguei perto pra te fechar a boca. Queria ver se você parava com aquele ronco miserável. Daí, te vi bem de perto. Quase vomitei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta. Essa pintura que você usa aí pra esconder a velhice estava saindo e ficava entre as rugas, que apareciam bem. Juro, juro por Deus, que nunca tinha visto nada mais desgraçado. Eu até . . .

NEUSA SUELI — Pára com isso! Chega de escutar mentira! Pára com isso!

VADO — Mentira? Eu é que sei! Senti uma puta pena de mim. Um cara novo, boa pinta, que sé veste legal, que tem papo certinho, que agrada, preso a um bagulho antigo. Fiquei bronqueado. Porra, ainda tentei quebrar o galho. Pensei comigo: mas de corpo ainda é uma coisa que se pode aproveitar. E sem te acordar, tirei a coberta, tirei tua camisola, tirei tua calcinha e teu sutian. As pelancas caíram pra todo lado. Puta coisa porca! Acho que até um cara que saísse de cana, depois de um cacetão de tempo, passava nesse lance. Pombas, que negócio ruim era você ali dormindo. Juro por Deus, nunca vi nada pior. Se não fosse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Porra, e não se perdia nada. Me larguei. Não aguentava.

NEUSA SUELI — E por que não se mandou de vez?

VADO — Fiquei esperando uma chance de te jogar isso no focinho. Não ía sair sem te contar como você está podre.

NEUSA SUELI — E enquanto isso me tomava a grana.

VADO — Claro! Não sou nenhum bobo. Enquanto isso, tratava de mim por fora. Mulherio novinho e bonito está aí mesmo.

NEUSA SUELI — Teu negócio é veado. Vi hoje.

VADO — Que é isso, coroa? Tá com ciúme do Veludo?

NEUSA SUELI — Tenha vergonha nessa cara.

VADO — Quem tem que ter vergonha é você, velhota. Não aguenta o repuxo, não tem como agarrar o homem, fica aí apavorada, até com medo de um veado de merda.

NEUSA SUELI — Canalha!

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF - SÃO PAULO
POLÍCIA FEDERAL
DPF
Fls. N.
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.502

VADO — Estava sendo uma onda legal, você cortou com a tua rabujice. Você é coroa!

NEUSA SUELI — Não sou é de bacanal.

VADO — Puta que não gosta de bacanal é que está bem apagada.

NEUSA SUELI — Estou apagada é de canseira. Isso é que é. Não de velhice. De canseira. Sabe o que é uma noite de viração?

VADO — As meninas tiram de letra. É só abrir a perna e faturar. Acham moleza. Agora, velha cansa à-toa. Tem reumatismo. Tem que se esforçar pra agradar o freguês e outros babados. E ainda, pra não ficar jogada fora sozinha, tem que aturar o cafetão. Mas isso é igual na vida e nas casas de família. Os machos só aturam as coroas por interesse. Pra se divertir, a gente sempre tem uma garota enxutinha.

NEUSA SUELI — Eu tenho homem a hora que quero.

VADO — Por que me atura? Por que? Eu sou chato pacas!

NEUSA SUELI — É mesmo. Ainda bem que reconhece.

VADO — Por que você me aguenta?

NEUSA SUELI — Porque . . . porque . . .

VADO — Sou bom de cama?

NEUSA SUELI — É. É mesmo. As verdades a gente diz.

VADO — É. Isso é verdade. Só que faz um mês que você não sabe de mim. Mais de um mês.

NEUSA SUELI — É . . . é . . . E mesmo assim te dou a grana.

VADO — Uma grana micha. Muito micha.

NEUSA SUELI — Não é culpa minha. Você sabe que não é. A situação está uma broca pra todas. Esse novo delegado que entrou aí está querendo fazer média. Toda hora passa o rapa. Até os tiras andam apavorados, não pegam caixinha, nem nada. Se os homens da lei estão com medo, os fregueses nem se fala. Mas deixa esse filho-da-puta desse delegado esquentar o lugar, fica tudo igual a antes. Daí, você vai ver se eu faturo alto outra vez ou não.

VADO — Você é enganadora.

NEUSA SUELI — Você anda por aí. É só perguntar pra qualquer uma. Elas te dizem como a barra anda pesada.

VADO — Isso é desculpa de velha.

NEUSA SUELI — Velha, não.

VADO — Velha, sim. Todo mundo te acha um bagaço. Não viu o que o Veludo disse?

NEUSA SUELI — O que foi?

VADO — Te chamou de galinha velha.

NEUSA SUELI — Despeito de bicha.

VADO — Falou certo. Você está velha mesmo.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF - CENSURA TEATRO

DPF Fls. Nº 041 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.503

NEUSA SUELI – Só porque você quer.

VADO – É, né? Mostra os teus documentos.

(VADO VAI PEGAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ELA O IMPEDE.)

NEUSA SUELI – Tenho trinta anos.

VADO – Deixa eu ver os papéis.

NEUSA SUELI – Que onda bestal

VADO – Deixa eu ver.

NEUSA SUELI – Não torra a paciência!

VADO – Está com medo?

NEUSA SUELI – Medo, não. Acho besteira.

VADO – Mentiu, agora não quer que eu prove a tua idade.

NEUSA SUELI – Tenho trinta.

VADO – No mínimo cinqüenta anos.

NEUSA SUELI – Fiz trinta no fim do ano passado.

VADO – Deixa eu ver os documentos. (VADO TENTA TIRAR A BOLSA DAS MÃOS DE NEUSA SUELI.) Tá com medo de mostrar os documentos?

NEUSA SUELI – Não gosto que mexam na minha bolsa.

(VADO INSISTE EM TIRAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ATÉ QUE A BOLSA SE ABRE, DEIXANDO ESPALHAR PELO CHÃO TODO O SEU CONTEÚDO.)

VADO – Tá bom, velha! Pode sossegar, não vou pegar seus documentos pra ver o que eu já sei. Você tem cinquenta anos e não adianta mentir.

NEUSA SUELI (NO CHÃO, APANHANDO OS OBJETOS ESPALHADOS) – Pára com isso! Pára! Por favor, pára! Poxa, será que você não se manca? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada pra chuchu? Ainda mais hoje. Hoje foi um dia de lascar. Andei pra baixo e pra cima, mais de mil vezes. Só peguei um trouxa na noite inteira. Um miserável que parecia um porco. Pesava mais de mil quilos. Contou toda a história da puta da vida dele, da puta da mulher dele, da puta da filha dele, da puta que o pariu. Tudo gente muito bem instalada na puta da vida. O desgraçado ficou em cima de mim mais de duas horas. Bufou, bufou, babou, babou, bufou mais pra pagar, reclamou pacas. Desgraçado, filho da puta. É isso que acaba a gente . . . Isso que cansa a gente. A gente só quer chegar em casa, encontrar o homem da gente de cara legal, tirar aquele sarro e se apagar, pra desforrar de toda a sacanagem do mundo de merda que está aí. Resultado: você está de saco cheio por qualquer coisinha, então apronta. Bate na gente, goza a minha cara e na hora do bem-bom, sai fora. Poxa, isso arreia qualquer uma. Às vezes chego a pensar: Poxa, será que eu sou gente? Será que eu, você, o Velu-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.504

do, somos gente? Chego até a duvidar. Duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita. Isso é uma bosta. Uma bosta! Um monte de bosta! Fedida! Fedida! Fedida!

VADO – É . . . é mesmo . . .

NEUSA SUELI – É mesmo o quê?

VADO – Você está uma velha podre.

NEUSA SUELI – Nojento!

VADO – Nada mais nojento que puta velha. Porra, como incomoda!

NEUSA SUELI – Eu não sou velha! Eu não sou velha! Eu estou gasta! Eu estou gasta nessa putaria!

VADO – Depois de cinqüenta anos, qualquer uma se apaga.

NEUSA SUELI – Eu tenho trinta anos! Apenas trinta anos! Apenas trinta anos!

VADO – Mentirosa! Enganadora! Vadia velha! Mostra os teus documentos. Mostra! Não tem coragem? Já sabia. Mentiu a idade, mas não engrupe ninguém. Tem um troço que não mente. Sabe o que é? Teu focinho! (PEGA UM ESPELHO E OBRIGA NEUSA SUELI A OLHAR-SE NELE.) Olha! Olha! Olha!

NEUSA SUELI – Por favor, Vado, pára com isso!

VADO – Olha! Olha bem! Vê! Cinqüenta anos!

NEUSA SUELI – Vado, por favor, pára com isso! Pára com isso!

VADO – Cinqüenta anos! Velha nojenta! Cinqüenta anos!

NEUSA SUELI – Chega! Chega, pelo amor de Deus!

VADO – Olha, olha bem, velha! Bem velha! Cinqüenta anos no mínimo!

NEUSA SUELI – Por piedade, Vado. Pelo amor de tua mãe!

VADO – Cinqüenta anos! Fim da picada! Toda ruim. Ainda com essa meleca na cara, maquilagem e tal, engrupe os trouxas. Mas sem essa droga, deve ter bem mais de cinqüenta.

NEUSA SUELI – Vado, chega! Por favor, chega!

VADO – Olha bem! Olha bem! Velhota! Coroa! O Veludo tinha razão. Galinha velha! Vamos ver sem essa meleca quantos anos tem.

(VADO TIRA O LENÇOL DA CAMA E O ESFREGA NO ROSTO DE NEUSA SUELI.)

NEUSA SUELI – Não, Vado! Não! Por favor, não!

VADO – Cem anos! Cem anos ou mais! Quanta ruga! Que cara amassada! Que bagaço!

NEUSA SUELI – Pára! Pára com isso!

(VADO PEGA O ESPELHO E FAZ NEUSA SUELI OLHAR-SE NELE.)

VADO – Vê, puta, quanta ruga!

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF – CENTRO-OESTE

D.P.F. Fls. Nº 143 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 009, P.505

NEUSA SUELI — Chega! Chega! Chega! Não aguento mais. Chega!

VADO — Chega mesmo! Chega mesmo! Mesmo! Sou um cara boa pinta, não vou perder minha mocidade ao lado de um bagaço. Cadê a grana, sua vaca? Onde está a grana de hoje?

NEUSA SUELI — Vou te dar a grana. (PEGA O DINHEIRO NA BOLSA.) Está aí todo o dinheiro que tenho. Pronto. É seu. Está contente?

VADO — Tá legal. Assim é que é. Agora, tchau mesmo!

NEUSA SUELI — Não, você não vai saindo assim, não. Não leva minha grana? Não é meu cafetão?

VADO — Vê se me esquece velhota!

NEUSA SUELI — Você não vai se arrancar!

VADO — E por que não?

NEUSA SUELI — Nós vamos trepar.

VADO — Tá caducando?

NEUSA SUELI — E vai ter que ser gostoso.

VADO — Por dinheiro nenhum.

NEUSA SUELI — Vai, sim, Vadinho, meu cafetão.

VADO — Sai dessa, velha!

NEUSA SUELI — Velha, feia, gasta, bagaço, lixo dos lixos, galinha, coroa, sou tudo isso. Mas você vai trepar comigo.

VADO — Essa, não!

(NEUSA SUELI FECHA A PORTA DO QUARTO E QUARDA A CHAVE NO SEIO.)

NEUSA SUELI — Viu? Já se tocou?

VADO — Abre essa porta. Abre essa porta. Anda! É surda, desgraçada? Não escuta a gente mandar? Abre essa porta! É melhor pra você.

NEUSA SUELI — É meu cafifa. Leva minha grana. Tem que me fazer gozar. Custe o que custar.

VADO — Você está me baratinando.

NEUSA SUELI — Pra você ver.

VADO — Abre essa porta! Abre!

NEUSA SUELI — Não adianta espernear.

VADO — Você quer apanhar?

NEUSA SUELI — Quero, sim. Me bate. Bate legal.

VADO — Não vou me afobar. Vou tirar de letra. Puxo uma palha e te deixo aí na tara.

NEUSA SUELI — Experimenta.

VADO (DEITANDO-SE NA CAMA) — Boa noite, velha!

NEUSA SUELI (PEGA A NAVALHA) — Vado, se você dormir, eu te capo, seu miserável!

VADO — Que é isso? Tá louca?

NEUSA SUELI — Estou. Estou louca de vontade de você. Se você não for comigo agora, não vai nunca mais com ninguém.

VADO — Mas que é isso, mulher?

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO RIO DE JANEIRO — DPF — CENSURA TEATRAL

DPF Fls. N.º 444 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.506

NEUSA SUELI — Pode escolher, seu filho-da-putal

VADO — Sai dessa dança, Sueli. Poxa, que negócio mais zoeira. Você embarca em todas. Poxa, por isso que eu às vezes me invoco com você. Qualquer sarrinho e você perde a esportiva. Que onda! Não sabe brincar? Estava tirando um barato de leve, você já apela, já faz drama. Não pode ser assim, não.

NEUSA SUELI —Você não precisa gastar saliva comigo. É só trepar e pronto. Sou velha, mas quero te ter. Entendeu?

VADO — E precisa de ferro pra que? Vai me obrigar?

NEUSA SUELI — Voul

VADO — Você é uma trouxa mesmo. Entra sempre em canoa furada. Me divirto sempre às suas custas. Quer dizer que grudou essa onda de velha? Porra, está na zona há um cacetão de tempo e não aprendeu nada? Que paspalha! Quer dizer que você me acha o rei dos otários? Devia te bolachar por essa. Mas deixa pra lá. Você já está queimada. Deixo barato. Não vou criar caso. Mas vê se te manca. Poxa, você acha que se eu te achasse coroa jogada-fora ía estar aqui esticando papo? Me mandava sem dizer nada. Dava um pinote sem tu nunca saber por que. Assim que é.

NEUSA SUELI — Então . . . então . . . por que toda essa bobageira?

VADO — Sou Vadinho, cafifa escolado. Judio de mulher pra elas gamarem.

NEUSA SUELI — Não precisa nada disso.

VADO — Minha embaixada! Sabe como é. Escuta esse papo que é de verdade. Eu estava borocoxô. Não queria fazer a obrigação. Inventei a onda. Grudou. Azar teu.

NEUSA SUELI — Mas faz um tempão que você não me procura.

VADO — Não faz tanto tempo assim. O que é bom deixa saudade. Isso que é.

NEUSA SUELI — É . . . é . . .

VADO — Agora, tem um porém! Se eu não estivesse a fim, não ía ter navalha que me obrigasse. Pode botar fé no que te digo. Eu sou um cara que só embarco por gosto.

NEUSA SUELI — Você sabe conversar.

VADO — Que nada! Sou é da firmeza. Meu defeito é brincar muito.

NEUSA SUELI — Eu estou na merda . . . Eu estou na merda . . .

VADO — Que papo careca é esse?

NEUSA SUELI — Você me arreou.

VADO — Não complica. Larga o ferro e está tudo legal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.507

(NEUSA SUELI DEIXA CAIR NO CHÃO A NAVALHA QUE SEGURAVA.)

VADO — Assim. Bonitinha. É gamada por mim, pra que fazer guerra?

(VADO APROXIMA-SE DE NEUSA SUELI, QUE ESTÁ SENTADA NA CAMA. VADO COMEÇA A ACARICIÁ-LA, ENQUANTO, DISFARÇADAMENTE, RETIRA A CHAVE DA PORTA QUE ESTAVA NO SEIO DE NEUSA SUELI. EM PODER DA CHAVE, ELE SE ENCAMINHA PRA PORTA, ABRE-A E SAI. NEUSA SUELI, QUANDO PERCEBE QUE VADO SAIU, CORRE ATÉ A PORTA E GRITA:)

NEUSA SUELI — Vadol . . . Vadol . . . Você vai voltar? . . . Você vai voltar? . . .

(NEUSA SUELI FICA POR ALGUM TEMPO PARADA NA PORTA, DEPOIS VOLTA, PEGA UM SANDUÍCHE DE MORTADELA, SENTA-SE NA CAMA, FICA OLHANDO O VAZIO POR ALGUM TEMPO. DEPOIS, PROSAICAMENTE, COMEÇA A COMER O SANDUÍCHE.)

FIM

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS BAHIA

SUPERINTENDENCIA REGIONAL DA BAHIA-DPF-POLICIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.508

DPF
Fls. N.º 047
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV.PÚBLICAS

PARECER nº 066/85

ASSUNTO: Leitura de texto

TÍTULO: "Navalha na Carne"

AUTOR: Plínio Marcos

CONTEÚDO: Num quarto de pensão, Vado está à espera de Neusa Sueli a fim de obter dela alguns trocados. Ao vê-lo mal humorado, a companheira indaga das razões de sua zanga e Vado lhe diz ser por causa do dinheiro que veio buscar e não o encontrou; ela responde-lhe que deixara o dinheiro em cima da mesa. Por fim, constatam ambos que alguém o apanhara e culpam Veludo, um homossexual que mora vizinho aos mesmos. Após muita pressão e violentas pancadas, Veludo confessa ter roubado o dinheiro. Depois de muitas interca, digo, imprecações, xingamentos, ofensas morais e até mesmo físicas entre os três, a peça termina com a saída de Vado do quarto de Neusa Sueli, não sem antes ter sido ameaçado por ela de cortar-lhe com uma navalha.

MENSAGEM: Negativa, pois explora o lado mais deplorável do ser humano que é a luta pela sobrevivência através da venda ou comércio do próprio corpo.

LINGUAGEM: Livre, vulgar, de baixo calão, de acordo com o ambiente vivenciado na peça.

PÚBLICO ALVO: Adulto

GRAU DE PERSUASÃO: Bom, pela simplicidade da linguagem e da linha narrativa.

PARECER: Estando tudo conforme as normas e praxes censórias em vigor, opinamos pela liberação da peça em exame.

CLASSIFICAÇÃO: 18 anos, por ser inconveniente a menores dessa faixa etária o teor da mensagem final contido na obra.

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: Linguagem livre, violência, referência à prostituição e ao homossexualismo.

Salvador, 03 de junho de 1985.

DPF/SR/BA
Severino Ernesto de Souza Bel.
Sub. Chefe do S C D P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.509

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 053
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 002/85

PEÇA "NAVALHA NA CARNE"

ORIGINAL DE PLINIO MARCOS

APROVADO PELA D.C.D.P. VÁLIDO ATÉ 05 de JUNHO de 19 90

CLASSIFICAÇÃO Salvador/BA

18 ANOS: REFERÊNCIA AO HOMOSSEXUALISMO, PROSTITUIÇÃO, CENAS DE TENSÃO e LINGUAGEM LIVRE

XXXXX Brasília, 05 de JUNHO de 19 85

MARIA HELENA GUERREIRO-BEL.ª
Técnica de Censura

Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007, P.510

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "NAVALHA NA CARNE"

Original de PLÍNIO MARCOS

Tradução de :-:

Adaptação de :-:

Produção de :-:

Requerida por ANTONIO FREITAS DE CERQUEIRA

Tendo sido censurada em 05 de JUNHO de 19 85 e recebido a seguinte classificação: 18 ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/BA.

Salvador/BA

Brasília, 05 de JUNHO de 1985

Amélia Mª P. de S. Vasconcellos Pereira Gil
Chefe do Serviço de Censura

CHEFE DA S.C.C./SCDP/SR/DPF/BA

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071.P.511

TEATRO

DPF DCDP Fls. N. 1154 Rubrica

TÍTULO " NAVALHA NA CARNE "

AUTOR DA PEÇA: " PLINIO MARCOS "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 18 ANOS "

Praça " SCDP/SR/BA "

Obs.:

DF. 18 / JUNHO / DE / 1985

Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Senhor Chefe do SC.
Em exames anteriores, esta peça recebeu 18 anos sem cortes.
Recentemente o SCDP de MG impôs alguns cortes em passagens referentes a drogas.
Neste novo exame, o SCDP/BA não sugere cortes, embora se trate de idêntico texto ao anterior. Faz referência ao problema e o entende como, de certa forma necessário à caracterização das personagens, ao mesmo tempo em que supõe que o público alvo não será influenciado. Libera para 18 anos.
À consideração superior
BSB, 24/06/85

Brasília – DF de de 1.9

Violência e prostituição

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de peça para o qual os consoantes propõem liberação para maiores de 18 anos, com o que acordo

Brasília-DF, 25 de 6 de 85

Raymundo Gustáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De Acordo.
Em: 26 de 06 de 1985

Hellé Prudente Carvalhedo
CF - Mat. 2.415.791
Dir. Subst. da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.51

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Fls. N.º 46
Rubrica

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
139	26 JUNHO 1985	26 JUNHO 1990

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"

AUTOR (ES): PLÍNIO MARCOS

CLASSIFICAÇÃO: 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: VIOLÊNCIA E PROSTITUIÇÃO

Coriolano de L. C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: "NAVALHA NA CARNE"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 139

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: ANTONIO FREITAS DE CERQUEIRA *SALVADOR/BA*

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília 26 DE JUNHO DE 19 85.

GRC

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF
DPF – 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007/P.513

DPF
DCDP
Fls. N.º 456
Rubrica

26 de junho de 1985

1.193/'85-SE/DCDP

BA

"NAVALHA NA CARNE", de autoria de Plínio Marcos.

Atenciosamente,

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071 P514

DPF
DCDP
Fls. N. 057
Rubrica

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CORREIO - RECIFE

-6 NOV 09 21 85 007844

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL - DPF
SUPERINTENDENCIA REGIONAL NO ESTADO DO ACRE

OF. Nº 034/85 - SCDP Rio Branco, 31 de outubro de 1985.

Senhor Diretor

Pelo presente, encaminhamos a essa Divisão, para as medidas cabíveis, os requerimentos de JORGE CARLOS AMARAL DE OLIVEIRA e MAUÉS DA SILVA MELO, referentes à peça teatral "MANALHA NA CARNE" e show musical " EKZEU 1999 -DAS ÁGUAS, cujos exemplares dos textos também seguem anexo.

Ao ensejo, reiteramos a V.Sª. nossos protestos de consideração e apreço.

Ltd. José Ivan Guimarães Lobato
Delegado de Polícia Federal
Chefe/SEMAR/CR/DPF/AC.

Ilmº. Sr.
Dr. CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
M.D. Diretor da DCDP/DPF.
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.515

DPF
DCDP
Fls. N.º 0158
Rubrica

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

JORGE CARLOS AMARAL DE OLIVEIRA
Requerente

brasileira, Ator
Nacionalidade — Profissão

Carteira de Identidade 097361 SSP-AC
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Conj. Guiomard Santos I - Q 3 - c/9
BOSQUE - Rio Branco, AC, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) PEÇA TEATRAL abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: PLÍNIO MARCOS

"NAVALHA NA CARNE"
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Rio Branco, 31 de outubro de 1985.
Local e Data

Jorge Carlos
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.516

DPF DCDP Fls. N 0159 Rubrica

NAVALHA NA CARNE

peça em um ato de PLÍNIO MARCOS

PERSONAGENS: VADO
NEUSA SUELI
VELUDO

CENÁRIO:

Um sórdido quarto de hotel de quinta classe. Um gruarda-roupa bem velho, com espelho de corpo inteiro, uma cama de casal, um criado mudo, uma cadeira velha, são os móveis do quarto

(AO ABRIR O PANO VADO ESTÁ DEITADO NA CAMA? LENDO UMA REVISTA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS. ENTRA NEUSA SUELI)

NEUSA SUELI- Oi, você está aí?
VADO- Que você acha?
NEUSA SUELI- É que você nunca chega tão cedo
VADO- Não cheguei, sua vaca! Ainda nem saí!!
NEUSA SUELI- Tá doente?
VADO- Doente, o cacete!
NEUSA SUELI- Não precisa se zangar. S-o perguntei por perguntar.
VADO- Mas pode ficar sabendo que estou com o ovo virado
NEUSA SUELI- Por que, meu bem?
VADO- Não sabe, né?
NEUSA SUELI- Não sou adivinhona
VADO- Quer bancar a engraçada? Vou te encher a lata de alegria (VADO COMEÇA A TORCER O BRAÇO DE NEUSA SUELI). Gostou?
NEUSA SUELI- Poxa, você está me machucando
VADO- Você ainda não viu nada, sua miserável!
NEUSA SUELI- Ai, não tefiz nada!
VADO- Não fez? Não fez, sua filha-de-uma-cadela?
NEUSA SUELI- Que foi que eu te fiz?
VADO- Quer se fingir de boba?
NEUSA SUELI- Ai, ai! Juro que não sei
VADO- Sabe porque eu não saí hoje?
NEUSA SUELI- Sua cabeça é seu guia.
VADO- Pois é, né?
NEUSA SUELI- Eu não prendo ninguém.
(VADO EMPURRA NEUSA SUELI QUE CAI NO CHÃO)
VADO- Já lembrou do que me aprontou, sua nojenta?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071|P.519

DPF DCDP Fls. N. 2160 Rubrica

NEUSA SUELI- Você está é com onda.

VADO- Quer criar caso? Pode ficar certa que outra presepada que você me arrumar, não vai ser mole prá você. Sua porca! Quem pensa que eu sou? Um troxa qualquer? Assim você aprende a não querer bancar a sabida comigo.

NEUSA SUELI- Puxa, você me machucou.(LEVANTA-SE)

VADO- Assim você se manca.

NEUSA SUELI- Abre o jogo de uma vez. O que é que eu te fiz? Já foram fazer alguma fofoca de mim pra você, é? Eu sei quem foi! Você fica entrando no papo daquela vadia lá do 102. Só pode ser ela quem te enche a cabeça. Pensa que eu não sei? Ela dá em cima de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode ver ninguém bem. Mas ela vai ver. Comigo não vai ter bafo. Corto a cara dela com gilete.

VADO- Cala essa boca, pombas! Aquela mulher não tem nada a ver com isso. E você sabe bem.

NEUSA SUELI- Ela não me manja,não!Se ela se assanha pro teu lado, eu engrosso. Olha aqui, Vado, já vou te avisando. Se eu te ver batendo caixa com ela, faço um azar. Você sabe que eu faço mesmo. Não estou aqui pra ser corneada por uma jogada-fora daquelas.

VADO- Vê se cala essa matraca.

NEUSA SUELI- Já vi que você embarcou na dela.

VADO- Quer tomar outro cacete? Não,né? Então não me enche o saco! Já estou cabreiro com você. Se espernear te meto a mão.

NEUSA SUELI- Aquela filha-daputa te enrolou, eu sei. Ela fez assim com o macho da Mariazinha. Caguetou pra ele que ela estava se escamando na viração porque estava prenha. O cara foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou de tanta porrada que levou. Depois, enquanto a desgraçada se danava no hospital, o sacana ia na leve com a grana da cadela do 102. Também, a Mariazinha é uma trouxa. Saiu do hospital e aceitou o miserável do homem dela de volta.

VADO- Ela que tá certa.

NEUSA SUELI- Otária é o que ela é.

VADO- Não manjo esse cara da Mariazinha. Mas ele está por dentro.

NEUSA SUELI- Um paspalhão que ele é. Vlotou todo empesteado daquela galinha.

VADO- Conversa! O sujeito sabe viver.

NEUSA SUELI- Sabe viver pra chuchu. Se não fosse a Maria cuidar do miserável, ele se acabara. Enfiou no puteiro da cadela à pé e saiu à cavalo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P518

DPF DCDP Fls. N.º 061 Rubrica

VADO- Mas ele que pode. Está certo,sim. A mina é gamada, leva no ma-cio. Fez ela pagar o esquentamento da outra.
NEUSA SUELI- Maria é uma boba. Comigo não tem disso.
VADO- Quer ver eu te aprontar uma dessas e você me aguentar? Duvida? Te faço uma pior e tu me engole. Se duvida,diz. Te apronto uma que não vai ser mole prá ti. Se duvida te mostro.
NEUSA SUELI- Você não tem coragem.
VADO- Não? Já existe penicilina,boboca! Me limpo fácil. Agora você se estrepa. Pega fama de perebenta,tá lascada. Ninguém mais vai querer. Nem o cara mais jogado às traças.
NEUSA SUELI- Poxa, Vado, não vai fazer um papelão desses comigo.
VADO- Me apronta outra presepada como a de hoje. Me apronta, que eu te es trepo.
NEUSA SUELI- Mas, poxa, o que eu te fiz hoje?
VADO- Porra, quer apanhar outra vez? Fica querendo se fazer de sabida, depois se quixa, Estou deixando a coisa no barato. Se tentar me engrupir, te arrebento todos os dentes com uma mucada.
NEUSA SUELI- Não tem babado. Alguém te encheu a cuca. Te botou contra mim.
VADO- Não me torra o saco! Tenho malandragem pra dar e vender. Não vai ser você que vai gozar minha cara.
NEUSA SUELI- Não estou querendo gozar ninguém.
VADO- Ai de você se quisesse.
NEUSA SUELI- Só não estou por dentro da sua bronca.
VADO- Não está,né? Agora,olha, sua puta sem-vergonha! (VADO MOSTRA OS BOLSOS VAZIOS) Morou agora?
NEUSA SUELI- Está na lona?
VADO- Eu estou duro! Estou a nenhum! Eu estou a zero! A zero sua vaca.
NEUSA SUELI- E a culpa é minha?
VADO- Vagabunda, miserável! Sua puta sem-calça! Quem tu pensa que é? Pensa que eu estou aqui porque? Anda, responde! (PAUSA) Não escutou? Responde! Porque? Voce acha que eu te aturo porque?
NEUSA SUELI- Eu sei... Eu sei...
VADO- Sabe, né? Então diz. Porque eu te aturo?
NEUSA SUELI- Poxa Vadinho eu sei...
VADO- Então diz! Diz! Quero escutar. Diz de uma vez antes que eu te arrebente. Por que eu fico com você?
NEUSA SUELI- Por causa da grana.
VADO- Repete, sua vaca! Repete! Repete! Anda!
NEUSA SUELI- Por causa da grana
VADO- Repete mais uma vez

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.519

DPF DCDP Fls. N. 062 Rubrica

NEUSA SUELI- Por causa da grana
VADO- Mais alto, sua puta nojenta!
NEUSA SUELI- Por causa da grana!
VADO- Isso mesmo. Estou com voce por causa do tutu. Voce sabe. Estou aqui por causa da grana. Por causa da Grana! É isso mesmo. E se voce não me der moleza, te arrebento o focinho. Eu sou o Vadinho das Candongas, te tiro de letra fácil,fácil. Eu estou assim(FAZ GESTO COM OS DEDOS INDICANDO MUITAS) de mulher querendo me dar o bem bom. Voce sabe disso também, não sabe?(PAUSA) Sabe ou não sabe?
NEUSA SUELI- Sei...Sei,sim...(CHORA)
VADO- Para de chorar! Porra, será que vou ter de aturar abé essa onda de choro?
NEUSA SUELI- Pronto, já não estou amis chorando.
VADO- Que mania de fazer drama à toa!
NEUSA SUELI- À toa? Voce me machucou!
VADO- Bem feito! Assim voce aprende a não folgar com o bom.
NEUSA SUELI- Não te fiz nada. Voce está zoeira!
VADO- Estou mesmo. Minha zoeira é ser bom pra mulher. Te trato legal, nisso que dá. Quando digo que estou a nenhum, que estou durango, a piranha põe banca:(IMITANDO A VOZ DE NEUSA SUELI) "Não é culpa minha,não á culpa minha!" Poxa, será que tenho cara de trouxa? Sou teu macho, se não tenho um puto de um tostão, quem está errado?
NEUSA SUELI- Não sei...
VADO- Ai, meu cacete! Não aprendeu? As porradas que te dei não serviram de nada?
NEUSA SUELI- Te dou a grana, Se voce torra, que posso fazer?
VADO- Que grana voce me deu hoje?
NEUSA SUELI- Não sabe, né? Ganha no mole, mete o pau fácil.
VADO- Escuta aqui, desgraçada! Tá querendo me azedar de novo? Que dinheiro voce me deu hoje?
NEUSA SUELI- Não deixei aí no criado-mudo?
VADO- Ficou louca?
NEUSA SUELI- Claro que deixei o tutu aí.
VADO= Então ele voou.
NEUSA SUELI- Então voou'
VADO- Mentirosa! Nojenta!
NEUSA SUELI- Não me force a paciência. Encheu a cuca de fumo e esqueceu de tudo.
VADO- Não peguei uma ponta de estaleiro hoje, pantera! Estou de presa seca por tua causa. Pensa que maconha anda por aí dando buzo?
NEUSA SUELI- Só sei que botei dinheiro aí no criado-mudo, como todo dia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.520

DPF DCDP Fls. Nº 463 5

VADO - Se botasse, eu não estaga aqui esquentando a mufa. Estava lá na sinuca me divertindo.
NEUSA SUELI - Queimando erva e dinheiro.
VADO - E daí? Dinheiro meu gasto onde quero.
NEUSA SUELI - E eu que me dane na viração.
VADO - É a lei. Mulher que quer se bacanear com cara linha de frente como eu tem de se virar certinho.
NEUSA SUELI - Um dia a casa cai, pode crer.
VADO - Não conversa, não. Quero saber onde está a porra do dinheiro.
NEUSA SUELI - Botei aí. Cansei de falar.
VADO - Então alguém pegou.
NEUSA SUELI - Então pegou.
VADO - E não fui eu.
NEUSA SUELI - Será?... Será que foi o desgraçado?...
VADO - Que desgraçado?
NEUSA SUELI - O Veludo. Será que foi ele?
VADO - Ele? ... Ficou batusquela? Ele não ia ter peito.
NEUSA SUELI - Ele entrou aqui hoje depois que saí?
VADO - Como vou saber? estava dormindo.
NEUSA SUELI - Acho que o sacana veio arrumar o quarto, viu você apagado, passou a mão na erva e se mandou.
VADO - Não inventa! Ele não ía ser tão cara-de-pau assim.
NEUSA SUELI- Não sei, não. Vi o garoto do bar saindo do quarto do Veludo.
VADO - E daí? Ele dá o que é dele.
NEUSA SUELI - Pois é. Mas há muito tempo ele vem cozinhando o garoto e não arrumava nada porque estava duro. O garoto cobrava caro pra entrar na dele.
VADO - Poxa, será que ele afanou meu tutu pra dar praquele trouxinha?
NEUSA SUELI - Se ele entrou aqui hoje, foi ele.
VADO - Mato esse puto de merda, se foi ele.
NEUSA SUELI - Vou perguntar pra Dona Tereza.
VADO - Perguntar o Quê?
NEUSA SUELI - Se a velha pagou o ordenado do Veludo.
VADO - Que nada! Deixa ele pra mim! Chama essa bicha miserável!
NEUSA SUELI (VAI ATÉ A PORTA DO QUARTO E CHAMA:) - Veludo! Veludo! Quarto (PAUSA) Não escutou.
VADO - Chama mais alto. Todo veado é surdo.
NEUSA SUELI - Veludo! Veludo!
VELUDO (FORA DE CENA) - Quem me chama?
NEUSA SUELI - Quarto três.
VELUDO - Já vai.
VADO - Vou acertar o passo dessa bichona.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.521

DPF DCDP Fls. N.º 0464 Rubrica

NEUSA SUELI - Não vai machucar ele.

VADO - Não, né? Você vai ver.

NEUSA SUELI - Ele é doido por um emxame. Ele chama a cana.

VADO - Essa bicha não pe doida, nem nada.

NEUSA SUELI - Toma cuidado, Vadinho. Vê lá p que tu vai fazer.

VADO - Vai por mim.

VELUDO (NA PORTA DO QUARTO) - Chamou, Neusa Sueli?

VADO - Entra, bichona.

VELUDO - Com licença.

(VELUDO ENTRA)

VADO - Vai entrando, seu puto.

VELUDO - O senhor está aí, Seu Vado?

VADO - Estou sim.

VELUDO - É o senhor que quer falar comigo, ou é a Neusa Sueli? Adoro esse nome: Neusa Sueli.

VADO - Fecha a porta e deixa de frescura.

VELUDO (FECHA A PORTA) - Pronto, Seu Vado.

VADO - Presta bem atenção no que vou te dizer, seu veado de merda!

VELUDO - Se o senhor começar a me xingar, me mando. A Neusa Sueli sabe como eu sou. Não gosto de desaforo. Nem dos meus homens aguento maltrato.

VADA - Filho-da-puta! Veado Nojento!

VELUDO - Você está vendo, Neusa Sueli? Vou me arrancar. Depois você reclama que eu não gosto de vir fofocar no seu quarto. É por essas e outras. Ninguém gosta de estupidez.

VADO - Isso não é nem o começo.

VELUDO - Pra mim é o fim.

(VELUDO TENTA SAIR, VADO O AGARRA COM VIOLÊNCIA)

VELUDO - Bruto! Cafageste!

VADO - Cala essa boca, fresco de uma figa!

VELUDO - Me dixa sair.

VADO - Senta aí!

(VADO BATE EM VELUDO E FAZ COM QUE ELE SE SENTE NUMA CADEIRA)

VELUDO - Ai, ai, Que é que deu nesse homem?

VADO - Vamos conversar, seu sem-vergonha.

VELUDO - Se a Neusa Sueli gosta de apanhar, bate nela. Eu não gosto de coisas brutas, não sou tarado. (VADO BATE EM VELUDO) Ele está me batendo, Neusa Sueli

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.522

D.P.F. DCDP 465 Rubrica

NEUSA SUELI - Explica tudo direitinho. Vai ser melhor pra você.

VELUDO - Explica o quê?

VADO - Quem mandou você pegar o dinheiro?

VELUDO - Que dinheiro?

VADO - O que você pegou.

VELUDO - Deus me livre! Que dinheiro que eu peguei? Ai, meu Deus! Nem sei do que vocçes estão falando.

VADO - Cadê a grana, Veludo? (BATE EM VELUDO)

VELUDO - Ai,ai, seu cafetão nojento! Tua mulher não te dá dinheiro? Quer pegar o meu?

VADO - Se abre logo!

VELUDO - Miserável! Vai bater na cara da tua mãe. Porco! Essa vaca da Sueli Não te dá moleza, é? Pensa que eu vou dar? Nojento!Cafetão!

VADO - Cala o bico!

VELUDO - Vai morrer morfético! Tu e essa perebemta! Essa suadeira!

NEUSA SUELI - Fala logo, Veludo. Você pegou o dinheiro que estava no criado-do? Fala logo, anda!

VELUDO - Ai,ai. Ele está quebrando o meu braço!

NEUSA SUELI - Pegou ou não pegou?

VELUDO - Não peguei.

VADO - Não mente, nojento! Não mente!

VELUDO - Eu não peguei! Juro que não peguei!

NEUSA SUELI - Você pensa que vai levar a gente no bico?

VELUDO - Juro que não sei de dinheiro nenhum!

VADO - Não sabe, cachorro?

(VADO CONTINUA SEMPRE BATENDO EM VELUDO)

VELUDO - Ai, ai! Esse homem me mata! Socorro!Socorro!

VADO-O que você fez com minha grana, miserável?

VELUDO - Não me bate! Não me bate!

VADO - Então se abre.

NEUSA SUELI - A gente sabe o que você fez com a grana.

VADO - Confessa logo, bicha, senão vou botar pimenta no teu rabo.

VELUDO -Pelo amor de Deus, Neusa Sueli, não deixa esse tarado me judiar!

NEUSA SUELI - Então começa a contar.

VELUDO - Ai, meu São Jorge Guerreiro! Está todo mundo doido. Está todo mundo chapado de erva. Neusa Sueli, pelo amor de Deus, eu não sei de nada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007/1.523

DPF Fls. Nº 1166 Rubrica

VADO - Filho-da-puta!Mentiroso!

VELUDO - Socorro!Socorro!Monstro! Por que você não faz isso com homem, seu nojento? Ai, esse tarado está me matando!

VADO - Seu puto, voce apanhou a grana daqui pra andar com o garoto do bar!

VELUDO - Não entrei aqui hoje.

VADO - Você veio arrumar o quarto, pegou o dinheiro.

NEUSA SUELI - E deu pro moleque do bar.

VELUDO - Eu ia fazer uma coisa dessa? Não sou ladrão e não sou que nem você, que tem que dar dinheiro pra homem.

NEUSA SUELI - Pensa que não vi o garoto sair do seu quarto?

VELUDO - E daí? Ele gama em mim.

VADO - O desgraçado gama o meu dinheiro. Isso é que é! E você passou a mão na grana e deu pra ele.

VELUDO - Eu, não.

NEUSA SUELI - Mentiroso! Voce mesmo falou que estava gamado no garoto e que ele não queria nada com você, porque você estava duro. Falou ou não falou?

VELUDO - Se dei dinheiro pro meu machinho, ninguém tem nada com isso. Na minha vida mando eu. Sou livre.

VADO - Puto sem-vergonha! Você deuomeu dinheiro. O meu dinheiro,qque estava ali em cima, e você afanou.

(VADO AGARRA VELUDO PELOS CABELOS)

VELUDO - Ai, ai. Esse homem vai me deixar careca!

NEUSA SUELI - Sabe que por sua causa eu levei um couro do Vado, seu sacana?

VELUDO - Bem feito!

(NEUSA SUELI ARRANHA O ROSTO DO VELUDO)

VELUDO - Ai, você me paga, sua porca! Com você eu posso. Eu te pego sozinha, sua vaca! Você vai ver!

VADO - Voce não vai pegar ninguém!

VELUDO - Ela é mulher. Com ela eu posso.

VADO - Que é que você fez do dinheiro? Fala!

VELUDO - Não peguei.

NEUSA SUELI - É teimoso como uma mula. Vou te ajudar lembrar. (APANHA UMA NAVALHA NA BOLSA.) Vou te arrancar os olhos! (APROXIMA A NAVALHA DO ROSTO DE VELU

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.524

DPF DOC Fls. N.º 0167 Rubrica

VELUDO - Não! Pelo amor de Deus! Não! Neusa Sueli! Não!

VADO - Pode cortar esse miserável!

NEUSA SUELI - Vai falar tudinho?

(VELUDO FAZ QUE SIM COM A CABEÇA)

VADO - A bicha ficou apavorada.

NEUSA SUELI - Então começa.

VADO - Fala logo, anda.

VELUDO - Estou sem ar.

VADO - não vem com frescura! não vem com frescura!

NEUSA SUELI - Veludinho, é melhor pra você comtar tudo direitinho. É pro seu bem querida.

VELUDO - Voce me perdoa, Neusa Sueli? Eu devolvo tudinho. Eu não aguentei. Eu vim arrumar o quarto, o seu Vado estava dormindo, eu peguei o dinheiro e dei pro rapaz do bar. Eu estava gamado nele. Juro que devolvo.

VADO - Canalha! Miserável! Veado safado! Deu todo o metal pro trouxinha?

VELUDO - Só dei a metade.

VADO - E o resto da grana? E o resto?

VELUDO - Comprei um baseado de erva.

VADO - Sacana! Eu de presa seca e ele se tratando.

VELUDO - É vìcio.

VADO - E pensa que vou sustentar vício de veado?

VELUDO - Eu vou devolver o cinheiro todinho, seu Vado. Pode crer.

VADO - Quando? No dia de São nunca?

VELUDO - Não, no fim do mês. No meu pagamento.

VADO - E você pensa que eu vou esperar até o fim do mês?

VELUDO - Desculpe, Seu Vado.

VADO - Vou te caguetar pra Dona Teresa. Ela te põe na rua, te paga os teus dias de basquete e eu pego o meu.

VELUDO - Por favor, Seu Vado. Eu juro que devolvo tudo.

VADO - Quero juros.

VELUDO - Eu pago, mas não aponta pra mim.

VADO - Vai pagar o dobro. Se não comparecer, já viu. Te agarro e te desgraço.

VELUDO - Eu pago, pode crer.

NEUSA SUELI - Ele paga sim, vado. O Veludo é bonzinho.

VELUDO - A Neusa Sueli me conhece. Quando eu digo que faço uma coisa, eu faço mesmo, nem que me lasque toda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.525

DPF DCDP Fls. N.º 468 Rubrica

VADO - Quero ver. E o fumo? Queimou ele todo?

VELUDO - Nem biquei ainda. Não trato disso quando estou trabalhando. Eu fico muito louca quando estou chapada.

VADO - Dá pra cá a erva.

VELUDO - O senhor me deixa dar umas narigadas também?

VADO - Depois a gente vê. D´Prá cá, anda!

VELUDO(DANDO O CIGARRO) - É fumo do norte mesmo. Dá uma zoeira legal!

NEUSA SUELI - Não vai queimar essa porcaria aqui.

VADO - Você cala a boca!

NEUSA SUELI - Dona Tereza não gosta de bagunça aqui na pensão.

VADO - Quero que ela vá à merda!

VELUDO - Ai, que homem doidão!

NEUSA SUELI - Depois, quem se estrepa sou eu. Quando você se arranca, ela vem aqui reclamar.

VADO - Manda ela à merda!

NEUSA SUELI - Ela me põe na rua.

VADO - Azar!

NEUSA SUELI - Azar meu, né?

VADO - Porra, pára de me torrar o saco. Foi voce que arrumou toda a confusão e ainda resmunga. Não quero escutar um pio contra a maconha. Gostonde curtir minha onda de leve.

VELUDO - Ele sabe viver.

(VADO ACENDE O CIGARRO DE MACONHA E DÁ UMA TRAGADA)

VADO - Legal!

VELUDO - Não fica triste, Neusa Sueli. Homem é assim mesmo. Todos uns brutos. (PAUSA) Seu Vado, deixa eu dar um cheiro?

VADO - Quer bicar?

VELUDO - O senhor deixa?

VADO - Não!

VELUDO - Ah, deixa... por favor... deixa...

VADO - Se manca vagabundo!

VELUDO - Por favor ...

VADO - Gosta de fumo, é?

VELUDO - Sou tarado!

VADO - E porque fica gastando dinheiro com os pivetes? por que, heim?

VELUDO - Ah, Seu Vado...

VADO - Você gosta mais de maconha ou de moleque?

VELUDO - Cada coisa tem sua hora.

VADO - Bichona malandra!

VELUDO - Deixa eú bicar, seu Vado.

VADO - Pega aqui, Na minha mão.

VELUDO - Que bom! (TENTA AGARRAR O CIGARRO)

VADO - Não vale segurar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.526

DPF DCDP Fls. N.º 069 Rubrica

VELUDO - Como o senhor é mau, seu Vado. (A CENA SE REPETE VARIAS VEZES, SEMPRE VELUDO TENTANDO ALCANÇAR, COM A BOCA, O CIGARRO QUE ESTÀ NA MÃO DA VADO. VELUDODO FICA CADA VEZ MAIS AGONIADO. VADO RI CADA VEZ MAIS. NEUSA SUELI PERMANECE INDIFERENTE. VELUDO AGARRA A MÃO DE VADO, QUE LHE DÁ UM VIOLENTO EMPURRÃO) Neusa Sueli, manda ele deixar eu fumar, manda.
NEUSA SUELI - Não estou gostando nada dessa zorra aqui dentro.
VELUDO - Vai, Neusinha Sueli, Manda ele me dar uma tragada. Por favor, Sueli, manda. Eu não aguento mais.
NEUSA SUELI - Acho melhor voçê se arrancar daqui.
VELUDO - Seu Vado, deixa eu dar uma fumadinha só.
VADO - Sem-vergonha! Pensa que mulher manda em mim, bicha louca? Pensa que se essa vaca mandasse eu ía te dar o fumo?
VELUDO - Que homem bruto, meu Deus! Vado, deixa eu fumar!
VADO - Ainda sou Seu Vado pra você. Perdeu o respeito seu miserável?
VELUDO - Homem que me judia eu não chamo de senhor. É Vado, e olhe lá.
VADO - Te dou uma porrada que você vê.
VELUDO - Dá, então. (VADO BATE EM VELUDO)
VADO - Gostou?
VELUDO - Bate mais.
VADO - Nojento!
VELUDO - Bate, seu bobo, bate. (VADO FICA VENCIDO, IMPOTENTE) Você viu, Neusa sueli, como a gente lida com homem?
VADO - Cala a boca, bicha!
VELHDO - Vem me bater, seu trouxa!
VADO - Voce vai ver, bicha louca!
VELUDO - Pode bater. A cara está aqui.
VADO - Veado! Veado de merda! Porco nojento! Ladrão sem-vergonha!
VELUDO - Bate em mim machão. Bate nesta face, te viro a outra. Como Jesus Cristo.
VADO - Bicha é uma desgraça.
VELUDO - Você viu como eu encabulei o homem, Neusa Sueli? Tadinho dele! Ficou sem jeito. Coitadinho! Vê a carinha do Vado, Neusa Sueli. Vai fazer um carinho pra ele. Ele está tristinho. Vai lá, bobona. Vai agradar teu homem. Vai, Neusa Sueli.
NEUSA SUELI - Pára com isso, pombas! Será que você não se manca que não está agradando? Poxa, você é mais chato que cri-cri. Por que você não se manda daqui? Vai lá pro seu quarto! Vai à merda! Vai à puta-que-te-pariu! Mas me esqueça. Não quero você aqui no meu puleiro. Anda, te arranca! Te arranca, que é melhor pra você. Já estou invocada. Muito invocada.
VELUDO - Desculpe. Não vou morrer por causa disso. Não quer eu aqui, me mando e pronto. Nunca fico onde não me querem. Aliás, só vim aqui porque me chamaram. Mas já vou indo. Tchau mesmo! Pensei que era o homem deste galinheiro que cantava de galo. Entrei bem. Quem manda aqui é a galinha velha.
NEUSA SUELI - Galinha velha é tua mãe!
VADO - Ela se queimou.
VELUDO - Pôs a carapuça porque quis.
NEUSA SUELI - Vai saindo! (VELUDO VAISE DIRGINDO PARA A PORTA)
VADO - Fica! Só sai quando eu mandar.
VELUDO - Ela está invocada comigo. Não quero encrenca. Vou embora.
VADO - Ela que se dane. Fica!
NEUSA SUELI - Você vai me pagar, sua bicha. Está botando o meu homem contra mim.
VELUDO - Eu quero ir embora. Ele não deixa.
NEUSA SUELI - Nojento!
VELUDO - Não sei porque as mulheres me detestam tanto.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,1527

DPF DCDP Fls. N.º 070 Rubrica

VADO - Ai,ai.
NEUSA SUELI - É melhor deixar essa bicha sair. Já estou me esquentando.
VADO - Ela agora vai queimar o fumo. Não vou deixar ela sair daqui de presa seca. Vem fumar, bichinha!
VELUDO - Agora não quero.
VADO - Não faz onda e pega logo.
VELUDO - Pra mim michou.
VADO - Não queria? Tá aí. Mete o nariz.
VELUDO - Já falei que não quero.
VADO - Estou mandadndo fumar!
VELUDO - Você não é meu homem, não me manda nada.
VADO - Chupa essa fumaça.
VELUDO - Nem por bem, nem por mal.(VADO DESESPERA-SE E COMEÇA A BATER EM VELUDO) Bate! Bate! Bate!
VADO - Eu te mato! Eu te mato!
VELUDO - Mata! Mata! Mata mesmo, homem. Mas eu não fumo tua maconha! Não fumo!
VADO - Fuma essa merda! Fuma! Não escutou eu mandar? (VADO VAI TENTANDO,DESESPERADAMENTE COLOCAR O CIGARRO NA BOCA DE VELUDO, PARA QUE ELE FUME. VELUDO NÃO DEIXA)
VELUDO - Me mata, meu homem!
NEUSA SUELI - Pára com isso, Vado! Pára com isso!
VADO - Quero que esse puto fume maconha, eu quero!
VELUDO - Mas não vai conseguir nada de mim.
VADO - Por favor, Veludo, fuma essa droga, se não eu faço uma desgraça! Por favor, fuma!
VELUDO - Nem você me pedindo de joelhos.
NEUSA SUELI - Pelo amor de Deus, Vado, pára com isso! Pára com isso! Eu não aguento mais! Eu não aguento mais!
VADO - Sueli, meu amor, me ajuda! Sueli, minha santa, me ajuda, segura esse veado nojento. Segura ele , Sueli! Eu quero fazer ele fumar maconha. Eu quero que ele fume! Eu quero! Por favor, Sueli, segura ele!
NEUSA SUELI - É só isso que você quer , seu porco?
VADO - É só o que eu quero. Me ajuda! Por favor!
NEUSA SUELI - Eu te ajudo! Eu te ajudo!
VELUDO - Ai, ai, tenho cócegas! Ai,ai,ai! Meu Deus, que loucura! Que loucura divina!(NEUSA SUELI VAI TENTAR SEGURAR VELUDO. QUANDO VAI TOCÁ-LO ELE GRITA:) Não toca em mim, mulher! Não toca em mim! Eu não gosto que mulher me toque! Não me toque!não me toque!
NEUSA SUELI - Veado miserável! Miserável!(AGARRA-O E O EMPURRA PRA PORTA) Agora vai caguetar a gente pra polícia, seu nojento!
VELUDO - Sua vaca! Você vai me pagar! Não vou na polícia não! Não gosto dessa gente. Mas vai ter forra. Você não perde por esperar.
NEUSA SUELI - Cai fora daqui, bicha sem-vergonha! Cai fora!(VELUDO SAI XINGANDO. NEUSA SUELI FECHA A PORTA E DEPOIS FICA PARADA, OLHANDO VADO POR LONGO TEMPO)
VADO - Está me achando bonito, ou me botando quebrante?
NEUSA SUELI - Nojento!
VADO - Não começa a me encher o saco.
NEUSA SUELI - Você é um sacana.
VADO - Você é uma cortadeira de onda.
NEUSA SUELI - Nunca pensei que você pudesse ser tão miserável.
VADO - E eu nunca pensei que você fosse tão chata.
NEUSA SUELI - Não sou é descarada.
VADO - Vai ser freira, então.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.528

DPF DCDP Fls. N 491 Rubrica

MUSA SUELI - Eu temho moral.
LDO - Depois de velha, até eu!
MUSA SUELI - Velha não! Só tenho trinta anos.
LDO - De puteiro?
MUSA SUELI - Canalha!
LDO - Quando você está bronqueada é que a gente vê como você está apagada.
MUSA SUELI - Estou é cansada. Só isso.
LDO - Devia se aposentar. Trinta anos de basquete cansa qualquer uma.
MUSA SUELI - Eu nasci igual a quqlquer uma. Limpinha. Há trinta anos atrás, eu era um nenê.
LDO - Não força a idéia, piranha velha. Você é a veterana das veteranas.
MUSA SUELI - Tenho só trinta anos.
LDO - Coroa!
MUSA SUELI - Porco! nojento! Você pensa que não manjei a tua jogada com o veludo?
LDO - Deixa de história. Vocês antigas vêem malícia em tudo.
MUSA SUELI - Só sei que você me embrulhou o estômago.
LDO - A vovó das putas todas é metida à família, é?
MUSA SUELI - Vovó das putas é a vaca que te pariu.
LDO - Limpa essa boca quando falar da minha mãe. Se folgar comigo, te arrebento.
MUSA SUELI - - Então não me torra a paciência.
LDO - Só estou falando a verdade. Você está velha. Outra noite, cheguei aqui, você estava dormindo aí, de boca aberta. Roncava como uma velha. Puta troço asqueiroso!Mas o pior foi quando cheguei perto pra te fechar a boca. Queria ver se você parava dem aquele ronco miserável. Daí, te vi bem de perto.Quase vomiei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta. Essa pintura que você usa aí pra esconder a velhice estava saindo e ficava entre as rugas, que aparecian bem. Juro, juro por Deus, que nunca tinha visto nada mais desgraçado. Eu até...
MUSA SUELI - Pára com isso! Chega de escutar mentira! Pára com isso!
LDO - Mentira? Eu é que sei! Senti uma puta pena de mim. Um cara novo, boa pinta, que se veste legal, que tem papo certinho, que agrada, preso a um balho antigo. Fiquei bronqueado. Porra, ainda tentei quebrar o galho. Pensei comigo: mas de corpo ainda é uma coisa que se pode aproveitar. E sem te acordar, tirei a coberta, tirei tua camisola, tirei tua calcinha e teu sutiam. As pelancas caíram pra todo lado. Puta coisa porca! Acho que até um cara que risse de cana, depois de um cacetão de tempo, passava nesse lance. Pombas, que negócio ruim era você ali dormindo. Juro por deus, nunca vi nada pior. Se não fosse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Porra, e não se perdia nada. me larguei. Não aguentava.
MUSA SUELI - E por que não se mandou de vez?
LDO - Fiquei esperando uma chance de te jogar isso no focinho. Não ia sair sem te contar como você está podre.
MUSA SUELI - En enquanto isso me tomava a grana.
LDO - Claro! Não sou nenhum bobo. Enquanto isso, tratava de mim por fora. Mulherio novinho e bonito está aí mesmo.
MUSA SUELI - Teu negócio é veado. Vi hoje.
LDO - Que é isso, coroa? Tá com ciúme do Veludo?
MUSA SUELI - Tenha vergonha nessa cara.
LDO - Quem tem que ter vergonha é você, velhota. Não aguenta o repuxo, não tem que agarrar o homem, fica aí apavorada, até com medo de um veado de merda.
MUSA SUELI - Canalha!
LDO - Estava sendo uma onda legal, você cortou com a tua rabujice. Você é coroa.
MUSA SUELI - Não sou é de bacana.
LDO - Puta que não gosta de badanal é que está bem apagada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.529

DPF DCDP Fls. N.º 472 Rubrica

NEUSA SUELI - Estou apagada é de canseira. Isso é que é. Não de velhice. Sabe o que é uma noite de viração?
VADO - As meninas tiram de letra. É só abrir a perna e faturar. Acham moleza. Agora, velha cansa-a-tôa. Tem reumatismo. Tem que se esforçar pra agradar o fregues e outros babados. E ainda, pra não ficar jogada fora sozinha, tem que aturar o cafetão. Mas isso é igual na vida e nas casas de família. Os machos só aturam as coroas por interesse. Pra se divertir, a gente sempre tem uma garota enxutinha.
NEUSA SUELI - Eu tenho homem a hora que quero.
VADO - Por que me atura? Por que? Eu sou chato pacas!
NEUSA SUELI - É mesmo. Ainda bem que reconhece.
VADO - Por que você me aguenta?
NEUSA SUELI - Porque... porque...
VADO - Sou bom de cama?
NEUSA SUELI - É. É mesmo. As verdades a gente diz.
VADO - É. Isso é verdade. Só que faz um mês que você não sabe de mim. Mais de um mês.
NEUSA SUELI - É... é... É mesmo assim te douagrana.
VADO - Uma grana micha. Muito micha.
NEUSA SUELI - Não é culpa minha. Você sabe que não é. A situação está uma broca pra todas. Esse novo delegado que entrou aí está querendo fazer média. Toda hora passa o rapa. Até os tiras andam apavorados, não pegam caixinha, nem nada. Se os homens da lei estão com medo, os fregueses nem se fala. Mas deixa esse filho-da-puta desse delegado esquentar o lugar, fica tudo igual a antes. Daí, você vai ver se eu faturo alto outra vez ou não.
VADO - Você é enganadora.
NEUSA SUELI - Você anda por aí. É só perguntar pra qualquer uma. Elas te dizem como a barra anda pesada.
VADO - Isso é desculpa de velha.
NEUSA SUELI - Velha não!
VADO - Velha sim. Todo mundo te acha um bagaço. Não viu o que o Veludo disse?
NEUSA SUELI - O que foi?
VADO - Te chamou de galinha velha.
NEUSA SUELI - Despeito de bicha.
VADO - Falou certo. Você está velha mesmo.
NEUSA SUELI - Só porque você quer.
VADO - É, né? Mostra os teus documentos. (VADO VAI PEGAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ELA O IMPEDE)
NEUSA SUELI - Tenho trinta anos.
VADO - Deixa eu ver os papéis.
NEUSA SUELI - Que onda besta.
VADO - Deixa eu ver.
NEUSA SUELI - Não torra a paciência!
VADO - Está com medo?
NEUSA SUELI - Medo, não. Acho besteira.
VADO - Mentiu xxxxxx, agora não quer que eu prove a tua idade.
NEUSA SUELI - Tenho trinta.
VADO - No mínimo cinquenta anos.
NEUSA SUELI - Fiz trinta no fim do ano passado.
VADO - Deixa eu ver os documentos (VADO TENTA TIRAR A BOLSA DAS MÃOS DE NEUSA SUELI) Tá com medo de mostrar os documentos?
NEUSA SUELI - Não gosto que mexam na minha bolsa.
(VADO INSISTE EM TIRAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ATÉ QUE A BOLSA SE ABRE, DEIXANDO ESPALHAR PELO CHÃO TODO O SEU CONTEÚDO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071 P.550
DPF DCDP 1973 Rubrica

VADO - Tá bom, velha! Pode socegar, não vou pegar seus documentos pra ver o que eu já sei. Você tem cinquenta anos e não adianta mentir.

NEUSA SUELI (NO CHÃO, APANHANDO OS OBJETOS ESPALHADOS) - Pára com isso! Pára! Por favor, pára! Poxa, será que você não se manca? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada pra chuchu? Ainda mais hoje. Hoje foi um dia de lascar. Andei pra baixo e pra cima, mais de mil vezes. Só peguei um trouxa na noite inteira. Um miserável que parecia um porco. Pesava mais de mil quilos. Contou toda a história da puta da vida dele, da puta da mulher dele, da puta da filha dele, da puta que o pariu. Tudo gente muito bem instalada na puta da vida. O desgraçado ficou em cima de mim mais de duas horas. Bufou, bufou, babou, babou, bufou mais pra pagar, reclamou pacas. Desgraçado, filho da puta. É isso que acaba a gente... Isso que cansa a gente. A gente só quer chegar em casa, encontrar o homem da gente de cara legal, tirar aquele sarro e se apagar, pra desforrar de toda a sacanagem do mundo de merda que está aí. Resultado: você está de saco cheio por qualquer coisinha, então apronta. Bate na gente, goza a minha cara e na hora do bem-bom, sai fora. Poxa, isso arreia qualquer uma. As vezes chego a pensar: Poxa, será que eu sou gente? Será que eu, você, o Veludo, somos gente? Chego até a duvidar. Duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita. Isso é uma bosta. Uma bosta! Um monte de bosta! Fedida! Fedida!

VELUDO -É... é mesmo...

NEUSA SUELI - É mesmo o quê?

VADO - Você está uma velha podre.

NEUSA SUELI - Nojento !

VADO - Nada mais nojento que puta velha. Porra , como incomoda!

NEUSA SUELI- Eu não sou velha! Eu não sou velha! Eu estou gasta nessa putaria.

VADO - Depois de cinquenta anos, qualquer uma se apaga.

NEUSA SUELI - Eu tenho trinta anos! Apenas trinta anos! Apenas trinta anos!

VADOVADO - Mentirosa! Enganadora! Vadia velha! Mostra os teus documentos. Mostra! Não tem coragem? Já sabia. Mentiu a idade, mas não emgrupe ninguém. Tem um troço que não mente. Sabe o que é? Teu focinho!(PEGA UM ESPELHO E OBRIGA NEUSA SUELI A OLHAR-SE NELE) Olha! Olha! Olha!

NEUSA SUELI - Por favor, Vado, pára com isso!

VADO - Olha!Olha bem! Vê! Cinquenta anos!

NEUSA SUELI - Vado, por favor, pára com isso! Pára com isso!

VADO - Cinquenta anos! Velha nojenta! Cinquenta anos!

NEUSA SUELI - Chega! Chega, pelo amor de Deus!

VADO - Olha, olha bem, velha! Bem velha! Cinquenta anos no mínimo!

NEUSA SUELI - Por piedade, Vado. Pelo amor de tua mãe!

VADO - Cinquenta anos! Fim da picada! Toda ruim. Ainda com essa meleca na cara, maquilagem é tal, engrupe os trouxas. Mas sem essa droga, deve ter bem mais de cinquenta.

NEUSA SUELI - Vado, chega! Por favor, chega!

VADO - Olha bem! Olha bem! Velhota! Coroa! O Veludo tinha razão. Galinha velha! Vamos ver sem essa meleca quantos anos tem. (VADO TIRA O LENÇOL DA CAMA E O ESFREGA NO ROSTO DE NEUSA SUELI)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.531

DPF DCDP Fls. N 474 Rubrica

NEUSA SUELI - Não, Vado! Não! Por favor, não!
VADO - Cem anos! Cem anos ou mais! Quanta ruga! Que cara amassada! Que
NEUSA SUELI - Pára!Pára com isso! (VADO PEGA O ESPELHO E FAZ NEUZA SUEL. SE NELE)
VADO - Vê, puta, quanta ruga!
NEUSA SUELI - Chega! Chega! Chega! Não aguento mais. Chega!
VADO - Chega mesmo! Chega mesmo! Mesmo! Sou um cara boa pinta, não vou perder minha mocidade ao lado de um bagaço. Cadê a grana, sua vaca? Onde está a grana de hoje?
NEUSA SUELI - Vou te dar a grana.(PEGA O DINHEIRO NA BOLSA) Está aí todo o dinheiro que tenho. Pronto. É seu. Está contente?
VADO - Tá legal. Assim é que é. Agora, tchau mesmo?
NEUSA SUELI - Não , você não vai saindo assim, não. Não leva minha grana? Não é meu cafetão?
VADO - Vê se me esquece velhota!
NEUSA SUELI - Você não vai se arrancar!
VADO - E por que não?
NEUSA SUELI - Nós vamos trepar.
VADO - Tá caducando?
NEUSA SUELI - E vai ter que ser gostoso.
VADO - Por dinheiro nenhum.
NEUSA SUELI - Vai, sim, Vadinho, meu cafetão.
VADO - Sai dessa,velha.
NEUSA SUELI - Velha, feia, gasta, bagáço, lixo dos lixos, galinha, coroa, sou tudo isso. Mas você vai trepar comigo.
VADO - Essa não! (NEUSA SUELI FECHA A PORTA DO QUERTO E GUARDA A CHAVE NO SEIO)
NEUSA SUELI - Viu? Já se tocou?
VADO - Abre essa porta. Abre essa porta. Anda! É surda desgraçada? Não esuta a gente mandar? Abre essa porta! É melhor prá você!
NEUSA SUELI - É meu cafifa. Leva minha grana. Tem que me fazer gozar. Custe o que custar.
VADO - Você está me baratinando.
NEUSA SUELI - Pra você ver.
VADO - Abre essa porta! Abre!
NEUSA SUELI - Não adianta espernear.
VADO - Você quer apanhar?
NEUSA SUELI - Quero, sim. Me bate. Bate legal.
VADO - Não vou me afobar. Vou tirar de letra. Puxo uma palha e te deixo aí na tara.
NEUSA SUELI - Experimenta.
VADO (DEITANDO-SE NA CAMA) - Boa noite, velhota.
NEUSA SUELI (PEGA A NAVALHA) - Vado, se você dormir, eu te capo, seu miserável.
VADO - Que é isso? Tá louca?
NEUSA SUELI - Estou. Estou louca de vontade de você. Se você não for comigo agora, não vai nunca mais com ninguém.
VADO - Mas que é isso, mulher?
NEUSA SUELI - Pode escolher, seu filho-da-puta!
VADO - Sai dessa dança, Sueli. Poxa, que negócio mais zoeira. Você embarca em todas. Poxa, por isso que eu às vezes me invoco com você. Qualquer sarrinho e você perde a esportiva. Que onda! Não sabe brincar? Estava tirando um barato de leve, você já apela, já faz drama. Não pode ser assim não.
NEUSA SUELI - Você não precisa gastar saliva comigo. É só trepar e pronto. Sou velha, mas quero te ter. Entendeu?
VADO - E precisa de ferro pra que? Vai me obrigar?
NEUSA SUELI- vou!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.532

DPF DCDP Fls. N. 175 Rubrica

VADO - Você é uma trouxa mesmo. Entra sempre em canoa furada. Me divirto sempre às suas custas. Quer dizer que grudou essa onda de velha? Porra, está na zona há um cacetão de tempo e não aprendeu nada? Que paspalha! Quer dizer que você me acha o rei dos otários? Devia te bolachar por essa. Mas deixa pra lá. Você já está queimada. Deixo Bmato. Não vou criar caso. Mas vê se te manca. Poxa, você acha que se eu te achasse coroa joaga-fora ìa estar aqui esticando papo? Me mandava sem dizer nada. Dava um pinote sem tu nunca saber porque. Assim que
NEUSA SUELI - Então... então... por que toda essa bobageira?
VADO - Sou Vadinho, cafifa escolado. Judio de mulher pra elas gamarem.
NEUSA SUELI - Não precisa nada disso.
VADO - Minha embaixada! Sabe como é. Escuta esse papo que é de verdade. Eu estava borocoxô. Não queria fazer a obrigação. Inventei a onda. Grudou. Azar teu.
NEUSA SUELI - Mas faz um tempão que você não me procura.
VADO - Não faz tanto tempo assim. O que é bom deixa saudade. isso é que é.
NEUSA SUELI - É... é...
VADO - Agora, tem um porém! Se eu não estivesse a fim, não ía ter navalha que me obrigasse. Pode botar fé no que te digo. Eu sou um cara que só embarco por gosto
NEUSA SUELI - Você sabe conversar.
VADO - Que nada! sou é da firmeza. Meu defeito é brincar muito.
NEUSA SUELI - Eu estou na merda...Eu estou na merda...
VADO - Que papo careca é esse?
NEUSA SUELI - Você me arreou.
VADO - Não complica. Larga o ferro e está tudo legal.
(NEUSA SUELI DEIXA CAIR NO CHÃO A NAVALHA QUE SEGURAVA)
VADO - Assim,. Bonitinha. É gamada por mim, pra que fazer guerra?
(VADO APROXIMA-SE DE NEUSA SUELI, QUE ESTÁ SENTADA NA CAMA. VADO COMEÇA A ACARICIÁ-LA, ENQUANTO, DISFARÇADAMENTE, RETIRA A CHAVE DA PORTA QUE ESTAVA NO SEIO DE NEUSA SUELI. EM PODER DA CHAVE, ELE SE ENCAMINHA PRA PORTA, ABRE-A E SAI. NEUSA SUELI, QUANDO PERCEBE QUE VADO SAIU, CORRE ATÉ A PORTA E GRITA:)
NEUSA SUELI - Vado!... Vado! .. Você vai voltar?... Você vai voltar?....
(NEUSA SUELI FICA POR ALGUM TEMPO PARADA NA PORTA; DEPOIS VOLTA, PEGA UM SANDUÍCHE DE MORTADELA, SENTA-SE NA CAMA, FICA OLHANDO O VAZIO POR ALGUM TEMPO. DEPOIS, PROSAICAMENTE, COMEÇA A COMER O SANDUÍCHE.)

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.537

DPF DCDP Fls. N.477 Rubrica

TEATRO

TÍTULO *NAVALHA NA CARNE*

AUTOR DA PEÇA: *PLÍNIO MARCOS*

1) ARQUIVO

Clas. Anterior *18 ANOS*

Praça *SCDP/SR/AC

Obs.:

DF. 07 / NOV / DE / 1985

JOÃO LUÍS
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Senhor Chefe do SC

Trata-se de peça liberada anteriormente para maiores de 18 anos, com Certificado válido até 26/06/90.

Realizado o confronto, a Censora sugeriu a manutenção da faixa etária, ou seja, 18 anos, condicionada ao exame do Ensaio-geral.

Brasília-DF 13 de Novembro de 1.985

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

De Acordo.
Em: 14 de 11 de 1985

Raymundo Gustáquio de Crespo
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De Acordo.
Em: 18 de 11 de 1985

Nelli Prudente Carvalhedo
CF - Mat. 2.415.791
Dir. Subst. da DCDP

DPF-538

J.I.: "Violência e Prostituição."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091
P534

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
Fls. 18
Rubrica

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
0139	19 NOVEMBRO 1985	19 NOVEMBRO 1990

TÍTULO: NAVALHA NA CARNE

AUTOR (ES): PLÍNIO MARCOS

CLASSIFICAÇÃO: 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: VIOLÊNCIA E PROSTITUIÇÃO.

Coriolano de L Cabral Fagundes

CORIOLANO DE L.CABRAL FAGUNDES
DIRETOR DA DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: NAVALHA NA CARNE

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 0139

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: JORGE CARLOS AMARAL DE OLIVEIRA = RIO BRANCO/AC.

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA
CHEFE DO SC/DCDP
ASSINATURA

BSB, 19 DE NOVEMBRO DE 1985.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.535

DPF
DCDP
Fls. N.º 479
Rubrica

-6 NOV 1509 BS 008431

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DCDP/BSB

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO MARANHÃO
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFICIO Nº 034/86-SCDP/SR/DF/MA

SÃO LUÍS - MA.
Em , 04.11.86.

Senhor Diretor,

Encaminhamos a V.Sª., com o presente, processo nº 0473/86-SCDP/SR/DPF/MA, relativo á peça teatral' titulada " NAVALHA NA CARNE ", de Plinio Marcos, para ser submetida á competente apreciação censória.

Ao ensejo, renovamos a V.Sª. protestos de elevada consideração e apreço.

CNF JAIR DE ALMEIDA
Ch.SCDP/SR/DPF/MA

ILMº.SR.
DR.CORIOLANO DE LOIOLA CABRAL FAGUNDES
M.D. DIRETOR DA DCDP/DF
BRASILIA - DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007,P.536 ANEXO 01

DPF
DCDP
Fls. N. 180
Rubrica

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
Superintendência Regional do Maranhão
CENSURA FEDERAL
Protocolo 0473
Em 28-10-86
ASSINATURA DO SERVIDOR

JANICE CUSTODIO SEVERINO
Requerente

BRASILEIRA, ATRIZ E ESCRITORA
Nacionalidade — Profissão

Carteira de Identidade 12.520.348 SSP SP
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à R. sete casa 66 São Francisco

Fone 227 3487, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Espetáculo Teatral (PEÇA) abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: PLINIO MARCOS

NAVALHA NA CARNE
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

SÃO LUIS, 28/10/86
Local e data

J Severino
Requerente

Anexos:

FAIXA ETÁRIA SUGERIDA PELA REQUERENTE: 18 anos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.537

1 – EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: GRUPO D'ART BOQUEIRÃO CGC:

Sede: PARÓQUIA DE SÃO FRANCISCO

fone: CEP:

Diretor ou Responsável: JANICE CUSTODIO SEVERINO

2 – DADOS DO AUTOR

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

fone: CEP:

3 – PARCERIA

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: SÃO LUIS, 28 de Outubro de 1.986

A: Severino

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.538

LETRA MUSICAL

1 CARNE

2 Titulo: " NAVALHA NA CARNE "

3 Autor (es) PLINIO MARCOS

4 Parecer: LIBERADA 5 Processo Nº. 0473/86

6 Origem: SCDP/SR/DPF/MA

7 Observações:

DPF-070

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.539

DPF DCDP Fls. N.º 181 Rubrica

N A V A L H A N A C A R N E

peça em um ato de PLÍNIO MARCOS

personagens:

VADO
NEUSA SUELI
VELUDO

cenário:

UM SÓRDIDO QUARTO DE HOTEL DE QUINTA CLASSE. UM GUARDA-ROUPA BEM VELHO, COM ESPELHO DE CORPO INTEIRO, UMA CAMA DE CASAL, UM CRIADO MUDO, UMA CADEIRA VELHA, SÃO OS MÓVEIS DO QUARTO.

(Ao abrir o pano, Vado está deitado na cama, lendo uma revista de história em quadrinhos. Entra Neusa Sueli.)

NEUSA SUELI - Oi, você está aí ?

VADO - Que você acha ?

NEUSA SUELI - É que você nunca chega tão cedo.

VADO - Não cheguei, sua vaca ! Ainda nem saí !

NEUSA SUELI - Tá doente ?

VADO - Doente, o cacete !

NEUSA SUELI - Não precisa se zangar. Só perguntei por perguntar.

VADO - Mas pode ficar sabendo que estou com o ovo virado.

NEUSA SUELI - Porque, meu bem ?

VADO - Não sabe, né ?

NEUSA SUELI - Não sou adivinhona.

VADO - Quer bancar a engraçada ? Vou te encher a lata de alegria. (VADO COMEÇA A TORCER O BRAÇO DE NEUSA - SUELI.) Gostou ?

NEUSA SUELI - Poxa, você está me machucando.

VADO - Você ainda não viu nada, sua miserável ?

NEUSA SUELI - Ai, não te fiz nada !

VADO - Não fez ? Não fez, sua filha-de-uma-cadela ?

NEUSA SUELI - Que foi que eu te fiz ?

VADO - Quer se fingir de boba ?

NEUSA SUELI - Ai, ai ! Juro que não sei.

VADO - Sabe porque eu não saí hoje ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.007, P.540

DPF DCDP Fls. N.º 482 Rubrica

NEUSA SUELI - Sua cabeça é seu guia.

VADO - Pois é, né ?

NEUSA SUELI - Eu não prendo ninguém.

(VADO EMPURRA NEUSA SUELI, QUE CAI NO CHÃO.)

VADO - Já lembrou o que me aprontou, sua nojenta ?

NEUSA SUELI - Você esta é com onda.

VADO - Quer criar caso ? Pode ficar certa que outra presepada que você me arrumar, não vai ser mole pra você. Sua porca ! Quem você pensa que sou ? Um trouxa qualquer ? Assim você aprende a não querer bancar a sabida comigo.

NEUSA SUELI - Poxa, você me machucou. (LEVANTA-SE.)

VADO - Assim você se manca.

NEUSA SUELI - Abre o jogo de uma vez. O que è que eu te fiz ? Já foram fazer alguma fofoca de mim pra você é ? Eu sei quem foi ! Você fica entrando no papo daquela vadia lá do 102. Só pode ser ela quem te encheu a cabeça. Pensa que eu não sei ? Ela dá em cima de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode ver ningém bem. Mas ela vai ver. Comigo não vai ter bafo. Corto a cara dela com gilete.

VADO - Cala essa boca, pombas ! Aquela mulher não tem nada a ver com isso. E você sabe bem.

NEUSA SUELI - Ela não me manja, não ! Se ela se assanha pro teu lado, eu engrosso. Olha aqui, Vado, já vou te avisando. Se eu te ver batendo caixa com ela, faço um azar. Você sabe que eu faço mesmo. Não estou aqui pra ser corneada por uma jogada-fora daquelas.

VADO - Vê se cala essa matraca.

NEUSA SUELI - Já vi que você embarcou na dela.

VADO - Quer tomar outro cacete ? Não, nè ? Então não me enche o saco ! Já estou cabreiro com você. Se espernear, te meto a mão.

NEUSA SUELI - Aquela filha-da-puta te enrolou, eu sei. Ela fez assim com o macho da Mariazinha. Caguetou pra ele que ela estava se escamando na viração porque estava prenha. O cara foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou de tanta porrada que levou. Depois enquanto a desgraçada se danava no hospital, o saca na ía na leve com a grana da cadela do 102. Também a Mariazinha é uma trouxa. Saiu do hospital e aceitou o miserável do homem dela de volta.

VADO - Ela que tá certa.

NEUSA SUELI - Otária é o que ela é.

VADO - Não manjo esse cara da Mariazinha. Mas ele está por dentro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,PS41

DPF Fls. N. 483 Rubrica

NEUSA SUELI - Um paspalhão que ele é. Voltou todo empesteado da quela galinha.

VADO - Conversa ! O sugeito sabe viver.

NEUSA SUELI - Sabe viver pra chuchu. Se não fosse a Maria cuidar do miserável, ele se acabava. Entrou no puteiro da cadela à pé e saiu à cavalo.

VADO - Mas ele que pode. Está certo, sim. A mina é gamada, leva no macio. Fez ela pagar o esquentamento da outra.

NEUSA SUELI - Maria é uma boba. Comigo não tem disso.

VADO - Quer ver eu te aprontar uma dessas e você me aguentar ? Duvida ? Te faço uma pior e tu me engole. Se duvida, diz. Te apronto uma que não vai ser mole - -pra ti. Se duvida, te mostro.

NEUSA SUELI - Você não tem coragem.

VADO - Não ? Já existe penicilina, boboca ! Me limpo fácil agora você, se estrepa. Pega fama de perebenta, tá lascada. Ninguém mais vai querer. Nem mesmo o cara-mais jogado ás traças.

NEUSA SUELI - Poxa, Vado, não vai fazer um papelão desses comigo.

VADO - Me apronta outra presepada como a de hoje. Me apronta, que eu te estrepo.

NEUSA SUELI - Mas, poxa, o que foi que eu te fiz hoje ?

VADO - Porra, quer apanhar outra vez ? Fica querendo se fazer de sabida, depois se queixa. Estou deixando a - coisa no barato. Se tentar me emgrupir, te arrebento todos os dentes com uma mucada.

NEUSA SUELI - Não tem babado. Alguém te encheu a cuca. Te botou - contra mim.

VADO - Não me torra o saco ! Tenho malandragem pra dar e - vender. Não vai ser você que vai gozar a minha cara.

NEUSA SUELI - Não estou querendo gozar ningém.

VADO - Ai de você se quisesse !

NEUSA SUELI - Só não estou por dentro da sua bronca.

VADO - Não está, né ? Agora, olha, sua puta sem-vergonha - (VADO MOSTRA OS BOLSOS VAZIOS;) Morou, agora ?

NEUSA SUELI - Está na lona ?

VADO - Eu estou duro ! Estou a nenhum ! Eu estou a zero ! A zero, sua vaca !

NEUSA SUELI - E a culpa é minha ?

VADO - Vagabunda, miserável ! Sua puta sem-calça ! Quem tu pensa que é ? Pensa que estou aqui porque ? Anda , responde ! (PAUSA) Não escutou ? Responde ! Porque? você acha que eu te aturo por que ?

NEUSA SUELI - Eu sei... Eu sei ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.542

DPF DCDP Fls. N. 1284 Rubrica

VADO - Sabe, nè ? Então diz. Porque eu te aturo ?

NEUSA SUELI - Poxa, Vadinho, eu sei ...

VADO - Então diz ! Diz ! Quero escutar. Diz de uma vez, antes que eu te arrebente. Porque eu fico com você ?

NEUSA SUELI - Por causa da grana.

VADO - Repete, sua vaca ! Repete ! Repete ! Anda !

NEUSA SUELI - Por causa da grana.

VADO - Repete mais uma vez !

NEUSA SUELI - Por causa da grana.

VADO - Mais alto, sua puta nojenta !

NEUSA SUELI - Por causa da grana !

VADO - Isso mesmo. Estou com você por causa do tutu. Só por causa do tutu. Você sabe. Estou aqui por causa da grana ! É isso mesmo. E se você não me der moleza, te arrebento o focinho. Eu sou o Vadinho das Candongas, te tiro de letra fácil, fácil. Eu estou assim (FAZ GESTO COM OS DEDOS INDICANDO - MUITAS.) de mulher querendo me dar o bem-bom. Você sabe disso também, não sabe ? (PAUSA) Sabe ou não sabe ?

NEUSA SUELI - Sei...Sei, sim...(CHORA)

VADO - Pára de chorar ! Porra, será que eu vou ter de aturar até essa onda de choro ?

NEUSA SUELI - Pronto. Já não estou mais chorando.

VADO - Que mania de fazer drama à-toa !

NEUSA SUELI - À-toa ? Você me machucou !

VADO - Bem feito ! Assim você aprende a não folgar com o bom.

NEUSA SUELI - Não te fiz nada. Você está zoeira !

VADO - Estou mesmo. Minha zoeira é ser bom pra mulher. Te trato legal, nissi que dá. Quando digo que estou a nenhum, que estou durango, a piranha põe banca: (IMITANDO A VOZ DE NEUSA SUELI) "Não é culpa minha, não é culpa minha !" Poxa, será que tenho cara de trouxa ? Sou teu macho, se não tenho um puto de um tostão, quem está errado ?

NEUSA SUELI - Não sei...

VADO - Ai, meu cacete ! Não aprendeu ? As porradas que te dei não serviram de nada ?

NEUSA SUELI - Te dou a grana. Se você torra, que posso fazer ?

VADO - Que grana que você me deu hoje ?

NEUSA SUELI - Não sabe, né ? Ganha no mole, mete o pau fácil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.543

DPF DCDP Fls. N.º 585 Rubrica

VADO - Escuta aqui, desgraçada ! Tá querendo me azedar de novo ? Que dinheiro você me deu hoje ?

NEUSA SUELI - Não deixei dinheiro aí no criado mudo ?

VADO - Ficou louca ?

NEUSA SUELI - Claro que deixei o tutu aí.

VADO - Então ele voou.

NEUSA SUELI - Então voou !

VADO - Mentirosa, Nojenta !

NEUSA SUELI - Não me força a paciência. Encheu a cuca de fumo e esqueceu de tudo.

VADO - Não peguei uma ponta de estaleiro hoje, pantera ! Estou de presa seca por tua causa. Pensa que maconha anda por aí dando buzo ?

NUSA SUELI - Só sei que botei o dinheiro aí no criado-mudo, como todo dia.

VADO - Se botasse, eu não estava aqui esquentando a mufa. Estava lá na sinuca me divertindo.

NEUSA SUELI - Queimando erva e dinheiro.

VADO - E daí ? Dinheiro meu gasto onde quero.

NEUSA SUELI - E eu que me dane na viração.

VADO - É a lei. Mulher que quer se bacanear com cara lilinha de frente como eu tem que se virar certinho.

NEUSA SUELI - Um dia a casa cai, pode crer.

VADO - Não conversa, não. Quero saber onde está a porra do dinheiro.

NEUSA SUELI - Boteí aí. Cansei de falar.

VADO - Então alguém pegou.

NEUSA SUELI - Então pegou.

VADO - E não fiu eu.

NEUSA SUELI - Será ?... Será que foi o desgraçado ?...

VADO - Que desgraçado ?

NEUSA SUELI - O Veludo. Será que foi ele ?

VADO - Ele ?... Ficou batusquela ? Ele não ía ter peito.

NEUSA SUELI - Ele entrou aqui hoje depois que sáí ?

VADO - Como vou saber ? Estava dormindo.

NEUSA SUELI - Acho que o sacana veio arrumar o quarto, viu você apagado, passou a mão na erva e se mandou.

VADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0076.P.544
DPF DCDP Fls. N.º 486 Rubrica

VADO - Não inventa ! Ele não ía ser tão cara-de-pau assim ?

NEUSA SUELI - Não sei, não. Vi o garoto do bar saindo do quarto do Veludo.

VADO - E daí ? Ele dá o que é dele.

NEUSA SUELI - Pois é. Mas há muito tempo ele vem cozinhando o garoto e não arrumava nada porque estava duro. O garoto cobrava caro pra entrar nadele.

VADO - Poxa, será que ele afanou meu tutu pra dar praquê le trouxinha ?

NEUSA SUELI - Se ele entrou aqui hoje, foi ele.

NEUSA SUELI - Vou perguntar pra Dona Tereza.

VADO - Perguntar o que ?

NEUSA SUELI - Se a velha pagou o ordenado do Veludo.

VADO - Que nada ! Deixa ele pra mim ! Chama essa bicha - miserável !

NEUSA SUELI - (VAI ATÈ A PORTA DO QUARTO E CHAMA:) Velúdo ! Veludo ! Quarto três ! (PAUSA) Não escutou.

VADO - Chama mais alto. Todo veado é surdo.

NEUSA SUELI - Veludo ! Veludo !

VELUDO - (FORA DE CENA) Quem me chama ?

NEUSA SUELI - Quarto três.

VELUDO - Já vai.

VADO - Vou acertar o passo dessa bichona.

NEUSA SUELI - Não vai machucar ele.

VADO - Não nè ? Você vai ver.

NEUSA SUELI - Ele é doido por um enxame. Ele chama a cana.

VADO - Essa bicha não é doida, nem nada.

NEUSA SUELI - Toma cuidado Vadinho. Vê lá o que tu vai fazer.

VADO - Vai por mim.

VELUDO - (NA PORTA DO QUARTO) Chamou, Neusa Sueli ?

VADO - Entra, bichona.

VELUDO - Com licença. (VELUDO ENTRA)

VA DO - Vai entrando, seu puto.

VELUDO - O senhor está aí, Seu Vado ?

VADO - Estou sim.

VELUDO - É o senhor que quer falar comigo, ou é [illegible] Sueli ? Não esse nome: Neusa Sueli.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007,P.545
DPF DCDP Fls. N.º 487 Rubrica

VELUDO - É o senhor que quer falar comigo, ou é a Neusa Sueli ? Adoro esse nome: Neusa sueli.

VADO - Fecha a porta e deixa de frescura.

VELUDO - (FECHA A PORTA) Pronto, seu Vado.

VADO - Presta bem atenção no que vou te dizer, seu veado de merda !

VELUDO - Se o senhor começar a me xingar, me mando. A Neusa Sueli sabe como eu sou. Não gosto de desaforo. Nem dosdos meus homens aguento maltrato.

VADO - Filho-da-puta ! Veado nogento !

VELUDO - Você está vendo, Neusa Sueli ? Vou me arrancar. Depois você reclama que eu não gosto de vir fofocar no seu quato. É por essas e outras. Ninguém gosta de estupidez.

VA DO - Isso não é nem o começo-

VELUDO - Pra mim é o fim. (VELUDO TENTE SAIR, VADO O AGARRA COM-VIOLÊNCIA). Bruto ! Cafageste !

VADO - Cala essa boca, fresco de uma figa !

VELUDO - Me deixa sair.

VADO - Senta aì ! (VADO BATE EM VELUDO E FAZ COM QUE ELE SE SENTE NUMA CADEIRA.)

VELUDO - Ai, Ai ! Que é que deu nesse homem ?

VADO - Vamos conversar, seu sem-vergonha.

VELUDO - Se a Neusa Sueli gosta de apanhar, bate nela. Eu não gosto de coisas brutas, não sou tarado. (VADO BATE EM VELUDO Ele esta me batendo Neusa Sueli !

NEUSA SUELI Explica tudo direitinho. Vai ser melhor para você.

VELUDO - Explica o quê ?

VADO - Quem mandou você pegar o dinheiro ?

VELUDO - Que dinheiro.?

VADO - O que você pegou.

VELUDO - Deus me livre ! Que dinheiro que eu peguei ? Ai, meu Deus. Nem sei do que vocês estão falando.

VADO - Cadê a grana, Veludo ? (BATE EM VELUDO).

VELUDO - Ai, ai, seu cafetão nojento ! tua mulher não te dá dinheiro ? Quer pegar o meu ?

VADO - Se abre logo !

VELUDO - Miserável ! Vai bater na cara da tua mãe. Porco ! Essa vaca da Sueli não te dá moleza, é ? Pensa que eu vou te dar? Nogento ! Cafetão !

VADO - Cala o bico !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071/PS46 8

DPF DCDP Fls. N.º 0188 Rubrica

VELUDO - Vai morrer morfético ! Tu e essa perebenta ! Essa suadeira.

NEUSA SUELI - Fala logo, Veludo. Você pegou o dinheiro que estava no criado-mudo ? Fala logo, anda !

VELUDO - Ai, ai ! Ele está quebrando o meu braço !

NEUSA SUELI - Pegou ou não pegou ?

VELUDO - Não peguei.

VADO - Não mente nogento. Não mente !

VELUDO - Eu não peguei ! Juro que não peguei !

NEUSA SUELI - Você pensa que vai levar a gente no bico ?

VELUDO - Juro que não sei de dinheiro nenhum.

VADO - Não sabe, cachorro? (VADO CONTINUA BATENDO EM VELUDO.)

VELUDO - Ai, ai ! Esse homem me mata ! Socorro, socorro.

VADO - O que você fez com minha grana, miserável ?

VELUDO - Não me bate ! Não me bate !

VADO - Então se abre.

NEUSA SUELI - A gente sabe o que você fez com a grana.

VADO - Confessa logo, bicha, senão vou botar pimenta no teu rabo.

VELUDO - Pelo amor de Deus Neusa Sueli, Não deixa esse tarado me judiar !

NEUSA SUELI - Então começa a contar.

VELUDO - Ai, meu São Jorge guerreiro! Está todo mundo doido. Está todo mundo chapado de erva. Neusa Sueli pelo amor de Deus, eu não sei de nada!

VADO - Filho-da-puta ! Mentiroso !

VELUDO - Socorro, socorro ! Monstro ! Por que você não faz isso com homem, seu nojento ? Ai, esse tarado esta me matando.

VADO - Seu puto, você apanhou a grana daqui pra andar - com o garoto do bar ?

VELUDO - Não entrei aqui hoje.

VADO - Você veio arrumar o quarto, pegou o dinheiro.

NEUSA SUELI - E deu pro moleque do bar.

VELUDO - Eu ia fazer uma coisa dessa ? Não sou ladrão e nem você que tem que dar dinheiro pra homem.

NEUSA SUELI - Pensa que não vi o garoto sair do seu quarto ?

VELUDO - E daí ? Ele gama em mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.547

DPF DCDP Fls. N. 1189 Rubrica

VADO - O desgraçado gama o meu dinheiro. Isso é que é E você passou a mão na grana e deu pra ele.

VELUDO - Eu, não!

NEUSA SUELI - Mentiroso ! Você mesmo falou que estava gamado no garoto e que ele não queria nada com você,, porque você estava duro; Falou ou não falou ?

VELUDO - Se dei dinheiro pro meu machinho, ninguém tem-nada com isso. Na minha vida mando eu. Sou livre.

VADO - Puto sem-vergonha ! Você deu o meu dinheiro. O meu dinheiro, que estava ali em cima, e você afanou. (VADO AGARRA VELUDO PELOS CABELOS.)

VELUDO - Ai, Ai ! Esse homem vai me deixar careca.

NEUSA SUELI - Sabe que por sua causa eu levei um couro do Vado, seu sacana ?

VELUDO - Bem feito! (NEUSA SUELI ARRANHA O ROSTO DO VELUDO.)

VELUDO - Ai, Você me paga, sua porca ! Com você eu posso. Eu te pego sozinha, sua vaca ! Você vai ve

VADO - Você não vai pegar ningúém.

VELUDO - Ela é mulher. Com ela eu posso.

VADO - Que é que você fez do dinheiro ? fala!

VELUDO - Não peguei.

NEUSA SUELI - É teimoso como uma mula. Vou te ajudar a lembrar. (APANHA UMA NA VALHA NA BOLSA) Vou te arrancar os olhos. (APROXIMA A NAVALHA DO ROSTO DO VELUDO).

VELUDO - Não ! Pelo amor de Deus não. Neusa Sueli, não.

VADO - Pode cortar esse miserável!

NEUSA SUELI - Vai falar tudinho ? (VELUDO FAZ QUE SIM COM A CABEÇA.)

VADO - A bicha ficou apavorada.

NEUSA SUELI - Então começa.

VADO - Fala logo, anda!

VELUDO - Estou sem ar.

VADO - Não vem com frescura! Não vem com frescura.

NEUSA SUELI - Veludinho, é melhor você contar tudo direitinho é pro seu bem, querida.

VELUDO - Você me perdoa Neusa Sueli ? Eu devolvo tudinho eu não aguentei, Eu vim arrumar o quarto, o seu Vado estava dormindo, eu peguei o dinheiro e dei pro rapaz do bar. Eu estava gamado nele. Eu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.548

DPF DOPS Fls. N.º 0490 Rubrica

VELUDO - Juro que devolvo.

VADO - Canalha! Miserável ! Veado safado ! Deu todo o meu metal pro trouxinha ?

VELUDO - Só dei a metade.

VADO - E o resto da grana ? O resto da grana ?

VELUDO - Comprei um baseado de erva.

VADO - Sacana ! Eu de presa seca e ele se tratando.

VELUDO - È vìcio.

VADO - E pensa que eu vou sustentar vício de veado ?

VELUDO - Eu vou devolver o dinheiro todinho, seu Vado. Pode crer.

VADO - Quando ? no dia de São Nunca?

VELUDO - Não no final do mês. No meu pagamento.

VADO - E você pensa que eu vou esperar atè o fim do mês ?

VELUDO - Desculpe, Seu Vado.

VADO - Vou te caguetar pra Dona Teresa. Ela te põe no olho da rua, te paga os teus dias de basquete e eu pego o meu.

VELUDO - Por favor Seu Vado, eu juro que devolvo tudo.

VADO - Quero juros.

VELUDO - Eu pago, mas não apronta pra mim.

VADO - Vai pagar o dobro. Se não comparecer, já sabe. Te agarro e te desgraço.

VELUDO - Eu pago, pode crer.

NEUSA SUELI - Ele paga sim, Vado. O Veludo é bonzinho.

VELUDO - A Neusa Sueli me conhece. Quando eu digo que faço, eu faço mesmo, nem que eu me lasque toda.

VADO - Quero ver. E o fumo ? Queimou ele todo ?

VELUDO - Nem biquei ainda. Não trato disso quando estou trabalhando. Eu fico muito louca quando estou chapada.

VADO - Dá pra cá a erva.

VELUDO - O senhor me deixa dá uma narigada também ?

VADO - Depois agente vê. Dá pra cá, anda.

VELUDO - (DANDO O CIGARRO) È fumo do norte mesmo. Dà uma zoeira legal !

NEUSA SUELI - Não vai queimar essa porcaria aqui.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091/P.549

DPF
Fls. N.º 0091
Rubrica

VADO - Você cala a boca.

NEUSA SUELI - Dona Teresa não gosta de bagunça aqui na pensão.

VADO - Quero que ela vá à merda !

VELUDO - Ai, que homem doidão!

NEUSA SUELI - Depois, quem se estrepa sou eu. Quando você se arranca, ela vem aqui reclamar.

VADO - Manda ela ir à merda !

NEUSA SUELI - Ela me põe na rua.

VADO - Azar !

NEUSA SUELI - Azar meu, né ?

VADO - Porra, pára de me torrar o saco. Foi você que arrumou toda essa confusão e ainda resmunga. Não quero escutar um pio contra a maconha. Gosto de curtir minha onda de leve.

VELUDO - Ele sabe viver.

VADO - (ACENDE O CIGARRO DE MACONHA E DÁ UMA TRAGADA) legal !

VELUDO - Não fica triste Neusa Sueli. Homem é assim mesmo. Todos uns brutos. (PAUSA) Seu Vado, deixa eu dar um cheiro ?

VADO - Quer bicar ?

VELUDO - O senhor deixa ?

VADO - Não.

VELUDO - Ah, deixa...por favor...deixa...

VADO - Se manca, vagabundo!

VELUDO - Por favor...

VADO - Gosta de fumo, é ?

VELUDO - Sou tarado.

VADO - E por que fica gastando dinheiro com os pivetes ? Por que hem?

VELUDO - Ah, Seu Vado...

VADO - Você gosta mais de maconha ou de moleque ?

VELUDO - Cada coisa tem sua hora.

VADO - Bichona malandra !

VELUDO - Deixa eu bicar, Seu Vado.

VADO - Pega aqui na minha mão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P. 550

DPF 0092 Fls. N. 492 Rubrica

VELUDO - Que bom ! (TENTA AGARRAR O CIGARRO.)

VADO - Não vale segurar.

VELUDO - Como o senhor é mau, seu Vado. (A CENA SE REPETE VARIAS VEZES, SEMPRE VELUDO TENTANDO ALCANÇAR, COM A BOCA, O CIGARRO QUE ESTÁ NA MÃO DE VADO. VELUDO FICA CADA VEZ MAIS AGONIADO. VADO RI CADA VEZ MAIS ALTO. NEUSA SUELI PERMANECE INDIFERENTE. VELUDO AGARRA A MÃO DE VADO, QUE LHE DÀ UM VIOLENTO EMPURRÃO.)

VELUDO - Neusa Sueli, manda ele deixar eu fumar manda.

NEUSA SUELI - Não estou gostando nada dessa zorra aqui dentro.

VELUDO - Vai, Neusinha Sueli, Manda ele me dar uma tragada. - Por favor,Sueli, manda. Eu não aguento mais.

NEUSA SUELI - Acho melhor você se arrancar daqui.

VELUDO - Seu Vado deixa eu dar uma fumadinha só.

VADO - Sem-vergonha ! Pensa que mulher manda em mim ? Pensa que se essa vaca mandasse eu ía te dar o fumo ?

VELUDO - Que homem bruto, meu Deus! Vado deixa eu fumar !

VADO - Ainda sou Seu Vado pra você. Perdeu o respeito, seu miserável ?

VELUDO - Homem que me judia eu não chamo de senhor. È Vado e olhe lá.

VADO - Te dou uma porrada que você vê.

VELUDO - Dá, então.

VADO - (BATE EM VELUDO) Gostou ?

VELUDO - Bate mais.

VADO - Nogento!

VELUDO - Bate mais, seu bobo, bate.(VADO FICA VENCIDO, IMPOTENTE) Você viu Neusa Sueli. como a gente lida com homem?

VADO - Cala a boca, bicha!

VELUDO - Vem me bater, seu trouxa!

VADO - Você vai ver, bicha louca!

VELUDO - Bode bater. A cara está aqui.

VADO - Veado! veado de merda! porco nojento! ladrão sem vergonha.

VELUDO - Bate em mim, machão. Bate nesta face, te viro a outra. Como Jesus Cristo.

VADO - Bicha é uma desgraça.

VELUDO - Você viu como eu encabulei o homem, Neusa Sueli ? Ta dinho dele ! Ficou sem geito. Coitadinho ! Vê a carinha do Vado, Neusa Sueli. Vai fazer um carinho pra ele. Ele está tristinho. Vai lá bobona! Vai agradar -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.551

DPF DCDP Fls. N. 493 Rubrica

teu homem. Vai, Neusa Sueli.

NEUSA SUELI - Pára com isso, pombas! Será que você não se manca que não está agradando ? Poxa, você é mais chato que cri-cri. Porque você não se manda daqui ? Vai pro teu quarto ! Vai a merda ! Vai à puta que te pariu ! Mas me esquece. Não quero você aqui no meu puleiro. Anda, te arranca, que é melhor pra você. Já estou invocada. Muito invocada.

VELUDO - Desculpe. Não vou morrer por causa disso. Não me querem. Aliás, só vim aqui porque me chamaram. Mas já vou indo. Tchau mesmo! Pensei que era o homem deste galinheiro que cantava de galo. Entrei bem Quem manda aqui é a galinha velha.

NEUSA SUELI - Galinha velha é a tua mãe!

VADO - Ela se queimou.

VELUDO - Pôs a carapuça porque quis.

NEUSA SUELI - Vai saindo! (VELUDO VAI SE DIRIGINDO PARA A PORTA)

VASO - Fica. Só sai quando eu mandar.

VELUDO - Ela está invocada comigo. Não quero encrenca. Vou embora.

VADO - Ela que se dane. Fica.

NEUSA SUELI - Você vai me pagar, sua bicha. Está botando o meu homem contra mim.

VELUDO - Eu quero ir embora, ele não deixa.

NEUSA SUELI - Nogento!

VELUDO - Não sei porque as mulheres me detestam tanto.

VADO - Ai, ai !

NEUSA SUELI - É melhor você deixar essa bicha sair, Já estou me esquentando.

VADO - Ela agora vai queimar o fumo. Não vou deixar ela sair daqui de presa seca. Vem fumar bichinha!

VELUDO - Agora não quero.

VADO - Não faz onda, pega logo.

VELUDO - Pra mim michou.

VADO - Não queria? Tá aí. Mete o nariz.

VELUDO - Já falei que não quero.

VADO - Estou mandando fumar.

VELUDO - Você não é meu homem, não me manda nada.

VADO - Chupa essa fumaça!

VELUDO - Nem por bom, nem por mal. (VADO DESESPERA-SE E COMEÇA A BATER EM VELUDO.) Bate! bate! bate!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.5514

DPF DCDP Fls. N. 1494 Rubrica

VADO - Eu te mato! Eu te mato!

VELUDO - Mata! Mata! Mata mesmo, homem, Mas eu não fumo a tua maconha! não fumo.

VADO - Fuma essa merda! Fuma! Não escutou eu mandar ? (VADO VAI TENTANDO, DESESPERADAMENTE, COLOCAR O CIGARRO NA BOCA DE VELUDO, PARA QUE ELE FUME. VELUDO NÃO DEIXA.)

VELUDO - Me mata meu homem!

NEUSA SUELI - Pára com isso, Vado! Pára com isso!

VADO - Quero que esse puto fume maconha, eu quero!

VELUDO - Mas não vai conseguir nada de mim.

VADO - Por favor Veludo, fuma essa droga, se não eu faço uma desgraça! Por favor fuma!

VELUDO - Nem você me pedindo de joelhos.

NEUSA SUELI - Pelo amor de Deus, Vado, pára com isso! Pára com isso! Eu não aguento mais! Eu não aguento mais.

VADO - Sueli, meu amor, me ajuda! Sueli. minha santa, me ajuda! Sueli, segura esse veado nogento. Segura ele Sueli! Eu quero fazer ele fumar maconha. Eu quero - que ele fume. Eü quero. Por favor, Sueli, segura ele

NEUSA SUELI - È só isso que você quer, seu porco ?

VADO - È só isso que eu quero. Me ajuda! por favor!

NEUSA SUELI - Eu te ajudo! Eu te ajudo!

VELUDO - Ai, ai, tenho cócegas ! ai, ai, ai. Meu Deus que loucura! Que loucura divina! (NEUSA SUELI VAI TENTAR SEGURAR VELUDO. QUANDO VAI TOCA-LO, ELE GRITA.) Não toca em mim, mulher! Não toca em mim! Eu não gosto que mulher me toque! Não me toque! Não me toque.

NEUSA SUELI - Veado miserável! miserável! (AGARRA-O E EMPURRA PRA-PORTA.) Agora vai caguetar a gente pra polícia, seu-nojento!

VELUDO - Sua vaca! Você vai me pagar. Não vou na polícia não. Não gosto dessa gente. Mas vai ter forra. Você não-perde por esperar.

NEUSA SUELI - Cai fora daqui, bicha sem vergonha! cai fora.(VELUDO SAI, XINGANDO. NEUSA SUELI FECHA A PORTA E DEPOIS FICA PARADA, OLHANDO VADO POR UM LONGO TEMPO.)

VADO - Está me achando bonito, ou me botando quebrante ?

NEUSA SUELI - Nojento !

VADO - Não começa a encher o saco.

NEUSA SUELI - Você é um sacana.

VADO - Você é uma cortadora de onda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.553

DPF DCDP Fls. N.º 695 Rubrica

NEUSA SUELI - Nunca pensei que você pudesse ser tão miserável.

VADO - Eueu nunca pensei que você fosse tão chata.

NEUSA SUELI - Não sou é descarada.

VADO - Vai ser freira, então.

NEUSA SUELI - Eu tenho moral.

VADO - Depois de velha, até eu,

NEUSA SUELI - Velha não. Só tenho trinta anos.

VADO - De puteiro ?

NEUSA SUELI - Canalha!

VADO - Quando você fica bronqueada é que a gente vê como você está apagada.

NEUSA SUELI - Estou é cansada. Só isso.

VADO - Devia se aposentar. Trinta anos de basquete cansa qualquer uma.

NEUSA SUELI - Eu nasci igual a qualquer uma. Limpinha. Há trinta anos atrás, eu era um nenê.

VADO - Não força a idéia, piranha velha. Você é a vete - rana das veteranas.

NEUSA SUELI - Tenho só trinta anos.

VADO - Coroa!

NEUSA SUELI - Porco! Nogento! Você pensa que eu não saquei a tua jogada com o Veludo ?

VADO - Deixa de história, vocês antigas vêem malícia em - tudo.

NEUSA SUELI - Só sei que você me embrulhou o estômago.

VADO - A vovó das putas todas é metida a familia, é ?

NEUSA SUELI - Vovó das putas, é a vaca que te pariu.

VADO - Limpa essa boca quando falar da minha mãe. Se fol- gar comigo, te arrebento.

NEUSA SUELI - Então não me torra a paciência.

VADO - Estou só falando a verdade. Você está velha. Outra noite, cheguei aqui, você estava dormindo aí, de bo ca aberta. Roncava como uma velha. Puta troço asque roso! Mas o pior foi quando cheguei perto para fe - char a boca . Queria ver se voce parava com aquele ronco miseravel. Daí, te vi bem de perto. Quase vo- mitei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta. Essa pin tura que voce usa aí para esconder a velhice estava saindo e ficava entre as rugas, que apareciam bem., Juro, juro por deus, que nunca tinha visto nada ma- is desgraçado. Eu até...

NEUSA SUELI - Pára com isso! Chega de escutar mentira! Pára com isso!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P554

DPF DCDP Fls. N.º 1796 Rubrica

VADO - mentira? Eu é que sei! Senti uma puta pena de mim. Um cara novo, boa pinta, que se veste legal, que tem um papo certinho, que agrada, preso a um bagulho antigo. Fiquei broqueado. Porra, ainda tentei quebrar o galho. Pensei comigo: Mas o corpo ainda é uma coisa que se pode aproveitar. E sem te acordar, tirei a coberta, tirei tua camizola, tirei tua calcinha e teu soltiah. As pelancas caiam pra todo lado. Puta coisa porca! Acho que até um cara que saísse de cana, depois de um cacetão de tempo, passava nesse lance. Pombas, que negócio ruim era voce ali dormindo. Juro por Deus, nunca vi nada pior. Se não fosse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Porra, e não se perdia nada. Me larguei. Não aguentava.

NEUSA SUELI -- E por que não se mandou de vêz?

VADO - Fiquei só esperando uma chance de te jogar isso no focinho. Não ia sair sem te contar como você está podre.

NEUSA SUELI - E enquanto isso me tomava a grana.

VADO - Claro! Não sou nenhum bobo. Enquanto isso, tratava por fora. Mulherío novinho e bonito está aí mesmo.

NEUSA SUELI - Teu negócio é veado. Ví hoje.

VADO - Que isso coroa. Tá com ciúme de Veludo ?

NEUSA SUELI - Tenha vergonha nessa cara.

VADO - Quem tem que ter vergonha é você, velhota. Não aguenta o repuxo, Não tem como agarrar o homem, fica aí apavorada, até com medo de um veado de merda.

NEUSA SUELI - Canalha!

VADO - Estava sendo uma onda legal, você cortou com sua rabujice. Você é coroa.

NEUSA SUELI - Não sou é de bacanal.

VADO - Puta que não gosta de bacanal é que está bem apagada.

NEUSA SUELI - Estou apagada é de canseira. Isso é que é. Não de velhice. De canseira. Sabe o que é uma noite de viração ?

VADO -- As meninas tiram de letra. É só abrir a perna e faturar. Acham moleza. Agora velha cansa-a-toa. tem reumatismo. Tem que se esforçar para agradar o freguês e outros babados. E ainda, pra não ficar sozinha, tem que aturar o cafetão. Mas isso é igual na vida e nas casas de familia. Os machos só aturam as coroas por interresse. Pra se divertir, a gente sempre tem uma garotã enxutinha.

NEUSA SUELI - Eu tenho homem a hora que quero.

VADO - Por que me atura ? Por que ? Eu sou chato pacas !

NEUSA SUELI - É mesmo. Ainda bem que reconhece.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,P.555 1
DPF DCDP Fls. N.º 497 Rubrica

VADO - Por que você me aguenta ?

NEUSA SUELI - Porque... Porque...

VADO - Sou bom de cama ?

NEUSA SUELI - É. É mesmo. As verdades a gente diz.

VADO - É. Isso é verdade. Só que faz um mês que você não sabe de mim. Mais de um mês.

NEUSA SUELI - É...é...É mesmo assim te dou a grana.

VADO - Uma grana micha. Muito micha.

NEUSA SUELI - Não é culpa minha. Você sabe que não é. A situação está uma bronca pra todas. Esse novo delegado que entrou aí está querendo fazer média. Toda hora passa o rapa..Até os tiras andam apavorados, não pegam caixinha, nem nada. Se os homens da lei estão com medo, os fregueses nem se fala. Mas deixa esse filho da puta desse delegado esquentar o lugar, fica tudo igual a antes. Daí, você vai ver se eu faturo alto autra vez ou não.

VADO - Você é enganadora.

NEUSA SUELI - Você anda por aí. É só perguntar pra qualquer uma. Elas te dizem como a barra anda pesada.

VADO - Isso é desculpa de velha.

NEUSA SUELI - Velha não.

VADO - Velha sim. Todo mundo te acha um bagaço. Não viu o que o Veludo disse ?

NEUSA SUELI - O que foi ?

VADO - Te chamou de galinha velha.

NEUSA SUELI - Despeito de bicha.

VADO - Falou certo. Você está velha mesmo.

NEUSA SUELI - Só porque você quer.

VADO - É, né ? Mostra os teus documentos. (VADO VAI PEGAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ELA O IMPEDE.)

NEUSA SUELI - Tenho trinta anos.

VADO - Deixa eu ver os papéis.

NUSA SUELI - Que onda besta.

VADO - Deixa eu ver.

NEUSA SUELI - Não torra a paciência !

VADO - Está com medo ?

NEUSA SUELI - Medo, não. Acho besteira.

VADO - Mentiu, agora não quer que eu prove a tua idade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0091, P.556

DPF DCDP Fls. N.º 498 Rubrica

NEUSA SUELI - Tenho trinta.

VADO - No mínimo cinquenta anos.

NEUSA SUELI - Fiz trinta no fim do ano passado.

VADO - Deixa eu ver os documentos. (VADO TENTA TIRAR A BOLSA DAS MÃOS DE NEUSA SUELI.) Tá com medo de mestrar os documentos ?

NEUSA SUELI - Não gosto que mexam na minha bolsa.

VADO - (INSISTE EM TIRAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ATÈ QUE A BOLSA SE ABRE, DEIXANDO ESPALHAR PELO CHÃO TODO O SEU SEU CONTEÚDO.) Tá bom velha! Pode sossegar, não vou pegar seus documentos pra ver o que eu já sei. Você tem cinquenta anos e não adianta mentir.

NEUSA SUELI - (NO CHÃO APANHANDO OS OBJETOS ESPALHADOS) Pára com - isso,Pára por favor, pára. Poxa, será que você não se manca ? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada pra chuchu ? Ainda mais hoje. Hoje foi um dia de lascar. Andei pra baixo e pra cima , mais de mil vezes. Só peguei um trouxa na noite inteira. Um miserável que parecia um porco. Pesava mais de mil quilos. Contou toda a história da puta da vida dele, da puta da mulher dele, da puta da filha dele, da puta que o pariu. Tudo gente muito bem istalada na puta da vida. O descraçado ficou em cima de mim mais de duas horas. Bufou, bufou, babou, babou, bufou mais - pra pagar, reclamou pacas. Desgraçado, filho da puta. É isso que acaba a gente... Isso que cansa a gente. A gente só quer chegar em casa, encontrar o homem da - gente de cara legal, tirar aquele sarro e se apagar,- pra desforrar de toda a sacanagem do mundo de merda - que está aí. Resultado : Você está de saco cheio por qualque coisinha, então apronta, Bate na gente, goza- a minha cara e na hora de bem bom, sai fora. Poxa, isso arreia qualque uma, Às vezes chego a pensar: Poxa, será que eu sou gente ? Será que eu, você, o Veludo,-- somos gente ? Chego até a duvidar. Duvido que gente- de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita. - Isso é uma bosta. Uma bosta. Um montão de bosta, fedida, fedida, fadida.

VADO - É mesmo...

NEUSA SUELI - É mesmo o que ?

VADO - Você está uma velha podre.

NEUSA SUELI - Nogento.

VADO - Nada mais nogento que uma puta velha. Porra como incomoda.

NEUSA SUELI - Eu não sou velha. Eu não sou velha. Eu estou gasta. Eu estou gasta desta putaria.

VADO - Depois de cinquenta anos, qualquer uma se apaga.

NEUSA SUELI - Eu tenho trinta anos. Apenas trinta anos. Apenas trinta anos.

VADO - Mentirosa, Enganadora, velha vadia. Mostra os teus documentos. Mostra. Não tem coragem né? Já sabia, mentiu na idade, mas não emgrupe ningúem. Tem um troço que não -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.559

DPF DCDP Fls. N. 0199 Rubrica

- mente. Sabe o que é ? Teu focinho. (PEGA UM ESPELHO E OBRIGA NEUSA SUELI A OLHAR-SE NELE.) Olha. Olha. Olha.

NEUSA SUELI - Por favor Vado! Pára com isso!

VADO - Olha! Olha bem, Vê cinquenta anos!

NEUSA SUELI - Vado por favor, pára com isso! Pára com isso!

VADO - Cinquenta anos! Velha nogenta! Cinquenta anos.

NEUSA SUELI - Chega, chega pelo amor de Deus.

VADO - Olha, olha bem, velha. Bem velha! Cinquenta anos no mínimo.

NEUSA SUELI - Por piedade, Vado. Pelo amor de tua mãe.

VADO - Cinquenta anos! Fim da picada! Toda ruim. Ainda com essa meleca na cara, maquilagem e tal, engrupe os trouxas. Mas sem essa droga, deve ter bem mais de cinquenta.

NEUSA SUELI - Vado chega! Por favor chega.

VADO - Olha bem! Olha bem! Velhota! Coroa! O Veludo tinha razão galinha velha. Vamos ver sem essa meleca quantos anos tem.(VADO TIRA O LENÇOL DA CAMA E ESFREGA NO ROSTO DE NEUSA SUELI.)

NEUSA SUELI - Não Vado! Não! Por favor, não!

VADO - Cem anos. Cem anos ou mais. Quanta ruga. Que cara amassada. Que bagaço.

NEUSA SUELI - Pára. para com isso.

VADO - (PEGA O ESPELHO E FAZ NEUSA SUELI OLHAR-SE NELE) Vê puta quanta ruga.

NEUSA SUELI - Chega Vado! chega! chega! não aguento mais. Chega!

VADO - Chega mesmo! Chega mesmo! Mesmo! Sou um cara boa pinta, não vou perder minha mocidade ao lado de um bagaço. Cadê a grana, sua vaca ? Onde está a grana de hoje ?

NEUSA SUELI - Vou te dar a grana. (PEGA O DINHEIRO NA BOLSA) Está aí. Todo o dinheiro que eu tenho. Pronto. É seu. Está contente ?

VADO - Tá legal, assim é que é. Agora tchau mesmo.

NEUSA SUELI - Não! Você não vai saindo assim não! Não leva minha grana? não é meu cafetão ?

VADO - Vê se me esquece, velhota.

NEUSA SUELI - Você não vai se arrancar.

VADO - E por que não ?

NEUSA SUELI - Nós vamos trepar.

VADO - Tá caducando?

NEUSA SUELI - E vai ter que ser gostoso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P558

DPF 20 Fls. N.º 300 Rubrica

VADO - Por dinheiro nenhum!

NEUSA SUELI - Vai, sim, Vadinho, meu caretão.

VADO - Sai dessa, velha!

NEUSA SUELI - Velha, feia, gasta, bagaço, lixo dos lixos, galinha, coroa, sou tudo isso. Mas você vai trepar comigo.

VADO - Essa não!

NEUSA SUELI - (FECHA A PORTA DO QUARTO E GUARDA A CHAVE NO SEIO) Viu já se tocou ?

VADO - Abre essa porta! Abre essa porta! Anda! È surda desgraçada? Não escuta agente mandar ? Abre essa porta. È melhor pra você.

NEUSA SUELI - È meu cafira. Leva minha grana. Tem que me fazer gozar. Custe o que custar.

VADO - Você está me baratinando.

NEUSA SUELI - Pra você ver.

VADO - Abre essa porta! Abre!

NEUSA SUELI - Não adianta espernear!

VADO - Você quer apanhar ?

NEUSA SUELI - Quero, sim! Me bate, bate legal!

VA DO - Não vou me afobar. Vou tirar de letra. Puxo uma palha e te deixo aí na tara.

NEUSA SUELI - Experimenta.

VADO - (DEITANDO-SE NA CAMA) Boa noite, velha.

NEUSA SUELI - (PEGA A NAVALHA) Vado, se você dormir, eu te capo, seu miserável!

VADO - Que é isso? Tá louca ?

NEUSA SUELI - Estou. Estou louca de vontade de você. Se você não for comigo agora, não vai nunca mais com ninguém.

VADO - Mas que é isso, mulher ?

NEUSA SUELI - Pode escolher, seu filho-da-puta.

VADO - Sai dessa dança, Sueli. Poxa, que negócio mais zoeira.- Você embarca em todas. Poxa, por isso que eu as vezes-me envoco com você. qualquer sarrinho e você perde a esportiva. Que onda. Não sabe brincar.? Estava tirando um barato de leve, você já apela, já faz drama. Não pode - ser assim não.

NEUSA SUELI - Você não precisa gastar saliva comigo. È só trepar e pronto. Sou velha, mas quero te ter. Entendeu ?

VADO - E precisa de ferro pra que ? Vai me obrigar ?

NEUSA SUELI - Vou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0091, P.559

DPF 21 Fls. N.º 501 Rubrica

VADO - Você é uma trouxa mesmo. Entra sempre em canoa furada. Me divirto sempre às tuas custas. Que dizer que grudou essa onda de velha? Porra, está na zona a um cacetão - de tempo e não aprendeu nada? Que paspalha. Que dizer- que você me acha o rei dos otários? Devia te bolachar- pporressa. Mas deixa pra lá. Você já está queimada. Dei xo barato. Não vou criar caso. Mas vê se te manca. Po xa, você acha que se eu te achasse coroa jogada-fora - ía estar aqui esticando papo ? Me mandava sem dizer na da. Dava um pinote sem tu nunca saber por que. Assim é que é.

NEUSA SUELI - Então...então...por que toda essa bobageira ?

VADO - Sou Vadinho, cafifa escolado. Judio de mulher pra elas gamarem.

NEUSA SUELI - Não precisa nada disso.

VADO - Minha embaixada. Sabe como é. Escuta esse papo que é ve- verdade. Eu estava borocoxô. Não queria fazer a obriga- ção. Inventei a onda. Grudou. Azar teu.

NEUSA SUELI - Mas faz um tempão que você não me procura.

VADO - Não faz tanto tempo assim. O que é bom deixa saudade. Is so é que é.

NEUSA SUELI - E...è...

VADO - Agora tem um porem. Se eu não estivesse a fim, não fa - ter navalha que me obrigasse. Pode botar fé no que eu - te digo. Eu sou um cara que só embarco por gosto.

NEUSA SUELI - Você sabe conversar.

VADO - Que nada. Sou é da firmeza. Meu defeito é brincar muito.

NEUSA SUELI - Eu estou na merda... Estou na merda...

VADO - Que papo careca é esse?

NEUSA SUELI - Você me arreou.

VADO - Não complica.LLarga o ferro e está tudo legal.(NEUSA - SUELI DEIXA CAIR NO CHÃO A NAVALHA QUE SEGURAVA) Assim- bonitinha. É gamada por mim, pra que fazer guerra ?

(VADO APROXIMA-SE DE NEUSA SUELI, QUE ESTÀ SENTADA NA :- CAMA. VADO COMEÇA A CARICIA-LA, ENQUANTO, DISFARÇADAMEN TE, RETIRA A CHAVE DA PORTA QUE ESTAVA NO SEIO DE NEUSA SUELI. EM PODER DA CAHVE, ELE SE ENCAMINHA PRA PORTA, A BRE-A E SAI. NEUSA SUELI QUANDO PERCEBE QUE VADO SAIU , CORRE ATÈ A PORTA E GRITA.)

NEUSA SUELI - Vado!... Vado!...Você vai voltar? Você vai voltar ? (NEU SA SUELI FICA POR ALGUM TEMPO PARADA NA PORTA, DEPOIS - VOLTA, PEGA UM SANDUICHE DE MORTADELA, SENTA-SE NA CAMA, FICA OLHANDO O VAZIO POR ALGUM TEMPO. DEPOIS PROSAICAMEN TE, COMEÇA A COMER O SANDUICHE.)

F I M.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.560

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 303
Rubrica

TÍTULO * NAVALHA NA CARNE *

AUTOR DA PEÇA: * PLINIO MARCOS *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 18 ANOS *

Praça *?SCDP/SR/MA *

Obs.:

DF. 10 / NOV... / DE / 1986

Resp. pela elaboração do Processo
Adilson **

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Senhor Chefe do SE

Trata-se de peça já liberada com impropriedade para menores de 18 anos. (Cens. Jol. até 19/11/90).

Realizados o confronto, a censura opinou pela manutenção da faixa etária anteriormente dada, 18 (dezoito) anos, condicionada ao exame do Ensaio - Geral.

Brasília - DF 19 de Novembro de 1.986

T.I.: "VIOLÊNCIA E PROSTITUIÇÃO"

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

De Acordo.
Em: 20 de 11 de 1986

Raymundo Eustáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
e ao processo anterior
Em, 24 / 11 / 1986

Artésio Teixeira Peixoto
Diretor-Substituto DCDP
mat. 2.405.306

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PT[illegible]971/P.561

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
0139	25 NOVEMBRO 1986	19 NOVEMBRO 1990

TÍTULO: NAVALHA NA CARNE

AUTOR (ES): PLÍNIO MARCOS

CLASSIFICAÇÃO: 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: VIOLÊNCIA E PROSTITUIÇÃO.

Coriolano de L. Cabral Fagundes
CORIOLANO DE L. CABRAL FAGUNDES
ASSINATURA

TÍTULO: NAVALHA NA CARNE

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 0139

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: JANICE CUSTODIO SEVERINO = SÃO LUIS/MA.

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

RAYMUNDO EUSTAQUIO DE MESQUITA
CHEFE SC/DCDP
ASSINATURA

BSB, 25 DE NOVEMBRO DE 19 86

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0091, P.562

011461DPFSB BR
113034ZDPFE BR
..

29 JUN 1988 SS 000000

SPAULO 12469 SR 291600 TR

DCDP/BSA

NR.12469/SR DE 290688 SCDP/SR/DPF/SP PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VALID CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT ''LADRAO EM NOITE DE CHUVA'' DE MILLON SERIA NDES VG ''CINCO MOVIMENTOS A DUAS VOZES'' DE ALCIONE ARAUJO VG ''ESMI GA'' DE ISMAEL HERSEZEL VG ''A FLAUTA DE PA'' DE PAULO CESAR CONTINHO VG VG ''O SONHO '' DE AUGUST STRIODBERG VG ''NAVALHA NA CARNE'' DE PL I
NIO MARCOS VG ''HOMEM NO CORPO'' DE MARA DANUSA E MARCELO VILELA VG ''A ULTIMA GRAVAÇAO'' DE SAMUEL BECKETT VG ''FICA COMIGO ESTA NOITE'' DE FLAVIO DE SOUZA VG ''UMA FADA MAE'' DE WASHINGTON LUIS SALES ET ''BRINCADEIRAS'' DE RAYMUNDO MATTOS LEAO PT

CR SCDP/SR/DPF/SP

DUDE [illegible]

NUNMO
011461DPFSB BR
113034ZDPFE BR

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO
Nº JUL 1988 SS 000000

PREÂMBULO: Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO: SCDP/SR/SPO/SP

POSIÇÃO:
QUITAÇÃO
HRS: OPR:

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

TEXTO A TRANSMITIR

Nº264/DCDP de 08 _ 07 _ 88 ___ REFA NR 12469/SCDP/SP 290688 VG INFO PEÇAS BIPT "CINCO MOVIMENTOS A DUAS VOZES"LIB 16 ANOS CERT VAL 221090 J.I. SITUAÇOES DE SEXO ET NUDEZ PTVG "A FLAUTA DE PA" CLASSF LIVRE CERT VAL 130689 PTVG "NAVALHA NA CARNE" LIB 18 ANOS CERT VAL 191190 J.I. VIOLENCIA ET PROSTITUIÇAO PTVG " A ULTIMA GRAVAÇAO" LIB 14 ANOS CERT VAL 271088 J.I. TEMATICA COMPLEXA PTVG "BRINCADEIRAS "CLASSF LIVRE CERT VAL 050990 PT DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT

DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor. Vilma Helena Lanan Delegada DPF-84
Chefe do SC - DCDP
Substituto

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

DPF/MJ
DIV. DE CENSURA
DIVERSÕES PUB.

SERPRO
NUMERO DE IDENTIFICAÇÃO
--- SENAPRO ---
08202.004628/88-34

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007,P.563

10 AGO 1725 88 00001

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 066 / 88-SCDP/SR/DPF/SP EM, 05/08/88
DO: CHEFE DO SCDP/SR/DPF/SP
AO: SR. DIRETOR DA DCDP/DPF/BSA
ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

Pelo presente, encaminho a V.Sª, para os devidos fins de arquivo, os relatórios, uma via do texto, cópia do Certificado de Censura e demais documentos referentes às seguintes peças teatrais:

01- UFOPIA, DILÚVIO PARA UMA VOZ
02- OCUPAÇÕES MARAVILHOSAS
03- MARCELINO PÃO E VINHO
04- SERTÃO, SERTÃO
05- LADRÃO EM NOITE DE CHUVA
06- NAVALHA NA CARNE
07- AS AVENTURAS DE ROBIN HOOD
08- SPAGUETI À BOLONEZA
09- QUEM SÃO ESSES CARAS
10- BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (2ª VIA CERT. Nº 11577/85).

Atenciosamente

DRAUZIO SEIMANN DORNELLAS COELHO
CHEFE DO SCDP/SR/DPF/SP

ILMO. SR.
RAYMUNDO EUSTÁQUIO DE MESQUITA
MD. DIRETOR DA DCDP/DPF/BSA
BRASILIA - DISTRITO FEDERAL

012384
22/06

ILMO SENHOR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO.

DPF DCDP FLS. 01 RUBRICA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091, P.564

Cyrano Marques Rosalém, RG 8.327.662, brasileiro, residente à Al. Lorena, 1041, apto. 81, bairro Jardim América, São Paulo, representando a Petrus Filmes Produções Ltda., produtora teatral, com sede à Rua Frei Caneca, 121, pretendendo encenar a peça teatral "NAVALHA NA CARNE", cujo texto se encontra anexo a este em tres vias, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa, se digne mandar proceder a leitura e exame censório do ensaio geral, em data e hora a serem designadas por essa chefia.

TERMOS EM QUE,
P. DEFERIMENTO,

SÃO PAULO, 22 de junho de 1988

Cyro M. Rosalém

CYRANO MARQUES ROSALÉM
RG 8,327.662 - SSP-SP

DPF
DCDP

OUTRAS OBRAS DE PLÍNIO MARCOS
(O autor mais premiado do teatro brasileiro)

— Quero Uma reportagem maldita
Dois perdidos numa noite suja
O abajur lilás
Histórias das quebradas do mundaréu
Inútil canto e inútil pranto pelos mortos calados
Na solidão do desconsolo
Navalha na carne
Nas águas do calabouço
Nossas histórias da barra do catimbó

Plínio Marcos

NAVALHA NA CARNE

QUANDO AS MÁQUINAS PARAM

Ivanclivio Amaral

Palma
23/06

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091/P.565

3.ª EDIÇÃO

DPF DCOR Fls nº 60 RUBRICA

60

- 2 sofás de canto
- Varal

CAMA CASAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.566

NAVALHA NA CARNE

peça em um ato de **PLÍNIO MARCOS**

personagens:

VADO ROBERTO ROCCO
NEUSA SUELI ANALY ALVAREZ
VELUDO LUIZ SERRA

cenário:

Um sórdido quarto de hotel de quinta classe. Um guarda-roupa bem velho, com espelho de corpo inteiro, uma cama de casal, um criado-mudo, uma cadeira velha, são os móveis do quarto.

DPF DCPR FLS Nº 84 RUBRICA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.569

NAVALHA NA CARNE

autor: **PLÍNIO MARCOS**

(AO ABRIR O PANO, VADO ESTÁ DEITADO NA CAMA, LENDO UMA REVISTA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS. ENTRA NEUSA SUELI.)

NEUSA SUELI – Oi, você está aí?

VADO – Que você acha?

NEUSA SUELI – É que você nunca chega tão cedo.

VADO – Não cheguei, sua vaca! Ainda nem saí!

NEUSA SUELI – Tá doente?

VADO – Doente, o cacete!

NEUSA SUELI – Não precisa se zangar. Só perguntei por perguntar.

VADO – Mas pode ficar sabendo que estou com o ovo virado.

NEUSA SUELI – Por que, meu bem?

VADO – Não sabe, né?

NEUSA SUELI – Não sou adivinhona.

VADO – Quer bancar a engraçada? Vou te encher a

lata de alegria. (VADO COMEÇA A TORCER O BRAÇO DE NEUSA SUELI.) Gostou?

NEUSA SUELI – Poxa, você está me machucando.

VADO – Você ainda não viu nada, sua miserável!

NEUSA SUELI – Ai, não te fiz nada!

VADO – Não fez? Não fez, sua filha-de-uma-cadela?

NEUSA SUELI – Que foi que eu te fiz?

VADO – Quer se fingir de boba?

NEUSA SUELI – Ai, ai! Juro que não sei.

VADO – Sabe por que eu não saí hoje?

NEUSA SUELI – Sua cabeça é seu guia.

VADO – Pois é, né?

NEUSA SUELI – Eu não prendo ninguém.

(VADO EMPURRA NEUSA SUELI, QUE CAI NO CHÃO.)

VADO – Já lembrou o que me aprontou, sua nojenta?

NEUSA SUELI – Você está é com onda.

VADO – Quer criar caso? Pode ficar certa que outra presepada que você me arrumar, não vai ser mole pra você. Sua porca! Quem você pensa que eu sou? Um trouxa qualquer? Assim você aprende a não querer bancar a sabida comigo.

NEUSA SUELI – Poxa, você me machucou. (LEVANTA-SE.)

VADO – Assim você se manca.

NEUSA SUELI – Abre o jogo de uma vez. O que é

DPF DCOP RUBRICA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.568

que eu te fiz? Já foram fazer alguma fofoca de mim pra você, é? Eu sei quem foi! Você fica entrando no papo daquela vadia lá do 102. Só pode ser ela quem te encheu a cabeça. Pensa que eu não sei? Ela dá em cima de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode ver ninguém bem. Mas ela vai ver. Comigo não vai ter bafo. Corto a cara dela com gilete.

VADO – Cala essa boca, pombas! Aquela mulher não tem nada a ver com isso. E você sabe bem.

NEUSA SUELI – Ela não me manja, não! Se ela se assanha pro teu lado, eu engrosso. Olha aqui, Vado, já vou te avisando. Se eu te ver batendo caixa com ela, faço um azar. Você sabe que eu faço mesmo. Não estou aqui pra ser corneada por uma jogada-fora daquelas.

VADO – Vê se cala essa matraca.

NEUSA SUELI – Já vi que você embarcou na dela.

VADO – Quer tomar outro cacete? Não, né? Então não me enche o saco! Já estou cabreiro com você. Se espernear, te meto a mão.

NEUSA SUELI – Aquela filha-da-puta te enrolou, eu sei. Ela fez assim com o macho da Mariazinha. Caguetou pra ele que ela estava se escamando na viração porque estava prenha. O cara foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou de tanta porrada que levou. Depois, enquanto a desgraçada se danava

no hospital, o sacana fa na leve com a grana da cadela do 102. Também, a Mariazinha é uma trouxa. Saiu do hospital e aceitou o miserável do homem dela de volta.

VADO – Ela que tá certa.

NEUSA SUELI – Otária é o que ela é.

VADO – Não manjo esse cara da Mariazinha. Mas ele está por dentro.

NEUSA SUELI – Um paspalhão que ele é. Voltou todo empesteado daquela galinha.

VADO – Conversa! O sujeito sabe viver.

NEUSA SUELI – Sabe viver pra chuchu. Se não fosse a Maria cuidar do miserável, ele se acabava. Entrou no puteiro da cadela à pé e saiu à cavalo.

VADO – Mas ele que pode. Está certo, sim. A mina é gamada, leva no macio. Fez ela pagar o esquentamento da outra.

NEUSA SUELI – Maria é uma boba. Comigo não tem disso.

VADO – Quer ver eu te aprontar uma dessas e você me aguentar? Duvida? Te faço uma pior e tu me engole. Se duvida, diz. Te apronto uma que não vai ser mole pra ti. Se duvida, te mostro.

NEUSA SUELI – Você não tem coragem.

VADO – Não? Já existe penicilina, boboca! Me limpo fácil. Agora, você se estrepa. Pega fama de perebenta,

DPF DCDP FLS Nº 06 RUBRICA

tá lascada. NInguém mais vai querer. Nem o cara mais jogado às traças.

NEUSA SUELI – Poxa, Vado, não vai fazer um papelão desses comigo.

VADO – Me apronta outra presepada como a de hoje. Me apronta, que eu te estrepo.

NEUSA SUELI – Mas, poxa, o que eu te fiz hoje?

VADO – Porra, quer apanhar outra vez? Fica querendo se fazer de sabida, depois se queixa. Estou deixando a coisa no barato. Se tentar me engrupir, te arrebento todos os dentes com uma mucada.

NEUSA SUELI – Não tem babado. Alguém te encheu a cuca. Te botou contra mim.

VADO – Não me torra o saco! Tenho malandragem pra dar e vender. Não vai ser você que vai gozar minha cara.

NEUSA SUELI – Não estou querendo gozar ninguém.

VADO – Ai de você se quisesse!

NEUSA SUELI – Só não estou por dentro da sua bronca.

VADO – Não está, né? Agora, olha, sua puta sem-vergonha! (VADO MOSTRA OS BOLSOS VAZIOS.) Morou, agora?

NEUSA SUELI – Está na lona?

VADO – Eu estou duro! Estou a nenhum! Eu estou a zero! A zero, sua vaca!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0021,P.569

NEUSA SUELI – E a culpa é minha?

VADO – Vagabunda, miserável! Sua puta sem-calça! Quem tu pensa que é? Pensa que estou aqui por que? Anda, responde! (PAUSA) Não escutou? Responde! Por que? Você acha que eu te aturo por que?

NEUSA SUELI – Eu sei. . . Eu sei . . .

VADO – Sabe, né? Então diz. Por que eu te aturo?

NEUSA SUELI – Poxa, Vadinho, eu sei . . .

VADO – Então diz! Diz! Quero escutar. Diz de uma vez, antes que eu te arrebente. Por que eu fico com você?

NEUSA SUELI – Por causa da grana.

VADO – Repete, sua vaca! Repete! Repete! Anda!

NEUSA SUELI – Por causa da grana.

VADO – Repete mais uma vez!

NEUSA SUELI – Por causa da grana.

VADO – Mais alto, sua puta nojenta!

NEUSA SUELI – Por causa da grana!

VADO – Isso mesmo. Estou com você por causa do tutu. Só por causa do tutu. Você sabe. Estou aqui por causa da grana. Por causa da grana! É isso mesmo. E se você não me der moleza, te arrebento o focinho. Eu sou o Vadinho das Candongas, te tiro de letra fácil, fácil. Eu estou assim (FAZ GESTO COM OS DEDOS INDICANDO MUITAS.) de mulher querendo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071 | P.570

DPF DCDP FLS. Nº 27 RUBRICA

me dar o bem-bom. Você sabe disso também, não sabe? (PAUSA) Sabe ou não sabe?

NEUSA SUELI – Sei . . . Sei, sim . . . (CHORA.)

VADO – Pára de chorar! Porra, será que vou ter de aturar até essa onda de choro?

NEUSA SUELI – Pronto. Já não estou mais chorando.

VADO – Que mania de fazer drama à-toa!

NEUSA SUELI – À-toa? Você me machucou!

VADO – Bem feito! Assim você aprende a não folgar com o bom.

NEUSA SUELI – Não te fiz nada. Você está zoeira!

VADO – Estou mesmo. Minha zoeira é ser bom pra mulher. Te trato legal, nisso que dá. Quando digo que estou a nenhum, que estou durango, a piranha põe banca: (IMITANDO A VOZ DE NEUSA SUELI) "Não é culpa minha, não é culpa minha!" Poxa, será que tenho cara de trouxa? Sou teu macho, se não tenho um puto de um tostão, quem está errado?

NEUSA SUELI – Não sei . . .

VADO – Aí, meu cacete! Não aprendeu? As porradas que te dei não serviram de nada?

NEUSA SUELI – Te dou a grana. Se você torra, que posso fazer?

VADO – Que grana que você me deu hoje?

NEUSA SUELI – Não sabe, né? Ganha no mole, mete o pau fácil.

VADO – Escuta aqui, desgraçada! Tá querendo me azedar de novo? Que dinheiro você me deu hoje?

NEUSA SUELI – Não deixei dinheiro aí no criado-mudo?

VADO – Ficou louca?

NEUSA SUELI – Claro que deixei o tutu aí.

VADO – Então ele voou.

NEUSA SUELI – Então voou!

VADO – Mentirosa! Nojenta!

NEUSA SUELI – Não me força a paciência. Encheu a cuca de fumo e esqueceu de tudo.

VADO – Não peguei uma ponta de estaleiro hoje, panterа! Estou de presa seca por tua causa. Pensa que maconha anda por aí dando buzo?

NEUSA SUELI – Só sei que botei o dinheiro aí no criado-mudo, como todo dia.

VADO – Se botasse, eu não estava aqui esquentando a mufa. Estava lá na sinuca me divertindo.

NEUSA SUELI – Queimando erva e dinheiro.

VADO – E daí? Dinheiro meu gasto onde quero.

NEUSA SUELI – E eu que me dane na viração.

VADO – É a lei. Mulher que quer se bacanear com cara linha de frente como eu tem de se virar certinho.

NEUSA SUELI – Um dia a casa cai, pode crer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.571

VADO – Não conversa, não. Quero saber onde está a porra do dinheiro.

NEUSA SUELI – Botei aí. Cansei de falar.

VADO – Então alguém pegou.

NEUSA SUELI – Então pegou.

VADO – E não fui eu.

NEUSA SUELI – Será? . . . Será que foi o desgraçado? . . .

VADO – Que desgraçado?

NEUSA SUELI – O Veludo. Será que foi ele?

VADO – Ele? . . . Ficou batusquela? Ele não ia ter peito.

NEUSA SUELI – Ele entrou aqui hoje depois que saí?

VADO – Como vou saber? Estava dormindo.

NEUSA SUELI – Acho que o sacana veio arrumar o quarto, viu você apagado, passou a mão na erva e se mandou.

VADO – Não invente! Ele não ia ser tão cara-de-pau assim.

NEUSA SUELI – Não sei, não. Vi o garoto do bar saindo do quarto do Veludo.

VADO – E daí? Ele dá o que é dele.

NEUSA SUELI – Pois é. Mas há muito tempo ele vem cozinhando o garoto e não arrumava nada porque estava duro. O garoto cobrava caro pra entrar na dele.

VADO – Poxa, será que ele afanou meu tutu pra dar praquele trouxinha?

NEUSA SUELI – Se ele entrou aqui hoje, foi ele.

VADO – Mato esse puto de merda, se foi ele.

NEUSA SUELI – Vou perguntar pra Dona Tereza.

VADO – Perguntar o quê?

NEUSA SUELI – Se a velha pagou o ordenado do Veludo.

VADO – Que nada! Deixa ele pra mim! Chama essa bicha miserável!

NEUSA SUELI (VAI ATÉ A PORTA DO QUARTO E CHAMA:) – Veludo! Veludo! Quarto três! (PAUSA) Não escutou.

VADO – Chama mais alto. Todo veado é surdo.

NEUSA SUELI – Veludo! Veludo!

VELUDO (FORA DE CENA) – Quem me chama?

NEUSA SUELI – Quarto três.

VELUDO – Já vai.

VADO – Vou acertar o passo dessa bichona.

NEUSA SUELI – Não vai machucar ele.

VADO – Não, né? Você vai ver.

NEUSA SUELI – Ele é doido por um enxame. Ele chama a cana.

VADO – Essa bicha não é doida, nem nada.

NEUSA SUELI – Toma cuidado, Vadinho. Vê lá o que tu vai fazer.

DPF DCDP

VADO – Vai por mim.

VELUDO (NA PORTA DO QUARTO) – Chamou, Neusa Sueli?

VADO – Entra, bichona.

VELUDO – Com licença.

(VELUDO ENTRA.)

VADO – Vai entrando, seu puto.

VELUDO – O senhor está aí, Seu Vado?

VADO – Estou, sim.

VELUDO – É o senhor que quer falar comigo, ou é a Neusa Sueli? Adoro esse nome: Neusa Sueli.

VADO – Fecha a porta e deixa de frescura.

VELUDO (FECHA A PORTA.) – Pronto, Seu Vado.

VADO – Presta bem atenção no que vou te dizer, seu veado de merda!

VELUDO – Se o senhor começar a me xingar, me mando. A Neusa Sueli sabe como eu sou. Não gosto de desaforo. Nem dos meus homens aguento maltrato.

VADO – Filho-da-puta! Veado nojento!

VELUDO – Você está vendo, Neusa Sueli? Vou me arrancar. Depois você reclama que eu não gosto de vir fofocar no seu quarto. É por essas e outras. Ninguém gosta de estupidez.

VADO – Isso não é nem o começo.

VELUDO – Pra mim é o fim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.572

(VELUDO TENTA SAIR, VADO O AGARRA COM VIOLÊNCIA.)

VELUDO – Bruto! Cafajeste!

VADO – Cala essa boca, fresco de uma figa!

VELUDO – Me deixa sair.

VADO – Senta aí!

(VADO BATE EM VELUDO E FAZ COM QUE ELE SE SENTE NUMA CADEIRA.)

VELUDO – Ai, ai! Que é que deu nesse homem?

VADO – Vamos conversar, seu sem-vergonha

VELUDO – Se a Neusa Sueli gosta de apanhar, bate nela. Eu não gosto de coisas brutas, não sou tarado. (VADO BATE EM VELUDO.) Ele está me batendo, Neusa Sueli!

NEUSA SUELI – Explica tudo direitinho. Vai ser melhor pra você.

VELUDO – Explica o quê?

VADO – Quem mandou você pegar o dinheiro?

VELUDO – Que dinheiro?

VADO – O que você pegou.

VELUDO – Deus me livre! Que dinheiro que eu peguei? Ai, meu Deus! Nem sei do que vocês estão falando.

VADO – Cadê a grana, Veludo? (BATE EM VELUDO.)

DAP DCDP FLS 1 RUBRICA

VELUDO – Ai, ai, seu cafetão nojento! Tua mulher não te dá dinheiro? Quer pegar o meu?

VADO – Se abre logo!

VELUDO – Miserável! Vai bater na cara da tua mãe. Porco! Essa vaca da Sueli não te dá moleza, é? Pensa que eu vou dar? Nojento! Cafetão!

VADO – Cala o bico!

VELUDO – Vai morrer morfético! Tu e essa perebenta! Essa suadeira!

NEUSA SUELI – Fala logo, Veludo. Você pegou o dinheiro que estava no criado-mudo? Fala logo, anda!

VELUDO – Ai, ai! Ele está quebrando o meu braço!

NEUSA SUELI – Pegou ou não pegou?

VELUDO – Não peguei.

VADO – Não mente, nojento! Não mente!

VELUDO – Eu não peguei! Juro que não peguei!

NEUSA SUELI – Você pensa que vai levar a gente no bico?

VELUDO – Juro que não sei de dinheiro nenhum.

VADO – Não sabe, cachorro?

(VADO CONTINUA SEMPRE BATENDO EM VELUDO.)

VELUDO – Ai, ai! Esse homem me mata! Socorro! Socorro!

VADO – O que você fez com minha grana, miserável?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.573

VELUDO – Não me bate! Não me bate!

VADO – Então se abre.

NEUSA SUELI – A gente sabe o que você fez com a grana.

VADO – Confessa logo, bicha, senão vou botar pimenta no teu rabo.

VELUDO – Pelo amor de Deus, Neusa Sueli, não deixa esse tarado me judiar!

NEUSA SUELI – Então começa a contar.

VELUDO – Ai, meu São Jorge guerreiro! Está todo mundo doido. Está todo mundo chapado de erva. Neusa Sueli, pelo amor de Deus, eu não sei de nada!

VADO – Filho-da-puta! Mentiroso!

VELUDO – Socorro! Socorro! Monstro! Por que você não faz isso com homem, seu nojento? Ai, esse tarado está me matando!

VADO – Seu puto, você apanhou a grana daqui pra andar com o garoto do bar?

VELUDO – Não entrei aqui hoje.

VADO – Você veio arrumar o quarto, pegou o dinheiro.

NEUSA SUELI – E deu pro moleque do bar.

VELUDO – Eu fa fazer uma coisa dessa? Não sou ladrão e não sou que nem você, que tem que dar dinheiro pra homem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.574

NEUSA SUELI — Pensa que não vi o garoto sair do seu quarto?

VELUDO — E daí? Ele gama em mim.

VADO — O desgraçado gama o meu dinheiro. Isso é que é! E você passou a mão na grana e deu pra ele.

VELUDO — Eu, não!

NEUSA SUELI — Mentiroso! Você mesmo falou que estava gamado no garoto e que ele não queria nada com você, porque você estava duro. Falou ou não falou?

VELUDO — Se dei dinheiro pro meu machinho, ninguém tem nada com isso. Na minha vida, mando eu. Sou livre.

VADO — Puto sem-vergonha! Você deu o meu dinheiro. O meu dinheiro, que estava ali em cima, e você afanou.

(VADO AGARRA VELUDO PELOS CABELOS.)

VELUDO — Ai, ai! Esse homem vai me deixar careca!

NEUSA SUELI — Sabe que por sua causa eu levei um couro do Vado, seu sacana?

VELUDO — Bem feito!

(NEUSA SUELI ARRANHA O ROSTO DO VELUDO.)

VELUDO — Ai, você me paga, sua porca! Com você eu posso. Eu te pego sozinha, sua vaca! Você vai ver!

VADO — Você não vai pegar ninguém.

VELUDO — Ela é mulher. Com ela eu posso.

VADO — Que é que você fez do dinheiro? Fala!

VELUDO — Não peguei.

NEUSA SUELI — É teimoso como uma mula. Vou te ajudar a lembrar. (APANHA UMA NAVALHA NA BOLSA.) Vou te arrancar os olhos! (APROXIMA A NAVALHA DO ROSTO DO VELUDO.)

VELUDO — Não! Pelo amor de Deus! Não! Neusa Sueli! Não!

VADO — Pode cortar esse miserável!

NEUSA SUELI — Vai falar tudinho?

(VELUDO FAZ QUE SIM COM A CABEÇA.)

VADO — A bicha ficou apavorada.

NEUSA SUELI — Então começa.

VADO — Fala logo, anda!

VELUDO — Estou sem ar.

VADO — Não vem com frescura! Não vem com frescura!

NEUSA SUELI — Veludinho, é melhor pra você contar tudo direitinho. É pro seu bem, querida.

VELUDO — Você me perdoa, Neusa Sueli? Eu devolvo tudinho. Eu não aguentei. Eu vim arrumar o quarto, o Seu Vado estava dormindo, eu peguei o dinheiro e dei pro rapaz do bar. Eu estava gamado nele. Juro que devolvo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P575

DCP FLS Nº 12 RUBRICA

VADO – Canalha! Miserável! Veado safado! Deu todo o metal pro trouxinha?

VELUDO – Só dei a metade.

VADO – E o resto da grana? E o resto?

VELUDO – Comprei um baseado de erva.

VADO – Sacana! Eu de presa seca e ele se tratando.

VELUDO – É vício.

VADO – E pensa que vou sustentar vício de veado?

VELUDO – Eu vou devolver o dinheiro todinho, Seu Vado. Pode crer.

VADO – Quando? No dia de São Nunca?

VELUDO – Não, no fim do mês. No meu pagamento.

VADO – E você pensa que eu vou esperar até o fim do mês?

VELUDO – Desculpe, Seu Vado.

VADO – Vou te caguetar pra Dona Teresa. Ela te põe na rua, te paga os teus dias de basquete e eu pego o meu.

VELUDO – Por favor, Seu Vado. Eu juro que devolvo tudo.

VADO – Quero Juros.

VELUDO – Eu pago, mas não apronta pra mim.

VADO – Vai pagar o dobro. Se não comparecer, já viu. Te agarro e te desgraço.

VELUDO – Eu pago, pode crer.

NEUSA SUELI – Ele paga, sim, Vado. O Veludo é bonzinho.

VELUDO – A Neusa Sueli me conhece. Quando eu digo que faço uma coisa, eu faço mesmo, nem que me lasque toda.

VADO – Quero ver. E o fumo? Queimou ele todo?

VELUDO – Nem biquei ainda. Não trato disso quando estou trabalhando. Eu fico muito louca quando estou chapada.

VADO – Dá pra cá a erva.

VELUDO – O senhor me deixa dar umas narigadas também?

VELUDO – Depois a gente vê. Dá pra cá, anda!

VELUDO (DANDO O CIGARRO) – É fumo do norte mesmo. Dá uma zoeira legal!

NEUSA SUELI – Não vai queimar essa porcaria aqui.

VADO – Você cala a boca.

NEUSA SUELI – Dona Tereza não gosta de bagunça aqui na pensão.

VADO – Quero que ela vá à merda!

VELUDO – Ai, que homem doidão!

NEUSA SUELI – Depois, quem se estrepa sou eu. Quando você se arranca, ela vem aqui reclamar.

VADO – Manda ela à merda!

NEUSA SUELI – Ela me põe na rua.

VADO – Azar!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071 P.576

DPF DCDP FLS Nº 13 RUBRICA

NEUSA SUELI – Azar meu, né?

VADO – Porra, pára de me torrar o saco. Foi você que arrumou toda a confusão e ainda resmunga. Não quero escutar um pio contra a maconha. Gosto de curtir minha onda de leve.

VELUDO – Ele sabe viver.

(VADO ACENDE O CIGARRO DE MACONHA E DÁ UMA TRAGADA.)

VADO – Legal!

VELUDO – Não fica triste, Neusa Sueli. Homem é assim mesmo. Todos uns brutos. (PAUSA) Seu Vado, deixa eu dar um cheiro?

VADO – Quer bicar?

VELUDO – O senhor deixa?

VADO – Não!

VELUDO – Ah, deixa . . . por favor . . . deixa . . .

VADO – Se manca, vagabundo!

VELUDO – Por favor . . .

VADO – Gosta de fumo, é?

VELUDO – Sou tarado.

VADO – E por que fica gastando dinheiro com os pivetes? Por que, hein?

VELUDO – Ah, Seu Vado . . .

VADO – Você gosta mais de maconha ou de moleque?

VELUDO – Cada coisa tem sua hora.

VADO – Bichona malandra!

VELUDO – Deixa eu bicar, Seu Vado.

VADO – Pega aqui. Na minha mão.

VELUDO – Que bom! (TENTA AGARRAR O CIGARRO.)

VADO – Não vale segurar.

VELUDO – Como o senhor é mau, Seu Vado.

(A CENA REPETE-SE VÁRIAS VEZES, SEMPRE VELUDO TENTANDO ALCANÇAR, COM A BOCA, O CIGARRO QUE ESTÁ NA MÃO DE VADO. VELUDO FICA CADA VEZ MAIS AGONIADO. VADO RI CADA VEZ MAIS. NEUSA SUELI PERMANECE INDIFERENTE. VELUDO AGARRA A MÃO DE VADO, QUE LHE DÁ UM VIOLENTO EMPURRÃO.)

VELUDO – Neusa Sueli, manda ele deixar eu fumar, manda.

NEUSA SUELI – Não estou gostando nada dessa zorra aqui dentro.

VELUDO – Vai, Neusinha Sueli, manda ele me dar uma tragada. Por favor, Sueli, manda. Eu não aguento mais.

NEUSA SUELI – Acho melhor você se arrancar daqui.

VELUDO – Seu Vado, deixa eu dar uma fumadinha só.

VADO – Sem-vergonha! Pensa que mulher manda em

DPF DCOP RUBRICA

mim, bicha louca? Pensa que se essa vaca mandasse eu ía te dar o fumo?

VELUDO — Que homem bruto, meu Deus! Vado, deixa eu fumar!

VADO — Ainda sou Seu Vado pra você. Perdeu o respeito, seu miserável?

VELUDO — Homem que me judia eu não chamo de senhor. É Vado, e olhe lá.

VADO — Te dou uma porrada que você vê.

VELUDO — Dá, então.

(VADO BATE EM VELUDO.)

VADO — Gostou?

VELUDO — Bate mais.

VADO — Nojento!

VELUDO — Bate, seu bobo, bate.

(VADO FICA VENCIDO, IMPOTENTE.)

VELUDO — Você viu, Neusa Sueli, como a gente lida com homem?

VADO — Cala a boca, bicha!

VELUDO — Vem me bater, seu trouxa!

VADO — Você vai ver, bicha louca!

VELUDO — Pode bater. A cara está aqui.

VADO — Veado! Veado de merda! Porco nojento! Ladrão sem-vergonha!

VELUDO — Bate em mim, machão. Bate nesta face, te viro a outra. Como Jesus Cristo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.00 71,0.577

VADO — Bicha é uma desgraça.

VELUDO — Você viu como eu encabulei o homem, Neusa Sueli? Tadinho dele! Ficou sem jeito. Coitadinho! Vê a carinha do Vado, Neusa Sueli. Vai fazer um carinho pra ele. Ele está tristinho. Vai lá, bobona. Vai agradar teu homem. Vai, Neusa Sueli.

NEUSA SUELI — Pára com isso, pombas! Será que você não se manca que não está agradando? Poxa, você é mais chato que cri-cri. Por que você não se manda daqui? Vai lá pro teu quarto! Vai à merda! Vai à puta-que-te-partiu! Mas me esquece. Não quero você aqui no meu puleiro. Anda, te arranca! Te arranca, que é melhor pra você. Já estou invocada. Muito invocada.

VELUDO — Desculpe. Não vou morrer por causa disso. Não quer eu aqui, me mando e pronto. Nunca fico onde não me querem. Aliás, só vim aqui porque me chamaram. Mas já vou indo. Tchau mesmo! Pensei que era o homem deste galinheiro que cantava de galo. Entrei bem. Quem manda aqui é a galinha velha.

NEUSA SUELI — Galinha velha é tua mãe!

VADO — Ela se queimou.

VELUDO — Pôs a carapuça porque quis.

NEUSA SUELI — Vai saindo!

(VELUDO VAI SE DIRIGINDO PARA A PORTA.)

VADO — Fica! Só sai quando eu mandar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.578

VELUDO — Ela está invocada comigo. Não quero encrenca. Vou embora.

VADO — Ela que se dane! Fica!

NEUSA SUELI — Você vai me pagar, sua bicha. Está botando o meu homem contra mim.

VELUDO — Eu quero ir embora, ele não deixa.

NEUSA SUELI — Nojento!

VELUDO — Não sei por que as mulheres me detestam tanto.

VADO — Ai, ai!

NEUSA SUELI — É melhor deixar essa bicha sair. Já estou me esquentando.

VADO — Ela agora vai queimar o fumo. Não vou deixar ela sair daqui de presa seca. Vem fumar, bichinha!

VELUDO — Agora não quero.

VADO — Não faz onda e pega logo.

VELUDO — Pra mim michou.

VADO — Não queria? Tá aí. Mete o nariz.

VELUDO — Já falei que não quero.

VADO — Estou mandando fumar.

VELUDO — Você não é meu homem, não me manda nada.

VADO — Chupa essa fumaça!

VELUDO — Nem por bem, nem por mal.

(VADO DESESPERA-SE E COMEÇA A BATER EM VELUDO.)

VELUDO — Bate! Bate! Bate!

VADO — Eu te mato! Eu te mato!

VELUDO — Mata! Mata! Mata mesmo, homem! Mas eu não fumo tua maconha! Não fumo!

VADO — Fuma essa merda! Fuma! Não escutou eu mandar?

(VADO VAI TENTANDO, DESESPERADAMENTE, COLOCAR O CIGARRO NA BOCA DE VELUDO, PARA QUE ELE FUME. VELUDO NÃO DEIXA.)

VELUDO — Me mata, meu homem!

NEUSA SUELI — Pára com isso, Vado! Pára com isso!

VADO — Quero que esse puto fume maconha, eu quero!

VELUDO — Mas não vai conseguir nada de mim.

VADO — Por favor, Veludo, fuma essa droga, se não eu faço uma desgraça! Por favor, fuma!

VELUDO — Nem você me pedindo de joelhos.

NEUSA SUELI — Pelo amor de Deus, Vado, pára com isso! Pára com isso! Eu não aguento mais! Eu não aguento mais!

VADO — Sueli, meu amor, me ajuda! Sueli, minha santa, me ajuda! Sueli, segura esse veado nojento. Segura ele, Sueli! Eu quero fazer ele fumar maconha. Eu quero que ele fume! Eu quero! Por favor, Sueli, segura ele!

NEUSA SUELI — É só isso que você quer, seu porco?

DPF DCDP FLS 11 RUBRICA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.579

VADO – É só o que eu quero. Me ajuda! Por favor!

NEUSA SUELI – Eu te ajudo! Eu te ajudo!

VELUDO – Ai, ai, tenho cócegas! Ai, ai, ai! Meu Deus, que loucura! Que loucura divina!

(NEUSA SUELI VAI TENTAR SEGURAR VELUDO. QUANDO VAI TOCÁ-LO, ELE GRITA:)

VELUDO – Não toca em mim, mulher! Não toca em mim! Eu não gosto que mulher me toque! Não me toque! Não me toque!

NEUSA SUELI – Veado miserável! Miserável! (AGARRA-O E O EMPURRA PRA PORTA.) Agora vai caguetar a gente pra polícia, seu nojento!

VELUDO – Sua vaca! Você vai me pagar! Não vou na polícia, não. Não gosto dessa gente. Mas vai ter forra. Você não perde por esperar.

NEUSA SUELI – Cai fora daqui, bicha sem-vergonha! Cai fora!

(VELUDO SAI, XINGANDO. NEUSA SUELI FECHA A PORTA E DEPOIS FICA PARADA, OLHANDO VADO POR LONGO TEMPO.)

VADO – Está me achando bonito, ou me botando quebrante?

NEUSA SUELI – Nojento!

VADO – Não começa a me encher o saco.

NEUSA SUELI – Você é um sacana.

VADO – Você é uma cortadora de onda.

NEUSA SUELI – Nunca pensei que você pudesse ser tão miserável.

VADO – E eu nunca pensei que você fosse tão chata.

NEUSA SUELI – Não sou é descarada.

VADO – Vai ser freira, então.

NEUSA SUELI – Eu tenho moral.

VADO – Depois de velha, até eu.

NEUSA SUELI – Velha, não! Só tenho trinta anos.

VADO – De puteiro?

NEUSA SUELI – Canalha!

VADO – Quando você fica bronqueada é que a gente vê como você está apagada.

NEUSA SUELI – Estou é cansada. Só isso.

VADO – Devia se aposentar. Trinta anos de basquete cansa qualquer uma.

NEUSA SUELI – Eu nasci igual a qualquer uma. Limpinha. Há trinta anos atrás, eu era um nenê.

VADO – Não força a idéia, piranha velha. Você é a veterana das veteranas.

NEUSA SUELI – Tenho só trinta anos.

VADO – Coroa!

NEUSA SUELI – Porco! Nojento! Você pensa que não manjei a tua jogada com o Veludo?

VADO – Deixa de história. Vocês antigas vêem malícia em tudo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.580

NEUSA SUELI — Só sei que você me embrulhou o estômago.

VADO — A vovó das putas todas é metida a família, é?

NEUSA SUELI — Vovó das putas é a vaca que te pariu.

VADO — Limpa essa boca quando falar da minha mãe. Se folgar comigo, te arrebento.

NEUSA SUELI — Então não me torra a paciência.

VADO — Só estou falando a verdade. Você está velha. Outra noite, cheguei aqui, você estava dormindo aí, de boca aberta. Roncava como uma velha. Puta troço asqueiroso! Mas o pior foi quando cheguei perto pra te fechar a boca. Queria ver se você parava com aquele ronco miserável. Daí, te vi bem de perto. Quase vomitei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta. Essa pintura que você usa aí pra esconder a velhice estava saindo e ficava entre as rugas, que apareciam bem. Juro, juro por Deus, que nunca tinha visto nada mais desgraçado. Eu até . . .

NEUSA SUELI — Pára com isso! Chega de escutar mentira! Pára com isso!

VADO — Mentira? Eu é que sei! Senti uma puta pena de mim. Um cara novo, boa pinta, que se veste legal, que tem papo certinho, que agrada, preso a um bagulho antigo. Fiquei bronqueado. Porra, ainda tentei quebrar o galho. Pensei comigo: mas de corpo ainda é uma coisa que se pode aproveitar. E sem te acordar,

tirei a coberta, tirei tua camisola, tirei tua calcinha e teu sutian. As pelancas caíram pra todo lado. Puta coisa porca! Acho que até um cara que saísse de cana, depois de um cacetão de tempo, passava nesse lance. Pombas, que negócio ruim era você ali dormindo. Juro por Deus, nunca vi nada pior. Se não fosse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Porra, e não se perdia nada. Me larguei. Não aguentava.

NEUSA SUELI — E por que não se mandou de vez?

VADO — Fiquei esperando uma chance de te jogar isso no focinho. Não ía sair sem te contar como você está podre.

NEUSA SUELI — E enquanto isso me tomava a grana.

VADO — Claro! Não sou nenhum bobo. Enquanto isso, tratava de mim por fora. Mulherio novinho e bonito está aí mesmo.

NEUSA SUELI — Teu negócio é veado. Vi hoje.

VADO — Que é isso, coroa? Tá com ciúme do Veludo?

NEUSA SUELI — Tenha vergonha nessa cara.

VADO — Quem tem que ter vergonha é você, velhota. Não aguenta o repuxo, não tem como agarrar o homem, fica aí apavorada, até com medo de um veado de merda.

NEUSA SUELI — Canalha!

DPF DCP FLS Nº 122 RUBRICA

VADO — Estava sendo uma onda legal, você cortou com a tua rabujice. Você é coroa!

NEUSA SUELI — Não sou é de bacanal.

VADO — Puta que não gosta de bacanal é que está bem apagada.

NEUSA SUELI — Estou apagada é de canseira. Isso é que é. Não de velhice. De canseira. Sabe o que é uma noite de viração?

VADO — As meninas tiram de letra. É só abrir a perna e faturar. Acham moleza. Agora, velha cansa à-toa. Tem reumatismo. Tem que se esforçar pra agradar o freguês e outros babados. E ainda, pra não ficar jogada fora sozinha, tem que aturar o cafetão. Mas isso é igual na vida e nas casas de família. Os machos só aturam as coroas por interesse. Pra se divertir, a gente sempre tem uma garota enxutinha.

NEUSA SUELI — Eu tenho homem a hora que quero.

VADO — Por que me atura? Por que? Eu sou chato pacas!

NEUSA SUELI — É mesmo. Ainda bem que reconhece.

VADO — Por que você me aguenta?

NEUSA SUELI — Porque . . . porque . . .

VADO — Sou bom de cama?

NEUSA SUELI — É. É mesmo. As verdades a gente diz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.581

VADO — É. Isso é verdade. Só que faz um mês que você não sabe de mim. Mais de um mês.

NEUSA SUELI — É . . . é . . . E mesmo assim te dou a grana.

VADO — Uma grana micha. Muito micha.

NEUSA SUELI — Não é culpa minha. Você sabe que não é. A situação está uma broca pra todas. Esse novo delegado que entrou aí está querendo fazer média. Toda hora passa o rapa. Até os tiras andam apavorados, não pegam caixinha, nem nada. Se os homens da lei estão com medo, os fregueses nem se fala. Mas deixa esse filho da puta desse delegado esquentar o lugar, fica tudo igual a antes. Daí, você vai ver se eu faturo alto outra vez ou não.

VADO — Você é enganadora.

NEUSA SUELI — Você anda por aí. É só perguntar pra qualquer uma. Elas te dizem como a barra anda pesada.

VADO — Isso é desculpa de velha.

NEUSA SUELI — Velha, não.

VADO — Velha, sim. Todo mundo te acha um bagaço. Não viu o que o Veludo disse?

NEUSA SUELI — O que foi?

VADO — Te chamou de galinha velha.

NEUSA SUELI — Despeito de bicha.

VADO — Falou certo. Você está velha mesmo.

DPF DCP FLS. Nº 95 RUBRICA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0091,PS82

NEUSA SUELI – Só porque você quer.

VADO – É, né? Mostra os teus documentos.

(VADO VAI PEGAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ELA O IMPEDE.)

NEUSA SUELI – Tenho trinta anos.

VADO – Deixa eu ver os papéis.

NEUSA SUELI – Que onda besta!

VADO – Deixa eu ver.

NEUSA SUELI – Não torra a paciência!

VADO – Está com medo?

NEUSA SUELI – Medo, não. Acho besteira.

VADO – Mentiu, agora não quer que eu prove a tua idade.

NEUSA SUELI – Tenho trinta.

VADO – No mínimo cinqüenta anos.

NEUSA SUELI – Fiz trinta no fim do ano passado.

VADO – Deixa eu ver os documentos. (VADO TENTA TIRAR A BOLSA DAS MÃOS DE NEUSA SUELI.) Tá com medo de mostrar os documentos?

NEUSA SUELI – Não gosto que mexam na minha bolsa.

(VADO INSISTE EM TIRAR A BOLSA DE NEUSA SUELI, ATÉ QUE A BOLSA SE ABRE, DEIXANDO ESPALHAR PELO CHÃO TODO O SEU CONTEÚDO.)

VADO – Tá bom, velha! Pode sossegar, não vou pegar seus documentos pra ver o que eu já sei. Você tem cinquenta anos e não adianta mentir.

NEUSA SUELI (NO CHÃO, APANHANDO OS OBJETOS ESPALHADOS) – Pára com isso! Pára! Por favor, pára! Poxa, será que você não se manca? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada pra chuchu? Ainda mais hoje. Hoje foi um dia de lascar. Andei pra baixo e pra cima, mais de mil vezes. Só peguei um trouxa na noite inteira. Um miserável que parecia um porco. Pesava mais de mil quilos. Contou toda a história da puta da vida dele, da puta da mulher dele, da puta da filha dele, da puta que o pariu. Tudo gente muito bem instalada na puta da vida. O desgraçado ficou em cima de mim mais de duas horas. Bufou, bufou, babou, babou, bufou mais pra pagar, reclamou pacas. Desgraçado, filho da puta. É isso que acaba a gente . . . Isso que cansa a gente. A gente só quer chegar em casa, encontrar o homem da gente de cara legal, tirar aquele sarro e se apagar, pra desforrar de toda a sacanagem do mundo de merda que está aí. Resultado: você está de saco cheio por qualquer coisinha, então apronta. Bate na gente, goza a minha cara e na hora do bem-bom, sai fora. Poxa, isso arreia qualquer uma. Às vezes chego a pensar: Poxa, será que eu sou gente? Será que eu, você, o Velu-

DPP DCDP FLS Nº 1 RUBRICA

do, somos gente? Chego até a duvidar. Duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita. Isso é uma bosta. Uma bosta! Um monte de bosta! Fedida! Fedida! Fedida!

VADO – É . . . é mesmo . . .

NEUSA SUELI – É mesmo o quê?

VADO – Você está uma velha podre.

NEUSA SUELI – Nojento!

VADO – Nada mais nojento que puta velha. Porra, como incomoda!

NEUSA SUELI – Eu não sou velha! Eu não sou velha! Eu estou gasta! Eu estou gasta nessa putaria!

VADO – Depois de cinqüenta anos, qualquer uma se apaga.

NEUSA SUELI – Eu tenho trinta anos! Apenas trinta anos! Apenas trinta anos!

VADO – Mentirosa! Enganadora! Vadia velha! Mostra os teus documentos. Mostra! Não tem coragem? Já sabia. Mentiu a idade, mas não engrupe ninguém. Tem um troço que não mente. Sabe o que é? Teu focinho! (PEGA UM ESPELHO E OBRIGA NEUSA SUELI A OLHAR-SE NELE.) Olha! Olha! Olha!

NEUSA SUELI – Por favor, Vado, pára com isso!

VADO – Olha! Olha bem! Vê! Cinqüenta anos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.583

NEUSA SUELI – Vado, por favor, pára com isso! Pára com isso!

VADO – Cinqüenta anos! Velha nojenta! Cinqüenta anos!

NEUSA SUELI – Chega! Chega, pelo amor de Deus!

VADO – Olha, olha bem, velha! Bem velha! Cinqüenta anos no mínimo!

NEUSA SUELI – Por piedade, Vado. Pelo amor de tua mãe!

VADO – Cinqüenta anos! Fim da picada! Toda ruim. Ainda com essa meleca na cara, maquilagem e tal, engrupe os trouxas. Mas sem essa droga, deve ter bem mais de cinqüenta.

NEUSA SUELI – Vado, chega! Por favor, chega!

VADO – Olha bem! Olha bem! Velhota! Coroa! O Veludo tinha razão. Galinha velha! Vamos ver sem essa meleca quantos anos tem.

(VADO TIRA O LENÇOL DA CAMA E O ESFREGA NO ROSTO DE NEUSA SUELI.)

NEUSA SUELI – Não, Vado! Não! Por favor, não!

VADO – Cem anos! Cem anos ou mais! Quanta ruga! Que cara amassada! Que bagaço!

NEUSA SUELI – Pára! Pára com isso!

(VADO PEGA O ESPELHO E FAZ NEUSA SUELI OLHAR-SE NELE.)

VADO – Vê, puta, quanta ruga!

DPF DCDP FLS Nº 21 RUBRICA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P584

NEUSA SUELI – Chega! Chega! Chega! Não aguento mais. Chega!

VADO – Chega mesmo! Chega mesmo! Mesmo! Sou um cara boa pinta, não vou perder minha mocidade ao lado de um bagaço. Cadê a grana, sua vaca? Onde está a grana de hoje?

NEUSA SUELI – Vou te dar a grana. (PEGA O DINHEIRO NA BOLSA.) Está aí todo o dinheiro que tenho. Pronto. É seu. Está contente?

VADO – Tá legal. Assim é que é. Agora, tchau mesmo!

NEUSA SUELI – Não, você não vai saindo assim, não. Não leva minha grana? Não é meu cafetão?

VADO – Vê se me esquece velhota!

NEUSA SUELI – Você não vai se arrancar!

VADO – E por que não?

NEUSA SUELI – Nós vamos trepar.

VADO – Tá caducando?

NEUSA SUELI – E vai ter que ser gostoso.

VADO – Por dinheiro nenhum.

NEUSA SUELI – Vai, sim, Vadinho, meu cafetão.

VADO – Sai dessa, velha!

NEUSA SUELI – Velha, feia, gasta, bagaço, lixo dos lixos, galinha, coroa, sou tudo isso. Mas você vai trepar comigo.

VADO – Essa, não!

(NEUSA SUELI FECHA A PORTA DO QUARTO E GUARDA A CHAVE NO SEIO.)

NEUSA SUELI – Viu? Já se tocou?

VADO – Abre essa porta. Abre essa porta. Anda! É surda, desgraçada? Não escuta a gente mandar? Abre essa porta! É melhor pra você.

NEUSA SUELI – É meu cafifa. Leva minha grana. Tem que me fazer gozar. Custe o que custar.

VADO – Você está me baratinando.

NEUSA SUELI – Pra você ver.

VADO – Abre essa porta! Abre!

NEUSA SUELI – Não adianta espernear.

VADO – Você quer apanhar?

NEUSA SUELI – Quero, sim. Me bate. Bate legal.

VADO – Não vou me afobar. Vou tirar de letra. Puxo uma palha e te deixo aí na tara.

NEUSA SUELI – Experimenta.

VADO (DEITANDO-SE NA CAMA) – Boa noite, velha!

NEUSA SUELI (PEGA A NAVALHA) – Vado, se você dormir, eu te capo, seu miserável!

VADO – Que é isso? Tá louca?

NEUSA SUELI – Estou. Estou louca de vontade de você. Se você não for comigo agora, não vai nunca mais com ninguém.

VADO – Mas que é isso, mulher?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071, P.585

NEUSA SUELI – Pode escolher, seu filho-da-putal

VADO – Sai dessa dança, Sueli. Poxa, que negócio mais zoeira. Você embarca em todas. Poxa, por isso que eu às vezes me invoco com você. Qualquer sàrrinho e você perde a esportiva. Que ondal Não sabe brincar? Estava tirando um barato de leve, você já apela, já faz drama. Não pode ser assim, não.

NEUSA SUELI –Você não precisa gastar saliva comigo. É só trepar e pronto. Sou velha, mas quero te ter. Entendeu?

VADO – E precisa de ferro pra que? Vai me obrigar?

NEUSA SUELI – Voul

VADO – Você é uma trouxa mesmo. Entra sempre em canoa furada. Me divirto sempre às suas custas. Quer dizer que grudou essa onda de velha? Porra, está na zona há um cacetão de tempo e não aprendeu nada? Que paspalha! Quer dizer que você me acha o rei dos otários? Devia te bolachar por essa. Mas deixa pra lá. Você já está queimada. Deixo barato. Não vou criar caso. Mas vê se te manca. Poxa, você acha que se eu te achasse coroa jogada-fora ía estar aqui esticando papo? Me mandava sem dizer nada. Dava um pinote sem tu nunca saber por que. Assim que é.

NEUSA SUELI – Então . . . então . . . por que toda essa bobageira?

VADO – Sou Vadinho, cafifa escolado. Judio de mulher pra elas gamarem.

NEUSA SUELI – Não precisa nada disso.

VADO – Minha embaixadal Sabe como é. Escuta esse papo que é de verdade. Eu estava borocoxô. Não queria fazer a obrigação. Inventei a onda. Grudou. Azar teu.

NEUSA SUELI – Mas faz um tempão que você não me procura.

VADO – Não faz tanto tempo assim. O que é bom deixa saudade. Isso que é.

NEUSA SUELI – É . . . é . . .

VADO – Agora, tem um porém! Se eu não estivesse a fim, não ía ter navalha que me obrigasse. Pode botar fé no que te digo. Eu sou um cara que só embarco por gosto.

NEUSA SUELI – Você sabe conversar.

VADO – Que nadal Sou é da firmeza. Meu defeito é brincar muito.

NEUSA SUELI – Eu estou na merda . . . Eu estou na merda . . .

VADO – Que papo careca é esse?

NEUSA SUELI – Você me arreou.

VADO – Não complica. Larga o ferro e está tudo legal.

DPF DCDP FLS. 123 RUBRICA

(NEUSA SUELI DEIXA CAIR NO CHÃO A NAVALHA QUE SEGURAVA.)

VADO – Assim. Bonitinha. É gamada por mim, pra que fazer guerra?

(VADO APROXIMA-SE DE NEUSA SUELI, QUE ESTÁ SENTADA NA CAMA. VADO COMEÇA A ACARICIÁ-LA, ENQUANTO, DISFARÇADAMENTE, RETIRA A CHAVE DA PORTA QUE ESTAVA NO SEIO DE NEUSA SUELI. EM PODER DA CHAVE, ELE SE ENCAMINHA PRA PORTA, ABRE-A E SAI. NEUSA SUELI, QUANDO PERCEBE QUE VADO SAIU, CORRE ATÉ A PORTA E GRITA:)

NEUSA SUELI – Vadol . . . Vadol . . . Você vai voltar? . . . Você vai voltar? . . .

(NEUSA SUELI FICA POR ALGUM TEMPO PARADA NA PORTA, DEPOIS VOLTA, PEGA UM SANDUÍCHE DE MORTADELA, SENTA-SE NA CAMA, FICA OLHANDO O VAZIO POR ALGUM TEMPO. DEPOIS, PROSAICAMENTE, COMEÇA A COMER O SANDUÍCHE.)

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.586

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071,P.587

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
FLS N.º 24
30
RUBRICA

NAVALHA NA CARNE
18 anos

Cenas de violência

X

LEITURA DE TEXTO
De acordo. Proceder Ensaio Geral
Em 04/07/88
Chefe
SCDP/SR/DPF/SP

Autor: Plínio Marcos
Grupo: Petrus Filmes Prod. Ltda.

Conteúdo

Texto em ato único abordando a vida de uma prostituta e um gigolô. Os conflitos entre ambos, a exploração à qual a moça se submete para atrair o amor do seu "protetor" e seu desespero ao ver-se roubada por um homossexual são descritos com intensidade dramática e realismo. Quando percebe que será abandonada, a prostituta ameaça o gigolô com uma navalha, impondo-lhe uma relação sexual que ele não quer. Ele a ilude, desarma-a e abandona-a.

Parecer

Em linguagem bastante livre o texto enfoca personagens do submundo vivendo situações de angústia e violência. Há algumas referências a tóxicos sem que haja uma apologia dos mesmos. Por tratar-se de texto já divulgadíssimo e liberado anteriormente sem supressões, opinamos pela sua liberação na íntegra para - maiores de dezoito anos.

São Paulo, 04 de julho de 1988.

Dalva R. Marinho
Matr. 2.417.032

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 007,P.588

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

NAVALHA NA CARNE
LIBERADO PARA MAIORES DE 18 ANOS
TEMÁTICA SOCIAL

DPF
DCDP
FLS
RUBRICA

X EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSORES

Em 07/07/88

DPF / SR / SP

Chefe da SCDP

Título- Navalha na carne
Autoria - Plínio Marcos
Grupo Profissional- Petrus Filmes Prod.Ltda.
Teatro Sérgio Cardoso

Conteúdo - Texto várias vezes encenado, constituindo-se num clássico da dramaturgia nacional. Tendo como temática a prostituição, mostra a vinculação da meretriz velha a seu rufião. Nesse contexto, há consumo de maconha, sem que se faça apologia do mesmo.

Encenação - O texto original foi obedecido. A iluminação e sono - plastia foram normais e não tiveram efeitos especiais. As vestimentas e maquillage foram adequadas às personagens. O cenário compôs um dormitório de péssima categoria .

Parecer- Opino pela liberação para maiores de 18 anos, por se tratar de uma peça densa, com temática forte e desenvolvida através de uma linguagem recheada de termos de baixo calão.

São Paulo, 7 de julho de 1 988

Maria Inês Rolim Cauchioli
CF 2 415 811

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.589

DPF DCDP FLS. 26 RUBRICA

M J - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº

TÍTULO DA PEÇA ..." NAVALHA NA CARNE "...

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA ..18 Anos...

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE ..(Tema Adulto)...

Leitura de Texto ☐ Ensaio Geral ☒

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DO SCDP

Em 07/07/88

DPF / SR / SP

Chefe do SCDP

Autor: Plínio Marcos

Grupo: Petrus Filmes Prod. Ltda

Profissional

Local: Teatro Sérgio Cardoso

CONTEÚDO: Temática social enfocando a vida de uma prostituta, um cafetão e um homossexual . Na realidade, ao abordar aspectos comportamentais dos personagens, procura-se mostrar, basicamente, o processo de exploração de uma prostituta. Há um mescla de violência e angústia nas cenas, bem como referências à tóxicos que, entretanto, não ferem os dispositivos censórios.

Encenação: O espetáculo tem cenário simples, retratando o interior de um quarto. O figurino é comum, adquado ao gênero e personagens. Há utilização de recursos luminosos e sonoros. Os atores dialogam e movimentam-se com naturalidade no palco.

PARECER CENSÓRIO

Pelo exposto, pela estrutura da narrativa e dramaticidade da encenação, opino pela liberação do espetáculo em apreço p/ maiores de 18 anos.

São Paulo, 07/07/88

Sheila Maria Féros

Sheila Maria Féros
CF - 2.417.106

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0071,P.590

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP FLS 22 RUBRICA

CERTIFICADO Nº: 503/88-SP

ESPETÁCULO PARA: TEATRO

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

TÍTULO EM PORTUGUÊS: "NAVALHA NA CARNE"

original de: PLÍNIO MARCOS

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR: PETRUS FILMES E PRODUÇÕES LTDA.

CLASSIFICAÇÃO: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS

Válido até: 19 DE NOVEMBRO DE 1990

Emitido em: 11 DE JULHO DE 1988

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: VIOLÊNCIA E PROSTITUIÇÃO

DRAUZIO SEIMANN DORNELLAS COELHO
CHEFE DO SCDP/SR/DPF/SP

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:

ENSAIO GERAL
Em 07/07/88
Chefe do SCDP/SR/DPF SP

OBSERVAÇÕES:

Este certificado somente tem validade quando acompanhado do texto carimbado pelo SCDP/SR/DPF/SP. Valido em todo territorio nacional.

S.Paulo, 11/07/88

MAURO AMENT
CHEFE SCC/SCDP/SR/DPF/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0071, P.591/591

TEATRO

TÍTULO * NAVALHA NA CARNE *

AUTOR DAPEÇA: * PLINIO MARCOS *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 18 ANOS *

Praça * D C D P *

Obs.:

DF. 31 / 08 / de / 1988

Resp. pela elaboração do Processo

Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Em Ordem.

2. ARQUIVE-SE!

BSB, 09/09/88

Luiz Pedro de Sousa
CF - Mat. 2.407.803
Chefe da SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

DPF-538